

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Iamara Silva Andrade

ECOS DA REVOLUÇÃO RUSSA NA IMPRENSA OPERÁRIA BRASILEIRA (1917)

Porto Alegre
2021

Iamara Silva Andrade

ECOS DA REVOLUÇÃO RUSSA NA IMPRENSA OPERÁRIA BRASILEIRA (1917)

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em História. Linha de pesquisa: Relações de poder político-institucionais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Carla Brandalise

Porto Alegre
2021

CIP - Catalogação na Publicação

Andrade, Iamara
Ecos da Revolução Russa na Imprensa Operária
Brasileira (1917) / Iamara Andrade. -- 2021.
347 f.
Orientadora: Carla Brandalise.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto
Alegre, BR-RS, 2021.

1. Imprensa Operária. 2. Revolução Russa. 3.
História do Jornalismo. I. Brandalise, Carla, orient.
II. Título.

IAMARA SILVA ANDRADE

ECOS DA REVOLUÇÃO RUSSA NA IMPRENSA OPERÁRIA BRASILEIRA (1917)

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História. Linha de pesquisa: Relações de poder político-institucionais.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Carla Brandalise

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Carla Brandalise (orientadora) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr Alex Niche Teixeira – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Luiz Dario – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof^ª. Dra. Maitê Peixoto – Université Sorbonne Nouvelle - Paris

Prof. Dr Charles Sidarta Machado Domingos – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia SUL-Rio-Grandense (IFSUL)

AGRADECIMENTOS

Quando se enfrenta montanhas de desafios na jornada da vida em torno da condição feminina e materna, a realização do Doutorado parece ser um dos maiores deles. É preciso refletirmos no âmbito das Universidades Públicas possibilidades de estímulo e apoio às mulheres que são mães e muitas vezes sem rede de apoio social e emocional para enfrentar os papéis impostos por uma sociedade machista e patriarcal e ao mesmo tempo assumir as necessidades da sua formação acadêmica.

Por isso, nos tempos pandêmicos atuais de 2021, para conseguir chegar com saúde até a conquista final dessa etapa, a lista de agradecimentos precisa ser variada e longa.

Inicialmente, quero agradecer profundamente a Professora Carla Brandalise que corajosamente aceitou orientar uma baiana desconhecida e quem muita representa pra mim por toda humanidade, exemplo de profissional que enfrentou e venceu os obstáculos na nossa condição de mulher e mãe.

Eu gostaria de agradecer também ao Prof. Enrique Padrós que esteve conosco na Banca de Qualificação e com toda sua generosidade sempre me proporcionou toda atenção, apoio e estímulo durante minha jornada gaúcha.

Sou muito agradecida ao Prof. Alex Teixeira por ter me aceitado como “quase” aluna e pedir desculpas pelas inúmeras vezes que o perseguia pelas salas da UFRGS e seguia consultando sua experiência de pesquisa mesmo quando estava quase do outro lado do mundo.

Também quero agradecer ao Prof. Dario por ter nos concedido tempos precisos da sua nova fase de uma vida dedicada à UFRGS.

Ao Prof. Charles Sidarta, muito obrigada por aceitar com toda disponibilidade o convite para participar da Banca e pelas oportunidades de diálogos nos eventos do GT de História Política da Anpuh-RS.

À Prof^a. Maitê, muito obrigada pela alegria com o aceite do convite da Banca por tudo que contribuíram seus trabalhos de Mestrado e Doutorado para a pesquisa dessa Tese.

Ao Prof. Mauricio Brito, amigo de longos tempos, agradeço muito, toda generosidade, positividade e presença desde a primeira versão do projeto de pesquisa para seleção do Doutorado até às quatro horas que dedicou em compartilhar conosco a Banca de Defesa.

Desde os estudos iniciais do Doutorado, agradeço muito ao Prof. Kevin Murphy com quem muito aprendo não apenas sobre o “fazer” político dos operários russos em seus processos revolucionários. Mas também como generosidade e solidariedade acadêmica tornam pesquisadores excepcionais em exemplos raros na vida dos seus alunos.

Realizei cinco meses de estágio doutoral na Universidade Estatal de São Petersburgo e desse período de inverno russo sou grata ao Prof. Victor Jeifets pelo aceite na co-orientação com todos seus esforços de soluções ao processo burocrático exigidos pelo Doutorado Sanduíche. Além das indicações dos novos trabalhos sobre a Revolução Russa e por ter me inserido no mundo das Bibliotecas de São Petersburgo. Dessa temporada em “Peter” sou muito agradecida pela atenção e prestatividade das funcionárias do Liden & Denz Intercultural Institute of Languages por onde aprendi mais um pouco da língua e história cultural russa. E sou devedora da enorme gentileza de todas as bibliotecárias do setor de revistas da Biblioteca Estatal em seu prédio frequentado por Lênin na Nevsky, sem elas não estaria hoje com uma diversificada coleção de revistas russas femininas da década de 20.

O Doutorado me proporcionou grandes amigos, amizades especiais que me sustentaram nas lutas diárias desses tempos repletos de batalhas constantes e fizeram essa experiência valer a pena. Meus vizinhos de Housing, Maria e Lucas, vocês são anjos que me foram presenteados, não tenho palavras à altura de agradecer tudo que vocês significam na minha vida. Minha vizinha cearense do Partenon, Ana Paula, muito obrigada amiga pelas nossas andanças diárias de estudos na Biblioteca da PUC, pelos nossos almoços de domingo e por todo companheirismo nessa temporada gaúcha. Meus amigos da turma de 2016: Débora, Douglas, Franklin, Marcos, Marluce, Michelle, Thaís, Guilherme. Cada um desses amig@s especiais que a UFRGS me apresentou foram companhia, apoio, estímulo, ensinamento, afeto e boas risadas. E que possamos seguir sempre juntos mesmo que estejamos fisicamente ocupando territórios tão distantes de norte a sul desse Brasil.

A UFRGS sempre muito generosamente me possibilitou conhecer colegas que contribuíram muito para a construção dessa Tese. Frederico Bartz foi quem gentilmente apresentou algumas das fontes utilizadas com dicas importantes de estudo e onde adquirir livros, por onde cheguei a Ladeira Livros e agradeço ao Mauro por sua atenção de sempre. Fui convidada por Bartz para participar das atividades do GT de História e Marxismo da Anpuh-RS, agradeço aos colegas Gustavo, Guilherme, Carlos, Fernanda, Felipe, pelas reuniões e eventos. E agradeço especialmente a Prof^ª. Sirlei Gerdoz pela amizade, confiança e presença fundamental em dias tão desafiadores da neve russa.

O Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS foi pra mim um marco de acolhimento, eficiência e apoio. Muito Obrigada aos Coordenadores e toda equipe administrativa que desde o primeiro telefonema foi sempre atenciosa. O Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS foi constantemente disponível com minhas necessidades de consulta dos jornais.

Toda essa jornada foi possível pelos meus pais, Nara e Eliziário, pela vida que me deram e o exemplo de busca do conhecimento na formação acadêmica. E sou muito grata também por terem me proporcionado a convivência com meus avós, Hilda e Cecílio, e padrinhos, Célia e Abdon, que não mediram esforços para proporcionar todo afeto e proteção que me fizeram chegar até aqui.

Alan, meu companheiro, todo seu estímulo, encorajamento, carinho e parceria foram e são sustentação de cada batalha vencida e por vencer nesse “círculo de fogo”. Muito Obrigada por tudo e por todas as nossas alegrias! Vamos colher e brindar às nossas melhores uvas!

À Alvaro Washington, agradeço muito, sempre, por todo Axé, afeto, proteção e apoio em todas as minhas lutas e alegrias nas vitórias. Flávio, meu compadre, sua solidariedade, amizade e atenção estarão sempre comigo.

E a vitória dessa jornada é dedicada ao meu filho, Danton, a sua alegria, ao seu dom artístico, coragem, crescimento e prosperidade que são as razões pelas quais eu luto diariamente.

Por fim, agradeço à CAPES pelo período de bolsa regular e bolsa sanduíche que tornaram possível a minha dedicação exclusiva ao Doutorado. Desejando que mais mulheres e mães possam usufruir de bolsas e melhores condições para suas formações profissionais. E que a esperança por tempos melhores possa resgatar nossa humanidade civilizatória.

Oní Sàà wúre (Senhor do Tempo - Existência)

Sàà wúr àşę (Rogamos bênçãos e axé)

Oní Sàà wúre o bèè rí o mó (Senhor do Tempo assim novamente)

Oní Sàà wúre (Senhor do Tempo)

Sàà wúr àşę Bàbá (Rogamos bênçãos ao Pai)

Oní Sàà wúre o bèè rí o mó (Senhor do Tempo assim novamente).

Oríkì Oní Sàà wúre (Saudação ao Senhor do Tempo - Existência)

Quero, um dia, poder dizer às pessoas que nada foi em vão...

Que o amor existe, que vale a pena se doar às amigadas e às pessoas, que a vida é bela sim, e

que eu sempre dei o melhor de mim...

E que valeu a pena!

Mario Quintana

RESUMO

A Tese ora apresentada é intitulada “Ecos da Revolução Russa na imprensa operária brasileira (1917)”. A pesquisa realizada nos jornais operários *A Semana Social* (AL), *A Plebe* (SP), *O Debate* (RJ) e *O Cosmopolita* (RJ) analisa os conteúdos das notícias da Revolução Russa que foram publicadas entre março e novembro de 1917. Os jornais são fonte e objeto da investigação cujo objetivo é identificar os principais temas abordados nesses periódicos sobre a Revolução Russa a partir dos princípios da pesquisa qualitativa através da análise temática. Para tanto, são utilizados no tratamento dos textos jornalísticos os recursos proporcionados pelo Software NVivo®. A Tese demonstra como a Revolução Russa foi apresentada pelos jornais aos operários brasileiros durante um período marcado pelas mobilizações operárias onde se destacou a greve geral de 1917 em São Paulo. Para qualificar os estudos há um permanente diálogo com as pesquisas historiográficas mais recentes sobre o contexto do processo revolucionário russo. Dessa forma, a pesquisa dessa Tese contribui para a compreensão dos sentidos históricos elaborados a partir do conteúdo jornalístico das notícias sobre a Revolução Russa na imprensa operária brasileira em 1917.

Palavras-Chave: Revolução Russa, Imprensa Operária e Notícias.

ABSTRACT

The thesis presented here is entitled “Echoes of the Russian Revolution in the Brazilian working press (1917)”. The research carried out in the workers' newspapers *A Semana Social* (AL), *A Plebe* (SP), *O Debate* (RJ) and *O Cosmopolita* (RJ) analyzes the contents of the news of the Russian Revolution that were published between march and november 1917. Newspapers are the source and object of investigation whose objective is to identify the main themes addressed in these periodicals about the Russian Revolution from the principles of qualitative research through thematic analysis. Therefore, the resources provided by the NVivo® Software are used in the treatment of journalistic texts. The Thesis demonstrates how the Russian Revolution was presented by newspapers to Brazilian workers during a period marked by workers' mobilizations where the São Paulo general strike of 1917 in São Paulo. To qualify the studies, there is a permanent dialogue with the most recent historiographic research on the context of the Russian revolutionary process. In this way, the research of this Thesis contributes to the understanding of the historical meanings elaborated from the journalistic content of the news about the Russian Revolution in the Brazilian working press in 1917.

Keywords: Russian Revolution, Workers' Press and News.

Lista de Figuras

Figura 1 - Visualização de detalhes dos arquivos do projeto na área de trabalho do NVIVO 12.....	31
Figura 2 - Visualização da codificação de arquivo do projeto na área de trabalho do NVIVO 12.....	32
Figura 3 - Visualização da codificação de arquivo do projeto na área de trabalho do NVIVO 12.....	33
Figura 4 - Classificação dos arquivos do projeto no NVIVO 12.....	34
Figura 5 - Mapa das rotas das Agências de Notícias entre o final do século XIX e início do século XX.....	49
Figura 6 - Localização atual da Rua Epaminondas (antiga Rua do Araçá), nº82.....	73
Figura 7 - Fachada atual da antiga sede do Jornal <i>A Semana Social</i> em Macéio (AL).....	73
Figura 8 - Tabela de Gastos Mensais - consumo real e mínimo de uma família operária pequena (homem, mulher e duas crianças)	74
Figura 9 - Jornal <i>A Semana Social</i> , Maceió, Ano I, Nº 1, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.....	79
Figura 10 - Nuvem de Palavras I.....	97
Figura 11 - Jornal <i>A Semana Social</i> , Maceió, Ano I, Nº 1, 30 de março de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.....	99
Figura 12 - Nuvem de Palavras II.....	100
Figura 13 - Planta da Rua Capitão Salomão (antiga Rua Esperança) no início dos anos 10 ...	110
Figura 14 - Localização da antiga Rua Capitão Salomão em 1910.....	111

Figura 15 - Rua Capitão Salomão (antiga Rua da Esperança) esquina com Wenceslau Brás (antiga Travessa da Sé), por volta de 1910.....	112
Figura 16 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Fase I, Ano I, Nº 2, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP	113
Figura 17 - Nuvem de Palavras III.....	118
Figura 18 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Fase I, Ano I, Nº 4, 30 de junho de 1917, p.1. CEDEM-UNESP.....	123
Figura 19 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Fase I, Ano I, Nº 4, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.....	125
Figura 20 - Nuvem de Palavras IV.....	129
Figura 21 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Fase I, Ano I, Nº 11, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.....	141
Figura 22 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Fase I, Ano I, Nº 6, 21 de julho de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.....	148
Figura 23 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Ano I, Nº 6, 21 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.....	149
Figura 24 – Localização atual da Rua da Alfândega, nº42.....	167
Figura 25 – Fachada atual na Rua da Alfandega entre nº41 à esquerda e 43 à direita.....	167
Figura 26 – Jornal <i>O Debate</i> , Rio de Janeiro, Ano I, Nº 1, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM - UNESP.....	168
Figura 27 – Nuvem de Palavras V.....	172
Figura 28 – Jornal <i>A Semana Social</i> , Ano I, Nº 12, 14 de julho de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.....	175
Figura 29 - Nuvem de Palavras VI.....	178
Figura 30 - Localização atual da Rua do Senado, nº 215, Centro, Rio de Janeiro.....	180
Figura 31 - Fachada atual da antiga sede do Jornal <i>O Cosmopolita</i> no Rio de Janeiro.....	181
Figura 32 - Jornal <i>O Cosmopolita</i> , Rio de Janeiro, Ano II, Nº 14, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.....	182
Figura 33 - Nuvem de Palavras VII.....	187
Figura 34 - Jornal <i>A Semana Social</i> , Maceió, Ano I, Nº13, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.....	190
Figura 35 - Nuvem de Palavras VIII	203

Figura 36 – Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Ano I, Nº 7, 28 de julho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.....	206
Figura 37 - Nuvem de Palavras IX.....	216
Figura 38 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Ano I, Nº 9, 11 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.....	241
Figura 39 - Nuvem de Palavras X.....	244
Figura 40 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Ano I, Nº 10, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.....	249
Figura 41 - Nuvem de Palavras XI.....	253
Figura 42 - Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Ano I, Nº 11, 25 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.....	256
Figura 43 - Nuvem de Palavras XII.....	259
Figura 44 – Jornal <i>A Plebe</i> , São Paulo, Ano I, Nº 11, 25 de agosto de 197, p.4. CEDEM – UNESP.....	261
Figura 45 - Nuvem de Palavras XIII.....	264
Figura 46 - Jornal <i>O Debate</i> , Rio de Janeiro, Ano I, Nº 12, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.....	275
Figura 47 - Nuvem de Palavras XIV.....	280
Figura 48 - Jornal <i>O Debate</i> , Rio de Janeiro, Ano I, Nº 15, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.....	286
Figura 49 - Nuvem de Palavras XV.....	291
Figura 50 - Jornal <i>O Cosmopolita</i> , Rio de Janeiro, Ano II, Nº 21, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.....	294
Figura 51 - Nuvem de Palavras XVI.....	297

Lista de Gráficos

Gráfico I.....	87
Gráfico II.....	92
Gráfico III.....	116
Gráfico IV.....	119
Gráfico V.....	128
Gráfico VI.....	154
Gráfico VII.....	171
Gráfico VIII.....	171
Gráfico IX.....	173
Gráfico X.....	177
Gráfico XI.....	179
Gráfico XII.....	184
Gráfico XIII.....	188
Gráfico XIV.....	198
Gráfico XV.....	204
Gráfico XVI.....	215
Gráfico XVII.....	217
Gráfico XVIII.....	223
Gráfico XIX.....	243

Gráfico XX.....	246
Gráfico XXI.....	252
Gráfico XXII.....	255
Gráfico XXIII.....	258
Gráfico XXIV.....	260
Gráfico XXV.....	263
Gráfico XXVI.....	265
Gráfico XXVII.....	266
Gráfico XXVIII.....	279
Gráfico XXIX.....	281
Gráfico XXX.....	289
Gráfico XXXI.....	292
Gráfico XXXII.....	296
Gráfico XXXIII.....	298
Gráfico XXXIV.....	308
Gráfico XXXV.....	316

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	17
2. A escrita da Revolução Russa no jornalismo operário brasileiro (1917).....	36
2.1 O fazer jornalístico na construção dos sentidos da história.....	36
2.2 A internacionalização das notícias e a modernização dos jornais no Brasil na entrada do século XX.....	45
3. O contexto do movimento operário brasileiro no cenário de 1917: orientações políticas e novos elementos nas lutas sociais.....	60
3.1 A Revolução de Fevereiro, o período da “lua de mel” com o Governo Provisório, a crise de abril e as manifestações de junho na imprensa operária.....	71
3.1.1 As notícias da Revolução Russa entre março e junho de 1917 nos jornais <i>A Semana Social</i> (Maceió) e <i>A Plebe</i> (São Paulo)	71
3.1.2 O jornal <i>A Semana Social</i> (Maceió) em março de 1917.....	72
3.1.3 O jornal <i>A Plebe</i> (São Paulo) em junho de 1917.....	107
4. Os jornais em contexto: um panorama da imprensa operária e seus caracteres em 1917.....	159
4.1 As páginas dos jornais operários brasileiros durante a semi-insurreição de julho no processo revolucionário russo.....	165
4.1.1 As notícias da Revolução Russa em julho de 1917 nos jornais <i>O Debate</i> (Rio de Janeiro), <i>A Semana Social</i> (Maceió), <i>A Plebe</i> (São Paulo) e <i>O Cosmopolita</i> (Rio de Janeiro)	165

5. A tentativa de golpe de Kornilov e a Revolução de Outubro nas páginas da imprensa operária brasileira.....	234
5.1 As notícias da Revolução Russa em agosto de 1917 no jornal <i>A Plebe</i> (São Paulo)	234
5.2 As notícias da Revolução Russa em setembro de 1917 no jornal <i>O Debate</i> (Rio de Janeiro)	274
5.3 As notícias da Revolução Russa entre outubro e novembro de 1917 nos jornais <i>O Debate</i> (Rio de Janeiro) e <i>O Cosmopolita</i> (Rio de Janeiro)	285
CONSIDERAÇÕES FINAIS	312
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	322
LISTA DE FONTES.....	341
APÊNDICE	
-	
Codificação	
Temática	
.....	342

1. INTRODUÇÃO

Foi no início do “breve século XX”, era de colapso e catástrofe de guerras imperialistas, que o mundo acompanhou um processo que redesenhou não apenas o cenário do terceiro maior império da História, isto é, do *Rossíyskaya Impériya* (Império Russo), mas principalmente o horizonte social da humanidade.¹

Passam-se atualmente mais de cem anos desde que a Rússia foi palco da Revolução que representou uma mudança decisiva na História Contemporânea, remodelando a tessitura política das sociedades e redefinindo seus conflitos. Os ecos da Rússia de 1917 chegaram gradualmente em todos os continentes, através de escritos jornalísticos ou de relatos de participantes e observadores que vivenciaram os acontecimentos. Isso é demonstrado pelo seguinte trecho sobre os primeiros dias da Revolução, no clássico *Os dez dias que abalaram o mundo*:

A cidade estava tranquila. Nenhum assalto, nenhum roubo, nem sequer uma briga entre bêbados. À noite, patrulhas armadas percorriam as ruas silenciosas. Nas praças, os soldados e os guardas vermelhos, ao redor das fogueiras, riam e cantavam. Durante o dia, grandes multidões aglomeravam-se nas calçadas para ouvir as intermináveis discussões entre estudantes, soldados, negociantes, operários (REED, 1978, p.98).

E depois de um século, como compreender as formas que as notícias eram apresentadas nos jornais operários brasileiros? Quais temas foram mais abordados? Como eles eram apresentados? Busco estas respostas a partir da presente pesquisa. Analiso as notícias da Revolução Russa na imprensa operária brasileira enquanto espaços de interlocução deste horizonte que se abria diante do mundo, da expressão escrita das inquietações, debates e elaborações construídos a partir desse acontecimento.

Os países latino-americanos, apesar de distantes do palco principal da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), foram atingidos de diversos modos pelo conflito. Nesses países, exportadores de produtos agrícolas, a guerra elevou os preços dos alimentos, o que afetava gravemente os trabalhadores, cujos salários não eram aumentados proporcionalmente.

¹ Hobsbawm formulou a ideia de brevidade do século XX associada a intensidade política, econômica, militar e cultural dos acontecimentos e suas consequências que marcaram um “período histórico coerente” entre a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914), assinalando o colapso da civilização ocidental do século XIX, e o fim da URSS (1991). O referido autor caracterizou a estrutura do “Breve Século XX” como um “sanduíche histórico” no qual houve uma “Era de Catástrofe” de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, durante cerca de 25 ou 30 anos desenvolveu-se um “extraordinário crescimento econômico e transformação social” que mudaram de maneira mais profunda do que qualquer outro período de brevidade comparável e por isso denominado de “Era de Ouro”. No início da década de 70, a última parte do século foi uma “nova era de decomposição, incerteza e crise” (HOBSBAWM, 1994, p.15-16).

Em abril de 1917, os Estados Unidos, que junto com a Argentina era dos principais fornecedores de grãos para o Brasil, também entrou no conflito (BIONDI; TOLEDO, 2017, p.45).

Nesse contexto de beligerância mundial houve no Brasil uma intensificação da produção industrial para substituir os produtos que não estavam sendo fornecidos pela importação. Dessa forma, os empresários ampliaram as jornadas de trabalho dos operários sem aumentar os salários enquanto o custo de vida crescia significativamente e agravava a miséria social. Assim, se acirrava a luta dos operários por melhores condições de trabalho em 1917, quando também receberam as novidades de uma Revolução Social vinda da Rússia, chamando a atenção para suas notícias nas páginas operárias.

O estudo dos olhares diversos da imprensa sobre a Revolução Russa tem o desafio de iluminar a construção de chaves de leituras elaboradas pelos periódicos operários brasileiros em 1917 quando apresentavam informações, emitiam suas mensagens e escolhiam seus procedimentos para realizarem a cobertura jornalística dessa experiência que impulsionou mudanças políticas e fundamentou reações conservadoras.

No estudo dos relatos jornalísticos operários da Revolução Russa, proponho o seguinte caminho metodológico: i) identificar e categorizar os temas mais recorrentes nas notícias; ii) interpretar o conteúdo temático das notícias em diálogo com os estudos da historiografia da Revolução Russa.

A delimitação temporal da pesquisa entre março e novembro de 1917 foi baseada na demarcação entre os primeiros meses da Revolução de Fevereiro, a formação dos soviets, os conflitos e disputas políticas que se seguiram até a Revolução de Outubro. Essa seria uma primeira fase de difusão das notícias dos acontecimentos russos, de grande expectativa sobre seus rumos políticos e os impactos sobre a Primeira Guerra Mundial.

A pesquisa das notícias russas nos jornais operários brasileiros em 1917 objetiva também observar a fase inicial da Rússia revolucionária numa conjuntura brasileira de intensa agitação social e grandes ações grevistas.

A observação do percurso da Revolução Russa na imprensa operária brasileira é realizada numa perspectiva inter-regional com a pesquisa dos periódicos das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Maceió. As fontes selecionadas representam a diversidade das culturas jornalísticas regionais, assim, podem proporcionar um rico acervo documental para novas possibilidades de investigação na historiografia da imprensa.

A escolha dos jornais *A Semana Social* (AL), *A Plebe* (SP), *O Cosmopolita* (RJ) e *O Debate* (RJ) está relacionada ao fato de que foram os únicos jornais operários publicados em português com notícias da Revolução Russa no ano de 1917 que estão disponíveis para pesquisa no formato digitalizado nos acervos pesquisados (UNESP-CEDEM e AEL-UNICAMP).²

A relativa perenidade nas respectivas coberturas jornalísticas das notícias russas se destaca em 1917, pois foi um ano no qual poucas publicações operárias conseguiram regularidade nas suas edições diante das ações repressivas com prisões e destruição das gráficas desses periódicos. Ademais, os impressos selecionados para pesquisa foram de grande contribuição nos avanços dos espaços de produções jornalísticas operárias.

Inicialmente serão apresentados os princípios metodológicos e teóricos norteadores da pesquisa sobre as notícias da Revolução Russa na imprensa operária brasileira entre março e novembro de 1917 com vistas a compreender como os jornais alinhavaram formas e sentidos dessa experiência histórica.

Na análise de Tânia Luca (2006) a proposta da terceira geração dos *Annales* de “novos objetos, problemas e abordagens” com aportes interdisciplinares e contribuições de outras Ciências Humanas (Sociologia, Psicanálise, Antropologia, Linguística e Semiótica), promoveram uma renovação temática que modificou a concepção e a crítica do uso de documentos, dando abertura para novas fontes, a exemplo da imprensa.

Nesse panorama de renovação da historiografia se destacou a obra organizada por René Rémond (1996) que demonstra a ruptura com a história factual, linear e episódica caracterizada pelo discurso oficial e pela biografia dos destacados personagens políticos ao apresentar as mudanças teórico-metodológicas ocorridas nas últimas décadas com novas investigações de dimensões específicas da realidade.

Abraçando os grandes números, trabalhando na duração, apoderando-se dos fenômenos mais globais, procurando nas profundezas da memória coletiva, ou do inconsciente, as raízes das convicções e as

² Vale ressaltar que o formato digitalizado é oferecido em sua maioria nas Hemerotecas Digitais dos Arquivos de órgãos públicos em JPG e PDF, mas em padrão de fotografia, ou seja, como não é reconhecido como texto, para qualquer recurso metodológico utilizado no tratamento das fontes é preciso transcrição. Assim, apesar do esforço em buscar um Software de OCR (tecnologia para reconhecimento de caracteres a partir de um arquivo de imagem), inclusive em contato com pesquisadores norte-americanos, não foi possível devido a idade dos jornais que exige encontrar uma ferramenta de OCR adequada para imagens do início do século XX. Dessa forma, todas as notícias foram transcritas em Word.

origens dos comportamentos, a história política descreveu uma revolução completa (REMOND, 1996, p.36).

As inovações historiográficas das últimas décadas do século XX transformaram os meios de comunicação em um dos mais importantes objetos de análise e assim o jornalismo se constituiu em fonte de documentação sobre os fatos e a opinião pública, os grupos sociais, e a própria imprensa.

Robert Darnton e Daniel Roche (1996), por sua vez, propõem uma interpretação da imprensa como força ativa da vida moderna, considerando-a mais do que simples registro e sim agente histórico da modelagem de visões de mundo e consciências históricas, ao mesmo tempo em que se modificam com as transformações na sociedade.

Os historiadores tratam em geral a palavra imprensa como um registro do que aconteceu e não como um ingrediente do acontecimento. Mas a prensa tipográfica ajudou a dar forma aos eventos que registrava. Foi uma força ativa na história, especialmente durante a década de 1789-1799 quando a luta pelo poder foi uma luta pelo domínio da opinião pública (DARNTON; ROCHE, 1996, p.15).

Quando do bicentenário da tomada da Bastilha, Darnton (1990, p.12) refletindo sobre o que havia de revolucionário na Revolução Francesa afirmou que é fácil aceitarmos a ideia de uma transformação na vida cotidiana, mas difícil é entendê-la porque não conseguimos imaginar o mundo de outra maneira a qual ele se apresenta, a menos que vivenciemos situações de desmoronamento das coisas, como uma morte ou um divórcio, ou o súbito desaparecimento de algo que parecia imutável, como o teto sobre nossas cabeças ou o chão sob nossos pés.

O mundo contemporâneo acompanhou como os russos experimentaram construir uma nova dinâmica política quando a crise do Império milenar dissipou uma energia de novas possibilidades para a vida em sociedade. A imprensa deu forma aos acontecimentos que registrava de acordo com a trajetória da cobertura jornalística, associada a conjunturas internacionais e locais de relações e disputas políticas.

Destarte o crescimento e modernização dos meios de comunicação continuam fortalecendo a indagação sobre o papel da imprensa na política e a necessidade de examinar os jornais no seu conteúdo, relação e atuação sob os poderes em cada contexto histórico.

Luiz Alberto Moniz Bandeira (2017) demonstrou em sua obra “*O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*” como a Revolução Russa ocupou um espaço destacado na imprensa brasileira através de reportagens, análises e controvérsias com fortes impactos no movimento operário brasileiro.³

O Brasil acompanhou a queda do czar e a derrocada de Alexander Kerensky pelas retinas de agências internacionais de notícias, como a Havas, United Press, entre outras. A imagem que elas projetavam da Revolução Russa era a imagem negativa que as altas de finanças de New York, Londres e Paris tinham da tomada do poder por Lenin e Trotsky, em Petrogrado (BANDEIRA, 2017, p.221).

Ana Martins e Tânia Luca (2008, p.8) analisando a trajetória da imprensa no Brasil concluíram que a História do Brasil e da imprensa caminham juntas num cenário onde, muitas vezes, os personagens são os mesmos ou no mínimo bastante próximos, “pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional”.

De acordo com as autoras Heloísa Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007, p.260), o historiador, ao transformar um jornal em fonte histórica, realiza ações de escolha e seleção com uma abordagem teórica e metodológica que compreende a imprensa como uma “linguagem constitutiva do social” e desvenda as “relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe”. Por isso, não é suficiente apenas afirmar que a imprensa tem uma opinião, mas identificar como na sua atuação, ela delimita espaços, demarca temas, mobiliza opiniões e constitui adesões e consensos.

Cruz e Peixoto (2007, p.258-259) formulam duas concepções fundamentais para a pesquisa que utiliza a imprensa como fonte histórica: a primeira, que a “imprensa não se situa acima do mundo ao falar dele”, por isso se relaciona com os elementos (políticos, econômicos, sociais, culturais) constituintes do poder, e a segunda que a imprensa não é uma simples clarificação de representações do mundo ou tampouco um mero lugar de visibilidade da ideologia dominante.

O jornal e a revista e outros veículos impressos não nasceram prontos. A própria configuração do que hoje entendemos como um jornal, ou

³ A obra de Moniz Bandeira ao analisar as notícias da Revolução Russa na imprensa operária se dedica a acompanhar as publicações a partir de 1918.

uma revista, um gibi, uma revista semanal noticiosa, um jornal da imprensa sindical são elas mesmas produto da experimentação e da criação social e histórica. Nesse processo de configuração dos veículos, seus conteúdos e formas, as convenções sobre como deve ser feito e o que deve conter um determinado jornal ou revista são negociados social e culturalmente, num espaço de um diálogo conflituoso sobre o fazer imprensa a cada momento histórico (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.259).

Nessa perspectiva, Heloísa Cruz (2000, p.16) demonstrou, no estudo do periodismo paulista, que a imprensa não é uma mera reprodutora de interesses, mas se apresenta como um espaço importante de elaboração e articulação dos projetos de grupos sociais distintos agindo na produção de hegemonia, na compreensão da temporalidade, da memória e de visões de futuro. Dessa compreensão da imprensa, a autora justifica sua escolha temática de pesquisa relacionando-a com as questões da agenda pública mais contemporânea no que se refere a “formação de poderosos conglomerados midiáticos, com enorme poder econômico e político, decisivos para o atrofamento do espaço público e democrático”.

Esta é também uma forma de renovar meus compromissos com muitos daqueles homens e mulheres que, num contexto de emergência da imprensa moderna em São Paulo, muito diferente do nosso tempo, ao produzir jornais e revistas, já assumiam inúmeras disputas pela ampliação da liberdade de imprensa, do direito à informação e da liberdade de expressão dos cidadãos na sociedade brasileira (CRUZ, 2000, p.16).

Refletindo sobre a importância dos produtores dos jornais operários em 1917 a proposta da pesquisa ora desenvolvida é compreender as formas como as informações russas chegaram ao Brasil. Para tanto, foram realizadas leituras de produções historiográficas mais recentes e identificadas iniciativas acadêmicas responsáveis por inovações metodológicas na abordagem dos periódicos operários. Desse modo, a proposição da presente investigação é também potencializar novas possibilidades de pesquisa através da imprensa utilizando recursos da pesquisa qualitativa no tratamento temático do conteúdo jornalístico nos referidos impressos.

O período que vai de 1917 à 1920 é considerado um dos mais importantes para a história do movimento operário brasileiro, devido ao número de greves e mobilizações de trabalhadores em muitas regiões do Brasil. Durante estes anos criou-se nos principais centros urbanos do país uma série de sociedades de resistência que tinham como objetivo instigar a classe operária a se organizar na lutar contra o estado e a burguesia. Uma das principais formas de expressão deste movimento foi o jornalismo operário, que não tinha somente a intenção de informar,

mas também de conscientizar a classe e promover solidariedade entre os diversos centros de militância (BARTZ, 2008b, p.2).

O tema dessa pesquisa é uma nova possibilidade para investigação do jornal como fonte e objeto, ou seja, um espaço da produção de informação onde se pretende analisar como a Revolução Russa foi reescrita nas páginas dos impressos operários brasileiros e identificar os sentidos com os quais foram lidos e postos no horizonte do passado.

Renée Zicman (1985) ao apresentar aspectos metodológicos das relações da História com a imprensa destaca o que considera os dois maiores campos de estudo: o que se refere à *História da Imprensa* e se dedica a reconstruir a evolução histórica dos órgãos de Imprensa e o segundo campo, a autora denomina de *História Através da Imprensa* que englobam a imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica.

Há 33 anos, Zicman (1985) já afirmava que a pesquisa histórica sobre a imprensa no Brasil era um campo ainda pouco explorado que enfrentava problemas relativos a limitação dos dados e a falta de fontes estatísticas. Atualmente, depois de vários desafios superados, de obras clássicas sobre a História da Imprensa e renovações na historiografia da imprensa, percebe-se que, apesar dos jornais serem consultados e citados como fontes, eles menos frequentemente são estudados e analisados como objeto histórico de formas próprias que constituem visões de mundo e projetos sociais.

Os pesquisadores do século XXI herdaram uma tradição do uso da imprensa como uma fonte auxiliar na recuperação do fato histórico ou na identificação de alguma mensagem implícita que ajude a comprovar as hipóteses que abordam o objeto da pesquisa. Para além do papel complementar, os periódicos enquanto fontes podem ser também objetos na pesquisa historiográfica em diálogo com a história do jornalismo e as teorias da comunicação voltadas para análise do jornal como um dispositivo sócio simbólico dotado de formas próprias produtoras de sentidos que agem ativamente sob a História.

O conceito de “dispositivo sócio simbólico” é elaborado por Maurice Mouillaud (2002, p.34-35), para quem os dispositivos são os “lugares materiais ou imateriais” nos quais se inscrevem os textos, dentre eles, o jornal, livro, rádio, televisão, etc. Nesse sentido, os textos seriam quaisquer formas de inscrição, ou seja, de linguagem, icônica, sonora, gestual, etc. A forma do dispositivo, a exemplo do jornal, é sua especificidade com um modo de estruturação do espaço e tempo. Os dispositivos seriam matrizes que estabelecem suas formas aos textos e se encaixam uns nos outros. O jornal se inscreve no

dispositivo geral da informação e por sua vez, possui dispositivos próprios, como o sistema de títulos. Mouillaud se referencia na descrição do jornal por Claude Labrousse como campo de atividade em que se faz um “trabalho de criação sócio-simbólico”. Labrousse desenvolveu em parceria com Pierre Rétat uma ampla pesquisa sobre um atentado ao Rei Luiz XV (1757) nas gazetas francesas para identificar as condições sob as quais os meios de informação tratavam o acontecimento, identificando os estereótipos de sua verdade oficial, mas também a violência secreta que a atinge e a obsessão reprimida pela morte do rei.⁴

Mouillaud (2002, p.51) afirma que o jornal é um operador entre um conjunto de “operadores sócio-simbólicos” e apenas aparentemente pode ser considerado o último porque ao levar sentido aos leitores, estes, por sua vez, remanejam-no a partir de seu campo mental e recolocam-no em circulação em algum ambiente cultural.

No campo historiográfico, desde suas abordagens iniciais, como as reflexões de Zicman (1985, p.2) há um destaque para estudos mais atentos dos órgãos de Imprensa “tomados como fonte do conhecimento histórico”, caracterizando-os como uma realidade específica com formas próprias, sendo a informação fornecida por uma escrita própria (artigos, manchetes, título, etc.) cuja linguagem corresponderia ao modo de produção jornalística formada pela expressão escrita, icônica e a composição do jornal.

A respectiva historiadora propõe a utilização do Método da Análise de Conteúdo para os estudos dos jornais e para tanto faz uma apresentação histórica explicando que essa metodologia iniciou sua trajetória nas Ciências Sociais entre as décadas de 20 e 30 com estudos quantitativos da imprensa aplicados a partir de “técnicas e instrumentos metodológicos capazes de efetuar a exploração objetiva de dados informacionais ou discursos”. O objetivo da aplicação desse método seria a identificação de elementos particulares no conteúdo das diversas categorias de documentos escritos para elaboração de uma caracterização que forneça qualidade na “descrição” dos textos e avanço nas “significações primeiras” dos discursos.

Wilson Fonseca Júnior (2006, p.282) identifica as pesquisas das primeiras escolas norte-americanas de jornalismo sobre o sensacionalismo na imprensa como o caminho

⁴ RÉTAT, Pierre (org.). *L'attentat de Damiens*. Lyon: PUL, 1979; LABROSSE, Claude e RETAT, Pierre. *L'Instrument Périodique: La fonction de la presse au XVIII e siècle*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1985.

para a análise de conteúdo ser utilizada como técnica de pesquisa em outras disciplinas como a história, sociologia e psicologia.

A formação do campo comunicacional não pode ser compreendida sem se fazer referência à análise de conteúdo. Desde sua presença nos primeiros trabalhos de *communication research* às recentes pesquisas sobre novas tecnologias, passando pelos estudos culturais e de recepção, esse método tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios emergentes da comunicação e de outros campos do conhecimento. Em determinados momentos, quando se pensava que havia se esgotado toda a sua capacidade de proporcionar análises consistentes e pertinentes, eis que ressurgiu a análise de conteúdo com novas técnicas e novos objetos a serem investigados (FONSECA, 2006, p.280).

Os principais temas de investigação da primeira metade do século XX, no campo da comunicação, se relacionavam com a opinião pública e propaganda política. A referência da primeira é a obra de Walter Lippman, *Opinião Pública* (1922), quem estimulou a investigação sobre os estereótipos sociais e a segunda foi orientada por *Propaganda technique in the World War* (1927) de Harold Laswell, investigador dos principais temas das propagandas americana, inglesa, francesa e alemã no período da Primeira Guerra Mundial (FONSECA, 2006, p.280-281).

Harold Laswell expôs em 1948 a denominação “Análise de Conteúdo” quando apresentou a formulação dos “5Qs” da Comunicação: quem diz o quê, em que canal, para quem, com que efeito? Laswell associa a análise de conteúdo ao estudo da segunda questão “diz o quê” que se dividiria em dois campos, entre o estudo do significado e os elementos da mensagem.

Laswell apresenta em *A linguagem da política* estudos relativos “ao mais importante padrão revolucionário mundial de nossa época histórica, o padrão russo”.

O padrão russo inicial pode ser determinado pelo estudo dos primeiros meses e anos que se seguiram à tomada do poder. Símbolos-chaves, “slogans” e doutrinas transparecem nos decretos, resoluções e discursos oficiais; e, se houver interesse em apurar a proeminência relativa de cada palavra ou tema, pode-se cotejar fontes representativas (LASWELL, 1979, p.24).

Os estudos do “padrão russo” foram de Sergius Yakobson sobre os “slogans” empregados nos dias 1º de maio pelo Partido Comunista russo entre 1919 e 1943; e outros que tratam dos atos e publicações da Terceira Internacional sob autoria respectivamente de Nathan Leites e Sola Pool.

Dentre outras conclusões, Yakobson, ao analisar a frequência da presença das classificações dos símbolos-chaves, indica que os termos referentes à revolução mundial cederam lugar aos símbolos nacionais, caracterizando uma tendência no sentido do “paroquialismo”, modificação resultante de uma “restrição partida de dentro” ao padrão original de símbolos. O autor apresenta como fatores para essa transformação genérica, o declínio da expectativa de uma revolução e suas consequências para a manutenção do poder que exigia relações internacionais mais cooperativas. Simultaneamente, a solidariedade interna foi estimulada com a valorização dos símbolos de caráter territorial, dentre eles: terra, país, nação, conquistas econômicas e história local (YAKOBSON; LASWELL, 1979, p.255-263).

No início da segunda metade do século XX, após autocríticas dos próprios fundadores sobre as limitações do método da análise de conteúdo, houve uma expansão da utilização por pesquisadores de diversas áreas. Na avaliação da francesa Laurence Bardin (2009), essa foi uma fase importante porque superou a demasiada ênfase no aspecto quantitativo com os pesquisadores questionando o legado anterior que igualava objetividade e cientificidade com pormenorizada análise de frequência. A análise de conteúdo superou uma prática excessivamente descritiva para um estágio de identificação de seu objetivo com a produção de inferências sem depender exclusivamente de indicadores quantitativos.

Bardin (2009) explica a análise de conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos sutis em aperfeiçoamento constante interligados por um fator: a dedução pela inferência.

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem (BARDIN, 2009, p.11).

A análise de conteúdo visa o conhecimento de algumas variáveis de ordem das ciências sociais ou humanas que, segundo Bauer (2003, p.190-191) se realiza a partir do tratamento da complexidade do *corpus* de textos por um método híbrido que alinha elementos qualitativos e quantitativos, considerando características como “tipos”, “qualidades”, e “distinções” numa sistematização de indicadores para construção de inferências de um “texto focal para seu contexto social de maneira objetivada”.

Bardin propõe dividir seu mencionado método em cinco etapas, nas quais delineamos o tratamento dos jornais na pesquisa de Tese aqui desenvolvida, são elas: organização da análise, codificação, categorização, inferência e tratamento informático. Na primeira etapa estaria o contato inicial com os documentos, momento da “leitura flutuante” quando o pesquisador “deixa-se invadir por impressões e orientações”. Na sequência, se trata da escolha dos documentos na constituição do chamado corpus de pesquisa; a formulação das hipóteses e objetivos de pesquisa; a referenciação dos índices e elaboração de indicadores; e, por fim, a preparação do material (BARRICHELLO, 2014, p.92).

Na etapa da codificação, acontece a sistematização dos dados, quando o pesquisador define as unidades de registro e contexto na elaboração de categorias. Wilson Fonseca Júnior (2006) salienta que a categorização tem como objetivo tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade mediante a classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias. O autor apresenta como exemplo desse trabalho metodológico, a pesquisa de Violette Morin sobre as reportagens referentes à visita do líder soviético Nikita Krushev à França no início dos anos 60.

Ela decompôs o seu *corpus* (sete diários e nove semanários) em 8.532 unidades de informação e reagrupou essas unidades em 69 categorias, tais como a “acolhida parisiense”, “a política franco-russa”, “as medidas de segurança”, “as trocas comerciais” etc. Num segundo momento, ela distribuiu as 69 categorias em seis grandes temas: “a excursão na França”, “Krushev-de Gaulle”, “os problemas políticos”, “a comitiva”, “os outros problemas” e “os acontecimentos sociais” (FONSECA, 2006, p.298).

A realização da inferência sobre os dados coletados e categorizados é o momento do pesquisador compreender o significado do que foi selecionado para na última fase empreender o tratamento informático dos dados por softwares específicos. O procedimento da inferência é o “momento mais fértil da análise de conteúdo” e tem como foco os “aspectos implícitos da mensagem analisada” para “evidenciar o sentido situado em segundo plano” (FONSECA, 2006, p.298-299).

Na explicação de Bardin (2009), a inferência é o procedimento intermediário que permite a passagem entre a descrição (enumeração e resumo das características do texto) e a interpretação (significação concedida a estas características). A autora elenca algumas inferências importantes: concepções ideológicas de uma sociedade, imagens, clichês e

arquétipos culturais, sistema de crenças, estereótipos sociais, representação de tipos e papéis sociais (homem, mulher, rico, pobre, negro, branco, jovem, idoso, etc.).

Desde a década de 80 nos países anglófonos havia circulação das primeiras versões de programas de computador no auxílio da análise de dados qualitativos. CAQDAS (*Computer Aided Qualitative Data Analysis Softwares*) foi a sigla utilizada para reunir em suas versões iniciais os seguintes programas: The Ethnograph, Alceste, Kwalitan, Hyper Research, Winmax, Atlas/TI e NUD*IST (*Non-numerical Unstructured Data Indexing, Searching and Theorizing*). Os primeiros pesquisadores brasileiros começaram a aplicar esses recursos informatizados na metade dos anos 90 quando já estavam num estágio mais avançado de aperfeiçoamento, a exemplo do NUD*IST Vivo, lançado em 1999, e depois chamado de NVivo® (TEIXEIRA; BECKER, 2001).

Teixeira e Becker (2001) identificam o Nvivo® como a “principal porta de entrada dos pesquisadores brasileiros no mundo da análise de dados qualitativos auxiliado por computador” e ressalta que esse software foi desenvolvido com a participação de pesquisadores orientados por métodos e técnicas de investigação e análise do campo das ciências humanas.

O software NVivo® consiste num sistema de indexação e de categorização de dados não-estruturados, o que possibilita a descoberta e a exploração dos sentidos das informações alfanuméricas. Dessa forma, auxilia o pesquisador em todo o processo de pesquisa, inclusive no momento da definição e da organização das categorias e das subcategorias analíticas, na organização dos dados coletados em múltiplas fontes e, principalmente, no processo de análise, potencializando e intensificando alcance e profundidade, o que permite maior exploração da complexidade dos dados (MOZZATO; GRZYBOVSKI; TEIXEIRA, 2016, p.579).

Conforme essa definição, o NVivo® é um “sistema de indexação, busca e teorização de dados não numéricos e não estruturados” que possibilita a análise de quaisquer materiais empíricos em formatos de textos, imagens, áudios, vídeos e conjunto de dados, como “diários de campo, transcrições de entrevistas, grupos focais, programas rádio ou televisão, reportagens jornalísticas, atas de reuniões, artigos, inclusive documentos retirados diretamente da internet”. O respectivo software oferece uma tecnologia para estruturação de informações num trabalho qualitativo de construção e seleção através de decisões metódicas na pesquisa de acordo com os seus objetivos metodológicos (MOZZATO; GRZYBOVSKI; TEIXEIRA, 2016).

O Nvivo® oferece uma estrutura de codificação que possibilita análises e explorações cruzadas em temas ou temas e atributos, permitindo “sobreposições e interseções” entre elas e proporcionando consultas comparativas no material codificado para apresentar “tipos específicos de associações entre itens de pesquisa” (MOZZATO; GRZYBOVSKI; TEIXEIRA, 2016).

A exploração adequada do Nvivo®, transforma esse software numa ferramenta de pesquisa para auxiliar, dinamizar e otimizar todo o processo de pesquisa, desde o planejamento inicial com o refinamento da coleta de dados, passando pela organização e combinação de diversos tipos de fontes num mesmo espaço digital de acordo com o desenvolvimento teórico por temas ou categorias.

É importante destacar o papel do pesquisador na elaboração das estratégias analíticas implementadas pelo esforço intelectual com o domínio adequado do software, pois o programa não substitui a “criatividade, o bom senso e o olhar” investigativo do pesquisador:

As técnicas de pesquisa qualitativa também não mudam em função desses programas, o que muda é a maneira como os dados são tratados e processados. A agilidade proporcionada pelo programa permite utilizar um maior volume de dados e libera tempo ao pesquisador para concentrar-se na pesquisa, e não mais em marcas ou tiras de papel em meio a uma pilha de entrevistas. Assim, abre-se todo um leque de possibilidades e inovações que tornam a pesquisa, a exploração, o teste de hipóteses e a análise na investigação qualitativa muito mais flexíveis e ágeis (TEIXEIRA; BECKER, 2001, p.110).

Deste modo, a interação adequada do pesquisador com o NVivo® potencializa todo o processo das análises qualitativas quando aumenta a clareza teórica, auxilia no rigor científico, torna visíveis dados “ocultos”, como imagens e sons, auxilia a triangulação dos dados de fontes distintas e otimiza o tempo, vantagens que segundo Teixeira e Becker (2001) podem minimizar a influência positivista que ainda possa existir no método de análise de conteúdo.

Wilson Fonseca Júnior (2006, p. 301-303) apresenta dentre as técnicas principais utilizadas na análise de conteúdo, a análise categorial, mais antiga e de maior uso, dentre as possibilidades de categorização ele identifica o que se chama de análise temática, “rápida e eficaz”, realizada com o desmembramento do texto em categorias.

Enquanto que a historiadora René Ziccmam (1985) justifica sua escolha pela análise temática, argumentando que, ao se centrar na análise do conteúdo, esta

proporciona compreender o significado dos discursos independente de sua forma linguística, isto porque é desenvolvida a partir de temas ou itens de significação, relativos a um determinado objeto de estudo e analisados pela sua presença e frequência de aparecimento nos textos analisados. Tal recurso metodológico possui eficácia que se destaca quando aplicado sobre uma quantidade significativa de documentos e em estudos que buscam identificar as atitudes da imprensa frente a um determinado fato.

O método para aplicação de análise temática varia de acordo com o tipo de documento e os objetivos do trabalho. Cabe ao investigador a definição das suas regras, adaptando as técnicas existentes e os indicadores de análise de acordo com o tipo da fonte e das especificidades da pesquisa. No âmbito geral, essa metodologia se caracteriza por possibilitar a utilização de análises quantitativas e/ou qualitativas.

A pesquisa ora apresentada é um estudo das notícias sobre a Revolução Russa na imprensa operária brasileira abordando seu conteúdo a partir dos principais temas nas edições entre março e novembro de 1917, considerando jornais de três capitais: São Paulo, Rio de Janeiro e Maceió. Ao longo da pesquisa, um critério se impôs: a qualidade de conversão digital dos jornais, pois os acervos que os detêm, como CEDEM/Unesp e AEL/Unicamp fornecem versões em formato PDF que não estão adequadas tecnicamente para o aproveitamento do texto em formato digital recuperável e, conseqüentemente, para determinados usos em programas de computador.

No caso específico desta Tese foi necessário um longo esforço para solucionar a baixa qualidade de resolução da imagem na digitalização dos jornais. Posteriormente, se impuseram novas escolhas para o tratamento das fontes: uma longa tentativa de melhoramento das limitações do PDF e, mesmo já com projetos em andamento no software NVivo®, escolhemos adotar o formato JPG e o trabalho no tratamento das fontes começou para qualificar a funcionalidade dos recursos do referido software de pesquisa.

A Figura 1, abaixo, retirada do projeto “Imprensa Operária” desenvolvido no NVivo® para esta tese, demonstra o formato JPG das fontes identificadas como “arquivos”, a coluna de códigos são “nós e subnós” por cada arquivo e nas referências estão o resultado quantificado da presença dessa codificação.⁵

⁵ Os “nós e subnós” são assim identificados pelo Software no NVIVO 12 e se referem aos temas e subtemas que foram sistematizados no tratamento das fontes.

Figura 1 – Visualização de detalhes dos arquivos do projeto na área de trabalho do NVIVO 12

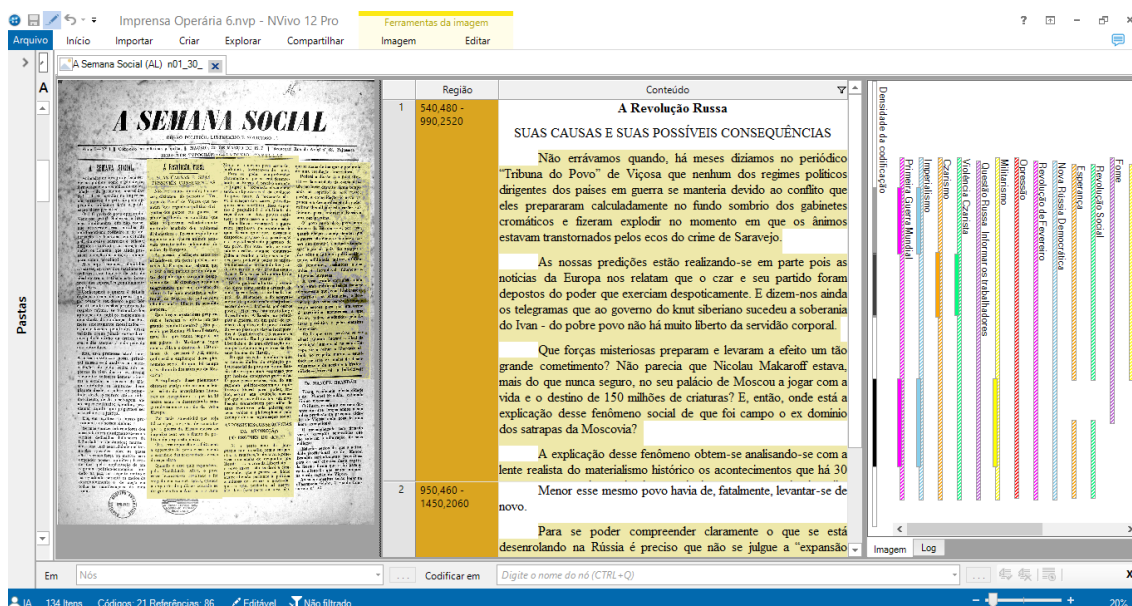
Nome	Códigos	Referências	Modificado em	Modificado por	Classificação
A Semana Social (AL) n22_06_10_1917_P1	0	0	30/08/2020 00:18	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n22_06_10_1917_P2	11	22	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n22_06_10_1917_P3	0	0	25/08/2020 14:35	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n22_06_10_1917_P4	0	0	25/08/2020 14:35	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n23_06_10_1917_P1	0	0	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n23_06_10_1917_P2	15	97	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n23_06_10_1917_P3	14	52	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n23_06_10_1917_P4	30	53	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n24_20_10_1917_P1	57	166	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n24_20_10_1917_P2	34	229	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n24_20_10_1917_P3	35	221	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
A Semana Social (AL) n24_20_10_1917_P4	0	0	04/06/2020 10:38	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P1	0	0	04/06/2020 21:19	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P2	0	0	04/06/2020 21:20	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P3	0	0	04/06/2020 21:20	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P4	0	0	04/06/2020 21:20	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P5	0	0	04/06/2020 21:20	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P6	0	0	04/06/2020 21:20	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P7	0	0	04/06/2020 21:20	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P8	0	0	04/06/2020 21:20	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P9	61	277	04/06/2020 21:20	IA	Imprensa Operária
O DEBATE (RU) n15_27_10_1917_P10	0	0	04/06/2020 21:19	IA	Imprensa Operária

Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

A “leitura flutuante” das notícias sobre a Revolução Russa permitiu inventariar os textos jornalísticos realizando um levantamento dos elementos do conteúdo e em seguida classificá-los por grupos temáticos mais gerais, de acordo com a relevância da sua presença e frequência ao longo dos dez meses iniciais da experiência russa que repercutiram nas páginas dos jornais operários brasileiros.

Na Figura 2 é possível verificar alguns passos do tratamento das fontes no NVivo®: após inserir os arquivos com as páginas dos jornais em formato JPG, foram transcritas todas as notícias e em seguida realizada a codificação visualizada numa escala de cores ao lado direito.

Figura 2 – Visualização da codificação de arquivo do projeto na área de trabalho do NVIVO 12



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

Proponho a análise temática como método para identificar as tendências dos enquadramentos das notícias da Revolução Russa e assim identificar o conteúdo jornalístico para investigar a forma como a imprensa operária brasileira acompanhou os acontecimentos russos entre a Revolução de Fevereiro e Outubro de 1917.

O software NVivo® foi utilizado como recurso para realização da análise temática devido a sua capacidade de fornecer instrumentos diversificados à pesquisa qualitativa, e principalmente por proporcionar e otimizar a elaboração de um banco de dados virtual dos jornais pesquisados.

Depois de um primeiro momento com a leitura flutuante das fontes, buscou-se estabelecer categorias temáticas que se tornam codificadores (“nós” e “subnós”) aplicados no texto transcrito das notícias conforme a imagem da Figura 3.

Figura 3 – Visualização da codificação de arquivo do projeto na área de trabalho do NVIVO 12

Nome	Arquivos	Referências
Questão Russa_Informar os trabalhadores	30	341
Revolução Social	25	193
Sovietes	1	1
Solidariedade	1	1
Socialização	1	1
Socialismo Radical	4	18
Maximalismo	4	18
Social-Democracia	1	1
Revolução Socialista	1	1
Revolução Mundial	6	8
Reação_conservadora	5	9
Imperialismo	1	2
Propriedade Privada	1	2
Pravda	2	2
Organização Militar	1	1
Liberdade	8	13
Lênin	4	25
Justiça	3	3
Internacionalismo	7	8
Inspiração	13	20

Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

Importante frisar que essa caracterização temática é um processo de diversos momentos de leitura das fontes, o primeiro contato da identificação dos temas, depois uma releitura para selecionar os conteúdos por “nós” e “subnós” e ainda uma retomada na leitura para sistematizar a escrita junto com a escolha adequada dos recursos para visualização dos dados proporcionada pelo NVivo®.

Conforme está demonstrado no Modelo IV, em um terceiro momento, as fontes foram classificadas por atributos referentes aos jornais como cidade, ano, localização da página, posição na página, título ou subtítulo, etc. Desta maneira, um banco de dados foi elaborado a partir desses critérios de classificação e pode ser acessado virtualmente para consulta de informações associadas referentes ao conteúdo tratado nas fontes.

Figura 4 – Classificação dos arquivos do projeto no NVIVO 12

	A : A Plebe (SP) Fase L...	B : A Plebe (SP) Fase L...	C : A Plebe (SP) Fase L...	D : A Plebe (SP) Fase L...	E : A Plebe (SP) Fase L...	F
1: Jornal	A Plebe	A Plebe	A Plebe	A Plebe	A Plebe	A
2: Organização	Editores	Editores	Editores	Editores	Editores	E
3: Região	Sudeste	Sudeste	Sudeste	Sudeste	Sudeste	S
4: Estado	SP	SP	SP	SP	SP	S
5: Cidade	São Paulo	São Paulo	São Paulo	São Paulo	São Paulo	S
6: Ano	1917	1917	1917	1917	1917	1
7: Mês	Junho	Julho	Julho	Julho	Agosto	A
8: Número	02	06	07	07	09	0
9: Paginação - Diagrama	4	4	4	4	4	4
10: Página	03	03	03	03	04	0
11: Colunas - Diagrama	6	6	6	6	6	6
12: Coluna	Não aplicável	3ª	5ª e 6ª	1ª e 2ª	1ª e 2ª	1
13: Título e Subtítulo	Não aplicável	O REGIME DA FOME: imite	Da tirania para a liberdade	Da tirania para a liberdade	ARREBOL DA LIBERDADE	A
14: Imagem	Não aplicável	Não	Não	Não	Não	N
15: Fonte	Não aplicável	Não	Não	Não	Não	N
16: Autor	Não aplicável	F. G.	Não	Não	Não	N
17: Notícias_Artigos	Não aplicável	01	01	Continuação	01	0
18: Assinatura - Período	Ano_L_Fase I	Ano_L_Fase I	Ano_L_Fase I	Ano_L_Fase I	Ano_L_Fase I	A
19: Assinatura - Valores	Ano: 108000_Semestre: 68	Ano: 108000_Semestre: 68	Ano: 108000_Semestre: 68	Ano: 108000_Semestre: 68	Ano: 108000_Semestre: 68	A
20: Editores	Edgard Leuenroth	Edgard Leuenroth	Edgard Leuenroth	Edgard Leuenroth	Edgard Leuenroth	E

Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

Ademais, os recursos de visualização dos resultados por fonte do Gráfico de Codificação da Notícia e do Gráfico de Hierarquia dos Nós são utilizados para apresentar os temas codificados em cada notícia. Por fim, a Nuvem de Palavras é apresentada para sistematizar a análise textual das notícias com mais rapidez e qualidade ao destacar termos importantes que identificam agrupamentos temáticos.⁶

A estrutura da tese será dividida em três capítulos de acordo com os procedimentos teóricos e metodológicos realizados ao longo da pesquisa. O primeiro capítulo propõe um diálogo entre a Historiografia da Imprensa e a História do Jornalismo apresentando conceitos, hipóteses e metodologias de pesquisa como caminhos possíveis nas análises cujas abordagens do objeto e da fonte estão nos jornais. Ademais, o capítulo inicial contextualiza e caracteriza o período histórico das primeiras décadas do século XX como cenário de mudanças significativas na modernização da imprensa brasileira.

⁶ Os recursos proporcionados pelo NVivo® serão utilizados na análise do conteúdo de cada notícia e a apresentação dos respectivos desenhos gráficos tem como objetivo a visualização dos dados da abordagem temática. “Uma nuvem de tags (nuvem de palavras ou lista ponderada no design visual) é uma representação visual de dados de texto, normalmente usada para descrever metadados de palavras-chave (tags) em websites ou para visualizar texto livre”. Disponível em: http://sefarditas.net.br/ava/descocoe3/nuvem_palavras.pdf. Acessado em: 12/05/2020.

O segundo capítulo expõe as circunstâncias do movimento operário brasileiro em 1917 a partir de um panorama para localizar as principais orientações políticas e apontar novos elementos nas lutas sociais. E, em seguida, está a exposição do estudo da primeira fase das notícias sobre a Revolução Russa entre fevereiro e junho de 1917 buscando detalhar os principais temas e formas desenvolvidos para expor os acontecimentos russos. Ao longo do referido capítulo os periódicos *A Semana Social (AL)* e *A Plebe (SP)* são identificados por serem os impressos nos quais constavam nesse período nas suas páginas, as notícias da Revolução Russa.

O terceiro capítulo ampliará o painel do perfil da imprensa operária em 1917 para aprofundar o estudo da sequência das notícias russas entre julho e novembro do respectivo ano, quando começa uma relativa inquietação quanto aos rumos da Revolução e as indefinições das decisões frente a continuidade no conflito bélico mundial. Além dos periódicos já citados é acrescentado o exame do jornais cariocas *O Cosmopolita* e *O Debate*, já que esses últimos começaram com a publicação nesses meses do conteúdo das notícias russas.

Na escrita da Tese, a proposta foi também encaminhar um diálogo entre o estudo das notícias e as pesquisas produzidas pela Historiografia da Revolução Russa de forma a qualificar a compreensão dos processos russos. Pretende-se que o leitor possa visualizar e apreender os temas e as formas das notícias que circularam na imprensa operária brasileira em 1917 através dos recursos do Software NVivo® na medida em que acessa a sistematização de algumas das investigações mais inovadoras nos estudos soviéticos.

2. A escrita da Revolução Russa no jornalismo operário brasileiro (1917)

Neste primeiro capítulo serão apresentados alguns conceitos, teorias e propostas metodológicas relacionados com o campo de pesquisa do Jornalismo enquanto um possível caminho de diálogo com os estudos da imprensa na historiografia. Ademais, o contexto das transformações da imprensa no início do século XX é abordado para situar-se o cenário de internacionalização da notícia, bem como os aspectos gerais da modernização dos jornais.

2.1 O fazer jornalístico na construção dos sentidos da história

No intuito de estabelecer um diálogo entre a pesquisa historiográfica que se propõe a abordar os jornais como fonte e objeto de investigação e os conceitos e reflexões elaborados pelo Jornalismo, cabe apresentar alguns autores e propostas teóricas e metodológicos no âmbito da comunicação social vistos como uma das possibilidades de enriquecimento para caminhos dos estudos históricos.

Para tanto, inicialmente, se apresenta o conceito de jornalismo definido por Luiz Beltrão (2006, p.30) como a informação de fatos ocorridos no presente, “daquilo que passa agora procurando extrair do fato registrado aquilo que nele há de substancial, de perene, de notável, mesmo que essa substância logo se esvaia e essa perenidade valha, apenas, por alguns dias ou algumas horas”.

Nessa perspectiva, a atualidade jornalística não é limitada ao que ocorre no momento imediato, mas também ao que se sucedeu e “atua sobre a consciência do hoje, ao que é oportuno para ser narrado, dito, comentado ou feito agora”. Dessa forma, o que aconteceu se “reveste de atualidade e surge no jornal pelo fenômeno da atualização, ou seja, da revivência de ideias e conceitos, da representação de fatos relacionados com a situação presente” (BELTRÃO, 2006, p.30-31).

Beltrão explica que a conciliação entre passado, presente e futuro proporcionada pela atualidade jornalística “assegura ao jornalismo um caráter de permanência que tem escapado a muitos, impressionados com a transitoriedade do seu veículo, o jornal, que envelhece em poucas horas”. O que é transitório ou permanente depende dos fatos e temas, se o jornalismo os “apanha, flagra e analisa”, poderá manter a sua atualidade, desafiando o tempo como aconteceu com as reportagens sobre a Revolução Russa.

O que é efêmero, passageiro, que se dissipa de um dia para outro no jornalismo é a forma, a exterioridade; o conteúdo entretanto pode permanecer, contribuindo insensível mas persistentemente para a formação da opinião pública e da consciência coletiva (BELTRÃO, 2006, p.31).

O jornal como veículo principal do jornalismo tem três finalidades segundo Beltrão (2006): atender ao leitor na informação, orientação e entretenimento e por isso se estende a todas as atividades humanas. O avanço do jornalismo caminhou com a evolução da arte gráfica, o desenvolvimento das comunicações, a velocidade das informações, a necessidade de notícias das comunidades civilizadas e a especialização profissional dos jornalistas.

Numa definição conceitual, o Dicionário de Comunicação estabelece que a palavra “imprensa” designa o conjunto dos processos de impressão ou o conjunto dos jornais e revistas de um lugar ou determinada categoria, também pode ser o mesmo que jornalismo, ou o conjunto dos processos de difusão de informações jornalísticas por veículos impressos ou eletrônicos, por último pode se definir como um conjunto dos jornalistas (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p.379).

Destarte, o jornal é definido como veículo impresso, noticioso e periódico, de tiragem regular, constituído de folhas soltas dobradas em um ou mais cadernos. O dicionário informa a origem da palavra “jornal” no italiano “*giornale*”, caracterizando originalmente apenas as gazetas diárias e posteriormente estendida a qualquer periodicidade. É a gênese do jornal que antecede o surgimento da imprensa, mas foi a partir dessa que assumiu a forma atual pela qual surgiu a moderna publicidade, as técnicas de mídia, a literatura de massa, o folhetim e as histórias em quadrinhos (RABAÇA; BARBOSA, 1987, p.360).

Nas sondagens historiográficas das relações entre Imprensa e História identificamos poucas pesquisas que dialogam com o campo do Jornalismo. Então, essa tese se propõe ampliar os referenciais teóricos e metodológicos de investigação dos jornais enquanto fonte e objeto de análise dos processos históricos.

Na área da Comunicação, há especialistas como Marialva Barbosa e Ana Paula Ribeiro, por exemplo, que refletem as possibilidades das relações entre os Meios de Comunicação e a História, mas há uma carência de pesquisadores que realizem o caminho da História para a Comunicação. Sendo assim a pesquisa é também uma abertura de

diálogo dos historiadores com o Jornalismo, refletindo para além dos temas e instrumentos tradicionais usados na Historiografia da Imprensa (RIBEIRO; FERREIRA, 2007).

Nelson Traquina (2001), investigador português com destacada importância no campo dos estudos jornalísticos, aponta a redescoberta do poder do jornalismo no início do século XXI associada à modernização da pesquisa sobre o conceito de agendamento (agenda-setting) cuja exposição inaugural foi autoria dos norte-americanos McCombs e Shaw (1972) quando averiguaram os efeitos da comunicação de massa na preferência política e eleitoral do público.

A ideia básica do conceito de agendamento para a comunicação política é de que a mídia tem capacidade de influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública, por isso tem um papel crucial na decisão do voto devido à crescente importância das questões nas campanhas políticas em detrimento da identificação partidária.

Os primeiros investigadores dos efeitos da mídia se perguntaram como acontecia a influência da propaganda durante e depois da Primeira Guerra Mundial. Assim elaboraram a Teoria Hipodérmica, caracterizada por uma visão dos meios de comunicação de massa “todo-poderoso” com impacto direto sob o comportamento das pessoas. Segundo Traquina, esse paradigma está associado ao conceito de sociedade de massas, caracterizada pelo “enfraquecimento dos laços tradicionais (a família, a comunidade)” e o resultante crescente isolamento do indivíduo que passava a agir conforme as ordens e sugestões dos meios de comunicação de massa.

Mauro Wolf (2012, pp.9-11), importante sociólogo italiano da Comunicação, descreve o modelo hipodérmico como uma teoria da propaganda, tema que seria central ao universo da mídia, “especialmente nos anos 20 e 30, quando surgiram estantes inteiras de livros que chamavam a atenção para os fatores retóricos e psicológicos usados pelos propagandistas”. Dentre as principais obras estão: *Propaganda Technique in the World War*, de Harold Laswell e *Public Opinion*, de Walter Lippmann.

Os jornalistas norte-americanos, Walter Lippmann e Charles Merz (1920) publicaram um artigo chamado *A Test of the News* sobre a cobertura jornalística da Revolução Russa realizada pelo jornal *New York Times* entre 1917 e 1920, mostrando que o jornal citou eventos que não ocorreram e anunciou em suas reportagens pelo menos

noventa e uma vezes que o regime bolchevique estava prestes a sucumbir, o que não aconteceu até o início dos anos 90.

The only question asked is whether the reader of the news was given a picture of various phases of the revolution which survived the test of events, or whether he was misled into believing that the outcome of events would be radically different from the actual outcome (LIPPMAN; MERZ, 1920, p.2).⁷

O norte-americano Lippmann, considerado por McCombs como o “pai intelectual” da ideia sistematizada posteriormente como “agendamento”, na obra clássica *Opinião Pública* apresentou a tese de que “os veículos noticiosos, nossas janelas ao vasto mundo além de nossa experiência direta, determinam nossos mapas cognitivos daquele mundo”. A opinião pública seria uma resposta ao pseudoambiente construído pelos veículos noticiosos (MCCOMBS, 2009, p.19-20).

McCombs esclarece que a Teoria da Agenda não é um retorno à Teoria Hipodérmica, pois, apesar de considerar importante o efeito da mídia, compreende que os membros da audiência não são “autômatos esperando para serem programados pelos veículos noticiosos”. Desta perspectiva, o papel mais importante dos veículos noticiosos seria de definir itens para a agenda pública, hipótese das pesquisas de McCombs e Shaw sobre os temas preponderantes na campanha presidencial norte-americana de 1968 onde comprovaram que o público considerava como mais importantes os tópicos que eram destacados pelo padrão da cobertura noticiosa (MCCOMBS, 2009, p.24-25).

Wolf (2012, p.161-165) explica que a conexão entre os critérios de relevância aplicados pela mídia, a visibilidade dos temas e os modos variados dos efeitos de agendamento promovem uma tematização, ou seja, a “transformação e o desenvolvimento de um número de acontecimentos e fatos distintos de agenda articulados, num único âmbito de relevância, que justamente acaba sendo tematizado”. A tematização seria um procedimento informativo da hipótese de agenda-setting no qual um assunto é destacado para atenção do público como central e significativo em relação ao fluxo normal da informação.

⁷ A única pergunta feita é se o leitor das notícias recebeu uma imagem das várias fases da revolução que sobreviveram ao teste dos eventos, ou se ele foi induzido a acreditar que o resultado dos eventos seria radicalmente diferente do resultado real (LIPPMAN; MERZ, 1920, p.2, tradução nossa).

Traquina (2001, p. 17-20) contextualiza o surgimento do conceito de agendamento no bojo dos primeiros doutorados em comunicação no início dos anos 70, momento no qual os pesquisadores “sentiam que o propósito principal das mídias era informar, mais que persuadir ou modificar comportamentos”, e procuraram averiguar os efeitos cognitivos do que já se denominava como “agendamento”.

Como contraponto aos estudos dos efeitos que observavam a mudança de atitudes e opiniões, McCombs e Shaw forneceram evidências empíricas do papel da mídia na formação e mudança de cognições, fortalecendo a ideia exposta por Cohen (1963): “a imprensa pode, na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, mas tem capacidade para dizer sobre o que pensar (hipótese do agendamento) e, sobretudo, como devem pensar sobre os assuntos (hipótese do enquadramento)” (MCCOMBS, 2009, p.115).

No balanço da literatura sobre o processo de agendamento, Traquina (2001, p.13-15) aponta que a maioria dos estudos se desenvolve com o conceito de agenda midiática. Trata-se da abordagem dos dados extraídos das análises dos conteúdos da produção do campo jornalístico enquanto “conjunto de relações entre agentes especializados na elaboração de um produto específico conhecido como a informação”. Nesse ponto, o autor português ressalta o papel estratégico do campo jornalístico nas sociedades modernas e na comunicação política ao constituir um acontecimento ou questão em notícia, dando-lhe existência pública e transformando-o em recurso de discussão.

A socióloga estadunidense Gaye Tuchman (1983) ao observar a produção da notícia, examinando a interação entre as organizações do trabalho informativo e os informadores, especialmente jornais e canais de televisão, salienta que a notícia é um marco delineador do mundo, como uma “janela do mundo” que tende a dizer “o que queremos saber, o que necessitamos saber, e o que deveríamos saber”.

Pero, como todo marco que delinea un mundo, el marco de la noticia puede considerarse problemático. La visión a través de una ventana, depende de si la ventana es grande o pequeña, si tiene muchos o pocos cristales, si el vidrio es opaco o claro, si la ventana da cara a una calle o a un patio. La escena que se despliega depende también de donde está uno, lejos o cerca, alargando el cuello hacia un costado o mirando recto hacia adelante, con los ojos paralelos a la pared en la que está colocada la ventana (TCHUMAN, 1983, p.13).

Nessa visão, as notícias transmitem um caráter público aos casos que ocorrem na medida em que transformam meros eventos em acontecimentos publicamente abertos à discussão. Dessa forma, a notícia se caracterizaria por três termos: primeiro, um método institucional para fazer com que a informação esteja disponível aos consumidores, depois como aliada das instituições legitimadas para converter as reações dos políticos e burocratas através das notícias em políticas e programas públicos e por último, a notícia é localizada, recolhida e disseminada por profissionais que trabalham em organizações.

De tal manera, la noticia es, inevitablemente, un producto de los informadores que actúan dentro de procesos institucionales y de conformidad con prácticas institucionales. Esas prácticas incluyen necesariamente la asociación con instituciones cuyas noticias son informadas de manera rutinaria. Congruentemente, la noticia es el producto de una institución social y está empoderada en sus relaciones con otras instituciones. Es un producto del profesionalismo y se arroga el derecho de interpretar lo que ocurre cada día a los ciudadanos y a otros profesionales (TCHUMAN, 1983, p.16).

A hipótese de Tchuman, chamada de “newsmaking”, é a da notícia como uma construção influenciada pelas exigências de organização do trabalho e dos processos produtivos. Mauro Wolf (2012, p. 191-197) compreende que essa forma de pesquisa está baseada na etnografia dos meios de comunicação de massa para descrever as práticas de comunicação que dão lugar às formas textuais ao influenciar a importância da rotina (estruturas organizacionais, condições orçamentárias, distribuição da rede noticiosa) na produção dos acontecimentos.

A noção de notícias como “janelas” que qualificam como conhecimento público apenas algumas partes do cotidiano é um pensamento influenciado pelo conceito de “frame” do antropólogo anglo-americano Gregory Bateson (1972). Para esse autor, enquadrar é delimitar mensagens que apresentam sentido quando partilhadas pelos interlocutores. Bateson propõe a ideia da moldura de uma fotografia, considerando-a como uma mensagem para “dar ordem ou organizar a percepção do observador”.

O sociólogo norte-americano, Erving Goffman, inspirado na formulação de Bateson (1972), do “frame” como organizador e definidor da percepção da realidade marca os estudos do jornalismo com sua obra *Frame Analysis* (2006), na qual investiga peças jornalísticas de interesse humano (notícias, cartas de leitores) e conclui que as formas como as experiências são enquadradas dependem dos esquemas de interpretação

de um grupo, formados pelos sistemas de crenças, a sua cosmologia e recursos cognitivos. (GOFFMAN, 2006).

Cuando un individuo em nuestra sociedade occidental reconoce un determinado acontecimiento, haga lo que haga, tende a involucrar em esta respuesta (y de hecho a usar) uno o más marcos de referencia o perspectiva, por aquellos que lo aplican, se considera que no depende de – ni remite a – ninguna outra interpretación anterior u “original”; um marco de referencia primário es aquel que se considera que convierte em algo que tiene sentido lo que de outra manera sería um aspecto sin sentido de la escena (GOFFMAN, 2006, p.23).

Na síntese de Cristina Ponte (2005, p.129), investigadora portuguesa dos estudos do jornalismo, é considerada a publicação da obra *Frame Analysis* de Erving Goffman (2006) com sua apresentação da ideia dos “quadros interpretativos” como a matriz teórica da publicação *La producción de la noticia: studio sobre la construcción de la realidad* de Gaye Tchuman (1983). Foi o momento no qual Tchuman, socióloga norte-americana, propôs o conceito de notícia como enquadramento para “identificar de que formas as organizações e os seus profissionais, ainda que disso possam não ter consciência, desempenham um trabalho de controle sobre o mundo cotidiano”.

Dessa forma, Tchuman (1983) é responsável por inaugurar o uso da noção de enquadramento no estudo do jornalismo. A metáfora das notícias como “janela” concentra em si a sua visão do conceito, para quem as notícias seriam o enquadramento em si, sendo elas que proporcionam a relação e as percepções do mundo. Desse entendimento, a autora investiga a relação entre o processo de produção de notícias e as práticas de enquadramento na visão de que essas podem reforçar o poder político através da forma como enquadra o conhecimento. Na sua compreensão a construção das notícias enquanto “recurso social” pode limitar o “entendimento analítico da vida contemporânea”.

Nos estudos da noção de “frame” Todd Gitlin foi um pioneiro também analisar na sua obra *The Whole World is Watching* (1980) como as principais mídias reagiram ao surgimento do movimento estudantil da “nova esquerda” norte-americana nos anos 60. Isto é, de que forma, acontecimentos, retóricas e temas se tornaram noticiabilidade e o retorno disso influenciou o próprio movimento com mudanças internas no comportamento e organização.

Em uma perspectiva complementar, Glitin (2003, p.13-16) propôs um enquadramento temático da realidade com uma análise dos conteúdos mais destacados pela mídia numa cobertura jornalística de uma realidade cujos elementos são de diferentes maneiras selecionados, enfatizados e apresentados sem neutralidade. Assim, demonstra como enquadramentos realizados por práticas características de trivialização, polarização, marginalização, valorização de disputas internas, dentre outras que controlaram a comunicação do movimento e terminaram em transformar os líderes em celebridades.

Nas considerações de revisões e balanços conceituais, Mauro Porto (2004) retoma a problematização do conceito de “enquadramento” como um paradigma inovador e dinamizador do campo da Comunicação, ao proporcionar uma nova perspectiva para entender o papel da mídia na política. Nos apontamentos desse balanço conceitual, considera-se a necessidade do avanço com mais clareza na definição de “enquadramento” e aprofundamento das pesquisas sobre como formatam a realidade apresentada no noticiário.

Dessas hipóteses se extrai a conclusão de que as características dos temas políticos são formatadas por disputas simbólicas pela interpretação. Para o entendimento dessa ideia, Mauro Porto apresenta alguns autores, como Ganson (1983) e André Modigliani (1987) proponentes do método da “matriz de assinatura” constituída por práticas de enquadramento que configuram o “pacote interpretativo”, a exemplo de metáforas, slogans e imagens.

Porto considera os aspectos centrais do conceito de enquadramento formulados por Robert Entman (1994, p.293-300) como a melhor síntese para aplicações na análise de conteúdo da mídia, ao estabelecer que enquadrar significa dar saliência no texto comunicativo de aspectos selecionados da realidade, promovendo uma “definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito”.

O aprimoramento do paradigma do enquadramento em novas pesquisas empíricas pode seguir as seguintes orientações do pesquisador Mauro Porto (2004, p.90-93): primeiro, especificar os diferentes níveis de análise e definir os tipos de enquadramento entre “noticiosos” e “interpretativos”. Os primeiros se referem ao chamado “ângulo da notícia”, ou seja, o destaque de um aspecto de acordo com o ponto de vista que segue “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus

relatos”. Na categoria de “enquadramento noticioso” estariam níveis de análise como “enquadramento de interesse humano” no foco da cobertura em indivíduos; o “enquadramento episódico”, com ênfase em eventos e na cobertura de eleições, estariam o “enquadramento corrida de cavalos” para o desempenho dos candidatos nas pesquisas e o “enquadramento temático” nas propostas programáticas.⁸

Os “enquadramentos interpretativos” são “padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento etc.” Os autores são atores sociais diversos, incluindo representantes governamentais, partidos políticos, movimentos sociais, sindicatos, associações profissionais, cujas interpretações podem ser incorporadas, ou não, pela mídia (PORTO, 2004, p.94).

O segundo passo das direções de pesquisa sugeridas por Mauro Porto (2004, p.93-95) é identificar “as principais controvérsias e os enquadramentos a elas relacionados”. No âmbito dos enquadramentos interpretativos é preciso identificar as interpretações apresentadas sobre os principais eventos e temas políticos. Dado que o conceito de enquadramento entende o processo político como uma “disputa de interpretação na formação, desenvolvimento e resolução de controvérsias políticas” em torno da avaliação de eventos ou temas políticos.

Por fim, o referido pesquisador português propõe o desenvolvimento de uma análise sistemática para não ignorar possíveis evidências contrárias às hipóteses iniciais. Métodos menos subjetivos ajudam nesse intuito, como uma investigação da mídia com um enfoque integrado que inclua análise de conteúdo quantitativa e outra textual mais qualitativa.

As notícias sobre a Revolução Russa na imprensa operária brasileira apresentam formas de enquadramento “interpretativos” dos acontecimentos e, saber quais eram esses, proporciona à pesquisa compreender quais são as bases comunicativas no meio social

⁸ O chamado “enquadramento corrida de cavalos” é uma forma de cobertura midiática de momentos eleitorais com critérios narrativos empregados em disputas esportivas, as eleições são acompanhadas como uma simples competição por votos. Há distintos padrões formais e conteúdos textuais, se destacam a retórica da disputa nas reportagens, a divisão da seção opinativa dos jornais entre defensores de cada um dos políticos em campanha, a desconsideração dos programas de cada candidato, etc. Algumas pesquisas referenciais dessas expressões de enquadramentos são: Baker (2001); Cappella e Jamieson (1997) e Hallin (1994).

operário da construção histórica dos matizes de sentidos da Revolução Russa que os brasileiros construíram e transmitiram às gerações posteriores.

2.2 A internacionalização das notícias e a modernização dos jornais no Brasil na entrada do século XX.

O estudioso do jornalismo, Luiz Gonzaga Motta (2002, p.318), aponta que a complexidade da produção da notícia está na intervenção de diversos fatores, como o fato real e o enunciador jornalista, selecionador da parcela do real que é do seu interesse, e articulador da conversão do acontecimento em notícia. Logo, o significado da notícia está na recriação do real expressa no novo fato. Sua publicação cotidiana constrói imagens que edificam toda a sociedade.

Dessa forma, cabe considerar o relato jornalístico da Revolução Russa como uma ação que transforma o acontecimento em notícia num processo de “recriação” do fato, que ao ser diariamente divulgado construiu uma “imagem” dessa experiência. Assim nos interessa compreender os marcos temáticos presentes na elaboração dessa identidade investigando o jornal como produção sócio histórica.

O estudo da estrutura do jornal e seus efeitos têm como ponto de partida as formulações de Maurice Mouillaud (2002, p.23), que compreende os jornais enquanto uma realidade específica caracterizada por formas variáveis e invariáveis na maneira de dizer algo, ou seja, dispositivos que podem permanecer inalterados pela “exigência de estruturas estáveis para pôr ordem no caos do mundo e permitam ao leitor reconhecer o mesmo jornal, de um número a outro”. As formas de um jornal são constitutivas de um dispositivo com estratégias desenvolvidas no âmbito sócio simbólico para modelar o tempo e dizer o presente na moldura do enquadramento sob o acontecimento enquanto objeto de uma construção, cujo fato segue um padrão tecido pelas cadeias mundiais de comunicação.

As pesquisas historiográficas sobre os jornais ou com base neles exigem um aprofundamento no diálogo com a Comunicação, numa contribuição mais enriquecedora para os estudos da relação entre Jornalismo e História. Para tanto, é importante compreender esses impressos enquanto espaços específicos de informação que possuem

um jogo de formas investigado por Mouillaud (2002, p. 30-32), como “dispositivos que são encaixados uns nos outros” e “preparam o sentido do conteúdo”.

O tratamento dos jornais propõe analisar as formas com as quais dispõem para “ordenar os acontecimentos à sua maneira própria e peculiar” e de estratégias que operacionalizam para realizarem suas duas maiores funções enunciativas: produzir um efeito real no seu discurso e fazer o leitor crer nele como verdade. Por conseguinte, a exploração investigativa do corpo do jornal diário precisa identificar a forma do jornal “fazer-saber” considerando os procedimentos de autenticação, as estratégias de citação e os saberes disponíveis dos jornalistas. E a segunda estratégia, a serviço da realidade, o “fazer-crer”, um pacto implícito entre o jornalista e o leitor garantido pelo meio do “discurso do outro” como ponto de apoio ou “argumento de autoridade” fundamentada na “credibilidade do enunciador e na credulidade do leitor” (MOUILLAUD, 2002, p.27).

Mouillaud (2002, p.173-177) ao problematizar a produção do acontecimento pelo jornal, explica a relação da dupla compatibilidade do tempo, atualidade e História, ao nível das estratégias de elaboração dos títulos. Indica que a narrativa se torna histórica, mas é animada pela atualidade, onde “cada presente tem um horizonte, o horizonte de um passado que é para ele um passado que vive”. Por isso, interessa compreender como os jornais operários alinhavam o horizonte da História da Revolução Russa.

Na produção dos acontecimentos, os jornalistas estão conectados com “falas” (testemunhas, especialista, representante). Entre essas e o jornal há uma fonte maior, o despacho de agência, e desta maneira a escritura parte de reescrituras quando o fluxo de informações é estruturado numa “área espacial”, com operações que afetam as formas e os conteúdos. A diagramação, constituída historicamente pela trajetória dos jornais, é o marco inicial da produção do sentido, por isso é importante observar a paginação-disposição em colunas, secções e títulos (MOUILLAUD, 2002, p.49-63).

O jornal pertence à rede de informações que começou a tecer-se em torno de nosso globo no século passado e o envolve num fluxo imaterial em perpétua modificação. Uma rede que não impõe ao mundo apenas uma interpretação hegemônica dos acontecimentos, mas a própria forma do acontecimento (MOUILLAUD, 2002, p.32).

O pesquisador, Mauro Wolf (2012, p.243), identifica as grandes agências de imprensa como a “fonte mais conspícua de materiais noticiáveis”, cuja significatividade

umenta devido à conveniência econômica. Seu uso de baixo custo em relação à manutenção de correspondentes no exterior contribuiu para sua difusão mundial, levando consigo uma homogeneidade e uniformidade sobre as definições daquilo que faz notícia.

De acordo com Tânia de Luca (2008, p.149), a expressão “grande imprensa” é uma forma genérica e imprecisa para designar títulos que, num contexto histórico, se caracterizam por serem os mais significativos nos aspectos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro.

Marialva Barbosa (2013, p.194-195) denomina de “imprensa de grande tiragem” aquela cujo desenvolvimento promoveu “transformações nas práticas e processos comunicacionais” no “alvorecer do século XX”, com a popularização de jornais a preços baixos, com informação e diversão, ricos de ilustrações, publicação de marchinhas e músicas de carnaval, palpites de jogo do bicho, dentre outras estratégias para conquistar o grande público que “gradualmente se fazia leitor”.⁹

O noticiário internacional começou a se destacar com prestígio e importância no jornalismo brasileiro no marco da Primeira Guerra Mundial, quando a “imprensa de grande tiragem” reorganizava suas estruturas de forma mais complexa a partir de investimentos na modernização gráfica, das técnicas de impressão, do incremento da publicidade e da rede de distribuição que exigiram mudanças de padrões editoriais dos jornais rumo a um modelo mais político que literário.

Na primeira década do século XX se constituía na sociedade brasileira uma dinâmica urbano-industrial impulsionadora da ampliação do mercado leitor, favorecendo o crescimento e diversificação do mercado editorial, no qual os jornais divulgavam as notícias num formato de retrato instantâneo do momento com as disputas políticas e os acontecimentos que se destacavam no cotidiano (COHEN, 2008, p.104-105).

A utilização do telégrafo desde a década de 70 do século XIX permitiu a atualização constante e rápida das notícias de um mundo antes longínquo e desconhecido

⁹ O conceito de “imprensa de grande tiragem” corresponde às características de modernização dos jornais diários na busca da ampliação e realização dos seus objetivos financeiros. A proposta historiográfica de Marialva Barbosa (2013) na qualificação dos jornais diários que se tornavam “fábricas de notícias” como parte dessa imprensa de “grande tiragem” explica um período de transição da estrutura desses periódicos. E tais contribuições são destacadas e utilizadas para situar o cenário mais geral da imprensa brasileira no qual estava inserido os periódicos operários com seus aspectos diferenciados de uma imprensa colaborativa cuja finalidade não era o consumo lucrativo da informação. Dessa forma, percebe-se o enorme esforço realizado coletivamente pelos operários na produção e manutenção dos seus jornais.

que se tornou próximo e visível. Depois desse equipamento, as agências de notícias atuavam para tornar o mundo mais compacto numa rede de jornais, desde a fundação em 1835 da pioneira francesa *Havas*, seguida pela nova-iorquina, *Associated Press* (AP) de 1846 e depois, pela concorrente londrina, *Reuter* (1851). O Brasil entrou em 1874 nessa malha dos serviços telegráficos das agências europeias com jornais publicando em primeira página os telegramas internacionais (MOLINA, 2015).

Pedro Aguiar (2015) compreende que a gênese histórico-espacial das agências de notícias está relacionada com o caráter de nascimento dessas últimas enquanto um “setor empresarial da comunicação”. Visava atender uma “demanda específica do capital por informação de origem internacional”, produzida no processo inicial da industrialização no qual se destacavam a França, Reino Unido, Prússia e Estados Unidos.

Assim, as linhas de expansão do sistema internacional de informação das agências seguiram aquelas já estabelecidas pelo comércio mundial, mas também inauguraram outras que, por sua vez, seriam percorridas pela expansão imperialista das potências europeias. Logicamente, o *laissez-faire* do comércio e os papéis econômicos atribuídos às diferentes regiões do mundo pelo colonialismo – que daria origem à chamada “divisão internacional do trabalho” – não se primavam pela igualdade, senão pela diferença, construídos para servir à concentração e ao processo contínuo da acumulação capitalista (AGUIAR, 2015, p.22).

Nas suas observações, Aguiar (2015) também esclarece que o desenvolvimento das redes telegráficas num “ritmo galopante” foi “imprescindível para o fenômeno das agências”: em 30 anos o crescimento quase quadruplicou no mundo, em 1880 era de 166 mil quilômetros e alcançou 520 mil em 1910. A extensão internacional dos cabos submarinos foi balizada pela corrida imperialista franco-inglesa, acirrada em 1869 na abertura do Canal de Suez no Egito Otomano, mas na primeira década do século XX a supremacia britânica já estava consolidada com 260 mil quilômetros, aproximadamente a metade da rede mundial.

O sociólogo belga, Armand Mattelart (1994, p.26-27), apresenta as seguintes fases da expansão das redes telegráficas caracterizadas pelo domínio direto ou indireto dos Estados:

1. 1851 a 1868: redes submarinas pelas ligações transatlânticas do Norte, linhas do Mediterrâneo, Índias e cabo do Golfo Pérsico.
2. 1870 a 1880: comunicação das costas da Inglaterra até as Índias Neerlandesas (Batávia), rede das Antilhas, linha entre as Índias Britânicas e a Austrália e China, as redes dos mares da China e do

Japão, o cabo entre o Suez e Aden, a comunicação entre a Costa Oriental e o Sul da África, o cabo entre Hong-Kong e Manila.

- a. Redes da Europa e dos Estados Unidos para América Central e do Sul: 1874 – Rede Transatlântica do Sul (Cabo Lisboa-Recife pelas Ilhas de Cabo Verde e Madeira); 1876 – rede das costas do Chile; 1880 – rede da costa do México; 1881 – rede das costas do Pacífico.
- b. Anos 1880: ligações francesas ao longo das costas da Indochina e da África negra (redes do Senegal e da Costa Ocidental da África).

Figura 5 – Mapa das rotas das Agências de Notícias entre o final do século XIX e início do século XX



Fonte: Mapa elaborado pela autora com informações de Mattelart (1994) sobre as rotas das agências de notícias.

O mundo conectado pelos telégrafos, na interpretação de Hobsbawm (1988), estava na “Era dos Impérios” (1875-1914), “momento histórico em que ficou claro que a sociedade e a civilização criadas por e para a burguesia liberal ocidental representavam não a forma permanente do mundo industrial moderno, mas apenas uma fase do seu desenvolvimento inicial”. As contradições inerentes ao avanço da sociedade burguesa trouxeram uma “morte estranha” evidenciada na vida intelectual e cultural do período na presença de uma consciência “da morte iminente de um mundo e da necessidade de outro”.

Se os pesquisadores da opinião pública, no mundo desenvolvido pré-1914, tivessem comparado o percentual de esperança ao de mau agouro, o dos otimistas ao dos pessimistas, a esperança e otimismo com toda certeza teriam prevalecido. Paradoxalmente, é provável que tivesse obtido mais votos nessa direção no novo século, quando o mundo ocidental se aproximava de 1914, do que nas últimas décadas do

anterior. Mas, é claro, esse otimismo incluía não só os que acreditavam no futuro do capitalismo, mas também os que aguardam, esperançosos, sua superação (HOBSBAWM, 1988, p.26).

A rede de comunicações desenvolvida no século XIX, conforme formula Pedro Aguiar (2015), foi “fruto e instrumento da expansão imperial das potências europeias” quando o avanço dos investimentos internacionais comerciais demandou dados confiáveis e as decisões dos Impérios sobre alianças políticas e seguranças militares dependiam também de constantes informações.

André Pasti (2003) nessa perspectiva da relação entre o avanço financeiro internacional dos impérios europeus e o “fenômeno técnico” do crescimento das agências explica o uso dos territórios e os benefícios recebidos pelos governos.

Considerando a técnica não autonomamente, mas em sua totalidade – isto é, o fenômeno técnico –, torna-se necessário compreender que esses usos do território pelas agências, baseadas nas transformações técnicas do período, deu-se em função de diversas decisões políticas. Entre elas, têm notoriedade a ligação da agência Havas com o governo francês, a relação da Reuters com a defesa do império britânico, ao ponto de ser chamada de “instituição imperial”, as ligações políticas com empresas que garantiam benefícios no uso dessas redes – como no caso de Wolff e Siemens – e as ações das agências em defesa da perspectiva e das estratégias dos governos de seus respectivos países, ganhando, em troca, benefícios quando da expansão das redes telegráficas (PASTI, 2003, p.36).

As três grandes agências do século XIX – *Havas*, *Reuters* e *Wolff* – para reduzir os custos de instalação das redes telegráficas e preservar os respectivos monopólios informacionais desde 1856 iniciaram uma série de acordos que resultaram na formação de um cartel europeu das agências com combinação de tarifas, normas de operação e territórios de exclusividade. Os termos do cartel de 1870 eram adequados à dinâmica conjuntural do imperialismo da época, como indica a imposição sob a alemã *Wolff* de pagar 25% do seu lucro anual a dupla franco-inglesa, *Havas* e *Reuters*.

As agências que foram aceitas pós-1870, como a AP poderiam vender suas notícias apenas nas suas esferas de influência. Em outros espaços deveriam vender as demais parceiras. Na América Latina foi estabelecido o controle da *Havas* e *Reuters* em 1874, logo em seguida a francesa garantiu o monopólio até a década de 1930. Isto porque após a Primeira Guerra Mundial houve um crescimento da influência das agências norte-americanas até a ruptura formal do cartel europeu no pré-Segunda Guerra, quando a AP e a *United Press* (UP) assinaram em 1934, um acordo com a Agência Telegráfica da

União Soviética no Gabinete de Ministros da URSS (TASS), cujo marco foi uma entrevista exclusiva da UP com Stálin.

Os estudiosos das agências de notícias como Matellart, Aguiar e Pasti procuram demonstrar a constituição em “escala de império” de um espaço de circulação global da informação. Um tipo de “arranjo corporativo planetário” que condicionou os caminhos dos “fluxos noticiosos no mundo e no território brasileiro” e ocasionalmente foram alterados em situações de guerras, negociações e alianças interestatais.

O rápido crescimento das grandes agências é associado por Armand Mattelart (1994, p.28-29) à liberação da censura, a modernização do jornal, crescimento da imprensa diária com circulação ampla e apelo ao interesse geral, transformadas no final do século XIX em empresas de produção industrial, estáveis e lucrativas, financiadas por publicidade e vendas avulsas.¹⁰

Nessa perspectiva, a transformação do jornal é identificada por Albert e Terrou (1990) como “produto de consumo corrente” na transição para o século XX em ritmos variáveis de modernização tecnológica de acordo com as condições de cada sociedade. Nos países desenvolvidos do ocidente, o “crescimento e massificação” da imprensa estavam relacionados com o aumento dos níveis de instrução, a democratização da vida política, avanço da urbanização, redução do preço jornal e aumento do nível médio de renda dos consumidores.

A profissionalização do jornalismo e o modelo mais “informativo” da notícia estão associados a crescente influência da cultura jornalística anglo-americana superando o estilo literato francês de fazer jornal. Na abordagem comparativa de Jean Chalaby (2003, p.29-50) entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano entre 1830 e 1920, defende-se que os jornalistas americanos e britânicos inventaram a concepção moderna de notícia, pois criaram um formato com mais páginas, de atualização constante das notícias internacionais resultante do investimento em recolha de informação num modelo mais “completa, objetiva, factual e neutral”.

Durante o período republicano no Brasil, quando a atividade da imprensa se tornou segundo Romancini e Lago (2007, p.67), um empreendimento empresarial, o

¹⁰ O autor informa que o fim da censura nos Estados Unidos foi “bem antes de 1850, estava na dianteira”, a Grã-Bretanha suprimiu os “impostos sobre o saber” entre 1853 a 1861 e na França, a liberdade de imprensa foi legalizada em 1881 com a república burguesa.

“caráter opinativo da imprensa tende a perder força e o teor informativo acentua-se” com a valorização da reportagem, uma tendência do jornalismo internacional influenciado pelo modelo anglo-americano. As atuações de Euclides da Cunha na cobertura de Canudos e as produções de João do Rio sobre a *belle époque* carioca são considerados exemplos de adequação nessa transição de estilo jornalístico, bem como, a migração dos literatos para revistas como *Kosmos* ou *Renascença*, surgidas em 1904.

No ano de 1917, os jornais brasileiros já adquiriam máquinas linotipos que superavam as composições manuais, máquinas fotográficas, métodos fotoquímicos e logo surgiram modernizações nos moldes empresariais que se aprofundam na década seguinte a partir de inovações técnicas, publicidade, aumento da tiragem, qualidade e rapidez de impressão (BARBOSA, 2007, p.22).¹¹

A constatação inicial de notícias sobre a Revolução Russa expõe dispositivos próprios com formatos e estratégias que exigem uma análise detalhada das suas formas e sentidos, colaborando com a aproximação e divulgação dessas fontes históricas, a fim de qualificar a compreensão da influência no Brasil dessa experiência política que desenhou a face do século XX.¹²

A imprensa brasileira, no período entre 1917 e 1918, estava inserida num contexto de ajustes do regime republicano para adequação aos interesses das facções oligárquicas regionais, a pressão social do movimento operário e uma economia ainda vulnerável às crises cíclicas da exportação do café, apesar do crescimento da industrialização. No contexto da Primeira Guerra Mundial, a orientação da diplomacia brasileira foi de aproximação com Washington em outubro de 1917, e assim o Brasil declarou guerra à Alemanha.

¹¹ Os estudos pioneiros de Nelson Sodré (2011) e Juarez Bahia (2009) analisaram o processo de transformação dos jornais em empresas entre o século XIX e XX inserido nas mudanças históricas do país e suas consequentes alterações na estrutura dos parques gráficos e nas relações com o anunciante, a política e os leitores.

¹² A pesquisa desenvolvida para escrita dessa Tese inicialmente elaborou uma proposta de viés comparativo entre a imprensa de “grande tiragem” que se modernizava nos moldes empresariais e a imprensa operária, inclusive com um levantamento significativo de fontes de jornais soteropolitanos, gaúchos, pernambucanos, alagoanos, paulistas e cariocas. E nesses primeiros momentos realizou-se o tratamento das notícias de 1917 no jornal *O Correio Paulistano* através da codificação temática no NVivo® e da análise dos seus resultados. Contudo, a dimensão quantitativa das notícias foi inviabilizando uma abordagem comparativa e exigindo uma outra escolha metodológica. Diante disso, a imprensa operária se tornou o foco da abordagem em função do seu formato jornalístico com textos possíveis de serem analisados em seus aspectos temáticos e da sua importância na história da imprensa brasileira.

Os jornais diários criaram “fábricas de notícias” para conquistar além do público, a publicidade e o poder, a partir da modernização de diversas cidades, inovações tecnológicas, editoriais e gráficas. Os jornais ainda não possuem a concepção de editorial, mas mudaram o teor das notícias e a forma de distribuição nas páginas com colunas fixas para informação que não mais se confundiam com o artigo de fundo. Na busca pela ampliação do número e diversificação do segmento de leitores, eram valorizados as notícias policiais e o folhetim (BARBOSA, 2013).

A modernização da imprensa promoveu um crescimento dos perfis dos periódicos, temática investigada por Ilka Cohen (2008, p.104-105) ao acrescentar aos estudos da imprensa os destaques nos avanços técnicos na indústria gráfica. Nesse processo, novas tecnologias modernizaram as técnicas de impressão e ilustração com introdução de cores e proporcionaram o aumento do número de páginas, capas mais atrativas e maiores tiragens. Na perspectiva dessa autora, o crescimento e diversificação do mercado editorial no início do século XX foi sustentado pelo tripé: economia urbano-industrial, modernização da técnica e ampliação do mercado leitor nos núcleos urbanos aglutinadores das atividades relacionadas à cultura cafeeira.

No que se refere a ampliação do mercado leitor e o acesso à leitura desses jornais modernos, Ana Luiza Martins (2008) constatou que a situação do analfabetismo na República brasileira não se alterou muito nos primeiros vinte anos do século XX, porém na conjuntura socioeconômica de urbanização com trabalho assalariado, o “saber ler tornou-se emblema distintivo” do passado escravocrata. Nesse aspecto, o estado de São Paulo apresentou significativa diferença para o período, sua população alfabetizada cresceu de 24,72% para 29,82% ao priorizar a educação primária, aspirando uma “reconstrução pedagógica” inspirada pelos ideais democráticos da proposta liberal.

Como resultado, em 1920, a parte alfabetizada da população do Estado correspondia em termos absolutos ao equivalente de sua população total em 1890, numa demonstração de que a atenção dispensada ao setor conseguira enfrentar o rápido crescimento populacional. Confirmando tendência já registrada nas duas últimas décadas do Império, a mulher leitora constituía pois para cada grupo de mil mulheres o número de alfabetizados mais do que dobrou entre 1872 e 1920, enquanto para o sexo oposto, o mesmo indicador viu-se multiplicado tão somente, por 1,7: quanto à faixa etária, a população adulta era relativamente mais alfabetizada que a escolar, incidência explicada pelas remanescentes escolas noturnas para adultos do Império e a criação de mais 194 escolas noturnas de adultos, entre 1892 e 1919 (MARTINS, 2008, p.200).

No Rio de Janeiro, capital federal, os sete grandes jornais (*Correio da Manhã, O País, Jornal do Brasil, Gazeta de Notícias, A Notícia, A Tribuna e Jornal do Commercio*) já somavam a publicação de 300 mil exemplares, o que significava 20% da população. O jornal era o primeiro veículo de comunicação de massa num país de 26 milhões de brasileiros, vendido por jornaleiros e pacotes de assinatura, “quem não sabia ler pedia explicações ao vizinho de bonde”.

A leitura desses periódicos, em voz alta, em torno da família, dos amigos, no ambiente da casa, ou silenciosamente, no trajeto de casa para o trabalho e vice-versa, nos bondes, nos trens, ao ar livre, e das duas formas, no ambiente de trabalho, nas horas vagas do dia, coloca em destaque uma sociabilidade particular. Muitos sabiam ler, sem saber escrever. Outros não sabiam ler, nem escrever, mas tomavam contato com os sinais impressos naquelas páginas. Os jornais tinham, seguramente, mais ouvintes do que leitores e foram mais ouvidos e vistos do que lidos (BARBOSA, 2013, p.203).

De acordo com Tânia de Luca (2008, p.156), havia nos primeiros tempos da República um conjunto de esforços dos periódicos para superar os limites da circulação que ainda dependia da interligação das cidades pelas ferrovias. Recorriam, então, a “dinamizar as assinaturas, agilizar a venda e colocar nas ruas um exército de jornaleiros que disputava compradores nos bondes, trens, bares e restaurantes”.

Os novos modos de comunicação em condições para proporcionar as “transformações na forma como se fazia os jornais” agora com a “rapidez como palavra de ordem”, também produziam outras tecnologias visuais e auditivas (cinematógrafo, fonógrafo, gramofone) que, somadas, alteraram a maneira como se via o mundo.

Essas tecnologias foram decisivas na formação do mundo simbólico que emerge nessas últimas décadas do século XIX e primeiros anos do XX em territórios governados por nova lógica midiática. O mundo se tornava próximo e visível. As descrições e as possibilidades de ver, em imagens, lugares longínquos e figuras exóticas mudavam a percepção do outro, agora visível, e antes apenas imaginado. A possibilidade de saber o que se passava no mundo em poucas horas construía gradativamente outra espacialização. O mundo se tornava mais compacto. A temporalidade ganhava nova dimensão (BARBOSA, 2013, p.196).

Garambone (2003) analisou essa proximidade com o cenário mundial por meio das notícias sobre a Primeira Guerra Mundial nos periódicos *Jornal do Commercio e Correio da Manhã*. Confrontadas com as decisões da política externa brasileira para compreender a inserção do Brasil nas relações internacionais do início do século XX.

Nesse estudo, a escolha do conteúdo do primeiro conflito bélico mundial é justificada pelo argumento de que foi essa guerra, “a semente da interação entre comunicação de massa, esfera pública e opinião pública”, quando em 1917, com a entrada dos Estados Unidos no cenário bélico, chegam também “os reis da mídia, sobre a qual hoje se concentra o maior número de estudos de opinião pública e poder”.

A dinâmica da guerra, as variações táticas entre vitoriosos e derrotados, o número de mortos, os parentes envolvidos no *front*, o redesenho mundial e expansionista proposto e defendido pelas Potências Centrais atraíram para a esfera do poder segmentos da elite ainda sem influência significativa. Principalmente a imprensa. Somado a isso, o novo século assistia ao nascimento de um jornalismo mais profissional, menos provinciano e consciente da diferença entre os espaços destinados a noticiário, nos quais se reportava o acontecido, e a editorial, em que se opinava sobre o acontecido. A relação mídia e poder estava mudando (GARAMBONE, 2003, p.22-23).

A imprensa escrita ecoava e formava a opinião pública das ruas, enquanto a nova elite brasileira ainda se constituía, procurando se desvincular do regime imperial. Na perspectiva de José Murilo de Carvalho (1996) a questão da participação política foi um problema grave para as elites vitoriosas diante da sua incapacidade de renovação para assumir novas tarefas. Daí que, nesse espaço, a empresa jornalística se inseria em um novo formato de jogo do poder.

A pesquisadora Tânia de Luca (2008, p.157) aborda a inserção da imprensa-empresa nas mudanças do “jogo do poder” enquanto uma fonte de recursos, prestígio e legitimidade para as ideias defendidas nos seus exemplares, apesar dela disputar um círculo diminuto de leitores. Assim, as mercadorias especiais eram vendidas pelos jornais podendo mobilizar e levar à ação política, por isso “deveria infundir confiança nos que percorriam suas páginas”. Conquanto que os jornais diários se constituíam no “mundo dos negócios”, a autora esclarece que ainda eram um “espaço privilegiado de luta simbólica”, onde “diferentes segmentos digladiavam-se em prol de seus interesses e interpretações sobre o mundo”.

As características do processo de modernização da imprensa foram demonstradas por Juarez Bahia (2009) quando identificou que antes de 1930, os grandes jornais do Rio de Janeiro e São Paulo implantaram novos equipamentos técnicos e iniciaram uma escalada gráfica marcada pela renovação e acréscimo de unidades de linotipo e rotativa para “diversificar e atualizar a tipografia do começo do século”.

Nos estudos mais recentes sobre as transformações na imprensa no início do século XX, Dúnya Azevedo (2009) compreende que o jornalismo internacional, norte-americano e parisiense, inspiraram os periódicos brasileiros para utilizar o avanço das técnicas, como fundição mecânica de tipos metálicos e o surgimento das tituleiras, na renovação do design gráfico com produção de letras maiores e variáveis, proporcionando o destaque nos títulos, o aumento do número de chamadas de matérias desenvolvidas em uma página do miolo do jornal.

A composição mecânica (linotipo e monotipo) era uma exclusividade dos grandes jornais que surgiram no final do século XIX, nos maiores centros urbanos. Os jornais menores utilizavam a composição manual. O avanço das técnicas de fundição mecânica de tipos metálicos e o surgimento das tituleiras facilitaram a produção de letras maiores e de grande variedade, permitindo a valorização dos títulos e o aumento do número de chamadas de matérias, cujo desenvolvimento se encontrava em uma página do miolo do jornal. O jornalismo diário brasileiro se inspira no modelo do *The Times*, londrino e no *Temps*, parisiense (AZEVEDO, 2009, p.92)

Então, na primeira década do século XX, os novos métodos de impressão e os avanços fotoquímicos já produziam inovações nas primeiras páginas dos jornais. Tornavam-se lugares privilegiados de profissionalização para os “artífices da palavra e iconografia”, bem como para a vida intelectual. Nessa análise, Tânia de Luca (2008) ressalta que a mudança fundamental nesse período foi o “declínio da doutrinação em prol da informação, aspecto facilitado pelas agências internacionais e redes de sucursais dos principais diários no país e exterior”.

Consagrou-se a ideia de que o jornal cumpria a nobre função de informar ao leitor o que se passou, com rigoroso respeito “à verdade dos fatos”. Mudança sem volta, em que pese o percurso atribulado do jornal-empresa e os limites do seu grau efetivo de mercantilização diante de entraves de caráter político, socioeconômico, cultural e educacional, ademais da estreita vinculação que os diários continuaram a manter com o mundo da política (LUCA, 2008, p.153).

As considerações da historiadora Tânia de Luca (2008) podem ser verificadas nas páginas dos jornais de “grande tiragem” no formato objetivo das notícias transmitidas numa versão “proto-twitter” dos padrões dos telégrafos das agências de notícias, que apresentaram o primeiro conflito bélico mundial aos brasileiros.

O jornal *Correio Paulistano* (1854-1963), por exemplo, primeiro diário de São Paulo e o terceiro do Brasil, em 1917 apresentava os seguintes preços convertidos em

real: R\$4 para o número do dia, R\$8 ao número atrasado, assinatura anual era R\$0.96, semestral de R\$0.56, anual para o exterior de R\$2.40 e semestral de R\$1.40. A publicação possuía dez páginas, oito colunas, a última página era dedicada exclusivamente à publicidade (lojas, importadoras, costureiras, alfaiates, assinatura de revistas, remédios, fotógrafos, loterias e programação teatral).¹³

Os salários dos trabalhadores não acompanhavam o aumento do custo de vida, no cenário de crise econômica decorrente da Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto histórico, os produtos de primeira necessidade, especialmente os alimentos, subiram rapidamente de preço, vulnerável à ação dos açambarcadores que percorriam o interior do estado comprando toda a produção e armazenando-a para a exportação.

Os gastos com a alimentação consumiam cerca de dois terços dos gastos domésticos. O salário médio de um operário era em torno de 100 mil réis (R\$ 4.000 que comprava 1.000 jornais). O consumo básico de uma família (homem, mulher e dois filhos) chegava a 207 mil réis (R\$8.280 que comprava 2070 jornais). A renda operária ilustra a condição da renda de um grupo social, possíveis consumidores de jornais, demonstrando o quanto era difícil para um jornal se manter como uma empresa de publicação diária.¹⁴

Diante dessa realidade social, as observações de Ilka Cohen (2012, p.56) explicam a fundação dos jornais operários como produtos das iniciativas dos trabalhadores para defender seus interesses e propagar distintos ideais e valores relacionados com seus projetos políticos. O segmento da imprensa operária contribuiu com uma importante marca: a publicização das relações de trabalho no interior das fábricas, levando para a vida pública todo o cotidiano de exploração e violência.

Ferrovários, tecelões, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, gráficos, mestres de obra, carregadores, estivadores, organizaram-se desde a primeira hora em associações de ajuda mútua, num momento em que os direitos dos trabalhadores não passavam de sonho distante. Os jornais consistiam no mais eficiente meio de comunicação entre seus

¹³ Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,como-funciona-o-conversor-de-valores,581,0.htm>. Acesso em: 02/05/2018. O *Estadão* explica da seguinte forma sua calculadora de conversão: “para chegar aos valores em reais expressos nas conversões foi usada uma fórmula bem simples: dividir o preço do produto publicado pelo preço do jornal na data da publicação (exceto das edições de domingo. Nesse caso, é utilizado o preço do jornal dos dias úteis). Dessa conta, sai o resultado que permitirá a atualização do preço: o número de exemplares de jornal que era possível comprar com o valor de determinado produto. Multiplicando-se esse número pelo valor atual do jornal, o preço está atualizado”.

¹⁴ Disponível em: <https://midia independente.org/pt/blue/2007/07/388317.shtml>. Acesso em: 21/06/2018.

associados. No I Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906, no Rio de Janeiro, organizou-se a Confederação dos Trabalhadores Operários, que tinha entre seus objetivos “Estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações econômicas dos trabalhadores, servindo-se para isso de todos os meios conhecidos, nomeadamente de um jornal que se intitulará ‘A Voz do Trabalhador’ (COHEN, 2012, p.57).

A historiadora acima citada destacou na primeira fase da organização do movimento operário brasileiro quando houve a fundação de ligas e associações que para além da representação de interesses também ofereciam as atividades agregadoras dos membros das diversas categorias no funcionamento dos grupos de teatro, bibliotecas e centros de estudo. A autora considera ter acontecido nessas oportunidades culturais, a constituição de um “espírito de solidariedade” garantida pela manutenção de jornais, já que além de veicular as informações práticas, eram um espaço privilegiado de debate político na medida em que debatiam sobre a vivência na realidade fabril (COHEN, 2012, p.57).

Nesse campo de estudo da abordagem dos jornais operários, Heloisa Cruz (2013, p.91) ressaltou a riqueza e diversificação em termos de categorias profissionais e orientações ideológicas na emergência e organização dessa imprensa. Ademais, qualificou esses impressos como fator social da maior relevância para compreensão do processo de transformação da cultura letrada no período. Isto é, a possibilidade de formação não apenas de jornalistas, como também de um “público leitor familiarizado com os renovados códigos da cultura impressa”.

Conforme aponta Cruz (2013), alguns sentidos sobre o que estava envolvido no fazer imprensa de forma mais restrita nesse início do século XX era a construção de espaços e difusão de significados para novas formas de sociabilidade, além da formulação e difusão de projetos. Dessa forma, a cultura impressa se articula aos sentidos e linguagens da cidade e se abre para outros públicos e experiências sociais.

A historiadora Laura Maciel (2016, p.421) observou que a classificação como “imprensa operária” dos periódicos utilizados de acordo com tal conceito nas pesquisas se refere a uma gama de publicações (sindicais, partidárias, de associações culturais e profissionais etc.). Essas são heterógenas em termos de constituição, conteúdos e objetivos, mas se assemelhavam em outros aspectos: a propriedade era de associações ou de grupos isolados de trabalhadores voltados para discutir seus problemas e questões; o jornalismo era autônomo, independente, crítico e de posição social e, por último, os

trabalhadores foram protagonistas de todas as fases da produção do jornal, seja como jornalistas, fontes, conteúdo ou destinatários.

Na pesquisa sobre a imprensa operária carioca no processo de passagem entre os séculos XIX e XX, a pesquisadora Laura Maciel (2016, p.422) identificou esforços para criação de uma esfera pública. Na medida em que a palavra impressa se engendrou na qualidade de uma “arma poderosa manejada por trabalhadores para combater os valores e opiniões burgueses que se pretendiam universais” e para disputar sua “afirmação pública na cidade”. Dessa forma, a mencionada historiadora afirma a existência de evidências das tentativas dos trabalhadores de redefinir a “agenda política da cidade” e de enfrentar, mesmo com “limites e percalços”, diversas lutas contra a opressão: entre “trabalhadores e patrões”, “cidadãos e governantes” ou “direções e bases do movimento organizado”.

Por fim, a imprensa operária é considerada não pelo importe das suas assinaturas, mas compreendendo sua importância para a conquista de direito, o enfrentamento de preconceitos e o fim dos diversos tipos de abusos da exploração no mundo do trabalho. Muitos jornais operários se tornaram vozes desafiadoras dos consensos através da palavra impressa. E assim, buscavam legitimar ações e interesses na agitação e defesa de valores, além do direito ao trabalho, remuneração digna, livre associação e expressão, também conduziram nas suas páginas as lutas sociais contra a carestia, o repúdio ao militarismo e alistamento obrigatório, a defesa do pacifismo, a ampliação da instrução pública e o direito de voto. Os jornais operários evidenciam os múltiplos investimentos dos trabalhadores na elaboração de um “canal de representação pública autônoma” com formulações próprias de temas e bandeiras com uma linguagem comum (MACIEL, 2016, p.423-428).

No ano de 1917, destacou-se entre os temas internacionais, as notícias da Revolução Russa e foram nas páginas da imprensa operária que a palavra impressa registrou interpretações próprias dos acontecimentos em curso na longínqua Rússia, fez oposição ao conflito bélico mundial e a entrada do Brasil na guerra. Para tanto, superou dificuldades de financiamento e distribuição, enfrentou a repressão através do empastelamento, censura e prisões, ou seja, reações autoritárias da elite conservadora à ampliação pelos jornais operários das críticas às mazelas sociais e de diferentes propostas políticas com inovadoras visões de mundo.

3. O contexto do movimento operário brasileiro no cenário de 1917: orientações políticas e novos elementos nas lutas sociais.

A imprensa operária em 1917 estava inserida em um contexto dos processos políticos das primeiras décadas desde a instalação da Primeira República brasileira (1894 a 1930). Maria Rezende (2008, p.91) constata na denominação de “República Oligárquica” aos primeiros 40 anos da República a caracterização de um “sistema baseado na dominação de uma minoria e na exclusão de uma maioria do processo de participação política”. A respectiva historiadora acrescenta a explicação da expressão “liberalismo oligárquico” como síntese do funcionamento de uma Constituição liberal com práticas oligárquicas. A ambiguidade e contradição dessa síntese segundo a mencionada autora, demonstram que a instauração da República no Brasil significou muitas limitações no processo histórico de construção da democracia e de expansão da cidadania no Brasil.

A Constituição de 1891 inspirada pelo modelo norte-americano, mas tendo eliminado alguns dos princípios democráticos, associa liberdade à independência nacional e ao governo constitucional. O liberalismo brasileiro estabelecia fronteiras e restrições para representação política e ignorou os problemas sociais enquanto o federalismo promoveu a estadualização pelo domínio de oligarcas sustentados pelo poder dos coronéis. Assim, a República no Brasil foi implantada priorizando interesses individuais que foram empecilhos aos temas da cidadania. Desse ponto de vista, Rezende (2008, p.61) afirma que emergiu uma república “preocupada com a manutenção da ordem, mesmo a cassetada, descrente da soberania popular e ciosa da missão das elites – o de condutoras dos desafios da nação”.

A chamada República Velha é caracterizada pelo predomínio dos grupos agrários sob a hegemonia dos cafeicultores paulistas através da institucionalização de um sistema oligárquico baseado num “pacto” entre as lideranças desde o âmbito estadual ao federal para que fossem garantidos mecanismos seguros de perpetuação e sucessão no poder. E assim garantir a reprodução do regime sem crises de processos sucessórios por meio do revezamento entre “oposição” e “situação” e da garantia dos seguintes princípios: reforço da figura presidencial e a solidarização das maiorias com os Executivos e vice-versa. A construção dessa política dos estados foi proporcionada pelo coronelismo através da ascendência pessoal do coronel, grandes proprietários de terras, sobre “sua” população de

agregados e trabalhadores. Os coronéis usavam de recursos de fraudes eleitorais e do “voto de cabresto”, utilizando da regra do voto aberto para controlar o voto do eleitor (MENDONÇA, 1990, p.316-317).

O contexto internacional era de novas engrenagens transformando a economia mundial, as áreas periféricas, como no caso do Brasil, passaram a servir às grandes potências hegemônicas como um mercado lucrativo para aplicações financeiras onde a mão-de-obra barata não possuía direitos sociais e a matéria prima se encontrava disponível em abundância. Nessa dinâmica das primeiras décadas do século XX, as conquistas dos países industrializados eram complementadas pelo capitalismo financeiro, sendo assim os trustes e cartéis estabeleceram novas formas às políticas monopolistas (NEVES, 2008, p.20-21).

José Miguel Arias Neto (2008, p.223-224) compreende a modernização do Brasil no final do século XIX na qualidade de um “desenvolvimento complexo e contraditório” a partir da dinamização de uma economia cafeeira relacionada com a exportação de capitais dos países industrializados para regiões menos desenvolvidas no processo da concorrência imperialista. Tais países investiram no Brasil de várias formas: empréstimos aos governos, implantação de ferrovias, modernização de portos, melhorias urbanas e equipamentos para empreendimentos industriais agregados à economia agroexportadora. Por isso, a economia cafeeira nessa perspectiva foi produtora e produto da modernização, estimulou os setores comercial e bancário e integrou o mercado interno nacional. Contudo, a posição brasileira na Divisão Internacional do Trabalho enquanto país agroexportador condicionou a expansão da cafeicultura ao capital estrangeiro e a industrialização à dupla subordinação: dos capitais internacional e cafeeiro.

É verdade que ocorreu um tipo de modernização que pode ser caracterizado como *centralizador, concentracionista e autoritário*. Em outras palavras, embora tenha ocorrido um grande desenvolvimento econômico, a este não se seguiu nem correspondeu o surgimento de um regime democrático e, menos ainda, de um *processo de desenvolvimento humano e social* (ARIAS NETO, 2008, p.225).

Os setores populares urbanos, excluídos em seus direitos pelo novo regime político, encontraram no movimento operário um espaço de reivindicação e pressão sobre o sistema oligárquico. A organização dos trabalhadores é um “traço marcante do Brasil da Primeira República”, mesmo nas condições adversas de recessão econômica e

repressão havia uma disposição do operariado, a cada conjuntura mais favorável, se reconstituir e ampliar sua organização (BATALHA, 2008, p.172.).

A cidade de São Paulo teve um aumento significativo de população na transição entre os séculos XIX e XX no “processo de metropolização”. Em 1890 possuía 50.000 habitantes, após uma década já tinha aproximadamente 250.000 habitantes e em 1917 alcançou 500.000 habitantes. Nesse crescimento populacional vertiginoso havia imigrantes vindos de outros países após a política imigratória com subsídio estatal para fornecer mão de obra barata à cafeicultura, mas a maioria retornava das péssimas condições de trabalho nas fazendas de café do oeste paulista para a capital, transformando-a numa cidade multicultural de uma das maiores diversidades étnicas do mundo. No que se refere ao ano de 1917, no período anterior, as porcentagens mais significativas eram de italianos, portugueses e espanhóis. Em 1916, por exemplo, 36.9% da população paulista da capital era de italianos. Tais imigrantes estrangeiros eram sinônimo de trabalhador manual (TOLEDO; BIONDI, 2018, p.19-21).

Os italianos podiam ser encontrados em todos os ofícios, com particular concentração nas oficinas e nas fábricas. Em 1912, operárias e operários italianos constituíam cerca de 65% dos trabalhadores empregados no setor têxtil no estado de São Paulo, na época o principal setor industrial¹¹. Essa porcentagem pode ser aumentada, possivelmente, ao considerar que muitos menores de 16 anos empregados nas fábricas têxteis eram filhos de imigrantes estrangeiros, já nascidos no Brasil. Trabalhadores têxteis de origem italiana formaram a maioria dos operários desse setor desde a década de 1890, alguns já com experiências de greves na Itália. No setor da construção, que também empregava milhares de trabalhadores, os italianos constituíam quatro quintos dos pedreiros e carpinteiros na cidade de São Paulo em 1913. Os portugueses, por sua vez, estavam mais presentes entre os trabalhadores qualificados e os ferroviários, enquanto os espanhóis prevaleciam nas ocupações menos qualificadas (TOLEDO; BIONDI, 2018, p.21).

Por sua vez, Laura Maciel (2016, p.417-418) destacou a dinâmica social no Rio de Janeiro, maior cidade brasileira que nas últimas décadas do século XIX possuía 522.651 habitantes (1890), onde havia a maior concentração de negros e mulatos, cerca de 34% da população e reunia um número significativo de imigrantes pobres: 155.202 mil estrangeiros. Tais sujeitos na capital federal vivenciaram as lutas pela abolição da escravidão e as mudanças nas relações de trabalho, as mobilizações pelo direito à livre organização, criação de formas associativas e espaços de sociabilidade, além da busca por unidade das ações, reivindicações e protestos de trabalhadores. Nesse panorama, verificou-se a heterogeneidade étnica, cultural e profissional num novo mercado de

trabalho competitivo, excludente e explorador de longas jornadas, baixos salários, rigidez da regulamentação do trabalho e cerceamento da liberdade de ação e organização.

A pesquisa de Osvaldo Maciel (2004, p.31-32) sobre os tipógrafos e a construção de uma identidade de classe em Maceió (1895-1905) apresentou a capital do Estado de Alagoas no seu processo de crescimento populacional nas duas primeiras décadas do século XX. Em 1910 possuía 45.000 habitantes e em 10 anos cresceu e alcançou uma população de 74.166. Maceió foi, desde o início do século XIX, um centro comercial e político que atraía comerciantes e representantes de firmas estrangeiras. A capital também foi destino dos pequenos agricultores e miseráveis em busca de alternativas à expulsão das áreas rurais depois da ampliação dos canaviais. E migravam para a grande cidade os filhos dos coronéis em busca de formação educacional e emprego público. No que se refere a influência socialista em Maceió, onde foi publicado o jornal *A Semana Social* em 1917, era significativa nos inícios do século XX.

Entre os trabalhadores, o anarquismo era ora defendido, ora vilipendiado, numa polêmica que se arrastava desde a criação da Internacional. Parece-nos que, em Maceió e Alagoas – como grosso modo no Nordeste - os ideais ácratas não obtiveram muito espaço e penetração no movimento operário ao longo da Primeira República. Entendendo, junto com Edilene Toledo que “o essencial da doutrina [anarquista] era destruir a autoridade sob suas várias formas” este ideal não encontrou solo fértil na terra dos coronéis e marechais. Além de ir contra a forte penetração do sentimento religioso católico, o anarquismo debatia-se contra uma tradição extremamente autoritária existente no Nordeste açucareiro, originada desde as relações sociais estabelecidas nos engenhos coloniais (MACIEL, 2004, p.137-138).

Enquanto Osvaldo Maciel (2004) argumenta que não houve indícios da presença anarquista em Alagoas nesses primeiros anos do século XX, sob um outro viés, Bruno Araújo (2015b) considera que o editor de *A Semana Social*, Antonio Canellas, desenvolveu em sua atuação política e ideológica a divulgação das ideias anarquistas, “elaboradas à luz da perspectiva de chamar a atenção e ao mesmo tempo, deixar claro que era uma ideologia que iria satisfazer as necessidades sociais”.

Embora frisemos que a atuação de Canellas em Alagoas foi de posicionamentos do ideal anarquista, as alusões ao sindicalismo revolucionário, ou a alguns princípios, podem ter sido utilizadas no sentido de alcançar em curto prazo as necessidades vitais que eram essenciais para iniciação e atuação junto da classe operária. Ou seja: anarquista em suas convicções ideológicas, Canellas aproximava-se do sindicalismo revolucionário quando o assunto estava relacionado à forma de organização dos trabalhadores. A partir dos posicionamentos

políticos ideológicos de Canellas, sua atuação prática concentra-se no engajamento voltado para a necessidade de organização e associação de classe (ARAÚJO, 2015b, p.12).

Nas destacadas produções da historiografia do movimento operário, Edilene Toledo e Luigi Biondi (2018, p.23-25) apresentam as tendências políticas mais atuantes no mundo do trabalho brasileiro nas primeiras décadas do século XX: o anarquismo, socialismo e sindicalismo revolucionário enquanto respostas aos problemas e preocupações concretas dos movimentos dos trabalhadores. E explicam a circulação dessas ideias e suas práticas por meio de campanhas, comícios, imprensa, publicações e atividades recreativas, ou seja, foram diversos percursos e instrumentos que fizeram parte no processo da politização das relações sociais. Os respectivos autores esclarecem que as características étnicas da composição da classe trabalhadora e dos circuitos militantes em São Paulo podiam agregar e facilitar a comunicação e a propaganda política. Por outro lado, poderiam se converter em divisores com a exclusão ou marginalização daqueles de origem distinta. Na Greve Geral paulista de 1917 constataram uma tendência de superação das identidades nacionais dos imigrantes em um período em que os trabalhadores estrangeiros já se auto identificavam como brasileiros natos. Ademais, nesse ano grevista, a maioria dos operários mais jovens eram nascidos no Brasil, ainda que fossem filhos de estrangeiros.

Da mesma forma, Claudio Batalha (2000, p.21-22) verificou no final do século XIX o surgimento de grupos socialistas seja através de círculos como o pioneiro fundado em Santos (SP, 1889) ou de Partido Operário, a exemplo do que foi fundado no Rio de Janeiro em 1890. O referido pesquisador assim sistematiza as características dos socialistas: partidos locais e efêmeros até a década de 30; socialismo eclético de viés cientificista e positivista característicos da Segunda Internacional; defesa de um programa de reformas (voto secreto, ampliação do direito de voto, revocabilidade dos mandatos, jornada de oito horas, criação de tribunais arbitrais entre patrões e empregados, proibição do trabalho de menores de 14 anos, restrição ao trabalho noturno, direito de greve, etc), utilização dos meios políticos de pressões e da eleição de seus representantes.

As dificuldades encontradas pelos socialistas eram as seguintes: o sistema eleitoral da Primeira República com seus instrumentos do voto aberto e o controle das eleições pelos partidos situacionistas; a exclusão do direito ao voto de uma grande quantidade de

trabalhadores estrangeiros não-naturalizados e disputas pessoais e políticas que eram obstáculos a uma unidade de entidade nacional (BATALHA, 2000, p.22).

Frederico Bartz (2014, p.33) investigou algumas diferenças regionais na organização do movimento operário no Brasil no final do século XIX e o início do século XX. Nas suas pesquisas o autor constatou uma força maior da tradição social-democrata entre os imigrantes alemães no sul, a influência do Estado no sindicalismo reformista do Rio de Janeiro, influências socialistas e republicanas levadas pelos imigrantes italianos para São Paulo e relativa presença do sindicalismo católico em Recife.

Todavia, tal painel ideológico de socialismos nas organizações operárias nesse respectivo período inicial da Primeira República foi exposto às disputas com os militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários organizados pela Confederação Operária Brasileira (COB) fundada em 1908 após os encaminhamentos do Congresso Brasileiro de 1906. Nesse último grupo eram heterogêneos as ideologias e os programas de ação, havia distintas matrizes teóricas do anarquismo e práticas sindicais. Por isso, na historiografia do trabalho ainda está em discussão um debate sobre o caráter do sindicalismo revolucionário, se era uma corrente independente do movimento operário ou se foi usado como tática de afastamento da influência de grupos políticos - partidários nos sindicatos. Os aspectos ideológicos em comum que permitem qualificar esses militantes na categoria de “libertários” são: foco na ação direta, valorização das greves como instrumento de luta, investimento na cultura de resistência e ênfase significativa no papel da Revolução Social (BARTZ, 2014, p.33).

Edilene Toledo (2002, p.1-2) ressaltou a grande complexidade da experiência de operários e militantes durante as primeiras décadas da história da República no Brasil e observou suas diferentes ideias e comportamentos políticos, entre os quais a autora destacou o sindicalismo revolucionário, movimento que em nível mundial se desenvolveu em vários lugares enquanto uma corrente política autônoma em relação ao anarquismo e socialismo. E pode ser considerado a tendência principal do movimento operário paulista durante as duas primeiras décadas do século XX.

O sindicalismo revolucionário foi constituído como um projeto internacional através da circulação das formas de luta, das práticas e dos modelos de organização. E se caracterizou como um movimento que unificou a visão anarquista da revolução insurrecional e da ação direta dos trabalhadores com a prática sindical socialista do

cotidiano, da luta de classes por meio de greves e da organização sindical estruturada e autônoma. A primazia do sindicato ampliou-se sob o âmbito da vida cultural e política, tornando-o um dos aspectos mais marcantes e originais do movimento sindicalista revolucionário (TOLEDO; BIONDI, 2018, p.38).

Os socialistas se distinguem dos anarquistas e sindicalistas revolucionários a partir da atuação em uma maior variedade de organizações de trabalhadores, incluindo partidos na reivindicação por direitos sociais que apesar de curta atuação, seus militantes mantinham suas atividades na direção de sindicatos.

Boris Fausto (2016, p.32) apontou como um dos principais pesquisadores do anarquismo o autor, George Woodcock. Para o historiador suas formulações consideram o anarquismo, mesmo com suas variações, na perspectiva de um sistema de pensamento social visando a modificações fundamentais na estrutura da sociedade para substituir a autoridade estatal por uma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres. Sendo assim, estava presente o pressuposto da supressão do capitalismo pela ação direta através dos espaços econômicos e ideológicos porque as transformações sociais seriam possíveis apenas por meio de órgãos não coercitivos. A visão negativa da instância política é resultante da concepção anarquista sobre o caráter do Estado enquanto instrumento da classe dominante.

Na esteira das problematizações sobre as formulações iniciais dos processos revolucionários nesse bojo de forte influência do anarquismo, Bartz (2014, p.30) destacou o papel importante da Revolução Social no quadro das concepções em suas diversas matizes do movimento operário. Assim, os principais autores norteadores das diferentes correntes possuíam nas suas formulações teóricas a ideia de Revolução Social como aspecto central. Não obstante, as formas variavam de reprodução a apropriação desse conteúdo. Enquanto os anarquistas no Brasil se referendavam nas produções de Bakunin e Malatesta, defensores da revolução popular para derrubada do Estado e de associações livres de produtores. Os sindicalistas revolucionários eram influenciados pelo teórico Georges Sorel e valorizavam a greve geral como alavanca revolucionária. O citado pesquisador gaúcho ressaltou a anterioridade no final do século XIX da publicação do Manifesto Comunista (1848) por Marx e Engels, nessa obra estavam os objetivos revolucionários dos comunistas alemães, contudo, apenas após a Comuna de Paris (1871) foi proposto o caminho da “ditadura do proletariado”.

A imprensa operária acompanhou as mudanças políticas e culturais do movimento operário durante a Primeira República. Dentre elas as mudanças organizativas desse período com a formação de três tipos de sindicatos ou sociedades de resistência: associações pluriprofissionais em cidades ou bairros com pouca ou nenhuma organização por ofício, então, reuniam operários de diferentes ofícios e diferentes ramos industriais; as sociedades por ofício, reunindo operários por ofício e os sindicatos de indústria e ramo de atividade que foi a forma predominante até a metade dos anos 10 (BATALLA, 2000, p.16-17).

No ano de 1917 quando a Revolução Russa se desenrolava e a Primeira Guerra Mundial estava no seu terceiro ano, os efeitos econômicos aumentaram o custo de vida, a exploração dos trabalhadores e o impulso para grandes greves. Nesse processo conflituoso, a imprensa operária foi um dispositivo social de intensa circulação de ideais, valores e propostas políticas. Dentre esses periódicos, os jornais se constituíram em um espaço comunicativo, informativo, formativo e articulador da rede social e cultural dos militantes dos grupos libertários.

Em primeiro lugar, estou convencido de que a presença de uma classe social em formação (o proletariado industrial), com todos os elementos que tal presença implicou – imigração massiva, um movimento de classe próprio, internacionalismo sociocultural e político, modificações no perfil urbano-industrial da sociedade, alterações drásticas nos “modos de vida” e na linguagem popular de certas cidades, como São Paulo – foi um aspecto essencial e determinante de todas as tensões, contradições e mudanças vividas pela produção literária “pré-modernista” (HARDMAN, 1984, p.115).

De acordo com as investigações de Francisco Hardman (1984, p.42), o movimento operário brasileiro estava em 1917 imerso em ascenso mobilizatório diante de condições favoráveis como a “presença de uma massa popular ativa” na ocupação de “novos espaços” como os grandes encontros promovidos em praças e parques públicos da cidade, além de outras atividades recreativas promovidas pelas associações. A transformação do cotidiano dos trabalhadores a partir de uma nova dinâmica sociocultural promoveu a partir das associações uma nova cultura operária.

No ascenso do movimento operário que se deu a partir do final da I Guerra Mundial (a greve geral de 1917, em São Paulo, pode ser comparada com a “Semana Trágica” de Buenos Aires, em 1919) os grandes diários anarquistas passam a anunciar outro tipo de reunião operária. Com efeito, a tradicional *festa de propaganda* realizada em salões das ligas e entidades de classe foi substituída por *festivals*,

piqueniques e excursões a lugares públicos, ao ar livre, patrocinados pelos jornais da imprensa operária. Em São Paulo, pode observar a permanência do padrão “festas em salões” no período 1902-1916. Em 1917, junto com o aparecimento de *A Plebe*, começam a surgir os primeiros anúncios de “festivais públicos”, que se estenderão inclusive pelos anos 20-30. No Rio de Janeiro, a mesma tendência se verifica, por exemplo, no jornal *Voz do Povo* (HARDMAN, 1998, p.38).

Segundo John Foster Dulles (1977, p.23), o trabalho era lento para atrair simpatizantes e divulgar a importância de fortalecimento dos sindicatos e para tanto os primeiros militantes exploravam as oportunidades da participação em piqueniques dos operários e suas famílias. As dificuldades de atratividade política estavam em torno de um contexto com escassa remuneração, longas jornadas de trabalho (10 a 12 horas) e violências no trabalho, onde o proletariado ainda não havia se “apercebido do seu estado de sujeição, nem de sua miséria”.

Para auxiliar a convencer os trabalhadores, existia a imprensa proletária – uma enorme quantidade de periódicos – em geral, com a divisa “Proletários de todos os países, uni-vos!” Eram particularmente numerosos no Rio de Janeiro e em São Paulo, as duas cidades a apresentarem maior índice de desenvolvimento industrial no país. Dificuldades financeiras e diligências policiais garantiriam vida breve para a maioria desses periódicos, ou temporárias interrupções na publicação dos mais bem sucedidos (DULLES, 1977, p.23).

Nas considerações sobre a imprensa operária, Boris Fausto (2016, p.42) observou ser o jornal “talvez mais importante do que o frágil sindicato”, já que se tornou um dos “principais centros organizatórios anarquistas e de difusão da propaganda”. Ademais, além de expressão escrita, foi também veículo de comunicação oral ao ser lido em voz alta para os trabalhadores analfabetos o que ampliou ainda mais o seu alcance e impacto.

Nos estudos acadêmicos da última década, se destaca o trabalho de Maitê Peixoto (2010, p.122) onde o papel do jornal no movimento operário é caracterizado na qualidade de “positivamente revolucionário”, compreendendo sua função para além do aspecto da disputa política e constatando outros campos de atuação transformadora: “educação, ética nas relações sociais num sentido abrangente, responsabilidade pela palavra propagada em nome do grupo”. Dessa forma, a imprensa operária suscitava em seus leitores noções de sociabilidade das quais a população de baixa renda era excluída.

Os estudos mais recentes da historiadora Laura Maciel (2016, p.418-419) corroboram com a identificação da realização pelos trabalhadores cariocas de sua

militância através do periodismo, tornando-o uma experiência social importante que enquanto “propaganda organizada e metódica” foi uma estratégia de luta prioritária definida por sindicatos, ligas e sociedades de resistências desde meados do século XIX. Destacando-se o marco do Segundo Congresso Operário em 1913 quando houve a aprovação da orientação de criação de jornais e auxílios aos já existentes no intuito de formar consciências e convicções diante da necessidade de se contrapor às visões e interesses da imprensa comercial.

Pensar a imprensa operária em 1917 é conectar sua atuação com o crescimento das greves pelas grandes capitais do país. No que concerne aos estudos do movimento grevista, Aldrin Castelucci (2019, p.265-266) comparou as greves gerais em Salvador, Recife, Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro entre 1917 e 1919. Nessas cidades com diferentes perfis demográficos, étnico-nacionais e político-ideológicos, o historiador percebeu que elas possuíam em comum as condições dos trabalhadores vivendo em “profunda deterioração das condições de trabalho e de vida em função da Primeira Guerra Mundial”. Com destaque para o período entre 1915 e 1917, a intensificação das exportações brasileiras para os países beligerantes promoveu graves problemas de desabastecimento e o aumento vertiginoso dos preços dos alimentos que resultaram no avanço da fome.

Consequentemente, a inflação e a especulação incidiam na vida dos operários que já sofriam com os altos índices de desemprego. E o aprofundamento da exploração na retomada da produção em 1917 com aumento nas jornadas de trabalho para uma carga diária superior a 12 horas, reduziram ou congelaram os salários, ampliaram as diferenças salariais inferiores das mulheres e o uso da mão-de-obra infantil.

Diante desse cenário em comum, as pautas gerais das reivindicações grevistas se assemelhavam entre as cidades acima pesquisadas pelo referido pesquisador baiano, dentre elas: aumento salarial; jornada de oito horas de trabalho; descanso semanal; abolição do trabalho infantil para menores de 14 anos; isonomia salarial entre homens e mulheres; garantia do direito de greve, da organização sindical e de não demissão dos grevistas; regularização do abastecimento dos gêneros alimentícios; combate à especulação e inflação (CASTELUCCI, 2018, p.276-277).

Castelucci (2018, p.269-270) faz uma importante observação no que se refere ao impacto da conjuntura internacional ao apontar um “consenso entre os contemporâneos e

historiadores” da influência positiva da Revolução Russa sob o movimento operário e a “grande onda de greves no Brasil entre 1917 e 1919”. Nesse processo, as lideranças anarquistas e socialistas se referenciaram de forma positiva na Revolução Russa até 1921, em seguida a divisão entre esses grupos se aprofunda, inclusive com a formação do Partido Comunista do Brasil (1922). E destaca o historiador, a visão dos jornais e revistas de ambas as correntes em várias cidades do Brasil sobre a Revolução Russa desenrolou-se como fonte de inspiração enquanto denunciavam as ações das potências imperialistas contra a Rússia.

No estudo pioneiro na historiografia da imprensa, Maria Nazaré Ferreira (1988) ressaltou que a imprensa operária possui o valor histórico de ser um documento vivo da história do operário industrial no Brasil porque é “acima de tudo informativo” e escritas com a participação individual e coletiva.¹⁵

A partir de uma renovação da pesquisa sobre o movimento operário, Silvia Petersen (2010) apresenta um ponto de vista diferenciado para além do valor do jornal como documento, caracterizando a imprensa operária como um dispositivo de circulação social e cultural entre locais e regiões. Desse caráter é destacado a importância do exame dos jornais como meios de conteúdos formativo-informativo de crítica social e mecanismo de integração da militância num plano inter-territorial.

A circulação dos jornais operários de regiões diferentes constituiu uma rede de relações sociais e difusão cultural na qual as notícias da Revolução Russa desencadeou um intercâmbio de ideias no âmbito da formação de valores, da orientação e escolha de projetos políticos.

Os critérios de escolha dos jornais operários brasileiros aqui investigados foram a existência de edições em 1917, disponibilidade para pesquisa nos acervos públicos e a publicação em português. No capítulo 2 serão abordadas as notícias publicadas entre os meses de março e junho utilizando dos recursos do Software NVivo® na análise temática

¹⁵ FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 1988. A autora sistematiza as seguintes características da imprensa operária: veículo de comunicação da classe trabalhadora que está ligada a um sindicato ou partido, sua mensagem é produzida de forma horizontal e interativa, e direcionada para interesses coletivos, funciona como instrumento de conscientização, mobilização e intercâmbio. Os periódicos operários estavam imersos nos problemas vividos pelos trabalhadores, essas páginas impressas apresentavam debates e informações sobre sua vida social e política. Havia publicações em todas as regiões do Brasil com uma forte interatividade geopolítica de suas edições. No final dos anos 10 do século XX se destacaram na atuação nessa imprensa, diversos militantes do meio operário, tais como: Antonio Canellas, Maria Lacerda de Moura, Otávio Brandão, José Oiticica, Astrojildo Pereira, Edgar Leuenroth, Domingos Passos, Evaristo de Moraes, Everardo Dias, dentre outros.

do conteúdo jornalístico. O tratamento das fontes está em diálogo com as pesquisas historiográficas para depreender as formas de “fazer-saber” e “fazer-creer” das abordagens dos mencionados impressos em suas coberturas jornalísticas dos acontecimentos russos.¹⁶

3.1 A Revolução de Fevereiro, o período da “lua de mel” com o Governo Provisório, a crise de abril e as manifestações de junho na imprensa operária.

No subitem “As notícias da Revolução Russa entre março e junho de 1917 nos jornais *A Semana Social* (Maceió) e *A Plebe* (São Paulo)” são abordadas as notícias que se referem a Revolução de Fevereiro, o período da “lua de mel” com o Governo Provisório, a crise de abril e as manifestações de junho na imprensa operária.¹⁷

Os jornais escolhidos estão de acordo com a ordem cronológica que surgem as notícias, ou seja, entre março e junho de 1917 elas estão localizadas nos periódicos *A Semana Social* (AL) e *A Plebe* (SP).

3.1.1. As notícias da Revolução Russa entre março e junho de 1917 nos jornais *A Semana Social* (Maceió) e *A Plebe* (São Paulo).

¹⁶ Maurice Mouillaud (2002, p.27) propõe o estudo do “corpo do jornal diário” a partir da análise do que ele considera ser as suas duas maiores funções enunciativas: “fazer-saber” em conformidade com a “finalidade dominante do discurso do jornal de produzir um efeito real por meio de procedimentos, autenticação e estratégias de descrição”. Dessa perspectiva, o “real do jornal diário” seria em “última instância” um “álibi que esconde o pleno desenvolvimento dos saberes disponíveis do jornalista”. A segunda “função enunciativa” é o “fazer-creer” na qualidade de um “pacto implícito com o leitor” cujo meio é o recurso ao discurso do outro seja como ponto de apoio para derivação do discurso em direção ao seu objeto ou no aproveitamento do argumento de autoridade fundamentada na “credibilidade do enunciativo e na credulidade do leitor”. Ao longo do estudo das notícias da Revolução Russa entre o mês de março e novembro de 1917 são utilizados alguns elementos desses conceitos para identificar e compreender quais são os modos dos jornais operários elaborarem seus enquadramentos das informações publicadas no acompanhamento dos acontecimentos russos.

¹⁷ O pesquisador Kevin Murphy (University of Massachusetts) realizou em 2017 na Universidade Federal Fluminense um Minicurso com carga horária de 8h sobre o “Soviete de Petrogrado em 1917” como parte da programação do Colóquio Internacional Marx e o marxismo 2017: De O capital à Revolução de Outubro (1867 – 1917) realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx). Fui aluna do Prof. Kevin Murphy nessa atividade formativa quando acessei suas formulações no que se refere, entre outros temas, a sistematização histórica da cronologia de 1917 entre a Revolução de Fevereiro e Outubro. E nela, o historiador dividiu nossos estudos em seis sessões onde analisamos publicações de jornais russos, alguns trechos de obras memorialistas e discursos políticos. E na divisão cronológica dessas sessões no material didático foi assim dividida: “A formação dos soviets e o período da ‘lua de mel’ com o Governo Provisório” para o período de março; a segunda sessão “A nota de Miliukov e a crise de abril”; em seguida “A ofensiva de Kerensky e as manifestações de junho”; a quarta sessão foi “A semi-insurreição dos dias de julho”, a penúltima “A tentativa de golpe de Kornilov” e a sexta “A Revolução de Outubro”. Os temas da divisão dos capítulos estão referenciados nesses estudos historiográficos realizados em aula com o Prof. Kevin Murphy.

Os próximos subitens serão divididos por critério cronológico, então no subitem 3.1.1.2 serão apresentados as notícias do mês de março que estão no jornal *A Semana Social* (AL) e no seguinte 3.1.1.3 estarão as notícias do mês de junho publicadas por *A Plebe* (SP). A análise temática das notícias é realizada a partir dos recursos do Software NVivo, em seguida é apresentado o contexto da Revolução Russa a partir de pesquisas historiográficas especializadas com o intuito de tornar possível compreender a relação entre o desenrolar dos processos russos e seus impactos nos jornais operários brasileiros.

3.1.1.2. O jornal *A Semana Social* (Maceió) em março de 1917.

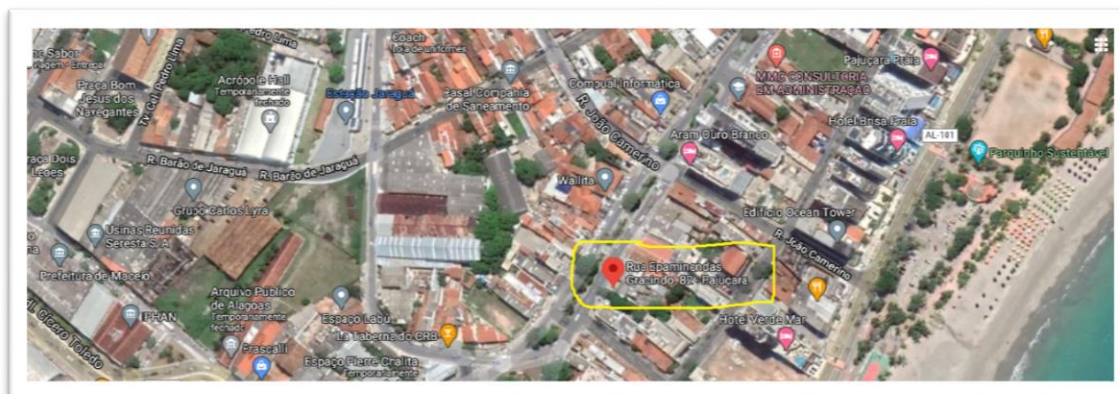
No mês de março foi publicada em 1917 na imprensa operária a primeira notícia sobre a Revolução Russa.

O Jornal, alagoano, *A Semana Social* em seu primeiro número publicado em 30 de março de 1917, um pouco mais de um mês após o início dos acontecimentos revolucionários na Rússia, se apresenta como “verazes informadores” dos leitores e assinantes, defensores da liberdade e da justiça em busca de um “regime político-econômico fundado na paz, no respeito mútuo e igualdade nos meios de desenvolvimento e ação em todas as manifestações da vida”.¹⁸

O jornal *A Semana Social* se identifica no lançamento da primeira edição do Ano I como um órgão político, literário e noticioso que realizava impressão em oficinas próprias com redação localizada na Rua do Araçá, nº82 do Bairro Pajuçara, conforme imagem abaixo.

¹⁸ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

Figura 6 – Localização atual da Rua Epaminondas (antiga Rua do Araçá), nº82.



Fonte: Google Maps (2020).

Figura 7 – Fachada atual da antiga sede do Jornal *A Semana Social* em Macéio (AL).



Fonte: Google Maps (2020).

Na segunda página do primeiro número de 30 de março de 1917, a seção “Expediente” anunciava que *A Semana Social* era um “órgão dos interesses gerais” que seria publicado a cada dia dez do mês com assinaturas mensais na capital por \$500 (R\$25) e no interior por \$800 (R\$40).¹⁹

¹⁹ Jornal *A Semana Social*, Macéio, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP. Valores das assinaturas convertidas através do Índice Estadão do jornal *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acessado em: 31/01/2018. A moeda em 1917 era chamada de réis, antes do cifrão identificava centenas, antes do símbolo começava o milhar.

Figura 8 - Tabela de Gastos Mensais - consumo real e mínimo de uma família operária pequena (homem, mulher e duas crianças)

Gastos mensais dos operários.	
Alimentação.....	89\$900
Alojamento.....	45\$000
Outras necessidades.....	32\$000
Vestuário.....	40\$750
Total.....	207\$650

Fonte: HARDMAN; FOOT, 1991, p.156.

Hardman e Foot (1991) indicam que num orçamento familiar tradicional a despesa mínima era 100% superior aos ganhos normais, considerando que os salários mensais, no campo e nas cidades variavam em média entre 80\$000 (oitenta mil réis) e 100\$000 (cem mil réis) por mês.²⁰

Esses indicadores do custo de vida indicam que havia um grande esforço para os trabalhadores adquirirem os jornais da imprensa operária. Demonstrando possibilidades de uma relação de alto interesse e solidariedade. Tais periódicos enfrentaram mais dificuldades financeiras devido às perseguições políticas que limitavam a publicidade, as repressões policiais que destruíam seu maquinário e as censuras que oficializavam a proibição de suas publicações.

Otávio Brandão, em depoimento, informou que devido a boicotes, os maiores leitores do *A Semana Social* eram grupos de operários e pequenos-burgueses progressistas. E ressaltou a importância desse periódico no âmbito das críticas publicadas à Primeira Guerra Mundial e da relação do redator, Antonio Canellas, com Astrojildo Pereira possibilitando trocas de correspondência com indicações de leituras políticas, principalmente autores clássicos do anarquismo (Bakunin, Kropotkin, Malatesta, etc.).²¹

²⁰ Esses últimos dados referenciados na publicação de Helio Negro e Edgar Leuenroth, *O que é o marxismo ou bolchevismo* (1919), incluem no item “outras necessidades”, as seguintes demandas: sabão, três sacos de carvão, fósforos, querosene, mensalidade ao barbeiro e a sociedade de socorros mútuos. NEGRO, Helio e LEUENROTH, Edgar. *O que é o marxismo ou bolchevismo – Programa Comunista*. São Paulo, 1919.

²¹ REGO, Otávio Brandão. Otávio Brandão (depoimento, 1977). Rio de Janeiro, CPDOC, 1993, p.6-8. Otávio Brandão Rego (1896-1980) colaborou diretamente ou publicou artigos nos periódicos *A Semana Social* (AL), *Tribuna do Povo* (PE) e *A Plebe* (SP). Era alagoano, farmacêutico, pesquisador naturalista de botânica, mineralogia e geologia, defendeu a existência de indícios petrolíferos em Alagoas. Foi fundador do PCB, vereador por dois mandatos (1928 e 1946), sofreu dezessete prisões e a primeira deportação do governo Vargas (1931), nesse caso para a URSS. De militante libertário se tornou militante e intelectual do PCB numa longa e profícua trajetória política (AMARAL, 2003). Antonio Bernardo Canellas (1898-1936),

No estudo sobre a trajetória de Antonio Canellas, o pesquisador Bruno Araujo (2015) supõe que a presença de anunciantes de perfis diversos (profissionais liberais, pequena burguesia e artistas anônimos) no *A Semana Social* é um indicativo de que havia uma boa aceitação dos leitores e da conquista do redator em manter patrocinadores do seu periódico anterior (*Tribuna do Povo* - Viçosa/AL). Araujo (2015, p.90-92) afirma também que *A Semana Social* provocou impacto social de “grande repercussão em Macéio e nas cidades circunvizinhas” com venda em Aracaju e distribuição para o Rio de Janeiro, alcançando uma circulação nacional.

A Semana Social foi publicado entre março e dezembro de 1917 com vinte e seis edições, alcançou periodicidade semanal a partir do oitavo número num formato tablóide²², com 4 páginas, cada uma com 4 colunas com espaços fixos para comentários sobre a Primeira Guerra Mundial, o Mundo Jornalístico, Correspondências, Esportes, Notas Sociais e “Reflexões” (amor, liberdade, vida, esperança, etc.).

A pesquisada desenvolvida por Eduardo Freire (2009) sobre o design no jornal impresso diário, caracterizou as fases da enunciação jornalística a partir das tecnologias de produção gráfica predominantes e seus respectivos recursos de design jornalístico, observando a participação destes na construção de sentidos através de operadores como: topografia (distribuição espacial na página), tipografia, cores, imagens e elementos gráficos.²³

redator do jornal *A Semana Social*, carioca, de família humilde com estudos incompletos, se mudou para Viçosa (AL) muito jovem, às vésperas dos 17 anos, talvez por motivos políticos de campanha contra a Guerra ou para participar de organização sindical, além da hipótese de se distanciar de perseguições. Canellas como redator de *A Semana Social*, empreendeu no jornal um perfil de crítica à Primeira Guerra Mundial e defesa do pacifismo. Quando o Brasil aderiu ao conflito mundial em 16 de novembro de 1917, o jornal foi apedrejado por simpatizantes bélicos e Canellas precisou se refugiar em Pernambuco onde aderiu ao sindicalismo revolucionário. Em 1919 foi à Europa como representante da Federação de Resistência de Pernambuco na Conferência Sindical de Berna e no Congresso Sindicalista de Amsterdã. Em março de 1922 durante o I Congresso do PCB Canellas foi eleito para integrar a primeira Comissão Central Executiva. E como ainda estava na Europa foi eleito delegado para o IV Congresso Mundial da Internacional Comunista no final de 1922. Por divergências nesse evento foi expulso do PCB em 1923 (ARAÚJO, 2015; DULLES, 1977).

²² O termo tabloide designa um formato de jornal que surgiu na imprensa londrina em meados do século XX, no qual cada página mede aproximadamente 43 x 28 cm.

²³ Osvaldo Maciel (2009, p.70-71) trabalhou com uma carta enviada a União Tipográfica de Pernambuco e publicada no periódico *A União* (Recife, 21 de março de 1895) para reconstituir a jornada de trabalho do compositor-tipógrafo: Um dia de trabalho de um compositor tipógrafo começa normalmente por volta das 9 horas da manhã. Durante seis horas ele irá “levantar a composição” de 250 linhas em tipo 8, com 44 meios quadratins, que eram o tipo e a forma mais comuns utilizados na composição de textos para jornais. Levantar mais que isso - 270 linhas, por exemplo – “não é comum” nas tipografias de Pernambuco e é “trabalho forçado”. À medida que as colunas ou as matérias (não está bem claro) vão sendo compostas, existe a necessidade da impressão de uma página para a revisão. Para cada 250 linhas, são necessárias “2,3 e mais parcellas [intervalos]” para a impressão e revisão, que duram “2,3 e mais horas” sem remuneração.

Os estudos de Freire (2007) a partir da trajetória do periódico *O Estado de São Paulo* no que tange as transformações tecnológicas e as mudanças de linguagem propiciadas pelo design de notícias propõe uma classificação de fases para o jornalismo brasileiro. E a primeira fase, que seria entre 1875 e o final dos anos 1960, identificada como tipográfica, marcaria principalmente os jornais operários que não possuíam recursos para aquisição de maquinaria mais moderna, como linótipos, impressoras a vapor e depois elétricas.²⁴

O artifício mais eficaz e mais utilizado na diferenciação e na atração do olhar neste período da produção jornalística era a tipografia. O uso de tipografias diferentes chegava a ser exagerado em função da falta de outros recursos para diferenciação dos conteúdos, bem como de outras limitações técnicas típicas do processo de impressão, como a falta de letras de uma mesma fonte. Os tipos móveis eram comprados com um número restrito de caracteres (certa quantidade de “a”, outros tantos “e”, “s” etc.) e de tamanhos de letras. O tipógrafo compunha as páginas com os caracteres na rama (mesa de composição). Os caracteres, após a impressão do material, seriam reutilizados em outras páginas. Dependendo da quantidade de páginas compostas ao mesmo tempo, isso limitava a construção de frases, obrigando o tipógrafo a variar as fontes à medida que iam acabando as opções. Isso se dava mais nos títulos, pois os artigos podiam ser compostos nas linótipos. Portanto, a mistura de fontes e tamanhos, tão típica da época, não se dava apenas

Ou seja, cada intervalo para a revisão dura em média uma hora que, somada às seis horas para a composição, já bate na casa das nove, dez horas de trabalho. As emendas e o “processo de provas” nos textos revistos consiste no conserto das incorreções identificadas pelos revisores. Elas demoram cada uma cerca de 30 minutos – o que acrescenta mais uma ou duas horas, conforme a divisão em 2 ou mais momentos de provas: já se foram entre dez e doze horas de serviço. No entanto, ao longo desta composição, as letrinhas (os tipos) não são apenas retiradas das gavetas para a prancha de composição, mas são lá recolocadas, de acordo com a sua gaveta: das grandes gavetas dos As e Es às pequenas gavetas dos Qs e Vs. Lá se vão mais duas horas e meia. São doze, quatorze horas ao todo a rotina diária de trabalho de um compositor tipógrafo. Em alguns casos, há aprendizes para fazer esta última tarefa de recolher os tipos. Para ter-se idéia do que significa este labor, o periódico *O Trocista* em sua primeira página traz cerca de 65 linhas em cada uma das quatro colunas em que era impresso. Isto porque a primeira página possui no alto o frontispício, com título e chamadas da redação do jornal. Nas páginas “de dentro”, seus exemplares traziam alguma coisa em torno de 75 a 80 linhas. Multiplicando estas linhas pelo número de colunas, temos cerca de 260 linhas para a primeira página e entre 300 e 340 linhas para as demais. Como era um periódico que saía apenas aos domingos, dois bons tipógrafos dariam conta desta tarefa ao longo de semana. Um jornal deste porte, impresso diariamente, precisaria de pelo menos cinco tipógrafos rápidos em trabalho intensivo.

²⁴ A Linotipia é um processo de impressão realizado por uma máquina de composição utilizando tipos de chumbo, chamada Linotipo (ou Linotype), criada nos EUA (1884), pelo alemão Ottmar Mergenthaler. A tipografia era o principal meio de composição de textos, método manual de juntar os tipos móveis um a um. Com a máquina Linotipo era possível compor uma linha inteira de texto, que, quando batida no teclado da máquina, era imediatamente fundida com chumbo em ponto líquido equipado e integrada na composição de colunas e de páginas. Após a mecanização, a produtividade do processo de composição aumentou: um operador de linotipo podia compor o equivalente à produção de sete ou oito compositores manuais. (Disponível em: <http://revistaponto.com.br/materias/memoria-e-sociedade/uma-breve-historia-da-linotipo/>. Acesso: 29/10/2019).

por gosto do tipógrafo, mas também por limitações da própria técnica (FREIRE, 2009, p.298).²⁵

No campo das investigações sobre as mudanças no design de jornais, há uma sistematização referenciada do autor Canga Lerequi (1994) das condições do jornal na fase tipográfica: impressão com aspectos ainda artesanais, enunciação semelhante às dos livros, recursos gráficos limitados a linhas e floreios gráficos e a tipografia (fontes) possuía apenas a uma família de letras na mesma altura. Acrescenta-se, algumas ilustrações, fotografias ainda de qualidade limitada. O gráfico ou tipógrafo eram responsáveis pela diagramação, desenho das páginas e escolhas de imagem.

Octávio Brandão (1993, p.7) descreveu Antonio Canellas, como “tipógrafo, jornalista, escritor” que “deixava de comer para juntar dinheiro para poder comprar papel”, mas não tinha linotipo, “debaixo daquelas caixas dos tipos, um cantinho, era ali que ele dormia”. Dessa forma, Canellas, certamente, se dedicava por muitas horas para compor manualmente quatro páginas de quatro colunas com textos longos e moderno design de linhas e fontes.

O nome *A Semana Social* traz nessa identidade um enunciador de uma abordagem “social” das notícias, ou seja, sua assinatura era de garantir os aspectos sociais dos acontecimentos semanais. O tipógrafo destacou com variedade o peso e a estrutura na tonalidade do nome ao ser apresentado com todas as letras em maiúscula num formato que se associa ao que usamos como negrito e itálico.

No primeiro número, em sua primeira coluna à esquerda há o título “*A Semana Social*” comunicando o lançamento do jornal e explicando seu objetivo de analisar as manifestações da vida social sob o ponto de vista do ideal de estimular “os homens sinceros a estudar as causas da Dor”. E sintetiza assim o seu programa e ideais:

Sermos verazes informadores dos nossos leitores e assinantes; sermos dedicados defensores da Liberdade e Justiça; mantermos uma leal neutralidade em torno das questões sobre as quais não tivermos forças ou motivo para expender nossas opiniões; batermo-nos pela implantação de um regime político-econômico fundado na paz; no respeito mútuo e na igualdade perante os meios de desenvolvimento e da ação em todas as manifestações da vida normal.²⁶

²⁵ FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. *Galáxia*. São Paulo: PUC, Nº 18, 2009, p.298. O autor esclarece que utiliza o termo “tipografia” para designar tanto o processo gráfico quanto o desenho das letras, ou fontes tipográficas, dependendo do contexto. Neste trecho refere-se ao desenho.

²⁶ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM - UNESP.

Á jusante da declaração de sua missão, *A Semana Social*, apresenta a segunda coluna com o seguinte título em negrito: *A Revolução Russa* e o subtítulo em caixa alta: *SUAS CAUSAS E POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS* pressupondo a credibilidade do enunciador na promoção da informação. O referido artigo ocupam a segunda, terceira e quarta colunas sem identificar o autor.

Figura 9 – Jornal A Semana Social (Ano I – Nº 1)



A SEMANA SOCIAL

ÓRGÃO POLÍTICO, LITTERARIO E NOTICIOSO

Anno I—Nº 1 | Composto em officinas próprias | MACEIÓ, 30 DE MARÇO DE 1917 | Redacção: Rua do Araújo n.º 82. Pajussara
REDACTOR-TYPOGRAPHO—ANTONIO CANELLAS

A SEMANA SOCIAL

Animados do desejo de bem servir ao publico como orgão de informações e convencidos de necessidade — de se instalar na imprensa um porta-voz do grito do povo oprimido, iniciamos hoje a publicação deste periodico.

Oh! O grito do povo oprimido! Generoso grito! Generoso e justo mas, infelizmente que não consegue atravessar essa muralha de indifferentismo rotineiro e de interrupção systematica constituída pela imprensa burgueza e ecoar, limpido e vibrante, no coração de todos os homens que ainda possuem a noção da justiça e o amor para com o proximo!

Mas, aqui estamos — decididos a manter, através dos maximos sacrificios, este baluarte da luta do ideal contra a rotina e este interprete das aspirações genuinamente populares.

Conhecemos o quanto é bella e digna a norma da imprensa que, por prezão, o seu decoro e por pôr em alta conta os seus principios do respeito mútuo, se torna alvo dos applausos do publico consciente e depositaria da confiança dos homens sinceramente moralizados — e por estarmos penetrados dessa verdade é que jámais enveredaremos pelo caminho da critica pessoal e dos ataques á vida privada dos individuos.

Mas, essa promessa não é tudo; A nossa missão — a nossa principal missão — é analysar as manifestações da vida social sob os pontos de vista dos nossos ideais; é conciliar todos os homens sinceros a estudar as causas da Dor que infelicitá os habitantes deste planeta desde o pobre ao potentado, desde o escravo até ao cidadão liberto, desde o selvagem até ao super-civilizado; é, enfim, proclamar aquillo que julgarmos ser a verdade e a justiça.

Eis, em syntese o nosso programma e os nossos ideais:

Sermos verazes informadores dos nossos leitores e assignantes; sermos sermos dedicados defensores da Liberdade e da Justiça; mantermos uma leal neutralidade em toro das questões sobre as quaes não tivermos força ou motivo para expender nossas opiniões; batermos-nos pela implantação de um regimen politico-economico fundado na paz, no respeito mútuo e na egualdade perante os meios de desenvolvimento e de acção em todas as manifestações da vida social.

A Revolução russa

SUAS CAUSAS E SUAS POSSIVEIS CONSEQUENCIAS

Não errávamos quando, ha mezes, diziamos no periodico "Tribuna do Povo" de Viçosa que nenhum dos regimens politico-dirigentes dos paizes em guerra se monteria devido ao conflito que elles prepararam calculadamente no tundo sombrio dos gabinetes diplomaticos e fizeram explodir no momento em que os animos estavam transtornados pelos olhos do crime de Sarajevo.

As nossas predições estão realizando-se em parte pois as noticias da Europa nos relatam que o tzar e seu partido foram depositos do poder que exerciam despoiticamente. E dizem-nos ainda os telegrammas que ao governo do knut siberiano succedeu a soberania do Ivan — do, pobre povo não ha muito liberto da servidão corporal.

Que forças mysteriosas prepararam e levaram a effeito um tão grande commettimento? Não parecia que Nicolau Makaroff estava, mais do que nunca seguro, no seu palacio de Moskow a jogar com a vida e o destino de 150 milhões de creaturas? E, então, onde está a explicação desse phenomeno social de que foi campo o ex dominio dos satrapas da Moscovia?

A explicação desse phenomeno obtém-se analysando-se com a lente realista do materialismo historico os acontecimentos que ha 30 mezes estão se desenrolando sanguinolentamente no sólo da velha Europa.

Por mais superficial que seja tal analyse, ter-se-ha de constatar que a guerra da Russia contra os imperios contrarios é fructo da politica da expansão slava.

Ora, essa expansão era feita com a opposição do povo russo e com o sacrificio das necessidades vitaes da raça slava.

Quando o czar quiz expandir-se pela Mandchuria afóra, o povo russo levantou-se revoltado e foi afogado em sangue; agora, quando a expansão do politico coroado se dirigiu contra a Austria e a Asia

Menor esse mesmo povo havia de, fatalmente, levantar-se de novo.

Para se poder comprehender claramente o que se está desenrolando na Russia é preciso que não se julgue a "expansão slava" como sendo o objectivo real da evolução do povo russo; A "expansão slava" é criação dos czares, grãos-duques e seus satellites. Essa expansão é prejudicial á vitalidade da raça slava em dois pontos capitais: o progresso e o bem estar.

Uma Russia expansiva e guerreira implicava na existencia de uma Russia ignorante, cossaca e despótica; ora, isso é a paralisação e a crystallisação do progresso de um povo. Por outro lado, os camponozes russos vtm-se constrangidos a vender o trigo aos ingleses para poderem pagar os impostos necessarios ao custeio dos grandes exergitos e das grandes esquadras e ficarem se alimentando de cascas de slamo branco.

Só se poderá admitir a expansão slava como sendo a cruzada de uma Russia livre e civilizada em prol da libertação e do soerguimento de povos irmãos sujeitos á escravidão e á barbaria por outros povos. Mas isso está muito longe da realidade: A Russia, ao principiar a guerra, era um paiz de governo despótico e de povo atrazado — ao passo os slavs incorporados á Confederação Germanica e á Monarchia Dual gozavam de uma liberdade e de uma civilisação incomparavelmente superiores ás dos seus irmãos da Russia.

Do que precede conclue-se que as necessidades da evolução politico-social do povo da Santa Russia não exigem uma expansão por por meio de conquistas guerreiras. O povo russo precisa, sim, de um regimen politico-economico equitativo e liberal para poder, então, seguir sua evolução normal até que a sua cultura e a sua civilisação transbordem para além de suas fronteiras pela palavra dos seus sabios e philosophos e pelo exemplo de sua organisação social.

que se acaba de inaugurar por meio de uma revolução libertadora.

Poderá a illusão — a fatal illusão — da santidade da causa alludada perdurar durante algum tempo mais no espirito do povo russo; porém, a consolidação do novo regimen e a demoralisação do poder militar dos aliados são razões sufficientes para conduzir a Russia a uma paz proxima.

O povo russo é o povo mais sincero da Europa — e, por isso, quando chegar a comprehender que a guerra não é mais a SUPREMA RATIO que deeciderá a actual situação terá logar no paiz das steppes e dos gelos a fallencia politico-dirigente, a fallencia militar, a fallencia economica, resumidas n'uma unica e formidavel fallencia: a fallencia burgueza.

A essa grande convulsão social não serão indifferentes os sociaes democraticas que, com Liebknecht, aguardam na Alemanha, o despertar dos seus irmãos latinos e anglo-saxões para pôr um termo á carnificina monstruosa a que foram, todos, conduzidos pela illusão patriótica e pelas mentiras burguezas.

Oxalá que essa previsão se realice! Quanto lucrará o ideal da perfeição humana si na sabia Europa vir a reinar a liberdade alludada ao respeito mútuo, a egualdade perante os meios de desenvolvimento e de acção e a Fraternidade—Universal e Indivizível!

Dr. MANOEL BRANDÃO

Fixou residencia n'esta cidade o dr. Manoel Brandão, estimado clinico viçosense.

O illustre esculapio exerceu durante durante longos annos a sua nobre profissão na prospera cidade de Viçosa onde goza de uma fama excepcional.

O recém-chegado tem firmado varias escriptos scientificos que lhe valeram a admiração de seus collegas.

Estamos certos de que a actividade profissional do dr. Manoel Brandão será altamente proveitosa para os seus clientes desta capita da meama forma que o foi para a vasta clientella que soube angariar na verde região de Viçosa.

As suas consultas terão logar na «Pharmacia Globo», á rua do Commercio n.º 53.




A *Semana Social* foi o primeiro jornal da imprensa operária a publicar notícias da Revolução de Fevereiro na Rússia transcorrida no calendário ocidental entre os dias 8 e 16 de março de 1917. Nota-se que o periódico estava atualizado no acompanhamentos dos acontecimentos políticos internacional.

O texto inicia fazendo uma associação com o periódico *Tribuna do Povo* de Viçosa (AL) citando que estava repetindo uma análise já publicada sobre a Primeira Guerra Mundial como um “conflito calculado e manipulado” pelos países beligerantes que resultariam numa crise de seus respectivos regimes políticos. Para confirmar essa hipótese, comunica que as notícias chegadas da Europa são de que “o czar e seu partido foram depostos do poder que exerciam despoticamente” e sucedido pela soberania do “pobre povo não há muito liberto da servidão corporal”.²⁷

Diante dessa notícia há um questionamento: “que forças misteriosas preparam e levaram a feito um tão grande cometimento?” quando parecia que “Nicolau Makaroff estava seguro no seu palácio de Moscou a jogar a vida e o destino de 150 milhões de criaturas”?

A “explicação desse fenômeno social” é apresentada através da “lente realista do materialismo histórico” sob os acontecimentos que se “desenrolavam sanguinolentamente no solo da velha Europa” onde a “guerra da Rússia contra os impérios centrais era resultado da política de expansão eslava”. Essa última aconteceria com a “oposição do povo russo e com sacrifício das necessidades vitais da raça eslava” porque a Rússia “expansiva e guerreira” dos czares era uma “Rússia ignorante, cossaca e despótica” que “paralizava e cristalizava o progresso do povo russo”.²⁸

²⁷ O jornal *Tribuna do Povo* foi publicada por Canellas em Viçosa (AL) entre agosto de 1916 e janeiro de 1917 com 18 edições. Devido à atuação do tipógrafo nesse jornal com denúncias e propagação de uma ideologia contrária ao senso comum hegemônico, surgiu um estopim, como a coluna de nome “Canhenho Policial”, cujas notícias somadas com a campanha contra a Primeira Guerra Mundial foram responsáveis pelo fim da publicação do periódico e consequentemente da migração de Canellas para Maceió–AL (ARAÚJO, 2015, p.87).

²⁸ O autor destaca que utilizou o materialismo histórico para analisar o “fenômeno” da Revolução Russa, isso significa que de alguma forma, sendo provavelmente uma autoria de Canelas é possível supor que ele acessou algum tipo de leitura da obra de Marx e se identificou com esse conceito teórico para analisar as causas e consequências da Revolução Russa. Evaristo de Moraes Filho (2003) no seu levantamento da proto-história do marxismo no Brasil identifica que em 1917 o nome de “Marx era conhecido, nem sempre lido ou compreendido” e com a Revolução Russa seu nome foi propagado na imprensa brasileira, acompanhado dos nomes de Lênin e Trotsky. O autor destaca uma tradução do Manifesto Comunista realizada por Otávio Brandão em 1923, assim como, a declaração desse militante em seu livro de memórias, *Combates e Batalhas*, de que realizou seus primeiros estudos marxistas entre os anos de 1921 e 1922. João Quartim de Moraes (1995) afirma que o interesse pela obra de Marx no Brasil era limitado a pequenos círculos de simpatizantes do socialismo até que o “entusiasmo” pela Revolução Russa (1917) estendeu-se

Por isso, na interpretação do jornal *A Semana Social*, o povo russo necessitava de um “regime político-econômico equitativo e liberal” para poder “seguir a evolução normal até que a sua cultura e civilização transbordem além de suas fronteiras” com as “palavras de seus sábios e filósofos” e pelo “exemplo de sua organização social”. Nessa perspectiva estava a compreensão de que a Rússia antes da guerra era um país de governo despótico e “povo atrasado” em comparação à “Confederação Germânica” considerada de superioridade na “civilização e liberdade”.²⁹

O periódico da capital alagoana avaliava que superação dessas condições de uma Rússia “ignorante, cossaca e despótica” era uma das possíveis consequências da queda do czarismo. A Revolução de Fevereiro associada com essa necessidade de modernização foi qualificada como “árvore generosa”, “árvore da liberdade” e “revolução libertadora”. Sendo capaz de fazer o povo russo “compreender a guerra como política criminosos dos czares” e de promover a paz, na medida em que a “consolidação do novo regime desmoralizaria o poder militar dos aliados e demonstraria a falência burguesa”.

Se o gênio mau da burguesia não impedir, com a sua manha, a ramificação da árvore generosa que acaba de despontar na Rússia – a árvore da Liberdade - o povo russo não tardará a compreender que a guerra ao bloco austro-alemão pertence à política criminosos dos czares e grãos-duques e que, portanto, que tal guerra não deve fazer parte da nova era que se acaba de inaugurar por meio de uma revolução libertadora.³⁰

A imagem construída pela ideia de uma “árvore” representando a Revolução Russa na sua primeira notícia no mês de março promovia a percepção de um evento cuja força “generosa” iria compartilhar suas raízes semeadoras de frutos novos capazes de contruírem um futuro libertador para o povo e primeiro passo para “nova era” deveria ser a escolha pela paz.

ao marxismo. Batalha (1991; 1995) ao analisar a difusão do marxismo entre os socialistas brasileiros no final do século XIX aponta que os socialistas desse período podem não ser classificados marxistas pelos critérios de hoje, mas estariam classificados como tais pelos critérios do seu tempo. Bruno Araújo (2017) esclarece que na polêmica historiográfica no que se refere ao posicionamento político-ideológico de Canellas ora considerando-o como anarquista, ora socialista revolucionário ou em “evolução” para comunismo, há um consenso na maior parte das análises que Canellas posicionou-se como anarquista, sobretudo pelas suas constantes contribuições com o periódico *A Plebe*, de São Paulo. A pesquisa de Araújo (2017) sobre a trajetória e experiência de Canellas no Nordeste, identificou-o como “propagador das ideias anarquistas, com uma inclinação, na década de 1920, para o anarcossindicalismo”. Para este autor, a militância de Canellas é caracterizada pelas contradições ideológicas, ações, manifestações, divulgações, lutas, greves, associações em sindicatos, representações, viagens, produções escritas e conhecimento do contexto social, político, econômico e cultural das cidades nordestinas por onde viveu.

²⁹ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

³⁰ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

O último paragrafo é uma demonstração de esperança pelo sucesso das previsões para os acontecimentos russos e seus reflexos na Europa para o alcance da liberdade, igualdade e fraternidade:

Oxalá que essa previsão se realize! Quanto lucrará o ideal da perfeição humana se na sábia Europa vir a reinar a liberdade analisada ao respeito mútuo, a igualdade perante os meios de desenvolvimento e de ação e a Fraternidade - Universal e Indivisível!³¹

Por que o antigo regime czarista entrou em colapso? Para entender como a revolução chegou em fevereiro, muitos autores se dedicaram a esse tema em maior ou menor grau. Smith (2015) observa que a tendência mais significativa da Historiografia no século XXI é posicionar as revoluções de 1917 diretamente em uma narrativa que começa com o início da guerra em 1914 e termina com o estabelecimento da URSS em 1922.³²

Na perspectiva de Smith (2015), a historiografia mais recente na Rússia e no Ocidente, especialmente trabalhos que explicam a História da Rússia no quadro imperial, exploram “como as forças sísmicas desencadeadas pela guerra transformou o cenário político em grande parte da Europa (1917-1923)” e de que forma a “guerra total” originou instituições e práticas políticas que alvitaram o regime soviético.

Os historiadores sempre reconheceram derrota militar, cansaço de guerra e crescente privação na frente doméstica como as principais causas da derrubada da monarquia e do posterior fracasso do Governo Provisório.³³

Lars Lih (1990), historiador canadense, foi um dos pioneiros nessa abordagem de um “continuum” de crise nacional russa entre 1914 e 1921 ao investigar a “desintegração da sociedade russa e a luta para reconstituí-la” por meio de uma pesquisa sobre a crise de suprimento de alimentos como “sintoma e intensificador do deslocamento geral e depois colapso da vida econômica e social nacional”.³⁴

³¹ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM - UNESP.

³² Nessa produção historiográfica destaca-se as publicações de Peter Holquist (2002) que trata os eventos de 1917 como parte de um processo revolucionário mais amplo considerado um “continuum de crise” incluindo guerra, revolução e guerra civil. Outros estudos seguem uma abordagem semelhante como: Sanborn (2003); Tolz.; Semyonov e Von Hagen (2014), Frame.; Kolonitskii, Marks e Stockdale (2014) e Gatrell (2005).

³³ Na historiografia de estudos referenciados entre os anos 70 e 80 é possível citar importantes análises sobre os processos russos em Fevereiro de 1917 nas obras de Fitzpatrick (2017), Carr (1981), Ferro (1988), Hill (2017), Hasegawa (2018).

³⁴ Lih (1990) demonstrou como os problemas de suprimentos de alimentos não foram causados por uma absoluta falta de grãos no país, os três governos (czarista, provisório e bolchevique) enfrentaram um problema maior que era levar os grãos do produtor camponês ao morador da cidade e ao soldado. Havia

Lih (1990) apresenta os sete anos do respectivo estudo como um “tempo de problemas”, tradução da expressão russa *smutnoe vremia* cujo significado histórico representa um período entre o colapso de um governo e a fundação de um regime sucessor estável onde há turbulência, conflito, confusão e falta de clareza. Nesse contexto de incerteza sobre a localização da autoridade soberana é quando as instituições coordenadoras da vida pública perderam a confiabilidade e não funcionaram mais, o ambiente passou a ficar descontrolado.

Algumas décadas depois, numa publicação traduzida ao português, Lih (2017) aponta para uma continuidade entre os eventos de fevereiro e outubro de 1917. Os primeiros como uma revolução democrática anti-burguesa que proclamou o poder do soviete. E o papel de outubro havia sido o de confirmar que os sovietes não deixariam a cena pacificamente.

Neste artigo, Lih (2017) explica como a dissolução da dinastia Romanov deixou a Rússia sem uma autoridade soberana geral reconhecida, ou seja, sem um “*vlast*” que no sentido pleno em russo significa “controle pleno das forças armadas e possuidor de legitimidade, missão e base social”.³⁵

Para esse autor, as linhas de forças fundamentais de 1917 foram estabelecidas durante os eventos de 27 de fevereiro (calendário russo). Porque neste dia houve o colapso do “*vlast* czarista histórico” e em seguida o Soviete de Petrogrado formado por intelectuais socialistas, representantes de fábricas e soldados lançou a Ordem Número Um. E esse ato atribuiu ao Soviete o controle sobre as Forças Armadas e a lealdade e confiança dos soldados pela defesa da democratização e formação de comitês de soldados.

A terceira linha de força foi o Governo Provisório formado por uma elite de políticos liberais. Esta linha tentou exigir para si um “tipo de legitimidade para continuidade e transmissão legal do poder”, mas era uma “reação à criação do soviete”. Outra dificuldade era o desequilíbrio entre as classes da elite, o que as enfraquecia ainda mais quando confrontadas com o Soviete de Petrogrado na forma de um “ativo *vlast*

uma série de obstáculos: colapso dos transportes, vicissitudes da guerra civil e a relutância dos camponeses para comercializar e entregar seus grãos.

³⁵ As pesquisas de Lih sempre trazem ricas e importantes notas de tradução e explicação histórica de termos e conceitos russos. Neste, explica que não podemos fazer uma tradução literal de “*vlast*” como “power” em inglês porque não atende completamente ao sentido de autoridade soberana caracterizada por ser possuidora do direito à decisão final, da capacidade de tomar decisões e verificações das suas implementações.

soviético”. Contudo, o Governo Provisório recebeu apoio das lideranças socialistas moderadas do Soviète, cuja visão era de “manter os elementos mais progressistas da elite ao lado da revolução”.³⁶

Enquanto começava a se desenrolar esses primeiros momentos da Revolução na Rússia, aqui no Brasil, em Maceió (AL), *A Semana Social* indicava que recebia informações do cenário internacional por “telegramas” no artigo que supomos ser de autoria do próprio redator. A notícia da Revolução de Fevereiro foi elaborada a partir de uma breve análise crítica da Primeira Guerra Mundial como um jogo de interesses entre os países dirigentes do conflito.

A redação dessa primeira notícia procura abordar a expansão eslava como o caminho de fortalecimento do czarismo, exemplo de violência e fome. E, do outro lado, o povo russo, “o povo mais sincero da Europa”, escravizado na barbárie, mas vivendo uma “Revolução Libertadora”, poderia ser capaz de “compreender que a guerra não é mais a SUPREMA RATIO que decidirá a atual situação, terá lugar no país das estepes e do gelos a falência burguesa” e conduziria seu país à paz.

Há um sentimento de que os acontecimentos na Rússia poderiam ser a possibilidade de realização na Europa do projeto de liberdade, igualdade e fraternidade – “universal e indivisível”. E, principalmente, nota-se uma expectativa da Revolução Russa impactar no fim da guerra com sua escolha pela paz.

Claudio Batalha (1991, p.3) ao analisar a imagem da Revolução no Movimento Operário Brasileiro no início do século XX, identificou que dos anos de 1890 ao início da década de 1920, “quase todas as correntes ideológicas que nele atuavam (anarquistas, sindicalistas, revolucionárias, socialistas, positivistas, republicanos sociais, etc.) reconheciam na Revolução Francesa um paradigma”. Nesse último estariam as imagens e representações associadas com esse legado de “liberdade, igualdade e fraternidade” como ponto de referência que é possível verificar nas notícias da Revolução Russa.

³⁶ Lih (2017) identifica que um *vlast* efetivo precisaria ao menos de: 1. Um senso de missão – que poderíamos chamar de legitimidade; 2. Uma exigência plausível de legitimidade e indutora de lealdade, uma legitimidade; 3. Um monopólio dos meios legítimos de coerção; 4. Habilidade para eliminar rivais; 5. Um programa de longo alcance para captar os problemas nacionais essenciais da ordem do dia; 6. Uma classe política ampla para cumprir o papel que a *dvorianstvo* (nobreza) cumpria no czarismo. 7. Um aparato administrativo capaz de transmitir a vontade do *vlast* central por todo o país. O “*vlast* soviético embrionário” estabelecido em fevereiro foi progressivamente adquirindo essas características, primeiro em 1917 e em seguida durante a guerra civil. Por outro lado, o Governo Provisório foi se tornando um “*vlast* fantasma” cujo momento final foi a perda do apoio dos líderes moderados dos soviètes.

Para esse movimento operário a Revolução Francesa representa um movimento inaugural, não só por constituir o momento de ruptura com a antiga ordem, como também por dar início a uma nova era na “evolução” histórica. É sob essa “nova era” que surge o proletariado. Desse modo, a Revolução possibilita esse nascimento, agindo como verdadeira “parteira” dos novos tempos (BATALHA, 1991, p.3).

Podemos perceber que as notícias da Rússia são projetadas a partir do quadro da Primeira Guerra Mundial, como um sinal de esperança para o mundo diante do que “há 30 meses estava se desenrolando sanguinolentamente no solo da velha Europa”.

A Primeira Guerra Mundial envolveu todas as grandes potências e começou como uma guerra europeia entre a tríplice aliança de França, Grã-Bretanha e Rússia e seus adversários, as potências centrais, inicialmente formadas pela Alemanha e Áustria. De acordo com Eric Hobsbawm (1995, p.42-44), esse conflito mundial se diferenciava das outras guerras pelo seu “tudo ou nada”, ou seja, a disputa econômica da Era dos Impérios “modelava a rivalidade política internacional” com metas ilimitadas. A Alemanha buscava uma posição política e marítimas globais igual a Grã-Bretanha, suplantando-a para o alcance de um “status global único”. A França resguardava seu futuro como potência na procura por compensações de suas posições demográficas e econômicas que decresciam em relação à Alemanha. Na prática, ambos os lados desejavam a “vitória total”, o que “empurrou os derrotados para a revolução” e os vencedores para a “bancarrotas e exaustão física”. O plano alemão era ser vitorioso em pouco tempo sob a França e a Rússia, contudo o reforço inglês aos franceses depois da invasão alemã ao território belga e sua proximidade da capital parisiense provocou a formação da posição de trincheiras que foi a lógica militar dessa guerra.

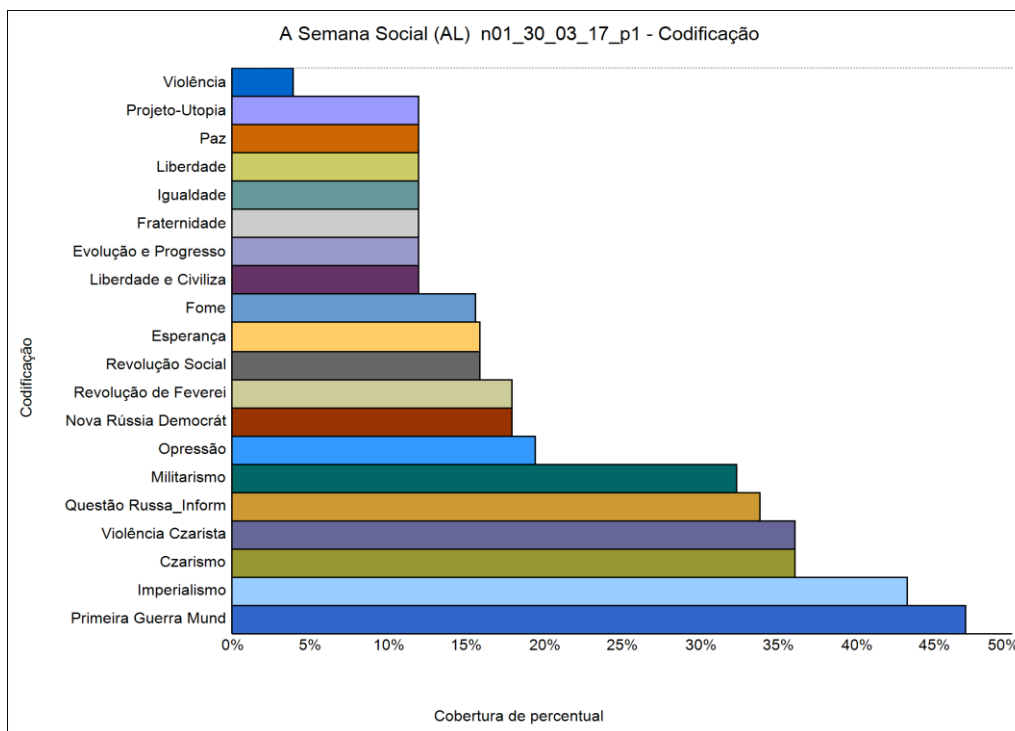
Na síntese de Hobsbawm (1995, p.30), a “humanidade sobreviveu” ao “desmoronamento da civilização do século XX nas chamas da guerra mundial”. A brevidade deste século foi “vívida e pensada” pelo sentido da guerra mundial, mesmo quando “os canhões se calavam e as bombas não explodiam”. As linhas paralelas de trincheiras e fortificações defensivas entre a costa do Canal de Flandres até a fronteira da Suíça, formou o cenário da “máquina de massacres sem precedentes” chamada “Frente Ocidental”.

Milhões de homens ficavam uns diante dos outros nos parapeitos de trincheiras barricadas com sacos de areia, sob as quais viviam como – e com – ratos e piolhos. De vez em quando seus generais procuravam romper o impasse. Dias e mesmo semanas de incessantes bombardeios de artilharia – que um escritor alemão chamou depois de “furacões de

ação” (Ernst Jünger, 1921) – amaciavam o “inimigo” e o mandavam para baixo da terra, até que no momento certo levam de homens saíam por cima do parapeito, geralmente protegidos por rolos e teias de arames farpado, para a “terra de ninguém”, um caos de crateras de granadas inundadas de água, tocos de árvores calcinadas, lama e cadáveres abandonados, e avançavam sobre as metralhadoras, que os ceifavam, como eles sabiam que aconteceria. A tentativa alemã de romper a barreira em Verdun, em 1916 (fevereiro-julho), foi uma batalha de 2 milhões de homens, com 1 milhão de baixas. Fracassou. A ofensiva dos britânicos no Somme, destinada a forçar os alemães a suspender a ofensiva de Verdun, custou à Grã-Bretanha, 420 mil mortos – 60 mil no primeiro dia de ataque (HOBSEAWM, 1995, p.33).

No Gráfico I, abaixo, podemos perceber como a notícia do final de março de 1917 postula alguns elementos da Primeira Guerra Mundial e pressupõe sobre os caminhos russos. No intuito de divulgar e esclarecer um ponto de vista crítico, identifica no cenário beligerante europeu o quadro de um imperialismo militarista que na Rússia se realizava com a expansão eslava czarista associada a opressão e fome.

GRÁFICO I - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “A Revolução Russa: suas causas e possíveis consequências”³⁷



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

A queda do Czar significava a derrota do despotismo, ou seja, da violência e da miséria, promovendo esperança numa “Revolução Libertadora” cujo projeto político se configurava naquele momento como o caminho da paz para o alcance de uma sociedade livre, igual e fraterna.

Edilene Toledo (2007) indica que não havia nos jornais da imprensa libertária preocupação com coerência doutrinária ou teóricas mais gerais, pelo contrário, localiza-se discussões e polêmicas entre os colaboradores dos jornais. A referida autora destaca ainda a presença nesses periódicos, algumas referências clássicas do pensamento

³⁷ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP. O tratamento dos jornais foi realizado através dos recursos do Software NVivo® oferecido pela UFRGS ao corpo discente. O estudo das notícias da Revolução Russa partiu da leitura e codificação temática dos textos jornalísticos a partir do que indicava seu conteúdo e a forma de abordar as informações. Desta maneira, os “nós” (ferramenta de codificação) foram elaborados hierarquicamente em conformidade com os motivos, valores e pressupostos do que postulava as notícias. E estão apresentados no formato de gráfico para que seja possível visualizar as temáticas abordadas por cada fonte da pesquisa. O eixo vertical identificado como “Codificação” apresenta os temas que foram categorizados em “nós”. O eixo horizontal apresenta o percentual de cada “nó ou subnó”. O mais importante aqui é compreender como os jornais apresentaram os acontecimentos, supuseram informações e elaboraram as notícias numa perspectiva de considerar a compreensão da Revolução Russa do ponto de vista da elaboração interna dos próprios jornais enquanto dispositivos sociais que elaboram sentidos e produzem visões de mundo.

anarquista como Kropotkin, Malatesta, Reclus, Sebastian Faure e Jean Grave. Além disso, a referida historiadora também identificou nesses jornais a formação de “grupos de propaganda” numa cooperação voluntária entre categorias profissionais diferentes, formados por tipógrafos, lixeiros, sapateiros, operários de olarias, pedreiros, carpinteiros, chapeleiros, ferroviários e outros que se dedicavam a atividades tais como: criação de bibliotecas, escolas operárias e grupos teatrais, edições de jornais.

A análise dos jornais anarquistas por Hardman (1984) como uma produção cultural de um movimento operário heterogêneo constituído de tradições distintas trazidas tanto pelos imigrantes europeus, assim como, oriundas do trabalho camponês, da herança escravista e ainda do setor artesanal das cidades. Apenas para ilustrar o contexto do movimento anarquista é importante esclarecer que formuladores como Bakunin, Kropotkin, Malatesta, Reclus e Grave acreditavam que o sindicalismo por exemplo era o caminho para a luta pela emancipação da humanidade. Malatesta defendia a greve geral como um meio de chegar à revolução social através de uma revolta armada.

O estudo de Samanta Mendes (2010, p.22) sobre as mulheres anarquistas em São Paulo propõe a seguinte síntese das visões de Malatesta e Kropotkin: o anarquismo é uma filosofia científica herdada do iluminismo com bases naturalistas e engloba várias tendências que orientam uma aplicação prática nos movimentos de contestação da organização social capitalista e luta pela construção de uma sociedade anárquica onde não há um governo instituído por autoridade nem propriedade privada dos meios de produção, logo não haveria classes sociais.

Na Primeira República brasileira, os anarquistas organizaram associações, jornais e organizações de mulheres. Eram ações na defesa da livre-iniciativa e autonomia. Malatesta e Kropotkin divergiram em muitos sentidos, por exemplo, a crítica do primeiro ao “espontaneísmo” do segundo na defesa da construção de uma nova sociedade por meio da espontaneidade das classes operárias. Ademais, divergiam também quanto a participação na Primeira Guerra Mundial. Por um lado, Kropotkin apoiando a Tríplice Entente e do outro Malatesta defendendo a oposição dos anarquistas à guerra entre Estados com o argumento de que o conflito bélico serviria apenas para consolidar o poder de dominação estatal e dividir os trabalhadores por nações. Os anarquistas brasileiros pareciam concordar com Malatesta em suas fortes campanhas contra a Primeira Guerra Mundial. Assim como Malatesta, os libertários brasileiros priorizavam a propaganda, mas

ao contrário dele, e muito mais próximos das ideias de Kropotkin, não consideravam a violência como meio inevitável e compreendiam a arte engajada e comprometida enquanto importante meio revolucionário. Dessa forma, investiram em práticas culturais da classe operária, como por exemplo, o teatro operário e as festas libertárias que eram veículos de propaganda e educação dos trabalhadores, além de espaços para debates públicos e atividades para apoio dos jornais e movimentações como greves.³⁸

O tema da Primeira Guerra Mundial é o grande enquadramento do quadro da notícia com o intuito de explicar as “causas e consequências” da Revolução Russa dentro desse contexto bélico do imperialismo. Neste há o aprofundamento da violência, seja enquanto um conflito “calculado e criminoso no fundo sombrio dos gabinetes cromáticos” ou o avanço da fome em países como a Rússia sob o regime do czarismo, cujos camponeses “ficaram se alimentando de cascas de álamo branco”.³⁹

Ao visualizar a dimensão temática da notícia no Gráfico I da Codificação da notícia “*A Revolução Russa: suas causas e possíveis consequências*”⁴⁰ é possível perceber como as “causas e explicações” apresentadas do fenômeno da Revolução Russa produzem expectativas de esperança sob as escolhas do povo russo para paz e por uma “nova era” da “revolução libertadora”. As informações fazem crer que não obstante os crimes da Primeira Guerra Mundial, os acontecimentos com sinais de profundas mudanças na sociedade russa marcada pela violência despótica e o aprofundamento da fome promoviam para seus expectadores das páginas jornalísticas esperança na transformação social a partir de novos valores sociais capazes de construir o caminho para evolução do “ideal da perfeição humana” por meio da fraternidade, igualdade e liberdade.

Os temas diretamente relacionados à Rússia no conteúdo dessa notícia analisam em um aspecto mais geral os problemas causados pelo regime czarista com sua política expansionista militarista enquanto fator “prejudicial à vitalidade da raça eslava em dois pontos capitais: o progresso e o bem-estar”. Neste momento, o acontecimento a ser conhecido era a Revolução de Fevereiro de 1917 e para explicar esse “fenômeno” a

³⁸ Sobre o anarquismo no Brasil vê também: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). História do Anarquismo no Brasil. Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad, 2006. No que se refere a uma história mais geral do anarquismo vê: WOODCOCK, George. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2007. 2v. E também, um importante historiador do anarquismo: NETTLAU, Max. *História da anarquia: das origens ao anarco – comunismo*. São Paulo: Ed. Hedra, 2008

³⁹ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

⁴⁰ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

orientação da notícia destacava o entendimento da guerra como um plano elaborado pelos regimes políticos. E a situação política na Rússia foi apresentada a partir do sistema despótico como responsável pelo atraso, ignorância e opressão do “pobre povo não há muito liberto da servidão corporal”.

Ao informar o acesso aos telegramas sobre notícias da Europa indicando a sucessão do czar e seu partido pela “soberania do povo”, o texto com o intuito de explicar a Revolução de Fevereiro (1917) em um quadro de causas e “possíveis consequências” demonstra uma certa surpresa devido as dificuldades opressoras no cenário russo.

Que forças misteriosas preparam e levaram a efeito um tão grande cometimento? Não parecia que Nicolau Makaroff estava, mais do que nunca seguro, no seu palácio de Moscou a jogar com a vida e o destino de 150 milhões de criaturas? E, então, onde está a explicação desse fenômeno social de que foi campo o ex domínio dos satrapas da Moscovia?⁴¹

E uma das elaborações para esta interpretação é utilizar a expansão eslava como explicação causal do conflito militar da Rússia contra os impérios centrais, mas o autor esclarece que não havia apoio do povo russo nessa política expansionista. O texto jornalístico aconselha que para compreender com clareza os fatos russos “não se julgue a expansão eslava como sendo o objetivo real da evolução do povo russo: a expansão eslava é criação dos czares, grãos-duques e seus satélites”.⁴²

⁴¹ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

⁴² Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP. A origem da civilização russa está na Ucrânia atual onde foi formado o Estado Kievano (ou Rus’) que existiu entre o século IX ao XIII. Nesse período não havia a distinção entre grão-russos (os russos atuais), pequeno-russos (ucranianos) e russos brancos (bielo-russos): formavam o grupo único dos eslavos orientais. O Estado Kievano se destacou enquanto uma confederação de cidades-estados com vassalagem ao Grande Príncipe da cidade de Kiev (atual capital da Ucrânia) até serem dominados pelos mongóis herdeiros de Gêngis Khan entre os séculos XIII e XV. Tal invasão promoveu a dispersão desses eslavos e o surgimento de russos, ucranianos e bielo-russos como povos separados. Foi a cidade de Moscou a partir do século XV quem liderou a reação contra os mongóis e unificou os eslavos formando posteriormente um império expansionista fortemente centralizado. Há um consenso de que os ancestrais dos eslavos orientais são originários da atual Europa Central e se instalaram mais a leste nos terrenos em volta do rio Dniepre (localizado entre a Bielorrússia e a Ucrânia). No reinado de Ivan, o Terrível (1530- 1584), o primeiro a ser coroado como “Czar de todas as Rússias”, houve a conquista da Sibéria e a formação de um estado multiétnico no território da Moscúvia. Ao logo dos quatro séculos seguintes as conquistas territoriais construíram o maior império de terras duráveis da história. Sobre os debates identitários da Rússia como Europa ou Ásia vê: SEGRILLO, Ângelo. *Rússia: Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasiânistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente*. Curitiba: Editora Prismas, 2016. Para compreender a presença no século XX dos elementos dessa cultura política formada na Rússia pós-mongol com a combinação de três tradições políticas: o sistema senhorial moscovita, o despotismo mongol e o césaro-papismo de Bizâncio, vê: VISENTINI, Paulo. *Os Paradoxos da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Altabooks, 2017. Sobre a Rússia moderna no contexto europeu e mundial, bem como, uma ampliação do debate sobre a natureza do imperialismo russo vê: KOLLMANN, Nancy Shields. *The Russian Empire 1450-1801*. New York: Oxford, 2017. Em relação a formação da Rússia como um

É uma análise própria do *A Semana Social* reivindicando a “lente realista do materialismo histórico” para demarcar os princípios norteadores da elaboração da sua visão sobre os acontecimentos e alinhar sua avaliação com a crença em projetos políticos constituídos de valores possíveis de se realizarem nos caminhos da Revolução Russa, dentre eles: evolução, progresso, fraternidade, liberdade, civilização, igualdade e paz. Nessa esperança está a confiança na “sinceridade” dos russos e na sua capacidade em não confiar na Primeira Guerra para decidir a situação política, optando pelo fim do sistema burguês.

Podemos perceber que a Revolução Russa em 1917 chega ao Brasil no contexto das notícias da Primeira Guerra Mundial. Nesse período, já havia uma forte defesa do antimilitarismo no movimento operário brasileiro. A Confederação Operária Brasileira (COB), primeira organização operária com atuação de relativo sucesso de funcionamento irregular entre 1906 e 1915, publicava quinzenalmente seu jornal, *A Voz do Trabalho* por meio do qual divulgava a luta antimilitarista como um dos seus temas centrais de discussão e ação. Os membros do COB, inspirados pela Confederação Geral do Trabalho da França, buscavam uma unidade política através das “aspirações fundamentais da grande família socialista, sem distinção de escola e de partido, de modo que qualquer membro de uma organização, fosse ela social-democrata, socialista, anarquista ou de outra tendência, pudesse aceitá-la inteiramente”.

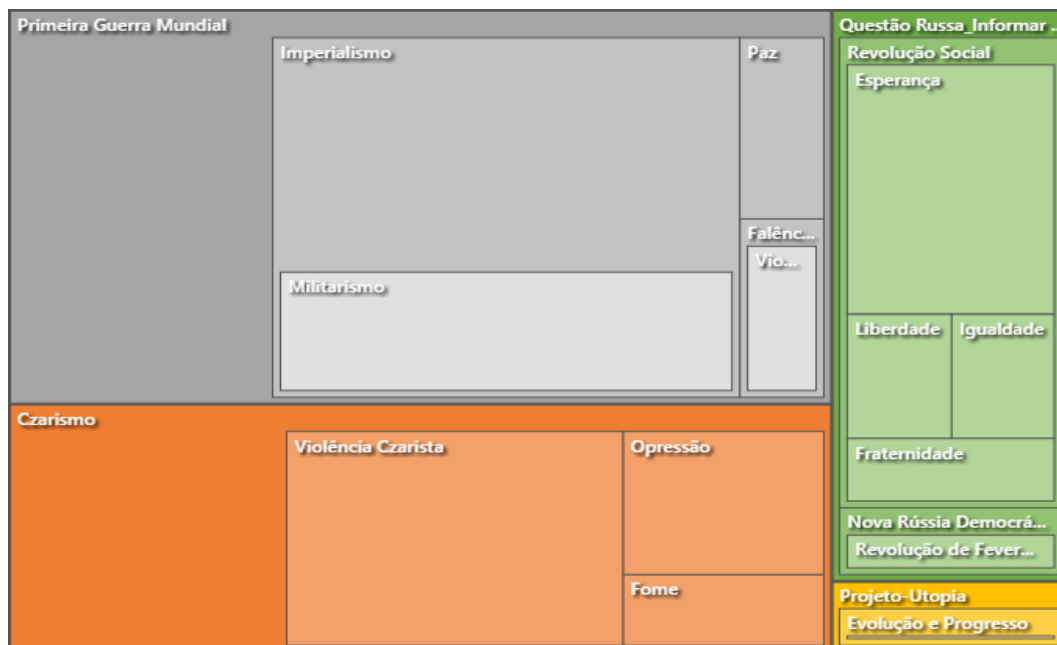
Edilene Toledo (2013) explica como a posição da COB se realizava pela defesa da autonomia sindical a partir dos princípios do sindicalismo revolucionário, movimento com ideias socialistas e anarquistas que em vários países se manifestou como uma “corrente política autônoma e caracterizou as expressões mais radicais do movimento sindical”. A COB se tornou um “produto da ação de militantes de diversos horizontes políticos (anarquistas, sindicalistas revolucionários, socialistas e outros) que viam no sindicato o órgão e na greve geral o meio para a transformação social” (TOLEDO, 2013, p.17).

O Gráfico II em seguida possibilita a visualização da codificação de forma hierárquica dos temas da primeira notícia na imprensa operária sobre a Revolução Russa. Verifica-se quatro temas gerais: “Questão Russa: Informar aos trabalhadores”, “Primeira

império multiétnico e as questões relacionadas ao nacionalismo vê: KAPPELER, Andreas. *The Russian Empire: a multi-ethnic history*. Londres: Routledge, 2001. Quanto a um estudo da história espacial da Rússia vê disponível em: <http://worldmap.harvard.edu/maps/886>. Acessado em: 15/12/2019.

Guerra Mundial”, “Czarismo” e “Projeto-Utopia”. E em cada um deles, os respectivos subtemas de acordo com o conteúdo do texto jornalístico.

GRÁFICO II - HIERARQUIA DOS NÓS na notícia “A Revolução Russa: suas causas e possíveis consequências”⁴³



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

Nesse conteúdo se destacam os temas em torno da Primeira Guerra Mundial: imperialismo como explicação para as disputas dos países beligerantes, militarismo como a alternativa política do mundo naquele momento, a paz como saída para a guerra e a falência da humanidade como resultado da violência bélica promovida pela “falência burguesa”.

A Rússia era apresentada pelo sistema czarista como um país governado despoticamente com seu povo sofrendo da violência, opressão e fome. Desta forma, o texto jornalístico demonstrava o intuito de informar aos trabalhadores os acontecimentos na Rússia para esclarecê-los como os fatos políticos indicavam profundas mudanças sociais.

⁴³ O Gráfico de Hierarquia é outra ferramenta de apresentação dos resultados da codificação temática proporcionado pelo NVivo®, apresenta-se os “nós” e “sub-nós” em suas relações hierárquicas. E quanto maior a área de cada tema indica um maior número de referências codificadas na notícia. Neste recurso identifica-se a conexão entre os nós, qualificando a compreensão do modo de fazer-criar de cada jornal ao proporcionar a visualização dos temas e subtemas envolvidos na forma como uma notícia coleta, supõe, elabora, dá ou subtrai uma informação.

O texto jornalístico ao informar a queda do Czar apontava para uma “Nova Rússia Democrática”, compreendia a Revolução de Fevereiro de 1917 como um fenômeno positivo para o caminho da Revolução Social. E as novidades que chegavam pela circulação dos jornais operários, incluindo suas redes na Europa, estimulavam com grande força; a esperança naquela Revolução “libertadora” que comunicava ao mundo ser possível a conquista da liberdade e igualdade em direção a uma sociedade da fraternidade.⁴⁴

No ano de 1917, o movimento operário brasileiro já vinha de uma trajetória de variados tipos de organização e lutas iniciadas nas últimas décadas do século XIX com múltiplas orientações políticas de matizes regionais.⁴⁵

De acordo com Bartz (2014), nas greves em 1917 contra a carestia de vida e por melhores condições de trabalho, a exemplo das mobilizações em São Paulo, Recife, Rio de Janeiro e Porto Alegre, destacaram-se os militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários, tradições políticas que valorizavam o “sindicalismo de ação direta” e buscaram compreender e acompanhar os eventos da Revolução Russa.

Diferente dos vários tipos de socialismos, que apostavam em pequenas reformas para a melhoria da vida dos trabalhadores ou então pensavam na Revolução Social como um acontecimento distante, para os militantes libertários a ideia revolucionária era muito significativa como instrumento de luta. Foi recorrente a concepção de que os trabalhadores deveriam se organizar para promover a revolução, através de uma grande insurreição popular ou de uma greve geral que anulasse o poder do Estado, pilar da dominação burguesa, com o que também seriam destruídos o militarismo e o clericalismo, permitindo assim que o ser humano finalmente se desenvolvesse em liberdade. O papel que o sindicato desempenharia neste processo e na posterior

⁴⁴ Havia um intercâmbio entre os jornais operários brasileiros, latino-americanos e europeus, por esses canais de trocas de informações chegavam as notícias da Revolução Russa. Sobre essa rede de conexões ver: PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. A circulação da imprensa operária brasileira no final do século XIX e primeiras décadas do XX. In: QUEIROS, Cesar de.; ARAVANIS, Evangelia. (Org.). *Cultura operária: trabalho e resistências*. Brasília: Ex-Libris, 2010. Toledo (2007) ressalta a circulação de pessoas e ideias no movimento operário inclusive com os grupos anarquistas hospedando militantes por motivos de exílio entre regiões ou países.

⁴⁵ Nesse processo, destaca-se a tradição social-democrata dos imigrantes alemães no sul, a influência estatal no sindicalismo reformista carioca, tradições socialistas e republicanas transportadas pelos migrantes italianos para São Paulo e presença do sindicalismo católico em Recife. Mas, no início do século XX é crescente a presença significativa de militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários. Bartz (2014) ressalta que ainda há na historiografia um debate se o sindicalismo revolucionário era uma corrente independente do movimento operário ou um instrumento tático para afastar a influência de grupos político-partidários nos sindicatos. Contudo, é possível identificar importantes aspectos ideológicos característicos destes militantes que podem inclui-los na categoria de libertários, ou seja, aqueles que enfatizam “a ação direta, a importância das greves como instrumento de luta, o desenvolvimento de uma cultura de resistência e uma ênfase muito mais significativa no papel da Revolução Social” (BARTZ, 2014, p.40-41).

reorganização da sociedade variava muito dependendo do grupo ou do militante. Disto pode-se depreender que, apesar da Revolução Social ser uma importante “ideia-força” para os libertários (às vezes quase mítica), não havia consenso de “quando” ela ocorreria, nem uma certeza absoluta de “como” ocorreria. Seja como for, todas estas concepções vão sofrer uma brusca guinada no período final da Primeira Guerra Mundial, mas precisamente a partir do ano de 1917 (BARTZ, 2014, p.34)

Esse estudo sobre a ideia da revolução e os projetos políticos para concretizá-la entre 1917 e 1922 constata que o debate em torno da Revolução Social neste período está relacionado com o impacto da Revolução Russa sobre o movimento operário. A grande novidade no mundo operário internacional chegou no Brasil para “os militantes mais radicais como um farol em meio ao triste cenário da guerra europeia” e num momento de intensas mobilizações operárias proporcionaram “espaço para que os militantes pensassem na revolução operária como uma proposta viável para o Brasil” (Bartz, 2014, p.278).

No que se refere as ideias e estratégias vigentes no movimento operário, Edilene Toledo (2004) demonstrou como entre os operários paulistas na Primeira República, houve mais sindicalistas revolucionários do que anarquistas, mas que atuavam juntamente nos sindicatos com outras correntes políticas como os socialistas e demais trabalhadores que buscavam no caminho da associação uma forma de melhorar suas condições de vida e trabalho.⁴⁶

Independentemente das posturas ideológicas, é importante frisar que não houve choque entre os seguidores do anarco-sindicalismo e do sindicalismo revolucionário. Na verdade, o que se percebe é que, no contexto da Primeira República, os operários, militantes, organizações e sindicatos utilizaram o que mais próximo estava de concreto para a solução dos problemas existentes. Com isso, percebe-se que as ideias se propagam diferentemente em cada realidade social, onde circularam os diferentes passos referentes aos caminhos de emancipação e mobilização classista (ARAUJO, 2015, p.37).

⁴⁶ Edilene Toledo (2004) esclarece em sua pesquisa que a historiografia do movimento operário confunde anarquismo, anarco-sindicalismo e sindicalismo-revolucionário, por isso classifica quase toda atuação anarquista como anarco-sindicalismo, concedendo-lhe o atributo de corrente majoritária do sindicalismo na Primeira República. Contudo, o chamado “anarco-sindicalismo” para essa autora era o sindicalismo revolucionário que aceitava negociações com os patrões e representação no parlamento, bem como defendia um sistema econômico cooperativo alternativo voltados para as necessidades humanas. Numa outra vertente, estavam os anarco-sindicalistas, que não aceitavam a atuação de intermediários nas negociações, sejam políticos ou partidos e atuavam nos sindicatos como meio de transformação da sociedade pela autogestão. No anarco-sindicalismo é possível identificar os seguintes princípios anarquistas: o poder como fator de corrupção da sociedade, a ação direta como método de mudança e a solidariedade entre trabalhadores.

Essas mudanças podem ser notadas na trajetória das notícias da Revolução Russa, por isso cabe identificar que os conceitos utilizados nos textos jornalísticos estão inseridos nesse contexto político do movimento operário de transição entre a primeira e segunda década do século XX quando as ideias anarquistas prevaleceram com presença em diferentes tendências.⁴⁷

O historiador Rafael Souza (2016, p.19) pesquisou três periódicos identificados como jornais anarquistas entre 1917 e 1919 (*O Cosmopolita, Spartacus e Boletim Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*) e concluiu por não haver neles uma “concepção de anarquia ideal para definir o que acreditavam ser a anarquia”. Não obstante, havia aspectos em comum, como o tema do papel do proletariado (ora ele seria o maior beneficiado e realizador, ora o anarquismo libertaria toda a humanidade) e o método para realização do anarquismo (revolução, evolução ou bom-senso).

Assim, acreditamos que existem discordâncias dentro do que se entende como anarquismo, porém essas discordâncias estão dentro do aceitável neste campo. É importante entendermos essa possibilidade de múltiplas visões dentro deste campo e os limites destas como inimigos do “Estado Organizado” e caracterizar a revolução como uma luta contra todos os poderes, a palavra “anarquista” não se era apropriada para se caracterizar esta revolução. A luta contra o Estado não era neste período uma luta de exclusividade anarquista. Os sindicalistas revolucionários também se colocavam contra o Estado e tinham a burguesia como seu inimigo (SOUZA, 2016, p.36).⁴⁸

O interesse aqui é identificar e compreender como esses textos jornalísticos abordavam as notícias sobre a Revolução Russa, destacando os temas utilizados para alinhar valores, motivações e expectativas. Nesse tratamento cabe considerar as relações

⁴⁷ O debate historiográfico nos estudos sobre sindicalismo e anarquismo no início do século XX se amplia e alguns pesquisadores consideram o anarquismo como a corrente mais importante e o sindicalismo revolucionário como um instrumento de atuação da militância anarquista (Samis, 2004; Oliveira, 2009). Para essa compreensão, apesar dessas correntes poderem se sobrepor, o sindicalismo revolucionário não possuía um corpo teórico próprio, não se constituindo como corrente autônoma e sim um “método de projeção” dos anarquistas formado por um conjunto de princípios como estratégia principal para promover a difusão das ideias anarquistas. Tiago Oliveira (2017) apresenta o “anarcossindicalismo” como conjunto teórico surgido a partir da década de 1920 vinculado ao anarquismo, identificado com a construção da sociedade ácrata a partir de unidades produtivas diretamente vinculadas aos sindicatos como a experiência espanhola do período da guerra civil. E argumenta que as discussões internas do movimento anarquista sobre o sindicalismo revolucionário como principal método de luta em busca da revolução libertária eram avaliações permanentes que demonstraram muitas vezes uma questionável eficácia de acordo com as variações de intensidade da mobilização operárias.

⁴⁸ Souza (2016, p.14) desenvolve o conceito de “campo político” referenciado nas formulações de Pierre Bourdieu ao considerar o anarquismo como um “campo” onde “as regras e os símbolos em disputa são entendidos pelos jogadores deste campo que entendem o valor dos símbolos em disputa” como “as noções de Estado, liberdade, Revolução, Luta de Classes, sindicalismo, dentre outros termos presentes na imprensa anarquista”.

do jornal com o contexto da imprensa operária a partir do que postula e pressupõe no fazer das notícias.

Na análise de uma das primeiras notícias na imprensa operária publicada pelo *Semana Social* é possível verificar uma notícia que trata de assuntos sobre a Primeira Guerra para compreender os acontecimentos na Rússia, dando informações da crise político-militar na Europa, analisando a expansão eslava militarista, a situação de atraso social russo e a Revolução como possibilidade de progresso civilizatório que poderia se expandir pela Europa.

Ao observar a Nuvem de Palavras I, abaixo, identificamos os termos mais frequentes utilizadas pela primeira notícia da Revolução Russa nos jornais operários publicados em português. Conforme demonstra a análise do texto, a entrada da Rússia nos conflitos com os Impérios Centrais é explicada como resultado da política da expansão eslava criada pelos czares sem apoio do povo russo. Além disso, a Primeira Guerra é vista como uma ameaça a civilização porque representava a falência burguesa.⁴⁹

⁴⁹ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

Figura 10 - NUVEM DE PALAVRAS I⁵⁰



Fonte: Elaborado pela própria autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir das 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras da notícia “A Revolução Russa: suas causas e possíveis consequências”⁵¹.

Na Nuvem de Palavras I ao apresentar os termos que preenchem a notícia, se destaca a palavra “Rússia” como tema principal e em torno dela aparece com intensidade mais próxima os termos: “guerra, expansão, Europa, falência, evolução, eslava, liberdade, fenômeno”. A relação desses termos se verifica na leitura da notícia como uma visão da Primeira Guerra enquanto a grande crise vivida pela Europa e de outro lado os eslavos que se identificam com a liberdade.⁵²

A palavra “revolução” está entre os termos “progresso” e “guerra”, na notícia esses temas estão associados e expõe a relação desses sentidos históricos na perspectiva de que a consequência da guerra na Rússia foi a Revolução. Essa última por sua vez é

⁵⁰ A Nuvem de Palavras (Word Cloud) ou Nuvem de Tags (Tag Cloud) é um conjunto de palavras embaralhadas com várias cores na posição horizontal ou vertical. O tamanho da palavra na nuvem, representa o grau de relevância dentro de um contexto. E sua principal função é organizar essas palavras de forma a possuírem um alto grau significativo com base em sistemáticas definidas pela metodologia utilizada. A nuvem de tag podem ser utilizada para fins analíticos como para comunicar padrões de texto. A representação visual de palavras serve principalmente para identificar as palavras mais utilizadas em um texto, conhecer os conceitos enfatizados e para analisar a densidade dessas palavras-chave identificadas. Para muitas pesquisas, como essa de abordagem das notícias, selecionar, processar, analisar e visualizar coleções de textos é uma atividade necessária, mas acaba se tornando complicada devido à quantidade excessiva de informação. Por isso, a opção por recursos inovadores de codificação e visualização é um fator crucial para um bom entendimento das informações apresentadas (CASTILHO; BRITO; SANTOS, 2016).

⁵¹ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM - UNESP.

⁵² É importante esclarecer que a nuvem de palavras indica apenas a ocorrência dos 35 termos mais frequentes das notícias a partir de seis letras, utilizando como critério o quantitativo da palavra “Rússia” e não identifica palavras compostas. Ao utilizar a nuvem de palavras buscamos navegar nos termos indicados e compreender no contexto de suas ocorrências quais eram os principais temas e subtemas e como eles estavam associados.

associada com a possibilidade de “progresso” do povo russo e da libertação que caminharia para paz.⁵³

Na terceira página de 30 de março de 1917, a coluna “Coisas da Guerra”, observável na imagem 2 abaixo, com os assuntos divididos por linhas em destaque, a redação qualifica como “estranho”, o fato dos países aliados “defensores da civilização” não terem se manifestado “a favor dos audazes revolucionários russos”. E supõe que a Inglaterra “liberal” e a França “democratíssima”, por exemplo, estariam com “saudades do déspota Nicolau”. Aqui, portanto, elabora a hipótese de que os aliados talvez não estivessem apoiando as mudanças que aconteciam na Rússia, subentendo possíveis divergências de interesses e objetivos ou desconfiança de que esse pudesse acontecer com o rumo dos acontecimentos.⁵⁴

⁵³ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

⁵⁴ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

Figura 11 – Jornal A Semana Social (Ano I – Nº 1)



A SEMANA SOCIAL

CARTA ABERTA

MEU CARO ODILON LINS

A effusão dos meus saúdaes

Ninguém deve julgar de um modo franco e definitivo o bom por bom nem o mau por mau porque, muitas vezes, por uma circunstancia qualquer, pode aquelle tornar-se pessimo e este tornar-se optimo, não concordar commigo?

Quero me referir, como um exemplo frisante, á sua pessoa.

Quem era você, meu velho e distincto camarada ha um ou dois annos passados? Um moço, muito joven ainda, na pajuca da vida, já possuindo, porém, uma forte dose de vícios e corrupções: frequentava desabridamente e a qual-quer hora as negras casas de ta-velagem, tinha predilecção pelas orgias, suspirava pelas badernas nocturnas e finalmente você, meu amavel Odilon, era um canalha tão commun como um outro can- alha qualquer.

Lembro-me, como se fosse hoje, de que você jogava até o resulta- do das rendas que deixavam os tijollos do seu honesto pae; lem- bro-me de que você em nome des- te pedia dinheiro emprestado para atiral o, sem mais comentarios, á jogatina que então funcionava oc- cultamente numa das dependencias da casa do Silvino; lembro-me de que você, uma occasião jogou o proprio relógio; e lembro-me ain- da de que um destes feitos provo- cou a colera do seu velho genitor que, sem mais preambulos, lhe obrigou a fugir, indo você, sem um fundo de economias, refugiar-se em Pernambuco, onde passou grandes privações vivendo como um cão faminto comendo uma vez por dia a enjoada barata daquelles case- bres lugubres e indecentes, emquan- to por cá sua pobre mãe triste- mente lamentava o seu destino.

Hoje, porém, meu caro Odilon, voce tornou-se um digno e com- prehendeu que o vicio, por mais forte que seja, pode ser dominado.

Empregado como já é da firma Loureiro Barboza & Co., tem sa- bido conduzir-se com criterio e zelo merecendo desarte os ap- plausos de todos que o conhece- ram, inclusivos os do velho ami- go Goivo.

Assim é que deve ser a vida e "loncoo aquelles que, para a atra- vessar, se embrulham desde logo em pesados véos de tristeza e des- illusão, de sorte que na sua estra- da tudo lhe seja negro, não só as legoas realmente escuras, mas mesmo aquellas em que scintilla um sol amavel", segundo disse o grande Eça de Queiroz.

Sou seu creado e amigo,

JOSÉ GOIVO

O ELIXIR DE GUARDIÃO é o melhor depurativo do sangue, a "harmacia 'Globo". Comercio, 58

REPINARIA S JOSÉ

DE

LOURENÇO BARBOSA

RUA DO COMMERCIÓ, 59 — JARAGUÁ

—PREÇOS CORRENTES—

	kilos	
Assucar Branco,	1°	\$640
"	2°	\$600
" Mascavo	1°	\$500
"	2°	\$400
Café especial (sem assucar)		1\$700
" de 1°		1\$500
" de 2°		1\$100

Este bem montado estabeleci- mento é recomendavel pela excel- lencia e hygiene de seus produc- tos. Ver para orer.

COMMERCIÓ, 59 JARAGUÁ

COISAS DA GUERRA

É curioso que na marinha fran- ceza não se tenha dado um unico desastre depois que principiou a guerra. A marinha franceza era a marinha mais desastrada do mundo. Todos ainda se lembram das innu- meraveis catastrophes de que fo- ram theatro os portos de Cherburg, La Rochelle e Tonlan.

Entre outras se destacou a catas- trophe do submersivel Pluviose que immergiu com toda a sua tripula- ção para não mais querer voltar á superficie do oceano. Dias mais tarde é que cabreas poderosissimas tronxeram á tona o "Pluviose" transformado em esquite de sua tripulação.

Porém, depois da guerra, com grande desapatamento dos alle- mães, não se tem verificado des-astre algum na gloriosa marinha franceza.

Antes assim...

É digno de nota tambem o fac- to de os aliados, que tanto se bla- sonam de servirem a causa da ci- vilisação, não haverem se manifes- tado calorosamente a favor dos au- dazes revolucionarios rnsos. A re- volução russa foi um aconteci- mento de importancia sufficiente para provocar da parte dos ali- ados solemnes reuniões parlamen- tares e consequente enviada de moções entusiastamente sym- pathicas para a Duma. Porém, á não ser uma ou outra palavra es- capada dalguns ministros e parla- mentares, parece que o effeito que, sobre os aliados, produziu a no- ticia da revolução russa traduziu- se em desapontamento e apprehensão...

Teremos, então, de convencer- nos de que a Inglaterra liberal e a Franca democraticissima têm saúdaes do déspota Nicolau? Ou elles temem que o feroz Makaroff ainda venha á mandar a Douma pra Siberia?...

Pela decima millionesima vez,

os inglezes voltaram a occupar o telegrapho com a noticia, mil ve- zes contradicta, do aprisionamento dos submarinos mercantes "Bren- men" e "Deutschland".

A guerra submarina continua a ser a manilha de ouros do jogo guerreiro dos allemães.

N'esta semana, foram para o fundo do oceano a descançar no solo da antiga Atlantida, o paquete "Asturias" da Mala Real, muito conhecido dos brazileiros, e o cru- zador "Danton", francez, de de- zenove mil toneladas.

Hindenburg parece que desistio de subjugar a Franca. Assim é que a resistencia allemã na Franca tem cedido á pressão dos exerci- tos da Republica, dando lugar a que tenham sido por estes recon- quistados alguns terrenos que os tedescos occupavam.

Quando deixará de correr o generoso sangue francez que tão caro é ao ideal da liberdade?

O mestre da estrategia allemã parece que vai fazer prevalecer a sua opinião do esmagamento parcel- lar do grupo inimigo até a Allema- nha conquistar uma situação su- perior que lhe permita dictar a paz, pois os telegrammas fallam de uma concentração de tropas sob o commando do general austriaco von Hertzendorf para uma offen- siva decisiva na Italia.

COMMERCIÓ DE VIÇOSA

Os productos abaixo descrimi- nados estão sendo cotados aos se- guintes preços (Notas fornecidas pelo "Amazonem Carnaúba):

Algodão, 20 kilos	12\$000
Milho, 10	\$500
Mamona, 15	3\$000
Feijão 10	2\$400
Fariña 10	\$801
Couro verde	1\$300
Algodão em la	24\$000

* * Provisoriamente, o nosso pe- riodico se publicará nos dias 10, 20 e 30 do mez. Depois que fi- zermos acquisição de mais typos e depois que nos chegar da Norte- America a machina de impressão, iniciaremos a publicação semanal.

SPORTS

TURF

Tiveram regular concurrencia as corridas de domingo p. passado. Destacaram-se os pareos "Aqua- rius" e "Aries" sendo vencedor, neste ultimo o soberbo Bigodinho. O jockey Nubia alcançou 4 victo- rias e mais uma em segundo lo- gar. As apostas orçaram em 3:12\$000.

Para amanhã estão annunciados os seguintes pateos: DRAGÃO — 800

metros; BUSSOLA — 1.050 metros; CORDA AUSTRAL — 1.100 mt.; PE- QUENA URSA — 1.100 mts; CRISSE — 1.300 mts; PEGASO — 1.800 mts; CASÇER — 1.050 mts.

É de se esperar que o nosso prado esteja amanhã com uma as- sistencia assaz animadora.

ROWING

Reina grande animação entre os socios do "Club de regatas Brazil" para as proximas regatas de 8 de Abril. Merece applausos gomes esse bello gesto da mocidade que já vae comprehendendo que "não só de pão vive o homem".

As regatas promettem tornar-se a grant attraction do nosso mundo social. Consta que vao ser postas varias alvarengas á disposição do publico e que vao ser construidos pavilhoes á beira-mar. M.P.

VAE-SE EMPIORA O ACTUAL PRESIDENTE E DEPOIS VIRÁ UM OUTRO.

"MUTATIS MUTANTIS"

E... A MISERIA DO POVO CONTINUARÁ...

Começa o povo a ouvir os ru- idos da luta entre os politicos pela posse do magifico cargo de go- vernador do Estado.

A srnha da Chacara Angelica, com a sua consumada habilidade, tece os fios que hão de prender as moscasinhas que, sem a sua auto- rização, levantarem vôo em direc- ção á curul governamental.

Porém, pode succeder que, em vez d'uma moscasinha, surja uma aguiã e era uma vez a teia da ba- hila aranha da Chacara Angelica. Sim, porque os jornas dizem que o fortissimo bacharel que chefa os democraticos tem lá as suas pre- tensões ao cargo de governador.

Ao povo, pouco ou quasi nada está interessando esses ruidos de lucta politica. O povo já está com- prehendendo que, quer seja eleito este ou aquelle, terá de passar mais tres annos de miseria, de re- baixamento moral, de trabalhos forçados e de injustiça. E assim assim será enquanto o povo con- tinuar a supportar quem o explo- ra, que o rebaixa, quem o force e quem lhe desconheça os dire tos...

NOTAS SOCIAES

Fizeram annos:

A 27 do corrente, completaram mais um anno de suas preciosas ex- istencias a senhorita Judilita de Souza Guedes e o joven Lourial Souza Guedes, activo auxiliar do commercio. Os jovens anniversari- antes são irmãos do nosso amigo Rosalvo Guedes.

—a 27, o sr. Oacar de Araujo Sampaio, distincto e estimado au- xiliar dos srs. Innocencio Almeida & Co. de Viçosa. Parabens.

A Nuvem de Palavras II, abaixo, apresenta os destaques do conteúdo da notícia em uma abordagem temática questionadora da postura dos parlamentares dos países aliados referentes à Revolução Russa, “teremos, então, de convencermo-nos de que a Inglaterra liberal e a França democrátíssima tem saudades do déspota Nicolau”? A coluna “Coisas da Guerra” supõe um distanciamento entre o grupo beligerante dos aliados e a nova Rússia revolucionária, indicando que o “efeito sobre os aliados, produziu a notícia da revolução russa traduziu-se em desapontamento e apreensão”.

A reflexão sobre como os parlamentares dos países aliados reagiram a Revolução Russa é o conteúdo que aborda a coluna “Coisas da Guerra” e explica o destaque das três palavras maiores e no seu entorno os termos tais quais: “Inglaterra, França, reuniões, moções, ministros”. Demonstra que no plano internacional havia também uma busca por informações e elaborações de leituras das novidades russas e entre o bloco dos Aliados uma grande expectativa referente ao posicionamento do novo governo para com a aliança bélica.

Figura 12 - Nuvem de Palavras II



Fonte: Elaborado pela própria autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir das 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia sobre a Rússia publicada na Coluna “Coisas da Guerra”⁵⁵.

A análise de Rex Wade (2017), historiador norte-americano, sobre a relação entre a Grande Guerra, a Revolução e a luta pela paz apontou que a questão entre a continuidade da guerra ou encontrar um caminho para a paz definiu a vida política e levou a revolução para a esquerda. Para o referido autor, apesar das questões críticas relacionadas com economia, distribuição de terras, conflitos sociais e assertividade étnica, foi a guerra que

⁵⁵ Jornal *A Semana Social*, Macéio, 30 de março de 1917, p.3. CEDEM - UNESP.

ocupou o lugar central porque enquanto a guerra continuasse, nenhum dos problemas seria resolvido com sucesso e todos os governos estariam vulneráveis.

The war's massive human losses and the failures of Nicholas and his government in prosecuting the war generated such widespread discontent that the tsarist regime's overthrow in the February Revolution was both surprisingly easy and almost universally hailed across a broad spectrum of public opinion. Indeed, the February Revolution involved remarkably wide participation ranging from the workers who first poured into the streets of Petrograd to the students and middle-class elements who joined them, and from the soldiers who mutinied to the monarchists in the Duma and the tsar's own generals. From Petrograd, on the heels of telegraph messages of events there, revolution quickly and easily spread across a war-weary country. The continuing war doomed in turn all the ministerial combinations of the Provisional Government that came to power after the February Revolution, and for a moment even threatened the Bolshevik regime after the October Revolution before the latter took the previously unthinkable step of a separate peace (WADE, 2017, p.183).⁵⁶

Para além do contexto da Primeira Guerra Mundial, o pesquisador inglês, Christopher Read (2017) assinalou que durante a Revolução de Fevereiro, houve um grau de unidade sem precedentes quando todas as classes, etnias e nacionalidades apoiaram a derrubada de Nicolau II. É possível identificar a brevidade dessa solidariedade, pois essas alianças logo em seguida começaram a se desfazer. Os políticos de esquerda pouco influentes no Governo Provisório estavam divididos quanto a Primeira Guerra Mundial, nesses primeiros meses havia uma “atmosfera patriótica” tanto nos grandes centros urbanos quanto nas cidades e vilarejos.

Frequentemente, os historiadores desconsideram o quanto a Revolução de Fevereiro incluiu um sentimento pró-guerra, pelo menos em relação ao fato de que os russos desejavam defender seus territórios imperiais dos ataques de alemães e de seus aliados. A guerra havia perdido muito de sua popularidade, mas ninguém estava preparado para render-se. Os cidadãos se resignaram a lutar, mas rejeitaram aqueles considerados responsáveis pela situação de sua nação – especialmente o czar, a

⁵⁶ As perdas humanas massivas na guerra e as falhas de Nicolau e seu governo em processar a guerra gerou um descontentamento tão generalizado que a queda do regime czarista na Revolução de Fevereiro foi surpreendentemente fácil e quase universal saudado por um amplo espectro de opinião pública. Na verdade, a Revolução de Fevereiro envolveu uma participação notavelmente ampla, desde os trabalhadores que primeiro despejaram nas ruas de Petrogrado para os estudantes e elementos da classe média que se juntaram a eles, e dos soldados que se amotinaram aos monarquistas na Duma e os próprios generais do czar. De Petrogrado, na esteira das mensagens telegráficas dos eventos de lá, a revolução se espalhou rápida e facilmente por um país cansado da guerra. A guerra contínua condenou, por sua vez, todas as combinações ministeriais do Governo Provisório que vieram para o poder após a Revolução de Fevereiro, e por um momento até ameaçou o regime bolchevique após a Revolução de Outubro, antes que este último tomasse o anteriormente impensável passo de uma paz separada (WADE, 2017, p.183, tradução nossa).

czarina e o suposto partido pró-Alemanha na liderança da Justiça e do governo. Pelo menos inicialmente, muitos revolucionários derrubaram Nicolau para re-energizar o esforço de guerra, e não por causar o colapso do império (READ, 2017, p.2).

O referido autor inglês esclarece como “boa parte da população estava abraçando aspectos contraditórios” da Revolução de Fevereiro. As classes proprietárias acreditavam na renovação do esforço de guerra e numa “onda de chauvinismo”. As lideranças do exército possuíam expectativa no estímulo à moral das tropas com mais vitórias militares. Os proprietários das fábricas acreditavam no apaziguamento dos trabalhadores e estes que suas condições de vida alcançaria as esperadas melhorias. E os camponeses desejavam castigar e derrubar os latifundiários.

Read (2017) compreende que tais “desacordos explosivos” foram se desenrolando em três períodos entre Fevereiro e Outubro: no primeiro momento pós a abdicação de Nicolau até Junho com a ampliação da radicalização, numa segunda fase após a repressão das Jornadas de Julho quando os reacionários e a direita no governo tentaram retirar as conquistas do povo resultando no terceiro período de radicalização renovada.⁵⁷

No exército acontecia violentos conflitos entre soldados e comandantes, os marinheiros também se rebelavam contra a severa disciplina hierárquica. Os trabalhadores rurais e urbanos enfrentavam uma “escalada de violência, declínio nos padrões de vida e a repressão aos impulsos revolucionários”. Os comitês camponeses desenvolveram ações mais intensas: coleta ilegal de lenha, invasão de pastos e plantação de sementes em terras privadas.

No âmbito das investigações referentes à luta de classes nas fábricas se destaca o estudo do especialista em História da Rússia, Kevin Murphy (2007), sobre uma fábrica de metal em Moscou entre o período pré-revolucionário e o final da década de 20, denominada “Metalúrgica Guzhon” e mais tarde rebatizada de “Fábrica de Martelos e Foices”. A respectiva pesquisa identificou que a contradição central da Revolução de Fevereiro foi o processo como a agitação “de baixo” levou ao poder político formal partidos políticos pró-guerra que possuíam um “profundo desprezo pela revolução”. A tensão institucional entre os estados provisórios, governo e soviete, na medida em que

⁵⁷ Sobre uma proposta de cronologia da Revolução Russa com as mudanças de representantes no governo provisório vê disponível em: <https://cemap-interludium.org.br/vito-letizia/cronologia-2/25/10/2017/>. Acessado em 30/02/2019. Sobre a formação dos Sovietes e o movimento operário russo vê: MOURA, Alexandro de. O movimento operário russo e suas Revoluções: as estratégias de 1905 e 1917. *Projeto História*. PUC: SP, v.60, pp.115-159, out-dez/2017.

fracassavam as tentativas de agrupar as prerrogativas da elite, de riqueza, propriedade e privilégio aos desejos dos trabalhadores, soldados e camponeses.

Todavia, depois do mês de julho, os camponeses identificaram que o Governo Provisório tentava evitar a redistribuição de terras, enquanto os trabalhadores urbanos após a redução da jornada de trabalho semanal e aumento salarial, também perceberam que após julho, o governo procurava retirar seus direitos e passaram a exigir o controle e ocupação de fábricas.

Na avaliação de Read (2017), a inflação foi mais responsável pela radicalização do que a política porque a reduziu os efeitos do aumento salarial ao passo que a pressão da produção para a guerra anulou a limitação de horas. Foi nesse caminho que as condições dos trabalhadores e suas famílias retrocederam às mesmas condições ruins do período czarista.

Outrossim, uma geração mais nova de pesquisadores está se dedicando a compreender os processos políticos russos de 1917 a partir das sociedades provinciais. Por exemplo, Sarah Badcock (2007, p.233), professora da Universidade de Nottingham, em importantes contribuições inovadoras sobre a dinâmica revolucionária nas cidades russas do interior, investigou a “confusão e imprecisão de relações de poder e interações sociais em 1917” observando que o ano revolucionário na Rússia gerou múltiplas fontes de poder: “poder descentralizado e não institucional desafiando Estado e poder central”.

A autora realizou estudos sobre os processos de 1917 em duas províncias russas (Nizhnii Novgorod e Kazan) e ressaltou como a questão da provisão de alimentos foi a que mais conectou as cidades e o país. A crise de abastecimento nas grandes cidades foi acompanhada pelo mesmo problema em algumas áreas rurais e assim ambas as populações compartilhavam o medo de escassez e fome. Diante disso, “a administração urbana fracassava em extrair grãos de uma população cada vez mais insular” (BADCOCK, 2007, p.236-237).

Da pesquisa acima citada, a professora Badcock (2007) concluiu que o governo provisório ao descentralizar e democratizar o governo local em um período de crise econômica e social promoveu o enfraquecimento da capacidade do governo central de governar as províncias na questão das provisões alimentares, nas relações fundiárias e nas formas de governo local.

Dessa forma, tanto o governo provisório quanto a administração local possuíam políticas em 1917 centradas na continuidade da defesa das fronteiras russas pela participação na guerra, na manutenção da ordem pública e no estabelecimento de um sistema político democrático para substituir o regime czarista ultrapassado. Mas, havia abismos entre o governo central e local sobre como atingir esses objetivos. Por um lado, os socialistas moderados dominavam o governo local e compartilhavam dos mesmos objetivos e princípios do governo provisório e do outro lado, as condições locais que exigiam meios e ações específicas a suas realidades. Dessa rede complexa resultava a necessidade de afastamento de políticas nacionais e a realização de iniciativas independentes e pragmáticas do governo local, demonstrando a impotência virtual da autoridade.

Foi dessas observações que Sandra Badcock (2007, p.236-237) inferiu que o Governo Provisório foi “pouco disposto ou incapaz” de usar a força para o alinhamento das pessoas comuns com o Estado. A derrocada econômica, a degradação das hierarquias sociais e a democratização do governo local produziram “poderosas forças centrífugas” que separaram regiões da Rússia, aumentaram o interesse dos indivíduos por suas próprias necessidades e “esmagaram” as tentativas do Governo Provisório para governar o país. Ao mesmo tempo em que nas grandes cidades, a Revolução de Fevereiro foi de reverberações imediatas e maciças, no campo, as notícias desse evento foram dispersadas mais lentamente num “efeito mais silencioso com uma atividade partidária mais esparsa e esporádica com menos eficácia em penetrar na consciência popular”.⁵⁸

Na compreensão da dinâmica institucional urbana do novo governo russo, Lars Lih (2017) argumentou ter sido o conflito político de 1917 conduzido por uma “constituição tácita” onde a maioria dos soviets possuíam a “palavra final” em termos de programa e pessoal. Assim, inicialmente, Alexandre Kerensky foi logo inserido no

⁵⁸ Dois autores pioneiros de trabalho sobre o desenrolar da revolução nas províncias: RALEIGH, Donald J. *Revolution on the Volga: 1917 in Saratov*. New York: Cornell University Press, 1986; FIGES, Orlando. *Peasant Russia, Civil War; The Volga Countryside in Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1989. E três publicações que se destacam no início do século XXI: (org.). RALEIGH, Donald J (org.). *Provincial Landscapes: Local Dimensions of Soviet Power, 1917–1953*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press, 2001; HICKEY, Michael. Moderate Socialists and the Politics of Crime in Revolutionary Smolensk. *Canadian American Slavic Studies*, Nº 35, p. 189–218, 2001; Retish A. *Russia's Peasants in Revolution and Civil War: Citizenship, Identity, and the Creation of the Soviet State, 1914–1922*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

governo como representante do Soviete e em maio este último recebeu a solicitação por mais representantes, mas definiu quando atenderia às exigências governamentais.⁵⁹

Nesta perspectiva, as variadas crises políticas de 1917 (março, abril, julho, agosto e outubro) foram superadas quando a autoridade do Soviete publicizava suas vontades porque ela possuía o verdadeiro controle da força coercitiva. Dessa forma, identificar como “poder dual” significa “múltiplo poder” equivalente a nenhum *vlast*, mas ele estava ativo e com os soviets.

Dadas as circunstâncias, a verdadeira questão era: poderia o programa soviético ser realizado através de uma parceria sincera com os reformistas da elite; ou a distância entre elite e *naród* em questões tão fundamentais como a guerra, a questão agrária e a regulação econômica era grande demais para ser superada? Os Bolcheviques rotularam essa tentativa de parceria entre classes de *soglachátielstvo* – um termo, em geral, equivocadamente traduzido como “conciliação” ou (pior) “compromisso”, mas que pode ser traduzido de uma maneira muito mais direta como “acordismo”. Então, a questão anterior ao eleitorado soviético era: seria viável o acordismo? Sim, poderia ser melhor trabalhar com a elite do que contra ela, mas isso significa que deveríamos abrir mão dos objetivos da revolução? (LIH, 2017, p.7).

⁵⁹ Hasegawa (2018) considera que durante o período entre 27 de fevereiro a 2 de março, o Comitê da Duma funcionou como um “poder quase-revolucionário”. Mas em 2 de março, o Comitê da Duma decidiu estabelecer um governo provisório, separado de si mesmo. Quando o Governo Provisório rompeu com a Duma consolidou o apoio do Soviete de Petrogrado como condição primordial para sua existência. O autor compreende ser essa situação política a “essência do nascimento do poder dual” e compreender os acontecimentos de fevereiro de 1917 como uma Revolução que “desafiou e negou a velha ordem, embora uma nova ordem ainda não tivesse sido estabelecida”. Nessa perspectiva, o Comitê da Duma atuou como uma “potência revolucionária, desempenhou um papel crucial na queda da monarquia, mas, não conseguiu criar uma nova ordem capaz de incorporar as massas insurgentes”. O “paradoxo” da revolução estava nas complexas relações de poder que refletiam a realidade da Revolução de Fevereiro: o Governo Provisório rompeu com a Duma e foi privado da união do poder monárquico e possuía apenas a “revolução” para servir como a única fonte de sua legitimidade. Contudo, “as massas insurgentes juraram fidelidade ao Soviete de Petrogrado” e, então, a única maneira de obter seu apoio era por meio do Comitê Executivo Soviético que apesar de apoiar a formação do governo burguês foi restringido pela pressão de baixo para proteger o que eles ganharam com a revolução e avançar ainda mais seus interesses. Hasegawa (2018) na sua análise final conclui que o paradoxo da Revolução está no fato de que o Soviete de Petrogrado, apesar de sua fraqueza, desorganização, e divisões, adquiriram uma influência que excedeu em muito sua força. Esse estudo aborda a disputa política entre os liberais pelo poder dentro do Comitê da Duma entre Miliukov e Rodzianko, este último defensor da permanência da Duma como único órgão representativo. E também explica a trajetória de articulações para a formação do governo provisório como uma decisão engendrada pelo partido Cadete e uma vitória para Miliukov que propôs e o Comitê da Duma aprovou a lista com as seguintes nomeações: Prince G.E. L’vov (Presidente do Conselho de Ministros e Ministro de Assuntos Internos), Miliukov (Ministro das Relações Exteriores), Guchkov (Ministro da Guerra e da Marinha), Kerensky (Ministro da Justiça), Nekrasov (Ministro dos Transportes), Tereshchenko (Ministro das Finanças), Shingarev (Ministro da Agricultura), Kononov (Ministro do Comércio e Indústria), A.A. Manuilov (Ministro da Educação), Godnev (Controlador Estatal) e V.N. L’vov (Procurador do Santo Sínodo). Cabe esclarecer a origem de Kerensky como membro de um grupo moderado (Trudovik) dos SRs e vice-presidente do Soviete de Petrogrado.

As respostas vindas do povo estavam em dois grandes grupos: os *ni-nis* (nem-nem), “nem Lênin, nem Kornilov” e sim o trabalho conjunto de “pessoas sensatas de ambos os lados” contra os *ili-ílis* (ou-ou): é preciso escolher entre representantes da elite e da constituinte dos soviets, caso contrário haveria um *vlast* falido. E para evitar essa crise do *vlast* as alternativas eram: ou um governo apenas com os partidos dos soviets, ou se elimina o sistema dos soviets como uma força nos assuntos nacionais.

Para a segunda opção, duas estratégias foram experimentadas: o golpe duro e o golpe brando. A tentativa de golpe duro realizada pelo General Kornilov no final de agosto pode ser considerado como uma “aventura despropositada”, já que, a lealdade das forças armadas estavam com os soviets. O golpe brando com estratégia diferenciada: criar outro *vlast* de força nacional, enquanto pedia aos soviets para se retirarem voluntariamente, a exemplo dos experimentos à Conferência Democrática e o Pré-Parlamento, durante o outono. Enquanto isso, a Assembleia Constituinte tornava-se a prioridade da busca pelo golpe brando, isto é, de “induzir o poder soviético a se curvar com graça” (LIH, 2017, p.6).

O eleitorado soviético realizou sua decisão em setembro ao proporcionar novas maiorias nos soviets de Moscou e Petersburgo legitimando seu apoio por um “governo totalmente soviético e antiacordista”, evidenciando ser esse a indicação do Segundo Congresso dos Sovietes. O dilema passou a se voltar para a capacidade de sustentação da constituição tácita e se a nova maioria soviética possuía capacidade de controle das políticas governamentais e seu pessoal. Lih (2017, p.6-7) concluiu que embora seja comum identificar a Revolução de Outubro com a época em que os soviets derrubaram o Governo Provisório, sua compreensão desse momento é o inverso, o Governo Provisório foi incapaz de derrubar os soviets. Enquanto isso os soviets também atribuíram a liderança política ao partido bolchevique, a única força política organizada disposta e capaz de garantir o poder soviético.

Durante o contexto inicial do primeiro semestre relativo às indefinições do governo provisório e suas consequências descentralizadoras no âmbito provincial e fortalecedoras dos soviets, o jornal *A Semana Social* (AL) compreendeu a Revolução Russa como a reação do povo russo para o fim de um governo despótico e a busca pelo progresso da sua cultura e civilização. O mencionado periódico publicou em notícia no final de março ser essa uma “Revolução Libertadora” transmitindo esperança na escolha

rusa pela paz e nos resultados positivos dessa direção para o “ideal da perfeição humana” que estaria na liberdade com respeito mútuo, igualdade de desenvolvimento e ação, e Fraternidade de caráter “universal e indivisível”.⁶⁰

A leitura da primeira notícia sobre a Revolução Russa nas páginas da imprensa operária através da publicação em *A Semana Social* (AL) identifica temas marcantes que delineam o sentido desse acontecimento: paz, progresso, liberdade, igualdade, ação e fraternidade. Era sob esse painel de ideias e sentimentos em 1917 que se recebia os primeiros ecos da Revolução Russa nos jornais operários.

No próximo subitem (3.1.1.3) será analisado a segunda notícia publicada pelo jornalismo operário brasileiro, delineando assim o processo de aproximação desses jornais com os acontecimentos russos.

3.1.1.3. O jornal *A Plebe* (São Paulo) em junho de 1917.

O segundo periódico operário a publicar notícias da Revolução Russa em 1917 foi *A Plebe*, lançado em São Paulo por Edgar Leuenroth no mês de junho do mesmo ano. Apresentava nas suas páginas, ideias anarquistas e anticlericais, dentre seus colaboradores atuantes do Rio de Janeiro estavam Astrojildo Pereira⁶¹ e José Oiticica.⁶²

⁶⁰ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

⁶¹ Astrojildo Pereira (1890-1965), carioca de Rio Bonito, iniciou ainda jovem sua militância em organizações operárias de orientação anarquista, tendo sido um dos promotores, em 1913, do II Congresso Operário Brasileiro. Foi também na imprensa operária que se iniciou no jornalismo, atividade a que se dedicaria durante a maior parte de sua vida. Astrojildo foi codiretor do periódico *O Debate* (1917), editou *Crônica Subversiva* (1918) quando foi preso devido a participação na greve da Cantareira e nos preparativos de uma frustrada insurreição anarquista. Solto em 1919, começou a afastar-se do anarquismo e a defender os rumos tomados pela Revolução Russa. Em março de 1922, participou do congresso de fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) e foi eleito secretário-geral da organização. Em 1924, fez sua primeira viagem à União Soviética. No ano seguinte, quando o PCB iniciou a publicação do jornal *A Classe Operária*, tornou-se, ao lado de Otávio Brandão, um de seus principais redatores. Em 1927, encarregado pela direção do partido de buscar contato com Luís Carlos Prestes, então exilado na Bolívia, entregou ao líder tenentista diversos volumes de literatura marxista. Em 1928, passou a fazer parte do comitê executivo da Internacional Comunista, eleito no VI Congresso da entidade realizado em Moscou. Entre fevereiro de 1929 e janeiro de 1930 viveu em Moscou, de onde voltou com a orientação de proletarizar o PCB, ou seja, de promover a substituição dos intelectuais na direção do partido por operários. Em novembro de 1930 foi afastado da Secretaria Geral do Partido. Em 1931 pediu desfiliação do PCB e passou a dedicar-se à profissão de jornalista (crítico literário). Retornou ao PCB em 1945 passando a colaborar com as publicações do Partido. Após o golpe militar de 1964, foi preso por 3 meses. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/astrojildo_pereira; https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/p/pereira_astrojildo.htm. Acessado em: 04/11/2019.

⁶² José Oiticica (1882-1957), mineiro, filólogo e professor, foi destacado militante anarquista nas primeiras décadas desse século. Chegou a iniciar cursos universitários de Direito e Medicina, mas não os concluiu.

O jornal *A Plebe* era uma publicação semanal, publicada aos sábados, em geral, cujos textos eram selecionados por Leuenroth e distribuídos por representantes que vendiam o jornal em diversas cidades e ofereciam uma assinatura anual no valor de 10\$000 (R\$500) e semestral de 6\$000 (R\$300). O número avulso custava \$100 (R\$5) e o atrasado por \$200 (R\$10).⁶³

A organização do jornal *A Plebe* se diferenciava de outros periódicos da imprensa operária entre seus contemporâneos pela cobrança de anúncios publicitários por 800 réis na última página. Maitê Peixoto (2010, p.169) observa como a presença dos anúncios poderiam indicar ser mais significativo o número de leitores na medida em que não havia no *A Plebe* publicações dos anúncios declarativos de indicação aos que estavam relacionados com os “estabelecimentos apoiadores do grupo ou que contribuía com o periódico de alguma forma”.

O jornal *A Plebe* também apresentava uma característica peculiar da opção de abrir a primeira página com ilustrações, onde charges ou fotografias eram frequentes com aspectos mais gerais para tratar de temas sociais, tais como, desigualdade, lutas políticas e carestia de vida.

A presença maciça em AP de textos relacionados ao sindicalismo e às práticas sindicais corrobora a ideia de que este foi um periódico ácrata voltado ao incentivo e fortalecimento das organizações sindicais que atuavam no Brasil (PEIXOTO, 2010, p.174).

Nessa perspectiva, a análise de textos publicados no jornal *A Plebe* entre 1917 e 1922 por Peixoto (2010, p.180) caracterizou como sendo o anarquismo comunista, a tendência ideológica ácrata mais presente no perfil ideológico do periódico, demonstrando a divulgação constante nas páginas do jornal das “apropriações teóricas de parte do ideário político de Kropotkin, Malatesta, Ferrer y Guardia e Reclus”. O

Iniciou sua militância em 1912. Desde então passou a colaborar sistematicamente na imprensa operária e anarquista. Em 1914 passou a lecionar na Escola Dramática do Rio de Janeiro. Em 1917, foi nomeado professor de português do tradicional Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Em novembro do ano seguinte, foi preso quando participava de articulações com vistas à deflagração de uma insurreição operária no Rio de Janeiro. Participante ativo do movimento anarquista, publicou Princípios e fins do programa comunista-anarquista (1919) e A doutrina anarquista ao alcance de todos. Entre 1929 e 1930, lecionou filologia portuguesa na Universidade de Hamburgo, na Alemanha. Lecionou também na Universidade do Distrito Federal, em meados da década de 30. Publicou um significativo conjunto de obras linguístico-filológicas, entre as quais Estudos de fonologia (1916), Do método no estudo das línguas sul-americanas (1930), Roteiro de fonética fisiológica, técnica do verso e dicção e A teoria da correlação (1955). Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jose_oiticica. Acessado em: 04/11/2019.

⁶³ Conversão realizada através do Índice Estadão do jornal *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acessado em: 31/01/2018.

lançamento dos primeiros números de *A Plebe* aconteceu um mês antes da greve geral na qual foi forte instrumento de reivindicações e organização.⁶⁴

A Greve Geral paulistana de julho de 1917 foi a primeira experiência da capital do café na paralisação por três dias das atividades industriais, comerciais, do setor de serviços e transporte. Este movimento social foi o ápice de uma trajetória marcada pelas péssimas condições de trabalho, acirramento das arbitrariedades e violências na fiscalização do trabalho, impacto da guerra no aumento dos preços dos alimentos e da ampliação das jornadas de trabalho, a intensificação da exploração dos trabalhos das mulheres e das crianças e o fortalecimento da organização operária com a formação das Ligas Operárias por Bairro.⁶⁵

Leuenroth foi preso em setembro por sua forte atuação no movimento grevista e acusado de liderar um saque ao Moinho Santista. Durante a sua prisão, a direção do *A Plebe* foi mantida por Florentino de Carvalho até o mês de outubro de 1917 quando foi fechado e empastelado pela polícia.⁶⁶

A redação do jornal *A Plebe* em 1917 estava localizada na Rua Capitão Salomão, num sobrado do nº3-D no atual Centro Histórico de São Paulo. Nessa área aconteceram as primeiras demolições que transformaram a fisionomia da antiga área central da cidade

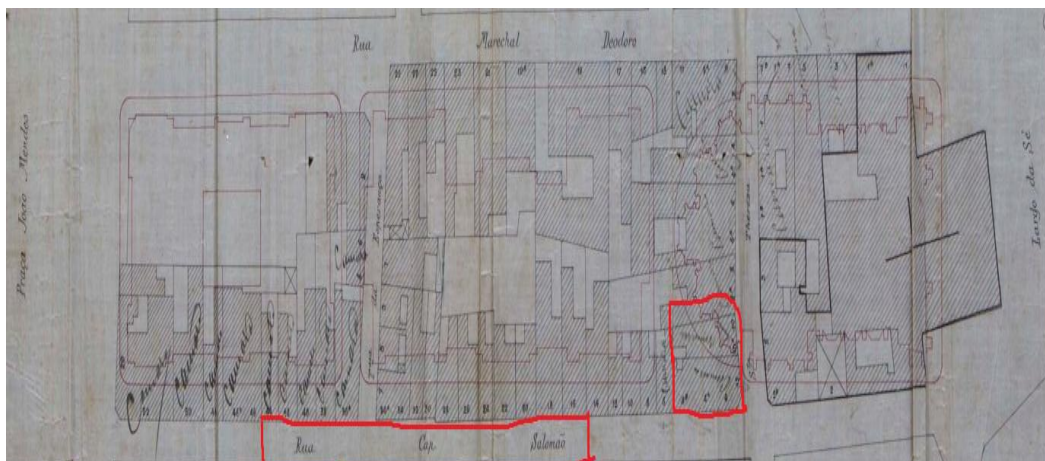
⁶⁴ Edgar Leuenroth (1881-1968) se destacou na história do movimento operário brasileiro por sua atuação na imprensa. Dentre os jornais que criou e editou se destacaram também os títulos: *O Trabalhador Gráfico*, *Folha do Povo*, *A Luta Proletária*, *A Lanterna*, *A Guerra Social*, *Spartacus*, entre outros. Em *A Plebe*, construiu um “espaço de contato entre ativistas e jornalistas onde foi construído relações de amizade, trabalho, militância e colaboração por muitos anos”. Nesse rede de colaboradores é possível apresentar alguns nomes: Rodolfo Felipe, Adelino de Pinho, Pedro Augusto Motta, João da Costa Pimenta, Otávio Brandão, Everardo Dias e Nereu Rangel Pestana (GOMES, 2019, p.79-80; SANTOS, 2016, p.104).

⁶⁵ Leuenroth foi o secretário do Comitê de Defesa Proletária (CDP), órgão criado no início da greve geral em 9 de julho de 1917 pelos militantes grevistas, anarquistas e socialistas, para organizar o movimento e intermediar as negociações. Ele atuou com destaque nos comícios e publicou em *A Plebe* o desenrolar dos acontecimentos, a repressão policial, como as mortes de Nicolau Salerno e José Martinez, as atividades das Ligas Operárias e as reivindicações do CDP (jornada de oito horas, redução do preço dos aluguéis, aumento dos salários, abolição do trabalho noturno das mulheres e do trabalho de menores de 14 anos, etc.). As concessões feitas pelos industriais foram acordadas com a Comissão de Imprensa (comitê de jornalistas formados para mediar o conflito) e membros do CDP (Edgar Leuenroth, Luigi Damiani, Antonio Candeias Duarte, Rodolpho Felipe e Theodoro Monicelli). (LOPREATO, 2000; TOLEDO, 2017).

⁶⁶ A modernidade do Segundo Império trouxe a violência em escala industrial. Começou a Era dos Empastelamentos. Tornou-se corriqueira a destruição dos equipamentos (tipos e impressoras) para calar os veículos opositores. O empastelamento é a versão ‘jornalística’ de um linchamento. Destruíam a tipografia, a impressora, os estoques de papel, o prédio, e não raro atacavam os jornalistas que porventura estivessem refugiados no prédio. Derrubavam as caixas de tipos para impedir que os tipógrafos juntassem as letras de chumbo, espalhadas e misturadas no chão, tornava-se impossível compor palavras, montar frases, construir textos e transmitir ideias. Um jornal empastelado era um jornal sem letras e sem voz (DINES, Alberto. *Empastelamento, modo de emprego*. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/empastelamento-modo-de-emprego/>. Acessado em: 03/11/2019.

e retiraram personagens urbanos de suas casas e estabelecimentos comerciais para criar a Praça central de São Paulo, a atual Praça da Sé (SILVA, 2009, p.42).

Figura 13 – Planta da Rua Capitão Salomão (antiga Rua Esperança) no início dos anos 10⁶⁷



Fonte: Planta Nº 1305/1910. “Série Legislação”. AHM, apud SILVA, 2009, p.42. ⁶⁸

⁶⁷ Planta referente antes das demolições ocorridas nessa região no início do século XX, onde se vê já mais próximo ao Largo da antiga Igreja matriz, a numeração referente a sede da redação do Jornal *A Plebe*.

⁶⁸ Nessa Planta está uma área compreendida entre o Largo da Sé e a Praça João Mendes, no miolo da geometria do Triângulo central com um total de 61 lotes, distribuídos por duas quadras entre as ruas Capitão Salomão (26 lotes), Travessa da Esperança (3 lotes), Marechal Deodoro (15 lotes) e Santa Teresa (17 lotes). Ao Norte, estava uma terceira quadra, exatamente no Largo da Sé, onde se situava a antiga Igreja Matriz (Silva, 2009, p.42).

Figura 14 – Localização da antiga Rua Capitão Salomão em 1910



Fonte: BRONKHORST, Aline apud BUENO, 2018, p.58.

Figura 15 - Rua Capitão Salomão (antiga Rua da Esperança) esquina com Wenceslau Brás (antiga Travessa da Sé), por volta de 1910.



Fonte: Comunicação/Departamento de Patrimônio Histórico/ Eletropaulo, 1990. v. 1, p. 209 apud CAMARGO, 2010, p.125.⁶⁹

O segundo número de *A Plebe* publicou na segunda página em sua terceira e quarta colunas, conforme Imagem 3 abaixo, a notícia intitulada *A Revolução Russa* assinada por Helio Negro.⁷⁰

⁶⁹ A Rua da Esperança começava na altura do Largo e da Travessa da antiga Sé que entre o final do século XIX e a primeira década do século XX foi um lugar de residências modestas, casas térreas com poucas moradas de dois pavimentos, de alguns poucos mais abastados resistentes e todos os tipos de estabelecimentos: botequins, cabarés, hospedarias, vendas de secos e molhados, açougues, padarias. As reformas urbanas paulistanas da década de 10 promoveram demolições e essa região foi remodelada espacialmente com a desarticulação dessas atividades comerciais (CAMARGO, 2010, p.125 e 129). Por estudo de mapas e fotografias deste período há uma possibilidade de que a redação do Jornal *A Plebe* fosse instalada num desses sobrados que se vê na foto à esquerda no início da Rua Capitão Salomão em frente ao Café Antonio.

⁷⁰ Hélio Negro era o pseudônimo de Antonio Candeias Duarte, filho de portugueses, chegou ao Brasil com 10 anos. Foi um dos líderes da greve geral paulista de 1917, compôs o Comitê de Defesa Proletária e redator de *A Plebe*. Por esse artigo foi acusado pelos órgãos repressores de “incitamento a repetir em São Paulo, e no Brasil, as façanhas revolucionárias da Revolução Russa”. Edgard Leuenroth e Candeias escreveram juntos uma brochura chamada “O que é Maximismo ou Bolchevismo: um programa comunista” para definir as funções e objetivos do pensamento anarquista naquele contexto da Revolução Russa quando pretendiam esboçar o que deveria ser um comunismo libertário. Helio Negro participou da fundação do Partido Comunista de aspectos anarquistas em 1919 no Rio de Janeiro junto com Astrojildo Pereira, Edgard Leuenroth e José Oiticica. Depois aderiu ao marxismo e ao PCB fundado em 1922 (HECKER, 2010).

A primeira identificação no texto é da Revolução Russa como consequência da Primeira Guerra Mundial, “uma calamidade que há três anos assola a Europa em sangue”, e ambas como resultado do regime de propriedade privada. O “mal” para o autor estaria na organização social que permite a exploração das riquezas, o antagonismo de interesses entre seus membros e o uso da força em diversas modalidades porque os “direitos dos pobres brigam com os direitos dos ricos”.⁷¹

O jornal *A Semana Social* na sua primeira edição já havia afirmado que a continuidade da guerra estava relacionada com o fato de ser um resultado de um conflito calculado no “fundo sombrio dos gabinetes cromáticos”.⁷²

E, assim como, o jornal *A Plebe* em sua segunda edição, associa a explicação da Revolução Russa com a Primeira Guerra Mundial, demonstrando esperança na “consolidação do novo regime revolucionário e a desmoralização do poder militar dos aliados para conduzir a Rússia uma paz próxima”.⁷³

O periódico *A Plebe* considera ser a “mesma causa que gera o conflito entre indivíduos de uma nação, dar origem às guerras entre as nações”. A “guerra interna” seria entre os produtores de riqueza e os detentores desta e a guerra militar organizada por estes contra outras nações. Por isso, diz ser uma “guerra de ladrões” que “não se querem expor aos perigos da luta entre si, organizam-na entre suas vítimas e aguardam tranquilamente o resultado do assalto”.⁷⁴

A origem da “guerra civil interna” estaria no enriquecimento e exploração dos padrões sob seus empregados e a ambição dos primeiros ultrapassa fronteiras em busca de novas fontes de renda resultando na guerra de conquista de mercados e territórios.

E por pensar deste modo que eu disse ao princípio ser a revolução da Rússia uma das preciosas consequências dessa chacina que transformou Europa em matadouro humano. Esta revolução, que tem a sua determinante principal no mal-estar geral da população pobre, foi fomentada e alimentada no começo pela democracia financeira da Rússia, de comum acordo com os aliados, depois que eles vencerem a impossibilidade de evidenciar as traições da Côrte Russa em favor da Alemanha. Os Democratas burgueses desejavam apenas constranger o Czar a pôr termo nessas traições, mas a revolução não parou ali e não

⁷¹ NEGRO, Helio. *A Revolução Russa*. Jornal A Plebe, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

⁷² Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

⁷³ NEGRO, Helio. *A Revolução Russa*. Jornal A Plebe, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

⁷⁴ *Ibid.* Op, Cit, p.2.

sabemos onde parar. Em relação à guerra ela está hoje neste pé: nem tranquiliza os aliados nem assenta as esperanças dos impérios centrais. E, para nós, é assim que está bem. Os revolucionários principalmente os anarquistas fizeram à questão no bom caminho como demonstrarei no próximo artigo.⁷⁵

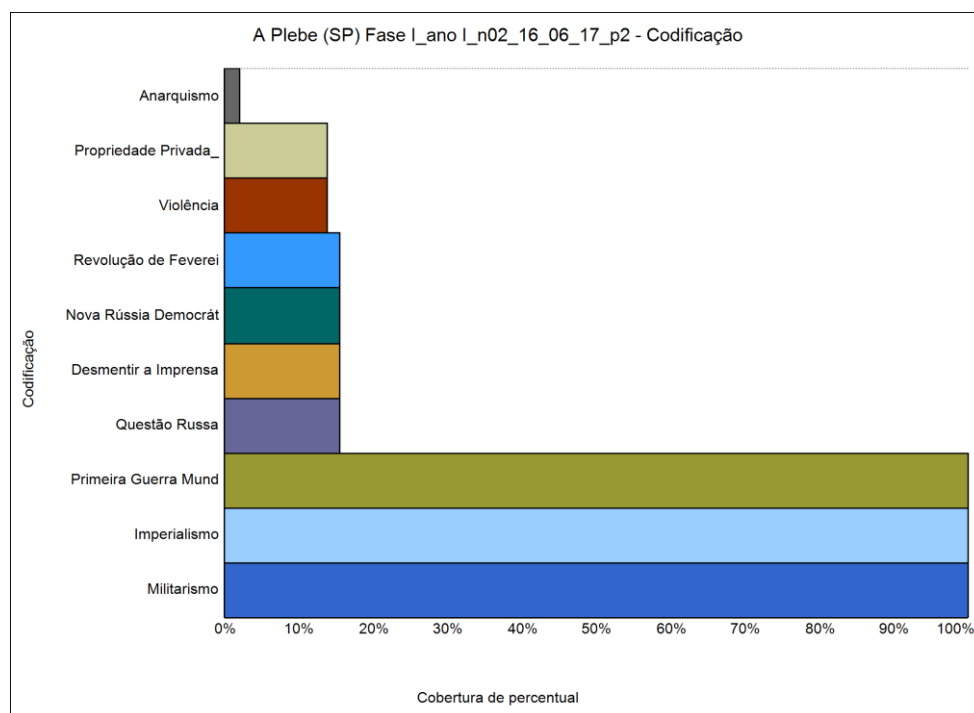
Helio Negro (1917, p.2) elabora a notícia associando a Revolução Russa ao contexto da Primeira Guerra Mundial cujas determinantes estariam nas desigualdades advindas da propriedade privada como explicação para os conflitos sociais internos e as guerras militares. E demonstra ter informação de que nos acontecimentos de fevereiro havia a participação de grupos sociais diversos, dentre eles, a “democracia financeira da Rússia” com apoio dos aliados.

Na finalização do texto, indica que havia mais de um grupo político dentre os “revolucionários”, sendo que seriam os anarquistas a levar por um “bom caminho”. No mês de junho, a imprensa operária observava o avanço da Revolução Russa como um caminho positivo e supunha nesse processo, a influência dos anarquistas.

A *Plebe* em sua primeira notícia da Revolução Russa elabora as informações no quadro dos problemas sociais decorrentes da Primeira Guerra apresentando os acontecimentos como parte de um projeto de grupos revolucionários, dentre eles anarquistas que estariam fazendo escolhas políticas importantes para levar por um “bom caminho”.

⁷⁵ NEGRO, Helio. *A Revolução Russa*. Jornal A Plebe, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

GRÁFICO III - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “A Revolução Russa”⁷⁶



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O Gráfico III referente a Codificação da Notícia “A Revolução Russa”⁷⁷ demonstra como a abordagem da notícia se realizou a partir de explicações que tratam os motivos da Revolução Russa de Fevereiro associando-os às causas e resultados da Primeira Guerra Mundial, utilizando do argumento da organização social baseada na propriedade privada como causadora da “disputa de mercados e territórios”.

Desta perspectiva, o texto jornalístico a partir da compreensão da propriedade privada e suas motivações comerciais explica como a “posse individual de bens produzidos pela coletividade” gera antagonismos e conflitos entre os indivíduos de uma mesma sociedade e provoca disputas militaristas entre as nações lideradas pelos “detentores de riquezas” que utilizam de suas “vítimas e aguardam tranquilamente o resultado do assalto”.

Conforme o Gráfico III, a codificação dos principais temas abordados nessa notícia de 16 de junho de 1917 sobre a Revolução Russa identifica que há uma visão

⁷⁶ NEGRO, Helio. *A Revolução Russa*. Jornal A Plebe, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

⁷⁷ NEGRO, Helio. Op. Cit, p.2.

crítica da Primeira Guerra Mundial apresentada pelo autor como “homenagem à verdade” ao associar suas origens aos interesses comerciais e industriais.

O aspecto militarista é identificado com argumentos que muito se aproximam do conceito de imperialismo, por isso, também usamos essa temática para a análise da notícia. Esta, ao final, esclarece como esses movimentos imperialistas produzem um nível extremo de violência para a população pobre que no caso da Rússia em fevereiro de 1917 resultou numa Revolução inicialmente estimulada por uma “democracia financeira”.⁷⁸

Na Nuvem de Palavras III é possível perceber como Guerra e Revolução permeiam todo o corpo da notícia sendo a segunda tratada como consequência da primeira e ambas como “efeitos da posse individual de bens produzidos pela coletividade”. A Primeira Guerra é caracterizada como uma “calamidade” resultante dessa propriedade privada exploradora da riqueza coletiva e promotora de conflitos internos e externos.

⁷⁸ O conceito de imperialismo tem uma longa trajetória de base teórica eclética, tratamos aqui do fenômeno associado aos processos da Primeira Guerra Mundial num contexto de debates na Segunda Internacional com os trabalhos de Rosa Luxemburgo (*A acumulação do capital* – 1913), Karl Kautsky (*A questão colonial* - 1914), Nicolai Bukharin (*A economia mundial e o imperialismo* – 1915) e principalmente, Lênin (*Imperialismo, fase superior do capitalismo* – 1916). Lenin estabeleceu a seguinte relação das características do imperialismo: “a “exportação do capital” ocupa lugar de destaque ao lado da exportação de mercadorias; (2) a produção e a distribuição controladas por trustes ou cartéis; (3) fusão dos capitais bancário e industrial; (4) divisão do mundo pelas potências capitalistas em esferas de influência, e (5) luta intercapitalista para redividir o mundo. Este debate teórico resultou em divergências políticas e cisões na Internacional Socialista sobre quais caminhos seguir no cenário da Primeira Guerra Mundial”. Assim, entre os Congressos de Stuttgart e o de Basileia (1912) foi se dividindo o grupo defensor de reformas em detrimento do programa revolucionário e outro que defendia a mobilização das massas e a luta revolucionária. Dentre os primeiros estavam a maioria da social democracia alemã que apoiou o governo do Reichstag votando a favor da liberação dos créditos de guerra, os socialistas franceses uniram-se a burguesia em “defesa” da pátria, assim como os austro-húngaros, os belgas, os ingleses e os populistas russos. E apenas o partido social-democrata russo, sérvio, húngaro, o partido socialista italiano e pequenos grupos dos partidos alemão e francês permaneceram com a posição de defender a paz e “aproveitar o momento para precipitar a queda do capitalismo” (BOTTOMORE, 1988; ALMEIDA, 2006; COGGIOLA, 2020; LÊNIN, 2014). No Brasil, a Confederação Operária Brasileira em 1914 convocou as associações operárias para protestar contra a Primeira Guerra Mundial e em 1915 realizou um Congresso Internacional pela Paz em defesa da orientação antimilitarista e da solidariedade internacional. Posturas em consonância com CGT francesa e dissonância com militantes anarquistas influentes como Piotr Kropotkin que declarou apoio aos aliados (MARQUES, 2015; SANTOS, 2016).

Figura 17 – Nuvem de Palavras III



Fonte: Elaborado pelo próprio autor com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “A Revolução Russa”⁷⁹.

As nações são identificadas como elementos que são colocados em uma guerra militar pela disputa entre os detentores de riquezas numa “luta canina de um salteador contra outro salteador” por isso qualifica como uma “guerra de ladrões”.

Os grupos de nações são divididos da seguinte forma: Alemanha, Áustria e aliados e em lado oposto estão Inglaterra, França e Itália. Estas agrupações são similarizadas em seu regime social de “gente pobre produtora de tudo, mas nada tem e gente rica que nada produz e tem tudo”.

Os Aliados e a Entente são caracterizados como “empresas comerciais e industriais” promotoras da “guerra de conquistas”, financeira e territorial:

Nos tempos antigos esta guerra era feita pelos senhores de um território contra os senhores de outros: os escravos eram alheios as lutas – olhavam indiferentes para os narizes esmurrados dos lidadores. Hoje, os senhores mais espertos, ou os escravos são mais topeiros, porque não mais se limitam a ser bestas de carga, também são carne de canhão.⁸⁰

Desde o prelúdio da Primeira Guerra Mundial, a imprensa operária publicava artigos e gravuras criticando e denunciando a violência da guerra. Depois da deflagração desse conflito, essa abordagem jornalística se intensificou. Nas páginas desses jornais,

⁷⁹ NEGRO, Helio. *A Revolução Russa*. Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

⁸⁰ NEGRO, Helio. *A Revolução Russa*. Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

havia elementos verbais e visuais, eram gravuras, poemas e diálogos ideológicos na difusão de ideias contra o militarismo e o patriotismo. Angela Martins e Ingrid Souza (2017) utilizam dessas observações para analisar uma gravura com uma cena de instrumentos bélicos publicada em 1914 pelo jornal *A Laterna*:

Para os libertários em geral, canhões e munições representavam os instrumentos da conquista e da opressão. Forjados para lutar contra um suposto “inimigo”, acabavam servindo para dominar o “outro”, um amigo, um irmão, para destruir a humanidade, segundo preconizavam os anarquistas. Desse modo, canhões e munições eram associados aos horrores da guerra, constituindo a própria imagem da calamidade universal então provocada pela Grande Guerra.⁸¹

GRÁFICO IV - HIERARQUIA DOS NÓS na codificação da notícia “A Revolução Russa”⁸²



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

No texto assinado por Helio Negro é possível identificar como ele constrói os argumentos para explicar a Guerra enquanto uma “calamidade europeia” provocada pela propriedade privada, fator também relacionado com a causa da Revolução e compreendido como razão do conflito de interesses entre os indivíduos de uma mesma sociedade e entre

⁸¹ MARTINS, Angela Maria Roberti; SOUZA, Ingrid S. Ladeira de. Representações da guerra nas páginas libertárias: breve reflexão sobre sete gravuras. *Concinitas*, ano 17, V. 2, Nº29, p.13-42, junho.2017.

⁸² NEGRO, Helio. *A Revolução Russa*. Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

as nações. A organização social baseada na exploração da “posse individual de bens produzidos pela coletividade” promove guerras internas e entre nações, sendo responsável pela violência e pela crise que a humanidade vivia naquele momento com as “chacinas” resultantes da Primeira Guerra transformando o mundo em “matadouro humano”. O texto identifica os dois grupos beligerantes, a Entente e os Aliados, como duas empresas comerciais e empresarias, demonstrando atribuir aos interesses financeiros em disputa no plano internacional as razões da guerra.

Conforme está demonstrado no Gráfico IV, a notícia faz crer que a propriedade privada ao promover a desigualdade gera uma expansão e aprofundamento da violência que resulta em conflitos militaristas por interesses imperialistas que explicam a Primeira Guerra e a Revolução Russa. Para esta última, o texto faz saber que apesar de inicialmente liderada pela “democracia financeira” caminhava pra frente pelos revolucionários principalmente “os anarquistas fizeram à questão no bom caminho”.

E assim é abordada a questão de informar aos trabalhadores como a “nova Rússia Democrática” estava caminhando na Revolução de Fevereiro com a presença do anarquismo, sendo, portanto, um “bom caminho”.

Nas notícias da Revolução Russa publicadas tanto no jornal *A Semana Social* quanto em *A Plebe* entre março e junho de 1917, percebe-se como é postulado ser a Primeira Guerra uma das causas principais da Revolução Russa, mas destaca-se a elaboração da visão entre os jornais operários de que a Europa vivia acontecimentos calamitosos no aspecto de condições humanas, isto é, que havia uma crise humanitária indicando a falência do modelo de sociedade constituído pela propriedade privada.

O periódico *A Semana Social* em sua primeira notícia referente a Revolução na Rússia, em 30 de março de 1917, abordou a Guerra como um “conflito calculado” pelos “regimes políticos dirigentes dos países em guerra”. E ao explicar as causas da Revolução, apontou relações com as consequências da política expansionista do império russo enquanto promotora de guerra com os impérios centrais.⁸³

Após dois meses e uma quinzena, o jornal *A Plebe* ao inaugurar sua publicações com foco na Revolução Russa, em edição de 16 de junho de 1917, associou a “revolução que Lavra na Rússia” também à Primeira Guerra, caracterizada como uma das “preciosas

⁸³ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

consequências a calamidade que assola a Europa em sangue há três anos”. Não obstante, o periódico paulista abordou a relação entre a guerra e a revolução através da propriedade privada enquanto “posse individual de bens produzidos pela coletividade” produtora de antagonismos de interesses internos e externos. Os últimos seriam promotores de guerras entre as nações, a guerra militar, sendo a Primeira Guerra um conflito entre “empresas comerciais e industriais”. O mencionado jornal identificou ser o determinante principal da Revolução, o mal-estar geral da população pobre, um tipo de “revolta legítima dos produtores das riquezas contra os detentores destas”.⁸⁴

O historiador francês, Marc Ferro (1985), apresenta além dos fatores econômicos e políticos e das estratégias diplomáticas e militares que mobilizaram as nações, as ideias e sentimentos de diversos atores sociais predominantes tanto na frente de batalha quanto na retaguarda da Grande Guerra a partir de documentos cinematográficos e diversas fontes escritas (imprensa, literatura, documentos militares e diplomáticos).

Por lo demás, la mezclanza de hombres, la aventura, a menudo trágica de su permanencia en el frente, los breves retornos al hogar, con ocasión de permisos, dieron a los movilizados una conciencia aguda de su solidaridad. Los combatientes se convirtieron en una especie de clase aparte, la clase de los sacrificados. Frente a «los de retaguardia», aprovechados o emboscados, sintieron una hostilidad sorda que no ha dejado huellas en la gran historia de la guerra, pero que, sin embargo, ha marcado a toda una generación (FERRO, 1985, p.259).⁸⁵

Ferro (1985) qualificou os sobreviventes que voltaram às suas vidas de origem como “os sacrificados” e dentre estes considerou a existência de ressentimentos contra as ordens e aqueles que ficaram na retaguarda. Tais sentimentos seriam uma condição favorável aos fenômenos fascistas e de direita dos anos seguintes. O historiador francês compreende que a experiência da guerra provocou profundas fissuras nas sociedades européias questionadoras das ilusões e do otimismo dos cidadãos da Europa Ocidental quando partiram para a guerra em 1914.

O jornal *A Plebe* procurava demonstrar os impactos sociais da Grande Guerra acima identificados por Ferro (1985) e no referido periódico divulgado na primeira página do seu quarto número uma gravura com o título “O Brasil na Guerra” onde à direita está

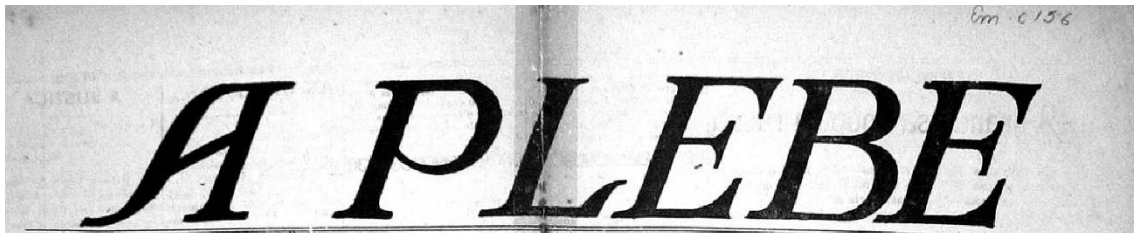
⁸⁴ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

⁸⁵ Além disso, a miscelânea de homens, a aventura muitas vezes trágica de seu mandato na frente, o breve retorno para casa, de licença, deram aos mobilizados uma consciência aguda de sua solidariedade. Os combatentes se tornaram uma espécie de classe à parte, a classe dos sacrificados. Perante "os da retaguarda", aproveitados ou emboscados, sentiram uma hostilidade surda que não deixou vestígios na grande história da guerra, mas que, no entanto, marcou toda uma geração (FERRO, 1985, p.259, tradução nossa).

um grande soldado de tamanho desproporcional que ocupa todo o quadro vestido à maneira romana com feições enfurecidas coagindo uma família em proporção inferior, assustada, enquanto o pão na mesa estava sob a mira da mão do soldado. Era uma tentativa de demonstrar a entrada do Brasil na guerra como algo violento e usurpador do povo brasileiro.⁸⁶

⁸⁶ No que se refere as possibilidades metodológicas para articulação entre linguagem estética e suas representações histórica e social, há o importante estudo sobre o paradoxo de como o ato de ver acontece com o que vive em nossos olhos pelo que nos olha: DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010. Um dos primeiros trabalhos sobre as imagens publicadas em *A Plebe* numa perspectiva problematizadora da ambivalência das imagens enquanto representações construídas conforme o modo como o sujeito é afetado pela imagem na interconexão temporal (passado, presente e futuro): CAMARGO De, Daysi. *O teatro do medo: a encenação de um pesadelo nas imagens do periódico anarquista A Plebe (1917-1951)*. Dissertação (Mestrado em História), PUC, São Paulo, 1988. É possível verificar em importantes estudos recentes uma abordagem dos periódicos de forma mais diversificada através do universo imagético e simbólico. Por exemplo, a análise das gravuras da imprensa operária carioca e paulista (1910-1935) enquanto uma cultura visual constituinte de uma identidade classista brasileira e herdeira de migrações simbólicas verificadas no cruzamento com publicações francesas vê: PEIXOTO, Maitê. *Identidades figuradas na cultura do trabalho: a partilha da experiência visual e a construção da identidade operária e sindical no Brasil (1910-1935)*. Tese (Doutorado em História), PUC – RS, Porto Alegre, 2016. Há também inovações na pesquisa transnacional que investiga a dimensão sócio-cultural dos periódicos da imprensa anarquista e anticlerical através das imagens, poesias e contos: POLETTI, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. Tese (Doutorado em História), Unisinos, São Leopoldo, 2017.

Figura 18 - Jornal A Plebe (Ano I - Nº 4)



ASSIGNATURAS
Anno . . . 1916 . . . Semestre . . . \$4000
PAQUETÃO ADIANTADO
At. subscrições começam sempre em 1.º de Maio e não são q.º de l.ºs
Número avulso: Da semana \$100; atrasado \$200

Toda a correspondência a EDGAR LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal 195 - S. PAULO (Brasil)
Redação e Administração: Rua Cap. Sombrio, 3-0° (Sebrudo) - Junto ao Largo de S.
ANNO I - Nº NUM. 4
30 de Junho de 1917
PUBLICA-SE AOS SÁBADOS
Os anúncios na 4.ª página são inseridos à razão de 300 réis
p.º centímetros de colunas

Cortezia oriental

É insuportável que esta guerra tenha sido fecunda em surpresas de toda a costa. A última é, de certo, a que o Japão, o estado e o semi-barbárico Japão nos tinha reservado a nós, homens do Novo e Velho Mundo.

O Japão teve um gesto de magnanimidade oriental ofereceu à Rússia os seus serviços e a sua experiência para organizar a democracia neste país. Isto pareceu fabuloso ou reminiscência de velha história asiática, mas, ao que parece, não há nem fabula nem história, e sim o facto, o facto contemporâneo, dos meses de guerra da graça de 1917 (III da Grande Guerra).

Realmente, o gesto do Japão merecia esta cortezia. E merecia não pelo Japão em si, que d'elles, certamente, não tem a culpa, mas pelo que este gesto representa e exprime.

O gesto do Japão (já se preciseu dizer-o?) foi ordenado pela Inglaterra e pela França e exprime toda a infâmia e o abominação covardia de que são capazes os governos destes países. O fim da França e da Inglaterra não é organizar democraticamente a Rússia, mas entregar as tendências pacifistas dos seus revolucionários, socialistas e anarquistas.

Na Rússia, o mesmo gesto (repetido-o?) é visceralmente contra a burguesia francesa, que, com razão, abomina a desgracia. A burguesia francesa é a mais infame das burguesias, a mais orgulhosa e barba, insolente e vingativa, com a circunstância de que está ligada a virtudes e aliada com aquilo a que outros chamam polícias e boas maneiras e são chamados, simplesmente e naturalmente, hypocritas.

Logo está na memória de todos, mas está, sobretudo, na memória e na alma do povo russo. Por isso esperamos que este povo se defenda e lute, não contra as suas inimizades e trações e vellezas da burguesia russa e aliada, que contra os perigos do imperialismo germânico, certamente culpado e imbecil, mas não mais imbecil e culpado que o imperialismo francês e inglês, e, sobretudo, muito menos real que estes dois.

O BRAZIL NA GUERRA



O ÚLTIMO PEDAÇO DE PÃO

Jubilho reaccionario AI! BELLES, PORÉM...

O *Correio da Manhã* rejubilou-se com a decisão inconstitucional da Corte de Appello do Rio de Janeiro negando aos nossos companheiros dali o direito de fazer comícios na praça pública.

O DESERTOR

O heroísmo das batalhas é um heroísmo secundario, de matar para não morrer, de matar e morrer porque lhes ordenam matar e morrer.

«O Debate»

Com este título deve aparecer no Rio, no próximo dia 5, uma revista setmanaria de actualidades, política, questões sociais, literárias, etc. Será uma folha combativa e vira, de vez em quando, as campanhas populares, agitando todas as questões actuais de interesse nacional e internacional.

Um só assinante faz um सहयोग, milhares de assinantes fazem um heros.

A *Plebe* em 30 de junho de 1917, conforme a Imagem 16, inaugurou uma cobertura de notícias da Revolução Russa na segunda página com o chapéu “Arrebol da Liberdade” e o título “A grandiosa epopeia russa”. A notícia inicia confrontando as informações da “imprensa burguesa” que atribuíam a Revolução Russa às iniciativas da “Duma monárquica e aos liberais panslavistas” para “ocultar a ação proletária e o papel dos socialistas”.⁸⁷

⁸⁷ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP. Elane Oliveira e Juliana Araújo (2017) definem o conceito jornalístico de “chapéu” como um dos elementos verbais compositores da notícia utilizado acima de um título e em corpo menor para caracterizar o tema ou assunto da matéria. Strongren (2017, p.168) esclarece o uso do conceito de “coluna” entre o jornalismo contemporâneo e a imprensa operária do início do século XX. O primeiro formato está relacionado com as mudanças no final do século XIX oriundas dos EUA e implementadas pelo ideal de objetividade e imparcialidade quando a “coluna” tornou-se um “componente do jornalismo opinativo”, ou seja, um “espaço reservado e destacado do conteúdo informativo para expressão da opinião de um autor sobre os acontecimentos diversos ou fatos de sua especialidade”. Na imprensa operária não havia divisão entre fato e opinião, os relatos eram acompanhados por interpretações, juízos e conclusões direcionadas ao leitor. E a publicação de “colunas” estava direcionada a um espaço dedicado para um jornalista-militante específico e, geralmente, havia um título recorrente e o tema poderia variar de uma edição a outra.

Figura 19 - Jornal A Plebe (Ano I - N° 4)

ARREBOL DA LIBERDADE
A grandiosa epopeia russa

As verdadeiras origens da revolução - Influência decisiva do elemento avançado - Como se constituiu o Conselho de operários e Soldados - Interessante carta de Jean Grave

A imprensa burguesa, animada a revolução russa, procura atribuí-la à Duma, ao czarismo e aos liberais anarquistas, no mesmo tempo que ocultava a ação proletária e o papel dos socialistas, que trouxeram a revolução...

Quando os socialistas italianos, suíços, organizaram as conferências de Zimmerwald e de Kienthal, todas as organizações socialistas russas e seus representantes aderiram a essas tentativas de reconstrução da Internacional...

Por isso, logo que começaram os trabalhos do Congresso de Petrogrado, o princípio de caráter para o movimento econômico, — os socialistas russos, amparados pela confiança da classe operária, tomaram a direção do movimento revolucionário, que está longe de ter acabado...

Lobos e Cordeiros

Ha dois escenarios e dois planos distintos na vida: um de liberdade e desenvolvimento, outro de opressão e estagnação. O exílio, na honraria, a imortalidade, a glorificação e o infornado, e fono, tudo para o indivíduo que luta permanentemente contra forças hostis de modo de uma dessas planas em que esteja collocado pelo edge destino humano...

ANARCHISTAS...

Queres dizer por toda a parte que os anarquistas são dynamistas, desordenados ou, quando menos, lunáticos e utopistas. Não és de admirar que tal seculo de homens continuem a ser os mesmos homens, os mesmos de sempre, os mesmos de todas as épocas...

Abel! Eu chamo-me a anarchista! Eu sou o Turbilhão cóctico, e profundo, que vem varrer a terra, o meu nome é: Venho e não vou, venho e não vou...

GOMES LEAL

Os milhões aglomeravam-se com elles a andava e a arropava. O piduchiu rifado já não dava mais confiança a qualquer patrão. Fortra-se pessoa importante na colonia...

Emboreu com a mulher e filhos num transatlantico, como a gumeia dos passageiros de primeira classe e aifal, desembarcaram em Santos com a ligeira sua costas, tomou lugar num carro da liguera, subiu a sacra e deu entrada na hospitalaria...

Um A Plebe em Santos. Está a venda na Agencia de Jornais Sr. José de Paiva Magalhães, 4, rua Santo Antonio.

A PLEBE A JUSTIÇA

Uma lei a mais é uma liberdade a menos. J. B. Azevedo.

A justiça, hoje como sempre, não passa de um simbolo. Se examinamos os vastos influxos de associações de bem-estar, de associações de bem-estar, de associações de bem-estar...

Quando não se possa condemnar o pensamento, quando as leis não tenham a efficacia de evitar os crimes, quando as leis não sejam justas, quando as leis não sejam justas...

Quando não se possa condemnar o pensamento, quando as leis não tenham a efficacia de evitar os crimes, quando as leis não sejam justas, quando as leis não sejam justas...

Quando não se possa condemnar o pensamento, quando as leis não tenham a efficacia de evitar os crimes, quando as leis não sejam justas, quando as leis não sejam justas...

DR. ROBERTO FEIJÓ
ADVOGADO
Rua 15 de Novembro, 27-1.º andar

Por que as avas de rapina se nomeiam de lobos e os cordeiros de cordeiros? Porque os primeiros são os que correm e os segundos são os que são comidos. O ministro vai, o ovelho nas trincheiras, são as capulas de fortalezas, nas casamatas dos couraçados, nas cidades inexpugnáveis, como um catalyma tudo destruído, esquecido, semeando o infornido, arranjando os seus próprios irmãos...

solidariedade social que hoje vemos explicita isto. O homem das primeiras sociedades aliou-se com os seus semelhantes em famílias, em tribus, etc., porque reconheceu no companheiro a existência de um valor agressivo, defensivo igual ao seu. Isso foi a verdadeira origem do complexo organismo social contemporâneo...

O periódico esclarece que a crise da social-democracia de alguns países beligerantes não havia atingido as organizações socialistas da Rússia cujos agrupamentos “perseveraram na sua atitude tradicional de oposição ao czarismo e as poucas defecções que se produziram não se generalizaram”, a exemplo do líder Plekanov que defendeu o apoio aos créditos de guerra e não recebeu apoiadores entre os russos.

A *Plebe* destaca a posição dos socialistas russos na adesão às tentativas de reconstituição da Internacional nas Conferências de Zimmerwald (1915) e do Kienthal (1916) e na “fidelidade aos princípios proclamados nos congressos internacionais”. Estas atitudes para o periódico eram o que explicava a agilidade desse agrupamento russo, sustentado pela confiança da classe operária, para assumir a direção do movimento revolucionário na sua fase inicial.⁸⁸

Nos parágrafos seguintes, o jornal demonstra receber informações qualificadas sobre os acontecimentos políticos russos, noticia a convocação da “Junta Central do Partido Social Democrático” aos operários e soldados para nomearem delegados a um Conselho, “destinado a lutar contra as forças de reação e fiscalizar os atos do governo provisório”. Tal Conselho, segundo a coluna “Arrebol da Liberdade”, havia ocupado o lugar da Duma no Palácio Tauride com uma “ação inovadora e revolucionária”.⁸⁹

⁸⁸ No início da Primeira Guerra, haviam os socialistas apoiadores dos governos beligerantes com argumentos nacionalistas, a exemplo da social-democracia alemã cuja atuação parlamentar financiou os recursos militaristas e dos socialistas franceses que se uniram a burguesia em nome da pátria. E numa outra posição estavam os opositores dessa escolha, como os partidos russos, sérvio, húngaro, italiano – junto com pequenos grupos de outros partidos - cujas orientações seguiam as ideias aprovadas nos Congressos da Internacional Socialista a partir de 1907, nas quais os trabalhadores deveriam atuar para evitarem a deflagração do conflito e não sendo possível que o momento fosse aproveitado para acirrar a luta pela queda do capitalismo. Coggiola (2020) compreende as Conferências Socialistas nas cidades suíças de Zimmerwald e Kienthal como os primeiros sintomas da cisão no campo socialista internacional decorrentes das divergências políticas sobre a Primeira Guerra Mundial. No mês de setembro de 1915 reuniram-se 38 delegados de 12 países na Conferência de Zimmerwald, dentre eles: socialistas russos (Lênin, Trotsky, Zinoviev, Radek), alemães (Ledebour, Hoffmann), franceses (Blanc, Brizon, Loriot), italiano (Modigliani), romenos (Rakovsky) e representantes dos países neutros. Foi nesse encontro que aconteceu denúncias sobre o caráter imperialista da guerra e a acusação de “traição” aos socialistas que apoiavam a guerra. Alguns meses depois, em abril de 1916, a Conferência em Kienthal convocou os trabalhadores dos países beligerantes a lutar pelo fim da guerra. Coggiola (2020) considera o socialismo russo como o “fer de lance da luta contra a guerra, e pela revolução, nas condições criadas pela própria guerra”. Na emigração russa havia diversas posições entre o defensismo de Plekhanov e o chamado “derrotismo” de Lênin, a defesa da transformação da guerra imperialista em guerra civil, além da constituição de uma nova Internacional. Os mencheviques em 1915, como Chkheidze, Vera Zasulich e Potréssov apoiaram a política liderada por Plekhanov de apoiar a Entente em torno do governo czarista. Ao longo de 1917, Lênin defendia a urgência na fundação da III Internacional, identificando serem os bolcheviques, o partido com mais condições naquele momento para tal realização, o que vai se concretizar em março de 1919.

⁸⁹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

A citada coluna, subtitulada “A grandiosa epopeia russa”, acrescenta a existência de uma comissão mista responsável pela decisão da prisão da família real, da convocação da Assembléia Constituinte e da jornada de 8 horas de trabalho. Há também a afirmação de que o príncipe Lvov abandonou os “fins da guerra do czarismo e dos liberais anexionistas”, bem como, por unanimidade, os delegados operários reunidos em Congresso adotaram uma “resolução democrática e socialista”. A *Plebe* compreende que essa resolução esclarece os equívocos dos jornais burgueses ao “trocarem as proclamações, falsearem as declarações e castrarem os discursos para enganar os leitores sobre o verdadeiro caráter do movimento revolucionário”.

Ainda na edição de 16 de junho de 1917, a coluna dedicada aos acontecimentos russos de 1917 publicou trechos de uma carta datada de 31 de março de 1917 com autoria identificada por Jean Grave, militante anarquista que publicava no jornal parisiense “*Temps Nouveaux*” e declarou: “Então? que dizeis ao que acaba de se dar na Rússia? Aquilo veio como um raio. Eu cuidava que a revolução fora morta na Rússia para alguns anos e que a guerra não era de molde a fazê-la ressuscitar. E ei-la feita, no entanto!”⁹⁰

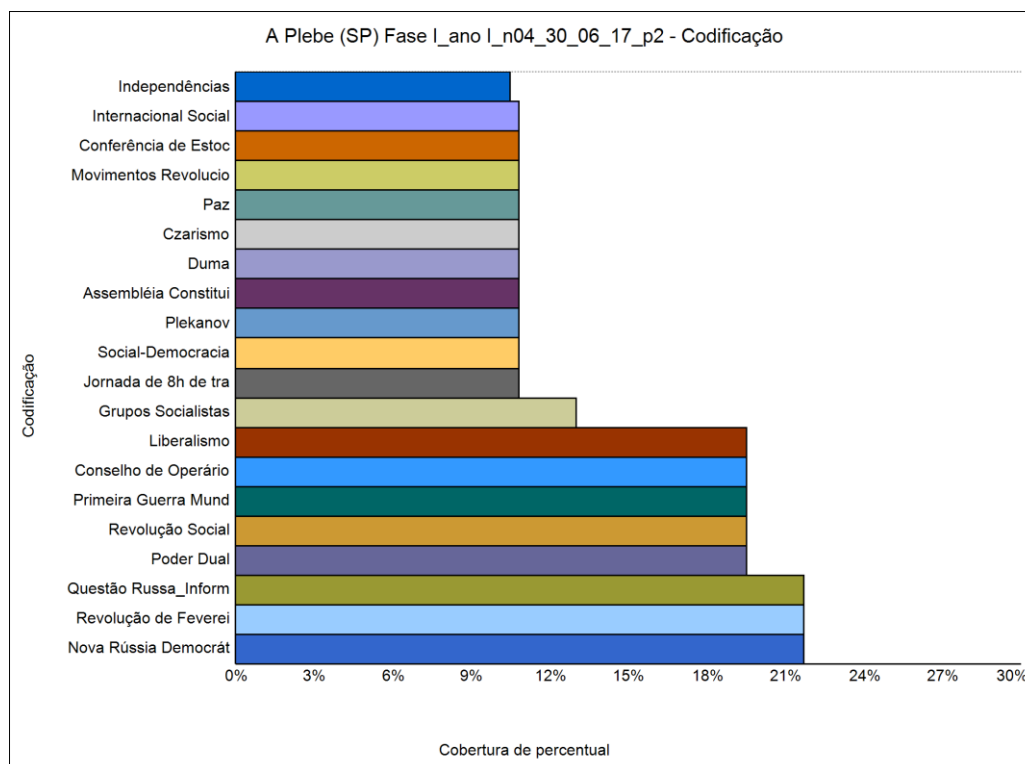
A carta segue comunicando com admiração e entusiasmo as novidades na Rússia dizendo serem os russos aqueles que poderiam naquele momento “dar lições de liberalismo”, como no exemplo da restituição da independência à Finlândia e Polônia, o acesso das mulheres a todos os empregos, a abolição da censura política e a auto-organização da massa. Jean Grave também ressalta a organização da auto-defesa com as milícias camponesas e o controle das subsistências pelos governos municipais, além de demonstrar acreditar na possibilidade da Revolução na Alemanha, pois o “exemplo russo seria contagioso” e na redução das divergências entre os revolucionários, o que já estaria acontecendo na Rússia e poderia propagar-se em outros lugares.

A reprodução de uma publicação francesa sugere uma rede internacional de circulação das notícias russas com uma expressão inicial pós-fevereiro de impressões positivas da Revolução como demonstração da possibilidade de reação ao conservadorismo autoritário, a exploração desumana da força de trabalho, exclusão das mulheres, dentre outros aspectos sociais que promoviam profundas desigualdades. A Revolução Russa era publicizada como exemplo de que eram possíveis transformações

⁹⁰ Peixoto (2016, p.46) na sua investigação do intercâmbio entre a imprensa brasileira e francesa utilizou como fonte de pesquisa sete periódicos parisienses entre os séculos XIX e XX, dentre eles, *Les Temps Nouveaux*, identificando-o como semanário de perfil anarquista e crítica social fundado por Jean Grave.

políticas que pareciam ser de longo alcance na realidade brasileira. E que essa realização russa “como um raio” provocaria estímulos para experiências semelhantes em âmbito mundial.⁹¹

GRÁFICO V - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “Arrebol da Liberdade – A grandiosa epopéia russa”⁹²



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

De acordo com o Gráfico V, há um painel de novas informações no mês de junho referentes às importantes mudanças, como a jornada de 8 horas de trabalho e a formação de um Conselho de Delegados de Operários e Soldados com poderes de fiscalização e resolução. O objetivo principal do texto era de constituir uma alternativa de informações e análises ao que era divulgado pela “imprensa burguesa”. Destacando inicialmente a

⁹¹ Poletto (2017, p.23-24) desenvolveu pesquisa dos periódicos anarquistas entre os séculos XIX e XX de países distintos (Espanha, Argentina e Brasil) demonstrando como a abordagem transnacional pode ser o caminho para compreender as “conexões de uma extensa rede de comunicação e alimentadas no seio da imprensa anarquista e anticlerical” e entender a autodenominação desses jornais como “internacionalista e para todos”, sem limites de nação ou região se direcionava aos “trabalhadores do mundo”. Peixoto (2016, p.45-46) identificou em periódicos brasileiros anarquistas e comunistas nas primeiras décadas do século XX um “trânsito amplo do conteúdo imagético principalmente com intercâmbio de conteúdos entre França e Brasil através de contato constante com a tradição francesa do desenho político de imprensa, especialmente sob o traço caricatural”.

⁹² Jornal *A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

ação da social-democracia russa de perseverança na oposição ao czarismo e na busca pela reconstituição da Internacional com a defesa dos princípios de congressos anteriores que aprovaram posições contrárias à guerra.

A *Plebe* demonstrava acompanhar as notícias das ações do Soviete de Petrogrado, apesar da defasagem de alguns meses na chegada das informações, o que podemos compreender pelo tempo da circulação internacional na imprensa operária, às vezes assíncrono, mas acessível com suas abordagens customizadas ao contexto das dinâmicas locais e das redes de comunicação.

Figura 20 – Nuvem de Palavras IV



Fonte: Elaborado pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “*Arrebol da Liberdade – A grandiosa epopéia russa*”⁹³.

A coluna “Arrebol da Liberdade” de 30 de junho de 1917 como demonstra a nuvem de palavras IV desenvolve a abordagem das notícias da Revolução Russa a partir da explicação sobre o papel dos socialistas russos na “perseverança de oposição ao czarismo” e sua importância no cenário internacional com a imediata adesão às tentativas de reconstituição da Internacional ao participar das Conferências de Zimmerwald e do Kienthal.

A Figura 15 ressalta termos do texto cujos sentidos estão na mensagem jornalística de que os socialistas russos através do Partido Social Democrata lideraram os movimentos desencadeados em São Petersburgo no mês de fevereiro porque possuíam a “confiança” da classe operária.

⁹³ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

A informação era do lançamento pela “Junta Central do Partido Social Democrático” de um “manifesto convidando os operários e os soldados a nomearem delegados a um Conselho, destinado a lutar contra as forças de reação e a fiscalizar os atos do governo provisório”. E segue explicando que este Conselho havia ocupado o “lugar da Duma no palácio de Taurid e tem ininterruptamente exercido uma ação inovadora ou revolucionária.”

Após destacar a força política dos socialistas russos e sua capacidade inventiva com a criação do “Conselho de Operários e Soldados” comunica uma “retumbante declaração com a qual o príncipe Lvov anuncia ao mundo o abandono dos fins da guerra do czarismo e dos liberais anexionistas”. A guerra como o tema principal daquele contexto internacional permeia as expectativas sobre as atitudes do novo governo russo para com esse conflito mundial.

Por fim os delegados operários reunidos em congresso acabam de adotar por unanimidade uma resolução democrática e socialista tanto no espírito como na letra, na qual não há uma só palavra que não possamos subscrever. Essa resolução dissipa os equívocos cuidadosamente mantidos pelos jornais burgueses que trocam as proclamações, falseiam as declarações, castram os discursos, a fim de enganar os leitores sobre o verdadeiro caráter do movimento revolucionário.⁹⁴

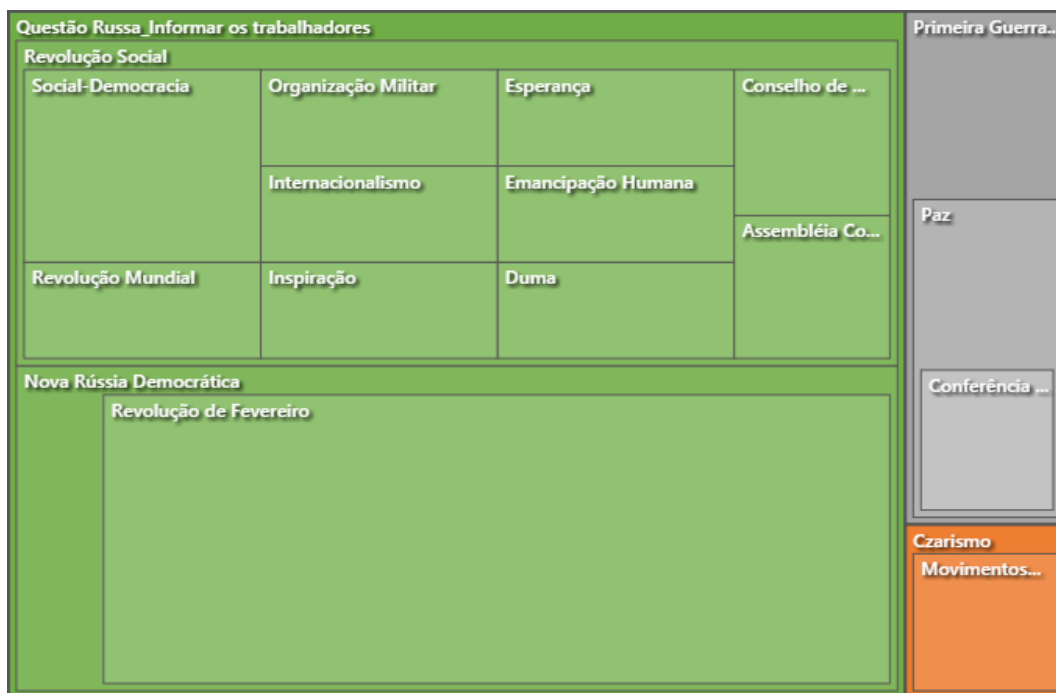
Desde o primeiro parágrafo há um indicativo de que o movimento russo não era promovido pelos liberais como tentava fazer crer a “imprensa burguesa” ao “ocultar a ação proletária e o papel dos socialistas”.

As resoluções do novo governo são qualificadas como “democráticas e socialistas” e apresentadas na publicação de uma carta de autoria do jornalista francês Jean Grave indicando como os russos dariam “lições de liberalismo”: restituição da independência à Finlândia, à Polônia; os governos municipais assumem a direção das subsistências; acesso das mulheres a todos os empregos; abolição da censura política; organização de milícias camponesas. A notícia postulava: “Cada dia nos traz a nova de mais um passo dado para a frente pela massa, que pretende organizar-se a si mesma. É magnífico.”⁹⁵

⁹⁴ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

⁹⁵ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

GRÁFICO VI - HIERARQUIA DOS NÓS na codificação da notícia “Arrebol da Liberdade: a grandiosa epopeia russa”⁹⁶



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

As informações das notícias da coluna “*Arrebol da Liberdade*” são preenchidas por aspectos temáticos qualificadores, caracterizadores e construídas por acontecimentos que sustentam os modos de saber sobre a Revolução Russa. O subtítulo, “*A grandiosa epopéia russa*”, é delineado como uma inspiração para a Revolução Mundial, o “exemplo contagioso” que poderia alcançar a Alemanha. A guerra promoveu a oportunidade da emancipação humana, a busca da “massa” pela auto-organização com uma ação “inovadora e revolucionária” na criação do Conselho de Delegados de Operários e Soldados.⁹⁷

Para apresentar sua versão do caráter da Revolução Russa, *A Plebe* esclarece suas origens sociais ao revelar a ação proletária e o papel dos socialistas russos, se destacando inclusive em nível internacional por sua defesa da paz no esforço de participar das Conferências que tentaram reconstituir a Internacional. Também comunica as escolhas dos “delegados operários” por uma “resolução democrática e socialista”.

⁹⁶ Jonal *A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

⁹⁷ Jonal *A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

A Revolução de Fevereiro chegava nas notícias com destaque para existência dos Sovietes e seu aspecto inovador no sentido de reunir categorias de trabalhadores importantes com poderes de decisão e fiscalização.

A Revolução de Fevereiro para Christopher Read (2005) foi uma produtora em seus primeiros dias de uma “lua de mel em todo o país”. Foi apoiada por todas as classes e nacionalidades, no entanto, eram diferentes grupos comemorando coisas diferentes que “rapidamente sentiram as contradições e conflitos de interesses ainda ocultos.”

Not one but two successors to tsarist power emerged in Petrograd. The Provisional Government, based on the Progressive Bloc of the now totally defunct State Duma emerged only in uneasy alliance with the self-appointed Petrograd Soviet led by revolutionary intellectuals and supported, in the first instance at least, mainly by mutinous troops with a leaven of striking workers. Over a brief period of difficult negotiation the Provisional Committee of the Duma and the Soviet set up an agreement that opened the way for the Provisional Government, on 1 March, to announce its programme of amnesty for political and religious prisoners; full civil liberties including freedom of the press, of assembly and the right to strike; immediate preparation for a constituent assembly; establishment of a militia to replace the police and universal, direct, equal and secret suffrage (READ, 2005, p.25).⁹⁸

Tal análise é verificada no Decreto de colaboração soviética publicada pelo jornal do Soviete de Petrogrado, *Izvestiia*, em dois de março de 1917. Nele, o Soviete de Petrogrado defende a participação das forças democráticas no Governo Provisório para prevenir a contrarrevolução e aprofundar as tarefas até a eleição da Assembléia Constituinte com o objetivo de consolidar a Nova República em “bases firmes e sólidas”. Para tanto, o Soviete de Petrogrado defendia que precisava acumular forças e assim proporcionar que os “membros democráticos do Governo Provisório” fossem respeitados por seus colegas burgueses.⁹⁹

⁹⁸ Não um, mas dois sucessores do poder czarista surgiram em Petrogrado. O Governo Provisório, baseado no Bloco Progressivo da agora totalmente extinta Duma Estatal, emergiu apenas em inquietante aliança com o autoproclamado Soviete de Petrogrado, liderado por intelectuais revolucionários e apoiado, no primeiro exemplo, pelo menos, principalmente por tropas amotinadas com fermento de trabalhadores em greve. Durante um breve período de difícil negociação, o Comitê Provisório da Duma e do Soviete estabeleceu um acordo que abriu o caminho para o Governo Provisório, em 1 ° de março, para anunciar seu programa de anistia para prisioneiros políticos e religiosos; plenas liberdades civis, incluindo liberdade da imprensa, da reunião e do direito à greve; preparação imediata para uma assembleia constituinte; estabelecimento de uma milícia para substituir a polícia e o sufrágio universal, direto, igual e secreto. (READ, 2005, p.25, tradução nossa)

⁹⁹ O jornal *Izvestiia* está disponível em <https://dlib.eastview.com/browse/doc/24545243#/>. Acessado em 31/01/2019. Sobre a forma de organização dos Sovietes vê em: <https://www.marxists.org/portugues/reed/1918/10/soviets.html>. O Soviete de Petrogrado foi estabelecido em Março de 1917 após a Revolução de Fevereiro como uma representação dos trabalhadores e soldados da cidade. O comitê executivo provisório (Ispolkom) foi escolhido, chamado “Comitê Executivo Provisório

Por que, então, os operários e soldados, que haviam lutado tão valentemente para derrubar o czarismo, permitiam que o soviete entregasse o poder a um novo governo que representava a classe dos proprietários? Por um lado, a maioria dos trabalhadores ainda precisava compreender as políticas dos vários partidos socialistas. Além disso, os próprios bolcheviques não tinham suficientemente claro pelo que estavam lutando, em parte porque mantinham uma compreensão (ultrapassada rapidamente) da revolução como democrática-burguesa, na qual um governo provisório governaria. O que isso significava na prática, particularmente após a formação do Governo Provisório, estava aberto a interpretações diferentes (MURPHY, 2017a, p.146).

Kevin Murphy (2017a) realizou observações sobre a busca dos trabalhadores pela compreensão das políticas partidárias socialistas e dos bolcheviques pela definição do seu próprio programa. Enquanto Lars Lih (2011) fez um estudo a partir dos panfletos bolcheviques de Moscou que circularam em 1917 para analisar os debates que aconteceram entre os bolcheviques após o retorno de Lênin em abril sobre as estratégias mais apropriadas para evitar a contra-revolução, bem como a estagnação conservadora. A referida pesquisa demonstrou como o “velho bolchevismo” (caracterização de Lênin às antigas concepções revolucionárias bolcheviques) possuía como princípio central antes da guerra, o slogan da “revolução democrática até o fim” pensado como uma vasta transformação social da Rússia sob a égide de um governo revolucionário baseado diretamente no “*narod*” (“o povo”).¹⁰⁰

do Soviete de Deputados Operários” e presidido inicialmente por Nikolay Chkeidze, com sua maioria formada por deputados mencheviques. *Izvestiia* foi escolhido como o jornal oficial pelo grupo. No dia 28 de Fevereiro representantes eleitos de fábricas e do exército se juntaram ao soviete, e novamente os moderados dominaram, uma grande adesão deram ao Soviete quase 3 mil deputados em duas semanas, o qual em sua maioria eram soldados. As disputas políticas no Soviete são compreendidas a partir da trajetória da social-democracia russa, um estudo importante está em: BROUÉ, Pierre. *O Partido Bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014. A tradição revolucionária russa remonta ao século XIX, inicialmente com a vertente do pensamento da intelligentsia descrita como populismo que combinava uma objeção à industrialização capitalista com uma idealização do campesinato russo, acreditavam na organização tradicional da organização camponesa, o mir, como o caminho para o socialismo. Vê: Fitzpatrick, Sheila. *A Revolução Russa*. São Paulo: Editora Todavia, 2017. “Contra os populistas do partido “social-revolucionário” que acreditava, num socialismo russo original, baseado nos camponeses, os marxistas do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) acreditavam que a Revolução Russa iminente seria uma revolução democrática, isto é, anti-tsarista, anti-feudal, “burguesa”. Depois da cisão do Partido em 1903, a minoria (mencheviques) vai defender uma estratégia de aliança com a burguesia democrática, a maioria (os bolcheviques) uma aliança democrática entre os operários e camponeses. Estas estratégias serão testadas durante a revolução de 1905. À luz deste evento Trotsky vai formular em 1906 a teoria da revolução permanente: a revolução democrática, sob hegemonia proletária, se transformará em revolução socialista. Com a queda do czarismo em fevereiro de 1917 se abre um novo processo revolucionário. Ao chegar em Petrogrado em abril 1917, Lênin anuncia uma nova orientação, que toma por modelo a Comuna de Paris de 1871 e coloca o socialismo na ordem do dia” (LÖWY, 2017, p.17).

¹⁰⁰ Nos estudos minuciosos de Lars Lih, a pesquisa sobre a relação da língua russa com sua história política se aprofunda na tentativa de compreender e explicar os significados de algumas importantes palavras em russo que quando traduzidas omitem seus significados. O “*narod*” significa “o povo”, mas com conotações

The leaflets fall into three phases. In the first weeks after Lenin's return, the message contained in the leaflets stayed solidly within the Old Bolshevik formulas. In the summer months of June through August, a good faith effort was made to propagandize Lenin's steps toward socialism. But even in this period, the basic message was the need to end the war by means of a *narodnaia vlast*. Phase three covers the leaflets issued after the Kornilov revolt in late August up to the seizure of power in later October. The theme of steps toward socialism is now mostly forgotten—indeed, socialism in general gets only a passing mention. The central message is still the necessity of a *narodnaia vlast*, but now expressed with even more urgency (LIH, 2011, p.235).¹⁰¹

O Soviete de Petrogrado implementou suas primeiras medidas em 1917 com a chamada “Ordem nº1” para ser executada pelos homens nas guardas, Exército, artilharia e marinha e ao conhecimento dos operários de Petrogrado. Esse decreto estabelece que os representantes dos departamentos militares e das comitativas navais seriam eleitos a partir dos membros das unidades, subordina as ações políticas das unidades militares e das ordens da Comissão Militar da Duma do Estado ao Soviete, entrega a distribuição e o controle das armas aos comitês das companhias e batalhões. E garante aos soldados os direitos comuns aos cidadãos fora de serviço e de formação, com o cancelamento do cumprimento e das saudações obrigatórias.

A Ordem nº1 subverte a hierarquia militar ao estabelecer o Soviete formado por uma representação eleita como a autoridade de comando e de controle dos armamentos, retirando a força militar do Governo Provisório e os privilégios dos oficiais. Além de romper com a imposição da disciplina militar na vida pública e privada dos soldados.

But the reaction of most of the officers made the soldiers realize that the military set-up was an expression of the old regime. Order No. 1

políticas e emocionais diferentes. O “*narod*” russo era formado pelos trabalhadores, camponeses e classes populares urbanas, com distinção entre a alta sociedade educada e de elite, os *tsenzoviki* (termo pejorativo para a elite cultural, derivado do requisito de propriedade ou “censo”, para os eleitores). Um breve resumo do significado russo do que Lih considera as palavras mais importantes para compreensão do cenário da hegemonia bolchevique (“*vlast* – o poder no sentido de ter o direito de tomar decisões finais e a capacidade de fazê-las serem cumpridas”, “*narod* – o povo” e “*vozhd* – líder no sentido mais caloroso e familiar”) pode ser verificado em: <https://johnriddell.com/2017/04/26/a-small-glossary-for-the-hegemony-scenario/>. O autor assim resume sua interpretação do cenário de hegemonia proposto pelo chamado “antigo bolchevismo”: “o proletário deve se tornar o *vozhd* do *narod* a fim de criar um *vlast* capaz de levar a revolução até o fim”.

¹⁰¹ Os folhetos dividem-se em três fases. Nas primeiras semanas após o retorno de Lênin, a mensagem contida nos folhetos permaneceu solidamente dentro das velhas fórmulas bolcheviques. Nos meses de verão de junho a agosto, um esforço de boa-fé foi feito para propagar os passos de Lênin em direção ao socialismo. Mas, mesmo nesse período, a mensagem básica era a necessidade de acabar com a guerra por meio de uma *narodnaia vlast*. A terceira fase abrange os panfletos emitidos após a revolta Kornilov no final de agosto até a tomada do poder no final de outubro. O tema dos passos em direção ao socialismo está agora quase esquecido - de fato, o socialismo em geral recebe apenas uma menção passageira. A mensagem central ainda é a necessidade de uma última *narodnaia vlast*, mas agora expressa com ainda mais urgência (LIH, 2011, p.235, tradução nossa).

had outraged the officer class, for it struck a blow at their rights of decision and command. The roles were reversed in that the soldiers had dictated a decision, and it was one that had the specific effect of restricting officers' rights. Already some among them considered themselves dishonored for having submitted to the change of government or, on the other hand, for not having taken part in it. Consequently in the eyes of the soldiers the officers identified themselves with the old discipline and by that very fact with the old regime (FERRO, 1971, p.487).¹⁰²

O soldado russo de 1917 é caracterizado por Marc Ferro (1971) da seguinte forma: “indisciplinado, patriótico e revolucionário”. O pesquisador salienta o papel desempenhado pelos soldados na Revolução de Fevereiro, indicando que eles também foram importantes nos meses seguintes até outubro. Mas no contexto do primeiro mês não apenas as tropas da retaguarda estavam envolvidas como também aqueles que estavam na frente de guerra se juntaram ao movimento e passaram a questionar a disciplina do exército. E esses soldados entre março e abril reiteraram e desenvolveram vários itens da Ordem Nº1: transmitiram queixas contra seus oficiais pelos abusos sofridos (multas excessivas, linguagem grosseira, injustiça e punição arbitrária) e exigiram os direitos de cidadãos (acesso à informação, direito de reunião, petição, melhores condições de trabalho, salários mais altos).

O historiador francês para explicar a escolha dos atributos para os soldados aponta três eixos justificativos: primeiro o comportamento das tropas durante a revolução de 1917, tanto como soldados veteranos quanto camponeses de uniforme. Eles eram jovens que enfrentaram a guerra enquanto primeira experiência esmagadora que colocou em contato, homens de diferentes origens. O antagonismo dos soldados contra a exigência dos trabalhadores até junho fazia parte no ressentimento geral, a mudança de atitude aconteceu a partir da propaganda dos partidos socialistas deslocando o conflito para as diferenças com a burguesia.

O segundo eixo seria a questão da paz como centro de todos os problemas. Inicialmente, não foi muito notado porque as tropas confiavam no Soviete de Petrogrado para resolver a “paz”. Os soldados identificavam o Soviete com a Revolução e confiaram

¹⁰² Mas a reação da maioria dos oficiais fez com que os soldados percebessem que a configuração militar era uma expressão do antigo regime. A Ordem nº 1 ultrajou a classe de oficiais, pois atingiu seus direitos de decisão e comando. Os papéis se inverteram na medida em que os soldados ditaram uma decisão, que teve o efeito específico de restringir os direitos dos oficiais. Alguns deles já se consideravam desonrados por terem se submetido à mudança de governo ou, por outro lado, por não terem participado dela. Conseqüentemente, aos olhos dos soldados os oficiais se identificaram com a velha disciplina e, por isso mesmo, com o antigo regime (FERRO, 1971, p.487, tradução nossa).

o último para o primeiro. Eles não anunciaram abertamente sua “esperança pacifista” e quando o Soviete condenou a “confraternização” a maioria deles parava e quando apoiava a ofensiva, a maioria participava. Contudo, a política dos líderes do Soviete para a paz já havia sido questionada e paradoxalmente quem contribuiu para isso foi o comportamento dos oficiais: hostilidade em relação à democratização do exército e liberalização das instituições militares; campanha em favor da “guerra até o fim” e da retomada das operações militares. O resultado foi o entendimento das tropas de que havia uma conexão entre o papel do exército na sociedade, a exploração dos sentimentos patrióticos e a continuação da guerra para fins contra-revolucionários (FERRO, 1971, p.510).

Posteriormente, os soldados passaram a identificar qualquer tentativa de ação para restaurar a autoridade como “automaticamente suspeita”, como o que se refere ao resgate do juramento de lealdade e as medidas para reviver o “espírito de luta”. Os líderes dos Sovietes e os ministros socialistas também se tornaram “suspeitos”, perderam crédito ao apoiarem a proposta do Estado-Maior quanto à necessidade de restabelecer a disciplina e a ofensiva beligerante de junho.

Ferro (1971) nessa análise compreende que a “raiz da crise” que derrubou o regime de fevereiro estava na decisão de lançar a ofensiva militar e não no resultado fracassado da retomada dos investimentos bélicos. Pois, na opinião dos soldados o mais importante foi o esforço para recuperar o controle do exército e da sociedade na medida em que essas atitudes contrariavam o sucesso da revolução que estava associada à conclusão da paz.

O terceiro eixo abordado por Ferro (1971) é o “sentimento de comunhão” unificador dos combatentes. Os atos individuais eram raros e as deserções desse ponto de vista antes de outubro para ele foram exageradas, considerando que as partidas da frente de guerra eram realizadas por unidades inteiras, elas eram motins e não deserções. Em outubro, as tropas ainda se mantinham na linha mesmo declarando seu desejo de paz. Apesar disso, o Estado-Maior compreendia que já havia perdido toda autoridade, “não havia mais exército” com exceção de alguns grupos leais.

O quarto eixo que explica o processo de adesão às propostas revolucionárias pode ser compreendido a partir da reação dos oficiais quando desde antes da ofensiva de junho “chamavam de bolcheviques” todos os soldados que se recusavam a obedecer suas ordens. E os oficiais ao insistirem de forma generalizada com esse discurso promoveram

o interesse dos soldados pelo programa do partido bolchevique, o único grupo que apoiava suas ações e fazia críticas contundentes aos rumos do governo provisório. Assim, as tropas foram gradativamente adotando os “slogans bolcheviques” e a partir de meados de julho foi intensificada a “bolchevização” do exército, principalmente após o fracasso do golpe de Kornilov em agosto.¹⁰³

Stigmatizing all those leaders who had not known how to carry out the expected reforms, the soldiers impatiently clamored for the conclusion of peace. But now they also demanded the abolition of private property, distribution of land to the agrarian committees, workers' control of factories, compulsory labor and military service for all—in other words, implementation of the social revolution of which no mention had been made six months earlier. They had no doubt that accomplishment of this program was linked with the taking of power by the Soviets and its legitimation by the Constituent Assembly (FERRO, 1970, p.511).¹⁰⁴

¹⁰³ Após a violenta repressão às “jornadas de julho”, Kerensky formou o terceiro governo provisório o qual, com a participação majoritária de ministros “socialistas conciliadores”, tinha como chefe das forças armadas o general Kornilov nomeado no mês de julho como comandante-em-chefe do exército. No início de agosto as forças políticas estavam assim divididas: de um lado, todos os partidos e grupos que queriam defender a ordem burguesa – cadetes (partido da burguesia monárquica liberal), generais czaristas, altos funcionários, a hierarquia da Igreja ortodoxa, os dirigentes moderados dos mencheviques e socialistas-revolucionários (SR). De outro lado, o partido bolchevique, acompanhado de alguns mencheviques internacionalistas e SR de esquerda. Eric Blanc (2017) explica que a ruptura no governo aconteceu desde que Kornilov planejava dois golpes: um com Keresnky contra os Bolcheviques e outro contra o próprio Governo Provisório. Os planos kornilovistas não foram vitoriosos porque Kerensky ao escolher por recorrer ao apoio das unidades operárias, incluindo os bolcheviques, “perante uma determinada e mobilizada classe trabalhadora, e graças a agitadores revolucionários que contataram soldados sob o comando de Kornilov, a ofensiva militar da direita desintegrou-se antes que pudesse alcançar Petrogrado.” A partir dessa vitória, os bolcheviques foram conquistando maioria nos Sovietes e entre a classe trabalhadora, entre os grupos socialistas “uma maioria do partido SR “rachou” à esquerda, assim como uma significativa corrente Menchevique, alinhando-se a Lênin e Trotsky. Essa frente única preparou o terreno para o triunfo revolucionário de outubro”. Condições económicas cada vez mais degradadas e políticas impopulares do governo, como a restauração da pena de morte impulsionou a causa Bolchevique que defendiam “Paz, Pão e Terra” e “Todo Poder aos Sovietes”. Valério Arcary (2007, p.52 -53) sintetiza sua explicação sobre porque a democracia liberal não foi uma alternativa em 1917: “A pressão de Londres e Paris exigia a manutenção da frente oriental, mas a pressão de um proletariado poderoso e combativo – proporcionalmente a uma burguesia com pouco “instinto de poder” pela submissão à monarquia – exigia o fim da guerra; as correntes mais fortes da esquerda socialista – mencheviques e esseristas – recusavam-se a assumir o poder sozinhas, porque não queriam romper com a burguesia, porém os bolcheviques, minoritários até setembro, recusavam-se a integrar o governo de colaboração de classes e romper com as reivindicações populares. Quando Kerensky perdeu o apoio nas classes populares, a burguesia russa apelou ao general Kornilov para resolver com as armas o que não podia ser resolvido com argumentos. A hora das eleições para a Constituinte tinha passado. A burguesia russa perdeu a paciência com Kerensky e rompeu com a democracia, dois meses antes de o proletariado perder a paciência com os seus líderes, e recorrer a uma segunda insurreição para terminar com a guerra”.

¹⁰⁴ Estigmatizando todos aqueles dirigentes que não sabiam realizar as reformas esperadas, os soldados clamavam impacientemente pela conclusão da paz. Mas agora eles também exigiam a abolição da propriedade privada, distribuição de terras para os comitês agrários, controle operário das fábricas, trabalho obrigatório e serviço militar para todos - em outras palavras, a implementação da revolução social da qual nenhuma menção havia sido feita seis meses antes. Não tinham dúvidas de que a realização desse programa estava vinculada à tomada do poder pelos Sovietes e sua legitimação pela Assembleia Constituinte (FERRO, 1970, p.511, tradução nossa).

Marc Ferro observou o comportamento dos soldados a partir das questões que envolviam a paz e a autoridade. E sob uma perspectiva semelhante, mas analisando a atuação dos Sovietes como fonte e concentração da autoridade, Lars Lih desenvolveu importantes análises para compreensão histórica da concepção de poder na sociedade russa.

Na compreensão de Lars Lih (2017) o destaque das chaves de leituras desse processo está no comprometimento forçado do Governo Provisório em cumprir as principais partes do programa do Soviete, já que disso dependia sua legitimidade e existência. E junto com a decisão da Ordem Nº1 em entregar ao Soviete o controle do exército, foram dois fatores definidores da curso da política nos meses seguintes à fevereiro de 1917 porque contribuíram no fortalecimento do Soviete enquanto fonte do *vlast*, da autoridade soberana.

É difícil imaginar uma iniciativa política importante sendo levada adiante contra a vontade explícita da maioria dos soviets. As diversas crises políticas que surgiram naquele ano terminaram quando a autoridade do Soviete tornou públicas as suas vontades, já que ela tinha o verdadeiro controle da força coercitiva. Isso foi verdade em março, abril, julho, agosto, e também em outubro (LIH, 2017, p.6).

Nos primeiros meses após a Revolução de Fevereiro, os trabalhadores criaram espontaneamente nos locais de trabalho os comitês de fábricas que inicialmente eram responsáveis pela supervisão da administração e com o aprofundamento da crise social e política assumiram o poder deliberativo de contratação e demissão, bem como assumiram a administração diante da fuga e sabotagem dos patrões e diretores das Fábricas (MELO, 2017, p.2).

Os socialistas, com anos de experiência política como alternativa ao czarismo, dominaram as posições nas eleições das lideranças nos comitês de fábricas. Os socialistas revolucionários (SRs) estavam em maior número naquele momento, sua postura pró-guerra os protegeu das prisões da Okhrana, a polícia secreta formada no período czarista. Por outro lado, os bolcheviques foram levados em massa para as prisões por sua força nas greves políticas e na oposição à Guerra, reduzindo significativamente sua presença nas fábricas.

Nos primeiros dias da Revolução de Fevereiro, os trabalhadores ainda não distinguiam com precisão os diferentes partidos socialistas que ainda procuravam consolidar suas próprias posições políticas nas suas atuações. Por exemplo, na medida em

que os SRs tentavam acomodar suas tendências políticas, os Bolcheviques possuíam uma variedade de posições sobre a atitude do partido em relação ao governo provisório, a cooperação com os Mencheviques, a guerra e o papel dos soviéticos.¹⁰⁵

É nesse contexto que Kevin Murphy (2007) observa na fábrica “Moscow Metalworks” como a ação direta dos trabalhadores pós-fevereiro de 1917 abordava queixas imediatas no local de trabalho. E os funcionários implementaram no início de março o dia útil de oito horas e algumas semanas depois essa jornada foi aprovada como diretriz do Soviete de Moscou quando muitas fábricas já haviam realizado essa mudança.

On 21 March, the Moscow Soviet passed a resolution for the eight-hour day, which workers in many factories throughout the city had already implemented through direct action. Management’s 23 March factory announcement appealed to the workforce: “such a reduction of work time is contrary to the duty of the entire populace who must strain every nerve to bring the war to a victorious end. It is our duty to support our army ... in the service of guarding their country.” Only the Provisional

¹⁰⁵ Os socialistas moderados dominaram o Soviete de Petrogrado entre março e junho de 1917, entre eles estavam em sua maioria, mencheviques e socialistas revolucionários que haviam permanecido na Rússia nos anos da guerra, seja legalmente ou presos na Sibéria. As posturas que definiam o posicionamento desses grupos estavam em torno das seguintes questões: paz geral negociada, defesa ativa do país, colaboração com o governo provisório, política de coalizão com um bloco centrista de partidos para além dos socialistas, reformas sociais como a divisão das terras e convocação da Assembleia Constituinte e da convicção da fase da Revolução ser uma etapa burguesa. Por outro lado, a esquerda radical estava ainda mal definida, desorganizada e carentes de líderes fortes que ainda não haviam regressado do exílio político no exterior. Dentre eles, Lênin (Bolchevique), Trotsky (Grupo Interdistritos depois Bolchevique), Martov (menchevique de esquerda), Mark Natanson e Maria Spridonova (SRs de esquerda). Após o retorno dessas lideranças, surgiu uma ala esquerda mais definida, dominada pelos bolcheviques, mas com a presença dos mencheviques internacionalistas, os SRs de esquerda e os anarquistas (WADE, 2017, p.404-410). Para estudos do partido bolchevique antes e durante a Revolução de Outubro vê-se especialmente as três obras de Alexander Rabinowitch: *Prelude to Revolution (1991)*, *Bolsheviks Come to Power (2017)* e *Bolsheviks in Power (2007)*. Os socialistas revolucionários são estudados por especialistas como Michael Melacon em artigos publicados: *From Rhapsody to Threnody: Russia’s Provisional Government in Socialist-Revolutionary Eyes, February–July 1917. Soviet and Post–Soviet Review*, nº 24, 1997, p.27-80; *The Left Socialist Revolutionaries and the Bolshevik Uprising. The Bolsheviks in Russian Society*. Vladimir Brovkin: New Haven, 1997, p.59-80. Vê também: HÄFNER, Lutz. *Die Partei der Linken Sozialrevolutionäre: In der russischen Revolution von 1917/18 (Beiträge zur Geschichte Osteuropas)*. Böhlau, Colônia, 1994. Nas últimas décadas do século XXI se destacou uma importante Tese de Doutorado sobre os SRs procurando explicar as chaves de compreensão dos seus paradoxos políticos: como possuíam grande apoio popular durante 1917, apesar do endosso contínuo de políticas essencialmente impopulares defendidas pelo Governo Provisório, e mesmo assim não conseguiram resistir à tomada do poder pelos bolcheviques, vê: BADCOCK, Sarah. *Support for the Socialist Revolutionary Party during 1917, with a case study of events in Nizhegorodskaja guberniia*. Thesis (Phd in Philosophy), University of Durham, Department of Slavonic Studies, Ustinov Institute, 2000. Available at Durham E-Theses Online: <http://etheses.dur.ac.uk/1587/>. Sobre os mencheviques vê: ASCHER, Abraham. *The mensheviks in the Russian Revolution*, 1976; GALILI, Ziva. *The Menshevik Leaders in the Russian Revolution: Social Realities and Political Strategies*, Princeton, 1989; VOLOBUEV, P. V. *The Mensheviks in the Fall of 1917: Decisions and Consequences*. In: *The Bolsheviks in Russian Society*, Vladimir Brovkin: New Haven, p. 43–58, 1997. No âmbito do estudo sobre os grupos anarquistas vê: AVRICH, Paul. *The anarchists in the Russian Revolution. Russian Review* 26, Nº4, p. 341-350, 1967; *Los anarquistas rusos*. Alianza Editorial: Madrid, 1974; SKIRDA, Alexandre. *Os Anarquistas Russos, os Sovietes e a Revolução de 1917*. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2017.

Government, “which everyone has a duty to obey,” had the power to make a final resolution on the question, though, “bowing to the coercion applied to it,” management conceded that it would immediately implement the eight-hour day. On 1 May, management complained to various Provisional Government offices that the factory committee had “forcibly introduced the eight-hour work day,” unilaterally changed the nightshift to seven hours, and “took upon itself the prerogative of deciding when shifts would start and end” (MURPHY, 2007, p.47)¹⁰⁶.

Nos jornais operários pesquisados de 1917, não há menção aos comitês de fábricas russos, por outro lado, demonstraram muito interesse na organização dos Conselhos de Operários e Soldados, denominação mais utilizada para se referirem aos soviets. Principalmente no processo da greve operária paulista de 1917, quando acreditaram e defendaram a aliança entre operário e soldados como solução para o alcance dos seus objetivos políticos inspirados pela Revolução Russa. É o que consta numa carta do Centro Libertário do Rio de Janeiro divulgado por *A Plebe* em 25 de agosto de 1917 ao lado da coluna “*Ao redor da epopéia russa*” e na mesma página que foi publicada uma foto do cortejo fúnebre do jovem sapateiro Martinez assassinado pela polícia na repressão ao movimento grevista.

¹⁰⁶ Em 21 de março, o Soviete de Moscou aprovou uma resolução para a jornada de oito horas, que os trabalhadores em muitas fábricas em toda a cidade já haviam implementado por meio de ação direta. O anúncio da fábrica da administração em 23 de março apelou para a força de trabalho: “tal redução do tempo de trabalho é contrária ao dever de toda a população, que deve esforçar-se ao máximo para levar a guerra a um fim vitorioso. É nosso dever apoiar nosso exército ... a serviço da guarda de seu país”. Apenas o Governo Provisório, “ao qual todos têm o dever de obedecer”, tinha o poder de fazer uma resolução final sobre a questão, embora, “curvando-se à coerção aplicada a ele”, a administração concedeu que implementaria imediatamente o prazo de oito horas dia. Em 1 de maio, a gerência reclamou a vários escritórios do Governo Provisório que o comitê de fábrica “introduziu à força o dia de trabalho de oito horas”, mudou unilateralmente o turno noturno para sete horas e “assumiu a prerrogativa de decidir quando os turnos começariam e terminariam” (MURPHY, 2007, p.47, tradução nossa).

Conforme verifica-se na Figura 21 acima, a primeira notícia da esquerda para direita intitulada “*A salvação do povo depende da ação conjunta dos operários de farda e de blusa*” divulgava um manifesto do Centro Libertário (RJ) onde constava um telegrama com informações sobre a Revolução Russa:

Continuamos a registrar os sintomas de formação, no Brasil, de um comitê de soldados e operários.

Que isto seja uma inspiração claramente formulada já, principalmente no seio das classes operárias, não padecem mais dúvida.

Mas nós vamos registrando os fatos e os sintomas e quem não quiser ver que não veja as coisas tais como são.

As palavras a seguir formam a parte final de um longo manifesto distribuído pelo Centro Libertário do Rio, “Aos operários e soldados do Brasil”. Nesse manifesto se transcreve uma grande cópia de telegrama a respeito da Revolução Russa, relatando fatos que são apontados como “exemplos para o povo brasileiro”.

Este telegrama, insuspeitíssimo, e colhido entre centenas de outros, demonstram claramente:

- a) que a revolução na Rússia se foi iniciada com intenções puramente políticas, antidinásticas e nacionalistas, tem tomado um caráter fundamentalmente popular de tendências sociais e libertárias, anti-guerreiras, pacíficas e internacionalistas;
- b) que dentro e fora da Rússia, a burguesia reacionária, desapontada e temendo a influência revolucionária do proletariado, se prepara para contrapor-se a revolução, esmagando o povo desperto e pelas próprias mãos libertado.¹⁰⁷

O caminho identificado para o alcance da revolução de caráter popular, pacifista e internacionalista foi a união entre operários, camponeses e soldados em seus comitês. Por isso, a Revolução na Rússia seria um “exemplo e incentivo” ao “mostra que a emancipação real, concreta e completa do povo só pode ser resultado da ação direta do próprio povo”.¹⁰⁸

A notícia, além de informar sobre a reação repressiva internacional contra a Revolução Russa, demonstra o forte impacto entre os trabalhadores do modelo russo de organização política, os Sovietes ou Conselhos despertaram grande interesse e motivação no movimento operário brasileiro.

Que os trabalhadores do Brasil se mirem neste espelho e se instruem eficazmente com esta lição.

O Centro Libertário, cumprindo seu dever, aplaude e saúda o proletário russo e protesta contra o jogo dos governantes da “Entente”, que, em nome da presença “liberdade” que dizem defender nesta guerra, preparam a reação contra o povo, contra os operários e camponeses da

¹⁰⁷ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

¹⁰⁸ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

Rússia, que souberam conquistar pela força dos próprios músculos, a verdadeira liberdade; que só pode resultar da igualdade econômica e só de onde poderá brotar a fraternidade universal.
 Viva a Revolução Russa!
 Viva a Revolução Social!
 Abaixo a guerra!
 Viva a paz!¹⁰⁹

É possível perceber a identificação do caminho da Revolução Russa como a possibilidade de realização da “liberdade, igualdade econômica e a fraternidade universal”. A esperança dessas conquistas sociais se concretizava nas novidades do processo revolucionário russo. Dessa forma, verifica-se o fortalecimento da convicção em um projeto revolucionário em defesa das liberdades humanas, da paz e por uma Revolução Social.¹¹⁰

O Brasil em 1917 possuía uma economia exportadora de produtos agrícolas, cujo principal produto era o café. Do capital gerado por essa atividade eram financiados as importações, o desenvolvimento da industrialização e a formação do mercado interno. Os trabalhadores brasileiros nos anos 20 ainda não tinham descanso semanal, férias ou horário definido de trabalho. Várias greves aconteceram no Brasil no final da década de 1910 com destaque para a greve geral dos operários paulistas entre junho e julho. Foi no final desse ano que se regulamentou por Decreto o trabalho infantil e feminino. Nessas novas regras estavam proibidos: o trabalho de crianças menores de 12 anos, o emprego da mão de obra dos adolescentes em trabalhos de caráter perigoso e insalubre, além do trabalho de mulheres e menores de 18 anos em serviços noturnos.¹¹¹

¹⁰⁹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

¹¹⁰ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

¹¹¹ SILVA, Mauri Antonio da Silva. Aporte histórico sobre os direitos trabalhistas no Brasil. *Ser Social: Estado, Democracia e Saúde*. Brasília, v. 22, n. 46, janeiro a junho de 2020, p.137. A jornada de trabalho no Brasil em 1917 não possuía regulamentação, por exemplo, as categorias de empregados em hotéis, restaurantes, casas de pasto, pensões, cafés, leiterias, bares e sorveterias no Rio de Janeiro conquistaram no último mês de 1917 a jornada de 12 horas (e 10 horas para os trabalhadores de cozinha) com descanso semanal. Sobre a história dessa luta iniciada pelo “sindicato”, denominado de Centro Cosmopolita, dos trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés e bares no contexto do movimento operário carioca entre 1917 e 1918 vê: COSTA, Adailton Pires. *A História dos Direitos Trabalhistas vista a partir de baixo: a luta por direitos (e leis) dos trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés e bares no Rio de Janeiro da 1ª República (DF, 1917-18)*. Dissertação (Mestrado em Direito). Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. No que se refere às especificidades e particularidades da regulamentação do trabalho das mulheres brasileiras entre os anos 1917 e 1937 vê: FRACCARO, Gláucia. *Os Direitos das Mulheres – organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937)*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2016. A relação entre a aprovação de leis sociais na Primeira República e a ação política dos trabalhadores é analisada em: VARGAS, João Tristan. *O Trabalho na Ordem Liberal: o movimento operário e a construção do Estado na Primeira República*. Campinas: Unicamp/CMU, 2004.

O impacto da Primeira Guerra Mundial foi decisivo para aumentar o peso econômico e político das mulheres em todo o mundo. Na Rússia a guerra destruiu famílias e modificou a vida das mulheres, com ausência de milhões de homens pelo deslocamento ao front, ou mesmo feridos e mortos. As mulheres russas, por sua vez, passaram a trabalhar a terra sozinhas, chefiar os lares e integrar a força de trabalho urbana. Elas eram 26,6% da força de trabalho em 1914 e quase metade (43,4%) em 1917, sendo que estavam empregadas na produção de linho, seda, algodão, lã, cerâmica, papel, além da metalurgia onde representavam 18% (TRUDELL, 2007)¹¹².

Mcdermid e Hillyar (1999) ressaltaram como os processos da crise de subsistências associada ao fracasso militares impulsionaram as trabalhadoras russas à ultrapassarem as demandas econômicas e exigirem a queda do Czar. Os autores destacam a importância da organização e atuação das mulheres ao criticarem a versão da espontaneidade da greve iniciada por elas em 23 de fevereiro. E afirmam que as ações do Dia internacional das Mulheres foram planejadas com prévia organização e mobilização pela II Internacional. Acrescentam ainda o argumento de que a prioridade das operárias têxteis, líderes da greve, era conquistar o apoio e adesão dos demais trabalhadores com os slogans de “pão e paz” e não fazer saques em mercados, ou seja, as operárias agiam com objetivos definidos.

¹¹² “As mulheres foram parte integrante da Revolução de 1917, participantes corajosas, cujo engajamento foi ainda mais significativo se considerarmos a opressão arraigada que essas mulheres rejeitaram. Ver a revolução através dos seus olhos dá uma leitura mais rica daquele que permanece sendo o momento histórico mais transformador para a vida das mulheres” (TRUDELL, 2017, p.3). Diversas pesquisas procuram observar a participação das mulheres, formas de atuação, reivindicações e propostas iniciais do governo soviético no contexto russo de 1917, dentre elas: BADCOCK, Sarah. Women, Protest and Revolution: Soldiers’ Wives in Russia During 1917. *International Review of Social History (IRSH)*. Amsterdam: International Institute of Social History / Cambridge University Press, V. 49, Nº 1, p. 47-70, april.2004. CLEMENTS, B. Working-Class and Peasant Women in the Russian Revolution, 1917-1923. *Signs*. V. 8, nº 2, 1982. ENGEL, Barbara Alpern. Not by Bread Alone: subsistence riots in Russia during World War I. *The Journal of Modern History*. Chicago: The University of Chicago Press, V. 69, Nº 4, pp.696-721, december.1997. FARNSWORTH, B. Bolshevism, the woman, and Aleksandra Kollontai. *The American Historical Review*, V. 81, Nº 2, p. 292-316, april.1976. GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução*. São Paulo: Boitempo/Iskra, 2014. MCDERMID, J. & HILLYAR, A. *Midwives of Revolution: Female Bolsheviks and Women Workers in 1917*. London: UCL Press, 1999. STITES, R. *The Women’s Libetarian Movement in Russia: Feminism, Nihilism and Bolchevism: 1860-1930*. New Jersey: Princeton University Press, 1978. Algumas recentes contribuições de pesquisas brasileiras que abordam também aspectos das questões das mulheres nos processos revolucionários de 1917: SENNA, Thaiz. C. *O Jhenotdel e a questão feminina na Rússia Soviética (1917-1930): o Departamento de Mulheres do Partido Comunista em meio à Revolução Russa*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, UERJ, Rio de Janeiro, 2016. SILVA, Danielle Jardim da. *Avanços e limites da contribuição soviética para a libertação das mulheres: Apontamentos a partir do pensamento de Alexandra Kollontai*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF, Nitéroi, 2018.

Após a Revolução de Fevereiro, os protestos das mulheres não desapareceram, passaram a fazer parte do processo político onde o apoio dos trabalhadores no interior do Soviete mudou da liderança socialista moderada da coalizão Mencheviques-Socialistas Revolucionários para os Bolcheviques em setembro.

As expectativas de trabalhadoras e trabalhadores de que suas vidas melhorariam com a queda do czar foram frustradas pelo governo e pela continuidade da guerra por parte da liderança do Soviete. Em maio, os protestos contra a guerra haviam forçado a dissolução do primeiro governo provisório e os líderes Mencheviques-SR haviam formado um governo de coalizão com os liberais – que ainda estavam dedicados à guerra. A desilusão dos trabalhadores levou a novas greves, novamente lideradas por mulheres. Cerca de quarenta mil trabalhadoras de serviços de lavanderia, membras de um sindicato liderado pela bolchevique Sofia Goncharskaia, entraram em greve por melhor pagamento, jornada de oito horas e melhorias nas condições de trabalho: melhores condições de higiene no trabalho, benefícios de maternidade (era comum que as trabalhadoras escondessem a gravidez até darem à luz no chão da fábrica) e fim ao assédio sexual (TRUDELL, 2007, p.4).

O Governo Provisório retribuiu o apoio do movimento feminista burguês e implantou medidas favoráveis: em junho as mulheres graduadas em direito receberam o direito de advogar e em agosto os salários, títulos e benefícios dos cargos no serviço civil são equiparados entre homens e mulheres cuja presença no magistério cresceu bastante. A Conferência Especial sobre a Lei para a Assembleia Constituinte delegou o sufrágio para todos os cidadãos maiores de 20 anos, incluindo as mulheres (SILVA, 2017).

É evidenciado a atuação dos bolcheviques como o grupo político no pós-fevereiro de 1917 quem primeiro reconheceu o potencial revolucionário das mulheres trabalhadoras e esposas de soldados, buscou compreender suas necessidades e liderou as alianças com elas para realizar os acontecimentos revolucionários posteriores. Dessa forma, as mulheres bolcheviques se destacaram na organização e propaganda ao lado das trabalhadoras urbanas (STITES, 1978).

Os bolcheviques argumentavam que somente o socialismo poderia resolver a contradição entre trabalho e família. Sob o socialismo, o trabalho doméstico seria transferido para a esfera pública: as tarefas realizadas individualmente por milhões de mulheres não pagas em suas casas seriam assumidas por trabalhadores assalariados em refeitórios, lavanderias e creches comunitários. Só assim as mulheres se veriam livres para ingressar na esfera pública em condições de igualdade com os homens, desvincilhadas das tarefas de casa. As mulheres seriam educadas e pagas igualmente, e seriam capazes de buscar seu próprio desenvolvimento e seus objetivos pessoais. Sob tais circunstâncias, o casamento se tornaria supérfluo. Homens e mulheres se

uniriam e se separariam como quisessem, desassociados das pressões deformadoras da dependência econômica e da necessidade. A união livre substituiria gradualmente o casamento à medida que o Estado deixasse de interferir na união entre os sexos. Os pais, independentemente de seu estado civil, tomariam conta de seus filhos com a ajuda do Estado; o próprio conceito de ilegitimidade se tornaria obsoleto. A família, arrancada de suas funções sociais prévias, definharia gradualmente, deixando em seu lugar indivíduos completamente autônomos e iguais, livres para escolher seus parceiros com base no amor e no respeito mútuos (GOLDMAN, 2017, p.18).

Nesse pensamento estava a base na qual foram elaboradas as medidas de carácter democrático destinadas a impulsionar a libertação da mulher trabalhadora dentre elas: os Decretos sobre o matrimônio civil e o divórcio (dezembro de 1917), o Código de Leis sobre o estado civil e as relações domésticas, o matrimônio, a família e a tutela (setembro de 1918) e o Decreto sobre a legalização do aborto (10 de novembro de 1920).

Fraccaro (2016) investiga a história da luta por direitos das mulheres no Brasil nas primeiras décadas do século XX na compreensão de que a luta promovida por elas nas fábricas motivou partidos e movimentos sociais, fez legado na formulação das leis e conquistou benefícios para a maternidade e o cuidado com as crianças. Nessa trajetória foi destaque a participação das mulheres na greve dos operários paulistas de 1917 quando surgiu as demandas da normalização do trabalho das mulheres na organização sindical e grevista.

A presença delas como parte da força de trabalho e do movimento operário era difícil de ser silenciada ou apagada, mas a agenda proveniente dos momentos de mobilização não era homogênea. Mesmo em correntes opostas, algumas reivindicações ganhavam espaço, como a jornada de oito horas e o problema dos altos preços dos alimentos. A bandeira “salário igual para trabalho igual” constava dos princípios do Comitê de Defesa Proletária e, na Federação Operária de São Paulo, figurava uma proposta de licença depois do parto e a proibição do trabalho noturno de mulheres. Por outro lado, ao nos determos nas reivindicações das numerosas paredes e piquetes que duraram poucos dias ou algumas horas depois de julho de 1917, é possível notar que as queixas mais comuns, mesmo em fábricas com grande número de mulheres empregadas, eram relacionadas a abusos dos mestres e aumento de salários (FRACCARO, 2016, p.44).

No Brasil, a greve geral paulista de 1917, lembrando as notícias russas, foi iniciada por mulheres trabalhadoras da tecelagem. Fernanda Moraes (2020) em sua pesquisa que estabelece um diálogo entre Artes Visuais e História detalha sob essa perspectiva as publicações em alguns periódicos (*A Cigarra*, *O Estado de São Paulo* e *A Plebe*) como expressão e propaganda da Greve de 1917 cujo fio condutor metodológico é uma

narradora (A Mulher do Canto Esquerdo do Quadro) que se encontra com escritos, documentos e produções dela e de outras mulheres que viveram nos anos 1900. A pesquisadora considera as mulheres operárias brasileiras pioneiras na união das relações de gênero e a classe social, no tema do controle de natalidade, amor livre e na realização de greves por melhores salários e contra o assédio no trabalho. E observa como as operárias de papel, fundamentais na Greve Geral de 1917, participaram ativamente das Ligas Operárias e se relacionaram com ao movimento anarquista existente naquele período em sindicatos, escolas e núcleos culturais na capital paulista.

A sexta edição de *A Plebe* é um lugar de expressão, pois ela se relaciona com um grupo comunitário em ação que tem um objetivo comum: o direito à vida. Ela é também um lugar de registro e edição da memória, pois cabe às pessoas trabalhadoras contarem a sua própria história, seja por meio de textos, organização espacial destes numa página tipográfica, ou mesmo acrescentando um elemento fundamental: a fotografia realizada no momento da Greve, símbolo da urgência e por isso posta em primeira página (MORAES, 2020, p.125).

A pesquisadora Fernanda Moraes (2020, p.126-127) aborda o Jornal *A Plebe* no número seis de 21 de julho de 1917, conforme observa-se nas Imagens 6 e 7, considerando-a como a edição “mais conhecida e emblemática” com uma pauta voltada à Greve Geral de 1917 que inova nos elementos jornalísticos, a exemplo da conexão entre o nome do jornal e a manchete com texto curto através de linhas finas.

A referida sexta edição de *A Plebe*, segundo a autora Fernanda Moraes (2020, p.128-129), é uma demonstração da “composição milimétrica dos detalhes”, essa forma de composição do texto em poucos caracteres é uma solução verificada apenas na imprensa contemporânea. Mas, a hipótese da mencionada pesquisadora é de ser uma “alusão à prática do cinejornal” devido a relação dos operários com o cinema em constante frequência, seja como lazer ou espaço de reuniões. Nota-se também na configuração dessa edição a “experiência de um tipógrafo maduro” diante do uso de “várias fontes tipográficas, linhas e títulos com traços harmoniosos”. E a formatação de um modelo jornalístico moderno: “textos com seis colunas, divisão da diagramação em sete linhas duplas e uso da fotografia mantendo a proporção do negativo de vidro (18x13cm)”.

Figura 22 - Jornal A Plebe (Ano I - N° 6)

A PLEBE

ANNO I - N° NUM. 6
21 de Julho de 1917
PUBLICA-SE AOS SABADOS
Os administradores da pagina são inseridos a razão de 300 réis
750 - tratamento de columnas

Toda a correspondência a EDGAR D LEUENROTH
Endereço: Caixa Postal, 195 - S. PAULO - (Brasil)
Redacção e Administração: Rua Dep. Saleiro, 3-D (Sobrado) - Junto ao Largo da Sé

ASSIGNATURAS
Ano \$5000 Semestre \$2500
PAGAMENTO AVANÇADO
As assignaturas cobram-se sempre em dinheiro ou em cheque de banco
Número avulso: D. Semanas \$100; Mensado \$200

PRENUNCIO DE UMA ERA NOVA

O proletariado em revolta afirma o seu direito á vida

Colossal movimento de protesto - A imponente greve geral paralisou toda a vida da cidade - A plebe faminta praticou a expropriação - Os cerebros dos ladrões do povo deram largas á sua furia vandálica - Assassinatos, espancamentos, assaltos a associações e a domicílios - estiveram na ordem do dia - Os obreiros, apesar de tudo, conseguiram a sua primeira victoria - E' preciso, porém, estar alerta, para não serem victimas de uma torpe traição.

Precada por uma situação de farturas moraes e de outros miasmas de dia para dia, a plebe, dominada pelo desespero, perla e pavorosa, silenciosa e calada, sahio para a rua afirmando o seu direito á vida.

Foi um bello, um imponente movimento popular de protesto contra o corpo usurpador.

A história desde quiz não registou outro de tão grande importância.

Incitado por uma corporação de tecelões, estendeu rapidamente e, em quatro dias, paralisou toda a vida desta favelosa capital, enchendo de pessoas que nunca trabalhava e oprimindo o povo.

Todas as classes laboriosas, espontaneamente ou arrastadas pela pressão collectiva, nelle tornaram parte.

A favela abençoada, não se abalou e a unida labou e a sahar para a rua na terça-feira, por occasião do entorço do desvendado Mortices. Três dias depois milhares trabalhava, ficando a cidade quasi inabitada a mercê do operariado.

Que tremenda luta! No silencio forte e unido e preparada, teria podido, ultimo, impedir os seus direitos.

A luta serria, porém, e de outra vez a sua acção será mais organizada e decisiva.

União Sagrada!

O imponente movimento a que vimos de assinalar evidencia a necessidade de oppormos á união sagrada das burguezas e dos patrões, que se enriquecem á custa do trabalho, a união sagrada dos explorados e exploradores, rebeldos contra a ganancia capitalista e contra todas as injustiças da sociedade burgueza.

O momento é decisivo! Os todos os explorados das officinas, das fabricas, dos transportes, dos balcões e das quartéis se preparam para levantar bem alto a sua voz exigindo justiça, e per meio da acção impor a sua vontade, ou então as forças da repressão - governo e patrões - se virgão da mais bella manifestação das reivindicações proletarias que essa cidade já viu.

Soldados! Vós sois os preteiros explorados nos quartéis. Os burguezes, em nome da bandeira e em nome da patria, que é uma verdade para elles que foram tudo, e cuja mentira para vós que tudo soffrereis, vos transformam em alcaides dos vossos irmãos de miséria e de sofrimento.

Quando não soffrereis nos quartéis, porque precisardes ser mais veis e até adular-vos para que vos prestes aos seus desejos, os burguezes vos fazem sofrer quando, despida a farda, voltais a ser os explorados dos campos ou os eslozoados das usinas e das fabricas.

Cabeiros! Vós sois os explorados dos balcões. Os commer-

Como foi suspenso o movimento

Nos tres comícios realizados na segunda feira, foi approvada a seguinte resolução:

As categorias de operarios em greve, reunidas em comício, ouvido o relatório do Comité de Defesa Proletaria, affirmam mais uma vez a sua solidariedade com o mesmo e doileham a retomada do trabalho, em todas as indústrias, cujos dirigentes accediam ás bases de accordo estabelecidas, continuando a greve das categorias de operarios que nada obtiveram e cujos patrões não pretendem subvertir os pactos, para reconhecimento dos seus compromissos e das garantias a Commissão da Imprensa.

Os operarios que voltam ao trabalho compromettem-se, ao primeiro chamado do Comité, a recusar e instaurar a agitação dentro do mais breve prazo indispensavel e possível, não fozem membros de corporações e sindicatos publicos e se não fozem resolvida, como é de justiça, a posição das categorias obrigadas a persistirem na greve.

As categorias que dilam esta ordem do dia assumem o cargo e fazem empenho para que, no futuro, toda a massa proletaria se organize e argente a força moral e material das respectivas uniões de officios, estabelecendo um comissariado.

A' guisa de ultimatum

O programma comunicado aos jornais pelo Comité de Defesa Proletaria era o minimo que um comitê do defeza, sahido das multões vencidas pela fome, espoliação, roubada e amaldiçoada pelos ossos do Estado poderia reclamar.

Foi, porém, a prova da manipulação boz-vontado que existia de resolver o conflicto por via de uma solução que, para nós, mesmo consagrada, não deixaria de ser um tanto illusoria e transitória.

Noutros partes, noutros paizes, o que pede um comitê de Defesa Operaria - um comitê que se leve a considerar salvadora - estaria já proposto pelas proprias classes conservadoras como medida de defesa dos proprios interesses.

Aqui, o minimo teve, no contrario, de ser pedido por aqueles que têm o olhar naturalmente voltado para o maximo, por aqueles que respiram a justiça integral, ao pó para todos, no leamantar de todos.

Extraña contradição... que nos achou condescendentes também a nós.

Era necessario, aqui, por o Estado em prova, demonstrar toda a sua subsordia, toda a sua incapacidade, toda a sua apoguada boz-vontade, celebrada pelos seus jornais, no querer o bem-estar do povo e, particularmente, do operariado.

Para nós, é claro seria uma prova esportiva, mas necessaria para um povo que se elevava á sua primeira luta pela defesa da propria existencia.

MÃOS Á OBRA

Então surgiu as organizações obreiras

A lição foi dura, por isso operariado não quer deixar de aproveitar.

A sua demissão impediu que pudessem fazer valer, positivamente, os seus direitos.

Estão, por isso, surgindo as associações de resistência.

Os graphitos e os chapelleiros reforçam os seus syndicatos, os cauteiros reconstituem o seu. Os sapateiros, pedreiros, trabalhadores em fabricas de lousas, pintores, etc., tentam organizar-se fortemente.

O operariado verifica que se estivesse unido, baldios seriam os esforços da burguezia para vencer. Trata, portanto, de se preparar para a proxima refeita.

Muito bem! Que não se deixe má. Mãos á obra. Reunam-se já e já, para que a borrasca não se apante novamente desprezíveis.

Alerta!

Cada qual no seu posto

O armistício actual deve servir para que todos se preparem.

O movimento foi apenas suspenso e tanto os capitalistas como os governos procuram furtar-se aos compromissos assumidos.

He mais. Como uma revoltante provocação tudo encerramos nos ultimos dias.

A postos, pois. Activem-se as sociedades e grupos daqui e do exterior e estejam prontos para atender o signal de alarma.

Quantos são os mortos?

Diz-se que são muitos, de perdido.

Numerosas levem ter sido as victimas da furia sanguinaria dos cerebros dos argentinos ladravanzas.

A sociedade, que recebeu ordem de atrair sem piedade, andou pela cidade com um baulo de vândalos, disparando se carabinas e revólvers a esmo.

Chegaram até a fazer funcionar as metralhadoras.

A polícia apenas denunciou tres mortos, entre as quizes a de uma criança.

Ha outras, porém, muitas outras. Quantas? E' o que o povo precisa saber.

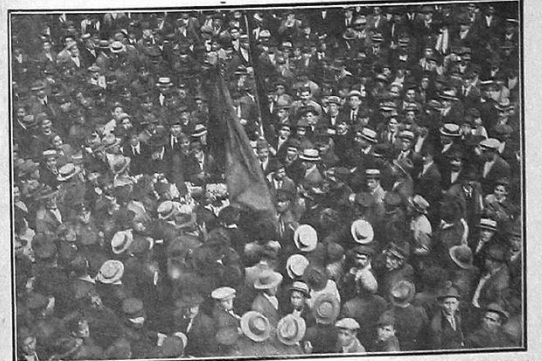
Afirmam-se que muitos cadaveres foram espalhados clandestinamente, sendo transportados nas carroças do lixo.

Porque não sahu "A Plebe"

A nossa folha não cretulo sabado ultimo em nos dias subsequentes, como em nosso desejo, não só porque o pessoal da typographia onde se imprime adheriu á greve geral mas também porque os componentes da seu grupo foram absorvidos pelo movimento, ao qual tiveram de emprestar toda a sua actividade.

Pro-victimas da greve

As importâncias conseguidas devem ser em argencia remetidas á Guerra Social, ao Avanti ou para o mesmo endereço, além de serem entregues ao Comité de Defesa Proletaria, que de tudo prestará conta pelos nossos corpos.



Aspecto da multidão que acompanhava o enteiro do companheiro Martires, quando estacionada na rua 15 de Novembro

Figura 23 - Jornal A Plebe (Ano I - Nº 6)

A PLEBE

JUSTA HOMENAGEM

Uma vítima heroica

Publicamos a seguir um dos discursos pronunciados por ocasião do enterro do companheiro morto, na seguinte feitura passada: Grande luto!...

Constitua apenas 21 anos de idade. Desembrochava, portanto, para a vida, curando alegremente para o porvir que se sorria de rios, sua divina e o clero sangüíneo e a arma assuetada que se fez temer a luta que tratava em benefício das...

Infelizmente nos tornamos pobres e alevantados, em defesa de quem empregamos todos os esforços dos teus valores atuais, no forte para nós que professamos as mesmas ideias, um abraçado herói... Grande morto: disciplina ferrenha de Kropotkin, Tolstoi, Keila, Faura, Ferrer, Malatesta...

Bello exemplo do energia e do coragem de seu proporençal! Não, todos nós haveremos de lutar para, com redobrada luta, continuarmos a vida em...

Sobre a tua fronte aureolada por esse tamanho acto de heroísmo, desfolhamos as pétalas da tua usua salustada imortalizadora...

O apello aos soldados

No início do movimento foi distribuído pela cidade e seguinte boletim: AOS SOLDADOS! Soldados! não deveis perseguir a nossos irmãos de miséria... Não vos prestes, soldados, a servir de instrumento de opressão...

Essas armas vós as deixareis para garantir o seu direito de reformar o povo. Mas, soldados, não façais o mal que não querdes...

O soldado brasileiro reconhecendo em Rio, em 81, a tirar sobre o povo quando protestava contra o imposto do vinho, a até o dia 13 de Maio de 1888 recusando a retirar os escravos que se rebelavam, fugindo ao soldado...

Temos sobre a mesa o primeiro numero do Debate, excelente revista hebdomadária de actualidades que se publica no Rio sob a direcção de Adolpho Perito e Astrogildo Pereira...

O Debate além de seus directores, que são importantes nomes dos jornalistas, conta com a colaboração de José Otaviano, Fabio Luz, Domingos Ribeiro Filho, Lima Barreto e outros... Satisfeito o leitor, que além da facilidade de escrever, possuem a facilidade de passar de pensar em ideias novas, ideias avançadas...

Com estes elementos O Debate não pode deixar de ter sucesso. São, portanto, quasi certos os nossos votos de uma longa existência.

'A Plebe' em Ribatão Preto Achado à venda na Livraria Scola, na Avenida Bresser.

Notas simples

Nunca nos foi dado assistir neste Estado a um movimento grevista tão grandioso como o que actualmente se está alastrando pelos estados, com domina a miséria, a fome e campainas as misérias e as audaciosas expropriações...

De trabalhadores vendo, dia a dia, os seus salarios diminuidos, e vendo augmentado os encargos dos primeiros necessarios, encontravam-se num estado tão lastimoso e prosaico que se poderia ser tentado a procurar melhor sortido por meio da greve...

E esta se manifestou com carácter caracteristicamente revolucionario, dando como resultado o triumpho das mesmas. Se os operarios que ainda estão em greve se mantiverem a atitude energeticamente, os patrões acceperão as propostas por elles formuladas...

Ainda bem...

Não são nossas, mas do venerando e conservador Estado de S. Paulo as palavras seguintes a proposito do movimento grevista...

No final de todos os movimentos sociais ha uma luta tremenda de agoniamentos que se entredevaram. Sem lutar, sem lutar com energia e constancia, sem vigor e coragem, unidos e solidarios...

Recollamo, portanto, o 'Correio' a respeitável posição de onde não deverá ser solido.

A nossa 'enquete'

Ainda neste numero não nos é possível publicar essa alguma relativa a 'enquete' que estamos fazendo a proposito da questão do Brasil...

Os ultimos acontecimentos de senaridade nesta capital e no interior absorveram todo o espaço da 'A Plebe'.

Um governo composto de nomes não pode fazer a revolução. E' preciso, antes de tudo, que os operarios tenham um poder real de iniciativa... A unica e necessaria soluçao...

As caduquices do 'Novo'

Tem graça o 'Correio Paulista' em querer responsabilizar os individuos proptos da profissão e que professa idéias de libertarios pelas greves que tem havido em toles as recuantes desonestas burguez Estada...

O depravissimo organ que se mantém a curta do não accion de pravalvo governo deste Estado, não parece ter os animos que tem, porquanto não se põde conceber se os nobres operarios de S. Paulo, feitas greves somente pelo desejo de fazer...

Excelente ocusão de ficar quieto perto do organ official que se senta na praça Antonio Prado, com a sua fachada 'iluminada por lampadas elétricas, para que se podessem orgulhar dos camaradas, mas que se tornaram desanimados...

Quando as idéas libertarias de que sabeido o 'Correio' que de os operarios em todo os estados as professam, visto que não se batem somente pelo augmento de seus salarios, o que não lhe traria de desvanilho em seu viver, mas tambem pelo alente de uma nova ordem de vida que lhes proporcionar o bem estar a que têm direito todos os homens que vivem a superfície da terra...

João Crispim.

As proclamações do Thyreo

Durante todo o tempo da agitação se parou das casas, os muros de tolas as suas portas de Light, os boudes viram-se maculados de boletins iracundos e ameaçadores, contendo as injurias ásnuas elaboradas pelo microcephalo Thyreo, maneio pitoresco a quem a apavorada escla hurguza, coude a guarda e segurança da cidade...

Esses boletins, essas proclamações, emanadas do velho organo revoltoso, são a melhor demonstração que nos flic os perturbadores dias que passamos e o atestado mais completa e insuperavel do grau a que atingiram a desorientação e o terror das classes conservadoras da capital.

Guanabarras

Rio, 10 de Julho - Nas portas duma quadreira insulzada, o governo presidido pelo subalmeida Sr. Manoel de Bopila está cavando alicerces de um congresso para occidir 300.000 contos de papel moeda. Essa dillerencia se destina, ao que parece, à compra de terrenos e a munções e ao fundo da industria belica e outras indus trias. A opinião da imprensa se divide em dois campos oppositos, ao apreciar a desajada operação financeira censoria, um parte ditta affirmo que esse é o panacea unica para a miséria pionicaria do povo e a outra parte accessa que a reunião de dinheiro em papel sem o outro ovar correspondente é uma ventura deo tenamndo. Fa não podesse nada de manipulação e feitorias financeiras, nas inclinações a oppor o modo de per dole, ultima parte do que o prevoe. Este, na que a fabricação de papel moeda é uma perfeita ventura. Não que os comprados e comprados com os organidos dos anti-misericordia, undi disse acho que é a primeira pelo motivo muito logico e que...

CONTRA O REGÍMEN DA FOME

A unica e necessaria soluçao

Finalmente, depois de dar, por um momento, espiolado a attitude dos operarios, o jaguar policial conveiu a gravar as suas garras sobre os beldades de pastos e do Estado...

Hoje, em verdade, uma tremenda, confundendo em que a fome obrigaria, por si só, os operarios em greve a voltarem ao trabalho nas condições impostas pelos burguezes...

Digam o que disserem os inimigos de operarios que seiva de facto para constatar que os burguezes da agricultura, do commercio e da industria augmentado a presso das mercadorias ecollas transações especulativas lucrativas, que por consequencia os operarios não podem comprar os produtos de que precisam para a vida...

Triste sorte a de uma classe que depois de consumir a sua força num trabalho exhaustivo, de ser expoliado de tudo quanto produz e de soffrer uma morte lenta e dolorosa, enfrenta pela manhã, e ainda embeugada a cada de de virado, flagelada pelo chapulho policial, presa ou assassinada pelos scitros ou serpo do capitalismo...

Mas segundo a grande imprensa, 'Correio Paulistano' - por exemplo - não se explica que os operarios commettam excessos desproporcionados as autoridades e agredidos soldados, que não fazem scitro o seu dever profissional...

Essa tirada jornalística do soldado organ da praça Antonio Prado foi escrita com a manifesta intenção de excitar a furor dos delegados e dos soldados contra as classes trabalhadoras...

Essando-se excessivamente nas informações politicas os redactores dessa e de outras folhas attribuem a provocação dos scitros exclusivamente aos operarios grévistas e, no entanto, ninguém ignora que durante o ultimo movimento de resistência política não se verificou nenhuma hostilidade contra a força policial, a não ser pacificos protestos contra a sua presença nos pontos onde ella significava uma ameaça aos grévistas...

Por isso, o grande jornal conservador declara com uma ironia singular, que é preciso respeitar o direito ou a liberdade de trabalho, o direito dos capitalistas, e que seja qual for o modo de pensar desde o diqueilo acerca do actual estado da revolução social, não ha remedio senão reconhecer que as autoridades scitricas ou ainda o serpo por muito tempo, e que a policia sendo o terror do boi seria um mal indispensavel, enquanto houver individuos que pretendam fazer valer a sua vontade, a força contra o Estado e o direito illuso da greve...

A possibilidade de trabalho está limitada pela lei do offerta e da procura. E, finalmente, augmentando diariamente o numero das inoperosidades e do estado de trabalho em relação a forças do operário mais proporcionado a uma remuneracao sufficiente para sustentar a tola as necessidades, a tão discutida liberdade é apenas uma utopia...



Um aspecto do comicio realizado no largo da Sé, após o enterro

Na Figura 23 acima, há mais informações sobre os acontecimentos da greve, a exemplo de um manifesto distribuído em uma atividade da greve cujo título era “Apelo aos Soldados”, assinado por “Um grupo de mulheres grevistas” que apresentava argumentos para convencerem os soldados a não reprimir o movimento grevista e aderirem às suas reivindicações.

Não vos presteis, soldados, a servir de instrumento de opressão dos Matarazzo, Crespi, Gamba, Hoffmann, etc. Os capitalistas que levam a fome ao lar dos pobres, e gastam os milhões mal adquiridos e que esbanjam com as “cocottes”.

Soldados!

Cumpri o vosso dever de homens! Os grevistas são vossos irmãos na miséria e no sofrimento; os grevistas morrem de fome, ao passo que os patrões morrem de indigestão!

Soldados! Recusai-vos ao papel de carrascos!

S. Paulo, Junho de 1917.

UM GRUPO DE MULHERES GREVISTAS!

A participação das mulheres na greve geral paulista em 1917 está inserida no cenário político local e internacional, caracterizado por Joana Pereira (2014, p.1-5) como um ciclo de agitação social global o período entre 1917 e 1920 quando greves e revoltas ocorreram em âmbito mundial promovendo a ampliação e politização do movimento operário. A autora argumenta que nesse contexto houve uma “percepção coletiva” de que a crescente intervenção estatal nos setores econômicos e sociais seria uma oportunidade para melhorar as condições de vida e trabalho na mediação das lutas entre produção e consumo. Foi assim em Portugal quando as mobilizações realizadas pela ala mais radical do movimento operário articularam “revoltas de fome” e as greves e “os sindicalistas revolucionários e os anarco-sindicalistas transformaram os protestos locais num amplo movimento político.”

De acordo com a historiadora portuguesa, o movimento operário no alvorecer do século XX assumiu novas proporções e contou com novos protagonistas: o proletariado fabril construiu uma escala sem precedentes às greves com novas formas de organização como associações de bairro. E as mulheres desempenharam um papel fundamental e inédito nos protestos laborais e se destacaram nas lutas contra a carestia de vida e na regulação dos preços com a gestão das redes de solidariedade informais por onde foi possível uma mobilização massiva das populações.

A articulação e radicalização das lutas populares com as dos trabalhadores organizados justificam os rótulos atribuídos ao período pós-guerra em diferentes países, o *biénio rosso* em Itália ou os chamados *anos da ameaça vermelha* em Portugal. Em paralelo com a ampliação do processo de mobilização, foi a sua politização que assustou as elites (PEREIRA, 2014, p.9).

Quanto a sistematização das matizes dos fatores que impulsionaram a agitação dos trabalhadores em várias partes do Brasil e do mundo em 1917 são apresentados da seguinte forma por Edilene Toledo (2017, p.515): o impacto desestabilizador da Primeira Guerra sobre as condições de vida e trabalho aumentando as desigualdades sociais; a propaganda política promovida pelas lideranças anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionárias; as ações organizativas dos trabalhadores em torno dos sindicatos, uniões, ligas e federações, e a Revolução Russa transformando a conjuntura internacional com uma “onda revolucionária que atingiu a Europa”.

O ciclo de agitação global (1917-1920) é considerado por Toledo (2017, p.515) enquanto fator preponderante para ampliação e politização do movimento operário no mundo e essencial para os trabalhadores brasileiros se constituírem como sujeitos políticos, sendo um marco importante as experiências vividas em 1917 para “elaboração de uma cultura dos direitos, como os direitos civis de se organizar e se associar e do reconhecimento das organizações dos trabalhadores como elemento legítimo na sociedade”.

No que se refere ao desenrolar da Revolução Russa, o retorno de Lênin em abril pode ser considerado um “ponto de virada” na evolução política da Rússia em 1917, especialmente porque ele foi o primeiro líder de estatura nacional a criticar fortemente o “*soglashenie*” com os liberais ou outros elementos da sociedade de elite. A partir desse momento, Lênin tornou-se um forte líder de um partido unificado, mas era um líder forte porque liderava um partido unificado. Essa reflexão de Lih (2011, p.233-234) identifica que a unificação do partido não acontecia em torno de uma nova visão radical recém introduzida, produzida e assimilada num curto período de semanas, a unidade estava em torno do cenário estratégico de uma década que fazia excelente sentido político nas posições de 1917.¹¹³

¹¹³ Lih (2011, p.206-208) explica que *soglashenie* é traduzido de várias maneiras como “acordo”, “compromisso” ou “conciliação”, mas nenhuma desses conceitos capta totalmente seu significado como termo político. As conotações etimológicas das palavras implicam “falar em conjunto com uma só voz”. A

O referido pesquisador canadense analisando os debates de abril (1917) entre Lênin e os antigos bolcheviques sobre o status da revolução democrática-burguesa, compreende que a questão não foi sobre se o Governo Provisório deveria ser substituído, mas “por que e como”. A pergunta era: quais tarefas revolucionárias exigiam um novo “*vlast*”, e que classes apoiariam sua criação? O núcleo do antigo bolchevismo compreendia essas duas questões de forma entrelaçadas: se tarefas “democráticas”, como o confisco das propriedades rurais ainda estavam na agenda, então os bolcheviques poderiam permanecer em aliança com a “pequena burguesia”, especialmente o campesinato. Se a revolução já tivesse passado para tarefas socialistas, então o partido não poderia contar com cooperação substantiva entre o proletariado e grandes setores do campesinato.¹¹⁴

Os antigos bolcheviques defendiam a presença de grandes desafios das tarefas democráticas na agenda, incluindo as políticas que Lênin qualificava como “passos em direção ao socialismo”: os soviéticos como um tipo superior de governo, a regulação estatal da economia e incentivo à produção agrícola coletiva por trabalhadores assalariados da aldeia (“*batraki*”).

O debate entre os bolcheviques estava em torno de três questões: a viabilidade das “etapas rumo ao socialismo” na Rússia, a conveniência de defender o “controle vigilante” sobre o Governo Provisório e a questão de saber se a “revolução democrática burguesa” já havia terminado ou não.

No que abrangia a primeira questão as controvérsias foram poucas porque Lênin a apresentou como proposta geral para um futuro último revolucionário. Apesar de ter acontecido mais divergências sobre a “tática de *controle*”, ou seja, de como fazer demandas concretas ao governo provisório, não aconteceram diferenças profundas, o eixo

esperança fundamental daqueles que desejavam *soglashenie* era que o movimento de emancipação como um todo “falasse em conjunto com uma só voz”, pelo menos em certas questões de vida ou morte.

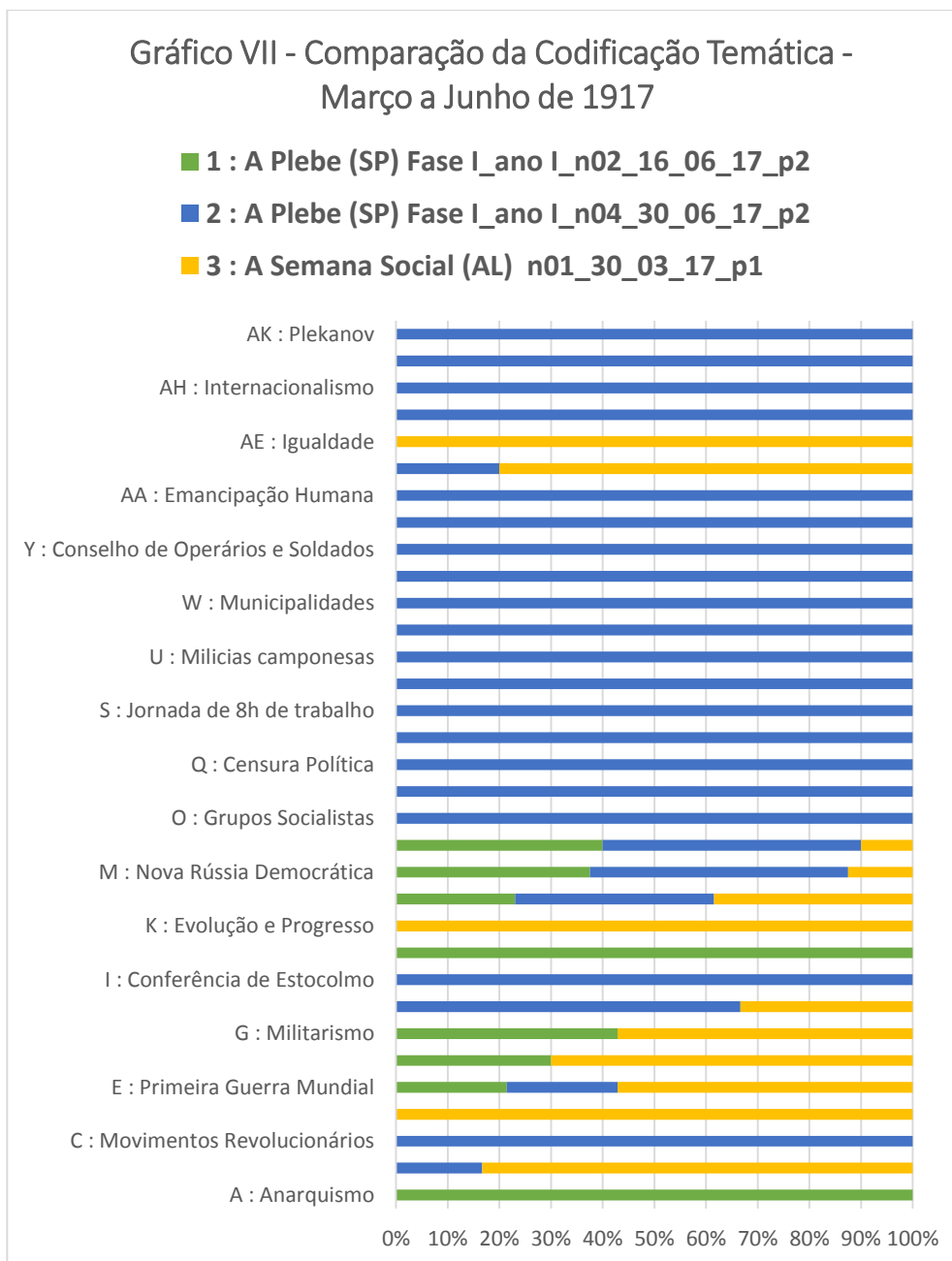
¹¹⁴ Vale salientar que os debates realizados no mês de abril estão relacionados com o retorno de Lênin da Suíça após uma longa jornada de exílios, desde o período inicial na Sibéria em 1895 com o início da jornada europeia em 1900, um breve retorno em 1905 até que fosse possível atravessar de trem blindado pela Alemanha e chegar na estação Finlândia. Sobre biografias mais recentes de Lênin vê: LARS, Lih. *Lenin Rediscovered: what is to be done?* in context. Chicago: Haymarket, 2008. KRAUSZ, Tamás. *Reconstruindo Lênin, uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2017. Krausz (2017, p.177) indica que na leitura das Teses de Abril é possível perceber o ponto de vista de Lênin tornando-se mais diferenciado sob a influência dos eventos do decurso da revolução. Anteriormente, ele esclarecera que, na Rússia, a revolução burguesa deveria ser também operária, pois não existia burguesia democrática revolucionária. Assim, a “força motriz da base social trabalhadora e camponesa pobre inevitavelmente radicalizava a revolução burguesa, empurrando-a a uma fase em que os soviets pudessem representar papel decisivo”.

da discussão era o melhor método para derrubar o governo provisório em favor de um governo revolucionário provisório baseado nos soviets. O desenrolar dos acontecimentos nos meses pós-abril mostrou como as táticas bolcheviques cumpriram os critérios de ambos os lados: “demandas concretas constantemente apresentadas, geralmente na forma de campanhas partidárias e manifestações de massa com o objetivo de expor a natureza de classe do Governo Provisório e mostrando a necessidade das massas tomarem o último em suas mãos” (LIH, 2011, p.230).

David Mandel (1984, p.454-455) ao estudar os comitês de fábrica em São Petersburgo entre 1917 e 1918, investigou as mudanças das relações entre classes e identificou o papel decisivo nesse processo relacionado com o aprofundamento da polarização entre a classe trabalhadora e a sociedade do censo. Tal contexto explica a radicalização dos trabalhadores enquanto uma resposta fundamentada a uma situação em mudança com o apoio ao poder soviético e o crescimento da luta nas fábricas. Essas atitudes foram uma reação a ameaça à revolução e à indústria identificada na “crescente vociferação da sociedade censitária e a hostilidade ativa à democracia revolucionária e às organizações dos trabalhadores em particular, tolerada por um governo que era incapaz ou não queria avançar na realização dos objetivos da revolução”.

No capítulo 2 foram apresentadas importantes pesquisas historiográficas sobre o contexto russo ao analisar as formas como a Revolução Russa era divulgada pelos periódicos operários. Verificou-se entre março e junho de 1917, nos primeiros contatos jornalísticos com os acontecimentos russos, uma esperança significativa de que esse evento proporcionasse a realização de um projeto social associado a implementação de novas condições de vida aos trabalhadores. Dessa forma, ao acompanhar as notícias da “Nova Rússia Democrática”, os jornais pesquisados aguardavam com expectativa por mudanças revolucionárias que viabilizassem a “paz, liberdade, igualdade, fraternidade, justiça” e assim, o bem-estar da humanidade com o fim da fome e violência haveria o progresso da civilização.

De acordo com o Gráfico VII abaixo, elaborado a partir da comparação entre as codificações temáticas das notícias dos jornais *A Semana Social* em 30 de março de 1917 e *A Plebe* em 16 de junho de 1917, identifica-se os temas em comum e aqueles produzidos por cada publicação.



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.¹¹⁵

O jornal *A Semana Social* no seu primeiro número ao analisar as causas e possíveis consequências da Revolução Russa abordou um conteúdo temático convergente com a notícia intitulada “A Revolução Russa” no segundo número do periódico *A Plebe* que pode ser identificado da seguinte forma: “Nova Rússia Democrática”; Revolução de

¹¹⁵ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM – UNESP; Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP; Jornal *A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Fevereiro; Primeira Guerra Mundial; Violência; Imperialismo; Militarismo; Questão Russa_Informar os trabalhadores.

A Revolução de Fevereiro surge nos jornais entre março e junho de 1917 em torno da primeira fase de recepção das novidades russas e da necessidade de apresentar uma versão própria para informar aos trabalhadores, estava presente uma expectativa da construção de uma “Nova Rússia Democrática” e superação do “despotismo czarista” marcado pela violência e expansão militarista.

No que tange aos temas exclusivos da primeira edição de *A Semana Social* verifica-se: esperança, liberdade, igualdade, fraternidade, liberdade e civilização, czarismo, violência czarista, opressão, paz, Revolução Social, evolução e progresso. A Primeira Guerra seria um “conflito calculado” que resultou na queda do czarismo e de sua violência despótica. Tal inferência demonstra uma leitura do caráter imperialista do cenário da beligerância mundial e das consequências de crises para os regimes políticos em guerra.

A notícia acima mencionada que se refere a edição de 30 de março de 1917 avaliava que o momento na Rússia era de que o novo regime político proporcionasse a evolução e desenvolvimento da civilização russa. Apesar das incertezas diante da possibilidade de sucesso na reação repressora da burguesia, acreditava-se na Revolução como a “árvore da Liberdade” e havia esperança de que o novo governo russo identificasse a guerra com a política czarista e escolhesse pela paz na “nova era inaugurada por meio de uma revolução libertadora”.¹¹⁶

Ao finalizar a primeira notícia da imprensa operária em 1917 sobre a Revolução Russa, a mensagem publicada transmitiu esperança não apenas no sucesso do avanço da Revolução Russa como também no impacto desse fenômeno para o reino da liberdade no que se refere ao respeito mútuo, à igualdade dos meios de desenvolvimento e à fraternidade em caráter “universal e indivisível”.

O jornal *A Plebe*, em seu segundo número de 1917, destacou a relação entre a Guerra e a violência que “assolava há três anos a Europa em sangue” como produtos da propriedade privada dos “bens produzidos pela coletividade”. E assim explicam a

¹¹⁶ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 30 de março de 1917, p.1. CEDEM-UNESP.

exploração do trabalhador como “guerra civil interna” e no âmbito externo a “guerra militar” entre as “empresas comerciais e industriais”:

Os patrões da empresa enriquecem-se à custa do trabalho dos seus empregados, e como os ambiciosos não põe espontaneamente limites à sua ambição, esta cresce com o crescimento da riqueza adquirida, galga as fronteiras que a cercam e corre as terras longínquas em novas fontes de renda, onde procurar mata a sede que a mata.
Eis a guerra de conquista: conquista de mercados, conquista de territórios.¹¹⁷

A partir dessa compreensão de noções do conceito de imperialismo, o periódico *A Plebe* em 16 de junho explica as causas da Revolução Russa, enquanto resultado da Primeira Guerra Mundial, “chacina que transformou a Europa em matadouro humano” e cuja determinante principal estaria no mal-estar geral da população pobre. O respectivo jornal identifica que no seu momento inicial, a Revolução Russa foi “fomentada e alimentada pela democracia financeira da Rússia, de comum acordo com os Aliados”, receosos de um alinhamento russo aos alemães.

O periódico *A Plebe* em artigo assinado por Helio Negro destacou a participação anarquista entre os revolucionários e sua postura de colocar a questão da guerra no “bom caminho” com esperança de que não houvesse paralisia no processo revolucionário.

Esta revolução, que tem a sua determinante principal no mal-estar geral da população pobre, foi fomentada e alimentada no começo pela democracia financeira da Rússia, de comum acordo com os aliados, depois que eles venceram a impossibilidade de evitar as traições da corte russa em favor da Alemanha.
Os Democratas burgueses desejavam apenas constranger o Czar a por termo nessas traições; mas a revolução não para ali e não sabemos onde parará.
Em relação à guerra ela está hoje neste pé: nem tranquiliza os aliados nem assenta as esperanças dos impérios centrais.
E, para nós, é assim que está bem.
Os revolucionários principalmente os anarquistas fizeram à questão no bom caminho como demonstrarei m o próximo artigo.¹¹⁸

O jornal *A Plebe* em sua quarta edição de 30 de junho de 1917 na coluna “*A grandiosa epopéia russa*”, após três meses da Revolução de Fevereiro publicou uma diversidade maior de informações oriundas de fontes europeias através de contatos com jornais operários franceses.¹¹⁹

¹¹⁷ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

¹¹⁸ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

¹¹⁹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Conforme observa-se no Gráfico VII, o jornal *A Plebe* apresenta um maior conjunto de temas entre as notícias publicadas entre março e junho de 1917. Desde informações sobre a social-democracia européia com críticas às suas posições diante da Primeira Guerra Mundial, caracterizando-as de “desfalecimento coletivo” à não defesa da paz. O referido periódico paulistano também comunicava sobre a movimentação da social-democracia russa nas Conferências de Zimmerwald e do Kienthal, aderindo à tentativas de reconstrução da Internacional em contraposição à Guerra e ao militarismo. Nesse caso, estava ciente inclusive das divergências em torno de Plekanov e seu indicativos mais vacilantes para defesa da Paz. Dessa forma, havia contatos e acompanhamento do movimento operário internacionalista.

Logo em seguida, *A Plebe* esclarecia em 30 de junho de 1917 que os socialistas russos possuíam a confiança da classe operária e estavam na direção do movimento revolucionário. Nessa quarta edição, o periódico explicava ser a “junta central do partido social democrático” quem convidava os operários e soldados a nomearem delegados a um Conselho” de fiscalização e defesa substituto da Duma. Aqui se tratava do Conselho de Delegados de Operários e Soldados, tal órgão demonstrava despertar o interesse da imprensa operária.

Este Conselho, que tomou o lugar da Duma no palácio de Taurid, tem ininterruptamente exercido uma ação inovadora ou revolucionária. Pela vontade da comissão mista foi decidida a prisão da família imperial, assim como a convocação da Assembleia constituinte e o dia de 8 horas de trabalho. Após um mês de luta pertinaz, obteve do governo retumbante declaração com a qual o príncipe Lvov anuncia ao mundo o abandono dos fins da guerra do czarismo e dos liberais anexionistas. Por fim os delegados operários reunidos em congresso acabam de adotar por unanimidade uma resolução democrática e socialista tanto no espírito como na letra, na qual não há uma só palavra que não possamos subscrever. Essa resolução dissipa os equívocos cuidadosamente mantidos pelos jornais burgueses que trocam as proclamações, falseiam as declarações, castram os discursos, afim de enganar os leitores sobre o verdadeiro caráter do movimento revolucionário.¹²⁰

É possível constatar o nível qualificado de interação jornalística do periódico *A Plebe* com o cenário revolucionário russo, suas observações demonstravam uma importante rede de contatos internacional, pois já publicava as novas medidas políticas como a convocação da Assembléia Constituinte e o dia de 8 horas de trabalho. E

¹²⁰ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

depositava bastante expectativa de que as sinalizações das atitudes do Governo Provisório resultasse na saída da Guerra. Em seguida, para comprovar as informações sobre o movimento revolucionário e esclarecer os trabalhadores, em seguida o jornal publicou uma carta do jornalista francês Jean Grave e trouxe importantes temáticas:

São agora os russos que nos vão dar lições de liberalismo.
 Restituem a independência à Finlândia, à Polônia.
 As municipalidades apoderam-se da direção das subsistências.
 Acesso das mulheres a todos os empregos. Abolição da censura política.
 Os Camponeses organizam-se em milícia para si próprio se policiarem.
 Cada dia nos traz a nova de mais um passo dado para a frente pela massa, que pretende organizar-se a si mesma. É magnífico.
 Mais valera decerto que aquilo só fizesse sem a guerra, mas como não nos foi dado escolher, ou antes, como não podemos impedir a guerra, será uma grande vantagem para a evolução tê-la um povo aproveitado para se emancipar.
 Até aqui, tinha eu feito votos pela revolução na Alemanha, sem ousar espera-la. Começo agora a julgá-la possível. O exemplo é contagioso.¹²¹

Os temas apresentados por *A Plebe* no final do primeiro semestre de 1917 demonstram uma rica cobertura jornalística conforme verifica-se no Gráfico de Comparação I. Cabe ressaltar também quais são os temas mais presentes na imprensa operária nesse mencionado período: Esperança; Revolução de Fevereiro; Nova Rússia Democrática; Questão Russa_Informar aos trabalhadores; Paz; Militarismo; Imperialismo; Primeira Guerra Mundial e Czarismo. Tais temas são a demonstração de que a Revolução Russa desde os acontecimentos de fevereiro era esperança de paz e novos tempos de transformações políticas.

¹²¹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

4. Os jornais em contexto: um panorama da imprensa operária e seus caracteres em 1917.

No capítulo 4 será desenvolvido a análise das notícias sobre a Revolução Russa entre julho e novembro de 1917 nos jornais *A Semana Social* (Maceió), *A Plebe* (São Paulo), *O Debate* (Rio de Janeiro) e *O Cosmopolita* (Rio de Janeiro) de acordo com a ordem cronológica das suas respectivas edições. Ao longo do texto será apresentado o avanço da Revolução Russa em direção a Revolução de Outubro em diálogo com os resultados de importantes e inovadoras pesquisas europeias, norte-americanas e canadenses.

O movimento operário brasileiro no início do século XX, assim como as primeiras publicações da imprensa operária foram marcadamente influenciados pelas ideias anarquistas até a fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922, mas tais jornais se desenvolveram associados às diversas culturas políticas do movimento operário. E na realidade de difíceis condições financeiras, as estruturas das oficinas gráficas e a quantidade das tiragens eram bastante limitadas e a periodicidade mais entrecortada, principalmente pela violência repressiva que destruíam o maquinário e promoviam prisões dos editores e demais colaboradores da redação (PEIXOTO, 2016, p.50-51; GOMES, 2019, p.60).

Maria Nazareth Ferreira (1988, p.7) considerando as rupturas em níveis ideológicos e de conteúdo propõe a seguinte classificação cronológica para a imprensa operária no Brasil: a primeira fase denominada de anarcossindicalista, entre o período de urbanização do século XIX e 1922, ano da fundação do Partido Comunista Brasileiro, quando se inicia a fase seguinte chamada de sindical-partidária que termina em 1964 com o golpe civil-militar. A terceira etapa seria na reorganização pós-64 das lutas operárias contra o arrocho salarial e a falta de liberdades democráticas.

A história da construção das “primeiras manifestações impressas do operariado” está intrinsecamente relacionada com a formação do movimento operário brasileiro onde o jornal assume um papel “positivamente revolucionário” para além do seu aspecto político, promove mudanças em seus leitores no que se refere a “educação, ética nas relações sociais, responsabilidade pela palavra propagada em nome do grupo, ou seja, noções relacionadas à sociabilidade” (PEIXOTO, 2010, p.122).

Dessa forma, os jornais operários em 1917 estavam na fase anarcossindicalista quando a atuação das organizações anarquistas se destacou entre os demais grupos políticos. Laura Maciel (2008, p.134-135) demonstrou como apesar das diferenças de objetivos e propostas entre diversas correntes do movimento operário, a imprensa operária foi “espaço significativo do embate pela afirmação pública dos trabalhadores por meio da palavra impressa”. A respectiva historiadora analisou diversos jornais e revistas da fase anarcossindicalista, tais como: *O Panificador* (1900), *Gazeta Operária* (1902), *Brazil Operário* (1903-1904), *Na Barricada* (1915), *O Gráfico* (1916) e *O Debate* (1917). A referida pesquisa observou que a despeito dos seus limites e obstáculos, os citados periódicos se destacaram na expressão de lutas diversas contra a opressão e pela ampliação de direitos. Dessa forma, tais impressos podem ser compreendidos como um conjunto de esforços para a criação de uma esfera pública diferenciada na cidade onde o domínio e divulgação da palavra escrita significavam a conquista de um recurso que era monopolizado por aqueles comprometidos com a manutenção ou recriação do status quo.

Os trabalhadores, na medida em que facilitavam o acesso aos periódicos editados por eles proporcionavam a “ampliação da circulação de suas vozes e opiniões e tentavam participar no enfrentamento de questões e preocupações de seu próprio tempo”. Por isso, Laura Maciel (2008, p.135) propõe o retorno de pesquisa à atuação desses trabalhadores por meio da imprensa como forma de “enfrentar o silêncio e o apagamento dos rastros sobre o poder de difusão da palavra impressa entre eles e sua importância como campo de embate e instrumento de intervenção”.

Nessa perspectiva de estudo apresentada por Maciel (2008) é possível identificar na área do jornalismo, a Dissertação de Mestrado do pesquisador Fernando Strongren (2017, p.11). Nas considerações de sua pesquisa, o autor afirma que a imprensa anarquista das primeiras décadas do século XX buscava através do discurso jornalístico combinar opinião e informação com dois objetivos centrais: “criar um imaginário de classe e prepara-los para a organização de uma futura Revolução Social”. Ambas as metas estavam inseridas no contexto social do período, cenário da cobertura do cotidiano da vida operária cujos males sociais tais como, “baixos salários, longas jornadas de trabalho, péssimas condições de higiene, violência e abusos físicos e morais” eram denunciados.

O conteúdo dos jornais anarquistas é sistematizado por Strongren (2018, p.36) da seguinte forma: notícias com denúncias sociais, informes nacionais e internacionais sobre

o movimento operário, “críticas sociais ao Estado, à burguesia, à igreja e às instituições militares, por meio de charges políticas, literatura, artigos, divulgação de eventos e atividades culturais, além de anúncios que ajudavam a sustentar os jornais”.

As páginas dos jornais operários conectavam os acontecimentos no mundo do movimento operário internacional ao cotidiano dos seus pares brasileiros, produzindo nesses laços de identidade e sentimentos de estímulo com a inspiração das lutas operárias europeias publicadas como “exemplo de bravuras de mártires revolucionários”. Maitê Peixoto (2010, p.123), investigadora da imprensa operária, caracteriza essas publicações como parte de uma “estratégia otimista de mobilização” por meio das notícias de greves ou boicotes no Brasil.

O formato dos jornais possuía uma relativa regularidade de aspectos, dentre os quais é possível constatar no manuseio das respectivas fontes: diagramação de tabloide de quatro páginas elaborado com uma capa apresentando o título do jornal, algumas informações administrativas (endereço da sede, preços, editor), charges e ilustrações. Além disso, nas primeiras e segunda páginas estavam os “artigos e matérias mais importantes”, inclusive com textos de língua estrangeira traduzidas ao português. Enquanto informações locais e internacionais sobre o movimento operário se localizavam nas páginas finais. A lista de colaboradores, agradecimentos, balanço financeiro, patrocinadores e publicidades variavam, mas quando publicizadas também estavam na última página. Ademais, comumente havia divulgação na página de fechamento, das obras disponíveis para leitura nas bibliotecas operárias (PEIXOTO, 2010, p.126-127; GOMES, 2019, p.62-63).¹²²

Maitê Peixoto (2010, p.121) acrescenta ao significado da imprensa operária como veículo de circulação de ideias, a característica de ser também um instrumento de educação, formação política, informação e lazer. A pesquisadora salienta a importância da participação do leitor militante na manutenção da imprensa operária através da escrita

¹²² Maitê Peixoto (2010, p.126 - 127) apresenta um importante esclarecimento sobre o que se entende como “biblioteca operária”: não correspondiam necessariamente a espaço físico para “apreciação de obras literárias ou políticas”, poderiam se referir a um acervo de livros adquiridos por uma organização com possibilidade de empréstimos aos sócios. Havia casos de núcleos operários conseguirem fundar espaços chamados de “sala de leitura” na qual os operários faziam leitura e discussão dos textos. A mencionada historiadora explica como se estruturava a página dos patrocinadores: o espaço divulgava o estabelecimento ou o produto e havia a recomendação de uso ou frequência pelas lideranças ou organização. Mas, os boicotes poderiam acontecer com frequência.

dos textos, inclusive em algumas publicações com espaço próprio para facilitar a participação de leitores com a acessibilidade da palavra escrita.

Desde os pioneiros na pesquisa da imprensa operária, a exemplo dos estudos de Maria Nazareth Ferreira (1988) até pesquisas mais recentes como a Tese de Doutorado de Leandro Gomes (2019) há observações sobre a importância do uso de novos códigos e métodos pelos jornalistas operários para transmitir suas mensagens ao trabalhador, tal como a simplificação da palavra escrita se somando às leituras coletivas em voz alta dos jornais.

Sendo assim, podemos dizer que estas foram características mais ou menos comuns da imprensa operária brasileira entre as suas várias correntes políticas de esquerda. Elementos que fizeram este tipo específico de imprensa ser voltada às questões e demandas operárias e aos problemas relativos ao mundo do trabalho – devido aos seus vínculos orgânicos com o movimento trabalhista. Com isso, uma imprensa que acabou assumindo também um caráter “educativo” da classe operária e uma cultura militante e de combate, por se opor ao regime político existente (GOMES, 2019, p.62).

Nas observações sobre o formato gráfico é importante ressaltar a pesquisa de Doutorado desenvolvida por Caroline Poletto (2017) na qual destacou uma característica para ela muito evidente nos jornais anarquistas: a ocupação total do espaço com textos para um aproveitamento gráfico total, otimizando os custos da publicação diante da escassez dos recursos financeiros. Devido a essa escassez, comumente havia pedidos de auxílio monetário para viabilizar a permanência do periódico.

Uma característica que perpassa toda a imprensa anarquista e anticlerical, mais evidente nos jornais do que nas revistas e suplementos, diz respeito à total ocupação do espaço desses jornais, de maneira que raramente se visualizavam espaços em branco ou lacunas dispersas; tendo em vista também os altos custos da publicação perante as escassas quantias monetárias que os editores dispunham para realizar esse empreendimento, as quais acabavam por não permitir que espaços fossem desperdiçados. Era muito comum nesses jornais a aparição de pedidos enfáticos de auxílio monetário, com a exclusiva finalidade de possibilitar a permanência do periódico... (POLETO, 2017, p.90).

Ao analisar os aspectos da imprensa operária, Maitê Peixoto (2016, p.52-53) ressaltou as questões em torno da sociabilidade, composição de conteúdo e funcionalidade. O primeiro desses elementos se refere ao espaço social do jornal onde ocorrem as exposições de conflitos pessoais dos sindicatos e associações através de textos, na maioria das publicações com anonimato ou pseudônimos nas assinaturas,

acompanhados de escritos com sugestões de soluções. A sociabilidade também inclui a publicação nos periódicos de pendências financeiras, atrasos na devolução de livros tomados por empréstimos na biblioteca do grupo responsável pela publicação e a discussão de possíveis desvios de dinheiro da tesouraria ou ainda abandono das atividades no grupo.

No tocante a terceira característica da imprensa operária sistematizada pela historiadora gaúcha acima citada havia um “circuito retroalimentado pela experiência vivida do sujeito leitor conjuntamente à experiência partilhada impressa” na elaboração do conteúdo cujo processo era uma oportunidade para “maturação de ideias daquele que vivenciava determinada experiência social ou mesmo associativa e a transformava em narrativa partilhada”. Essa forma de conversão desse tipo de escrita proporcionava “mais força ao texto e a conscientização acerca do acontecido por parte do autor”. Por fim, o último aspecto desses jornais se referia a tarefa de “unificar o Brasil proletário de norte a sul” e superar as barreiras da comunicação num país de dimensões continentais ainda nos primeiros momentos da urbanização (PEIXOTO, 2016, p.53).

No âmbito das características específicas da imprensa operária, acrescenta-se, as contribuições de Fernanda Moraes (2020, p.136) quando diferencia os “jornais produtores de notícias sob a forma de negócios rentáveis, fatiados por anúncios pagos e textos voltados ao entretenimento ou à distração” das publicações anarquistas cujo pensamento impresso é considerado um “ato pedagógico de luta pela emancipação social”. A autora explica a relação entre os coletivos dos jornais e revistas anarquistas com suas publicações na qualidade de promotoras de ideias e ideais, meio de difusão de outras publicações, além de instrumento de luta. A estratégia horizontal autogerida e de apoio mútuo são identificadas como atributos da prática editorial anarquista enquanto a fonte do apoio financeiro era o movimento operário por meio de arrecadação por chamadas abertas denominadas de “subscrição voluntária”. A referida pesquisadora destaca o aproveitamento, no início do século XX, pelos anarquistas das “conexões marítimas telegráficas e epistolares para expandirem suas ideias. Nesse circuito, “carregaram jornais, folhetos e livros por todos os lados aonde foram e muitos conseguiram trazer máquinas tipográficas e/ou tipos móveis”.

Os jornais eram parte fundamental da vida libertária. Viajavam por todos os lados e eram lidos por muitos. De maneira diversa à de um jornal com cunho jornalístico, cuja expressão era da institucionalidade,

trazendo a notícia diária marcada por acontecimentos que são daquele momento, os jornais anarquistas eram pensados com outras estratégias textuais e poderiam também ser lidos depois, guardados, ou mesmo ressignificados no futuro (MORAES, 2020, p.136).

A finalidade dos jornais anarquistas era ser suporte para noticiar e também ser lugar da memória daquele tempo, recordar datas simbólicas a exemplo do Primeiro de Maio ou mesmo personalidades da luta e foram mártires por seus ideais como Ferre Guardia. Nesse enfoque, Moraes (2020, p.137) destaca a propriedade dos jornais de serem portadores da preservação de uma história coletiva, era “vivo”, um “lugar da rua” de onde saíam poemas, datas comemorativas de luta, textos traduzidos e uma prática transnacional sustentadas por uma “rede de interesses e recursos comuns”.

Na investigação desse atributo transnacional da imprensa operária, Eduardo Cunha (2018, p.36-37) desenvolveu em pesquisa de Mestrado sobre edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires, entre o final do século XIX e início do século XX, a verificação de uma rede transnacional de militância na qual estava inserida a atividade editorial dos anarquistas da capital argentina. O historiador identificou indícios dessa articulação por variados caminhos: financiamento por grupos paulistas e cariocas das edições em Buenos Aires; o anúncio do primeiro folheto anarquista editado no Brasil em um jornal bonaerense; editores portenhos publicando um folheto destinado à Itália, para a campanha de libertação de um preso político deste país; pedidos de reedições de títulos argentinos vindos de militantes nos Estados Unidos.

Desse modo, inspirados nos trabalhos citados anteriormente, acreditamos que para compreender como os anarquistas de Buenos Aires organizaram sua atividade editorial, devemos ter em mente que ela está inscrita em uma rede transnacional de militância. Percebemos tal dinâmica em variados eventos: grupos de São Paulo e Rio de Janeiro financiando edições em Buenos Aires; editores portenhos publicando um folheto destinado à Itália, para a campanha de libertação de um preso político deste país; pedidos de reedições de títulos argentinos vindos de militantes nos Estados Unidos; ou, então, quando o primeiro folheto anarquista editado no Brasil é anunciado apenas em um jornal bonaerense. A organização dos anarquistas, assim como os seus impressos, cruzava fronteiras (CUNHA, 2018, p.35-36).

No Brasil, Maitê Peixoto (2016, p.54) observou que a circulação transnacional com mais força dos periódicos operários ocorreu após a década de 20 quando “muitos jornais eram remetidos a associações de outros países, em troca recebiam igualmente as publicações estrangeiras noticiando suas atividades e experiências”. E no que se refere a

circulação nacional, acontecia por meio da venda por representantes voluntários circulando as cidades na oferta dos exemplares para um público diverso: funcionários de comércios, operários de fábricas, donas de casa, etc. As listas de subscrição eram outro tipo de efetivação das vendas envolvendo o compromisso do associado ou leitor com uma assinatura de pedido do exemplar mediante pagamento ao representante entregador do jornal.

Diante dessa estrutura que permeava as condições de edição e circulação da imprensa operária é possível compreender a publicação das notícias da Revolução Russa em 1917 em quatro jornais da imprensa operária com edições em português: *A Semana Social* (AL), *A Plebe* (SP), *O Debate* (RJ) e *O Cosmopolita* (RJ). Neles o jornalismo operário informava e opinava sobre a realidade social, econômica e política nas diversas condições no contexto das lutas do movimento operário, elaborando e transmitindo ideias, símbolos, projetos que propunham novas relações sociais inspirados pela possibilidade de uma futura “Revolução Social”. De acordo com o estudo da cobertura jornalística sobre a Revolução Russa ao longo do período entre março e novembro de 1917 é possível identificar como a imprensa operária acompanhou e divulgou as novidades russas, quais foram os temas mais suscitados por esses acontecimentos e como eles foram abordados na elaboração dos textos jornalísticos.

4. 1 As páginas dos jornais operários brasileiros durante a semi-insurreição de julho no processo revolucionário russo

No subitem 4.1.1. “As notícias da Revolução Russa em julho de 1917 nos jornais *A Semana Social* (Maceió), *A Plebe* (São Paulo), *O Debate* (Rio de Janeiro) e *O Cosmopolita* (Rio de Janeiro)” são abordadas no contexto russo da semi-insurreição de julho.

Os jornais escolhidos estão de acordo com a ordem cronológica que surgem as notícias no mês de julho de 1917 na imprensa operária.

4.1.1 As notícias da Revolução Russa em julho de 1917 dos jornais *O Debate* (Rio de Janeiro), *A Semana Social* (Maceió), *A Plebe* (São Paulo) e *O Cosmopolita* (Rio de Janeiro).

A imprensa operária brasileira iria acompanhar as notícias sobre os acontecimentos que se desenrolavam no caminho da radicalização das escolhas da Revolução Russa no início do segundo semestre de 1917. No sétimo mês de 1917 verifica-se notícias nos jornais *O Debate* (Rio de Janeiro), *A Semana Social* (Maceió), *A Plebe* (São Paulo) e *O Cosmopolita* (Rio de Janeiro) que serão abordadas no presente subitem.

Frederico Bartz (2016, p.168) considera o periódico *O Debate* editado por Astrogildo Pereira como um “jornal ecumênico” de diferente colaboradores, como dois deputados: Maurício de Lacerda e Nicanor do Nascimento, o jornalista Agripino Nazareth, os escritores Lima Barreto e Fábio Luz, além de José Oiticica.¹²³

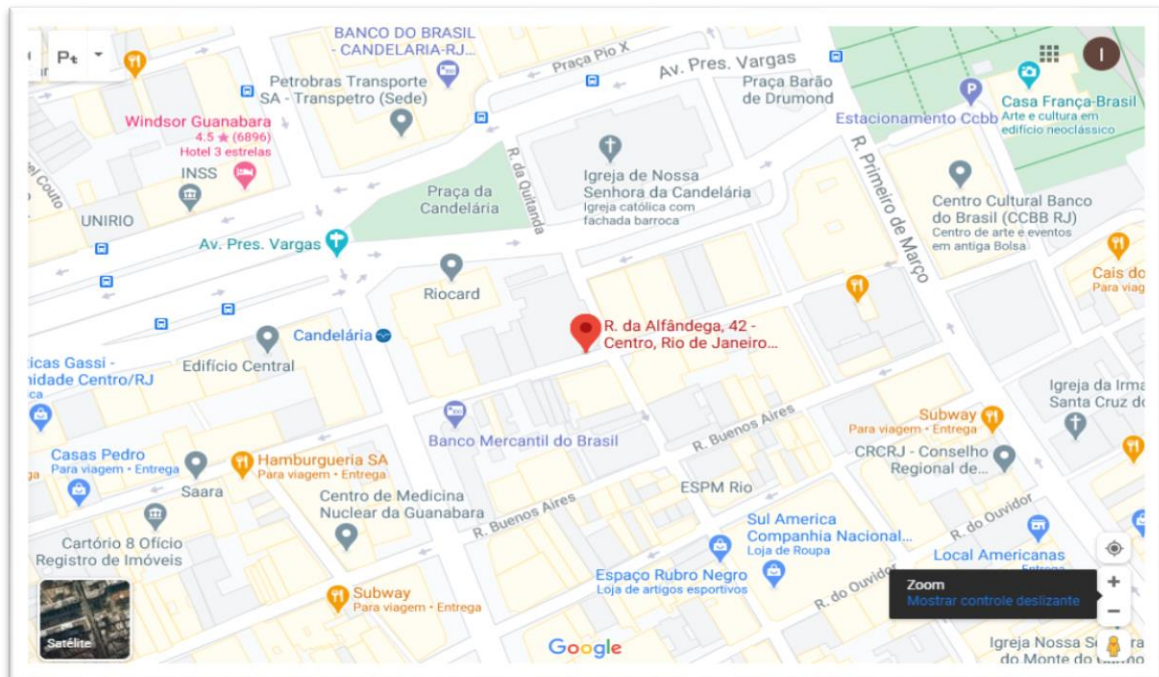
Contribuindo para aprofundar a identificação dos atributos referentes ao periódico *O Debate*, Leandro Gomes (2012, p.23) caracterizou-o como revista de propaganda anarquista editada e escrita por militantes anarquistas com mais de dez páginas e publicada com alguns anúncios, o primeiro número foi lançado em 12 de julho de 1917 e o último número foi lançado em 27 de outubro de 1917 quando sua circulação foi proibida após o Decreto de Estado de Sítio quando o Brasil entrou na Primeira Guerra Mundial.

O jornal carioca *O Debate* foi dirigido por Adolfo Porto e Astrogildo Pereira e sua redação e administração funcionavam na Rua da Alfândega, nº 42. A assinatura anual custava 5\$000 (R\$250) e pelo número avulso era pago \$100 (R\$5).¹²⁴

¹²³ Fábio Lopes dos Santos Luz (Valença, 31 de julho de 1864 — Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1938) foi um anarquista, médico, escritor, romancista, crítico, contista, ensaísta, professor, membro da Academia Carioca de Letras. Vê em: RIBEIRO, Alex Brito. *Fábio Luz entre a militância e a escrita: anarquismo, militância política e literatura*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, UFRRJ, Seropédica, 2015. Sobre a colaboração do escritor Lima Barreto, assim explica Foster Dulles (1977, p.86): Lima Barreto deixou suas ideias anarquistas na pequena imprensa e nos jornais operários, dando ao movimento anarquista “o melhor do seu esforço de escritor e jornalista”. Os Deputados Maurício de Lacerda e Nicanor Nascimento destacam-se na defesa das demandas da classe trabalhadora.

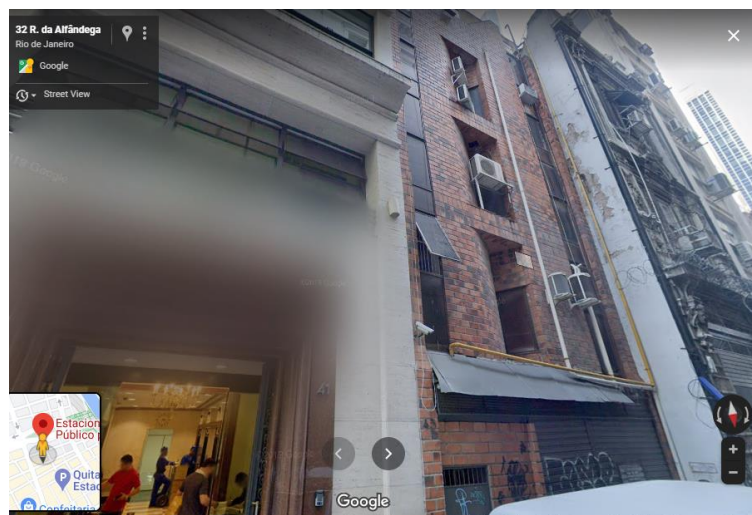
¹²⁴ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917. Valores das assinaturas convertidas através do Índice Estadão do jornal *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acessado em: 31/01/2018.

Figura 24 – Localização atual da Rua da Alfândega, nº 42



Fonte: Google Maps (2020).

Figura 25 – Fachada atual na Rua da Alfandega entre nº41 à esquerda e 43 à direita.



Fonte: Google Maps (2020).

O jornal *O Debate* em seu primeiro número publicado em 12 de julho de 1917 divulgou em sua coluna “Os fatos do exterior”, conforme Figura 26 abaixo uma notícia intitulada *A Revolução Russa* e assinado por Astrojildo Pereira, editor do jornal. O jornalista afirmava que naquele momento ainda havia muitas indefinições que tornavam difícil fazer uma previsão sobre os rumos dos acontecimentos na Rússia. Contudo, a análise das informações por meio de telegramas, correspondências e outros “documentos mais raros” possibilitava uma aproximação em relação às características do “grande drama político” no que se refere à sua orientação e tendências.

Astrojildo Pereira demonstrava participar de redes internacionais de contatos e notícias relativas ao avanço da Revolução Russa, tal condição poderia está associada às relações transnacionais do movimento operário e ao próprio fazer jornalístico da pesquisa na mundo das informações produzidas pelas agências de notícias.

É possível constatar no texto de Astrojildo que no mês de julho já era de conhecimento as divergências de origens e interesses entre a Duma e o Comitê de Operários e Soldados.

Os dois núcleos orientadores do movimento, a Duma e o Comitê de Operários e Soldados, este surgido da própria revolução, logo tomaram posições antagônicas, terminando o primeiro golpe demolidor. A Duma vinda do antigo regime, pode dizer-se representa, em maioria, a burguesia moderada e democrática, ao passo que o Comitê de Operários e Soldados, composto de operários, representa o proletariado avançado, democrata, socialista e anarquista. A Duma deu o governo provisório e o primeiro ministério; o Comitê de Operários e Soldados derrubou o primeiro ministério, influiu poderosamente na formação do segundo e tem anulado quase por completo, senão de todo, a ação da Duma.¹²⁵

Na avaliação de Astrojildo Pereira, a estabilidade da vida pública russa estava dividida entre as duas forças principais: uma liderada pelo “proletariado socialista e anarquista” e a outra pela “burguesia democrática e republicana”. Mas, ainda não era possível definir qual das duas forças conquistaria a preponderância final nessa luta política que naquele momento era vantajosa para o proletariado.

¹²⁵ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

Figura 26 - Jornal *O Debate* (Ano I - Nº 1)

Os factos do exterior

A Revolução russa

Bem difficil, sem duvida, é precisar o curso dos actuaes acontecimentos na Russia. Aliás, seria rematada tolice pretender firmas taes ou quaes traços definitivos do grande movimento que deu por terra, abruptamente, com a casta dos Romanof, e com ella, de cambulhada, todas as demais castas aristocraticas e monopolisadoras das riquezas e do poder.

Movimento de tal magnitude e complexidade, revolido por mil correntes diversas, ha de por força manifestar-se confuso e contradictorio, com altos e baixos, com claros e escuros violentos. Impossivel, pois, determinar em linhas inflexiveis os traços essenciaes dos factos revolucionarios e suas consequencias. O que não quer dizer que, em meio do cipal dos telegrammas e correspondencias e de outros documentos mais raros, não se possa fazer uma idéa mais ou menos approximada do grande drama politico, — grande por si mesmo e ainda maior pelas suas consequencias, — da orientação que o tem guiado e das tendencias que o caracterizam.

Os dois nucleos orientadores do movimento, a Duma e o Comité de Operarios e Soldados, este surgido da propria revolução, logo tomaram posições antagonicas, terminado o primeiro golpe demolidor. A Duma, vinda do antigo regimen, pode dizer-se representativa, em maioria, a burguezia moderada e democratica, ao passo que o Comité de Operarios e Soldados, composto de operarios, representa o proletariado avançado, democrata, socialista e anarchista. A Duma deu o governo provisório e o primeiro ministerio; o Comité de Operarios e Soldados derrubou o primeiro ministerio, influu poderosamente na formação do segundo e tem annullado quasi por completo, sinão de todo, a acção da Duma.

Insignificante, sem nenhum peso, pelo menos até agora, o elemento reaccionario e aristocratico, a situação russa tem que obedecer, na sua luta pela estabilisação publica, ás duas forças principaes enfeixadas pelo proletariado socialista e anarchista e pela burguezia democratica e republicana. A qual das duas forças está destinada a preponderancia na reorganisação da vida russa? O que se pode affirmar com certeza é que essa prepon-

derancia tem cabido, até agora, ao proletariado. E como o proletariado, cuja capacidade politica já annullou o papel da Duma burguezia, está tambem com as armas na mão, não encontrando, pois, resistencia séria aos seus designios, não muito longe da certeza andará quem prever a sua continua preponderancia, até completa absorção de todos os ramos da vida nacional, extinguindo-se, de tal modo, n'um praso mais ou menos largo, a divisão do povo russo em castas diversas e inimigas. E inutil é insistir na influencia que taes acontecimentos exercerão no resto do mundo, na obra de reconstrução dos povos, cujos alicerces estão sendo abalados pelo fragor inaudito dos grandes canhões destruidores. — Ast. P.

Wilson, interprete

de Monroe

A esquadra do almirante Caperton deve, a estas horas, estar fundeada em Montevidéo, onde como aqui, os marujos *yankees* terão ruidosa acolhida, n'este momento equivalente á solidarisação do Uruguay com a politica do sr. Woodrow Wilson.

Com a inclusão de mais esse paiz sul-americano entre os que, «por la razon ó por la fuerza», adheriram aos Estados Unidos, ou se lhes submetteram, em virtudes de imperativas injuncções, que os navios de Caperton amparam com o seu irretorquível prestigio, a Argentina ainda mais se isola no continente e vê por completo annullado o esforço feito para inaugurar na America uma politica de neutralismo puro.

Como, porém, o isolamento absoluto, a que a peregrinação dos "dreadnoughts" *yankees* pelos paizes sul-americanos, fatalmente a conduziria, não lhe pode trazer senão prejuizos, tanto agora como depois da guerra, uma nova orientação parece esboçar-se na visinha republica, cujos governantes dão os primeiros signaes da submissão á imperiosissima pressão da Casa Branca e da Wall-Street.

Perde-se, assim, para a America do Sul, uma oportunidade magnifica, de que a Argentina incontestavelmente melhor que os outros paizes latino-americanos, se apercebera, quando tentou reunir o congresso dos neutros. Mas si as probabilidades de

uma politica sul-americana autonoma desapparecem, fracassam por completo, vão por agua abaixo, por outro lado, cada vez mais se alarga o prestigio da patria de Monroe, cuja doutrina Wilson hoje interpreta com superior ironia.

E por sobre os montões de ruínas das veleidades sul-americanas, lá está triumphalmente fincado, tremulando aos ventos, o pavilhão das listras e estrellas... — Ad. P.

As grèves em S. Paulo

Chegam-nos noticias sérias de grèves em S. Paulo. Milhares de operarios, e entre elles mulheres e menores, abandonaram o trabalho, reclamando melhorias de condições hygienicas e de salarios. Os patrões, por sua vez, teimosos e insensiveis ás necessidades alheias, resistem ao movimento paralisista, arcando com o ônus de prejuizos, escudados nas forças do Estado, sempre benevolentes a seu respeito, como intolerantes com os operarios.

Mesmo de um sereno ponto de vista imparcial, sem «parti pris» por esta ou aquella classe, não é possível negar que aos operarios reclamantes assiste um milhão de razões, — razões positivas, concretas, formuladas mais pelo estomago que pela cabeça. Com effeito, a situação do praletariado attinge, neste momento, um grau agudissimo de soffrimento e de desespero. A capacidade de miseria tambem tem um limite, chugado ao qual os musculos instinctivamente se retezam num impeto supremo de energia, para arrancar, dos detentores iniquos das riquezas que não produzem, a quantidade minima de elementos equilibradores da sua potencialidade vital.

Assim, pois, si se querem buscar soluções efficientes para conflictos dessa natureza, não se hade procural-as na caturrice orgulhosa e avara dos patrões, nem tampouco na attitude injusta e brutissima do sabre e do carcere.

Mas os operarios bem sabem, por uma longa e aspera experiencia, que seria alimentar enganosas e vãs esperanças attender qualquer modificação na attitude patronal e governamental. E, muito consequentemente, pois, vão tambem até ao uso legitimo dos mesmos processos, convencidos, por um milhão de razões, que contra a força só tem efficacia outra força maior...

Pschismo - LIVROS MODERNOS : Catacismo espirita, O roceiro e o vigario e Na margem opposta, \$500 ; Hypnotismo (de A. Clecker), 8\$; Os segredos da arte de ganhar ao jogo, 5\$; Encontram-se nas boas livrarias e na CASA TORRES, — rua Senhor dos Passos, 98.

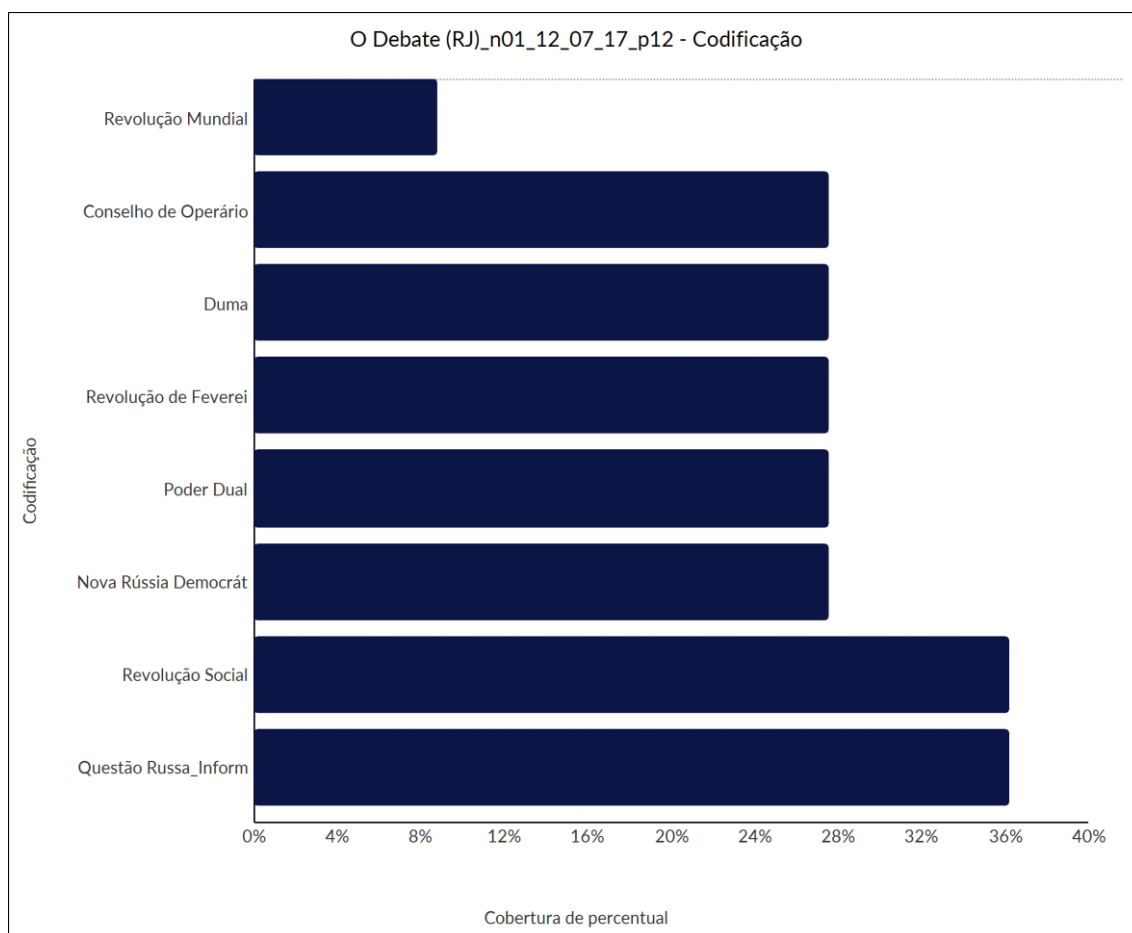
Destaca-se a clareza da análise jornalística da Revolução Russa na notícia de Astrojildo Pereira no mês de julho quando foi possível registrar que todos os jornais operários pesquisados publicaram conteúdo referente a situação política na Rússia. Também nota-se a existência da ideia de que havia uma ação conjunta nesse momento do processo revolucionário entre socialista e anarquistas. No início do texto é salientado que era preciso uma pesquisa mais aprofundada para distinguir as tendências políticas russas daquele período pela dificuldade em identificar com exatidão a dinâmica daquele panorama de incertezas políticas.

Movimento de tal magnitude e complexidade, revolvido por mil correntes diversas, há de por força manifestar-se confuso e contraditório, com altos e baixos, com claros e escuros violentos. Impossível, pois, determinar em linhas inflexíveis os traços essenciais dos fatos revolucionários e suas consequências. O que não quer dizer que, em meio do cipoal dos telegramas e correspondências e de outros documentos mais raros, não se possa fazer uma ideia mais ou menos aproximada do grande drama político, - grande por si mesmo e ainda maior pelas suas consequências, - da orientação que o tem guiado e das tendências que o caracterizam.¹²⁶

Nos aspectos gerais, Astrojildo qualifica a Revolução Russa como um “grande drama político” na sua dimensão e consequências, compreendendo mesmo antes da Revolução de Outubro que os fatos revolucionários russos produziram mudanças para além do território russo. A novidade vinda da Rússia promovia um forte movimento de articulação na imprensa operária em busca de fontes e leitura crítica da circulação de informações. Demonstrando, assim, a qualidade do jornalismo internacional desenvolvido pelos jornais operários no Brasil.

¹²⁶ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

Gráfico VIII – CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “A Revolução Russa”¹²⁷



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

No Gráfico VIII acima, a codificação da notícia aponta para os temas principais em torno das indefinições da chamada “crise de julho” e do entendimento da queda do czarismo como a crise do poder aristocrático e o início de disputas pelo poder político entre a Duma e o Comitê de Operários e Soldados.

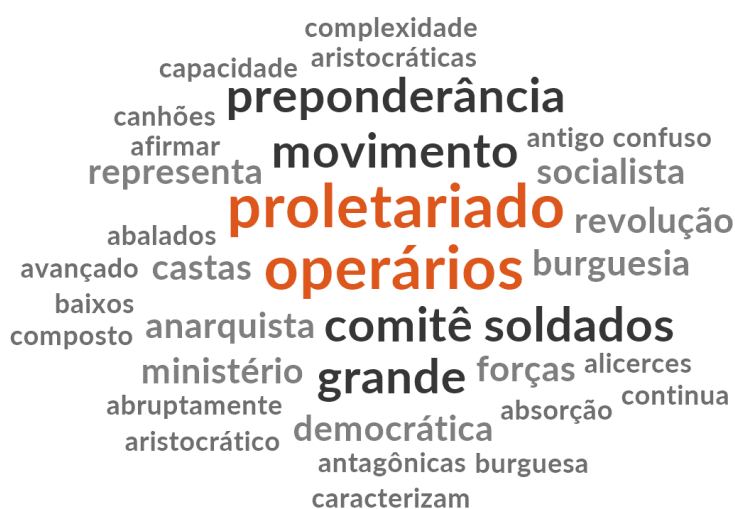
Bem difícil, sem dúvida, é precisar o curso dos atuais acontecimentos na Rússia. Aliás, seria rematada tolice pretender firmas tais ou quais traços definitivos do grande movimento que deu por terra, abruptamente, com a casta dos Romanoff, e com ela, de cambulhada, todas as demais castas aristocráticas e monopolizadoras das riquezas e do poder.¹²⁸

¹²⁷ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

¹²⁸ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

Nas observações de Astrojildo Pereira já seria possível afirmar que já havia uma “preponderância do proletariado” na reorganização da vida russa. E essa realidade produzia uma perspectiva de grande impacto mundial da influência revolucionária naquela conjuntura internacional na crise beligerante. O caminho da “Revolução Social” era apresentado por meio de uma estruturação de análise na qual a superação do Estado czarista resultou da intervenção das forças burguesas e proletárias, mas a disputa de projeto político ainda estava em vigor no mês de julho.

Figura 27 – Nuvem de Palavras V



Fonte: Elaborado pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “A Revolução Russa”.¹²⁹

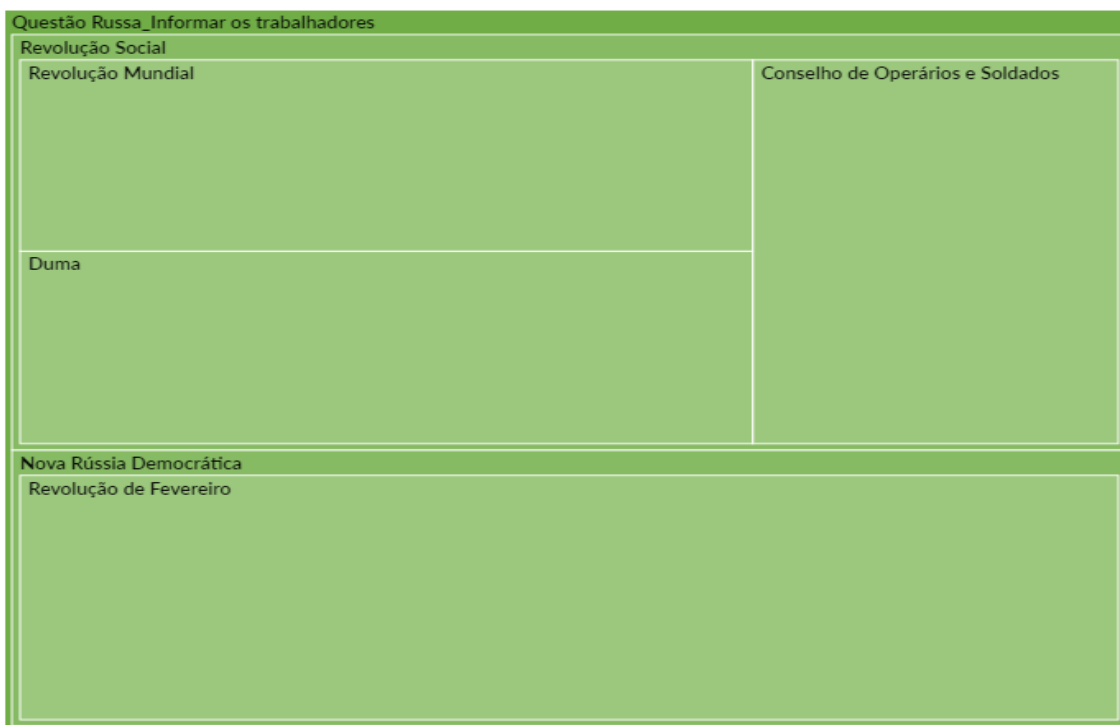
A Nuvem de Palavras V demonstra a percepção já mencionada da notícia de como Astrojildo reconhecia a força do proletariado através da capacidade de intervenção e liderança do “Comitê de Operários e Soldados” enquanto representante dos “grupos democratas, socialistas e anarquistas”.

Astrojildo esclarece a ruptura na elite russa entre os aristocráticos mais reacionários e a burguesia moderada e democrática na direção da Duma vista como formadora do governo provisório e do primeiro ministério. Na interpretação do jornalista, o “Comitê de Operários e Soldados derrubou o primeiro ministério, influuiu

¹²⁹ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

poderosamente na formação do segundo” e estava anulando “quase por completo, senão de todo, a ação da Duma”.¹³⁰

Gráfico IX - HIERARQUIA DOS NÓS na codificação da notícia “A Revolução Russa”¹³¹



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

No Gráfico IX acima compreende-se a organização temática da notícia permeada pela centralidade em torno do fortalecimento do Conselho de Operários e Soldados descrito por sua diversidade de tendência políticas. Assim, o jornalista demonstrava familiaridade na identificação do funcionamento desse órgão político de caráter diferenciado naqueles tempos históricos onde se conhecia apenas partidos, sindicatos e associações profissionais.

Ao destacar a “magnitude e complexidade” da Revolução Russa nas rupturas institucionais e principalmente no aspecto diferenciado da nova classe em ascensão com um formato de “Conselho” para fazer a luta política, demonstrando sucesso nesse desafio

¹³⁰ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

¹³¹ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

e a potencialidade para se constituir de forma exemplar e inspiradora na “obra de reconstrução dos povos”.

O que se pode afirmar com certeza é que essa preponderância tem cabido, até agora, ao proletariado. E como o proletariado, cuja capacidade política já anulou o papel da Duma burguesa, está também com as armas na mão, não encontrando, pois, resistência séria aos seus desígnios, não muito longe da certeza andar quem prever a sua contínua preponderância, até completa absorção de todos os ramos da vida nacional, extinguindo-se, de tal modo, num prazo mais ou menos largo, a divisão do povo russo em castas diversas e inimigas. E inútil é insistir na influência que tais acontecimentos exercerão no resto do mundo, na obra de reconstrução dos povos, cujos alicerces estão sendo abalados pelo fragor inaudito dos grandes canhões destruidores.¹³²

O proletariado russo em *O Debate* é descrito como capaz de superar a burguesia e unificar o povo em torno do Conselho de Operário e Soldados. E em seguida verifica-se gradativamente como as próximas notícias comunicam a Revolução Russa em seu aspecto socialistas e chamando atenção para a evidência da novidade e força desse Conselho para representar e articular não apenas os operários, mas inusitadamente tb os soldados, demonstrando serem eles um grupo aliado importante para a conquista do direcionamento revolucionário.

O segundo periódico a publicar no início do segundo semestre foi o jornal *A Semana Social* em 14 de julho de 1917, divulgando em sua terceira página, conforme Imagem 17 abaixo um artigo jornalístico intitulado *A Revolução Russa* e assinado por Gracindo Alves, alfaiate, colaborador do jornal, segundo o qual o povo russo no “ímpeto de revolução popular” dava ao mundo o “exemplo mais grandioso e digno de ser observado e acompanhado no desdobramento dos seus ideais”.¹³³

¹³² Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

¹³³ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 14 de julho de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

Figura 28 - Jornal A Semana Social (Ano I - Nº 12)

A SEMANA SOCIAL

Decepção

Ainda me recordo. À tarde, quando morriam pelos bosques os últimos raios do Sol posto, Violeta vinha ter commigo, a beira daquelle placido e poetico regato, em cuja lymphá crystallina se reflectiam as sombras mudas de velhas mangueiras. Ah! como me sinto commovido neste momento, em que todo o passado resurge, envolto nas mais bellas côres, impregnado dos mais encubriantes perfumes e abafados suspiros!...

Como eram lindas aquellas payzagens, aquelles bosques e aquelles jardins extensos que começavam a refflorir!...

A Natureza toda me sorria como se por acaso também compartilhasse do meu prazer e dos meus anhelos! As brizas, que sussuravam por entre a ramaria verde, pareciam trazer, de longe, em suas azas, os lentos acordes d'uma symphonia de amor!

Era a hora vesper.
Eu, aturdido, deixava-me arrastar pela corrente electrizante d'um sentimento que, de forma alguma, poderia deixar de ter nascido dentro em meu peito arfante... Amava! E o meu amor era grande como o infinito!

Ella era loira e travessa... Os seus grandes olhos, desse azul que mostrava o céu em tardes de primavera, sempre sorriam-me, fascinavam-me e tornavam mais intensa a ingente paixão que lavrava em todo meu ser!

Sentia por mim grande amizade dizia mesmo algumas vezes; e eu nesses momentos, tinha impetos de arrojarme a seus pés, como um escravo humilde, e confessar-lhe toda a minha paixão, mas sustinham-me, no mesmo instante, como que receios de que o meu sincero amor não fosse também correspondido! Preferia esperar, queria provas mais tortes e tomia destruição a felicidade que já gozava, somente em vel-a todas as tardes ao pôr do Sol!

E assim vivi longos mezes, sempre absorto na doce esperança de que um dia podesse ouvir, d'aquelles labios rubros, a confissão de que também era amado!

E o tempo foi passando... Sua amizade, a despeito, talvez das minhas lancinantes duvidas, ia, pouco a pouco, tornando-se mais terno, mais inquebrantavel! Ah! como eu me julgava ditoso! Daria estou certo a metade da minha vida para relaver aquelles curtos instantes, talvez os mais felizes que hei passado na Terra!

Como me fascinavam os seus gestos, os seus olhares, os seus sorrisos, como os de uma criança no resplendor da vida! Os seus travessos olhos, então, já me sorriam com certa malícia, como censurando-me pela minha quasi ridicula timidez!

Tinha nesse tempo um amigo de nome Alberto, que muito me estimava e que era o meu unico con-

fidente, pois, quem ama tem sempre necessidade imperiosa de lembrar o objecto dos seus sonhos e das suas apprehensões constantes; e era a elle, no silencio do nosso quarto, á noite, que eu lhe fallava a seu respeito, enaltecendo-lhe a sua belleza e a sua bondade. Um mundo de perfeições ella possuía! E... qual o amante apaixonado que não acha perfeita a mulher que adora?

As minhas visitas á casa de Violeta tornaram-se mais frequentes, e apenas li elegava, era ella a primeira pessoa que logo corria ao meu encontro, mostrando-se contente com a minha presença e procurando agradar-me com meos os mais delicados que só as mulheres conhecem. Após o jantar, quando o crepusculo baixava alem por sobre os montes e as selvas, ella, ternamente, me convidava para um passeio pelo jardim, e a flor mais bella, mais perfumosa, colhia para offerecer-me com um sorriso...

Ah! eu já não podia duvidar! Ela também me amava! Mas não obstante todas aquellas provas do seu ardente amor, ainda persistia guardar em segredo minha paixão.

Não sei explicar o que dentro em mim se passava... Tinha a realidade e preferia ficar sempre illudido. A illusão, meu amigo, algumas vezes, tem, apparencias d'uma coisa real!

Certa noite recebi uma carta da cidade. Era de meu pai, que me chamava com urgencia para um negocio de importancia. Foi, somente, o meu corpo, qual machina que se move inconscientemente, porquanto minha alma lá havia tido absorção na grande dor!

Passou-se algum tempo. Uma noite, sahi em busca dum lugar silencioso, pois, o rumor da cidade me fazia mal. Nada me fazia esquecer a imagem angelical de Violeta. Queria o silencio e a solidão onde pod'isso, longe do mundo, rever, na minha mente obedada, os seus grandes olhos azues, como um céu de primavera!

E emuinei, então, como um notívago solitario, pelas ruas immeras no profundo mysticismo da noite...

Em tudo eu via surgir a sua imagem!

Ouvindo o vento, que, levemente, ciciava por entre as sombrias arvores, me recordava da sua voz, que era leve como a briza tépida da manhã!

O céu estava tão bello como o que hoje vê. Um luar de prata illuminava as ruas érmias...

Ah! meu amigo "todo sonho tem seu despertar!" A minha historia está terminando.

Voltei á casa. Não tinha somno. Foi a primeira noite que passei meditando ao luar.

Fazia projectos de ir ver Violeta no dia seguinte, e, ajoelhado, confessar-lhe todo o meu amor.

Pela madrugada, entretanto, tive somno e dormi até 6 horas da

ELIXIR DE GUARDIÃO
FORMULA DO PHARMACEUTICO DR. MANOEL BRANDÃO
Soberano medicamento para a syphilis o reumatismo e todas as outras doenças do sangue
CURA, RÁPIDA E INFALLIVELMENTE COM POUCOS VIDROS!
ATTESTADOS VALIOSOS DE INNUMERAS PESSOAS, COMPROVAM A EFFICACIA DESTE PODEROSO REMEDIO
Á Venda na Pharmacia PASTEUR, á Rua Santa Maria; na Pharmacia GLOBO, rua do Commercio 53 e na Drograria Caluon

manhã, hora em que o erendo de quarto me acordara para entregarme uma carta.

Nervoso, rasguei o envelope... Um ligeiro estrequecimento passou-me pelo corpo, e levei a mão ao peito para abafar um suspiro de angustia...

— Alguma desgraça? pergantei eu.

— Não — meu amigo — Alberto participava-me que Violeta se havia casado!...

Niterói — 1917

AURY MONTEIRO

A Revolução Russa

O povo russo, num impeto de revolução verdadeiramente popular ha poucos dias, acaba de dar ao mundo o exemplo mais grandioso e digno de ser observado por todos os angulos da Terra e acompanhado do desdobramento dos seus ideaes.

Parece mesmo que na actual emergencia, quando, afogando-se em sangue o Velho Continente, neste periodo mais agudo de loucura de destruir os esforços de tantos seculos de trabalhos e grandezas accumuladas, e num monstruoso contraste, redoundo nesta presente calamidade em vez de paz, elle, o povo russo, desloca-se do conjunto infernal para retomar a verdadeira trajetoria para onde se destinam os povos.

Parece talhado para essa etapa da historia da humanidade, pois sua revolução de caracter social, exemplificará o velho e novo continente, ensinando-lhes o caminho a seguir.

E' que na guerra não se encontra nenhum fundo moral capaz de assegurar a grandeza material moral e economica de nenhum povo, ainda mesmo vencedor.

E um povo vencido é um povo envergonhado, humilhado e cabibaixo, sujeito ás maiores imposições de outro povo.

E ainda ha quem pense no aproveitamento desse monstro, e ainda ha quem cante hymnos de gloria por tão desprezível attentado.

E ao pensar-se que, a razão de tão grande somma de inelicidade, está nos preconceitos do regimen da actual sociedade, baseada na força a que os juriseconsultos, patriotas e outras cousas mais, chamam quinta essencia da sabedoria, chega-se a conclusão de que só elles são os inimigos da humanidade.

Bem haja, pois, o povo russo que tão extraordinario rasgo de dovecção teve arrancando das mãos de um tyranno — talvez do maior tyranno da terra — a sua liberdade que em verdadeiros hymnos de gloria, vai sendo cantada por todos os angulos do seu paiz.

Bem haja, pois, os fillos da Russia, que já não temem a perversão dos Czares nem as torturas da Siberia.

Bem haja, pois, aquelle povo que soube expulsar do seu seio, o typo mais ben acabado no ultraje e na injuria.

Ah! mas quantas lutas se travaram, quantas vidas preciosas se foram, quantos exilios para os philosophos que, convencidos da fatalidade da fatalidade da queda do tzarismo, procuravam guiar o povo numa doutrina fundamentada na equaldade.

E a Russia já se fez republicana e desperta para nova vida e para novas lutas, porque a Russia republicana não ha de ser senão uma Russia burguesa a que reffreiar o povo nas suas constantes demandas pelo direito de equaldade.

E é provavel que elle seja mais que republicana, a julgar pelos telegrammas mais recentes.

Falla-se de uma Russia socialista a tudo nos faz crer que hoje, mais do que nunca, o problema da emancipação seja comprehendido e posto em pratica — ainda mesmo a começar por socialismo de Estado, que já é um passo para a frente, se bem que não seja tudo.

Esperemos, pois.

GRACINDO ALVES

TYPOGRAPHIA FERNANDES

RUA I. DE MARÇO N. 22

Grande officina typographica apparellada para satisfazer rapidamente quesequer grandes encomendas como sejam: manifestos, helctins, relatorios, tabella de horarios, tabella de qualquer especie, jornaes e revistas de qualquer formato.

Cartões de visitas, facturas e outros pequenos trabalhos, a preços reduziidissimos.

Fantagões e encadernações

I. FERNANDES COSTA

TYPE. GERMINAL

Gracindo Alves faz uma denúncia da violência propagada pela Primeira Guerra que “afogava o Velho Continente em sangue”, caracterizando como um “período mais agudo de loucura de destruir os esforços de tantos séculos de trabalho e grandezas acumuladas” ressaltando o caminho diferenciado do povo russo que “desloca-se do conjunto infernal para retomar a verdadeira trajetória para onde se destinam os povos”.

O alfaiate-jornalista procura mostrar no seu texto jornalístico, cujos principais temas podem ser verificados na Figura 16, como naquela etapa história da humanidade onde o “monstro” da guerra produzia calamidades foram os russos que se mostraram “talhados” para enfrentar esse momento porque sua “revolução de caráter social” se tornaria exemplo para o “velho e novo continente, ensinando-lhes o caminho a seguir”.¹³⁴

Na crítica à guerra como “soma de infelicidades” associa suas causas aos “preconceitos do regime da atual sociedade, baseada na força a que os juristas, patriotas e outras coisas mais, chamam quinta essência da sabedoria”, concluindo de que “só eles são os inimigos da humanidade”. Diante dessa constatação, em tom de benfazer explica a ação do povo russo como “tão extraordinário rasgo de conficção teve arraneando das mãos de um tirano – talvez do maior tirano da terra – a sua liberdade que em verdadeiros hinos de glória, vai sendo cantada por todos os ângulos do país” .

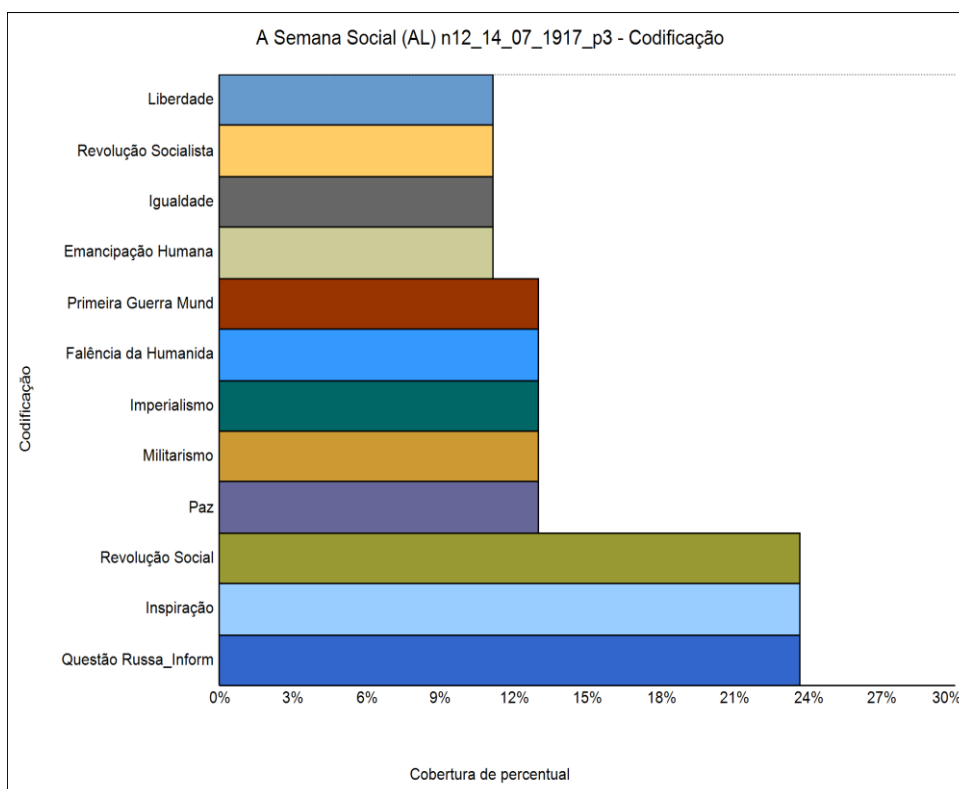
Ah! Mas quantas lutas se travaram, quantas vidas preciosas se foram, quantos exílios para os filósofos que, convecidos da fatalidade da queda do czarismo, procuravam guiar o povo numa doutrina fundamentada na igualdade.¹³⁵

O autor, Gracindo Alves, ao fim se referencia nos telegráfos para afirmar que as notícias falavam numa “Rússia socialista” que colocava em prática “o problema da emancipação” como o primeiro passo por um “socialismo de Estado, se bem que não seja tudo, já é um passo para a frente”. Aqui também, entre os jornais operários, o recurso às informações vindas por telegramas parecem constantes, e a expectativa era grande pelo aprofundamento das escolhas socialistas entre os revolucionários russos.

¹³⁴ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 14 de julho de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

¹³⁵ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 14 de julho de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

GRÁFICO X - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “A Revolução Russa”¹³⁶



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

As notícias transmitidas por Gracindo Alves enunciavam uma Revolução Russa inspiradora de uma “revolução de caráter social”, valorizando o povo russo por reagir aos “inimigos da humanidade” (“jurisconsultos, patriotas e outras coisas mais”) responsáveis pelos preconceitos do regime daquele sociedade e “aproveitamento” do “monstro da guerra” promotora da falência do Velho Mundo em sua própria “destruição dos esforços de tantos séculos de trabalhos e grandezas acumuladas”.

O contexto de acirramento militarista da Primeira Guerra decorrente das disputas imperialistas é identificado como o “período mais agudo de loucura” que ao invés da paz, “transformou esforços, trabalhos e grandezas” em uma “calamidade de conjunto infernal”. Diante desse cenário mundial beligerante sem condições de assegurar nenhum tipo de “grandeza moral e econômica” havia informações e expectativas de que a Revolução Russa fosse “mais que republicana” e implantava uma Rússia socialista,

¹³⁶ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 14 de julho de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

demonstrando ser possível dar passos à frente na emancipação humana escolhendo inicialmente pelo recurso do socialismo de Estado.

Na Figura 29 é possível visualizar as palavras chaves da notícia elaborada por Gracindo Alves, assim, verifica-se como o texto jornalístico faz crê na experiência russa como o início de uma emancipação humana através da experiência revolucionária socialista capaz de promover a liberdade, se opondo a tirania e às calamidades da guerra.

Figura 29 – Nuvem de Palavras VI



Fonte: Elaborado pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “*A Revolução Russa*” (Jornal *A Semana Social*, Macéio, 14 de julho de 1917, p.3).

O Gráfico IX, abaixo, identifica uma notícia que compõe a Revolução Russa num painel constituído pela informação de uma “Rússia socialista” que põe em prática o “problema da emancipação” começando pelo socialismo de Estado. E apresentava um povo de “lutas, vidas preciosas perdidas e exílios para os filósofos que procuravam guiar o povo numa doutrina fundamentada na igualdade” com “extraordinário rasgo de convicção canta a sua liberdade em verdadeiros hinos de glória e assim exemplificará o velho e novo continente, ensinando-lhes o caminho a seguir”.¹³⁷

O povo russo diante da sua trajetória de lutas e conquistas é visto como um exemplo do caminho para liberdade e igualdade. É possível verificar essas ideias centrais em torno da apresentação de um caleidoscópio de caracterização da Revolução Russa: Liberdade, Igualdade, Revolução Socialista, Inspiração e Emancipação Humana.

¹³⁷ Jornal *A Semana Social*, Macéio, 14 de julho de 1917, p.3. CEDEM – UNESP.

GRÁFICO XI - HIERARQUIA DOS NÓS na codificação da notícia “A Revolução Russa”¹³⁸



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O jornal carioca *O Cosmopolita*, publicado entre 1916 e 1918, representava através da propaganda e agitação, o Centro Cosmopolita, sindicato de trabalhadores do setor terciário de serviços: os empregados em hotéis, restaurantes, bares e classes congêneres. Possuía uma periodicidade quinzenal com distribuição organizada através das listas de subscrição, da venda por representantes nomeados em diversas localidades ou até mesmo pela distribuição gratuita em busca da ampliação do número de sindicalizados (PEIXOTO, 2010; GOMES, 2012).

O Cosmopolita se constituiu, através de sua atividade política, num organismo sindical capaz de congrega anarquistas e socialistas, ainda que existisse claramente a preponderância de elementos anarquistas entre as suas fileiras. Podemos constatar, através da leitura dos periódicos, a presença decisiva do *anarquismo comunista* nas diretrizes editoriais do jornal, o que também fica evidente pelas constantes citações de Kropotkin, Ferrer i Guardia, Reclus e Malatesta. Contudo,

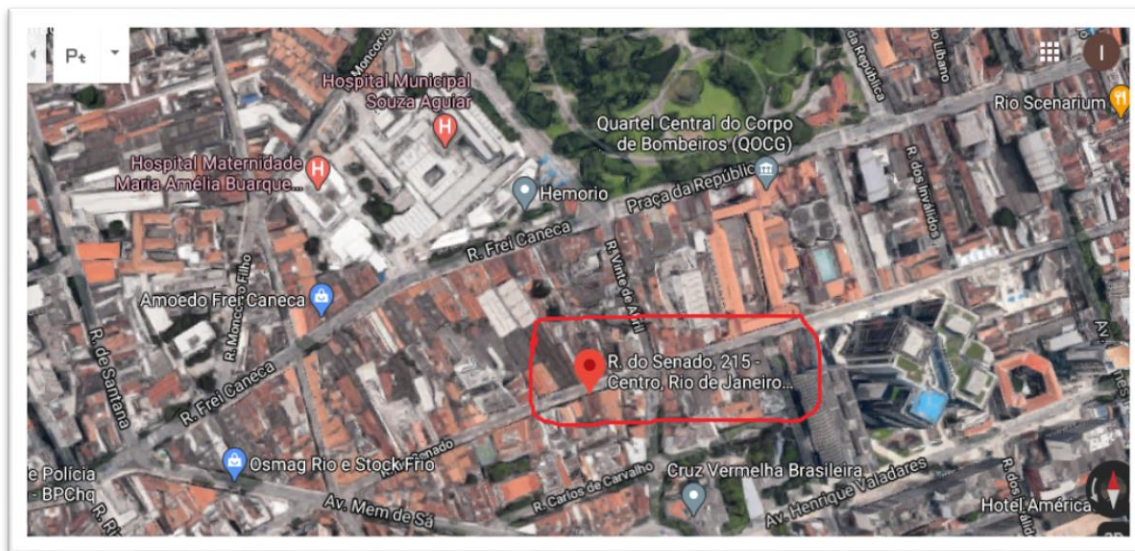
¹³⁸ Jonal *A Semana Social*, Maceió, 14 de julho de 1917, p.3. CEDEM-UNESP.

não há como ignorar o fato de que marxistas como Lênin, Trotsky e Marx também são citados, ainda que poucas vezes, o que não ocorreu em outros periódicos assumidamente ácratas (PEIXOTO, 2010, p.166).

O Centro Cosmopolita realizava assembléias e reuniões incentivando discussões dos problemas vividos pela categoria em jornadas extenuantes (16 a 18 horas de serviço), rígidos regimentos de trabalho, baixos salários, risco de acidentes e doenças, condições insulabres, assédios às mulheres e violências físicas. O jornal *O Cosmopolita* denunciava as condições das cozinhas sujas de hotéis e restaurantes, o reaproveitamento de restos de comida oferecidas aos clientes, os perigos da tuberculose, a ausência de higiene sanitária, a utilização de produtos em decomposição, etc. As páginas do periódico serviram a luta por direitos, a exemplo da campanha realizada entre 1917 e 1918 por uma jornada máxima de trabalho de 12 horas diárias e descanso semanal (COSTA, 2013, p.139-144).

A assinatura de *O Cosmopolita* era ofertada na opção anual com o custo de 5\$000, cinco mil réis (R\$250) e na modalidade semestral equivalia a 3\$000, três mil réis (R\$150). A localização da redação do jornal é informada na primeira página como Rua do Senado, números 215 e 217 no centro do Rio de Janeiro.¹³⁹

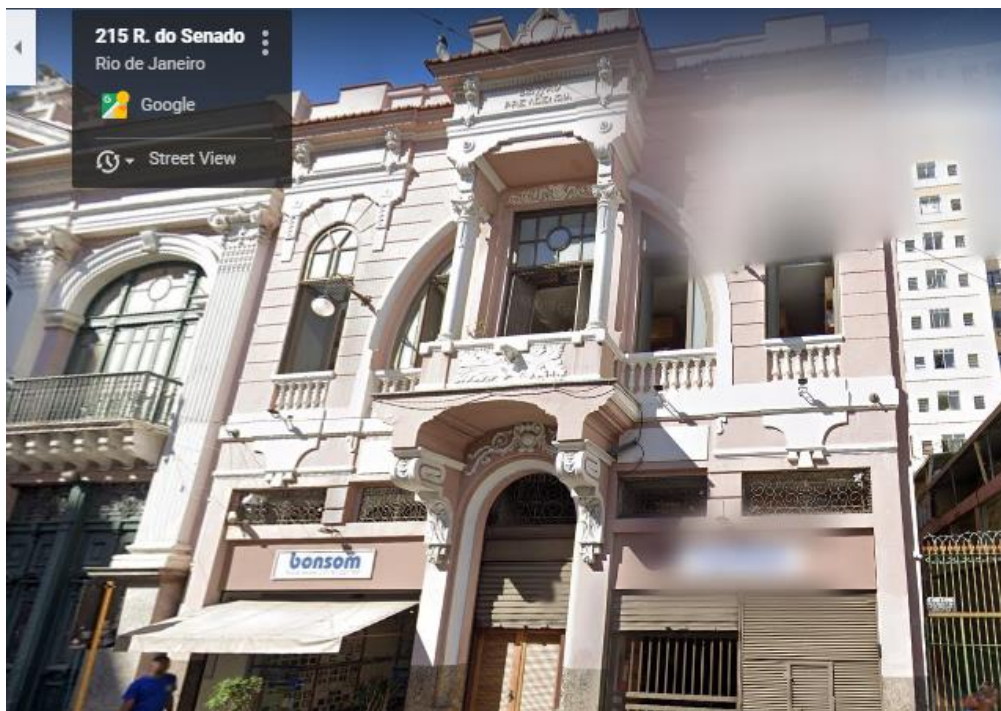
Figura 30 – Localização atual da Rua do Senado, nº 215, Centro, Rio de Janeiro.



Fonte: Google Maps (2020).

¹³⁹ Conversão realizada através do Índice Estadão do jornal *O Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acessado em: 31/01/2018.

Figura 31 – Fachada atual da antiga sede do Jornal *O Cosmopolita* no Rio de Janeiro (RJ).



Fonte: Google Maps (2020).

Peixoto (2010, p.154-155) destacou que a composição do corpo editorial de *O Cosmopolita* era formada por militantes e simpatizantes da “causa sindical” com um perfil editorial relacionado com as “visões de mundo de lideranças do movimento anarquista do início do século”. Havia contribuições de jornalistas e lideranças anarquistas tais como: Astrojildo Pereira, Neno Vasco e Edgar Leuenroth que publicavam artigos e crônicas regularmente e tinham sua atuação publicizada pelo jornal.¹⁴⁰

O jornal carioca *O Cosmopolita* em seu número quatorze de 15 de julho de 1917, como se verifica na Imagem 10, publicou na sua segunda página um texto intitulado “Divagação” assinado por Aureliano Luna. O autor inicia o texto comunicando a data que estava escrevendo: 30 de junho de 1917, ou seja, 15 dias antes da publicação do jornal.¹⁴¹

¹⁴⁰ Costa (2013, p.271) apresenta os seguintes nomes na gestão e redação do jornal *O Cosmopolita*: Direção – José da Costa Pimenta; Colaboradores – Raymundo Rodrigues Martinez, Albino Dias, Orestes Barboza, Astrojildo Pereira, Manoel Campos. O Diretor do jornal em 1917, José da Costa Pimenta, era gráfico, anarquista, foi um dos líderes do comitê dirigente da greve geral paulista de 1917, fundou a União dos Trabalhadores Gráficos e participou do II Congresso Operário Brasileiro nos anos 20 e da fundação do Partido Comunista do Brasil (1922). Um breve relato da sua biografia vê: <https://www.anarquista.net/joao-da-costa-pimenta/>. Acessado em: 14/03/2020.

¹⁴¹ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

Figura 32 - Jornal O Cosmopolita (Ano II - N° 14)

DIVAGAÇÃO

O calendário réza: 30 de junho de 1917.
 Já há anos a Europa nada em sangue. Os barbaros espumantes estão queimando os últimos cartuchos, no intuito de manter do pé a autocracia. O ouro produzido pelo trabalhador, para desgraça sua, rola com o seu sangue e, nos poucos recantos ainda não escurecidos pelas fumaradas das amassuras, os comidistas dos príncipes gritam em nome da "Pátria" para que também os seus povos avancem como cães na defeza do burquez gordo e perverso.
 Guerra!... E' o grito dos miseráveis que vivem na fardura e por ela obrigam os infelizes á pelear.

Enquanto isto, um povo — o escravizado povo da Rússia — guia do pelas vozes dos que há muito ali pregam os benefícios ideais, e para terror dos palácios, soldados e trabalhadores se confraternizam para um passo maior — o grande passo da Revolução.
 Foi Hermes Fontes quem escreveu:

De passar o ego heróico dos ossos; e os apóstolos bonas de que a Rússia se ufana, reformar os pequisos e os fracos. Contra o Puzill que abate ou a corde que enfurece, o destroz organizad, como no soberano vizio de Bonifacovsky e de Maxim Gorky.

O soldado — esta máquina antipática que é peçalho da sociedade — há de, afinal, em dias que já tardaram mais, compreender o direito que vem representando deante das consciências puras, para unir-se aos seus irmãos da oficina, num movimento de guerra aos seus algozes comuns.
 E então — ainda a majestral poeta o diz:

Desaparecerá a heróico ucraniano, pedindo das armas progressistas. E tu, Condição Humana, integral em ti mesmo para a capacidade superior de ser livre, ser justo e soberano, não dea de empregar as suas luminosas consciências para perpetuar foz e para o auto "Amor".
 Azevedo Luna

Embora com constrangimento...

... (Continuação da 1ª página).
 tão, sobre a sua obra... E que as laboriosas abelhas da colmeia libertadora fabricavam silenziosamente, modestamente, o delicioso mel da liberdade...
 Mas o caso é que, para qualquer parte que se passeio que, fariam das tão valiosos mancos, que podessem justificar o entusiasmo com que arrebatarem das mãos da diretoria do auto atacadista de mal de morte, cujos funerais competiam ser tratados pelos próprios donos do defunto, que no caso era a diretoria. Esta se memos lhe poderia fazer um enterro de 1ª classe...
 Pois, é verdade, meus amigos! Até hoje a emmentissima comissão não se dignou de ser ao seu fim, para explicar-nos o que realizou ou o que pretendia realizar para fazer andar os parafusos, dar vista aos seus olhos e vozes mudos...
 Num meio como o nosso em que predomina em grande escala o comodismo, o melhor habito de esperar dos demais a defeza dos próprios interesses, não é de admirar que a classe inteira, se despendasse de espera que deles partisse a palavra de ordem ao anúncio da almejada vitória. Achamos naturalissimo, mesmo o assedio em que se viu metida a comissão, por culpa alia, da própria. O caso é que, para qualquer parte que se passeio que, fariam das tão valiosos mancos, que podessem justificar o entusiasmo com que arrebatarem das mãos da diretoria do auto atacadista de mal de morte, cujos funerais competiam ser tratados pelos próprios donos do defunto, que no caso era a diretoria. Esta se memos lhe poderia fazer um enterro de 1ª classe...
 Pois, é verdade, meus amigos! Até hoje a emmentissima comissão não se dignou de ser ao seu fim, para explicar-nos o que realizou ou o que pretendia realizar para fazer andar os parafusos, dar vista aos seus olhos e vozes mudos...
 Num meio como o nosso em que predomina em grande escala o comodismo, o melhor habito de esperar dos demais a defeza dos próprios interesses, não é de admirar que a classe inteira, se despendasse de espera que deles partisse a palavra de ordem ao anúncio da almejada vitória. Achamos naturalissimo, mesmo o assedio em que se viu metida a comissão, por culpa alia, da própria. O caso é que, para qualquer parte que se passeio que, fariam das tão valiosos mancos, que podessem justificar o entusiasmo com que arrebatarem das mãos da diretoria do auto atacadista de mal de morte, cujos funerais competiam ser tratados pelos próprios donos do defunto, que no caso era a diretoria. Esta se memos lhe poderia fazer um enterro de 1ª classe...

AS 12 HORAS E O DESCANSO SEMANAL

A' classe dos empregados em hotéis, restaurants, cafés e anexos

Relembrando a memorável data de 10 de Julho de 1915

Foi precisamente nesta data que o Centro Cosmopolita, genuinamente representante da nossa classe, teve que entrar em franca luta contra a persistencia em que os patrões se mantinham, e se mantêm ainda hoje, em não cumprir uma lei que vinha beneficiar um pouco os nossos interesses.
 E' lora, pois, que todos os companheiros conbecam o papel que representam no seio da sociedade presente. As leis para nós não existem, e a prova disso é que fomos empolados a uma luta inglória como a de 1915, precisamente em consequencia da falta de cumprimento da lei que nos assegurava o direito de não trabalharmos mais que doze horas diárias.
 Há seguramente tres mezes que o Centro Cosmopolita nos vem oprimido nos albos patronais, no desrespeito cynico dos nossos direitos, enviou uma representação ao sr. prefeito reclamando contra a falta de execução da lei das 12 horas e descanso semanal; essa representação, ceteris despatcho favorável, havendo o sr. prefeito recomendado em circular que então expedida aos agentes distritais, a maxima observancia pelo cumprimento da lei. Pois bem: apesar de já se terem passado cerca de quatro mezes, não deram sequer os agentes um sinal de que tiveram noticia das recommendações do seu superior hierarquico, não lhes dando, mesmo, a menor importancia. E assim continuam os patrões, envolvendo nos seus trocos explo-

rações, obrigando os seus infelizes empregados a trabalharem 16 e 17 horas por dia, iniciados dentro de cubículos como são em sua totalidade as cozinhas dos hotéis des capital, desses estabelecimentos todos os ossos, todos os cidadãos, são para as dependencias externas, no alance da vista do publico. No interior, porém, é o reverso da medalha: um monturo verdadeiro, mais apropriado á criação de suinos do que para recinto destinado á manipulação de iguarias, onde trabalham grande numero de honrosos. São lugares exigios, onde a hygiene prima pela ausencia, onde não há a necessaria cubagem de ar, onde se respiram gases mofeticos, nauzeabundos, onde, finalmente, os bacillos de Koch, peses terriveis propagadores da tuberculose, encontram vasto e fértil campo á sua sementeira.
 Chegou a ser inacreditavel que em uma capital como esta não se teme maior interesse pela vida da sua população, deixando-a inteiramente entregue á grãa inassessada dos exploradores!
 E'nos, companheiros, assistimos impavida e assens atentos aos nossos interesses! E' chegado o momento de levantarmos o nosso grito de revolta contra todos os privilegiados, aos quais e todas as leis os garantimos, e só unidos, fortes e coesos o poderemos fazer com resultados reais!

Por ser hoje, 15 de julho, um domingo, dia improprio para as nossas reuniões, rezolveu a Diretoria do Centro Cosmopolita adiar a assembleia geral que deve eleger a nova administração, para amanhã, segunda feira, 16.

O PROLETARIADO MILITANTE

S. PAULO EM PLENA GREVE GERAL

O povo conquista a bala e o direito a' vida?

Segundo os ultimos telegramas recebidos de S. Paulo ascodem a 35 mil o numero de trabalhadores que, na capital paulista, abandonaram o trabalho, reclamando com armas na mão, o direito á vida, reagindo contra o estado de aganhardores dos generos alimentícios e demais exploradores, e szjzindo o aumento dos exigios salarios e redução das horas de trabalho.
 Milhares de homens, mulheres e crianças percorrem as ruas da Paulista, clamando e plicando milões contra a desenfreada exploração dos detentores da riqueza social. São os escravos modernos, os produtores de todas as riquezas, que semo afinal das alfarras em que habitam para reivindicarem os seus naturais direitos!

No dia 9, no momento em que os grevistas percorriam as ruas da cidade, foram atacados por um grupo de camponeses, inapudavelmente cujos rebeldes a policia, frepando conflito estabelecido, amulo forados varios operarios, dos quais um morria momentos após.
 O autoro dessa violência da prorencia policial constituiu manifestamente, o mais feroz dos crimes. Inacusa nullo modo acompanhado á necropole onde foram pronunciados discursos vementes.

Essa infantia dos defensores incondicionais da burguezia serviu para trazer o maior numero de trabalhadores em greve até o respectivo numero de 35 mil!

Comitê geral das varias sociedades e grupos proletarios renunciam-se para estudar e resolver as lutas sobre as quais deve assentir qualquer accordo a ser estabelecido entre patrões e operarios para pôr termo a greve.

Houve luga e revolta discussão, durante a qual foram avertidos numerosos alvitos, sendo finalmente redigida a seguinte comunicação:
 Os representantes das ligas operarias, das corporações em greve e das associações politicas, convocadas ao Comité de Defesa Proletaria, reunidas na noite de 11 de julho, depois de consultadas as entidades de que se compoem, expozes suas aspirações não só da massa operaria em greve, como a massa inteira do Estado no propositivo de outra forma que não seja a grei representada violenta, torram juridicos e fins inauditos, que a atual situação se resolve, formulada da maneira que segue em nome do direito de greve.
 1. - Que sejam postos em liberdade todos os presos encurados por motivos de greve.
 2. - Que seja respeitado do modo mais absoluto o direito de greve.
 3. - Que nenhuma operaria seja dispensada por haver participado activa e entusiasmadamente no movimento grevista.

Comitê e vossos dever de honrosos! Os grevistas são vossos irmãos na miséria e no sofrimento; os grevistas merecem de honrosos!
 Soldados! Reszuzios no papel de cartuchos!
 S. Paulo, junho de 1917. - UM GRUPO DE MULHERES GREVISTAS.

Sal "EXCELSIOR" purificado
UNICOS DEPOSITARIOS
Armindo Azevedo & Comp.

101 - Rua Theophilto Ottoni, 101 Rio de Janeiro

Um telegrama interessante
"PETROGRADO - Junho, 25 - Depois de algumas tentativas conseqüi que me permitissem a entrada no palacio de Durmovo, que foi transformado em uma verdadeira fortaleza pelos anarquistas, quitta-feira, á noite. Ao entrar no parque que circunda esse palacio falei por tela parte grandes cartazes anarquistas, nos quais se lia: "Morte a todos os capitalistas!"
 Ao me aproximar da porta, um rapaz, armado de revólver, á monitor guarda, depois de um saudar, acceitou-me:
 - Entre camarada. São anti-americanos? Respondui afirmativamente, espiandolhes que eu jornalista. Tanto bastou para me deixar eufórico melhor acobitamento, sendo me dirigida de tela parte palácios de boas vistas, pousando em um trinchete, com acerto norte-americano.
 Nos precedidos a porta á beira de cordialidade de que fui alvo, surpreendi ás pessoas que estavam do lado de fora do edificio e isso nada me fez mudar de ideia, porque os anarquistas são considerados entre o povo como seres mais interessantes que os próprios espartacos infantis!
 E a foto é que eu era pouco para as perguntas: queriam saber quanto sahiram de Petrogrado para que jornal escreveria, se seria publicada a narrativa da batalha do palacio de Durmovo, quando fosse atacado, si eu estava em algum diário de São Francisco; em suma, um vintão sem fim de interrogatórios.
 Eu respondi covardemente a entrar e fui conduzido á presença dos chefes do movimento com os quais conversei, perguntando-lhes quantos doles ali eram norte-americanos.
 - Somos quinze, respondi modestamente.
 - Por que somos anarquistas como sempre o fomos? Nos Estados Unidos nunca nos pôssemos a operar, si não agora podemos agir e não fazamos de fazer o que estiver em nossos interesses.
 Perguntando-lhes então si não haviam tomado parte na guerra da Rússia, respondi:
 - Não, não fizemos parte da guerra da Rússia. Nessa ocasião fui abduzido por um jovem que havia entrado em um empregado na fabrica de automoveis norte-americanos de Detroit, o qual mostrando-me a revolver me interrogou:
 - Que lhe parece isto? Pois é o argumento que fazamos de comprar e usarmos bombas em todas as grandes cidades do que significa bombas no ar (russia).
 - Depois apparece aqui amanhã, disse-me um jovem, ex-empregado da fabrica Cleveland porque o governo mandara tropas para atacar e todos os norte-americanos de nos defenderem. Verás uma verdadeira guerra no ar!
 Estrechei-me no palacio, há cerca de 20 anarquistas, á frente dos quais estão indivíduos do Estado Unidos, inclusive um, dez dezessaldos (5 de Nova York, vindos da via Norweg). As autoridades informam que esse tipo são de temperamento violentissimo e ferozes!
 O grande palacio de Durmovo está convertido num auto de irradiação; os homens não fazem o resto, não tomam banho nem têm os mais rudimentares cuidados de toilette; varios dados aproximam a situação, verdadeiramente hedionda, tratando de a informar (7. Tive também cuidado de ver algumas mulheres bellas e jovens atravessando pelo quozito.
 Durante a minha permanencia ali, os habitantes queiram si abandonar, observando-me, e de que dissertar haver no palacio grande quantidade.
 Essas anarquistas estão passando os melhores dias da sua vida, vida que segundo elles acredita e espera a parte de Petrogrado, não demará muito, pois a expectativa ali é que não tardará a batalha entre eles e as tropas do governo (9).
 J. W. SHEPHERD

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a suprimir os comentários que, em notas de redacção, acompanhavam este telegrama.

CHARUTOS
 os melhores são do fabricante **Viera de Mello**

BAHIA

Trabalhadores	Flor do Japão	Pastoral
Egypcios	Flor de Bahaj	Cravina
Forem	Jeannette	Cavall
Herminitas	Triumphador	Cones
Neptunas	Floritana	Cones
Cometas	Regatta Especial	Elifera
Wendek	Spartanos	Segundos
Liano	Guaruzes	Altezas
	Chubutas	Democratas
	Miguel Calmon	Alteza

E' MUITAS OUTRAS MARCAS
 A' venda em todas as boas charutarias

Deposito: **Rua General Camara, 131 - Rio**
SILVA ASSUMPCÃO & COMP.

Fonte: Jornal O Cosmopolita, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

O texto da notícia “Divagação”, retirada da primeira coluna à esquerda da Figura 31, inicia relatando de forma crítica e contundente, num estilo de denúncia dos resultados da Primeira Guerra, informando que a Europa “nada em sangue” enquanto “os comodistas dos prelos gritam em nome da Pátria para que também os seus povos avancem como cães na defesa do burguês gordo e perverso”.¹⁴²

Aureliano Luna informa a reação do povo russo “escravizado” que “guiado pelas vozes dos que há muito ali pregam os benfazejos ideais” era de investir pela “liberdade” e para “terror dos palacianos” estavam “soldados e trabalhadores se confraternizando para um passo maior: o grande passo da Revolução”.¹⁴³

O autor opta por concluir o texto com um poema de Hermes Fontes numa escrita de valorização a conscientização dos soldados sobre seu lugar “unidos aos irmãos da oficina, num movimento de guerra aos seus algozes comuns” numa ode a consciência humana pela “capacidade superior de ser livre para empreender as mais luminosas conquistas pela Felicidade Humana, perpétua paz e mutuo do amor”.¹⁴⁴

O Gráfico XII identificou um equilíbrio das principais temáticas que abrangem a notícia “Divagação”. A Primeira Guerra é avaliada como causadora de um nível criminoso de violência principalmente contra o trabalhador, cujo “ouro produzido rola com seu sangue”. Ao denunciar esse cenário da destruição beligerantes explica a razão disso pela ação dos “bárbaros espumantes queimando os últimos cartuchos, no intuito de manter de pé a autocracia”. Assim, é possível caracterizar essa violência militarista como um dos elementos do imperialismo que está na raiz desse conflito mundial.¹⁴⁵

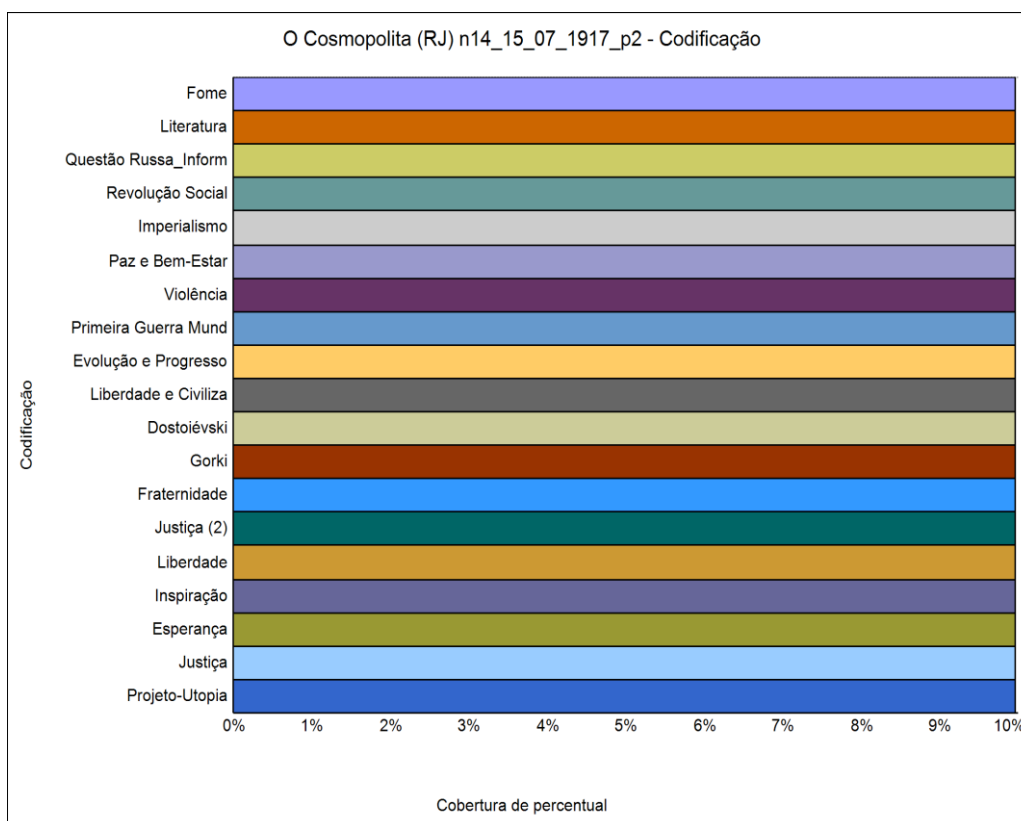
¹⁴² Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

¹⁴³ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

¹⁴⁴ Hermes Fontes foi compositor e poeta sergipano (1888 – 1930), escreveu nos principais jornais e revistas do Rio de Janeiro e São Paulo com estilo estético simbolista.

¹⁴⁵ Hobsbawm (1988) afirma que o “desenvolvimento do capitalismo empurrou o mundo inevitavelmente em direção a uma rivalidade entre os Estados, à expansão imperialista, ao conflito e à guerra. Para o historiador inglês, as mudanças na economia mundial nas últimas décadas do século XIX quando a Inglaterra não era mais a “oficina do mundo” nem o principal mercado importador e estava no “declínio relativo patente”, promoveram o enfrentamento de economias nacionais industriais. E em decorrência houve o entrelaçamento da concorrência econômica com as ações políticas e militares do Estado e o que tornou essa identificação tão perigosa não foi apenas as rivalidades nacionais pelos mercados mundiais, seus recursos materiais, e controle das regiões como pelo Oriente Médio. Mas, principalmente, o alto risco provocado pela característica principal da acumulação capitalista: objetivos ilimitados. E ao formar uma “equação tácita de crescimento econômico ilimitado e poder político” transformou o mundo num lugar ainda mais perigoso. A fusão das crises internas e internacionais levou ao caminho das soluções militares e desde então, a história mundial se desenrolava por uma série de “convulsões sísmicas e cataclismas humanos”. Segundo os dados trabalhados por Hobsbawm (1988, p.449), na Primeira Guerra, ao menos 20 milhões de pessoas seriam mortas ou feridas, sem contar os incalculáveis milhões de nascimentos que deixaram de acontecer e o excesso de mortes civis devido à fome e à doença. Foi uma guerra de massas,

GRÁFICO XII - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “Divagação”¹⁴⁶



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O periódico *O Cosmopolita* caracteriza os defensores da guerra como aqueles que “vivem na fartura” e para defende-la “obrigam os infelizes a peleja”. Os governos beligerantes estavam vivendo momentos de conflitos sociais e investiram no “patriotismo” enquanto estratégia de redução das resistências e da não-cooperação. E no primeiro momento houve uma onda de “entusiasmo patriótico” surpreendente até para os opositores da guerra.

Até na Rússia, onde haviam sido previstos um milhão de desertores, todos, salvo poucos milhares dos 15 milhões, obedeceram à convocação. As massas seguiram as bandeiras de seus respectivos Estados e abandonaram os líderes que se opuseram à guerra. Na verdade, deles restavam poucos, ao menos em público. Em 1914, os povos da Europa foram alegremente massacrar e ser massacrados, por pouco tempo no entanto. Após a Primeira Guerra isso nunca mais aconteceu (HOBSBAWM, 1988, p.450).

onde os beligerantes, a exceção dos britânicos, se preparam para o conflito com grandes exércitos, antes da deflagração em 1914 já haviam 19 milhões de homens armados frente a frente nas fronteiras.

¹⁴⁶ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

Na visão de Marc Ferro (1988, p.30) os cidadãos dos países beligerantes estavam persuadidos de que ao responder a convocação de seu país cumpriam com seu dever de “patriota e revolucionário”, pois, para eles seu país era vítima de uma agressão e ao fazer a guerra seriam os artífices da paz eterna. De acordo com o historiador francês, o pacifismo e o internacionalismo se confundiam com o individualismo e o patriotismo devido a compreensão que se tinha da Primeira Guerra como uma “guerra de defesa patriótica” e, por isso, justa; e, acima de tudo, uma guerra inevitável.

No caso da Rússia, o czarismo restaurado após 1905 com limitadas concessões de liberalização política utilizou o apelo ao nacionalismo da Grande Rússia e à glória da força militar sua estratégia mais promissora em busca de “renascer e se fortalecer”. Essa ponderação de Hobsbawm (1988, p.445) aponta que se “não fosse a lealdade firme e entusiástica das forças armadas” a possibilidade da revolução seria maior entre 1913 e 1914 do que qualquer outro período entre 1905 e 1917.

Ferro (1988, p.32) explica os combates singulares enfrentados uma a uma entre as nações enquanto resultado não apenas das rivalidades imperialistas, mas também da relação com uma tradição arraigada na consciência dos povos que sentiam como se sua existência estivesse ameaçada pelo “inimigo hereditário”. Então, para os povos era como se o conflito obedecesse a um tipo de “rito fatal”. Ferro indica esse pensamento enquanto fator capaz de explicar o caráter da luta “a vida ou morte”.

Hobsbawm (1988, p.449) acrescenta a consideração de que não houve uma real resistência a convocação do governo ao alistamento do exército. O autor argumenta ter sido insignificante a oposição liberal, humanitária e religiosa, por outro lado os movimentos trabalhista e socialista se opunham ao militarismo e à guerra, mas não demonstravam ser um problema grave. Mesmo com o assassinato do líder socialista francês, Jean Jaurés, defensor da paz, por um extremista de direita às vésperas da deflagração da guerra, o ministro do interior da França não prendeu os militantes anti-guerra porque não os considerava uma ameaça grave.

Aurelino Luna informa que nesse contexto bélico, o povo russo caminhava para a Revolução através da confraternização entre soldados e trabalhadores. Nesse sentido, postula que os russos ao seguirem os “benfazejos ideais” estavam valorizando a

fraternidade e liberdade. E assim, promovia esperança e inspiração sob os rumos da Revolução Russa.¹⁴⁷

Luna ao utilizar o poema de Hermes Fontes ressalta a literatura russa de Dostoiévsky e Gorky associando-os com a Revolução Russa como visionários da “justiça”. E na parte final do poema é identificado a crença na evolução e progresso da consciência humana por meio da liberdade, justiça e soberania para conquistas pela felicidade humana, paz e bem-estar. É possível afirmar que inserir tais temas figuravam uma perspectiva utópica de projeto social.

Desaparecerá a horrível avantesma, pesadelo das Almas progressistas.
E tu, consciência humana, integrada em ti mesma para a capacidade superior de ser livre, ser justa e soberana, has de empreender as mais luminosas conquistas pela Felicidade Humana, pela perpétua paz e para o mutuo do amor.¹⁴⁸

A Nuvem de Palavras VII configura os destaques das palavras: sangue; humana; guerra; pesadelo; soberana; Rússia e torna ainda mais visível como a notícia “*Divagação*” preenche as informações em torno da Revolução Russa fazendo críticas e denúncias concernentes a Guerra, mas traz a esperança da superação desse “pesadelo” apontada para a Rússia e sua capacidade de empreender uma experiência de progresso no passo maior da Revolução com união entre “soldados e trabalhadores conscientes da sua irmandade na guerra aos alçózes comuns”.

¹⁴⁷ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

¹⁴⁸ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

Figura 33 – Nuvem de Palavras VII

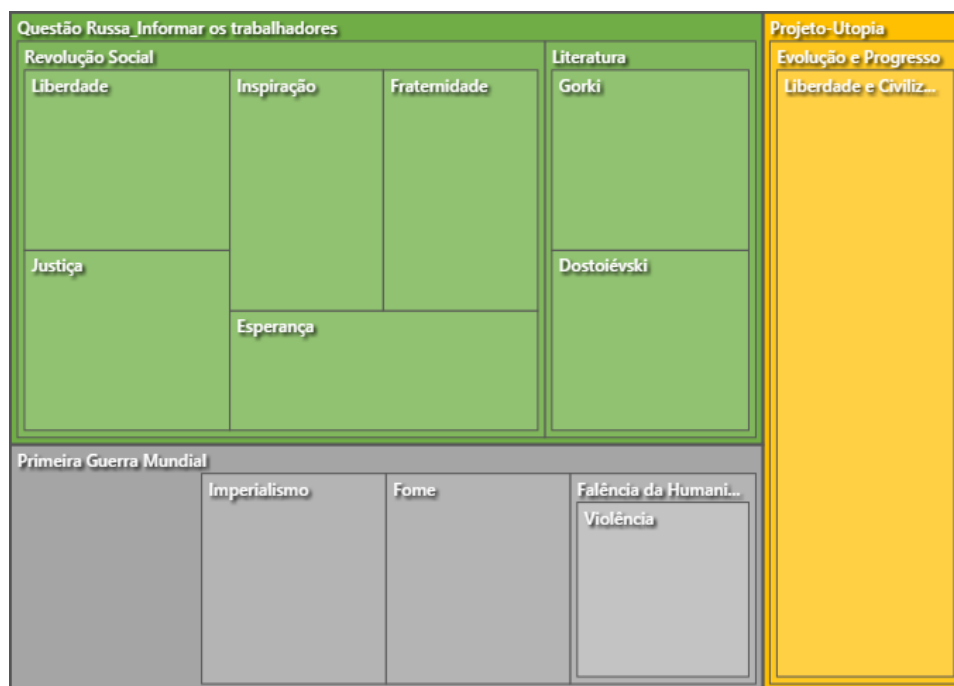


Fonte: Elaborada pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “*Divagação*”.¹⁴⁹

O Gráfico XIII, abaixo, demonstra por quais abordagens temáticas a notícia assinada por Aureliano Luna aborda as novidades vindas da Rússia. As informações da Revolução Russa recebiam aspectos positivos para o progresso e evolução da sociedade como um horizonte ainda a ser conquistado pela civilização. A Primeira Guerra Mundial é delineada de forma tal que as denúncias da sua violência, dos interesses manipuladores da defesa da “Pátria” e dos problemas sociais demonstram como essa realidade caminhava para a “falência da humanidade”. Contudo, havia esperanças no exemplo da fraternidade e justiça no processo russo revolucionário que se constituía em esperança rimada nos versos do poeta Hermes da Fonseca.

¹⁴⁹ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

Gráfico XIII – HIERARQUIA DE NÓS da codificação da notícia “A Divagação”¹⁵⁰



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O jornal *A Semana Social* no início do segundo semestre em sua última página apresentou na coluna “O momento guerreiro” uma notícia intitulada “A Rússia Revolucionária há de vencer a Rússia Guerreira”.¹⁵¹

O primeiro parágrafo informa a retomada das ofensivas militares russas na Guerra no mês de junho de 1917 e afirma ser a Primeira Guerra responsável pelo “esvair-se em sangue o civilizado povo da Europa”.

A análise da notícia segue considerando o significado da “entrada novamente da Rússia na contrança guerreira”. Aos burgueses esse acontecimento demonstrava não haver “perigo mortal” aos seus interesses porque quando os povos continuam “alimentando esperanças de vitórias guerreiras e de predomínio nacional” não buscam organizar “a vida nos moldes da fraternidade e da justiça”.

A notícia não é assinada, mas apresenta sua interpretação com a expressão “para nós”, provavelmente se referindo a identidade do grupo do jornal, afirmavam serem essas novas informações associadas a “ilusão patriótica e a mentira estatal” ainda ocupando “no

¹⁵⁰ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM-UNESP.

¹⁵¹ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

cérebro do povo russo um lugar que deveria ser ocupado pelas ideais de fraternidade internacional e de soberania popular”. O texto da notícia indicava uma avaliação otimista acreditando que “não tardaria muito” para o povo russo largar as “esperanças patrióticas e dominadoras”.

E segundo a abordagem do jornal havia uma confiança no poder militar da Alemanha como “recife inamovível e fortíssimo”, “esfacelador de todos os imperialismos e vaidades nacionais” e “aniquilador” do czarismo russo. A força militar da Alemanha era vista como impulsionadora da Revolução Russa porque “se os exércitos do czar tivessem vencido as valentes hostes de Hindenburg, a orgia conquistadora teria retardado por muitos séculos a Revolução”.

O jornal *A Semana Social* acreditava em 21 de julho de 1917, de acordo com a segunda coluna da esquerda para direita na Figura 34, no “recife fortíssimo do poder alemão” para “reduzir em frangalhos o imperialismo yankee, o mercantilismo britânico e a vaidade francesa” e também as “veleidades guerreiras de alguns revolucionários russos”.

Figura 34 – Jornal A Semana Social (Ano I – Nº13)



A DETENÇÃO DOS CARQUEIROS

O COICE DE JOHN BULL E A SUA SIGNIFICAÇÃO...

John Bull acaba de vibrar uma sonora bofetada nesta nossa aliadophila burguezia e neste nosso povo aliadophilo.

Por uma réles questão de café, elle prendeu nos seus portos oito dos nossos cargueiros. Si a Alemanha tivesse prendido, já não diremos oito cargueiros mas unicamente oito cidadãos brazileiros a nossa aliadophila imprensa lançaria ao povo tiradas vibrantissimas escafanadoras portuladas do palmo e meio, os *comités* de *camelots* da ENTENTE convocariam comícios incendiários, as linhas de tiro as linhas de tiro se agitariam numa commoda demonstração patriótico-telegraphica e até era capaz de vir abaixo o eão, tal a barulheira que se faria. Mas não. A prisão dos oito navios, felizmente, não foi obra do «incomparavel atrevido» tedesco e sim producto das «nossas boas relações com a ENTENTE».

Mas esse facto da prisão dos oito cargueiros é um facto que analysed em si nunca no poderás dizer toda a sua significação; é preciso confrontal-o com outros factos que se têm apresentado durante esta guerra, para si saber o que elle significa intencionalmente. Por exemplo, si o confrontarmos com os factos realizados pela diplomacia e pelas armas da Alemanha, veremos que aquelle e estes partem do mesmo principio e attingem as mesmas consequências. A Alemanha justifica os seus actos dizendo que «a necessidade não conhece leis». Pois o recente acto dos inglezes provou que a moral dos aliados também é essa. Quando os aliados necessitaram do territorio da Grecia para nelle effectuarem as suas operações contra os bulgaros, não conheceram lei alguma ante esta necessidade. E agora, quando elles necessitaram de impedir a actividade commercial dos srs. Theodor Wille e de outras firmas alienadas também não conheceram lei alguma. Amanhã, si os aliados tiverem uma necessidade vital de dez baterias de artilharia, de alguns couraçados e varios milhares saccos de feijão, não conhecerão lei alguma: mandarão a este aliadophilo paizo almirante Da Fomet com ordem de exigir tudo aquillo que os aliados necessitam.

Visto isso — ¡vivan Alemanha! Porque elle, ao menos, tem a coragem de confessar os seus intuitos e assumir a responsabilidade dos seus actos. Os allemães occuparam a Belgica mas assumiram a responsabilidade do seu acto; os aliados occuparam militarmente a Grecia, estão devastando-a, requisitam tudo quanto lá existe de aproveitavel e fazem com que as autoridades e o povo do paiz se submetam ás autoridades militares

franco-inglezas, mas ainda não declararam isso ao mundo. Procuram empanar a realidade dos factos, mascarar o seu procedimento com declarações hypocritas e, emfim procuram illudir o mundo neutro.

No entanto, a occupação da Grecia pelos aliados é um facto tão real como a occupação da Belgica pelos allemães. A devastação da Grecia é um facto tão provavel quanto a devastação da Belgica. A diferença está nisto: os actos dos allemães são expostos e confessados francamente ao passo que o procedimento dos aliados é hypocritamente encoberto sob a capa vistosa e enganadora da Humanidade e da Civilização.

No fundo, todos elles, aliados e allemães, estão mergulhados no pantano da barbaria, porque a guerra não produz outro resultado que não o de fazer os homens nella envolvidos recuar milhares de annos na escala do aperfeiçoamento moral.

O MOMENTO GUERREIRO

A RUSSIA REVOLUCIONÁRIA HADE VENCER A RUSSIA GUERNEIRA

A Russia já fez novamente sua entrada na contradança guerreira que, ha tres annos quasi, está tazen-do esvair-se em sangue o civilizado povo da Europa.

Que significação tem esse acontecimento? Para os burguezes, elle significa que a sua causa ainda não corre perigo mortal porque «quanto os povos alimentarem esperanças de victorias guerreiras e de predomínio nacional não se cuidará de organizar a vida nos moldes da fraternidade e da justiça. Para nós elle significa que a illusão patriótica e a mentira estatal ainda occupam no cerebro do povo russo um lugar que deve ser occupado pelas ideias de fraternização internacional e de soberania popular.

Mas não tardará muito que o povo largue essas esperanças patrióticas e dominadoras. O poder militar da Alemanha é o Recife inamovivel e fortissimo de encontro ao qual se estão esphacelando todos os imperialismos: e todas as vaidades nacionaes:

O tzarismo já se aniquillou de encontro ao poder militar da Alemanha. (Si os exereitos do tzar tivessem vencido as valentes hostes de Hindenburg, a orgia conquistadora teria retardado por muitos seculos a Revolução.) O imperialismo yankee, o mercantilismo britânico e a vaidade franceza estão sendo arrojadas pelo oceano guerreiro de encontro a esse Recife fortissimo do poder allemão e com pouco tempo mais estarão reduzidos a fragmentos. Pois também essas vaidades guerreiras de alguns vellelacionarios russos se despedacurão ante o invencivel poder da Alemanha:

Muita gente pretende justificar o procedimento dos russos, declarando que elles visam sómente reconquistar o terreno que os allemães occupam. Mas essas pessoas não sabem que a victoria arrebata e que o triumpho desvaira. Si os russos derrotassem os allemães, o espirito guerrirero seria excecado a tal ponto que todos se escaqueariam de que o objectivo da guerra era só reconquistar o terreno perdido e os soldados em furia invadiriam a Alemanha. Depois os allemães por sua vez continuariam a guerra para reconquistar o terreno que loovessem perdido — nunca mais se sairia deste circulo vicioso.

Dado o invencivel poder da Alemanha, o unico meio para se chegar á paz sem continuar a guerra é reconhecer como fronteiras as linhas de trincheiras que os exereitos occupam actualmente — á excepção da Belgica. Si, por exemplo, os dirigentes da Austria quizessem rebaver o terreno que a Italia occupou, que o comprassem ou que dessem uma indemnização á Italia. Da mesma forma para a França entrar de posse dos departamentos occupados pela Alemanha pagaria uma indemnização a esta.

E o povo russo depressa se hade vencer disso. Demais, os russos estão combatendo por conta propria. Já não ha ligações de grande monta entre elles e os aliados.

Desde que o *comité* de Soldados e Operarios forçou o governo provisório a declarar que accetaria a paz sem annexões nem indemnizações ficou, *ipso facto*, rompido o pacto de Londres. Toda a gente sabe que a burguezia franco-ingleza só querera a paz quando for destruida a obra de Bismark, isto é, quando o imperio allemão se findar. Ora os russos não acompanhão os seus antigos aliados nessa empresa. O povo russo ainda se lembra de que o despotismo do czarzinho e o apoio do dinheiro francez e o applauso da burguezia franceza. E os que não se pejavam de emprestar dinheiro ao czar para opprimir o povo também não se pejarão de fornecer dinheiro aos reacconarios para esmagar a Revolução.

Com algumas derrotas que Hindenburg lhes inflingir e com qualquer movimento reacconario que o dinheiro da *Entente* provoque, os russos terão novamente sua saída da macabra contradança guerreira e irão tratar dos seus reaes interesse — que são a continuação da obra innovadora, regeneradora e revolucionaria da transformação politico-economica do paiz e da extirpação dos tentaculos que ainda restam do canero do tzarismo.

*** Terá lugar amanhã a posse da nova directoria da FILARMONICA S. VICENTE DE PAULA. Dado o grande apreço em que é tida esta excellente sociedade musical, este acto, certamente se revestirá de um excepcional brilhantismo. A

nova directoria compõe-se dos ca valheiros seguintes:

P. de honra cel. Guido Ferrari, vice dito, cel. Manoel Bureau P. protector, cel. Ezequiel Pereira; vice-dito, cel. Xisto Cardoso; P. cefetivo (releito), cel. José Goulart Cunha; vice-dito, João Paschoal Salles; 1º secretario, João de Souza Borges; 2º, Francisco Luiz; thezoureiro, José de Barros Lima (releito); director, Leopoldo Pereira; sub-director, Joaquim Lobo; orador, Conego Fernando Lyra (releito); fiscal, Manoel Tiburcio.

Agradecemos o convite com que a apreciada sociedade nos honrou.

AS GREVES DE S. PAULO

OS OPERARIOS ALAGOANOS PRECISAM SE MOVER TAMBEM

Um bello exemplo está offerecendo actualmente o proletariado de S. Paulo.

Erguendo o estandarte da revolta elle dá uma vivissima demonstração da sua força e do seu adiantamento moral.

Para elle, já passou o tempo em que se confiava nos novos governos e nos politicos sympathicos. E a acção directa que elle adoptou e que o hade fazer vencedor.

Para os trabalhadores conquistarem um pouco de bem-estar é preciso que demonstrem energia e autorizam a burguezia e o seu eão — as forças armadas. Não é implorando que se obtém direitos: é exigindo.

Dispondo de elementos de resistencia — do dinheiro, das leis e da policia — os industriaes de S. Paulo oppunham-se tenazmente ás reivindicações do proletariado. Foi preciso apellar para a força.

Atacando a *sagrada propriedade* de que os trabalhadores se tornaram respeitadas — já que a policia, as leis e o dinheiro estão á disposição dos burguezes e faltam aos operarios.

Que o operariado do Alagoas tomese exemplo e se movimente também! Movimento é vida, é progresso, é conquista e quem para retrograda, perde terreno e morre.

O proletariado de Alagoas não pôde continuar na situação deprimida em que se encontra. É preciso melhorar de vida. E quem destem as nossas melhoras de vida são os industriaes.

Necessário se torna, pois, arrancar-las das mãos delles e gozarmol-as! Mas o que se deve fazer para isso conseguir? E' unirmo-nos, solidarizarmol-nos com os nossos companheiros e combinarmos os meios de acção; é fundarmos associações de classe, jornaes operarios e centros dos estudos sociais.

*** O artigo o nosso IDEAL SAU, por descuido, sem a respectiva assignatura, que é a do escriptor Pedro Gonu.



A notícia na Figura 34 contrapõe a opinião daqueles cuja argumentação “pretende justificar o procedimento dos russos, declarando que eles visam somente reconquistar o terreno que os alemães ocupam”. Essa posição seria ignorar quando a “vitória arrebata” e o “triumfo desvaira”, ou seja, se houvesse uma vitória dos russos sob os alemães, “o espírito guerreiro seria exarcebado a tal ponto que todos se esqueceriam de que o objetivo da guerra era só reconquistar o terreno perdido e os soldados em fúria invadiriam a Alemanha”. Em seguida, haveria uma continuidade da guerra com os alemães agindo para reconquistar o que houvesse perdido e “nunca mais se sairia deste círculo vicioso”.¹⁵²

A jornal *A Semana Social* compreendia que diante do “invencível poder da Alemanha” para “se chegar a paz sem continuar a guerra” era necessário reconhecer as fronteiras e pagar as indenizações. E o periódico acreditava na rapidez do povo russo em reconhecer esse caminho para a paz, pois, eles estariam “combatendo por conta própria e sem ligações de grande monta entre eles e os aliados”.

O “Comitê de Soldados e Operários” era visto como órgão de pressão sob o governo provisório, para o referido jornal foi isso que aconteceu quando o segundo declarou que “aceitaria a paz sem anexações nem indenizações ficou, *ipso facto*, rompido o pacto de Londres”.

A notícia “*A Rússia Revolucionária há de vencer a Rússia Guerreira*” acreditava na memória do povo russo de como foi o “despotismo do czar apoiado pelo dinheiro francês e o aplauso da burguesia francesa” e apontava esses financiadores da opressão czarista como os mesmos que “não se pejarão de fornecer dinheiro aos reacionários para esmagar a Revolução”.

O jornal avaliava ser possível a saída da Rússia do conflito mundial com a continuidade da Revolução na retirada dos resquícios da estrutura czarista e inovações políticas e econômicas revolucionárias.

Com algumas derrotas que Hindenburg lhes infringir e com qualquer movimento reacionário que o dinheiro da *Entente* provoque, os russos terão novamente sua saída da contradança guerreira e irão tratar dos seus reais interesses – que são a continuação da obra inovadora, regeneradora e revolucionária da transformação política econômica do país e da extirpação dos tentáculos que ainda restam do cancro do czarismo.¹⁵³

¹⁵² Jornal *A Semana Social*, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

¹⁵³ Jornal *A Semana Social*, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

No título da notícia publicada em *A Semana Social* verifica-se o desejo do jornal pela vitória de uma “Rússia Revolucionária” sob a “Rússia Guerreira” com a superação do patriotismo pelo caminho da paz.

Alexander Rabinowitch (1991) esclarece como a primeira grande crise do governo provisório eclodiu em torno da guerra enquanto a questão mais crucial naquele momento após a queda do czarismo. Nos primeiros dias após a Revolução, o Soviete de Petrogrado publicou em 14 de março de 1917 um manifesto onde expressou o interesse pela paz sem anexações e indenizações. Rabinowitch (1991, p.42) ponderou que apesar dessa publicação apresentar relativa ambiguidade por utilizar uma abordagem com nuance militarista quando afirma a defesa da liberdade russa recém-conquistada, ainda assim foi apoiado e valorizado pelos soviets. E, o mais importante, “milhares de trabalhadores e soldados russos cansados de guerra passou a vê-lo como um primeiro passo significativo para acabar com as hostilidades”.

Contudo, os liberais acreditavam na revitalização da Rússia e no fortalecimento de sua capacidade de permanecer no conflito mundial. Esse pensamento foi expresso à imprensa na primeira semana de março e recebeu oposição dos soviets, pressionando o Governo Provisório a publicar em 27 de março de 1917 uma declaração de objetivos de guerra, mas mantendo a posição dos soviets. E essa última foi enviada aos aliados como declaração da política de governo, isto é, a paz sem anexações nem indenizações.¹⁵⁴

Miliukov, então Ministro da Relações Exteriores, reagiu a essa comunicação oficial e procurou anular os impactos entre os aliados beligerantes com uma nota explicativa em 18 de abril de 1917, garantindo a continuidade dos esforços russos de guerra e assegurando o compromisso do governo revolucionário com os aliados. A crise então se instalou no final de abril e provocou além de reações imediatas de críticas na imprensa socialista, grandes manifestações de protestos armados na capital entre 20 e 21 abril. Os conflitos se encerraram quando o Governo Provisório publicou uma retratação da nota de Miliukov, retomando a relação de apoio ao Soviete e este convocou o fim das manifestações em 22 de abril.

Опасность возросла благодаря характеристике демонстраций 21 апреля. Часть протестующих была вооружена. И эти вооруженные демонстранты были на стороне как сторонников Советов, так и сторонников правительства. В результате 21 апреля было

¹⁵⁴ Jornal *Izvestia*, São Petersburgo, 28 de março de 1917, p.4. Disponível em <https://dlib.eastview.com/browse/doc/24545243#/>. Acessado em 25/02/2020.

запятнано прискорбными и ужасными событиями. Конфликты происходили между рабочими и буржуазными демонстрантами. Было применено огнестрельное оружие, и в возникшей неразберихе по толпе были произведены выстрелы. Всякий, кто не подчиняется опубликованным здесь решениям Совета, является сегодня врагом революции и врагом народа (*Izvestiia*, 22 de abril de 1917, p.2).¹⁵⁵

A crise de abril resultou na saída de Miliukov do gabinete ministeral e a formação do primeiro governo provisório de coalizão formado por seis socialistas e nove “capitalistas”. Tal composição foi possível porque o Soviete de Petrogrado revogou a proibição da participação de socialistas no governo para o restabelecimento da ordem interna e o reforço da defesa.¹⁵⁶

Alguns dias depois, entre 24 e 29 de abril de 1917, foi realizada a VII Conferência do Partido Bolchevique e suas resoluções indicavam uma convocação para os preparativos de uma Revolução Socialista com ênfase na campanha pelo aumento do apoio dos trabalhadores e a conquista de maiorias bolcheviques nos Sovietes. A “organização da força técnica de combate a ser empregada para tomada do poder” foi valorizada. E as resoluções também priorizavam a conquista política da Guarnição de Petrogrado pela Organização Militar Bolchevique de Petrogrado, esse último processo já apresentava resultados favoráveis em maio quando a influência do partido era forte nos seguintes grupos: na Guarnição do Primeiro Regimento de Metralhadoras, 18º Regimento da Reserva de Infantaria, Regimentos das Guardas das áreas de Petrogradsky e Moskovsky, o VI Batalhão de Engenheiros e na Base Naval de Kronstadt (RABINOWICHT, 1991, p.53).

Os socialistas moderados no Governo Provisório e no Soviete foram ao longo dos meses pré-outubro perdendo força política nas suas posições de coalização por acreditarem na necessidade de manutenção da burguesia liberal no poder. Até o final de

¹⁵⁵ O perigo aumentou graças à caracterização das manifestações de 21 de abril. Alguns dos manifestantes estavam armados. E esses manifestantes armados estavam do lado tanto dos apoiadores dos soviéticos quanto dos apoiadores do governo. Como resultado, 21 de abril foi marcado por eventos trágicos e terríveis. Os conflitos ocorreram entre trabalhadores e manifestantes burgueses. Armas de fogo foram usadas e tiros foram disparados contra a multidão na confusão. Quem não obedece às decisões do Soviete aqui publicadas é hoje inimigo da revolução e inimigo do povo. (Jornal *Izvestiia*, São Petersburgo, 22 de abril de 1917, p.2, tradução nossa). Disponível em <https://dlib.eastview.com/browse/doc/24545243#/>. Acessado em 25/02/2020.

¹⁵⁶ Dentre os socialistas estavam: Kerensky (Ministro da Guerra), Chernov (Ministro da Agricultura), Perérzev (Ministro da Justiça), Tseretli (Ministro dos Correios e Telégrafos), Skobelev (Ministro do Trabalho e Pesekhonov (Ministro do Provisionamento). Os três primeiros relacionados com os socialistas-revolucionário e os últimos com os mencheviques. Mas, as decisões mais importantes eram encaminhadas por um triunvirato formado por: Kenrensky, Tereshchenko e Nekrasov (Cadete de esquerda).

junho o programa bolchevique (“Todo poder aos soviets”, “paz, pão e terra”) já havia conquistado a maioria dos trabalhadores qualificados urbanos. E um mês antes, nas eleições das Dumas distritais, dentre aproximadamente 75% de todos os eleitores elegíveis, os bolcheviques ganharam 204% e os moderados socialistas (principalmente RS) 56%.

Não obstante, Mandel (2018) considerou a manifestação de 18 de junho como a “mais marcante da mudança nas atitudes políticas”. Ela foi convocada pelo Comitê Central do Partido Bolchevique como resposta a pressão das fábricas e de algumas unidades militares de guarnição. E, embora, a manifestação fosse acordada com o Congresso Pan-Russo dos Sovietes num formato de unidade da democracia revolucionária foi um “triunfo retumbante para os bolcheviques exigindo a transferência de poder para os soviets”.

The groundswell of worker support for soviet power was based upon the conclusion that census society and 'its' government - the socialist ministers were seen as mere hostages of the 'capitalist ministers' - were counterrevolutionary. Alarm over the growing outspokenness of well-known census politicians against the soviets and in support of the war only reinforced this perception (MANDEL, 2018, p.155).¹⁵⁷

O crescimento da influência e da base de apoio aos bolcheviques foi passo a passo conquistando fábricas, soldados e soviets. O contexto era de crise do Governo Provisório, no entanto, a opção de Kerensky, Ministro da Guerra, era de preparar uma ofensiva militar para junho que colocaria fim ao cessar fogo na frente oriental. Nesse intuito houve uma tentativa de rescindir muitos direitos conquistados pelos soldados na Revolução de Fevereiro com a Ordem nº1 do Soviete de Petrogrado e restabelecer o poder dos oficiais sob a tropa.

O impacto dessas políticas do Governo Provisório acelerou o desgaste da posição do “defencismo revolucionário” entre os trabalhadores, os preparativos para uma nova

¹⁵⁷ O crescimento do apoio ao poder soviético foi baseada na conclusão de que a sociedade censitária e 'seu' governo - os ministros socialistas eram vistos como meros reféns dos 'ministros capitalistas' - eram contra-revolucionários. O alarme sobre a crescente franqueza de políticos censitários bem-conhecidos contra os soviets e em apoio à guerra apenas reforçou essa percepção (MANDEL, 2018, p.155, tradução nossa). Muitos autores utilizam o conceito de “sociedade censitária” ou “sociedade do censo”, vale esclarecer que se referem às classes proprietárias (aristocracia fundiária e burguesia) e seu poder eleitoral na Duma: grandes latifundiários elegiam um deputado para cada 2.000 membros; capitalistas, um para cada 4.000. Por outro lado, os camponeses elegiam um deputado para cada 30.000 e trabalhadores, um para cada 90.000. Mandel (2018, p.477) aponta como “consequência irônica” dessa representação baseada na propriedade, “o fortalecimento da consciência de classe dos trabalhadores e o encorajamento das suas aspirações para separação de classe”.

ofensiva de um exército mal equipado demonstrava ser uma resposta à pressão dos aliados e não ao discurso de Kerensky de tratar-se apenas de uma operação tática na busca por um processo rápido da paz.¹⁵⁸

Enquanto Kerensky lutava para reanimar o entusiasmo pela Guerra, a revolução continuava a desenvolver-se em profundidade e o ministério da coalizão não era capaz de realizar a gestão da crise da indústria, dos problemas da produção e distribuição, dos conflitos salariais, da provisão dos grãos, nem de proporcionar a paz, tampouco a terra. Na segunda metade de maio e a primeira de junho, o descontentamento e a agitação popular se manifestaram por todo país:

Il comando degli operai di Pietrogrado passava definitivamente nelle mani dei bolscevichi. Non più tardi del 26 aprile gli operai dell'antica fabbrica metallurgica Paviainen votarono un ordine del giorno che intermini molto energici chiedeva tra le altre cose il ritiro del governo provvisorio, "il quale non fa che ritardare il corso della rivoluzione"; la cessazione della guerra; l'organizzazione di una guardia rossa; "la requisizione di tutti i prodotti alimentari per i bisogni delle masse e la istituzione di prezzi fissi su tutti gli oggetti di consumo"; la confisca di tutte le terre di proprietà privata da parte dei comitati dei contadini. In quel momento questa dichiarazione venne considerata d'inaspettata violenza; ma nei mesi di maggio e giugno un numero sempre maggiore di fabbriche passarono ai bolscevichi, votarono deliberazioni simili e mandarono rappresentanti bolscevichi al soviet (CHAMBERLIN, 1972, p.254).¹⁵⁹

Chamberlin (1972, p.255) destaca a votação de 13 de junho da sessão dos operários do Soviete de Petrogrado como um momento importante na trajetória do fortalecimento dos bolcheviques nesses meses antes de outubro porque foi aprovado uma declaração com a proposta bolchevique de transferir o poder aos Sovietes. O referido autor norte-americano compreende que nesse período os bolcheviques já haviam alcançado a maioria entre os representantes dos trabalhadores, no entanto, o Soviete como

¹⁵⁸ "Socialistas - Defensistas" eram aqueles cujo argumento era de que a guerra por parte da Rússia, enquanto resultado da Revolução de Fevereiro, havia deixado de ser imperialista e que o povo tinha o dever de apoiar os esforços militares do Governo Provisório contra o imperialismo alemão (MANDEL, 2018, p.XIII).

¹⁵⁹ O comando dos trabalhadores de Petrogrado passava definitivamente às mãos dos bolcheviques. Não muito depois de 26 abril, os trabalhadores da antiga fábrica metalúrgica Paviainen votaram uma agenda que em termos muito enérgico entre outras coisas, pediu a retirada do governo provisório, "que só atrasa o curso da revolução"; o fim da guerra; a organização de uma guarda vermelha; "a requisição de todos os produtos alimentares pela necessidade da massa e a instituição do preço fixo sobre todos objetos de consumo"; o confisco de todas as terras de propriedade privada por comitês de camponeses. Naquele momento, essa declaração foi considerada uma violência incomum; mas nos meses de maio e junho um número crescente de fábricas passou para os bolcheviques, aprovou resoluções semelhantes e enviou representantes bolcheviques ao Soviete (CHAMBERLIN, 1972, p.254, tradução nossa).

um todo não foi para o bolchevismo até setembro, na medida em que os socialistas-revolucionários e os mencheviques ainda possuíam amplo apoio na seção de soldados.

Nas fábricas de Petrogrado foi em meados de junho quando um Congresso de representantes das Comissões de Fábrica aprovou a maioria das deliberações bolcheviques. Essa adesão gradativamente aconteceu nos regimentos da Guarnição de Petrogrado e entre os marinheiros da base naval de Kronstadt. O retorno de Trotsky à Rússia em 17 de maio contribuiu para fortalecer o crescimento dos bolcheviques, se tornou um assíduo orador e em pouco tempo se impôs como uma personalidade predominante no soviete até se tornar em outubro de 1917, Presidente do Soviete de Petrogrado.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Nos primeiros meses da Revolução de Fevereiro, os líderes mais destacados estavam no exílio. Trotsky e Bukhárin estavam em Nova York, e Martov, Zinóviev e Lênin, na Suíça. Stálin estava na Sibéria com Kámenev e ambos só chegaram a Petrogrado em 12 de março. Só havia em solo russo quadros intermediários dos partidos. Schliapnikov, o mais importante dirigente bolchevique em Petrogrado, era um operário de 33 anos, e o segundo dirigente era Mólotov, que tinha apenas 27 anos (SECCO, 2017, p.82). Na sua obra “História da Revolução”, Trotsky (2017) desenvolveu a ideia da “Teoria do Desenvolvimento Social Desigual e Combinado” demonstrando como na universalização do capitalismo, o desenvolvimento de uma nação historicamente atrasada conduz, necessariamente, a uma combinação das diversidades num processo irregular, complexo e combinado (LÖWY, 1998). No balanço analisado por Segrillo (2004, p.5) da relação entre Lênin e Trotsky através do conceito de “Revolução Permanente”, o autor concluiu que assim como a prática histórica determinou ao longo do tempo as análises políticas lenianas, fez o mesmo com a relação entre os importantes os dois destacados líderes russos em 1917 quando o desenrolar dos acontecimentos aproxima-os em termos práticos e teóricos. Nesse processo, Trotsky foi convencido da superioridade das concepções organizacionais partidárias leninistas e se juntaria aos bolcheviques. E Lênin a partir de seu retorno em abril/1917 diante da aceleração dos acontecimentos revolucionários adotou propostas táticos-estratégicos que se aproximavam das concepções tradicionalmente associadas a “Teoria da Revolução Permanente” de Trotsky (1985). Vale ressaltar alguns princípios dessa formulação trotskista associada pelo autor à concepção de Marx onde a Revolução não termina até o fim da sociedade de classes: primeiro, na passagem da revolução democrática para socialista, as relações sociais seriam constantemente modificadas; segundo, essas mudanças não cessam nos diversos âmbitos (econômico, científico, técnico, familiar, modos, costumes) e suas complexidades não alcançam o equilíbrio; o caráter internacionalista da revolução socialista resultante do caráter mundial da economia, assim, se o Estado Proletário for isolado não sobrevive às contradições interiores e posteriores. No que se refere a vida e escritos de Trotsky, o site do Projeto “Lubitz’ Leon Trotsky Bibliography”, <https://www.trotskyana.net/LubitzBibliographies/lubitzbibliographies.html>, de autoria dos bibliógrafos alemães Wolfgang e Petra Lubitz, apresenta desde 2004 cerca de 16.000 textos dedicados a Trotsky. Alexander V. Reznik (2016, p.190-191) analisou algumas das mais importantes biografias de Trotsky e ressaltou a necessidade da historiografia atualmente se afastar mais da escrita de biografias inteiras e desenvolver mais tópicos específicos, como a questão do Direito ao Asilo, como parte da História da Emigração Política, situada na “interseção da história política, cultural, social e jurídica” e proporcionando um caminho para História Transnacional. O pesquisador russo acrescentou a importância dos biógrafos diversificarem esses estudos e examinarem “como as amizades de Trotsky trabalhou na esfera política da luta partidária dos anos 20, que valor as conexões pessoais tiveram na formação da facção política e o que significa ser um trotskista”. Concluiu apontando para a falta de estudos conceituais sobre as atividades de Trotsky como Comissário do Povo para Assuntos Militares e Navais na Guerra Civil, bem como, o que significava ser um líder político militar para um bolchevique recém convertido sem experiência militar e por fim, o significado da sua imagem no espaço simbólico da Guerra Civil. Reznik (2016, p.191) sintetiza suas observações afirmando ser mais importante nas biografias não apenas entender se “Trotsky, como Tolstoy, era um ‘espelho da Revolução Russa’, mas perceber que ângulo de visão tendemos a ver neste espelho”.

A pesquisa de Kevin Murphy (2007, p.225) sobre a fábrica metalúrgica moscovita “foice e materlo” identificou a “evolução gradual da confiança e solidariedade dos trabalhadores”. E ressaltou como esse processo foi acelerado após a Revolução de Fevereiro com o fortalecimento da ação direta: os trabalhadores instituíram o dia de oito horas, demitiram gerentes e criaram um comitê de fábrica que apresentava as demandas por salários e seus direitos no controle da produção. Nessa caminhada das experiências nas fábricas, os trabalhadores construíram a “percepção de si mesmos, outros funcionários, empregador e sociedade e superaram os interesses seccionais da força de trabalho na defesa das reivindicações dos jovens e das mulheres trabalhadoras”.

Murphy (2007, p.53-54) destacou que a conjuntura na indústria russa em junho era de uma crise generalizada, entre março e julho foram 568 fábricas fechadas, produzindo um acirramento no conflito de classes. Diante da redução dos lucros com fortalecimento das reivindicações trabalhistas, os industriais recuaram nos investimentos e acusaram as demandas dos trabalhadores de serem a causa dos problemas econômicos. Os industriais somados aos financiadores e ao lado do Estado-Maior disputavam os rumos do Governo Provisório e conseguiram que a política trabalhista de Kerensky caminhasse para a direita. Foi a partir de agosto que o Ministério do Trabalho reduziu o poder dos comitês de fábrica, delegando exclusivamente aos empregadores o poder de contratar e demitir.

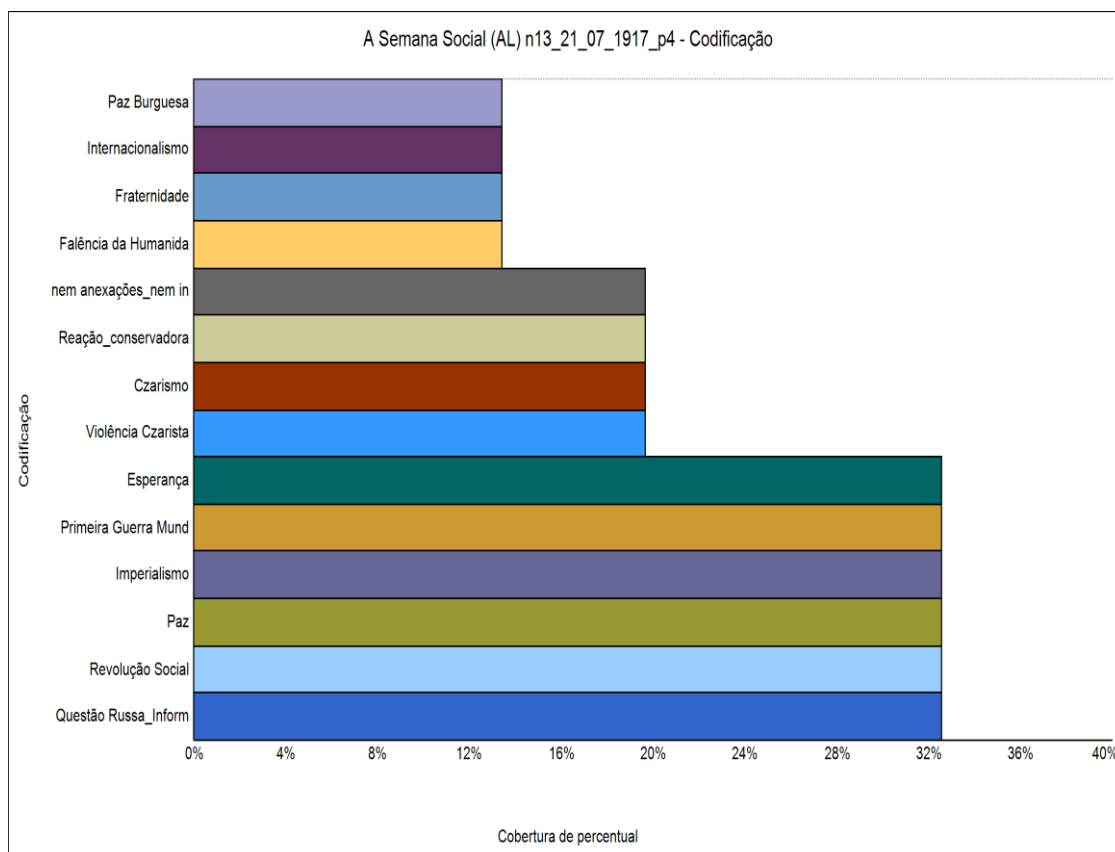
O periódico alagoano *A Semana Social* em 21 de julho de 1917 com o título “*A Rússia Revolucionária há de vencer a Rússia Guerreira*” evoca esperanças sob as escolhas e rumos da Revolução Russa num momento no qual ainda havia muitas indefinições políticas. Todavia, o aprofundamento dos conflitos políticos e a crescente insatisfação com o Governo Provisório entre março e junho delineavam uma saída mais “revolucionária” do que “guerreira”.

O Gráfico XIV abaixo identifica por quais temas a notícia elaborou a análise de que “A Rússia Revolucionária” seria vitoriosa e derrotaria a “Rússia Guerreira” e ultrapassada. A Primeira Guerra Mundial como principal contexto era caracterizada no sentido de demonstrar a “falência da humanidade” que fez “esvaziar-se em sangue o civilizado povo da Europa”. O resultado da violência bélica pode ser quantificada por alguns números:

As consequências da guerra foram terríveis. Morreram 8 milhões de soldados, 9 milhões de civis, e posteriormente, mais 6 milhões de pessoas

devido à Epidemia da Gripe Espanhola. Vinte milhões de pessoas ficaram inválidas, causando um drama humano e um problema econômico de dimensões gigantescas. Assim, a Grande Guerra foi o primeiro conflito moderno que teve mais mortos civis que militares. O número de soldados mortos foi o dobro dos que pereceram em todas as guerras dos 125 anos anteriores (desde a Revolução Francesa, inclusive). (VISENTINI, 2014, p.106).¹⁶¹

GRÁFICO XIV - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “A Rússia Revolucionária há de vencer a Rússia Guerreira”¹⁶²



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

¹⁶¹ A historiografia da Primeira Guerra Mundial é analisada por Silvia Correia (2014) em três gerações a partir das mudanças dos paradigmas explicativos e das problemáticas abordadas. A primeira geração (Pierre Renouvin e Jules Isaac) que foi contemporânea a guerra e orientada por políticos e oficiais com discursos de propaganda para apuramentos de responsabilidades. A segunda fase entre as décadas de 1920 e 1960 foi o momento de uma história diplomática e militar evocadora do pacifismo e divulgadora de documentos diplomáticos em torno das causas e consequências da guerra. Nos anos 60 houve uma perspectiva mais social e cultural influenciada pelo marxismo (Jonh Horne, Jay Winter, Gui Pedroncini, Jean-Jacques Becker, Antoine Post, James Joll). E a terceira geração entre os anos de 1970 e 1980 identificada como “geração Vietnã” na emergência das análises micro-históricas entendia a Primeira Guerra como algo irracional de consequências catastróficas. Deste modo, nos anos 80 surgiram trabalhos importantes no âmbito da História Cultural e memória de guerra quando surge a noção de “cultura de guerra” (Annete Becker e Audoin-Rouzeau) enquanto um “conjunto de práticas, de representações, de atitudes, de criações dos anos 1914-1918”.

¹⁶² Jornal *A Semana Social*, Maceió, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

Consonante com os temas apresentados no Gráfico XIV acima, a esperança foi um dos modos de elaboração da notícia em *A Semana Social* na sua edição em 21 de julho de 1917. O motivo forte para demonstrar esperança nas informações sobre o caminho diferenciado dos russos seria a atitude do “Comitê de Soldados e Operários em forçar o governo provisório a declarar que aceitaria a paz sem anexações nem indenizações”. Tal decisão indicava para o mencionado jornal que os russos não acompanhariam a burguesia franco inglesa na destuição do Império Alemão porque eles se recordavam da violência czarista financiada pelo capital francês e sendo este fortalecido iria financiar a contra-revolução.¹⁶³

Os acontecimentos informados e a forma como são analisados transmitem uma confiança na retirada russa da Guerra, na sua opção pela paz proposta pelos soldados e operários, mesmo diante das derrotas e ameaças conservadoras. E fortalece a esperança na continuidade da obra revolucionária com inovações e regenerações para transformações políticas e econômicas de “extirpação do cancro do czarismo” no caminho da fraternidade.

O Gráfico XIV demonstra como a notícia faz saber da Revolução Russa informando sobre as decisões mais beligerantes do Governo Provisório em contraposição as reações do “Comitê de Soldados e Camponeses” para direcionar por uma paz sem indenização nem anexação. E essa última opção, faz crer nos revolucionários russos no sentido da esperança pela saída da guerra e por um projeto mais fraterno de superação das opressoras estruturas czaristas.

O cenário da guerra era constantemente denunciado pelos jornais operários com críticas ao patriotismo enquanto um mecanismo de iludir o povo para os verdadeiros interesses militares de favorecer os “imperialismos e as vaidades nacionais”.

Bruno Araújo (2015, p.94) observou que o tema da Primeira Guerra foi desenvolvido de forma recorrente nas publicações do periódico *A Semana Social* em 1917. Os diversos textos escritos pelo editor Antonio Canellas concentraram-se numa quantidade significativa na “campanha contra as arbitrariedades decorrentes da Primeira Guerra Mundial” estimulando uma “ação enérgica do povo no sentido de não apoiar a

¹⁶³ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM-UNESP.

declaração de Guerra a Alemanha, devendo ficar neutro, frente ao imperialismo Alemão e atento a euforia patriótica”.

Araújo (2015) destacou a visão de Canellas em seus textos jornalísticos sobre o patriotismo como uma espécie de “cegueira” que fazia os povos não enxergarem a “causa guerreira” ser somente interesse da “elite governamental e classista”. E qualifica a ideia patriótica e o “ardor militar” como “fanatismo” promovido pelos dirigentes das sociedades e seus “porta-vozes da imprensa”. O editor do periódico *A Semana Social* em seus posicionamentos de oposição à guerra era contrário à Lei do sorteio militar obrigatório e apontava ser uma “maneira de escravizar o povo aos interesses da burguesia”.¹⁶⁴

Nesse sentido, as observações do nosso tipógrafo acerca da guerra seriam no sentido de chamar a atenção para o fato de que a guerra só geraria prejuízos, que era uma guerra imperialista, de interesses, de partilha, sem falar, claro, das atrocidades, número de vítimas, este último, inadmissível enquanto tratamento para com o próximo. Uma campanha educativa e informativa, chamando a atenção e deixando claro que o posicionamento do governo e da sociedade deveria ser de contrariedade à participação e envolvimento do Brasil na guerra (ARAÚJO, 2015, p.96).

A posição do editor, Canellas, nos números de novembro em *A Semana Social* após a declaração de Guerra do Brasil foi de associar essa posição do governo de Wenceslau Braz (1914-1918) com a dependência econômica e política do país em relação aos Estados Unidos. E, na sua avaliação o povo brasileiro era dominado pela política dirigente em decorrência da miséria e da dependência econômica, por isso aceitava a guerra e era escravizado. O mencionado tipógrafo conclamava pela “agitação do povo

¹⁶⁴ O ano de 1917 foi marcado pelo acirramento da propaganda militarista e do aumento de pressões para que o Brasil aderisse ao conflito ao lado da *Entente*. Os grupos militares exigiam a implantação do serviço militar obrigatório desde o governo Hermes da Fonseca (1910-1914). E nesse debate nacional, se pelo lado militarista havia o poeta Olavo Bilac e o juiz baiano Rui Barbosa, pela posição antimilitarista estava o movimento operário brasileiro que desde 1913 já agia nesse sentido e pioneiramente aprovou no Segundo Congresso Operário uma moção contrária às guerras por sua violência em prol dos interesses burgueses e em defesa da declaração de greve geral revolucionária para não adesão aos serviço militar. Bruno Araújo (2015, p.109) caracteriza como “grupo de afinidades” políticas e ideológicas a relação entre Canellas e os colaboradores das publicações em *A Semana Social* a partir de temas antimilitares e antiburgueses. E um dos principais foi Octávio Brandão, autor de um destacado artigo “*O que é patriotismo*” (27/10/1917) considerava existir dois tipos de patriotismos, aquele “da guerra” qualificado como “estupidez e monstruosidade” e o segundo era o “pacífico” enquanto uma “obra de paz”. No texto, procurava definir o patriotismo como o “ensino aos analfabetos”, “protestar contra a exploração”, “descrever as riquezas de suas terras” e “chamar o povo a revolta”. E criticava Bilac por estimular o patriotismo a serviço da guerra através da Liga de Defesa Nacional (fundada em 1915 por jovens oficiais militares regressos de uma temporada de estágio na Alemanha que foram apelidados de “jovens turcos” pela imprensa) que desenvolveu a posteriori uma importante atuação na formação intelectual da direita militar brasileira através da Revista *A Defesa Nacional* (AMARAL, 2003, p.37-38).

contra os inimigos da liberdade, numa referência aos políticos dirigentes do país que se posicionavam a favor da guerra (ARAÚJO, 2015, p.95).¹⁶⁵

Na segunda quinzena de julho de 1917, a imprensa operária publicava informações sobre a retomada russa das ofensivas bélicas realizadas no mês anterior e que desencadearam manifestações e conflitos armados nas ruas de Petrogrado, aumentando os desgastes políticos do Governo Provisório e da liderança de Kerensky. Havia, portanto, um acompanhamento eficaz das novidades russas, cronologicamente, o tempo de publicação pode ser considerado bem razoável para a dependência de telegramas e envio de jornais pela rede internacional do movimento operário de circulação de informações.¹⁶⁶

¹⁶⁵ Os posicionamentos de Canellas estavam inseridos na sua participação no meio da imprensa operária por onde circulavam informações, ideias e argumentos críticos ao primeiro conflito mundial. Ângela Martins e Ingrid Souza (2017) ao examinarem representações da guerra em imagens publicadas por jornais anarquistas cariocas e paulistas (*Jornal A Guerra Social e o Terra Livre*) no início do século XX perceberam a elaboração da crítica à guerra como uma manifestação clara e objetiva entre elementos visuais e verbais, difusores de ideias através de gravuras, poemas, diálogos ideológicos contra o militarismo e o patriotismo. As gravuras apresentavam uma crítica constante às instituições, valores e concepções das sociedades e apontavam formas de opressão dos estados imperialistas sobre os trabalhadores. Por exemplo, o recrutamento obrigatório como uma submissão à formação profissional e ideológica, e a construção de estruturas necessárias aos governos, gerais e marechais, tais como equipamentos bélicos. As autoras Martins e Souza (2017, p.38) concluem que coerentes com os princípios anarquistas revolucionários e internacionalistas (antimilitarismo, antipatriotismo), “as palavras, imagens e atitudes expressas nos jornais analisados indicavam a possibilidade de uma ética essencialmente humana, direcionada à dignidade social dos povos por meio da *guerra a guerra*”.

¹⁶⁶ Letícia Cantarella Matheus (2012) analisa em artigo a relação entre comunicação e espaço, e jornalismo e cidade através das investigações de telegramas publicados em periódicos cariocas no final do século XIX para identificar a origem telegráfica, o processo de incorporação da telegrafia pelos jornais e o público, bem como, o papel da agência de notícias francesa Havas nesse processo de inserção dessa nova tecnologia no circuito de informação no Brasil. A pesquisadora confirma a permanência de três práticas exercidas no período posterior à entrada da Havas no mercado jornal brasileiro de telegramas (1874 e 1875): a troca sistemática de telegramas entre diferentes redações; a publicação de telegramas creditados a outros jornais; e a publicação simultânea do mesmo telegrama em diversos diários espalhados pelo território brasileiro. De acordo com Cantarella (2012, p.287), a Havas não impôs um modelo internacional, desenvolveu uma atuação que “dinamizou e interagiu com as práticas de trocas locais”. Dessa forma, as noções de distância no território nacional foram reformuladas para serem integradas a um “modo inédito de imaginar a distância comunicacional entre as pessoas no tempo e no espaço”. É possível considerar que os jornais operários estavam inseridos nessa rede de integração da informação, incluindo nas suas fontes tanto periódicos parceiros locais e internacionais quanto o circuito da imprensa de “grande tiragem”. Provavelmente, mesmo que houvesse um relativo atraso no acesso às novidades russa, considera-se, não ser um “delay” prejudicial ao jornalismo operário. Andrea Maia (2018, p.49-50) avalia a recepção da Revolução Russa em 1917 pelas revistas ilustradas brasileiras (*Fon-Fon, O Malho, Careta, Eu sei Tudo e Revista da Semana*) como uma conexão instantânea aos acontecimentos. E aponta caminhos diversificados para a origem das fontes jornalísticas, a exemplo da primeira publicação na revista *Fon-Fon* em 07 de abril de 1917: uma análise de uma carta de um possível correspondente do jornal norte-americano *Times*. Conforme a pesquisa de Matías Molina (2015, p.314) sobre a “História dos Jornais no Brasil”, durante a Primeira Guerra Mundial, a agência Havas enfrentou dificuldades porque a sede dos seus serviços para a América Latina estava em Londres, então, até a sua chegada de Paris durava de quatro a 72 horas. O tempo de envio reduziu bastante quando a Havas transferiu o Serviço da América Latina para New York e seus telegramas chegavam via Buenos Aires para os jornais assinantes da região ainda durante o conflito mundial.

As informações sobre as novas ações beligerantes da “Rússia Revolucionária” foram motivos de reflexão sobre quais rumos seguiriam os russos, seriam desviados pela “ilusão patriótica” dominadora ou se ocupariam pelas ideias de “fraternidade internacional e soberania popular”. Não obstante, a notícia em *A Semana Social*, já no seu enunciado “A Rússia Revolucionária há de vencer a Rússia Guerreira” fazia crer numa esperança no desgaste das “veleidades guerreiras” diante do “invencível poder da Alemanha”.

A Primeira Guerra Mundial estava postulada como o resultado de interesses imperialistas europeus no jogo dos seus conflitos militares que impunha um genocídio a ao povo europeu como demonstração da falência de uma humanidade fraterna e justa.

A Nuvem de Palavras VIII abaixo representa as expressões chaves utilizadas por *A Semana Social* na sua edição do final de julho de 1917 onde destacava os rumos da Primeira Guerra avaliando o poder militar da Alemanha como um “recife inamovível”, acreditando que seria esse país vencedor e “esfacelador de todos os imperialismos”.

A Figura 35 destaca termos que abordam a Revolução dos russos como uma alternativa de vida no mundo nos “moldes da fraternidade e da justiça”, cuja ameaça das “veleidades guerreiras” eram enfrentadas pela postura do “Comitê de Soldados e Operários” em aceitar a paz sem anexações nem indenizações. Apesar das ameaças de financiamento do dinheiro da *Entente* a grupos reacionários para “esmagar a Revolução” e de possíveis derrotas impostas pelos alemães, haveria uma “saída da contradança guerreira” para continuidade das obras da Revolução.

A Primeira Guerra Mundial seguiu sendo abordada como obra dos interesses econômicos mundiais através da violência dos crimes de guerra que transmitem um panorama de um modelo social em falência na humanidade.

O jornal *A Semana Social* identificava no final de julho de 1917 a existência de dois caminhos para a Paz, um associado a “burguesia franco inglesa” na condição de destruição do império alemão e o outro proposto pelo Comitê de Soldados e Operários de uma negociação de paz sem anexações nem indenizações. A perspectiva era viabilizar a retirada da guerra já que o mencionado periódico em sua análise apontava para o “poder invencível da Alemanha”. E a saída russa do conflito mundial significava continuidade da revolução na estrutura da política e econômica do país com inovação e regeneração na libertação do czarismo.

GRÁFICO XV - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia “A Rússia Revolucionária há de vencer a Rússia Guerreira”¹⁶⁹



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O periódico *A Plebe* no final de julho publica a segunda edição da coluna sobre notícias da Revolução Russa neste dia com o “chapéu”: “Da tirania para a liberdade” e o

mesmo nas menores crônicas publicadas nos periódicos como exemplo de audácia, persistência e heroísmo”.

¹⁶⁹ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM-UNESP

título “Algo sobre a Revolução Russa”, verificável na Figura 36 em suas duas últimas colunas.¹⁷⁰

¹⁷⁰ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

Figura 36 - Jornal A Plebe (Ano I - No 7)

A PLEBE

A GREVE NO RIO

O movimento tomou grandes proporções

A polícia do ridiculo Aureliano praticou infames violencias - A Federação Operaria e o Centro Cosmopolita foram assaltados pelas vendalões policiais.

Rio, 23 de Julho - O esplendido movimento paulista representado no Rio, visando a melhoria das condições de trabalho, afiança contatos com as entidades operarias, reunindo-se em reuniões, e a cada dia se torna mais firme e firme. A cada dia se torna mais firme e firme. A cada dia se torna mais firme e firme.

- a) A jornada de oito horas, incluindo intervalos.
- b) Abolição do trabalho infantil nas fabricas e officinas, e proibição de trabalhar nas mesmas as menores de 14 annos.
- c) Equiparação do salario a mulher no mesmo trabalho.
- d) Responsabilidade das patrões em accidentes de trabalho.
- e) A hygiene, ventilação e luz nas fabricas, officinas, escolas de hoies, padarias e em todos os departamentos de trabalho.
- f) Diminuição da jornada de trabalho para 3000 tessuistas queis dias coiza.
- g) Diminuição dos preços nos meios de locomoção fluvial e terrestre.
- h) Diminuição imediata das prisaes das generes de primeira necessidade.
- i) Pagamento pontual nas fabricas, nas fabricas e em todos os departamentos de trabalho.

So por cautela...

IMPERO O RESGEM DA ROLHA

Foi grande a preocupação da policia e do governo nos dias em queos operarios estiveram verdadeiramente agitados, em protesto contra o novo imposto de renda.

Disso, o povo que não é tolo, sabe mais do que o latido, e sabe que os auxiliares do indesejavel Eloy, adulteravam e retardavam os telegrammas que deviam passar, ao mesmo tempo que entrava a impressora local as mais misteriosas informacoes.

Em consequencia disso, muitos foram expulsos das officinas, e os outros foram expulsos das officinas, e os outros foram expulsos das officinas.

De cada vez que os brados de eloquentes, os gritos de desespero e de dor, e os gritos de desespero e de dor, e os gritos de desespero e de dor.

Em um momento de grande agitação, a policia e o governo se tornaram mais firmes e firmes, e a policia e o governo se tornaram mais firmes e firmes.

De cada vez que os brados de eloquentes, os gritos de desespero e de dor, e os gritos de desespero e de dor, e os gritos de desespero e de dor.

Em um momento de grande agitação, a policia e o governo se tornaram mais firmes e firmes, e a policia e o governo se tornaram mais firmes e firmes.

De cada vez que os brados de eloquentes, os gritos de desespero e de dor, e os gritos de desespero e de dor, e os gritos de desespero e de dor.

Em um momento de grande agitação, a policia e o governo se tornaram mais firmes e firmes, e a policia e o governo se tornaram mais firmes e firmes.

De quanto pode a classe proletaria quando se dispõe a agir, mostra o exemplo da greve dos trabalhadores do Rio de Janeiro.

anarchia reinante nos dias de greve, e o exemplo da greve dos trabalhadores do Rio de Janeiro.

Da tyrannia para a liberdade

ALGO SOBRE A REVOLUÇÃO RUSSA

Os seus antecedentes - Como se manifestou - As suas provaveis consequências.

Com o nosso geral desconhecimento da vida russa, com a distancia a que nos encontramos do lugar dos acontecimentos, com a dificuldade extrema de obter, sob documentos e depoimentos verdadeiros e validos sobre a situação interna de cada país, impossível se torna uma apreciação profunda e fundamentada do movimento russo - tanto pelo que se refere ás suas causas determinantes, como pelo que diz respeito ás suas tendências, correntes de ideias, desenvolvimentos prováveis, consequências directas e indirectas, dentro e fora da vasta Rússia nebulosa.

Processo, na verdade, bem imperfeito, porque, desde modo, não se trata de uma revolução social, mas sim de uma revolução burguesa, e a revolução burguesa, por sua natureza, não é uma revolução social.

Essas classes - a burguesia industrial e commercial, representada pelos partidos liberais e republicanos, - serviram de instrumento para a revolução, e a revolução, por sua vez, serviu de instrumento para a burguesia industrial e commercial.

Essa revolução russa, trazendo a liberdade para a Rússia, trouxe a liberdade para a Rússia, e a liberdade para a Rússia, trouxe a liberdade para a Rússia.

Essa revolução russa, trazendo a liberdade para a Rússia, trouxe a liberdade para a Rússia, e a liberdade para a Rússia, trouxe a liberdade para a Rússia.

DE SANTOS

A PROPOSITO DA GREVE

Do como se prova que Torquomada reviveu na terra de Braz Tubas

Quando se estuda o autor, o operariado paulista, e a história da greve dos trabalhadores do Rio de Janeiro.

Quando se estuda o autor, o operariado paulista, e a história da greve dos trabalhadores do Rio de Janeiro.

Quando se estuda o autor, o operariado paulista, e a história da greve dos trabalhadores do Rio de Janeiro.

Quando se estuda o autor, o operariado paulista, e a história da greve dos trabalhadores do Rio de Janeiro.

“O Parafuso”

Este combativo semanario publica hoje a noticia de que o governo provisório de 1918 e foi votado.

Fonte: Jornal A Plebe, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2. CEDEM - UNESP.

Na abertura da coluna há algumas ponderações sobre a distância da Rússia e suas consequentes dificuldades para acessar o conhecimento da vida nesse país. E naquelas circunstâncias de beligerância mundial havia ainda mais obstáculos para acessar “documentos e depoimentos verdadeiros e valiosos” sobre as situações dos países. Por isso, o periódico esclarece suas limitações em realizar uma “apreciação profunda e fundamentada da revolução russa”.

Deste modo, o jornal *A Plebe* declara suas dificuldades de acessar informações tanto para examinar as “causas determinantes” como para identificar as tendências e correntes de ideias ou avaliar com precisão os “desenvolvimentos prováveis, consequências diretas e indiretas, dentro e fora da vasta Rússia nebolosa”.

A coluna explica a forma como supre o conhecimento dos fatos russos, “colhendo aqui e ali, uma ou outra manifestação, pessoal ou coletiva” seja mais favorável ou menos à orientação que o jornal desejava ver seguida pelo movimento russo. O jornal operário ainda acrescenta que embora seja um processo imperfeito devido a “vastidão e complexidade da Revolução Russa, todos os partidos e aspirações podem encontrar farta matéria para consolação”.

É possível perceber na insistência do periódico em apresentar suas próprias restrições para obter com precisão o acompanhamento do desenrolar da Revolução Russa. Portanto, a publicação da coluna era um esforço por compreender naquele contexto os antecedentes do processo revolucionário, como se manifestou e suas prováveis consequências, salientando os elementos de identidade com os ideais do jornal. O jornal *A Plebe* considera ser natural cada analista do processo russo por em relevo o que mais satisfaz os interesses ou ideais.

Fernando Strongren (2017, p.172) considera a postura do jornal *A Plebe* em admitir a “naturalidade do recorte ideológico sobre os fatos” como uma evidência na crença do jornalismo como um “elemento crucial da formação de consciência e construção de ideias”. O pesquisador formula então, ser o jornalismo para *A Plebe* um espaço público de diversas vozes oriundas de jornais distintos onde há o intuito de “mostrar aos seus leitores o mundo sob o seu ponto de vista, atraindo-os para seu campo ideológico e orientando para uma determinada forma de agir sobre o mundo”.

O primeiro aspecto constatado da Revolução Russa pelo *A Plebe* na segunda publicação da coluna subintitulada “Algo sobre a Revolução Russa” foi o contexto do

“triste selo da Guerra” para explicar que foi nessa situação beligerante onde desaguaram as “exaltações nacionalistas” e os “interesses das classes gerenciadas pela burocracia czarista ameaçados no seu poderio político e econômico pelas incertezas do Estado russo na direção da guerra”.

Diante desse quadro de instabilidade política segue o periódico paulista informando a reação da burguesia industrial e comercial representadas pelos partidos liberais e republicanos numa posição de antecipar-se para conter uma revolução mais profunda e social ao “servirem-se dos descontamentos provocados nas massas pela crise econômica e pelos desastres militares”.

É uma análise apontando para a relação entre as consequências dos problemas da guerra, os interesses de grupos burgueses e a insatisfação do povo russo com as causas que desenrolaram na Revolução de Fevereiro.

O periódico *A Plebe* ressalta como as forças desencadeadas pela Revolução Russa de Fevereiro fugiram ao domínio de quem as evocou e pôs em ação. Naquele momento não seria possível fazer uma previsão até onde chegaria, “pois demandaria um conhecimento profundo do meio e das tendências em luta”.

Destarte, observa-se apesar da exposição dos fatores que dificultavam o acesso com exatidão ao mundo noticioso dos acontecimentos russos, havia condições jornalísticas para a coluna “Algo sobre a Revolução Russa” desenvolver exame e reflexões. E possuíam um nível significativo de clareza sob a situação russa, o assincronismo do acompanhamento dos fatos não reduzia a qualidade informativa das publicações, mesmo que houvessem lacunas ou ainda uma tentativa inicial de apropriação do processo russo.

A investigação de Doutorado realizada por Frederico Bartz (2014, p.54-56) sobre as ideias revolucionárias e os projetos no movimento operário relacionados com as propostas de Revolução Social no Brasil (1917 à 1922) identifica nos jornais operários uma variedade de acontecimentos russos. Desses eram extraídas notícias cujo efeito eram de incentivo aos militantes na crença do sucesso da Revolução Social, apesar dos pontos de vistas mais céticos. O que o autor qualifica como “dualidade” na sua pesquisa constava durante alguns anos nas páginas operárias e a razão disso para ele seria o “leque muito vasto de informações associada às muitas referências vindas da literatura engajada”.

A divulgação da Revolução Russa com artigos nos impressos operários sobre suas origens e características influenciou o debate sobre o modelo de revolução a seguir pelo movimento operário principalmente porque havia inclusive conhecimento das nuances russas. Isto é constatado, por exemplo, na coluna “Algo sobre a Revolução Russa” em sua primeira edição quando já esclarecia não ser identificado na Rússia “segundo parece, um caracterizado movimento anarquista”. À vista disso era necessário “contentar-se com as manifestações das várias correntes socialistas”, conquanto “desconfiasse dos métodos parlamentares”. Assim sendo, o jornal afirmava ter que aceitar averiguar os atos e declarações de deputados e políticos socialistas, mesmo sendo um expoente débil do “trabalho íntimo que opera nas massas russas”.¹⁷¹

O posicionamento jornalístico do *A Plebe* mesmo desconfiando da vida parlamentar, já que se aproximava dos ideais anarquistas ao utilizar como fonte as declarações dos socialistas e dos seus representantes parlamentares, demonstrava uma postura receptiva às especificidades russas e especialmente aberta para publicizar os acontecimentos e procurar compreendê-los nos textos jornalísticos.

A primeira declaração apresentada foi de Martov sobre Kerensky, a fonte das informações estava identificada e se tratava do *Le Journal du Peuple* de Paris de 29 de março. Vale ressaltar que Martov era identificado como um socialista russo em evidência e Kerensky como ministro da guerra e da marinha no governo provisório.

Martov descreve Kerensky como um democrata da Duma que não pertencia a nenhum dos agrupamentos políticos socialistas, mas se colocou como chefe do grupo trabalhista formado pelos eleitos dos camponeses radicais e recurso a nomeação de “ministro sem pasta” oferecida por Lvov e Miliukov. Os dados sobre Kerensky questionava se ele seria capaz de se manter independente até o fim ou se não “se veria um dia separado, pela sua participação no poder, das massas populares que ele representa em face dos liberais”.¹⁷²

A segunda parte da notícia referente ao conteúdo da declaração de Martov se referem a Nicolay Chkheidze, importante social-democrata georgiano (menchevique) de

¹⁷¹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

¹⁷² Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

sua época, deputado das duas últimas Dumas imperiais e presidente do Soviete de Petrogrado de 27 de fevereiro a 9 de setembro de 1917.

Martov comunica uma possível recusa de cargo no governo provisório por Chkheidze e das decisões implementadas inicialmente pela “Comissão Executiva da Duma” criada pelos partidos até a formação do governo provisório. A comissão executou ordens de prisão contra os ministros, destituiu Nicolau II e articulou o exército para reconhecer a revolução. Por fim, nesse relato, Martov diz que houve uma retirada dessa comissão ao “findar da luta” e a formação do governo provisório com Lvov.

O líder menchevique segue no seu relatório falando de Chkheidze como aquele que fez parte da comissão executiva, “daquela junta revolucionária sem comprometer a sua responsabilidade nem a do partido”, pois disputava contra as “tendências moderantistas” da maioria. E informa que ele apelou com Kerensky para a “massa revolucionária” quando a comissão executiva tentou enviar as tropas revolucionárias para as trincheiras e oferecer a coroa ao grão-duque Miguel. A intervenção do “Conselho dos Delegados e dos Operários” provocou a anulação dessas decisões e Kerensky e Chkheidze retornaram aos seus mandatos na Comissão Executiva da Duma.

No que se refere a política externa, pontua as divergências entre Chkheidze e Kerensky, e, como o primeiro junto com Skobelev criticaram a maioria da comissão executiva, “acusando-a de não querer proclamar como um dos fins da Revolução a paz sem- anexações”. Por outro lado, identificava a defesa de Kerensky por uma “Rússia libertada da escravidão política devia vibrar um golpe na Alemanha”.

Martov afirma que Chkheidze e Skobelev insistiram na necessidade dos socialistas combaterem a política exterior do novo governo, mesmo apoiando a luta contra as forças contra-revolucionárias. Por isso, Chkheidze havia enviado ao Príncipe Lvov uma carta de reivindicações do operariado com a reivindicação da saída pela paz.

O acesso ao conteúdo publicizado por Martov permitiu que o periódico *A Plebe* expusesse as questões em indefinições e disputa durante o Governo Provisório, denominando os líderes políticos, seus cargos e algumas das suas afinidades e diferenças de propostas.

Após a publicação dos relatos de Martov, o jornal *A Plebe* sublinha que seu maior interesse, após o desenvolvimento da Revolução Russa, era a sua influência nos demais países, principalmente na Alemanha nas circunstâncias bélicas daquele contexto.

O jornal declarava possuir muita expectativa sobre como aconteceria o impacto dos acontecimentos russos em outras sociedades e apontava uma certa expectativa positiva nas decorrências desse movimento na Alemanha para a superação do conflito mundial.

Logo em seguida, o periódico faz críticas às vacilações alemães diante da Revolução Russa e os fatores de guerra, acusando-os de usarem “a capa hipócrita da defesa liberdade” e de usarem esse argumento para “disfarçar o seu nacionalismo um tanto envergonhado”.

O jornal *A Plebe* para reforçar suas preocupações com a postura dos “camaradas alemães” cita um artigo publicado por outro jornal operário, o *Avanti!*, onde se perguntam da possibilidade de “ser-nos-à permitido formular votos por uma revolução do proletariado dos impérios centrais contra os seus czares”? Não obstante essa expectativa positiva, demonstram certo pessimismo quando questionam se vão poder demonstrar aos companheiros alemães a “terrível responsabilidade em que incorriam pela segunda vez desde o começo da guerra” e alegam não haver mais naquela conjuntura, o pretexto utilizado em 1914 pela social-democracia alemã de “combaterem contra o perigo de uma invasão cossaca e autocrática”.¹⁷³

Os jornais operários *A Plebe* e *Avanti!* acreditavam que dependia dos alemães “sacudirem, com ação enérgica, o jugo da casta militar e imperialista” para eliminarem os “perigos da hegemonia alemã” que ofereciam aos Estados Aliados uma “razão poderosa para o prolongamento da guerra”.

E a última indagação dos jornais trazia a questão da saída dos “pesadelos da guerra como ajuda definitiva” à Revolução Russa ainda na esperança de ser permitido a eles dizer que “anhelavam a revolução proletária e socialista nos impérios centrais”.

Bartz (2017, p.2-3) ao abordar a expectativa e o impacto da Revolução Alemã de 1918 sobre o movimento operário brasileiro indica que havia uma esperança dos

¹⁷³ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

militantes com o futuro de um movimento revolucionário na Alemanha como uma “senha para o início da Revolução Mundial”. O pesquisador explica a repercussão da Revolução Alemã como um processo diferenciado do que houve com a Revolução Russa porque para o caso alemão era um fato esperado pelos militantes operários na certeza da grande probabilidade dos acontecimentos russos “contagiasse o centro europeu e o fim da guerra se articulasse com um processo de caráter global”.

A coluna “Algo sobre a Revolução Russa” demonstra como já em 1917 os jornais operários estavam atentos e apreensivos sobre as escolhas e atitudes da social-democracia alemã, na medida em que disso dependia o avanço da Revolução na Rússia, o fim da beligerância mundial e a força da influência revolucionária nos demais países.

Ao final da coluna “Algo sobre a Revolução”, *A Plebe* discorda da forma com a qual o Conselho dos Delegados Operários Russos se dirigiram aos alemães, caracterizam de “liguagem inábil” porque usaram um “tom de ameaça”, afirmando que se os alemães se desviassem do apelo da derrubada de Guilherme II, os russos estavam dispostos a lutarem “até a última gota de sangue”.

No entendimento do jornal operário essa linguagem dos russos “feria o tolo orgulho patriótico”, cuja confirmação estava na resposta da “social-democracia oficial ligada ao kaiserismo” que “não precisava de conselhos, que as reformas na Alemanha cabiam a eles e que as responsabilidades da guerra cabem a outros”.

O jornal operário acompanhava também por notícias como essas os debates entre o “Conselho de Operários e Soldados” e a social democracia alemã, e as reações dessa última diante das pressões da conjuntura internacional.¹⁷⁴

O periódico *A Plebe* informava a posição do *Vorwärts*, jornal diário, órgão oficial do partido social democracia alemã, em campanha a favor da instauração do sistema parlamentar na qual argumentava ser a queda do czarismo russo uma “perda moral” para

¹⁷⁴ Ângela Almeida (1999, p.22-23) reflete como os desgastes da guerra com suas destruições e mortes cansava os países beligerantes e no caso alemão, já no final de 1916 ganhou a oposição não apenas da esquerda radical, o grupo de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, mas também o primeiro grupo revisionista de Bernstein e o grupo que naquele período era conhecido como “marxista ortodoxo”, com Kautsky e sindicalistas como Dittmann e Haase. Tal grupo de oposições à guerra por publicizar essa posição foi expulso do Partido Social-Democrata alemão (SPD) liderado por Ebert e Scheidemann. Dessa cisão surgiu o Partido Social-Democrata Independente (USPD) onde Rosa e Liebknecht organizaram uma das tendências do novo partido, a “Liga Spartacus”. Nas notícias de 1917, *A Plebe* acompanhava com importantes fontes, como o jornal *Vorwärts*, e tentava diferenciar e interpretar essas diversas posições da esquerda alemã ante a crise bélica e suas reações as possibilidades dos novos caminhos trazidos pela Revolução Russa.

a política de guerra alemã. Desse modo, o citado periódico alemão defendia o parlamentarismo enquanto saída para a Alemanha não “continuar a parecer o país mais atrasado do mundo”.¹⁷⁵

A referida coluna, “Algo sobre a Revolução Russa”, em *A Plebe* transcrevia citações da edição de 21 de março do *Vorwärts* nas quais transmitiam a avaliação de uma das consequências da guerra ser a extensão na Europa do regime democrático e os acontecimentos russos pareciam “tão gigantescos que tudo o mais é minúsculo em comparação”. E sendo assim, já estaria acontecendo influência russa sob as questões internas alemãs, situação que exigia reformas mesmo em tempo de guerra porque ignorar esse impacto seria uma “cabeçada fatal cujas consequências iriam pagar mais tarde ou mais cedo”.¹⁷⁶

No cenário da social democracia alemã, *A Plebe* identificava “frações menos comprometidas” com uma linguagem mais “desassombrada e violenta”, citando o exemplo de Bernstein e seu brado de que o resultado da política de conquista alemã seria o “suplício da fome para o povo e a liga mundial contra a Alemanha”, mas acreditava na consciência do povo alemão em apoiar o socialismo russo e exigir uma paz equitativa.¹⁷⁷

Já ao final da coluna, “Algo sobre a Revolução Russa”, na terceira página acrescenta a explanação do deputado socialista, identificado como Kunert, na qual responsabilizava o kaiser e o chanceler alemão pelas mortes e feridos da guerra e previa poder acontecer a outros o que sucedeu ao czar russo. E nos últimos parágrafos ainda diz como até mesmo um “patriota e nacionalista” chamado Harden escreveu sobre a Revolução Russa poder ser imitada na Alemanha contra “os criminosos” responsáveis pela fome e o desastre no país.¹⁷⁸

Nos apontamentos finais dessa segunda edição da coluna “Algo sobre a Revolução Russa” indaga se os “liberais tedescos” seguiriam os russos e antecipariam uma revolução popular com caráter social de caminho mais longe, se pretendiam “sacrificar o kaiserismo à salvação do Estado”, e a saída de uma paz “honrosa”. E conclui refletindo: “esperamos

¹⁷⁵ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

¹⁷⁶ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

¹⁷⁷ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

¹⁷⁸ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

os acontecimentos, pois que não há outro remédio, enquanto continua a bramir a tempestade de ferro e sangue...”¹⁷⁹

Dessa forma, a edição de *A Plebe* em 28 de julho de 1917 apresenta muitos acontecimentos relacionados com os primeiros momentos da Revolução de Fevereiro, trazendo conhecimentos sobre o desenrolar das disputas em torno da posição do governo provisório diante da Primeira Guerra e as posições da social-democracia alemã para com a Revolução Russa. O periódico manifestava expectativa de que o caminho fosse da união de forças entre os russos e alemães na consolidação dos processos revolucionários em nível mundial.

Como é possível perceber no Gráfico XVI abaixo há um painel diversificado de temas identificados na coluna “Algo Sobre a Revolução Russa” em 28 de julho de 1917. Muitas das informações transmitidas se referem aos fatos dos meses de março e abril, mas se destaca o acesso a declarações, jornais e o diálogo com outros jornais operários na busca por reflexões e análises mais qualificadas sobre a Revolução Russa, seu contexto e entorno.

Nas notícias da “Nova Rússia Democrática” são constatados a participação de Kerensky que ainda estava se constituindo como líder do governo provisório através da sua atuação no parlamento russo, a Duma, ao lado de representantes de outros grupos socialistas, como o presidente do Soviete de Petrogrado, Chkeizde.

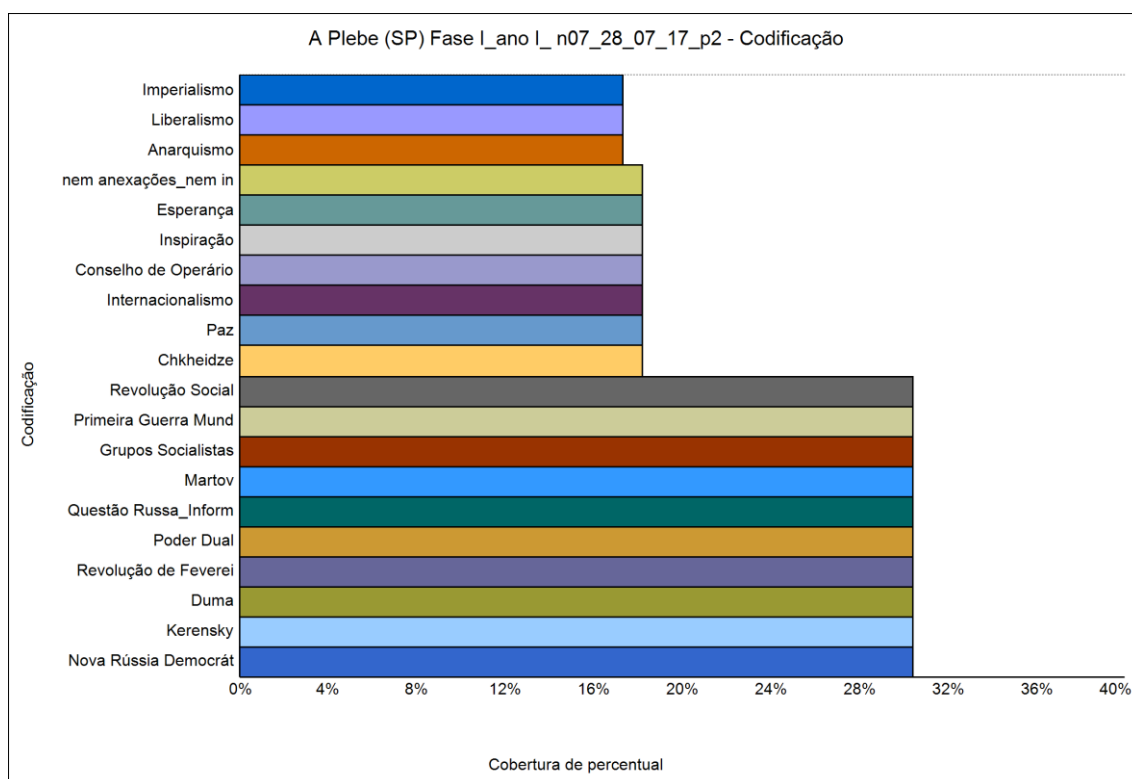
A Plebe possuía uma clareza significativa para suas condições de acesso e formulação sobre os primeiros momentos da Revolução Russa. Identificavam que esse processo num primeiro momento era liderado por uma burguesia industrial e comercial e naquelas disputas políticas iniciais na formação do novo governo estava em jogo um caminho mais social que começa a avançar entre março e abril com a superação dos elementos mais moderados principalmente pela intervenção do “Conselho de Operários e Soldados”.

No relato do perfil da liderança de Cheidze era perceptível que havia um grupo mais distantes dos liberais e mais à esquerda entre os socialistas ao reivindicar mudanças na política externa russa para uma paz “sem indenizações nem anexações”.

¹⁷⁹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

A coluna “Algo sobre a Revolução Russa” no início do primeiro semestre de 1917 declara que seu maior interesse era uma visão internacionalista da política ao buscar acompanhar o impacto inspirador desses acontecimentos em outros países, especialmente na Alemanha na espera da multiplicação de movimentos revolucionários em rota mundial.

GRÁFICO XVI - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “Da tirania para a liberdade” – ALGO SOBRE A REVOLUÇÃO RUSSA¹⁸⁰

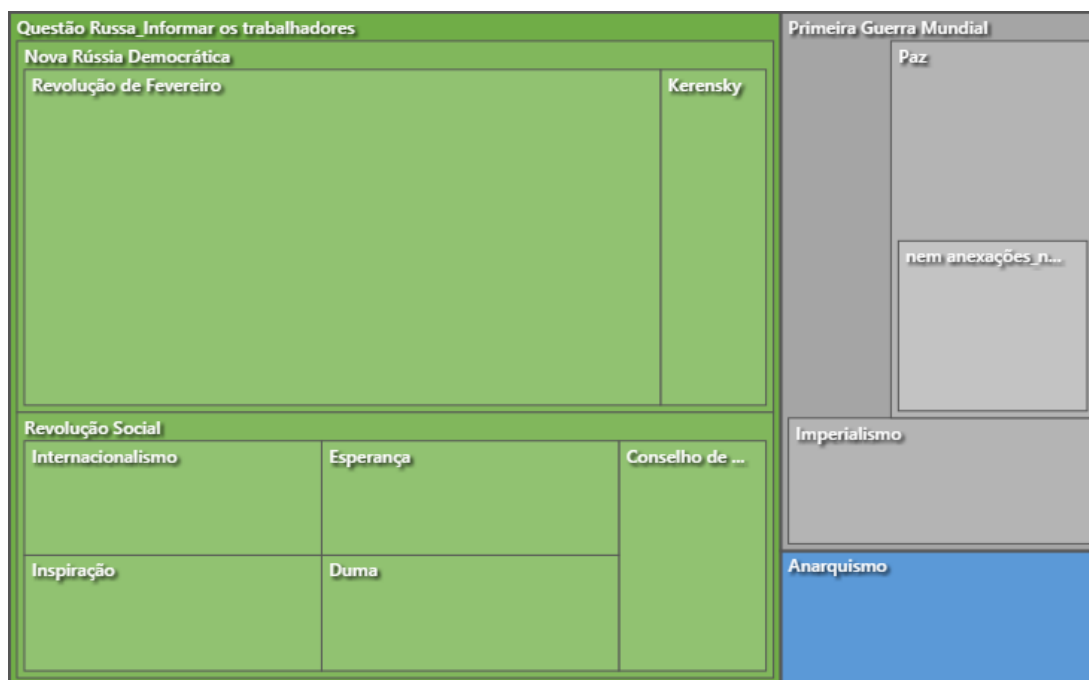


Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

A Figura 37, abaixo, demonstra palavras-chaves num desenho no qual a Revolução Russa está localizada entre os diversos grupos políticos envolvidos seja no governo provisório ou no Soviete, burgueses, liberais, democratas, socialistas, apareciam ainda indefinições quanto a política exterior e sobre o futuro do próprio processo revolucionário. A esperança estava na identificação de lideranças como Chkheidze que no jornal está identificado como Tscheidze, o qual está relacionado com a proposta de paz sem anexações nem indenizações. E essa esperança, inspirava a crença numa

¹⁸⁰ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP

GRÁFICO XVII - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia “Da tirania para a liberdade: Algo sobre a Revolução Russa”¹⁸²



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

No primeiro quadrante à esquerda do Gráfico XVII acima está posto os subtemas em torno do que se informava sobre o pós-fevereiro russo de 1917. A Revolução era vista em seu caráter de mudanças sociais, despertando inspiração e esperança estimuladas de forma significativa pelas novidades russas, a exemplo do Conselho de Operários e Soldados. Já no quadrante à direita o debate em vigência naquele momento sobre a Primeira Guerra em defesa da paz na oposição ao projeto imperialista das grandes potências e no apoio às propostas dos socialistas russos para uma paz sem anexações, nem indenizações.

No início do mês de julho de 1917, cinco meses após a queda da monarquia russa, no contexto da crise política causada pela desintegração do primeiro gabinete de coalizão do Governo Provisório, manifestações em massa aconteceram nas ruas de Petrogrado com confrontos armados entre marinheiros da base naval de Kronstadt, operários de fábricas e regimentos de guarnições com reivindicações para transferência do poder para os

¹⁸² Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM-UNESP.

soviéticos e outras de apoio ao governo provisório. Embora liderado por militantes bolcheviques, o Comitê Central do partido aprovou mais tardiamente a participação partidária. O segundo governo de coalizão e o Soviete de Petrogrado não conseguiram controlar a situação e foi utilizada a repressão com tropas mobilizadas da zona batalha e uma campanha de difamação para descrédito público dos bolcheviques sob a acusação de agentes do governo alemão (RABINOWICH, 1991, p.3).

Mandel (2017, p.197-198) analisando a relação entre as manifestações do sexto e sétimo mês de 1917 explica como os movimentos de 18 de junho, do ponto de vista dos trabalhadores, não mudou nada. Pelo contrário, a situação se tornou ainda mais alarmante: aumentou a fiscalização e repressão aos trabalhadores e soldados, as demandas salariais cresceram devido a inflação galopante e a crescente intransigência dos proprietários e a situação alimentar se deteriorava com redução em “15% das rações de pão, carne e manteiga”. Os trabalhadores ainda estavam com um “profundo sentimento de traição”, assim como ou até mais entre os soldados da guarnição de Petrogrado.

No dia três de julho foi divulgada a renúncia dos ministros capitalistas e a intenção do governo de enviar mais tropas da guarnição da cidade para o front acirrando os ânimos. Tal decisão beligerante do governo provisório, estimulou por conta própria a reunião de trabalhadores e soldados mesmo com a oposição do Comitê Executivo Central dos Sovietes, a oposição dos partidos socialistas e a tentativa do comitê de fábrica, com maioria bolchevique, de persuadi-los da necessidade de uma atuação mais organizada.

Efimov, a Putilov worker, ran to inform the Bolsheviks' district committee. The consensus was that, despite the party's decision to keep the workers from demonstrating, it was impossible to leave them on their own to the whims of fate. The Bolsheviks had to march with them. By this time, they learned that the entire city was on the move. An immense crowd had assembled at the Narva Gates, not far from the factory. Some women were shouting: 'Everybody has to go. No one should stay back. We'll watch the homes'. When the Putilov column reached Nevskii Prospekt on its way to the Tauride Palace, it was met by intelligenty, students, and officers, who tried to block the way. Some even tore down the workers' banners, telling them that it was all the work of German spies who wanted to open the way for their army to crush Russia's revolution, won so cheaply, with so few sacrifices. To this a worker replied: 'The victory came cheaply for you, but it was won on the back of the people'. And the column moved on (MANDEL, 2017, p.200).¹⁸³

¹⁸³ Efimov, um trabalhador de Putilov, correu para informar o comitê distrital dos bolcheviques. O consenso era que, apesar da decisão do partido de impedir os trabalhadores de se manifestarem, era impossível deixá-los por conta própria aos caprichos do destino. Os bolcheviques tiveram que marchar com eles. Nessa

Houve um segundo dia de manifestação de rua, esse já com o apoio, após hesitação, do Comitê Central dos Bolcheviques que defendeu a necessidade da manutenção do caráter pacífico. Na maioria das fábricas, os trabalhadores decidiram participar, com exceção naquelas com maioria dos SR's, as fábricas têxteis e os estabelecimentos de impressão. Contudo, o número de soldados no dia quatro de julho foi bastante reduzido.

No interior do Partido Bolchevique as disputas sobre o melhor momento para a insurreição se acirravam desde junho quando cresceram as reivindicações das mulheres, soldados e camponeses diante de novas ofensivas na guerra e o alastramento da fome e do caos social. O Comitê Executivo Central do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Toda a Rússia e seu semelhante camponês se reuniam no Palácio Tauride para apoiar o governo provisório, tentando acalmar as manifestações sem muito sucesso.

O protesto foi violento desde o princípio. Manifestantes aos gritos se uniram para derrubar os bondes, tirá-los dos trilhos e deitá-los sobre suas janelas estilhaçadas. Nas pontes, soldados revolucionários montaram bases para as metralhadoras. O clima era de insurreição. E não apenas entre a esquerda. “Centúrias Negras, vândalos, provocadores, anarquistas e desesperados criaram muito caos e absurdo na manifestação”, disse Lunatchárski. Entre rajadas de tiros, murros frenéticos e vidros quebrados e arremessados, a esquerda e a extrema direita se enfrentavam. Na cidade ecoavam os sons de tiros e dos cascos de cavalos. Em frente ao Conselho Municipal, na Avenida Niévski, um tiroteio sangrento irrompeu (MIÉVILLE, 2017, p.174).

No Soviete, os Bolcheviques, a esquerda dos Socialistas Revolucionários (SRs) e os mencheviques internacionalistas liderados por Martov insistiam que o arranjo político daquele momento não podia continuar. Na defesa de um governo de coalização com a burguesia se encontravam as correntes dominantes e moderadas dos SRs e dos mencheviques. Os manifestantes exigiam “Todo poder aos Sovietes”. Sitaram o Palácio Tauride para exigir a libertação de um anarquista no segundo dia da chamada “jornadas de julho” e quarto dia do mês, considerado o de maior violência nos conflitos de rua. Os SRs acreditaram que acalmariam a multidão. Enviaram o líder Chernov para um discurso

época, eles aprenderam que a cidade inteira estava em movimento. Uma imensa multidão se reuniu nos Portões de Narva, não muito longe da fábrica. Algumas mulheres gritavam: 'Todo mundo tem que ir. Ninguém deve ficar para trás. Vamos vigiar as casas'. Quando a coluna Putilov alcançou Nevsky Prospekt em seu caminho para o Palácio Tauride, foi recebida por intelectuais, estudantes e oficiais, que tentaram bloquear o caminho. Alguns até rasgaram as bandeiras dos trabalhadores, dizendo-lhes que era tudo obra de espíões alemães que queriam abrir o caminho para seu exército esmagar a revolução da Rússia, ganha tão barato, com tão poucos sacrifícios. A isso um trabalhador respondeu: 'A vitória foi barata para você, mas foi conquistada nas costas do povo'. E a coluna seguiu em frente (MANDEL, 2017, p.200, tradução nossa).

a um grupo liderado pelos marinheiros de Kronstadt que haviam atravessado o rio Neva, armados e equipados.

Aconteceu, então, um dos eventos mais dramáticos e tragicômicos do dia: Victor Chernov, o assim chamado teórico dos Socialistas-Revolucionários, foi enviado para acalmar os manifestantes no lado de fora. A multidão então o agarrou e um trabalhador com punho em riste lhe disse: “Tome o poder, seu filho da puta, quando for dado a você!”. Eles declararam que Chernov estava preso e levaram-no a um carro nas proximidades. A intervenção oportuna de Trotsky salvou o ministro (GAIDO, 2017, p.7).

Os comitês executivos do Soviete recorriam ao Exército e a esquadra, em tentativas fracassadas de dispersar os marinheiros de Kronstadt. Os representantes dos trabalhadores e soldados no Palácio Tauride, exigiam por terra, paz, controle das fábricas e questionavam a postura de apoio ao Governo Provisório. A adesão de regimentos importantes, Izmáiloski, Preobrajiénski e Semenóvski, garantiram a salvaguarda do Comitê Executivo Central e, a partir do dia 05 de julho, a repressão avançava sobre as lideranças bolcheviques num plano de difamação para desgastar a liderança de Lênin.

Mandel (2017, p.201) compreende os dias de julho como um paradoxo dentro do outro cujo exemplo foi um trabalhador ameaçando Victor Chernov, Ministro da Agricultura e membro dos SR's, para que os líderes do Comitê Executivo Central dos Sovietes, assumissem o poder. Todavia, este mesmo órgão, “mostrou-se disposto a cometer suicídio político” ao invés de ocupar o poder sem representantes da “sociedade censitária”. Por conseguinte, acusou os manifestantes de contra-revolucionários e declarou que determinaria a composição de um novo governo na sessão seguinte.

O historiador David Mandel (2017) explica que o objetivo dos trabalhadores nas “jornadas de julho” era pressionar o Soviete para formar um governo responsável exclusivamente com deputados operários, militares e camponeses, ou seja, sem “ministros capitalistas”. Contudo, o pesquisador canadense caracteriza essa postura dos manifestantes como uma “convicção ingênuas” de que os líderes do Comitê Executivo Central dos Sovietes iriam se submeter a “pressão moral das massas”.

O movimento terminou com um saldo estimado de 400 mortos ou feridos no dia 3 de julho. A maioria das vítimas resultou de confrontos entre manifestantes armados e provocadores e dos disparos pelas tropas oficiais contra os trabalhadores. Os dias de confronto somados aos rumores e publicações nos jornais de documentos forjados para acusar Lênin e os bolcheviques de cumplicidade com os alemães provocaram uma rápida

mudança no equilíbrio das forças de classe. Esse é um apontamento crucial apresentado para a compreensão do delineamento dos processos do segundo semestre culminando com a “insurreição de outubro” (MANDEL, 2017, p.203-204).

A reação dos trabalhadores à violência contra as manifestações e a repressão das semanas seguintes foi uma vivência de guerra civil dentro da democracia revolucionária porque a repressão recebeu a “sanção, ativa ou passiva”, dos líderes socialistas moderados do Comitê Executivo Central dos Sovietes.

This deeply shook workers, disoriented them and blocked their path to further action. Before long, however, the shock wore off and gave way to rage, and it was no longer directed only at census society but increasingly also at the 'conciliators' within revolutionary democracy, a concept that itself was now put into question. Two competing emotions, fear and anger, coexisted, neither able to gain the upper hand. For most workers, only the October insurrection would resolve the conflict (MANDEL, 2017, p.204).¹⁸⁴

A violência contra os trabalhadores, bolcheviques e simpatizantes se acirrou e muitas lideranças foram presas. As instalações dos Comitês dos Bolcheviques, Central e de Petersburgo, foram invadidas e saqueadas pelas tropas do governo. O Partido Bolchevique ficou sem seus líderes e a maioria dos militantes durante quase todo mês de julho e a maior parte de agosto, a gráfica do partido foi demolida e o Pravda foi fechado. Além disso, jornais bolcheviques provinciais, mencheviques e quaisquer publicações que demonstrassem ser contrárias a subordinação aos militares ou estimulasse ações contrárias ao governo. Foram implementadas medidas repressivas para diversos alvos, sociais-democratas e liberais, os trabalhadores e as unidades militares que participaram dos atos de protesto foram desarmadas e a pena de morte foi reintroduzida para soldados na frente de guerra.¹⁸⁵

¹⁸⁴ Isso abalou profundamente os trabalhadores, desorientou-os e bloqueou seu caminho para novas ações. Em pouco tempo, no entanto, o choque passou e deu lugar à raiva, e não era mais direcionado apenas para sociedade do censo, mas cada vez mais também aos 'conciliadores' dentro da democracia revolucionária, um conceito que agora foi posto em causa. Duas emoções competindo, medo e raiva coexistiram, nenhum dos quais foi capaz de vencer. Para maioria dos trabalhadores, apenas a insurreição de outubro resolveria o conflito (MANDEL, 2017, p.204, tradução nossa).

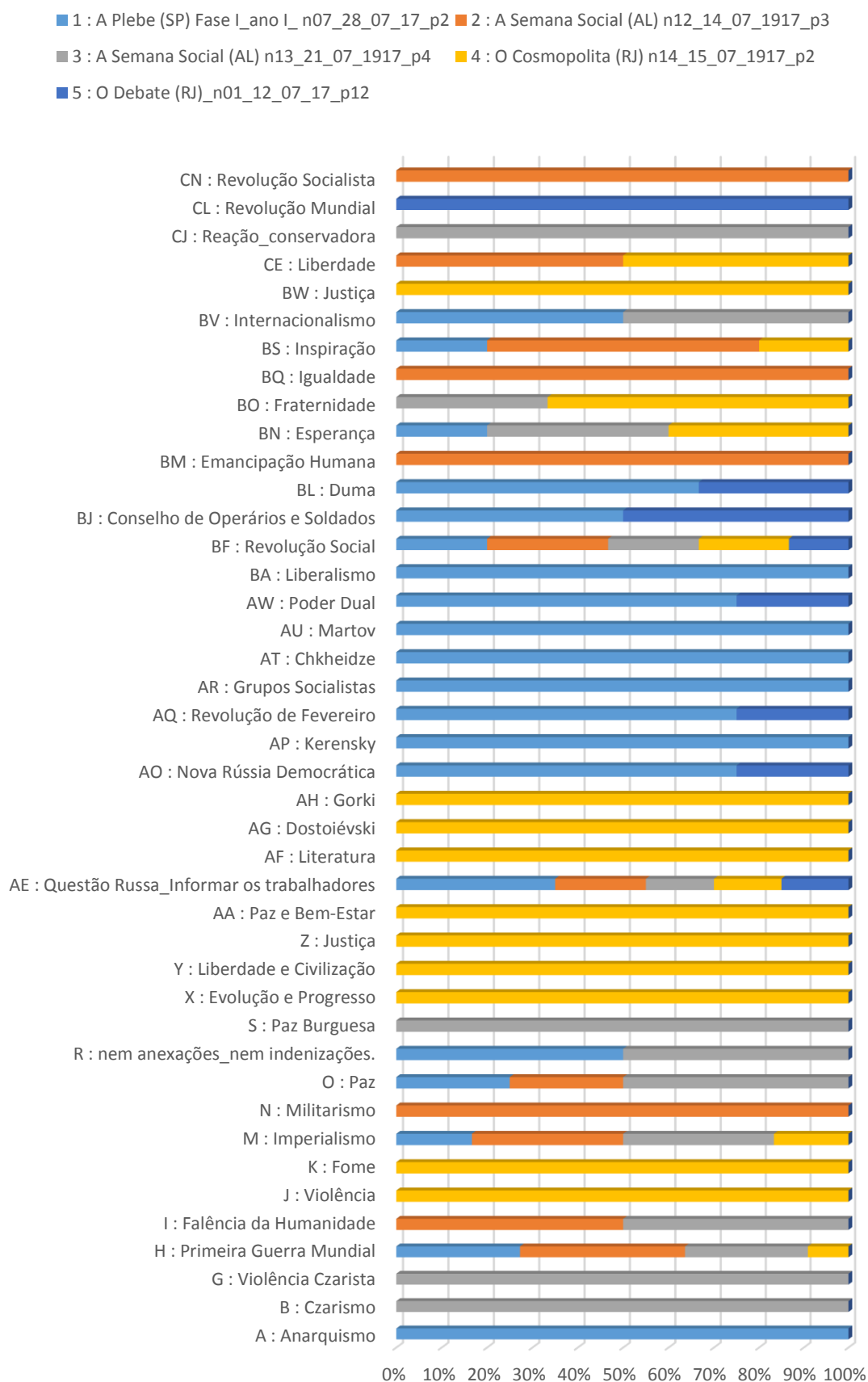
¹⁸⁵ O jornal Pravda dos bolcheviques foi lançado em 1912 e editado na base dos recursos financeiros recolhidos pelos próprios operários e tinha uma difusão que alcançava os 40 mil exemplares. Publicava cartas e artigos dos operários. A tiragem de alguns números do jornal atingiu 60 mil exemplares. O Pravda foi alvo de constantes perseguições policiais. No primeiro ano da sua edição foram 36 processos judiciais contra os seus redatores. Ao todo, os redatores estiveram na prisão 47,5 meses. O jornal foi encerrado pelo governo czarista oito vezes, mas continuou a sair sob outros nomes. Nessas condições difíceis, os bolcheviques conseguiram editar 636 números do Pravda durante mais de dois anos. Em 8 (21) de Julho de 1914 o jornal foi encerrado. A edição do Pravda reiniciou-se a partir de 5 (18) de Março de 1917 e começou a publicar-se como órgão do Comitê Central e do Comitê de Petersburgo do Partido Bolchevique. A 5 (18)

O Comitê Executivo Central dos Sovietes foi conivente com a política repressiva, pois naqueles dias os ministros dos Cadetes já haviam renunciado em primeiro de julho e a maioria do governo estava formada por oriundos do Comitê Executivo Central dos Sovietes. O segundo governo de coalizão formado em 7 de julho era na prática um “governo soviético”, já que seu primeiro-ministro e outros ministérios mais importantes, inclusive o ministro do Interior, Tsereteli (menchevique), eram delegados soviéticos e oficialmente adotaram o programa do seu órgão de origem.

Foi nesse contexto da crise de julho e com um clima de notícias também pautado por indefinições sobre os rumos da Revolução que podemos verificar no Gráfico XVIII, abaixo, como os principais temas das notícias da Revolução Russa estavam presentes nos conteúdos dos jornais operários no mês de julho.

de Abril, depois do seu regresso do exílio, Lênin fez parte da redação e direção do Pravda. Em Julho-Outubro de 1917 o Pravda, perseguido pelo governo provisório mudou de nome por mais de uma vez e publicou-se como Folha do Pravda, Proletário, Operário e Via Operária. A partir de 27 de Outubro (9 de Novembro) de 1917, o órgão central do partido recomeçou a publicar-se sob o título inicial de Pravda, quando chegou a vender cerca de 100.000 exemplares diários. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/p/pravda.htm>; <https://br.rbth.com/historia/82125-pravda-historia-jornal-revolucao>. Acessado em: 28/03/2020.

Gráfico XVIII - Comparação da Codificação Temática - Julho de 1917



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.¹⁸⁶

O Gráfico XVIII ao sistematizar a comparação da codificação temática entre os jornais que publicaram notícias no mês de julho demonstra como o Jornal *A Plebe* apresentou a maior diversidade de temas, constantemente citando sua fontes da imprensa operária europeia. É possível constatar como todos os jornais possuíam uma importante demanda: informar e esclarecer os trabalhadores sobre a Revolução Russa e se contrapondo às versões da “imprensa de grande tiragem”.

Em seguida verifica-se o conteúdo desenvolvido em torno da Primeira Guerra e Revolução Social que se desdobraram em subtemas. A posição dos jornais em defesa da paz e com análises de que a Revolução Russa levaria a uma paz sem anexações nem indenizações conforme chegava as notícias das posições dos grupos socialistas russos. Pois, a imprensa operária no mês de julho já demonstrava está ciente de que na liderança desse processo revolucionário não havia a presença de correntes anarquistas.

O tema da Revolução Social é o segundo na ordem de importância nas notícias sobre a Revolução Russa e multiplicador de outros subtemas, onde se sobressaem as seguintes: Esperança, Fraternidade, Inspiração, Internacionalismo e Liberdade. No mês de julho, Aureliano Luna publicou um trecho do poema de Hermes Fontes que transmite os anseios e ideias geradas pela recepção das notícias sobre a Revolução Russa:

Desaparecerá a horrível avantesma, pesadelo das Almas progressistas.
E tu, consciência humana, integrada em ti mesma para a capacidade superior de ser livre, ser justa e soberana, has de empreender as mais luminosas conquistas pela Felicidade Humana, pela perpétua paz e para o mutuo do amor.¹⁸⁷

A visão internacionalista da política operária produzia uma grande expectativa de que o avanço da Revolução Russa provocasse o fortalecimento das atividades revolucionários como prospecta o periódico paulista *A Plebe*: “depois do desenvolvimento interior da revolução russa, e que, evidentemente, mais nos pode interessar é a sua influência nos outros países, sob as atuais circunstâncias, e especialmente na Alemanha”.¹⁸⁸

¹⁸⁶ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP; Jornal *A Semana Social*, Maceió, 14 de julho de 1917, p.3. CEDEM – UNESP; Jornal *A Semana Social*, Maceió, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM – UNESP; Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP; Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

¹⁸⁷ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

¹⁸⁸ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, p.2-3. CEDEM – UNESP.

O jornal *O Debate* desde o início do mês de julho possuía através das observações de Astrojildo Pereira a visão de que havia uma luta pela estabilização política que seria vencida pelo proletariado representado pelo Comitê de Operários e Soldados com seus grupos “democratas, socialistas e anarquistas” e promoveria uma repercussão estimuladora de ações revolucionárias pelos povos na reconstrução dos “alicerces que estavam abalados pelo fragor inaudito dos grandes canhões destruidores”.¹⁸⁹

A imprensa operária no sétimo mês de 1917 estava atualizada com as pressões das grandes potências internacionais para a continuidade da Rússia na Guerra e compreendia ser fundamental a posição do Conselho de Operários e Soldados para a opção por uma paz diferenciada da imposição de perdas territoriais e financeiras. É o que constatamos por exemplo em *A Semana Social*:

Desde que o comitê de Soldados e Operários forçou o governo provisório a declarar que aceitaria a paz sem anexações nem indenizações ficou, *ipso facto*, rompido o pacto de Londres. Toda a gente sabe que a burguesia franco inglesa só quererá a paz quando for destruída a obra de Bismark, isto é, quando o império alemão se findar. Ora os russos não acompanharão os seus antigos aliados nessa empresa.¹⁹⁰

Ademais, as observações do Gráfico XVIII tornam possível verificar o acesso ao conhecimento dos principais líderes políticos e suas posições, como também da obra e ação dos literatos russos, das ameaças da reação conservadora imperialista e da grande possibilidade naquele início de século de uma mudança radical na rota das sociedades em direção à uma evolução da civilização sustentada pelos princípios políticos da igualdade, liberdade e fraternidade.

Enquanto isto, um povo - escravizado povo da Rússia - guiado pelas vozes dos que há muito ali pregam os benfazejos ideais, investe pela liberdade, e, para terror dos palacianos, soldados e trabalhadores se confraternizam para um passo maior - o grande passo da Revolução.¹⁹¹

No contexto russo, as jornadas de julho refletem o paradoxo da Revolução de Fevereiro. Trotsky assim formula as condições nas quais os democratas pequeno-burgueses mencheviques e socialistas revolucionários “receberam o poder das mãos do povo revolucionário”, pois “não conquistaram o poder, tomaram posse dele contra sua

¹⁸⁹ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1917, p.12. CEDEM – UNESP.

¹⁹⁰ Jornal *A Semana Social*, Maceió, 21 de julho de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

¹⁹¹ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

vontade” e “contra o desejo das massas, tentaram entregar este poder à burguesia imperialista”.

O povo não confiava nos liberais, mas confiava nos conciliadores. Os conciliadores, contudo, não confiavam neles mesmos. E nisso eles estavam certos. Mesmo entregando todo o poder à burguesia, os democratas continuaram a ser alguma coisa. Mas quando tomaram o poder em suas próprias mãos, eles ficaram reduzidos a nada. Dos democratas, o poder quase automaticamente deslizou para as mãos dos bolcheviques. Isso era inevitável, pois tinha origem na insignificância orgânica da democracia russa (TROTSKY, 2007, p.529).

Não obstante, essa condição aparente de controle do governo pelos socialistas moderados foi apenas um antecedente para concessões mais amplas aos representantes da sociedade do censo. Após um breve conflito entre a centro-esquerda do Comitê Executivo Central dos Soviéticos e os líderes políticos do censo foi formada uma terceira coalizão com a participação de cinco ministros cadetes. E pela primeira vez, o governo não adotou o programa nem buscou a provação dos soviéticos. O representante dos mencheviques, Tsereteli, justificou essa posição como a necessidade de uma plataforma nacional onde os poderes das organizações revolucionárias deveriam ser limitadas (MANDEL, 2017, p.208).

Alexander Rabinowitch (1991) examinou com profundidade e detalhe as causas das crises de junho e julho, bem como o papel e os objetivos do Partido Bolchevique em sua organização e desenvolvimento. O foco desse estudo é a capital, Petrogrado, no contexto das inquietações e conflitos em grandes proporções associado ao forte apoio aos bolcheviques, mais avançado naquele momento do que nas províncias e na frente. As observações foram centradas nas atividades e atitudes das organizações partidárias bolcheviques locais tanto quanto em Lênin e no Comitê Central do Partido.

Distintamente, Rabinowitch (1991) constatou a existência de diferenças significativas de perspectivas entre as facções internas do Partido Bolchevique imediatamente após a Revolução de Fevereiro e no período de outubro tanto quanto em meados do verão de 1917. E para explicar essas chaves de leitura, examina três organizações do Partido Bolchevique: o Comitê Central, a Organização Militar de Toda a Rússia e o Comitê de Petrogrado, a partir de suas próprias responsabilidades e interesses.

O referido historiador considera que o Comitê Central formulava políticas gerais e coordenava as atividades, formado por nove homens eleitos no final de abril de 1917 e

estavam divididos entre radicais e moderados, mas suas posições foram mais cautelosas antes de julho. Já a Organização Militar Bolchevique foi criada em março de 1917 pela organização do partido em Petrogrado com o propósito de conduzir a atividade revolucionária na guarnição da cidade e na base naval de Kronstadt. No mês de abril foi colocada diretamente sob a direção do Comitê Central e designada a tarefa de conquistar o apoio das forças armadas na frente de batalha e na retarguarda para transformá-las numa força revolucionária confiável e disciplinada.

Ademais, a Organização Militar Bolchevique desde a sua criação possuía grande autonomia e devido ao espírito radical de sua liderança, a pressão em massa dos seguidores da guarnição desesperados pela possibilidade da revolução socialista ocorresse tarde demais para salvá-los da morte na frente e a confiança inevitavelmente inspirada por forças substanciais armadas. A Organização Militar dirigia-se geralmente a se posicionar à esquerda do Comitê Central sobre questões relativas ao desenvolvimento da revolução.

Por fim, o Comitê de Petersburgo era liderado por uma pequena Comissão Executiva e composto por representantes de comitês partidários distritais. Foi o órgão responsável por dirigir as atividades bolcheviques na capital. Todavia, a presença do Comitê Central na cidade e a significativa importância dos acontecimentos em Petrogrado para o resto do país fez a autoridade de Petrogrado um comitê ambíguo e levou ao atrito contínuo entre os dois órgãos partidários. As tensões entre o Comitê Central e o Comitê de Petrogrado aumentava conforme a radicalização do distrito e dos líderes partidários em níveis das unidades partidárias. E dependiam também da inquietação das massas da capital e sua receptividade aos slogans bolcheviques, assim como, da aparente fragilidade do governo provisório. Tais fatores tornaram os membros do partido na capital impacientes por uma ação revolucionária.

A caracterização dos órgãos partidários elaborada por Rabinowitch (1991) aponta para uma chave de leitura fundamental na compreensão da política revolucionária dos bolcheviques de Petrogrado no período de junho a julho: é preciso olhar para a ação do grupo partidário como um produto das respostas muitas vezes bastante diferentes dessas três organizações para a situação prevalecente e das diferentes interpretações que deram à concepção de revolução de Lênin.

As diferenças partidárias entre os bolcheviques, qualificadas por Rabinowitch (1991, p.229-230) como “fissuras” se desenvolveram logo após a Revolução de Fevereiro quando a organização do partido na capital ainda era pequena com aproximadamente 2000 filiados. Os grupos conservadores e radicais surgiram rapidamente em torno de divergências a respeito das questões em torno da guerra e do Governo Provisório.

Os resultados das Conferências realizadas em Abril foram a confirmação da liderança política e ideológica de Lênin, a permanência de diferenças intrapartidárias fundamentais e muitas questões organizacionais básicas sem resposta. Enquanto isso, aconteciam os primeiros sinais de desencanto com a Revolução de Fevereiro para os trabalhadores, camponeses e soldados russos. Na capital, entre abril e junho houve um intenso crescimento da filiação partidária aos Bolcheviques, proporcionando ao partido, desempenhar um papel de destaque na vida política da capital. A maioria dos novos filiados eram os denominados “recrutas verdes”, trabalhadores e soldados impacientes e insatisfeitos que sabiam pouco ou nada de teoria política e se importava menos com a disciplina do partido.

Os desafios da atuação de Lênin nesse cenário ao fim da primeira metade de 1917 foram sistematizados por Rabinowitch (1991) com os seguintes aspectos: superar o conservadorismo do Comitê Central, manter milhares de novos seguidores impetuosos, além de controlar os novos militantes diante da radicalização do Comitê de Petrogrado e das Organizações Militares até o momento propício para a tomada do poder. Tais tarefas apresentaram diversos obstáculos: primeiro, a “Crise de Abril”, quando militantes da organização partidária de Petrogrado, sem a autorização do Comitê Central, iniciaram as etapas para derrubar o governo provisório. Segundo, os preparativos para a manifestação de 10 de junho quando o Comitê Central autorizou uma demonstração pacífica e a Organização Militar no dia anterior se preparou para um possível confronto armado e o Comitê Bolchevique de Vyborg planejou com armamentos a apreensão dos serviços públicos vitais. A intervenção do Comitê Central e da Delegação do partido no I Congresso dos Sovietes conseguiu interromper os arranjos apenas onze horas antes do início previsto das ações para o dia 10 de junho.

A postura de Lênin foi em escolher ver a manifestação acontecer ao invés de periclitir uma ruptura com os Sovietes. Ainda assim, demonstrando uma leitura consciente do perigo de uma revolta precipitada na capital, insiste na necessidade de

organização, paciência e disciplina, defendendo essa visão em discurso no Comitê de Petersburgo em 11 de junho, na mensagem para a Conferência Pan-Russa das Organizações Militares Bolcheviques e nos temas de editoriais do Pravda.

O desenrolar das semanas entre a crise de junho e os dias de julho foi com a intensificação da agitação nas fábricas de Petrogrado e nos regimentos militares, o aumento da impaciência e desejo de ação direta pelos mais radicais do Comitê Bolchevique e a Organização Militar de Petrogrado. Dessas tensões, as divergências ampliaram-se entre o Comitê Central e as atividades bolcheviques do distrito e à nível local e os eventos de 18 de junho possuíram significado especial.

Os bolcheviques conseguiram tornar a demonstração de massa na rua, em 18 de junho, patrocinadas pelo I Congresso Pan-Russo dos Sovietes de deputados operários e soldados como expressão de apoio ao programa bolchevique. E a resposta do Governo Provisório foi o lançamento da longa ofensiva das forças militares russas na frente beligerante sudoeste. A avaliação dos militantes aliados de Kamenev era de que o curso correto do partido seria a moderação com a ampliação do estágio liberal burguês.

Por outro lado, os membros do partido com inclinações mais radicais tais como: o Comitê de Petersburgo (Latsis, Stukov e Zalutsky), a Organização Militar (Podvoisky, Nevsky, Beliakov, Semashko, Sakharov) e o Comitê Bolchevique de Kronstadt, exaltavam as manifestações em 18 de junho como a evidência mais suficiente de que as forças à disposição do partido eram mais do que adequadas para apreensão do poder, enquanto a nova ofensiva militar governamental e a convocação oficial das tropas de guarnição eram indicações de que a Revolução estava em perigo.

Nos primeiros dias de julho, o primeiro regimento de metralhadoras desencadeou uma revolta organizada com a ajuda da Organização Militar Bolchevique, apoiada por membros comuns do partido em toda a capital e em Kronstadt, depois a Comissão Executiva do Comitê de Petersburgo na II Conferência da Cidade aprovaram formalmente a participação no movimento. Finalmente, tardiamente e relutantemente, o Comitê Central concordou em assumir a frente das “jornadas de julho”.

No intuito de compreender o papel bolchevique na preparação e organização do levante de julho, Rabinowitch (1991) em suas pesquisas considerou que o movimento de julho foi em parte consequência da propaganda e agitação anti-governo realizada pelos bolcheviques durante meses. Por outro lado, os bolcheviques comuns das fábricas de

Petrogrado e regimentos militares desenvolveram papel de liderança na organização da “jornada de julho”. Ao mesmo tempo, a liderança da Organização Militar e parte do Comitê de Petrogrado encorajaram o movimento contra a vontade de Lênin e do Comitê Central.

Havia nesse contexto em meados do verão de 1917 uma resistência dos soldados da guarnição de Petrogrado para aceitar o embarque ao front e uma insatisfação acirrando-se por parte dos trabalhadores fabris na capital, de soldados e marinheiros da frota do Báltico, com a manutenção do esforço de guerra e os limitados resultados sociais e econômicos da Revolução de Fevereiro.

Quando as expectativas populares de mudanças significativas estavam bastante elevadas e grandes grupos políticos pediam apoio ao esforço de guerra, o programa mais radicalizado dos bolcheviques, somado a sensibilidade do partido às necessidades e aspirações de cidadãos comuns, contribuíram para adquirir, em alguns meses, influência e força consideráveis. Dessas percepções, Rabinowitch (2017) apresenta outras reflexões dos dias de julho no que se refere à imagem tradicional do partido Bolchevique em 1917 como uma organização essencialmente unida, autoritária e conspiratória, firmemente controlada por Lênin.

Com bases em pesquisas empíricas exaustivas, concluí que essa imagem guardava pouca relação com a realidade. Não apenas pelo fato de que de cima a baixo, desde março de 1917, a organização Bolchevique incluísse facções de esquerda, de direita e centristas, cada uma das quais ajudando a moldar a política do partido. Não menos importante, me pareceu, era o fato de que, em meio a condições instáveis, variando localmente e em constante mudança, como as que prevaleceram na revolucionária Petrogrado em 1917 (para não falar da Rússia como um todo), o Comitê Central Bolchevique era simplesmente incapaz de controlar as instâncias formalmente subordinadas a ele. As organizações de base eram relativamente livres para adaptar seus recursos e táticas às suas percepções das situações locais reais. A importância desse fator na interpretação do comportamento do partido Bolchevique durante a revolução de 1917 é, conforme concluí, difícil de superestimar (RABINOWITCH, 2017, p.2).

A derrota sofrida pelos bolcheviques em julho foi menos grave do que se poderia esperar e na derrota da tentativa de golpe liderado pelo General Kornilov, o Partido Bolchevique mais do que recuperou suas perdas e nos últimos dias de agosto conquistaram a maioria no Soviete de Petrogrado pela primeira vez. E no mês seguinte,

Lênin estava exortando a liderança bolchevique na capital para derrubar o Governo Provisório.

As inovadoras, profundas e extenuantes pesquisas de Rabinowitch (2017, p.3) sublinham como a organização bolchevique em Petrogrado era aberta e sensível às preocupações das massas populares. O que apesar de ter causado grande dificuldade em julho, foi a longo prazo, justamente “as extensas e cuidadosamente cultivadas conexões dos Bolcheviques com uma miríade de organizações de trabalhadores e unidades militares foram uma fonte importante da força do partido e de sua capacidade final de assumir o poder”.

O ambiente entre a maioria dos trabalhadores da capital, logo após o colapso da insurreição de julho, não era muito militante. Os trabalhadores que participaram das manifestações ainda estavam impactados com a violência repressiva, e assim, muito rapidamente, a correlação de forças se tornou desfavorável para os trabalhadores que precisaram enfrentar o isolamento político.

Os participantes das “jornadas de julho”, malgrado o medo, cansaço e desejo para restaurar a unidade da democracia revolucionária como defesa à ameaça de contra-revolução, permaneciam com a posição de defesa da exclusão das classes proprietárias da representação no governo. Conquanto, os esforços dos mencheviques e SRs para colocar a culpa pelos mortos e feridos nos bolcheviques, esses não perderem o apoio conquistado entre os trabalhadores. Sem embargo, o aprofundamento da crise econômica e a ameaça constante da contra-revolução com apoio de grupos da social-democracia, fizeram os trabalhadores repensarem suas estratégias de pressionar o Comitê Executivo Central dos Sovietes e encontraram um caminho apenas entre setembro e outubro quando os soviets aderiram ao objetivo do poder soviético.

Lo sviluppo della rivoluzione sociale russa tra il marzo e il novembre 1917 non procedette su di una linea ininterrotta. Dopo i primi quattro mesi di costante "approfondimento" della rivoluzione - manifestatosi in un crescente disprezzo da parte degli operai e dei soldati per l'autorità non solo del governo provvisorio, ma anche del soviet; nelle invasioni di terre; nelle confische di case nelle città; nel dissolversi dell'autorità degli ufficiali nelle file dell'esercito - il movimento verso sinistra fu arrestato in modo netto, sebbene non definitivo, in conseguenza delle disordinate e mal preparate dimostrazioni e sommosse che sono passate

alla storia col nome di "giornate di luglio" (CHAMBERLIN, 1972, p.272).¹⁹²

A experiência traumática dos dias de julho sobre os trabalhadores impediu a maioria deles de continuar o tipo de iniciativa política demonstrado nos primeiros seis meses da revolução quando a iniciativa vinha deles e eram seguidos pelo próprio partido bolchevique. Após as experiências da primeira semana do sétimo mês de 1917, no entanto, foi o partido quem levou os trabalhadores e de forma mais audaciosa. Os ativistas do comitê de fábrica, por exemplo, a maioria dos quais eram bolcheviques ou simpatizantes, continuaram a insistir que o controle dos trabalhadores não era socialismo, mas apenas uma aprendizagem para tal objetivo. Por isso era equivocado aceitar a responsabilidade de administrar as fábricas e os funcionários. No ritmo desses processos pós-julho, a própria lógica da situação forçava os ativistas cada vez mais a abandonar sua concepção inicialmente burguesa-democrática da revolução (Mandel, 2017, p.216).

No mês de julho, quando os conflitos se acirravam na sociedade russa, mas ainda havia indefinições quanto ao resultado político da derrubada do Czar em 1917 e os ecos desse cenário estavam na imprensa operária no mês de julho em três periódicos: *A Semana Social*, *O Cosmopolita* e *A Plebe*. Os temas mais divulgados estavam em torno do debate sobre o caráter da paz que seria adotada, confiando na proposta bolchevique da paz “sem indenizações nem anexações”. É possível verificar também que apesar do processo revolucionário se encontrar sob inconstância e na disputa dos seus rumos, os jornais operários publicavam um conteúdo que provocavam temas tais como: esperança, inspiração, fraternidade, liberdade e internacionalismo em torno das expectativas produzidas pela experiência russa enquanto uma Revolução Social.

No subitem 4.1.1. foram analisadas as notícias na imprensa operária sobre a Revolução Russa no mês de julho a partir da codificação temática realizada através do software NVivo®. Consonante com esse contexto histórico das crises políticas e das incertezas dos processos russos no final do primeiro semestre de 1917. Apresentou-se as pesquisas mais destacadas no meio acadêmico em termos de inovação e aproveitamento

¹⁹² O desenvolvimento da revolução social russa entre o março e novembro de 1917 não ocorreu em uma linha ininterrupta. Após os primeiros quatro meses de constante "aprofundamento" da revolução - manifestada em um desprezo crescente por parte dos trabalhadores e soldados pela autoridade não só do governo provisório, mas também do Soviete; em invasões de terra; no confisco de casas nas cidades; na dissolução da autoridade dos oficiais nas fileiras do exército - o movimento à esquerda foi interrompido bruscamente, embora não definitivamente, como resultado das manifestações e motins desordenados e mal preparados que ficaram na história como "Dias de julho" (CHAMBERLI, 1972, p.272, tradução nossa).

das fontes historiográficas abertas nas últimas décadas, proporcionando novos objetos e renovações nas abordagens acadêmicas.

5. A tentativa de golpe de Kornilov e a Revolução de Outubro nas páginas da imprensa operária brasileira.

Nos subitens seguintes, as notícias da Revolução Russa entre agosto e novembro serão apresentadas em diálogo com as produções historiográficas, o conteúdo jornalístico de acordo com as publicações dos respectivos impressos operários e assim intituladas: 5.1 “As notícias da Revolução Russa em agosto de 1917 no jornal *A Plebe* (SP)”, 5.2 “As notícias da Revolução Russa em setembro de 1917 no jornal *O Debate* (RJ)” e 5.3 “As notícias da Revolução Russa entre outubro e novembro de 1917 nos jornais *O Debate* (RJ) e *O Cosmopolita* (RJ)”.

5.1 As notícias da Revolução Russa em agosto de 1917 no jornal *A Plebe* (SP).

O mês de agosto começa com os trabalhadores numa posição defensiva após serem prejudicados por sua derrota nas jornadas de julho pela reação armada do Governo Provisório, apoiado pelos líderes socialistas moderados. Por outro lado, no penúltimo mês do verão russo, as forças da direita política moveram-se para a ofensiva, na expectativa de conquistar vantagem com esse enfraquecimento das classes populares.

Cabe ressaltar que as notícias divulgadas pelos jornais da imprensa operária brasileira se referiam em seu conteúdo geral aos acontecimentos do centro revolucionário da Rússia em 1917, Petrogrado, cuja população durante a guerra cresceu para 2,4 milhões de habitantes. Dentre estes havia 400.000 operários fortemente concentrados nos setores de metal e engenharia que possuíam algumas das maiores fábricas do mundo.

No meio da Revolução de Outubro em Petrogrado, John Reed foi informado por um oficial do exército antibolchevique que "a Rússia não é uma cidade, mas um país inteiro." Como muitos setores das classes superiores, o oficial esperava que o resto da Rússia se levantasse e esmagasse a Petrogrado Vermelha. Em certo sentido, o oficial estava correto. Petrogrado não era a Rússia, mesmo as cidades e vilas não eram a Rússia. Cerca de um décimo dos habitantes urbanos da Rússia vivia em Petrogrado. Mas apenas um em cada cinco russos morava em uma cidade. Politicamente, porém, o oficial estava errado. A Rússia não veio em auxílio da reação. A maior parte seguiu a trilha traçada pelos operários de Petrogrado. Esse movimento foi mais lento e hesitante, mas no outono de 1917 o ritmo dos eventos se acelerou em todo o país. Em outubro, quase 70% das fábricas nas áreas centrais da Rússia haviam estabelecido seus próprios comitês de fábrica; 108 conferências do comitê de fábrica e 94 conselhos centrais de um tipo ou de outro foram localizados em diferentes cidades e regiões do país. Setenta e sete

desses conselhos centrais estavam fora de Petrogrado (HAYNES, 2017, p.6-7).

Mike Haynes (2017) avalia que o poder soviético não seria conquistado na Rússia sem apoio dos camponeses e exército. E se inicialmente os camponeses não se interessavam pelo socialismo, mas pela terra que não foi oferecida pelo governo provisório influenciado pelos latifundiários, o número de “motins” camponeses cresceu em 1917. Os camponeses confiscaram terras; pegaram ferramentas, máquinas e madeira de propriedades; queimaram casas senhoriais e atacaram proprietários e seus agentes que os oprimiam. Porém, os partidos camponeses não exortavam à ocupação das terras como os bolcheviques que inclusive adotaram em outubro o programa agrário dos SR’s.

De acordo com Haynes (2017), o exército gradativamente se afastou do antigo regime, em 1914 foram 15,5 milhões uniformizados, três anos depois, restavam apenas 9 milhões, com 7 milhões na frente de batalha. Quase metade dos trabalhadores do sexo masculino foi despojada do campo para o alistamento compulsório. Após o primeiro ano de guerra, o patriotismo foi superado e os soldados estavam “amargurados e desiludidos” em 1917. A Ordem nº 1 do Soviete de Petrogrado “deu-lhes voz, exigiam direitos e dignidade”, assim como os trabalhadores, também começaram a constituir comitês. Os bolcheviques tinham muito mais influência no exército do que entre os camponeses, porque geralmente as tropas identificavam nos sovietes, principalmente no Soviete de Petrogrado, como sua liderança. Quanto mais perto as tropas estavam das áreas da classe trabalhadora e dos sovietes, mais pró-bolcheviques se tornavam em outubro. Mas em todos os lugares a demanda mínima era por paz e terra, e isso era o resumo do programa bolchevique.

Não, a Rússia não era uma cidade, mas a Rússia dos trabalhadores, camponeses e soldados comuns olhava para essa cidade. Petrogrado, disse Lênin em 1917, “é o centro geográfico, político e revolucionário da Rússia. Toda a Rússia segue após a vida de Petrogrado. Cada etapa de Petrogrado é um exemplo de orientação para a Rússia” (HAYNES, 2017, p.7).

Sarah Badcock (2007, p.1-3) considera as novas pesquisas da historiografia da revolução desde o fim da União Soviética com a abertura dos arquivos, como uma mudança de foco das capitais e das “elites políticas” para novas abordagens sociais e políticas da Revolução. Por exemplo, a investigação dos eventos revolucionários fora das capitais e a experiência vivida da Revolução pelas pessoas comuns, a maioria rural, desenhando uma “imagem complexa e multifacetada” dos eventos da revolução.

A referenciada historiadora inglesa como conclusão das suas investigações nas regiões das províncias Nizhnii Novgorod e Kazan em 1917 afirma que “localismo e interesses econômicos” dominavam as respostas das “pessoas comuns” em 1917. E faz apontamentos comparativos ao indicar que as pessoas comuns em áreas urbanas e rurais foram pragmáticas em suas respostas à revolução e agiram de acordo com a percepção de seus próprios interesses.¹⁹³

Badcock (2007, p.242-243) enfatiza que as respostas das “pessoas comuns” para a Revolução estão relacionadas com a complexidade e variedade de vida das pessoas. Se forem considerados os soldados, alguns foram moderados e cautelosos com apoio ao Governo Provisório, outros tornaram-se radicalmente politizados, ainda houve aqueles que desertaram, roubaram, beberam, perseguiram mulheres e pegaram trens sem pagar. Entre os camponeses, muitos podem ter utilizado linguagem revolucionária e defesas legais pelo controle da terra, madeira e economia local, mas também em outras situações usaram intimidação e violência para apoiar suas reivindicações. A administração dos trabalhadores mostrou-se na crise da oferta de alimentos, procurando defender seu próprio grupo e desconsiderando as necessidades de outras pessoas da cidade.

A militarização em massa da Rússia produziu fortes impactos nas vidas das pessoas comuns, como é possível verificar no caso das esposas dos soldados entre fevereiro e outubro de 1917 nas províncias de Nizhnii Novgorod, Kazan e Tambov quando, apesar de níveis relativamente baixos de organização formal, fizeram uma marca significativa na política revolucionária local com queixas comuns centradas na inadequação do apoio estatal ao contexto de aumento dos preços e escassez de alimentos. Elas operavam coletivamente para reivindicar através de petições ou manifestações públicas, procuravam assim o reconhecimento dos seus direitos como cidadãos na política local. E com o crescimento das demandas em 1917, o governo não conseguiu amortecer-las da profunda crise econômica. As esposas dos soldados rejeitaram os soviets e a

¹⁹³ Badcock (2007, p.5) esclarece que utiliza o conceito “elite política” para se referir tanto à elite política no centro do poder em Petrogrado como para aqueles indivíduos que estavam em posições de autoridade na política regional. Enquanto o termo “pessoas comuns” é usado como a maneira menos crítica e mais ampla para descrever os indivíduos que não eram ativos na política formal e estruturas administrativas que se desenvolveram em 1917. A autora ressalta não abordar de forma homogênea “pessoas comuns”, mas permite espaço para a variedade de identidades diferentes adotadas por eles. E os dois termos, “elite política e pessoas comuns”, devem ser entendidos de maneira aberta e não necessariamente mutuamente exclusivas. Assim, “pessoas comuns” podem ser descritas como membros da “elite política”, como a situação de participarem da administração ou liderança local. Por fim, os termos são úteis na compreensão de políticas de base e na comunicação entre “líderes políticos e seus constituintes”.

liderança do governo provisório, contribuindo para aumentar o sentimento de crise política em 1917. Dessa forma, elas oferecem um exemplo próprio de participação feminina em política revolucionária com sua especificidade feminina, civil e rural (BADCOCK, 2004; 2007).

The experience of war permeated every section Russian society in both urban and rural provincial life and was a major contributing factor to the pervading sense of crisis. Soldiers were not just ‘peasants in greatcoats’. Their identities were complex and could involve ethnicity, religion, local identities and so on. Soldiers’ wives also had complex identities, though their use of the ‘soldatka’ label indicates that this category was a well-recognised and with the state transformed by the February revolution. For soldiers, the utilised identity. Both soldiers and their wives had their relationship revolution offered them the status of soldier-citizen, who could question authority and whose support for the state was conditional. For soldatki, the political revolution of February 1917 dramatically heightened popular expectations of what the state could deliver and offered a more open forum for expressing desires and concerns, but correspondingly worsened the economic and administrative problems Russia faced. This repositioning of the relationship between citizen and state lay at the heart of problems in governing Russia (BADCOCK, 2007, p. 178).¹⁹⁴

As revoltas camponesas se espalharam em 1917, temporal e geograficamente, com formas diversas e complexas, geralmente era a qualidade da terra e a cultura local que definiam o formato dessas revoltas e muitas lutas rurais se desenvolveram de forma pacífica em ações calculadas e silenciosas sem grandes riscos ao contrário dos confrontos violentos que atraíam mais atenção.

Na imprensa operária brasileira, o Jornal *A Plebe* já em 30 de junho de 1917 publicava a formação de milícias camponesas: “os camponeses organizam-se em milícia para si próprio e se policiarem”. Os camponeses se destacavam nas notícias como membros do Conselho de Operários e Soldados.¹⁹⁵

¹⁹⁴ A experiência da guerra permeou todas as partes da sociedade russa em ambas as vidas provincial rural e urbana, foi um dos principais fatores que contribuíram para o sentimento penetrante de crise. Os soldados não eram apenas "camponeses de casacos". Suas identidades eram complexas e podiam envolver etnia, religião, identidades locais e assim por diante. As esposas dos soldados também tinham identidades complexas, embora o uso do rótulo ‘soldatka’ indique que esta categoria era uma identidade bem reconhecida e utilizada. Tanto os soldados quanto suas esposas tiveram sua relação com o Estado transformada pela Revolução de Fevereiro. Para os soldados, a Revolução ofereceu-lhes o status de soldado-cidadão, que podia questionar a autoridade e cujo apoio ao Estado era condicional. Para *soldatki*, a revolução política de Fevereiro de 1917 aumentou dramaticamente as expectativas populares sobre o que o estado poderia oferecer e ofereceu um fórum mais aberto para expressar desejos e preocupações, mas correspondentemente piorou os problemas econômicos e administrativos. A Rússia enfrentou esse reposicionamento da relação entre cidadão e Estado e estava no cerne dos problemas de governo da Rússia. (BADCOCK, 2007, p.178, tradução nossa).

¹⁹⁵ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Os camponeses em 1917 não viviam mais isolados, já se relacionavam com o Estado e a nação de diferentes formas, principalmente através dos governos locais eleitos e tribunais regionais. Desde o aumento da taxa de alfabetização após a emancipação dos servos em 1861, e principalmente depois da Revolução de 1905, a população camponesa fortaleceu a sua participação política no âmbito nacional. O fim da servidão intensificou a migração sazonal para os grandes centros urbanos, aproximando os camponeses dos costumes metropolitanos, a exemplo do secularismo e da cultura de consumo. O mundo das grandes cidades em transformação era distinto da realidade rural ainda fortemente enraizado no poder dos homens mais velhos da família e da comunidade e da grande força da Igreja Ortodoxa Russa em todos os aspectos da vida rural.

“Água é sua, a luz é sua, a terra é sua, a floresta é sua”

Essas palavras, ditas por um marinheiro agitador numa reunião em Kazan, em junho de 1917, capturam o elemento mais fundamental das aspirações revolucionárias camponesas. A declaração explícita de que a terra e a floresta, assim como o ar e água, pertenciam àqueles que necessitavam era repetida com frequência durante o ano revolucionário e além (BADCOCK, 2017, p.1).

De acordo com a pesquisa de Badcock (2007; 2017), dentre os levantes rurais, alguns tipos de ações foram da seguinte forma: o confisco da terra ocorria com mais violência em regiões onde havia relações hostis entre os camponeses e os proprietários de terras; em zonas de terras mais férteis havia maiores perturbações; nas partes com maior concentração de servidão foram mais acirrados os conflitos com os proprietários de terras individuais com mais confiscos de propriedades à força. Contudo, as ações violentas e redistribuições forçadas não eram o tipo mais comum de ação, já que, em 1917, uma pequena porção de terra arável pertencia a elite.

A Revolução de Fevereiro promoveu um alargamento das expectativas e ações dos camponeses. Apesar disso, o formato das suas lutas por igualdade era influenciado pelo uso local que faziam da terra e dos padrões de propriedade. As comunidades rurais burlavam as leis da propriedade privada ao mesmo tempo que se protegiam de possíveis repressões.

Na análise conclusiva da professora britânica, os camponeses se definiam como trabalhadores rurais, o que delineavam seu agir e a forma de enxergar o mundo. As revoluções camponesas não seguiram características classistas, na medida em que o campesinato não se constituía como uma classe trabalhadora coerente. A marca principal

do agir camponês foi a contestação ao uso da terra entre comunidades vizinhas ou entre indivíduos, apesar da ocorrência de ações coletivas de comunidades contra os proprietários de terra (BADCOCK, 2017, p.3).

Uma situação recorrente era o antagonismo dos aldeões com camponeses de fazendas individuais para forçá-los à agricultura comunitária, o vilarejo participava desses conflitos na busca da reintegração dos agricultores individualistas e suas terras. O Governo Provisório apoiava as queixas dos proprietários de terras e ordenava o respeito da propriedade privada pelas comunidades rurais.

As lideranças institucionais das revoluções camponesas foram comitês, sovietes e sindicatos. Esses órgãos emitiam ordens sobre o uso e manejo da terra, mas sua força dependia das suas respostas às demandas de seus constituintes. As revoluções rurais não possuíam um padrão nas suas lideranças, inclusive algumas foram mulheres, outras aldeões mais ricos ou também, soldados desertores, da reserva e aqueles de guarnições mais afastadas dos grandes centros urbanos.

Nos primeiros momentos da Revolução, os partidos políticos não possuíam papéis centrais nas atividades camponesas. O Partido Socialista-Revolucionário possuía uma base forte de apoio no meio rural devido a sua imagem de partido dos camponeses e nas suas afinidades locais, o que capitalizava votos, porém, seu papel de liderança dependia do seu atendimento aos desejos e motivações das comunidades.

O Governo Provisório e o Soviete de Petrogrado apenas solicitavam a população rural uma espera paciente até a Assembleia Constituinte para a redistribuição da terra, mas os camponeses não seguiam essas direções. Enquanto as revoluções camponesas eram mais assertivas entre junho e setembro, as autoridades regionais usaram das forças armadas para exercer o controle, o que não reduziu os levantes.

O jornal *A Plebe* no mês de agosto, como consta na Figura 38 abaixo, publica sua coluna de “chapéu” intitulado “Arrebol da Liberdade” com uma transcrição da resolução do Conselho dos Operários e Soldados que se referia aos “sucessos de 2 a 4 de maio”. O periódico paulistano informa que era uma nota transmitida de Petrogrado aos jornais franceses por Skobelev, um menchevique, Ministro do Trabalho.¹⁹⁶

¹⁹⁶ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 11 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP. O jornal informa que Skobelev era Secretário das Questões Exteriores, mas ele esteve no cargo de Ministro do Trabalho no primeiro

governo de coalizão entre maio e agosto de 1917, foi também Presidente do Primeiro Congresso Soviético em 1917 e vice-presidente do Comitê Executivo Central de Todas a Rússia.

Figura 38 - Jornal A Plebe (Ano I - No 9)

4. A PLEBE

NOTAS INTERNACIONAES

A CONFERENCIA INTERNACIONAL DE STOKOLMO

Foram os socialistas russos que tonaram a iniciativa de sua convocação - A intervenção do Conselho de Operários e Soldados.

Como em todas as questões da actualidade, attenuadas a guerra, estabeleceu-se em torno da conferencia de Stockolmo uma corrente confusa: noticias falsas ou tendenciosas, muitas accusações de maneio officiales, desconfianças, hesitações, polêmicas, passaportes negados, delegações officiosas, falta de documentos e informações exactas, tudo isso veio obscurecer este esforço do socialismo internacional e impossibilitar um juizo seguro e completo. Limitemo-nos, pois, por enquanto, a archivar alguns documentos interessantes que encontramos nos nossos jornais europeus.

A convocação
Tendo algumas seções negado a commissão sueco-holandesa competência para convocar a conferencia Internacional Socialista, foram os socialistas russos que tonaram a iniciativa de convocar, nos seguintes termos:

«A 23 de março, o Conselho dos Delegados, dos Operários e Soldados dirigiu um apello aos povos do mundo, no qual convocava os povos europeus a acção de esforços comuns em favor da paz. O Conselho dos Delegados dos Operários e Soldados e os delegados de todas as democracias inscreveram na sua bandeira: Paz sem annexões, nem contribuições baseadas no direito das nações superiores de se apropriarem.»

«A democracia russa forçou o primeiro governo provisório a reconhecer este programma, e como o primeiro dos successos de 3 e 4 de maio, não permitiu ao governo provisório que dello se afastasse. O segundo governo provisório por esse programma, a instância do Conselho dos Delegados dos Operários e Soldados, como primeiro ponto da sua declaração.»

«A 8 de maio, decidiu a commissão executiva do Conselho tomar a iniciativa de convocar uma conferencia socialista internacional, e a 10 de maio dirigiu um apello aos socialistas de todos os paises iniciando-se a luta comum pela paz.»

«O Conselho dos Delegados dos Operários e Soldados considera que a cessação da guerra e o estabelecimento da paz internacional, exigida pelos interesses communs das massas operarias e de toda a humanidade e da democracia socialista, não podem obter-se senão pelos esforços internacionais solidarios dos partidos e syndicalos operarios dos paises beligerantes e neutros por um lado energico e sem cessar e mortificante universal.»

«O primeiro passo necessario e decisivo para a organização de tal movimento internacional e a convocação duma conferencia internacional, cuja principal tarefa deve ser o accordo entre os representantes do proletariado socialista, tanto no que se refere a liquidação da politica de unificação com os governos e as classes imperialistas, que se refere a toda a luta pela paz, como no que se refere aos meios desta luta.»

«Este caminho e indicado ao proletariado pelos seus accordos internacionais.»

«A convocação duma conferencia e tambem imperioso de todos os interesses vitales comuns do proletariado e de todos os povos.»

«Os partidos e as organizações das classes operarias que comparecem a esta conferencia e que se comprometem a unir os seus esforços para a realização dos convites do Conselho dos Delegados dos Operários e Soldados a tonaram parte da conferencia por elle convocada. O Conselho dos Delegados exprime a sua firme convicção de que todos os partidos e organizações que acceterem esta convicção acceterão tambem a convocação do Conselho de Operários e Soldados e a sua intervenção devida a vida de todos os povos.»

«O Conselho dos Delegados dos Operários e Soldados resolveu Stockolmo como lugar da conferencia e fixa a época da sua convocação entre 28 de junho e 7 de julho.»

Tem acompanhado com o mais vivo interesse essa luta titânica dos povos revolucionarios dos nossos dias e far ardentes votos pela completa victoria de tão justa causa, para que em breve possam assignar melhores horizontes.

Barbacena, 24 de julho de 1917. O presidente, José Macedo. O secretario, Antolph Macedo. O secretario adjunto, José Vieira da Rocha.

Da Liga Operaria de Pelotas, Rio Grande do Sul, recebemos a seguinte carta:

Camadas da A Plebe: Ao escrever esta, sinto-me revoltado pela noticia do banditismo politico aqui praticado e que asserião delictosos companheiros nossos.

Pensam esses bandidos que matando homens do nosso meio conseguirão eliminar o ideal. Encarnam os leões da humanidade. Do sangue dos martyres Inéguiz Martinez e Nicolai Salerni formará uma nova legião de revoltados.

Infelizmente, aqui em Pelotas o nosso movimento está atravessando um periodo de apathia, como nunca até vesseis.

Termino saudando os companheiros, gritando: Abaixo a tyrannia burguesa! Viva o ideal socialista! Gloria a memoria dos moços assassinados!

Estevão Corrêa - Mercedes Corrêa.

O Comité de Defesa Proletaria tambem recebeu de Pelotas o seguinte telegrama:

«Na reunião popular aqui realizada declaramos nos solidarios com o operariado de Pelotas e a Liga Operaria.»

«Uma tanta jornalista do proclamada intelligencia não podem admitir que o movimento grevista declarado em S. Paulo, com repercussão em muitos pontos do pais, não tenha sido obra exclusiva de agitadores estrangeiros.»

«As afirmações faz essa gente, cuja comprehensão das coisas dizem ser tão vasta, que somos forçados a reconhecer-lhe capacidade de estudo e de observação e o muito talento que se lhe attribue...»

«Agita-se o povo? E obra dos estrangeiros. Protesta o povo contra a caresta da vida? Não pode deixar de ser o resultado da acção de agitadores estrangeiros.»

«Finalmente, tudo quanto incomoda o secego dos dominadores da época e obra dos subversivos vindos de outras terras. Anulasse, portanto, sem do nobreciado, com essa raça criminosos e malita...»

«O curioso e que essa gente goza de certa popularidade. Isso, porém, não deve causar extranhamento, porquanto semelhante popularidade e tão significativa como a do conde Matiarazzo...»

«A deute argentino de honradas a prova de fogo se fez pelo processo por elle dispensado as grandes empregadas em suas fabricas e por vender generos quizes de grupo...»

«O punativo e coronel Medeiros e Albuquerque tornouse popular, principalmente por sua amizade aos aliados e ao Ministro das Finanças da França, assim como a popularidade do João Lage vem da sua deliciação pelo governo paulista e outros moços...»

«Não ha quem não conheça os tres cavalheiros citados. São popularissimos. E como elles ha muitos outros, igualmente merecedores das justas recompensas populares...»

July.

«Guerra Social» Periodico anarchista que apparece na capital em lingua italiana.

Publica collaborio em português e em hespanhol. Preço da assinatura: 18000 rs. annuo. Endereço: Caixa Postal 1235 - S. Paulo.



Campinas proletaria resurge

Começa a reacção contra os tartufos de casa e de botina que se infiltram no meio obreiro - A Liga Operaria volta á actividade para confundir os iniciadores de novas arapucaas.

Após a e momento em que o proletariado de S. Paulo e de todo o Brasil resurge para a vida, deixaram o estado de prejudicial inercia para o movimento da luta contra a exploração da burguezia por meio de graves symptomas e de effectos mores e espantozos.

Devemos, portanto, estar de atalnia, a fim de impedir que os promettidos dummies tenham produzido o trabalho do organismo syndicalista, que é o verdadeiro, prometendo verdadeiros triumphos para a causa da emancipação do proletariado.

«E tempo de agirmos! Ainda mais que vemos em campo os roupeiros e os bonetes de couro a se preoccuparem em organização de classes operarias, procurando-lhes, para solução do problema social, meros palliativos e não a resolução do mesmo, para evitar os trabalhadores da corrente de ideias revolucionarias que se leva a preferir o methodo de luta pela força directa, que é o verdadeiro, e unico capaz de redimir-nos da miseria e do juço dos patros...»

«A prova diste temos aqui mesmo, onde, para designar dos indicio catholico de operarios, que é o Centro Operario S. José.»

Essa agremiação e obra do grupo de Campinas e os seus membros são gente sua, indicada e abençoada por elle.

Assim, para os operarios temos uma apresentação do fidejussorio da Companhia Moysa e outras repartições de trabalho, independentemente de qualquer apresentação do fidejussorio de João Nery, cuja influencia se faz recomendar entre os verdugos das classes produtoras.

Agora, imaginem o que se passou em Campinas e o entusiasmo que a todos nos domina.

Trabalhamos para desactivar a propaganda, fazed-a grande, como grande e a mesmo que ella nos promette!

«Depois, pois, a essa lavoura, tempo que podemos, imprimamos, tanto quanto possa haver de grande em nosso ideal.»

José Alcido.

AREBOL DA LIBERDADE

ALGO SOBRE A GRANDE REVOLUÇÃO RUSSA

DADOS INTERESSANTES

Os successos de 2 e 4 de maio

Em nota transmittida de Petrogrado, em 6 de maio, aos jornaes francezes, Skobeleff, então secretario das questões extrangeiras, representa a tão significativa victoria do Conselho dos Operários e Soldados.

«O Conselho dos Delegados Operarios e Militares felicitava calorosamente a democracia revolucionaria de Petrogrado, cujos committidos, desceus e manifestações tentaram a sua atuação intensa em questões da politica exteior e o seu respeito do que esse politico elevava para o imperialismo usurpados do velho regimen.»

«Com effeito, a nota do ministro dos extrangeiros efferece muitos motivos para a sua liquidação.»

«O governo provisório executou um acto que e committido executiva recidivava havia muito e o texto da sua declaração do 27 de março (9 de abril) relativa á guerra civil e uma politica de conquistas. Com este acto, por o governo os Estados alliados, a possibilidade de se arruinaçarem as suas respectivas demorações e a do mundo inteiro sobre a politica de conquistas e os fins da guerra civil. Entretanto, a nota do ministro dos extrangeiros suas explicações ajustadas áquella declaração, que pediamos

Uma importante victoria da democracia. Declarando a sua inabalavel resolução de se manter, para o futuro, no caminho da luta pela paz, o Conselho dos Delegados Operarios e Militares convicia toda a democracia revolucionaria da Rússia a apoiar-se nas estruturas fundadas em torno dos seus conselhos de delegados operarios e militares e a apoiar-se a firme convicção de que opeiros de todos os paises beligerantes hão-de quebrar a realidade dos seus governos, obrigando-os a iniciar as negociações da paz sobre a base das reivindicações e aspirações e as indemnizações.»

O Estado e a guerra

Deante todos os males resultantes da tyrannia organizada, que domina neste seculo sob a denominação de Estado, ha um que sobrepaga a todos os outros em monstruosidade tremenda e que maior e mais claramente manifesta o que vem a ser essa nefasta instituição relativamente aos mais justos, mais elevados, mais nobres e verdadeiros sentimentos humanos. E esse mal que hoje lio sobejamente nos afflige e nos tortura - é a GUERRA.

«A GUERRA, é esse mal que é essa angustiosa que levanta da pela banalidade dos abutres sociais desde tempos vai arruinando e destruindo não só a maior e melhor parte dos homens da Europa occidental, mas tambem os seus ramos das outras quatro partes do mundo, em virtude da falta de interesses que prendem as nações e os criminosos de lhaqueiros cujos crimes se rita em jogo nos mercados para os productos de suas colossaes empresas de exploração industrial, que já atingiu os seus limites.»

«Assim, pois, a GUERRA, que hoje presenciamos, era inevitavel. Mas cedo ou mais tarde tinha que vir, como veio, porque estava preparada. Foi o militarismo que a gerou em seu seio e a pervereadade dos dirigentes dos povos e da humanidade.»

«E a GUERRA não está com todo o seu cortejo de misérias e de dores!»

«A sua preparação, que levou annos, dezes de annos, teve os seus primeiros, nas escolas e depois nas casernas, onde desde a infancia até á idade adulta, sob a nefasta influencia de uma educação falseada dos seus principios do amor e da justiça, sujeitos á disciplina de obediencia a submissão, os homens se preparavam transformando-se em soldados, em seres incozientes e perigosos, que hoje matam, roubam, incendiam, pervereados, villas, cidades, fazendas, movimentando-se como machucos de destruição, a toques de tambor, por signaes, á ordem de seus commandantes.»

«A GUERRA é o fructo do Estado organizado, que precisa ser destruido para de seus escombros se levantar a Anarchia, que é a encarnação do ideal de justiça, de paz e de solidariedade.»

«Talhamos e é talharmos para eliminar a GUERRA, mas antes de tudo, consideremola como oriunda do militarismo, que é a causa determinante do seu aparecimento, da vez em quando, para a desgraça da humanidade.»

«Talhemos para evitar a guerra, trabalhemos para a ruina do Estado, para a eliminação do capitalismo e da propriedade privada - pois que assim, felizes e satisfeitos, em plena comunhão humana, teremos implantado na terra os seus promettidos paraes.»

João Pentecostes.

Escola Moderna N. 1

O compalheiro João Pentecostes reassumiu a direcção da Escola Moderna N. 1.

«As aulas continuam com o mesmo programma e methodo anteriores.»

«Depois de annuaes, seguidamente, conquire a fundamental a sua accustumação.»

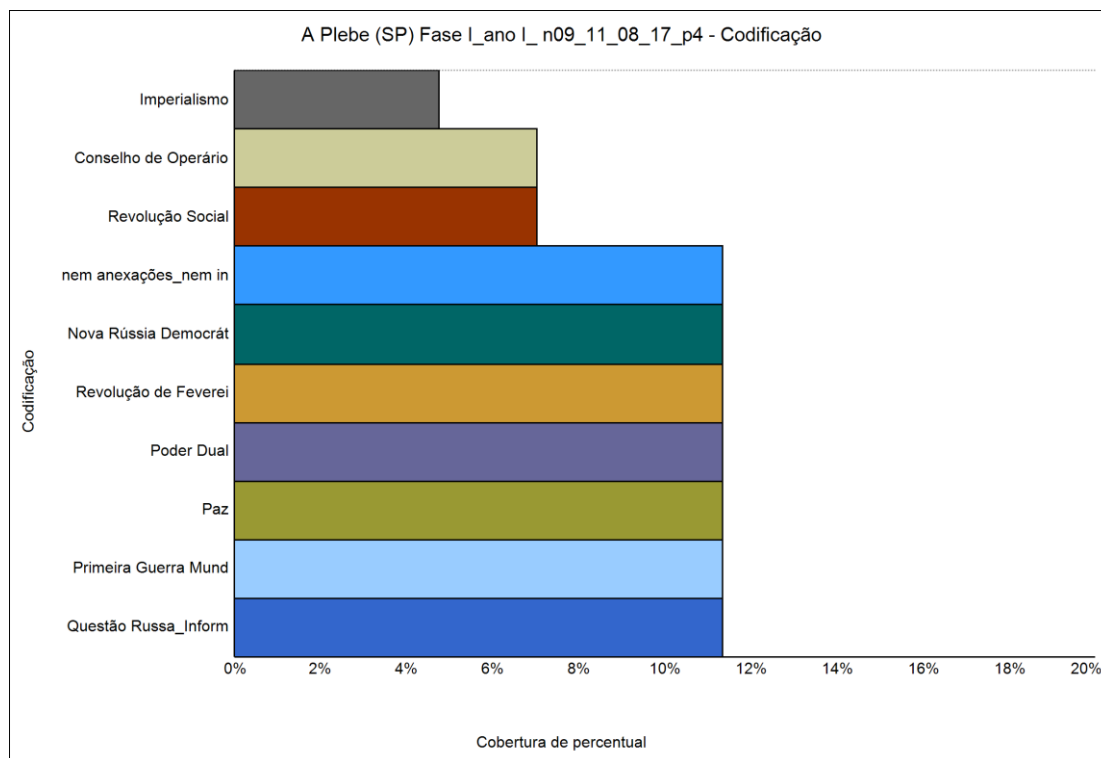
O conteúdo da resolução se refere a declaração de 27 de março (9 de abril) do Governo Provisório onde tentava corrigir um problema anterior sobre a posição relativa a retomada da participação bélica no contexto da crise do mês de abril. O Conselho dos Delegados Operários e Militares felicitava a “democracia revolucionária de Petrogrado” por tentar evitar com “atenção intensa” que a política exterior se “desvie para o imperialismo usurpador do velho regime” e informava que seu esforço era da “luta implacável pela paz mundial”.

O texto da mencionada declaração renunciava a política de conquistas e sua divulgação fazia com que o Conselho dos Delegados Operários e Militares interpretasse como uma vitória da democracia no caminho da luta pela paz e fosse estimulado que essa resolução era sinal de que “os povos de todas as nações beligerantes não de quebrar a resistência dos seus governos, obrigando-os a iniciar as negociações de paz sobre a base da renúncia as anexações e as indenizações”.¹⁹⁷

A coluna de título “Algo sobre a Grande Revolução Russa” apresentava na sua primeira publicação em agosto, o subtítulo “Dados Interessantes”. A reprodução de notícias oriundas dos jornais franceses em conexão com *A Plebe*, mesmo se referindo a acontecimentos de meses anteriores devido a sua importância em relatar a situação importante da posição do novo governo russo em relação a sua posição para com a guerra. O teor da notícia informa que havia diferenças entre o Governo Provisório e o Conselho dos Delegados Operários e Militares em torno das definições sobre a Paz, o primeiro estava disposto a permanecer na beligerância e o segundo exigia uma paz sem anexações e sem indenizações, bem como, avaliava haver possibilidade dos povos conquistarem em suas nações as negociações dessa paz.

¹⁹⁷ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 11 de agosto de 1917, p.4. CEDEM - UNESP.

GRÁFICO XIX - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “Arrebol da Liberdade” – ALGO SOBRE A GRANDE REVOLUÇÃO RUSSA – Dados interessantes.¹⁹⁸



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

Essa é uma notícia que retoma informações sobre o comportamento do Governo Provisório diante da Primeira Guerra Mundial, bem como as reações do Conselho dos Delegados Operários e Militares, nomenclatura mais utilizada para identificar o Soviete de Petrogrado. Diante dos temas expostos, ao analisar o Gráfico XIX é identificada uma abordagem de informações onde era possível compreender a existência de um Governo ainda Provisório e um órgão dos trabalhadores com força política para intervir nas decisões e estabelecer suas reivindicações, explicitando a existência do caráter dual do poder político. Nesse aspecto, já era possível notar um agrupamento político mais conservador e próximo de uma política militar de conquistas e outro com aspectos revolucionários na defesa da democracia e das negociações de paz.

E na divulgação da Resolução do Conselho dos Delegados Operários e Militares nessa etapa de publicações já em agosto de 1917 estava também bem disposta a

¹⁹⁸ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 11 de agosto de 1917, p.4. CEDEM - UNESP.

compreensão de que havia uma busca desse órgão pela saída da guerra com uma proposta de paz sem anexações nem indenizações enquanto uma política da “democracia revolucionária da Rússia”.

Ao debate internacional sobre a postura da Rússia para as decisões relativas a nova política externa após a Revolução de Fevereiro foi de grande impacto a defesa de uma paz não-militarista.

Figura 39 – Nuvem de Palavras X



Fonte: Elaborado pelo próprio autor com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “*Arrebol da Liberdade - Algo sobre a Grande Revolução Russa – Dados interessantes*”.¹⁹⁹

No Gráfico XIX acima verifica-se como o foco da notícia era acompanhar a política do novo governo russo nas resoluções das questões beligerantes, qual seria a postura definitiva perante os governos dos aliados. Na Nuvem de Palavras X se destaca a Resolução do Conselho dos Operários e Soldados pela paz de uma democracia revolucionária sem anexações nem indenizações, por enquanto a revolução ainda não se associava com o socialismo. A indicação de uma paz mundial por meio da renúncia de uma política de conquistas era de grande impacto no ano em que o Brasil estava ainda nas vésperas de entrar na Primeira Guerra em seus momentos finais e havia leituras anti-militaristas nos jornais operários.

¹⁹⁹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 11 de agosto de 1917, p.4. CEDEM - UNESP.

De acordo com David Mandel (1984, p.454), a radicalização dos trabalhadores no curso da Revolução Russa é possível ser rastreada nas mudanças das relações entre as classes, principalmente pelo aprofundamento da polarização entre a classe trabalhadora e a “sociedade do censo”. Os trabalhadores e muitos grupos socialistas, inclusive os bolcheviques, começaram com uma concepção burguesa, ou seja, democrática ou liberal da Revolução e se “apegaram a ela muito tempo depois de terem começado a superá-la na prática. Até o final de agosto com a tentativa de golpe liderado por Kornilov, mesmo os trabalhadores mais militantes convocavam para a “defesa da liberdade” sem mencionar socialismo como uma perspectiva imediata para a Rússia.

A pesquisa do referido historiador canadense demonstra como o processo de radicalização entre os trabalhadores expressou uma natureza “defensiva”. Ele observou que o apoio ao poder soviético e o crescimento da luta pelo poder nas fábricas, foram, inicialmente, respostas à percepção das ameaças à Revolução e à indústria representada pela “hostilidade vociferante e ativa da sociedade censitária” à democracia revolucionária e às organizações dos trabalhadores. Enquanto o Governo Provisório não avançava na realização dos objetivos propostos pela Revolução, a exemplo do processo de paz e da convocação da Assembleia Constituinte e os membros da sociedade censitária agiam contra a revolução popular numa “hostilidade geral às aspirações dos trabalhadores e camponeses datada de muito tempo antes de 1917” (MANDEL, 1984, p.454 - 455).

Os trabalhadores após as lições das “Jornadas de Julho” estavam cientes dos avisos dos socialistas moderados sobre os riscos de isolamento político e guerra civil que envolviam a iniciativa para tomada do poder pelos soviéticos. Daí o clima prudente e duvidoso do período pós-julho, apesar das reivindicações quase totalmente consonante na busca pelo poder soviético como a única alternativa realista à contra-revolução.

GRÁFICO XX - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia
“Arrebol da liberdade: Algo sobre a Grande Revolução Russa – Dados interessantes”²⁰⁰



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

No Gráfico XX acima estão os principais temas em torno da coluna “Arrebol da Liberdade – Algo sobre a Grande Revolução Russa – Dados interessantes” de 11 de agosto quando ainda haviam indefinições quanto as decisões do Governo Provisório russo de recuos e avanços com fracasso militar sob tentativas de retomada beligerante. Nas notícias é possível observar a expectativa sobre as definições russas em relação a sua posição perante o conflito bélico mundial visto pela forma como é caracterizado criticamente como um fenômeno sem precedente de violência para conquistas de interesses financeiros específicos dos Estados envolvidos nesse conflito.

A “Nova Rússia Democrática” era a notícia que trazia esperanças não apenas para o fim da Guerra, como também sob os novos rumos sociais de mudanças políticas direcionadas por uma organização diferenciada dos trabalhadores que era o Conselho de Operários e Soldados, órgão que se apresentava de maneira inovadora para uma tradição sindicalista do movimento operário no mundo.

²⁰⁰ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 11 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

O mês de agosto, adjetivado por Miéville (2017) como “exílio e conspiração”, começou no seu terceiro dia com o VI Congresso do Partido Operário Social-Democrata Russo. Nesse encontro foi aprovado um novo lema, o “fim da ditadura da burguesia contrarrevolucionária”, considerado um “meio-termo” entre uma visão liderada por Lênin na qual a Revolução estava numa fase pós-Soviete e outra pelos moderados ainda em defesa da permanência da aliança com os socialistas.

Esse era o clima político após a exigência de mudanças das instalações do Soviete entre o Palácio Tauride e o Instituto Smolny. Enquanto isso, logo no terceiro dia de agosto, Kornilov pressionava Kerensky para restringir o poder dos comitês de soldados e em seguida exigiu o comando do Distrito Militar de Petrogrado, mas isso aconteceu num momento de profundo desgaste devido à permanência na guerra, quando já havia uma pressão para substituição do general que encontrava apoio na extrema-direita.

A esquerda se movimentava através da manifestação em Kronstadt de soldados e marinheiros contra a prisão dos líderes bolcheviques, como Steklov, Kamenev e Kollontai. Na capital da Finlândia, em Helsingfors, uma assembleia aprovou a transferência do poder aos soviets. O Soviete de Petrogrado, sob a pressão dos bolcheviques e dos militantes da ala esquerda dos SRs, criticou a prisão dos líderes de esquerda e a volta da pena de morte militar.

Entretanto, o breve período de reação em Petrogrado após a mal-sucedida revolta de julho enfrentou a pior derrota do exército russo quando Kerensky tornou-se primeiro ministro e liderou um governo de coalizão socialista liberal e moderado, cujos objetivos eram: suprimir os bolcheviques, restaurar a autoridade e a ordem interna e encontrar forma de reforçar o front em colapso.

O mês de agosto situado entre o verão e o outono russo, o programa dos bolcheviques já era público e segundo Rabinowitch (2007, p.4) eles não defendiam uma ditadura de partido único e sim o “poder popular democrático” através de um governo socialista, soviético e multipartidário até a convocação oportuna da Assembleia Constituinte. E eles também representavam mais terras para os camponeses individuais, maior influência dos trabalhadores no controle de fábricas, melhoria do suprimento de alimentos e a saída da guerra. Tais objetivos estavam nos slogans: “Paz, Terra e Pão!”;

“Todo o poder para os soviéticos!”; e “Convocação imediata da Assembleia Constituinte!”.²⁰¹

Ao iniciar a segunda metade de agosto, o jornal *A Plebe*, como é possível verificar-se na Figura 39 abaixo, publicou na sua coluna de “chapéu” “Arrebol de Liberdade” com título “Ao redor da epopeia russa” e subtítulo “A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior ou exterior”. O conteúdo da notícia era oriunda do periódico francês *Le Temps* na sua edição de 01 de junho de 1917 com a divulgação da comunicação enviada de Petrogrado pelo Conselho de Operários e Soldados, nessa matéria já subidentificado, entre parênteses, como *Soviet*.²⁰²

²⁰¹ No que se refere às lideranças do partido bolchevique, Rabinowitch (2007, p.13) ressalta os problemas de Lênin para conseguir está presente nos momentos de 1917, entre fevereiro e outubro, devido às perseguições ele esteve se escondendo e fora de contato regular com seus colegas russos. E dividiu os líderes bolcheviques em três grupos: à esquerda estavam Lênin e Trotsky, entre outros, para quem a implantação do poder soviético revolucionário era “menos um fim em si do que o gatilho para a revolução socialista mundial”. No centro estava um grupo de pessoas de muitos líderes de pensamento independente, cujas opiniões sobre o desenvolvimento da Revolução tendiam a flutuar em resposta às suas leituras das condições. E à direita se localizava um grupo bastante influente de líderes partidários nacionais mais moderados liderados por Lev Kamenev, com a participação de Grigorii Zinoviev, Vladimir Miliutin, Aleksei Rykov e Viktor Nogin (membros do Comitê Central) e Anatolii Lunacharskii. Os adeptos e a influência da direita aumentaram significativamente após o Sexto Congresso do Partido Bolchevique Pan-Russo no final de julho, quando houve a adesão de mencheviques como Iurii Larin, Solomon Lozovskii e o líder sindical independente David Riazanov. Tal grupo era cético quanto à probabilidade de revoluções socialistas “precoces e decisivas” no oeste. Durante a segunda metade de 1917 compreendia a transferência de poder aos soviets como um veículo para a construção de uma forte aliança de partidos socialistas de esquerda e facções que formariam uma coalizão de governo socialista para iniciar negociações de paz e se preparar para questões sociais fundamentais com reformas por meio de uma Assembleia Constituinte. Na ausência de Lênin, a visão deste grupo delineou a “plataforma política pública dos bolcheviques”. Contudo, as circunstâncias eram tão dinâmicas que o corpo do partido estruturalmente subordinado precisou desenvolver respostas para realidades em evolução sem orientação ou contrário à direção partidária. Além disso, a abertura ampla em 1917 para novos filiados e a sua transformação em partido de massas, fez com que os programas e políticas bolcheviques se desenvolvessem com contribuições “fortes e oportunas” dos recém-chegados membros comuns e, portanto, “refletia as aspirações populares”.

²⁰² Jornal *A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Os primeiros parágrafos da referida coluna possuíam como subtítulo a frase: “Explicando a sua fórmula” e o tema principal desse conteúdo eram as questões que envolviam as decisões e disputas diplomáticas em torno da proposta de paz “sem anexações, nem indenizações”. O Soviete de Petrogrado respondia aos jornais ingleses que afirmava não haver divergências entre a Rússia e os países Aliados na proposta de paz. O Conselho de Operários e Soldados fazia críticas às injustiças históricas dos ingleses contra a Irlanda, Índia e Egito e esclarecia que os periódicos britânicos deveriam ser francos ao invés de tentar “enredar com belas frases”, como os “japoneses que não admitem para o Extremo Oriente a fórmula sem anexações”.

A comunicação oficial do Soviete russo exigia que os governos aliados se pronunciassem sobre os princípios de paz proposto sem política de conquista e avisa em tom impositivo que “se respondessem não, deveriam assumir a responsabilidade das consequências”. E destacava a impossibilidade de satisfação com as declarações dos governos da França e Inglaterra que seriam cuidadas pelos ministros russos para a questão da paz sem “deixar afogar-se no oceano da eloquência diplomática”.

O órgão do Conselho dos Operários e Soldados precisa a sua interpretação declarando “*nenhuma sedução levará a democracia de em favor de uma modificação qualquer das fronteiras. Concedendo embora alguma simpatia a ideia duma zona livre, o povo está convencido de que a libertação dos oprimidos se obterá, não pela guerra, mas pela paz. Anexação significa a usurpação do território que, no dia declaração de guerra, se achava em poder de outro Estado. A fórmula “sem anexações” significa que o povo não verterá uma gota de sangue por semelhante usurpação*”.²⁰³

O Soviete de Petrogrado demarcava na política diplomática internacional a posição de não ceder “usurpações” de fronteiras nas negociações, defendendo a libertação pela paz, embora reconhecesse de forma positiva a ideia de zona livre.

A segunda parte da coluna era aberta com o subtítulo “Opiniões Extremistas” e informa sobre o fim da publicação no *Le Temps* com uma referência ao jornal russo *Pravda* e sua afirmação de que o “imperialismo procurava sufocar a revolução”, mas isso não seria possível se o proletariado e o exército russo defendessem a paz sustentada pela “livre escolha dos povos e da faculdade de disporem de si próprio”. Acrescentando a exigência do perfil de concordante com essa proposta de paz para ser aliado da Rússia

²⁰³ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

revolucionária, renunciando ao interesse imperialista de servir-se do exército revolucionário russo.

O periódico paulista, *A Plebe*, apresentou o *Pravda* como órgão de Lênin e esclareceu ser esse um militante do partido socialista bastante caluniado que lutava e sofria há 25 anos pela sua causa e que na Rússia todos conheciam e respeitavam até mesmo os adversários.

Foi informado também com fonte na imprensa francesa de um jornal editado por Máximo Gorki, *Novaia Jizni*, cuja publicação solicitava a revisão dos tratados com os aliados e protestava contra a retomada da ofensiva beligerante acusando-a de ser um serviço para os interesses imperialista franceses, ingleses e italianos.²⁰⁴

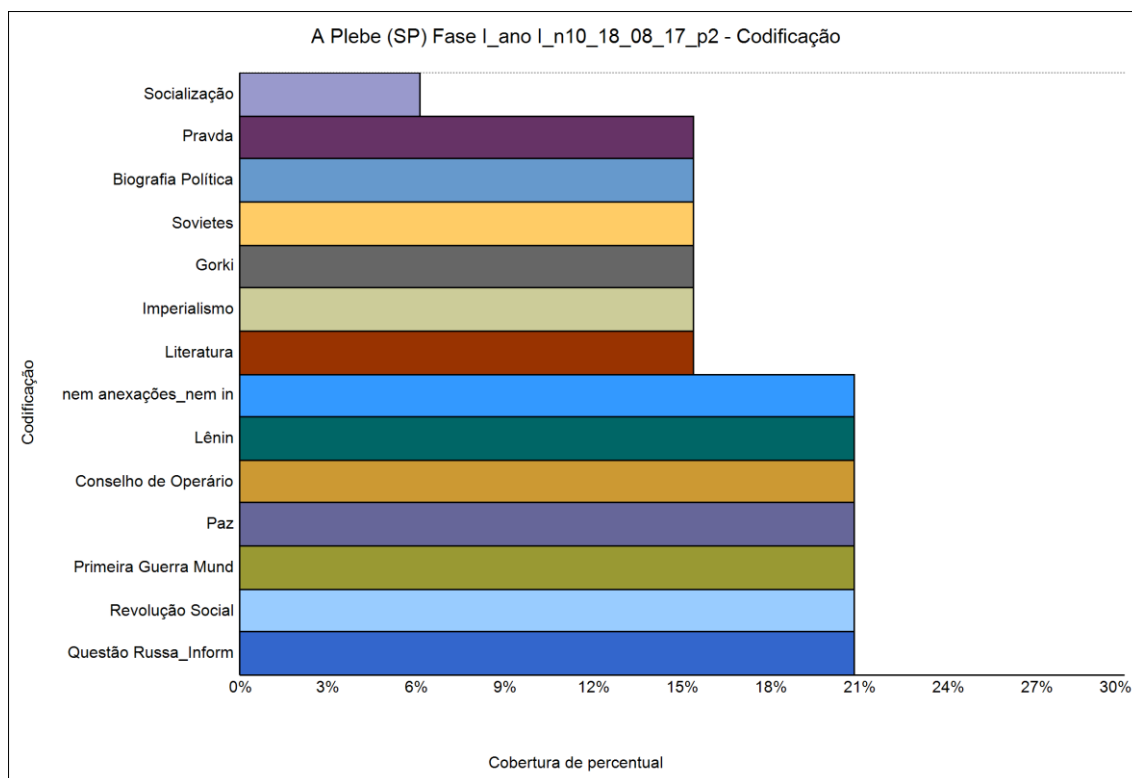
Logo em seguida, *A Plebe* faz a observação da existência de várias notícias contraditórias, mas de onde era possível deduzir haver uma “forte corrente de opinião favorável a uma atitude militar puramente defensiva” simultâneo com um “apelo aos povos para que exerçam sobre os governos uma enérgica ação pela paz geral”. E a perspectiva da revolução desenvolver-se e completar-se baseada no programa de Lênin que segundo o correspondente do *Le Temps* consistiria na confiscação imediata e partilha das terras; o fim da guerra pela fraternização geral dos exércitos beligerantes; a entrega do poder legal aos Conselhos de Operários, Soldados e Camponeses e a publicação das convenções secretas dos governos aliados.

O citado periódico paulista também reproduziu uma declaração do Conselho de Operários e Soldados de Petrogrado datada de 05 de maio de 1917 que convocava os soldados da frente de batalha, indicando que o povo se opunha à guerra e desde a

²⁰⁴ Alexei Maximovich Peshkov (1868-1936) era de origem pobre, autodidata e escrevia sob o pseudônimo Maksim Górkí, em russo, significa "Máximo, o amargo". Considerado um dos grandes escritores russos, autor de contos, romances, artigos de jornal, peças de teatro e memórias foi uma figura singular no meio intelectual de sua época. Oriundo de uma família sem recursos, desde cedo teve que procurar seu próprio sustento, perambulando por diversas paragens da vasta Rússia à procura de trabalho, sempre à beira da marginalidade. Essa experiência lhe deu uma perspectiva diferente, original, ao criar suas histórias. Pela primeira vez, o povo russo era retratado por um dos seus, e de forma sensível, verídica, com todas as suas contradições. Ao publicar suas primeiras narrativas nos anos 1890, o talento de Górkí foi imediatamente reconhecido, escritor de escola naturalista formou uma espécie de ponte entre as gerações de Tchekhov e Tolstói, e a nova geração de escritores soviéticos. No início do século XX, já escritor famoso, empenhou-se na causa da revolução, sendo preso e exilado pelo regime czarista se fixou em Capri na Itália. Após 1917, usou diversas vezes seu prestígio para defender a liberdade de expressão no regime soviético e em 1918 tornou-se Comissário do Povo para a Melhoria das Condições de Existência dos Cientistas. “A mãe”, “Os veranistas” ou “A vida de Klim Samgin” contam entre os romances mais famosos de Maxim Gorki; peças de teatro como “O submundo”, “Pequeno-burgueses” ou “Os filhos do Sol”, são encenadas em palcos do mundo inteiro. Disponível em: <http://www.editora34.com.br/detalhe.asp?id=832>. Acessado em 30/03/2019.

abdicação do Czar, exigiam o fim da guerra e assim o Soviete conclamava as nações para “cessar a carnificina mundial”. Entretanto, o exército deveria “manter-se forte e vigilante contra o inimigo externo da revolução, não o deixando avançar e a paz era proposta de forma geral para todas as nações por meio de comum acordo”.

GRÁFICO XXI - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “ARREBOL DA LIBERDADE”
– Ao redor da epopeia russa – A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior ou exterior.²⁰⁵



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

A comunicação do Soviete de Petrogrado publicado em *A Plebe* de 18 de agosto de 1917 diz que os jornais ingleses falavam em justiça, mas que seu Estado não a praticava em relação a outros povos e se “desejava a justiça, deveria começar por ser justo”.

Dentre os temas apresentados, conforme o Gráfico XXI, o tema Literatura se refere a divulgação de Máximo Gorki através da posição do seu jornal, *Novaia Jizni*, em exigir revisão de tratados diplomáticos com os aliados e criticar novas ofensivas militares do Governo Provisório como apoio ao imperialismo identificado como política de conquista

²⁰⁵ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

enquanto eixo motivador dos aliados numa trajetória de injustiças históricas à outras nações.

A biografia política de Lênin é apresentada com destaque e associada ao jornal *Pravda* como um líder socialista respeitado e perseguido. É a primeira notícia sobre Lênin em 1917 na imprensa operária. E aqui destaca-se que o relato está identificado por informações transmitidas como autoria do próprio *A Plebe* para explicar elementos contidos na declaração do Soviete de Petrogrado. Aproximadamente, quatro meses depois quando Lênin retornou do exílio para São Petersburgo ele chegou nas páginas do *A Plebe* em São Paulo em 1917.

O líder bolchevique é associado ao partido socialista, jornal *Pravda* e a um programa político para o avanço da Revolução baseado na socialização das terras, paz, soviete e transparência pública nas negociações com os países aliados.

O Conselho de Operários e Soldados de Petrogrado caracteriza-se no conteúdo das suas declarações como defensor da “democracia revolucionária russa” através da “paz sem anexações, nem indenizações” sustentada pelo “princípio da livre escolha dos povos e da faculdade de disporem de si próprios”.

Figura 41 – Nuvem de Palavras XI



Fonte: Elaborado pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “ARREBOL DA LIBERDADE” – Ao redor da epopeia russa – A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior ou exterior”.²⁰⁶

²⁰⁶ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

A representação do conteúdo da notícia no formato da Nuvem de Palavras XI delinhou os destaques dados pela abordagem da transcrição do comunicado do Conselho de Operários e Soldados principalmente em torno das questões do formato da paz sem política de conquistas para garantia da “democracia revolucionária” na Rússia.

As palavras-chaves mais importantes estavam em torno da disputa diplomática pelas definições dos termos de paz para com os países aliados e o direcionamento da proposta russa demonstrando não recuar das exigências de uma “fórmula sem anexações”. Por isso, se sobressaem tais temas como: operários, aliados, soldados, guerra, conselho, revolução, anexações, governos, democracia, fórmula, Lênin. Essas são ainda no segundo semestre de 1917 algumas das palavras chaves de contato com as notícias sobre a Revolução Russa.

Mesmo que a fonte do jornal *A Plebe* estivesse datada de dois meses antes da sua publicação em agosto de 1917, ainda se prolongava as indefinições no Governo Provisório perante a guerra e acontecia uma radicalização dos conflitos com a marca de maior adesão ao programa dos bolcheviques.

GRÁFICO XXII - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia
“Arrebol da liberdade – Ao redor da epopeia russa – A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior ou exterior”.²⁰⁷



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O Gráfico XXII demonstra o formato da codificação dos temas relacionados ao conteúdo da notícia, além do conteúdo relacionado ao Conselho de Operários e Soldados, também identificado como Soviete. Lênin surge como uma antiga e destacada liderança, cujas proposições estavam envolvidas no desenrolar da Revolução. A Primeira Guerra Mundial ainda era um dos eixos fundamentais das notícias sobre a Revolução Russa e abarcava críticas ao imperialismo e uma nova proposta de paz naquele novo momento diplomático que se diferenciava de qualquer negociação existente até o momento.

O jornal *A Plebe* nas últimas semanas de agosto de 1917 publica uma foto de Gorki, identificada na terceira coluna da Imagem 17, abaixo, com um texto como legenda informando a procedência da informação de uma telegrama vindo de Nova York comunicando a prisão do “famoso escritor Máximo Gorki acusado de haver publicada em seu jornal um artigo contrário à atitude do governo provisório”.²⁰⁸

²⁰⁷ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

²⁰⁸ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Figura 42 - Jornal A Plebe (Ano I - N° 11)



A GRÊVE NO SUL

Pelotas foi teatro de graves ocorrências

Os operários, covardemente atacados em sua sociedade, reagiram com energia

Depois de declarada a greve geral e da selvageria da polícia, manifestando-se inintelectual e movido a Liga Operária...

Mostrados e chefados pelo delegado Francisco de Jesus Verutti, duas dezenas de policiais precipitaram-se no peryllito da Liga...

Final, tendo o cavaleiro gravemente atingido por uma bala e cabeça, o delegado Verutti viu-se obrigado a retirar-se...

Quando a recuperado a Liga um pouco de tranquilidade, a fôrça agressora, fundindo-se com outra da mesma matiz...

Enquanto isso, o digno official do exercito tenente Paulo Barreto procurava no recinto da Liga...

A Paulista está fazendo das suas... Como estão sendo anulados os ganhos concedidos...



Um telegrama procedente de Nova York trouxe a noticia de ter sido preso em Petrogrado...

Um telegrama procedente de Nova York trouxe a noticia de ter sido preso em Petrogrado...

BANDITISMO POLICIAL

Espancamento de um infeliz em Poços de Caldas

O povo, indignado, reage com energia

O povo desta cidade, tida como civilizada, assistiu horrificado, em dias da semana que se passou...

Esses policiais, aproveitando-se do poder autoritario que tem sobre os pobres...

Após haverem dado ao policial sem entrincheiros o liquido mercantil, esses populares conduziram Pedro ao posto policial...

Notem os leitores que tudo isso se passou na famosa "Sua Brasileira", terra de gente que se dá ao luxo...

DR. ROBERTO FEIJÓ

A Philantropia "dellas"

De vez em quando, surge um socorro, um bem theatro que é o tanto, desempenhando a comedia da philantropia...

DO MATO GROSSO PROLETARIO

Os maritimos estão sujeitos a um regime de fôrça de injusticas

Como já ficou dito anteriormente, o assumpto a tratar-se hoje, refere-se ás irregularidades praticadas...

Que tento de amigos entre os queiros amigos pode e deve satisfazer os interesses de seus subalternos...

A logica burguezia...

Quando, no inicio da greve, que vou perturbar a digestão dos encheques desta terra...

Colibri vos de novo, srs. burguezia, que aos libertarios não servem as vossas emprezas...

Pela logica desses scripataes, é porque são um exploradores, que os anarchistas pregam a socialização da propriedade...

Em outro numero ainda os leitores terão occasião de ler algumas referencias curtos relativos a vida proletaria em Mato Grosso...

DR. ROBERTO FEIJÓ

DR. ROBERTO FEIJÓ

Fonte: Jornal A Plebe, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.2. CEDEM - UNESP.

O periódico paulistano comenta que a confirmação dessa informação seria uma “prova de que os governos são os mesmos em toda a parte e por isso, o povo deveria se preparar para viver sem eles, na sociedade das livres agrupações de produtores e consumidores”.²⁰⁹

É possível perceber uma desconfiança do texto de *A Plebe* com a veracidade da prisão de Gorki. Por não ser muito coerente que fosse certo esse acontecimento num governo instalado por um processo revolucionário acompanhado pelo jornal. E cujas perspectivas eram de radicalização da Revolução baseadas na constatação da força política do Conselho de Delegados de Operários e Soldados.

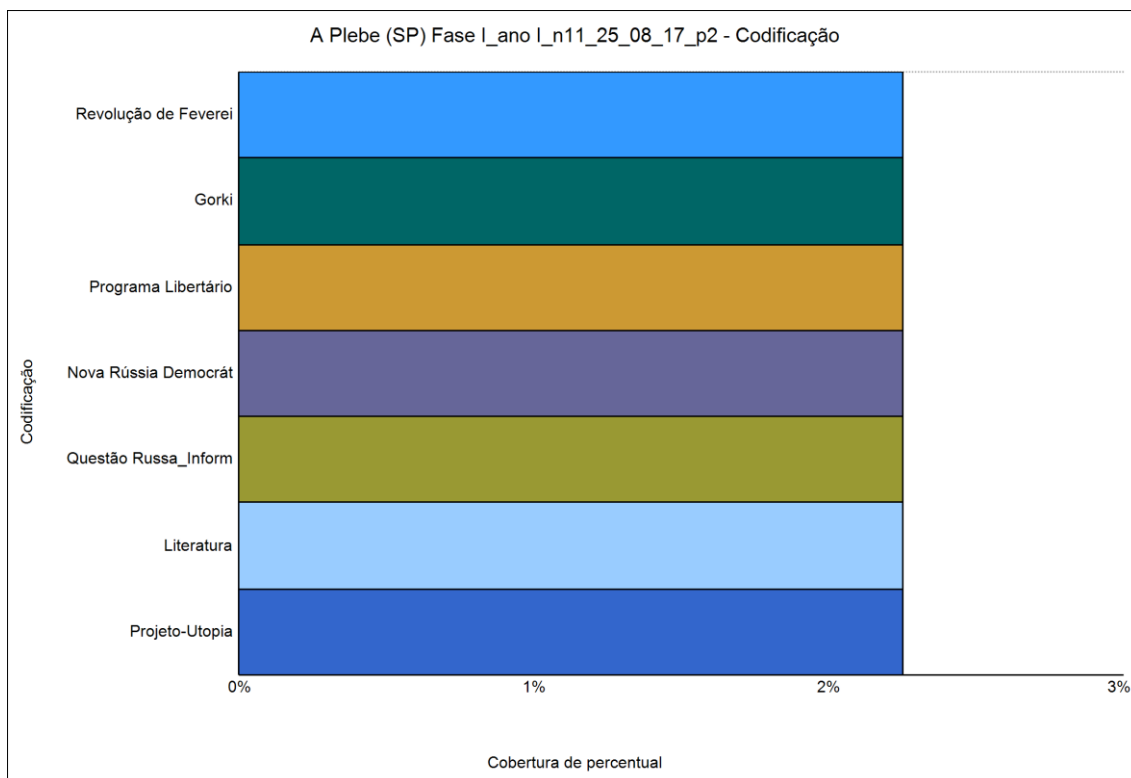
Gorki não foi preso em 1917, no entanto, muitos jornais foram fechados entre julho e agosto após a reação do Governo Provisório com medidas repressivas resultantes do enfrentamento à “Jornada de Julho”. É possível identificar referências de que seu jornal *Novaia Jizn* publicou entre 1917 e 1918, seus textos “Pensamentos anacrônicos sobre cultura e revolução”. Então, se houve censura ou fechamento nesse período foi por pouco tempo.²¹⁰

Contudo, nota-se o contato de *A Plebe* com os telegramas internacionais sobre a Revolução Russa, talvez por meio da imprensa de “grande tiragem”, o importante é que a notícia transmite o “clima político” de retrocessos políticos, o que gera preocupações sobre as expectativas pós-Revolução de Fevereiro.

²⁰⁹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

²¹⁰ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/maxim-gorki-um-escritor-sem-medo-de-palavras-fortes/a-43170795>. Acessado em: 31/03/2019.

GRÁFICO XXIII - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA sem título sobre possível prisão de Gorki²¹¹.



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O Gráfico XXIII demonstra como os receios em relação a informação da possível prisão de Gorki desencadeou preocupações alarmantes na ideia de estarem acontecendo prisões e censura em um governo de grandes expectativas revolucionárias. A reação do jornal *A Plebe* foi de apresentar ideais relacionadas ao programa libertário das ideias anarquistas como ausência de governos e sociedade livre com auto-gestão.

²¹¹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Figura 43 – Nuvem de Palavras XII



Fonte: Elaborado pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia sem título sobre a possível prisão de Gorki.²¹²

A Nuvem de Palavra XII destaca o termo mais chave, “notícia”, saber se era verídico o conteúdo divulgado por um telegrama oriundo de Nova York associado com medidas que pareciam desconexas com o esperado de atitudes para o avanço da Revolução.

²¹² Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

GRÁFICO XXIV - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia sem título sobre a possível prisão de Gorki.²¹³



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

A tematização dessa breve notícia de três curtos parágrafos, verificada no Gráfico XXIV, apresenta questões em busca de compreender o que se passava na nova Rússia democrática para ser possível a prisão do conhecido e renomado Gorki por sua literatura social e parceria com os socialistas. E, antecipando-se a uma possível confirmação dos fatos, afirmam ser contrário ao seu projeto de utopia no sentido de que o jornal *A Plebe* indica acreditar em princípios para uma nova sociedade sem governos organizada pelas “livres agrupações de produtores e consumidores”.

O periódico *A Plebe* continua em sua quarta página da mesma edição de 25 de agosto de 1917, como é possível verificar na Figura 43, abaixo, com notícias sobre a Revolução Russa de título “Ao redor da epopeia russa” e a coluna começa com um subtítulo “Avanço ou recuo”? E na primeira frase afirma a necessidade de defesa da Revolução “contra qualquer inimigo interno ou externo”. Mas para isso ser possível a Revolução deveria caminhar para se fazer “cada vez mais senhora do terreno, que não seja empatada e sofismada”. Pois, o risco era o “desânimo e desilusão das massas”, além da “corrupção dos revolucionários ou controle dos liberais burgueses”.

²¹³ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Apesar da análise inicial em tom preocupante sobre os rumos revolucionários, logo em seguida diz que “manifestam-se a maiores esperanças quanto ao desenvolvimento da revolução russa”. E cita uma declaração do ministro socialista Victor Chernov em um periódico francês na qual garantia que a Revolução Russa seria uma “grande revolução mundial” e marcaria um “largo passo sobre a revolução francesa, coisa que no ocidente ainda não foi compreendida”.

E manifestam-se também receios, que vimos expressos atrás nos extratos de jornais maximalistas. Teme-se a ação da guerra sobre o espírito popular, se ela resistir à revolução, feita em grande parte contra ela, como confessa Montet, de volta da sua viagem semi-oficial a Rússia; teme-se a ação do imperialismo internacional, da intriga diplomática, da reação interna, do ministerialismo socialista.²¹⁴

O periódico *A Plebe* declara também haver manifestações de receios nos jornais maximalistas de temor da ação da guerra sob o ânimo popular enquanto intervenção da ação imperialista. Havia preocupação quanto as disputas nas negociações diplomáticas o impacto interno e as consequências da presença dos socialistas no Governo Provisório. Identifica-se a primeira utilização do termo “maximalistas” na edição da coluna “Ao redor da epopeia russa” em um contexto de inquietação sobre o caminho da Revolução Russa.²¹⁵

No intuito de demonstrar a existência de reação a esses preocupações, transcreve uma declaração do Conselho dos Delegados dos Operários e Soldados, datada de 11 de junho, explicando que os socialistas assumiram os ministérios com o compromisso de garantir o acordo de paz, além disso, com objetivo de prolongar a luta de classe, garantir as condições de liberdade e fortalecer os laços que unem os socialistas.

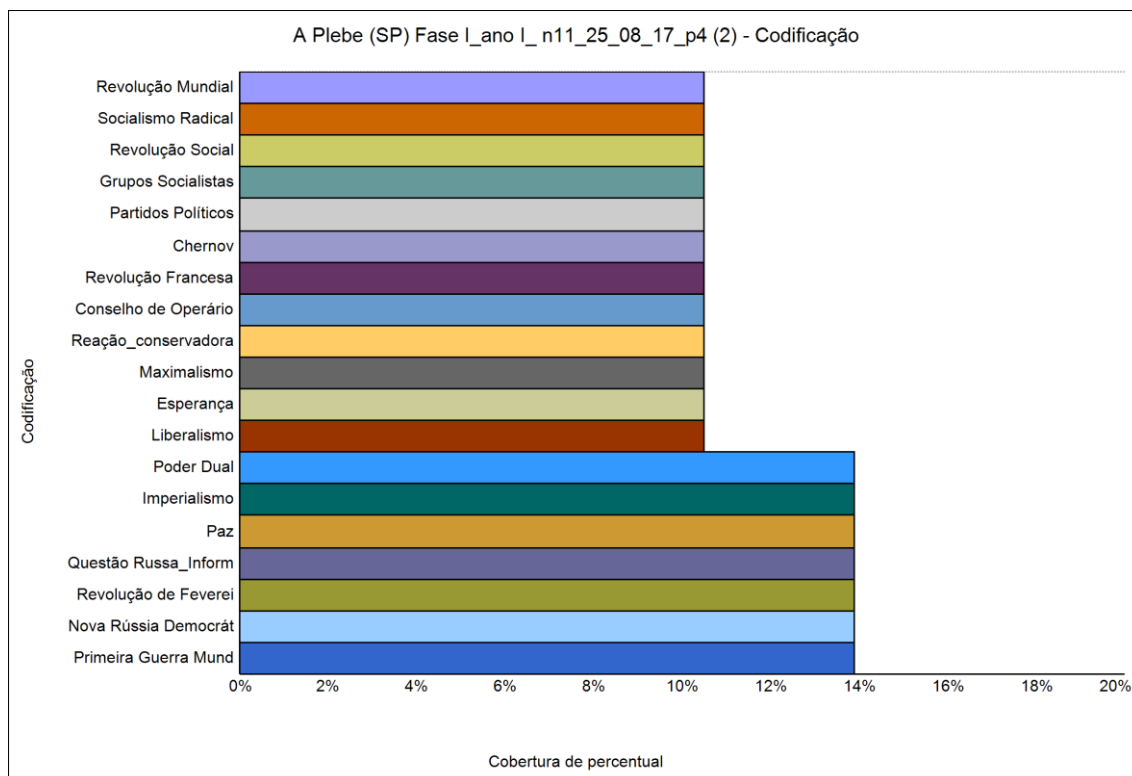
A ponderação final da coluna “Ao redor da epopeia russa” faz uma citação de Backunin: “Linguagem sincera, sem dúvida, mas as situações dos homens, são superiores às suas intenções”.

²¹⁴ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

²¹⁵ Frederico Bartz (2016, p.236) considera o termo “maximalismo”, indicando seu surgimento em novembro de 1917 na imprensa operária e considerando sua presença constante até os primeiros anos da década de 1920, enquanto uma tradução portuguesa do termo bolchevismo. Nessa análise, o surgimento do maximalismo possibilitou o debate em torno de um novo tipo de Revolução Social e o desenvolvimento de interpretações particulares pelos militantes anarquistas e sindicalistas revolucionários baseadas nas informações que vinham da Europa.

Dessa forma, em agosto de 1917, as publicações em *A Plebe* demonstravam receio, preocupação e temor com os próximos passos da Revolução Russa: “Enfim... esperemos os resultados e vamos arquivando documentos.”²¹⁶

Gráfico XXV - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “Arrebol da Liberdade - Ao redor da epopeia russa – A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior e exterior”.²¹⁷



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

A codificação temática no Gráfico XXV acima apresenta os temas relacionados com o questionamento do subtítulo antes do primeiro parágrafo: “Avanço ou recuo?” Primeiro, aborda as contradições de um “poder dual” com um Governo Provisório formado por liberais e socialistas e os riscos decorrentes da reação conservadora. Logo em seguida, a notícia procura demonstrar esperança diante das ameaças ao avanço da Revolução na Rússia se sustentando na avaliação positiva do ministro socialista Chernov que vislumbrava uma “grande revolução mundial” capaz de superar a Revolução Francesa, mas criticava as disputas partidárias internas ao governo.

²¹⁶ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

²¹⁷ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

Posteriormente, manifesta preocupação com as leituras dos jornais “maximalistas” por identificar neles temerosidade com a reação conservadora à nível local e internacional e os impactos da guerra sob o “espírito popular”. Por fim, ao publicar a Declaração do Conselho dos Delegados Operários e Soldados transmite a pressão política exercida sob o Governo Provisório nas disputas em torno das negociações pela paz. Ademais, formula críticas à “guerra imperialista” e a reafirmação dos interesses do citado Conselho com o envio dos seus delegados socialistas para serem parte do ministério. Esse caminho parlamentar seria uma estratégia para garantir condições tais quais: “prolongamento da luta de classes”, “condições de liberdade”, “unidade dos socialistas” e “luta comum e intensa pela paz”.

Figura 45 – Nuvem de Palavras XIII



Fonte: Elaborado pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “Arrebol da Liberdade - Ao redor da epopeia russa – A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior e exterior”.²¹⁸

A Nuvem de Palavras XIII sintetiza as palavras chaves e sobressai a preocupação das reações e atitudes dos socialistas no governo perante os dilemas dos passos seguintes da Revolução e as ameaças dos inimigos imperialistas e burgueses. Ademais, verifica-se a posição do Conselho dos Operários e Soldados entre os perigos que ameaçavam a Revolução, tais quais os burgueses e as guerras, e o proletariado na defesa da sua manifestação revolucionária.

²¹⁸ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

Gráfico XXVI - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia “Arrebol da Liberdade - Ao redor da epopeia russa – A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior e exterior”.²¹⁹



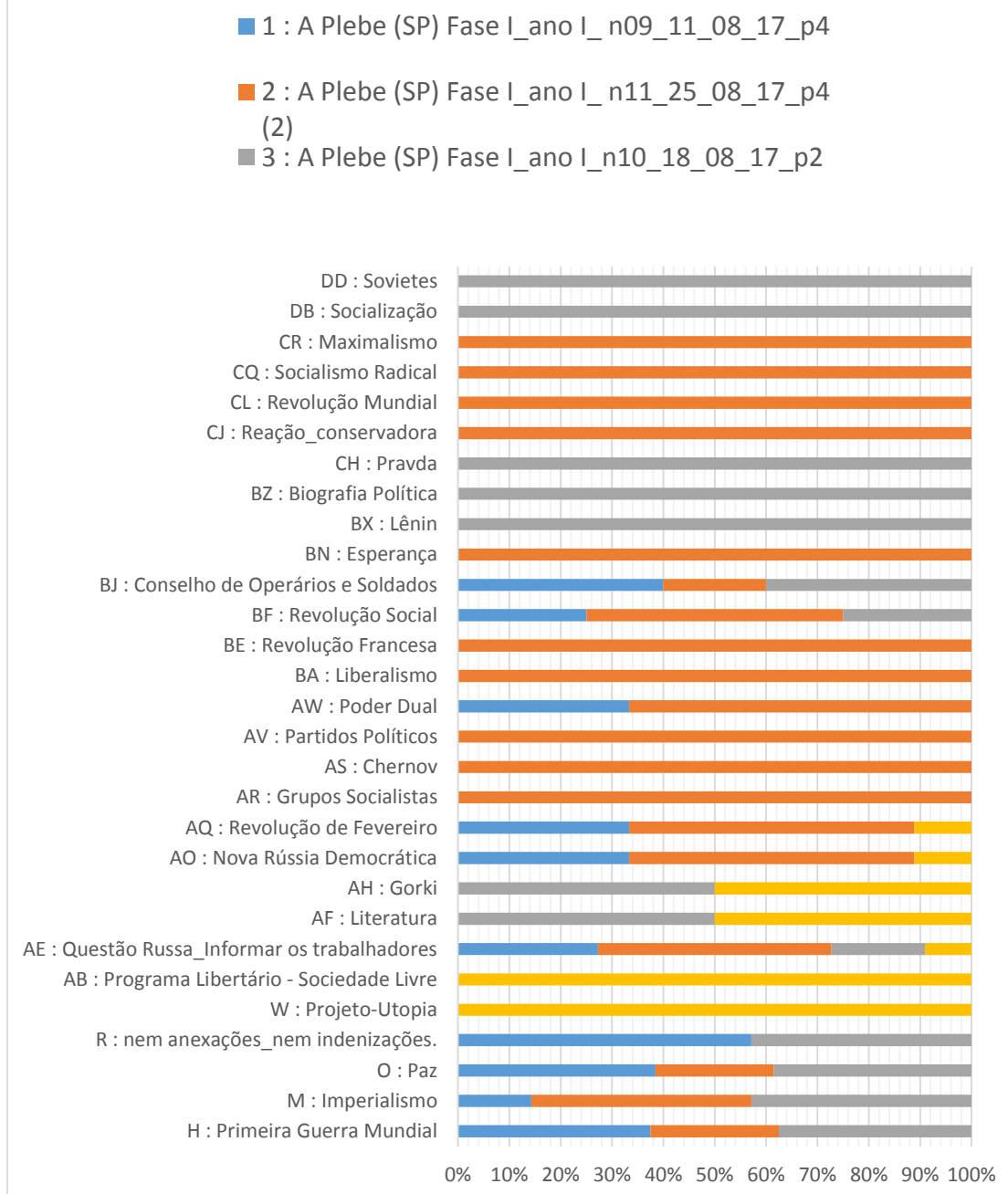
Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O Gráfico XXVI destaca três eixos temáticos principais: as informações da “Nova Rússia Democrática”, os aspectos da Revolução Social e as questões decorrentes da Primeira Guerra Mundial que incidiam diretamente no conteúdo trazido pela coluna “Arrebol da Liberdade” no final de agosto de 1917. É importante destacar que apesar do periódico paulista expressar inquietações quanto às indefinições dos rumos da Revolução Russa em um período no qual os resultados da “Jornada de Julho” recrudesceram a repressão e fortaleceram ações contrarrevolucionárias, *A Plebe* expressava ainda esperança por avanços mais definitivos nos processos revolucionários russos.²²⁰

²¹⁹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

²²⁰ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

Gráfico XXVII - Comparação da Codificação Temática - Agosto de 1917



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O Gráfico XXVII acima apresenta os principais temas de forma comparativa das edições do Jornal *A Plebe* no mês de agosto de 1917. A edição de 18 de agosto publica uma variedade maior de temas, onde se destaca novidades tais quais: a nomenclatura de

“Sovietes” pela primeira vez pra identificar o que conheciam como “Conselho de Operários e Soldados”. Também inaugura nas notícias os seguintes temas: Lênin e sua Biografia Política e o jornal bolchevique “Pravda”.

Na notícia de 25 de agosto, *A Plebe* ao comentar sobre possível prisão de Gorki faz críticas ao Governo Provisório e afirma que o melhor para o povo é “viver sem eles, na sociedade das livres agrupações de produtores e consumidores.” Demonstrando aqui princípios do programa libertário em torno do anarquismo. Havia nesse momento muito receio devido às indefinições dos rumos da Revolução Russa.²²¹

O tema “maximalismo” surge pela primeira vez na edição de 25 de agosto de *A Plebe* quando o periódico manifesta inquietação quanto ao caminho que seria escolhido na Revolução Russa e comunica a existência de “jornais maximalistas” relatando como eles temiam que o impacto da guerra arrefecesse o ânimo revolucionário.²²²

Na citada edição acima, em sua coluna “Arrebol da Liberdade”, o periódico *A Plebe* começa a abordar novos temas, relacionados com uma expectativa de avanço mais radical baseado em informações sobre o “Conselho de Deputados e Operários” e possíveis fontes de “jornais maximalistas”.²²³

No mês de agosto, as edições do jornal *A Plebe* começaram com a divulgação de uma resolução do “Conselho de Operários e Soldados” cuja teor era a defesa da paz em renúncia à política de conquistas como uma vitória da “democracia revolucionária”.²²⁴

O órgão do Conselho (Soviet) de Operários e Soldados responde aos jornais ingleses que afirma não haver divergências de interpretação entre a Rússia e seus aliados sobre a fórmula “nem anexações, nem indenizações”.

“A Revolução Russa não sacrificará um só homem para vos ajudar a reparar injustiças históricas cometidas em vosso dano. E as injustiças históricas praticadas por voz, a Irlanda, a Índia, o Egito, etc? Se tanto desejais a justiça, começai por ser justo. A democracia russa não se deixará enredar nas vossas belas frases; não tirará as castanhas do lume para os ingleses, franceses e japoneses. Sede pelo menos francos, como os japoneses que não admitem para o Extremo Oriente a fórmula “sem anexações”.²²⁵

²²¹ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

²²² Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

²²³ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 25 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

²²⁴ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 11 de agosto de 1917, p.4. CEDEM – UNESP.

²²⁵ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Na edição de 18 de agosto, o periódico *A Plebe* publica informações oriundas da imprensa operária francesa e pela primeira vez identifica o termo “Soviet” como sinônimo do “Conselho de Operários e Soldados”. Também inaugura nessa edição, a divulgação do jornal “Pravda”, dois parágrafos dedicados a biografia e ao programa político proposto por Lênin.

Pravda é o órgão de Lenine, o tão caluniado militante do partido socialista que luta e sofre há 25 anos pela sua causa e que na Rússia todos conhecem e respeitam, mesmo os seus adversários.²²⁶

Dessa forma, no início do segundo semestre de 1917, a imprensa operária brasileira já estava a par da existência e do perfil da liderança de Lênin, militante socialista de referência respeitada na Rússia e propositor de ações que sinalizavam para um avanço do movimento revolucionário.

Das várias notícias contraditórias parece deduzir-se haver uma forte corrente de opinião favorável a uma atitude militar puramente defensiva, simultânea com um apelo aos povos para que exerçam sobre os governos ação uma paz enérgica, ação pela paz geral, devendo a revolução ao mesmo tempo desenvolver-se e completar-se, segundo um programa que para Lenine, no dizer do correspondente de *Le Temps* consiste: 1º na confiscação imediata e partilha (talvez seja socialização) das terras, incluindo as dos camponeses ricos; 2º no fim da guerra pela fraternização geral dos exércitos beligerantes; 3º na entrega do poder legal aos conselhos de operários, soldados e camponeses (a revolta de Cronstad teve este escopo); 4º na publicação das convenções secretas dos governos aliados, nomeadamente para a partilha da China.²²⁷

A coluna “Arrebol da Liberdade” em *A Plebe*, 25 de agosto de 1917, com o subtítulo “A revolução em marcha deve ser defendida contra qualquer inimigo interior e exterior”, demonstrando o acesso a mais informações ampliando a temática nos jornais operários abordando a ideia de uma Revolução Mundial com um socialismo mais radical com um grupo maximalista na Rússia.

No contexto russo, o governo provisório realizou entre 12 e 15 de agosto (25 à 28 no calendário ocidental) de 1917 uma Conferência em Moscou em busca de sua legitimação onde Kerensky deveria ser a principal liderança. Porém, o destaque foi para o general Kornilov, entusiasticamente aplaudido pelos representantes da burguesia como o líder mais capaz para destruir os soviets e os bolcheviques.

²²⁶ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

²²⁷ Jornal *A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, p.2. CEDEM – UNESP.

Na primeira semana de agosto, Lênin estava refugiado na Finlândia e escrevia sua obra “O Estado e a Revolução”. Enquanto Kerensky enfrentava a articulação golpista de Kornilov na Conferência de Estado em Moscou com a participação de sindicatos, Duma, comerciantes e soviets. O evento resultou no acirramento das tensões entre a direita (industriais, kadets, empresários, políticos de carreira, soldados de alta patente) e a esquerda (intelligentsia socialista moderada, advogados e jornalistas mencheviques, dirigentes sindicais, oficiais e soldados de baixo escalão). Após a conferência moscovita, mencheviques, SRs e bolcheviques promoveram entre eles uma “colaboração relutante” contrária as ameaças contrarrevolucionárias (MIÉVILLE, 2017, p.170-173).

Kornilov surgiu no Governo Provisório, após as “Jornadas de Julho” quando se tornou comandante-em-chefe do exército russo nomeado por Kerensky para reagir a pressão dos trabalhadores exercida por meio dos comitês de fábrica e pela organização da “guarda vermelha”, grupos armados para proteger a Revolução da “violência reacionária”. Entretanto, tal aliança foi de reduzida durabilidade, alguns dias entre a nomeação de Kornilov e sua conspiração no planejamento de dois golpes em 1917: um com Kerensky contra os Bolcheviques e outro contra o próprio Governo Provisório.

O fracasso dessas conspirações golpistas para o historiador norte-americano Paul Le Blanc (2017, p.1) pode ser compreendido pela ideia de como a magnitude da história da Revolução Russa não é feita por heróis, mas por forças sociais que criam o contexto no qual os indivíduos agem. E nesse cenário russo no início do segundo semestre de 1917 nenhum dos referidos elementos necessários à ação estavam favoráveis às conspirações golpistas de Kornilov.

A ameaça da contra-revolução assumiu uma forma de ditadura militar após os dias de julho quando Kornilov liderou como comandante da guarnição de Petrogrado as repressões na capital e foi elogiado pela imprensa não-socialista como o “homem forte” para salvar a Rússia. O governo provisório já sinalizava o abandono da busca pela paz ao assegurar à Inglaterra capacidade e vontade russa de seguir na guerra até o seu final. Nesse processo, a censura fechava jornais com uma nova lei enquadrando “ofensa criminal” à “insultos na imprensa” contra qualquer “representante de um estado amigável”. A percepção dos trabalhadores russos no oitavo mês de 1917 era de submissão do Soviete de Petrogrado à chamada “sociedade do censo”. E a Conferência de Moscou confirmou essa tendência na medida em que a sociedade do censo externava suas intenções contra-

revolucionárias e não havia reações à altura do Soviete de Petrogrado (MANDEL, 1982, p.232 - 233).

Mandel (1982, p.232 – 237) observou em sua pesquisa entre julho e agosto de 1917 no nível das fábricas, a determinação dos proprietários em retirar as concessões conquistadas pelos trabalhadores, concentrando sua ofensiva contra os direitos dos comitês de fábrica na administração, contratação e demissão. E, durante esse período o pesquisador canadense destaca uma crescente ameaça à produção, emprego e integridade dos trabalhadores de Petrogrado com o fechamento das maiores fábricas estatais e privadas de todos os ramos da indústria. O referido historiador explica as dificuldades econômicas no segundo semestre de 1917, enquanto na primeira metade do ano revolucionário houve uma expansão considerável da força de trabalho industrial, aproximadamente 10 a 12%. A partir de julho começou uma forte tendência decrescente cujo termino aconteceu apenas muitos anos depois. Todavia, o salário mínimo não foi promulgado e a inflação consumia o poder de compra com um aumento estimado de 75% somente em julho e agosto. Desde o inverno de 1916 a 1917 foi no verão seguinte que a escassez de alimentos voltou a impactar a vida diária, na capital o fornecimento de grãos caiu para exímios dois dias e as filas na frente das padarias aumentaram a média de oito horas por dia para doze a treze horas.

At the August Factory Committee Conference, the Bolshevik Milyutin offered a summary of the post-July situation that was later incorporated into a resolution approved by an overwhelming majority:

In the economic and political spheres one is forced to note of late a changed situation. In the economic sphere Russia has already entered a period of real catastrophe because the economic breakdown and the food crisis have reached extreme limits. One already feels an acute scarcity of grain, and the picture of real hunger looms before us in all its immensity...

It is in this atmosphere of approaching economic disaster that the political life of the country has recently been evolving... Here the distinctive note is the open organisation of the counterrevolution. The disgraceful legacy of the past – capital punishment, administrative exile and arrests, attacks on the workers' organisations and press – these are the striking manifestations of the counterrevolution that occur in plain view of all. Parallel to this are the fanning of the war and the influence of international capital on the entire life of the country...

All power has in fact passed into the hands of the counterrevolution despite the fact that half of the cabinet consists

of “socialists” (MANDEL, 1982, p.237, apud *October revolution and factory committees*, 2 vols, M., 1927-8).²²⁸

Foi nesse contexto, entre julho e agosto de 1917, que o cenário russo era de crise econômica, desemprego, fome, retomada das pretensões beligerantes e das ações repressivas no qual o Governo Provisório perdia o apoio dos trabalhadores à proporção da sua percepção da “natureza contrarrevolucionária” da “sociedade do censo” ao mesmo tempo que se voltavam para os bolcheviques, principalmente devido a sua proposta de “todo poder aos soviets” e ao fato desse partido defender a paz e não participar do governo de coalizão. Nas eleições da Duma em 20 de agosto de 1917, os bolcheviques aumentaram de um quinto em maio para um terço dos seus deputados. E na segunda Conferência dos Comitês de Fábrica de 7 a 12 de agosto, a resolução bolchevique foi aprovada por 82% quando já possuíam a maioria nos executivos de todos os setores industriais do Soviete de Petrogrado (MANDEL, 1982, p.238 – 242).

No dia seguinte das eleições da Duma, os alemães conseguiram ocupar Riga, cidade da Letônia de posição estratégica para o alcance de Petrogrado. Nesses dias estava instalado uma conspiração golpista de direita com a articulação de grupos como a União dos Oficiais, Liga Militar e o Centro Republicano no planejamento em usar do evento comemorativo da Revolução de Fevereiro como pretexto para impor um governo pela força das armas dos kornilovistas.

O enredo das pressões e negociações entre Kerensky e Kornilov foi descrito por Miéville (2017, p.217) como uma “sinistra comédia de trapaças e erros da reação” envolvendo Vladimir Lvov, Deputado liberal, membro de um grupo de industriais moscovitas defensores de um gabinete de direita. A intervenção do mencionado deputado

²²⁸ Na Conferência do Comitê de Fábrica de Agosto, o bolchevique Milyutin ofereceu um resumo da situação pós-julho, que mais tarde foi incorporado por uma resolução aprovada por uma maioria esmagadora:

Nas esferas econômica e política, somos obrigados a notar ultimamente uma mudança na situação. Na esfera econômica, a Rússia já entrou em um período de verdadeira catástrofe porque o colapso econômico e a crise alimentar atingiram limites extremos. Já se sente uma aguda escassez de grãos, e a imagem da verdadeira fome paira diante de nós em toda sua imensidão ...

É nessa atmosfera se aproximando do desastre econômico que a vida política do país tem estado recentemente evoluindo...

Aqui a nota distintiva é a organização aberta da contra-revolução. O vergonhoso legado do passado - pena de morte, exílio administrativo e prisões, ataques às organizações operárias e à imprensa - são as manifestações contundentes da contra-revolução que ocorrem à vista de todos. Paralelamente a isso estão o aquecimento da guerra e a influência do capital internacional em toda a vida do país ...

Todo o poder passou de fato para as mãos da contra-revolução, apesar do fato de que metade do gabinete consiste de “socialistas” (MANDEL, 1982, p.237, apud *Revolução de Outubro e Comitês de Fábrica*, 2 vols, M., 1927-8, tradução nossa).

acirrou os ânimos e impulsionou Kerensky a reagir, acusando Kornilov de traição e solicitando autoridade ilimitada contra o avanço do perigo golpista. Os Cadetes do ministério se opuseram e renunciaram, finalizando o segundo governo de coalizão em 27 de agosto quando Kerensky ordenou a demissão e o retorno de Kornilov à Petrogrado. O general posicionou tropas nos distritos dos trabalhadores na capital e direcionou outras, em contraposição estava o Comitê de Defesa da Contrarrevolução formado por socialistas e democratas onde os bolcheviques possuíam maior capacidade de mobilização pela liderança dos trabalhadores e soldados organizados.

La tattica bolscevica in questa importante contingenza, riassunta da Lenin nella frase: “Noi combatteremo Korniolov, ma non sosterremo Kerenskij”, rivelò un alto grado di finezza e di flessibilità. Sfruttando fino all'estremo l'opportunità di guadagnarsi sempre piú le masse allontanandole dai partiti socialisti moderati, essi fecero di tutto per servirsi dei mezzi di azione legale messi nelle loro mani, senza comprometersi con uno sforzo prematuro e male inteso ad abbattere quell'ombra di governo, che anzi a parole dichiaravano di difendere (CHAMBERLI, 1972, p.347).²²⁹

A rápida derrota de Kornilov é compreendida por Alexander Rabinowitch (2007, p.4) como produtora de um “duplo efeito”: aumentar a estatura dos bolcheviques em nível popular e fornecer um estímulo poderoso à posição moderada bolchevique de todos os grupos socialistas unindo-se para a realização dos objetivos revolucionários incorporados no programa partidário. É possível constatar esses efeitos na aprovação da proposta de Kamenev ao Soviete de Petrogrado em 01 de setembro de 1917, solicitando a exclusão da burguesia do poder estatal e a criação de um novo governo exclusivamente socialista. A aprovação dessa resolução permitiu o controle do Soviete de Petrogrado pelos bolcheviques, um desenvolvimento facilitador da ascensão ao poder em outubro.

A tentativa de golpe militar liderada por Kornilov é analisada por Kevin Murphy (2007, p.58) como a forma concreta das ameaças da direita, mas também fortaleceu a resolução da esquerda devido a formação de quarenta mil “guardas vermelhos” e a quebra da confiança no governo provisório. A “guarda vermelha” foi crucial para a insurreição

²²⁹ A tática bolchevique nesta importante contingência, resumida por Lênin na frase: "Vamos lutar contra Kornilov, mas não vamos apoiar Kerensky", revelou um alto grau de sutileza e flexibilidade. Aproveitando ao máximo a oportunidade de ganhar cada vez mais a massa afastando-lhe dos partidos socialistas moderados, esses fizeram de tudo para valer-se dos meios de ação que lhes foram colocados, sem se comprometer com um esforço prematuro e mal intencionado de derrubar aquela sombra do governo, que de fato, em palavras, eles afirmavam defender (CHAMBERLI, 1972, p.347, tradução nossa).

de outubro e a descrença no governo de coalizão abriu espaço para o enraizamento dos ideais bolcheviques baseado no poder soviético.

Ao revisitar as principais conclusões das suas obras sobre os processos revolucionários russos de 1917, Rabinowitch (2017, p.1 - 4) afirma que na análise do fracassado golpe direitista do general Kornilov, a “faceta” deste momento histórico mais interessante é o impacto provocado na estatura dos Bolcheviques e a revelação por meio da luta em Petrogrado sobre o poder dos cidadãos comuns. Todavia, acrescenta que apesar da derrota do general evidenciar o grande potencial da esquerda e da atração do programa bolchevique, havia um ponto crucial: “o humor das massas” não refletia o desejo de um governo bolchevique. A ideia de um governo bolchevique também não havia sido ainda manifestada publicamente. E os bolcheviques eram para os trabalhadores, soldados e marinheiros de Petrogrado uma representação do poder soviético por uma “democracia popular soviética multipartidária”. Tal perspectiva era um “impedimento de uma captura unilateral do poder”, além de que as classes mais baixas da cidade se aproximaram da ideia de um governo soviético que unisse todos os elementos socialistas democráticos.

Segundo as reflexões mais recentes de Rabinowitch (2017, p.4), a história do partido bolchevique desde a Revolução de Fevereiro demonstrou seu “potencial de discordância programática, além de atividade indisciplinada e desorganizada”. E no “rescaldo do caso Kornilov”, ainda estava indefinido se o partido encontraria para tomar o poder: “suficiente força de vontade, disciplina organizacional e sensibilidade às complexidades daquela situação potencialmente fluida e ao mesmo tempo explosiva”.

Na imprensa operária, embora houvesse um contato com as notícias variando entre momentos de publicação síncrona e assíncrona no que se refere a ocorrência dos fatos como é possível verificar no estudo historiográfico da Revolução Russa, era como se de certa forma, seja pela rede de relações jornalísticas locais e internacionais ou em função da capacidade de leitura dos sinais dos processos revolucionários russos, os periódicos operários conseguissem transmitir o clima político em seus avanços, recuos, ameaças e dilemas.

Então, ainda quando as edições de agosto não divulgassem com exatidão temporal os acontecimentos tais quais estavam se desenrolando em torno do “caso Kornilov”, os textos jornalísticos eram capazes de informar as inquietudes do momento. Dentre elas, *A Plebe* apontava: as desconfianças com as posturas mais moderadas do socialismo, o prolongamento das indefinições sob assuntos cruciais como a guerra e o ritmo retardatário

das mudanças fortalecendo o risco de arrefecer os ânimos, decepcionar o povo e corromper os revolucionários. No entanto, permanecia a manifestação de esperança quanto ao desenvolvimento da Revolução Russa e era essa a tônica do acompanhamento das notícias, apesar dos “temores” e da variação temporal no acesso aos fatos.

5.2 As notícias da Revolução Russa em setembro de 1917 no jornal *O Debate* (RJ).

No nono mês de 1917 identifica-se notícias da Revolução Russa no periódico carioca *O Debate* sob o qual serão abordado os mencionados conteúdos jornalísticos.

O jornal *O Debate* em 29 de setembro de 1917 na sua página sete, observado na Figura 45 abaixo, desenvolve na coluna de título “Os fatos do exterior” o seguinte subtítulo: “Quem é Lenine”. Nesse intuito de informar quem era Lênin, o texto diz que desde o começo da Revolução Russa o nome do agitador já percorria o mundo por meio dos jornais, “das colunas dos grandes diários e sempre acompanhado de comentários e qualificativos os mais disparatados”. Dentre esses havia a versão de “agente alemão disfarçado em socialista” na qual insistia os correspondentes telegráficos da imprensa de “grande tiragem”. Eles afirmavam ter ido Lênin à Alemanha para receber ordens e dinheiro e divulgaram ser ele o “traidor da pior espécie, fomentador de desordens que aproveitem os inimigos da Rússia, miserável vendido ao ouro teutônico...É a história que serve!”²³⁰.

²³⁰ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.

Figura 46 - Jornal *O Debate* (Ano I - Nº 12)

O DEBATE

Os factos do exterior

Quem é Lenine

Desde o começo da revolução russa que o nome do agitador Lenine percorre o mundo, através dos fios e das ondas telegraphicas, pelas columnas dos grandes diários, e sempre acompanhado de commentarios e qualificativos os mais disparatados. A versão mais geralmente corrente nesses telegrammas dá Lenine como agente allemão disfarçado em socialista. (Por mais de uma vez têm os correspondentes telegraphicos affirmado ter Lenine ido á Alemanha, a receber ordens e dinheiro para a sua obra. Chegam mesmo a precisar a quantia mensal que lhe é entregue. E assim, o mundo inteiro, guiado pelo que diz a grande imprensa moderna, está absolutamente convencido de que Lenine é, de facto, um traidor da peor especie, fomentador de desordens que aproveitem aos inimigos da Russia, miseravel vendido ao ouro teutonico... E' á historia que se escreve!

Mas essa historia é uma historia erradissima e não menos superlativamente infamissima. Sinão, vejamos. Leiam-se as palavras a seguir transcriptas de um artigo publicado num jornal francez. E' seu autor o socialista franco-russo Rappoport, desde muitos annos militando no partido socialista francez, e chamase a folha referida "Le Journal du Peuple", numero de 26 de julho ultimo. Ellas :

"Qualquer revolução de grande envergadura chega fatalmente a uma volta tragica, á luta entre os moderados, que procuram deter a Revolução, e os "entrégas", que querem saltar todas as estações numa corrida vertiginosa com risco de despedaçar tudo.

E é preciso ser duma ignorancia crassa ou da mais escandalosa má fé para tentar reduzir essa tragedia historica a um caso vulgar de corrupção por meio do dinheiro.

Milhares de militantes socialistas russos ha "uns vinte annos" que conhece Lenine, homem de incorruptivel caracter e de immaculada vida. Só tem um defeito : é partidario dos "so" é fora. Nessa carreira doida, automovel e conductor rolam fatalmente no abysmo, esmagando na sua passagem innocentes peões.

Propagandista, agitador e organizador de grande talento, separa-se em 1903, de Plekhanoff, Axelrod, Martoff e outros colaboradores da "Sentinella" para fundar um partido seu, os "Bolcheviki" — os maioritarios (não confundir!). De então para cá, não cessa de

comhater, com um vigor e amide com uma injustiça extraordinaria, a direita e o centro do socialismo russo e internacional. Levando reivindicações ao extremo, julga poder impedir o movimento de parár e degenerar.

Antes de 1905, pedia a insurreição armada, a luta implacavel contra "todas" as fracções da burguezia, o bloco proletario é camponez contra o bloco burguez.

Depois da revolução de 1905, o seu programma "minimo" foi : a republica democratica, a Constituinte, a amnistia geral, a confiscación das terras "sem" indemnisação, o dia de oito horas de trabalho. Prégava a revolução permanente que degenerou naturalmente num banditismo comprometedor.

Ao mesmo tempo que se declara partidario da theoria de Marx, tem o culto das "minorias actuantes".

E em 1905, fez-se grande troça dos seus lemas animados do intuito de provocar a revolução em data fixa, por meio de pequenos grupos de iniciadores. E' um Blanqui que estudou Marx, mas desprovido da subtiliza latina e da profunda diplomacia revolucionaria do eterno "Encerrado".

Lenine é apaixonadamente por todas as "sciões" : scião do partido socialista, scião da Internacional, scião da Russia numa serie de Estados-fracções. Poderiam applicar-lhe o espirituoso dardo da nossa amiga Séverine, por ella lançado "noutra" direcção : "o maximo divisor commum".

A força de Lenine é a sua vontade de ferro a clareza e simplicidade dos seus lemas, o seu absoluto desinteresse, a sua incorruptibilidade, a sua acção methodica e uma habilidade organizadora consummada. Tinha sempre consigo a maioria dos proletarios conscientes dos grandes centros operarios. E' o perfeito homem de acção, minimo de pensamento e maximo de actividade. Tudo sacrifica pelo fim a atingir. Tudo simplifica.

O seu erro fundamental é o desconhecimento da complexidade da vida social, da "continuidade historica", ignorancia da lei fundamental da historia, a saber : si ás vezes as minorias "fazem" de surpresa a historia, as maiorias as desfazem. Genios como Marx e Jaurés comprehendieram-no. (Lenine) Está completamente tapado dessa banda.—Carlos Rappoport".

propriedade do socio. Nada, mais simples.

— Sim, senhor! Mas seria preciso que um não desconfiasse do outro, como succede sempre e com razão... Só o governo pôde obrigar a isso. Pois se o povo não quer, por lei o ha de querer.

— O governo? Sabe o senhor o que é o governo? Ninguém sabe o que é o governo... Só o thesouro publico o conhece e os compradores da consciencia dos politicos que o usurpam, devido ás pessoas sujas dos seus cabos electoraes, en-

cachagados... Ninguem mais, meu caro senhor!

Levantel-me e cumprimentei o "floreiro". No caminho a neblina havia subido, irisando-se como o pollen, ao sol que surgia nos vãos irregulares dos vinhaticos de folhagem meuda, fina como uma renda, e num pé de cabelluda em flor, num como canticos entôava um enxame de abelhas de ouro. Extasiante era o perfume das flores cobertas do vidrilho do orvalho, e a fillgrana tocada de rocio das

telas de aranha dava um encanto imprevisto, ornando os arvãos dos arbustos esguerlhados. Um chilrear alagre vagava pelo ar, enquanto o pio de um passaro mysterioso lembrava o som dulcissimo de um beijo de amor sadio, dentro das moitas.

De repente, na curva do caminho, já proximo da villa, os festivos raios de um sol fulgente feriam em "pointille" o bambual, numa bizarra apothéose.

JOSE' SATURNINO BRITTO

PALAVRAS DISSONANTES

4

Em sou nascido no Brazil, filho e neto de brasileiros. Sou, pois, um sujeito brasileiroissimo. Mas eu tenho vergonha de ser brasileiro. O Brazil, terra tão grande e tão bela, está se tornando um país cada vez mais indocente. Domina-o, sem contraste, uma quadrilha de malfeteiros, constituída sob a fôrma de governo republicano. As liberdades individuais e coletivas do povo são sendo suprimidas ao arbitrio dessa quadrilha perigosa. O que os quadrilheiros estabelecidos em São Paulo estão fazendo é sintomático. Os operários dignos e inteligentes, que se não submetem ao regime de coação economica, politica e moral vigente, e procuram organizar meios de defesa contra a fome, que impera nos lares proletarios, são cegorados pelos cães de policia, trancofiados na cadeia, si são nacionais, e espulsos do país, si são estrangeiros. Isso é intoleravel. Sou brasileiro e não me conformo com isso. E convide todos os brasileiros meus patriotas para a reação necessaria: uma revolução profunda e tremenda, que ponha fim ao mando dos quadrilheiros dominantes... — BAZILIO TORREZAO.

Ao homem

Tu, que, antes de ser homem, perlustraste toda a série animal em outras erás, que tens, de herança, o atavico contraste das indoles dos annos e das feras;

que no periodo devoniano, em que eras já vertebrado, não descontinuaste na róta ascencional que te traçaste quando te desprendeste das moneras;

ousas nadar, chegando á fôrma humana, a arvore-mãe de que o teu ser promana, rumando á Perfeição, á Fôrma Ideal.

E, como um refractario á liberdade, mal te libertas da animalidade, prendeste á fé no Sobrenatural...

VII — MCMXXVII.

Vicente de Miranda Reis.

Lênin, então, surge como um líder socialista conhecido internacionalmente pelos jornais por sua atividade militante, inclusive já sendo alvo de campanhas caluniosas da imprensa de “grande tiragem” para desqualificá-lo como “traidor” e aliado alemão. Contudo, o periódico carioca *O Debate* indicava fontes mais críticas em relação a versão dos jornais de “grande tiragem” advindas das agências de notícias.

Para contrapor essas informações, *O Debate* publica um artigo do jornal francês “*Le Journal du Peuple*” datado de 26 de julho de 1917, cuja autoria era identificada como *Carlos Rappoport*, descrito como “socialista franco-russo militante de muitos anos no partido socialista francês”.²³¹

Inicialmente é observado sobre “qualquer revolução de grande envergadura” o momento fatal da “volta trágica” quando há uma luta entre os moderados, aqueles que procuram deter a Revolução e os “entragés”, grupo dos quais “querem salvar todas as estações numa corrida vertiginosa com risco de despedaçar tudo”. E tal “tragédia histórica” só poderia ser reduzida a um caso “vulgar de corrupção por meio do dinheiro” por “ignorância crassa” ou “escandalosa má-fé”.²³²

O jornalista francês demonstra discordância com grupos revolucionários mais radicalizados por exporem a Revolução ao risco da perda total, mas não coaduna com a acusação de corrupção à Lênin, argumenta sobre sua longa e conhecida trajetória política. O autor francês ressalta ser Lênin conhecido pelos militantes socialistas russos desde aproximadamente 1887 enquanto “homem de incorruptível caráter e de imaculada vida”. Porém, *Rappoport* aponta um defeito: “partidário dos agora” e argumenta: “nessa carreira doida, automóvel e condutor rolam fatalmente no abismo, esmagando na sua passagem inocentes peões”.²³³

²³¹ Carlos Rappoport era Charles Rappoport (1865–1941), político e escritor socialista. Nascido em Doukshy na Lituânia, juntou-se ao movimento social revolucionário em Vilna, capital, e deixou o país após encontrar a organização russa, Narodnaya Volya. Em 1887, ele participou de uma conspiração com o irmão de Lenin, Alexander Ulyanov, para assassinar o czar Alexandre II. Ulyanov foi preso e enforcado. Rappoport fugiu para a França, onde se juntou ao Partido Socialista e se tornou um marxista proeminente, em oposição às doutrinas moderadas do líder socialista Jean Jaurès (1858–1914). Rappoport se opôs à participação da França na Primeira Guerra Mundial e esteve presente nas conferências anti-guerra de esquerda em Kienthal e Zimmerwald e foi preso em 1917 sob a acusação de fazer discursos derrotistas. Em 1921, Rappoport juntou-se ao Partido Comunista Francês e editou a *Revue Communiste* e o órgão oficial do partido, *Humanité*. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/rappoport-charles>. Acessado: 26 de agosto de 2019.

²³² Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.

²³³ Ibid. Op, Cit, p.7.

Lênin é qualificado como “propagandista, agitador e organizador de grande talento”. É mencionado a ruptura no Partido Social-Democrata russo em 1903 e a posterior fundação do Partido Bolchevique, esclarecendo o significado desse nome como “os maioritários”. O Lênin “bolchevique” foi descrito “incansável no combate com vigor e amiúde em uma injustiça extraordinária, à direita e ao centro do socialismo russo e internacional”. Outro aspecto da prática do líder bolchevique é o de levar reivindicações ao extremo, pois, “julga poder impedir o movimento de parar e degenerar”.²³⁴

O marco da sua carreira política é apresentado pela Revolução de 1905, antes Lênin estaria na defesa da insurreição armada, “a luz implacável contra todas as frações da burguesia, o bloco proletário e camponês contra o bloco burguês”. E em seguida, *Carlos Rappoport* afirma que ele começou a defender um “programa mínimo”: a república democrática, a Constituinte, a anistia geral, a confiscação das terras sem indenização e o dia de oito horas de trabalho. E segundo o referido jornalista francês ainda “pregava a revolução permanente que degenerou naturalmente num banditismo comprometedor”. Além disso, garante ser Lênin um “partidário declarado da Teoria de Marx, apesar do culto das minorias atuantes”.²³⁵

E diz que em 1905 houve “grande troça dos lemas animados” de Lênin quando defendia a revolução em data fixa por meio de pequenos grupos de iniciadores. Por isso é qualificado como um “Blanqui que estudou Marx sem sutileza latina e diplomacia

²³⁴ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.

²³⁵ *Ibid.* Op, Cit, p.7. “Lenin qualificou a Revolução de 1905 de ‘ensaio geral’ para a Revolução de Outubro de 1917. Alguns historiadores ocidentais enfatizam a importância de 1905 como uma revolução em seu próprio direito. Praticamente todos os grupos sociais e áreas geográficas foram afetados e, em algumas localidades, os insurgentes assumiram brevemente os poderes do governo. A autocracia foi levada à beira do colapso e forçada a conceder limites ao seu poder pela primeira vez. A classe dominante manteve um poder político significativo, no entanto, em parte devido à lealdade contínua da maior parte do exército. Enquanto alguns historiadores acreditam que 1905 enfraqueceu fatalmente a velha ordem, para outros foi somente após a Primeira Guerra Mundial e seus efeitos na sociedade, na economia e no exército que um golpe final pareceu possível”. (PEELING, Siobhan. Disponível: https://encyclopedia.1914-1918-online.net/article/revolution_of_1905_russian_empire. Acessado em: 05/04/2020, tradução nossa). Ver também: LIH, Lars. 1905 and All That: The Revolution and Its Aftermath. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers. V. 8, Nº 4, pp. 861-876, fall.2007. O historiador canadense faz uma resenha comparativa nesse artigo entre quatro livros dos seguintes autores: Pete Glatzer, Leopold H. Haimson, Michael Melancon, e uma co-autoria entre Stanislav Tiutiukin, AP. Korelin, Irina Pushkareva, NG. Koroleva e IA. Khristoforov. São produções acadêmicas que abordam o “entrelaçado destino da Rússia czarista e a Revolução”, a obra dos autores russo apresenta uma “narrativa mítica soviética que tem sido secularizada, desnacionalizada e recebeu uma forte base empírica”. Do lado ocidental, temos lealdade inquestionável ao paradigma da “espontaneidade”, com todas as suas consequências para a nossa compreensão do processo revolucionário por inteiro (LIH, 2007, p.870).

revolucionária”. Ademais, acrescenta ao perfil político de Lenine ser “apaixonado por cisões”: do partido socialista, da Internacional e da própria Rússia em Estados-frações.²³⁶

A força de Lenine é a sua vantagem de ferro a clareza e simplicidade dos seus lemas, o seu absoluto desinteresse, a sua incorruptibilidade, a sua ação metódica e uma habilidade organizadora consumada. Tinha sempre consigo a maioria dos proletariados conscientes dos grandes centros operários. É o perfeito homem de ação, mínimo de pensamento e máximo de atividade. Tudo sacrifica pelo fim a atingir. Tudo simplifica.

O seu erro fundamental é o desconhecimento da complexidade da vida social, da “continuidade histórica”, ignorância da lei fundamental da história, a saber: se às vezes as minorias “fazem” de surpresa a história, as maiorias as desfazem. Gênios como Marx e Jaurés compreenderam-no. Lênin está completamente tapado dessa banda - *Carlos Rappoport*.²³⁷

A análise conclusiva de *Rappoport* foi ancorada em dois aspectos, a força e o erro de Lênin segundo sua visão seriam sustentados, a primeira pela clareza, simplicidade, desinteresse, método e organização, por outro lado, supunha que o equívoco estaria na crença em uma minoria fazer a história. As ideias apresentadas pelo socialista francês sobre Lênin, publicou pelo *O Debate* um perfil de liderança com longo passado de compromisso e talento na luta política e criticado por posições mais extremas, “partidário dos agora” que poderiam apresentar riscos à Revolução.

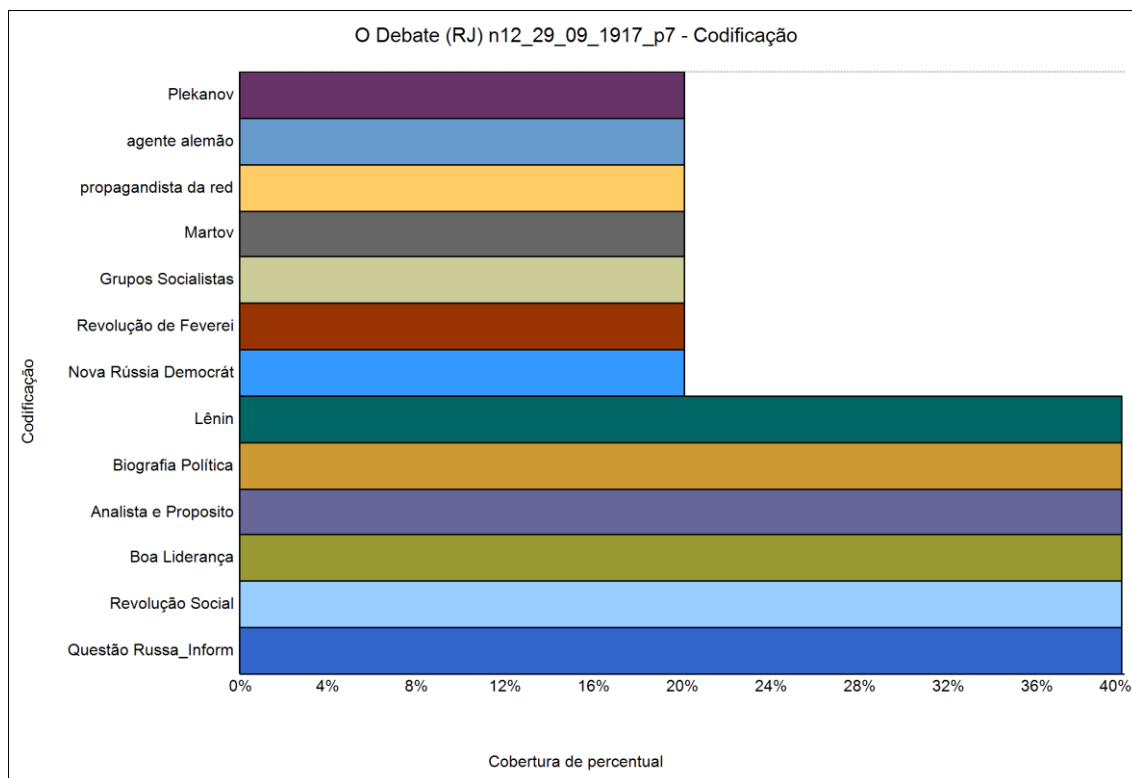
Portanto, Lênin já não era mais um desconhecido pela imprensa operária em 1917, o periódico carioca *O Debate* no final de setembro publicou fatos e perfil de sua biografia com avaliações das suas escolhas políticas de acordo com o viés de um socialista francês. Na medida em que os acontecimentos chegavam pelos jornais era possível mais clareza e conteúdo no acompanhamento das notícias da Revolução Russa. E a expectativa permanecia sustentada na esperança por movimentos mais decisivos nos rumos da Rússia em direção à objetivos no âmbito de posições à esquerda na experiência revolucionária. Principalmente, em um cenário mundial e local de adesão ao militarismo imperialista com

²³⁶ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP. Louis Blanqui (1805-1881), francês, estudou medicina e direito com intensa participação na Revolução de Julho de 1830 na França e por defender ideias republicanas foi condenado à prisão durante o reinado de Louis Felipe. E em 1840 foi condenado à morte, teve a pena comutada para prisão perpétua. Foi solto pela Revolução de 1848. Blanqui procurou organizar uma elite relativamente pequena, centralizada e hierárquica, que realizasse uma insurreição para substituir o poder de Estado capitalista pela sua própria ditadura revolucionária. A acusação de “blanquismo” foi formulada pelos mencheviques, particularmente por Plekhanov contra Lenin e o bolchevismo antes e depois da Revolução de Outubro de 1917. Em abril de 1917, porém, Lenin repudiou o blanquismo por lutar para tomar o poder com o apoio de uma minoria e compreendeu a necessidade de conquistar uma maioria (BOTTOMORE, 1988, p.61-62).

²³⁷ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.

consequências econômicas deteriorantes da vida dos trabalhadores submetidos a um longo acúmulo de explorações sem direitos mínimos.

Gráfico XXVIII - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “*Quem é Lenine*”²³⁸



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

Conforme verifica-se no Gráfico XXVII acima, o periódico carioca *O Debate* no intuito de informar sobre quem era Lênin apresenta alguns traços do seu perfil. E assim, publicou momentos da biografia política e personagens como Martov e Plekanov que estiveram envolvidos nas suas atuações onde se destaca apesar de algumas divergências, talentos bem diferenciados da maioria. E por isso, o fizesse uma liderança russa bastante conhecida pelos jornais de “grande tiragem” desde o início do século XX.

No final de setembro de 1917, então, é possível constatar a divulgação já bem ampla do conhecimento de uma das mais importantes lideranças bolcheviques da Revolução Russa. O caminho das fontes jornalísticas perpassam constantemente pelos

²³⁸ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.

impressos franceses, a exemplo do “*Le Journal du Peuple*”. E nesse trajeto das relações transnacionais, Lênin chega ao Brasil como um líder de comportamento exemplar e confiável, caluniado pelas agências de notícias e valorizado pela imprensa operária.

Figura 47 – Nuvem de Palavras XIV



Fonte: Elaborado pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “*Quem é Lenine*”.²³⁹

Na Nuvem de Palavras XIV a biografia de Lênin é identificada de forma bastante sintetizada com a captura de características apontadas pela notícia como: “agitador, fundamental, internacional”. Também verifica-se as questões em torno da polêmica das acusações à Lênin como agente alemão e as divisões partidárias social-democratas cujo termo associado ao líder russo na notícia é “apaixonadamente” relacionada na notícia por sua tendência às cisões. As posições mais radicais de Lênin, provocaram as acusações de ser adepto do blanquismo e buscar apenas o apoio das minorias.

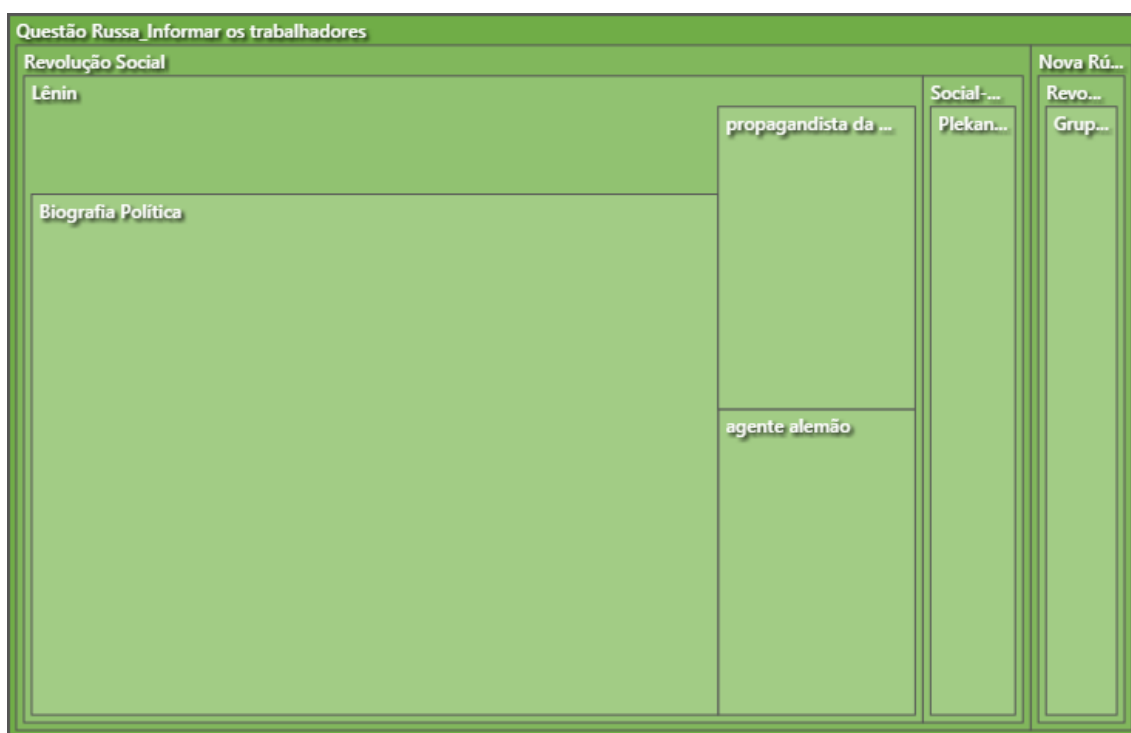
Lenine é apaixonadamente por todas as cisões: cisão do partido socialista, cisão da Internacional, cisão da Rússia, numa série de Estados-frações. Poderiam aplicar-lhe o espirituoso dardo da nossa amiga Séverine, por ela lançado “noutra” direção: o máximo divisor comum”.²⁴⁰

²³⁹ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.

²⁴⁰ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.

O nome de Lênin surge em detalhes às vésperas da Revolução de Outubro nas páginas de *O Debate* associado a descritores-chaves do seu perfil pelo qual é divulgado com fontes francesas. O desenho de um político profundamente conectado com a Revolução Russa sob qualquer aspecto possível de observar nas palavras destacadas pela Figura 46, mesmo antes dos acontecimentos desenrolados nos meses seguintes, Lênin já era visto com habilidades diferenciadas construídas por décadas de atuação partidária na social-democracia russa e por uma postura firme em seus propósitos revolucionários.

**GRÁFICO XXIX - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia
“Quem é Lenine”²⁴¹**



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O Gráfico XXVIII apresenta o caminho da codificação temática que envolve a biografia de Lênin como um líder confiável apesar das divergências possíveis com suas estratégias políticas. Por isso, as acusações de “agente alemão” não conseguiam lograr qualidades que não fossem de “perseguição” da sua vida política. No resumo do seu perfil

²⁴¹ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, p.7. CEDEM – UNESP.

no final da notícia foi indicado ser sua força, vontade e clareza o tripé do homem da ação construída no “desinteresse”, “incorruptilidade” no esforço metódico e organizacional.

Lars Lih (2020, p.1) em um dos seus artigos mais recentes sobre Lênin afirma que ele foi identificado de várias maneiras seja por admiradores, considerando-o “pai da União Soviética, fundador do movimento comunista internacional ou grande teórico marxista”. Ou por detratores qualificando-o como “sectários fanáticos, elitista cínico ou supremo demagogo”. O historiador canadense faz um convite analítico inovador: considerar como o próprio Lênin definiu sua identidade política e contextualiza-la historicamente, sem considerar apenas o que era individual.

For most of his political career, Lenin self-identified as a leader of “revolutionary Social Democracy” in Russia. “Revolutionary Social Democracy” was the name given to the left wing of international Social Democracy during the era of the Second International in the decades before World War I. In 1917-1918, Lenin rejected the label “Social Democrat” in favor of “Communist” because he felt that the banner of Social Democracy had been dragged in the mud by the Western European parties who supported the war effort of their respective governments. But this name-change was not a rejection but rather an anguished affirmation of his political identity. In Lenin’s mind, he was the one who remained true to the tenets of prewar revolutionary Social Democracy, while the leaders of most other parties in the Second International were renegades who had betrayed the faith (LIH, 2020, p.1).²⁴²

Lih (2020) no intuito de sistematizar a carreira política de Lênin propõe a divisão em três décadas com diferentes focos principais. A primeira década entre 1894 e 1904 onde o âmago do período foi a criação de um partido social-democrata na Rússia. O objetivo político desses primeiros anos era a derrubada revolucionária do absolutismo e a conquista da liberdade política através de um programa baseado na construção partidária o mais parecida possível com o partido social-democrata alemão nas limitações das condições czaristas. Isso significou a criação de um “partido *konspiratsiia*, a arte de não ser preso”, partido clandestino ilegal tornado possível por “revolucionários

²⁴² Durante a maior parte de sua carreira política, Lenin se identificou como um líder da "socialdemocracia revolucionária" na Rússia. "Socialdemocracia revolucionária" foi o nome dado à ala esquerda da socialdemocracia internacional durante a era da Segunda Internacional nas décadas anteriores à Primeira Guerra Mundial. Entre 1917 e 1918, Lenin rejeitou o rótulo de "Socialdemocrata" em favor de "Comunista" porque ele sentiu que a bandeira da socialdemocracia havia sido arrastada na lama pelos partidos da Europa Ocidental que apoiaram o esforço de guerra de seus respectivos governos. Mas, essa mudança de nome não foi uma rejeição e sim uma afirmação angustiada de sua identidade política. Na mente de Lenin, foi ele quem permaneceu fiel aos princípios da socialdemocracia revolucionária do pré-guerra, enquanto os líderes da maioria dos outros partidos da Segunda Internacional eram renegados que traíram a fé (LIH, 2020, p.1, tradução nossa).

profissionais”. Esses último não seriam, de acordo com o historiador canadense, uma “casta conspiratória exclusivamente da *intelligentsia*”, mas um “tipo familiar e necessário” às condições de isolamento impostas pela repressão czarista. O jornal *Iskra* criado por Lênin era a “peça central de seu plano para um partido russo”, ele confiava na resposta dos trabalhadores à mensagem socialdemocrata mesmo a mensagem sendo transmitida por um jornal proibido, difícil de obter e ler.²⁴³

Conforme a interpretação mencionada do especialista canadense na biografia política de Lênin, a segunda década da sua carreira seria entre 1904 e 1914 quando ele estava voltado para a questão da hegemonia enquanto o “dever do proletariado socialista de fornecer liderança política aos camponeses na revolução democrática da Rússia”. Lih (2020, p.8) esclarece que para os bolcheviques essa “hegemonia” se tratava de liderança, por isso, estabeleceram uma tática da hegemonia na qual os camponeses aceitariam a liderança proletária porque eram racionais para entender como esses líderes os ajudariam a atingir seus próprios objetivos e apenas os socialdemocratas poderiam garantir que a revolução fosse levada “até o fim”.

Na última década da sua carreira, entre 1914 e 1924, Lênin esteve voltado enquanto tarefa prática para a Revolução Socialista tanto na Europa Ocidental quanto na Rússia. Logo após a Revolução de Fevereiro de 1917, Lênin endossava o que havia publicado em outubro de 1915 com o título de “Várias Teses”, onde defendia que a tarefa do proletariado russo era acabar com a revolução democrática burguesa quando o colaborador seria o campesinato e depois inflamar a revolução socialista na Europa enquanto uma tarefa especial e secundária com parceria do proletariado de outros países. Também havia a continuidade da tática de hegemonia que definiu o bolchevismo no pré-

²⁴³ Lih (2020, p.1) explica como o modelo do partido social democrata alemão se refere a um conjunto de técnicas empregadas, o principal instrumento era uma imprensa socialista com diversos jornais, além de “agitação face a face, comícios, folhetos, campanhas eleitorais, sindicatos filiados a partidos, organização cultural voluntária, como sociedade de corais e uso generalizado de taberna como ponto de encontro”. A lógica dessa atuação pode ser compreendida como uma “campanha permanente” para instigar o senso de missão na vida cotidiana dos trabalhadores. Tal formato político exigia algum nível de liberdade política na sociedade, como liberdade de imprensa, de assembleia, de organização e outras. Dessa forma, o pesquisador canadense ressalta outra implicação fundamental desse estilo de partido, o “interesse vital do socialismo em revoluções democráticas anti-absolutistas” que caracterizava os marxistas das demais correntes socialistas no século XIX. Nessa perspectiva, o proletariado assume a liderança da revolução democrática e no início do século XX, os social-democratas russos deram a esse papel, o nome de hegemonia.

guerra: lutar para criar um *vlast* (poder estatal) operário-camponês para levar a Revolução Democrática até o fim com base nos interesses dos trabalhadores e camponeses russos.

Nas vésperas da Revolução Russa, Lênin afirmou que o proletariado e o partido bolchevique poderiam desempenhar “papel de liderança” se os camponeses caminhassem para a esquerda no momento decisivo. Nos escritos durante a guerra, Lênin argumentou que a sua confiança na revolução socialista iminente na Europa Ocidental estava sustentada no consenso pré-guerra da socialdemocracia revolucionária.

O ambiente de guerra acrescentou dois elementos relativamente novos ao pensamento de Lênin. Do ponto de vista de 1917, a obra “Estado e Revolução” os “passos em direção ao socialismo” seriam a expropriação dos capitalistas e o Estado dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados. O outro elemento novo foi o desaparecimento da liberdade política como um objetivo imperativo com o elogio a “democracia soviética” porque encorajou a participação em massa no trabalho do governo quando aconteceu a negação categórica de valor na democracia burguesa. Por fim, nessa análise da carreira política de Lênin, o pesquisador Lars Lih (2020) concluiu que os ajustes feitos por Lênin em sua identidade política original como um socialdemocrata revolucionário ajudaram a preservar sua lealdade central à inabalável hegemonia dos trabalhadores russos.

A referida pesquisa historiográfica sobre a carreira política de Lênin apresenta temas em torno do conteúdo da notícia do periódico carioca *O Debate* que explicitava elementos dessa biografia pública do líder bolchevique. A publicação datada de 29 de setembro de 1917 aconteceu em um período no qual completava um mês da tentativa fracassada do golpe kornilovista quando grupos socialistas moderados, mencheviques e SR’s procuravam aliança com a burguesia. No entanto, Lenin clandestino na Finlândia enviava Cartas ao Comitê Central Bolchevique estimulando o início imediato da Revolução avaliando ser aquele o momento propício que se desenrolava para a insurreição armada.

Lênin tinha um projeto completo do levante armado ao final de setembro, o qual ele distinguia – e durante o processo, distanciava – da abordagem putschista, blanquista, por dois atributos fundamentais: 1) insurreição é uma arte e “não deve basear-se nem em conspiração nem no partido, mas na classe avançada” e suas organizações espontâneas, como se expressava pelo lema “Todo poder aos soviets!”; 2) a insurreição deve ser executada “quando a atividade das fileiras avançadas do povo estiver no auge e quando as vacilações nas fileiras do inimigo e nas fileiras dos amigos fracos, de coração vacilante e

incertos da revolução, estiverem mais fortes”. A revolução pode, então, ser realizada com sucesso (KRAUSZ, p.181).

Nas correspondências destinadas à direção partidária ao abordar a insurreição, Lênin argumentou com o contexto das realidades sociopolíticas nas suas dimensões históricas e teóricas. E defendia que as formas soviéticas de autogoverno descritas em “O Estado e a Revolução” e o sistema institucional de democracia direta com uma base de poder espontaneamente organizada, tais como os comitês das fábricas, os sindicatos trabalhistas, os sovietes, o Comitê Militar Revolucionário, comitês revolucionários, já estariam prontos para defender a revolução após uma conclusão vitoriosa da insurreição (KRAUSZ, p.176-180).

5.3 As notícias da Revolução Russa entre outubro e novembro de 1917 nos jornais *O Debate* (RJ) e *O Cosmopolita* (RJ).

Nesse último subitem do capítulo cinco serão analisadas as notícias publicadas pelos impressos operários cariocas *O Debate* e *O Cosmopolita* por serem tais periódicos a publicarem edições com o conteúdo referente a temática no décimo e penúltimo mês de 1917. A demarcação temporal final da cobertura das notícias é justificada pela diferença de 13 dias entre o calendário russo e ocidental naquele ano de 1917. Assim, quando foi incluso o mês de novembro o objetivo está no acompanhamento das edições operárias até a Revolução de Outubro, cujo marco foi o dia 25 de outubro na Rússia e 07 de novembro no Brasil.

Na medida que se aproximava os dias da Revolução de Outubro na Rússia nos últimos dias do mês de outubro de 1917, o jornal carioca *O Debate* divulgou um documento que Lênin haveria escrito aos socialistas suíços quando retornava à Rússia em abril desse referido ano, como é possível constatar na Imagem 21 abaixo. *O Debate* esclarece inicialmente que o objetivo de uma segunda publicação sobre Lênin era mostrar mais sobre quem de fato era essa liderança russa diante das constantes “calúnias da imprensa aliada e aliadófila”. Acrescenta que sua fonte era um periódico de Lisboa, chamado “A Sementeira”.²⁴⁴

²⁴⁴ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

Figura 48 - Jornal O Debate (Ano I - Nº 15)



O DEBATE

OS FACTOS DO EXTERIOR

UMA CARTA PROGRAMMA DE LENINE

Já outro dia transcreviamos aqui trechos dum artigo de Rappoport sobre a personalidade de Lenine, tão miseravelmente e estupidamente caluniado pela imprensa aliada e aliadophila, a qual, pelo facto de comer dinheiro aliado, supõe, que todos quantos não são guerreiros aliadophilos por força hão de estar a expensas do marco alemão... Julgamos interessante apresentar aos leitores, hoje, o documento abaixo, que encontramos num periódico de Lisboa, "A Sementeira", e que bem claro deixa exposto que é o que Lenine quer:

"Ao abandonar a Suíça, Lenine dirigia aos socialistas suíços uma longa carta em que expõe os propósitos do seu partido.

Começa por saudar os seus amados suíços, agradecendo a sua boa camaradagem e fazendo uma breve apreciação do socialismo helvético e suas tendências. Fala depois da impossibilidade de obter autorização para passar por França e por Inglaterra e da necessidade de atravessar a Alemanha em viação incommunicavel, com uns vinte companheiros, graças, á intervenção das autoridades suíças (como tiveram de fazer depois algumas centenas mais de socialistas russos de todos matizes).

Passa em seguida a expor o seu "programa mínimo". perante o governo Gutchkov-Milinkoff-Kerenski, mantinha o partido a attitude annunciada já mezes antes, ao prever a hypothese dum governo que continuasse, no fundo, a politica do Czarismo. E prosegue:

"O nosso lema é: Nenhum apoio ao governo Milinkoff-Gutchkov. Quem sustenta que apoiar o governo provisório é uma necessidade da luta contra a restauração do czarismo, é um intrujão. A verdade é antes o contrario: foi justamente o governo Gutchkov o que entabou negociações para restaurar a monarchia.

"A garantia unica contra o estabelecimento do despotismo czarista está na organização e armamento do proletariado russo. Só o proletariado russo e europeu que se conservou fiel á bandeira internacional revolucionária é que pôde libertar a humanidade da brutal violencia desta guerra européa.

"Não fechamos os olhos ante as grandiosas difficuldades perante as quaes se acha a vanguarda do internacionalismo russo. Em tempos como os que estamos atravessando, são possíveis as mais rudes e rapidas mudanças.

"No n. 47 do "Social-democrata", respondemos abertamente ás perguntas que nos foram feitas sobre o que faria o nosso partido, si alcançasse immediatamente o poder: Dissemos: 1º Offerecer a paz a todos os povos belligerantes; 2º Propor a propósito as seguintes condições: a) proclamação im-

medita da independencia das colonias; b) libertação dos povos opprimidos, com restituição dos seus direitos. Daríamos o exemplo immediato, libertando os povos opprimidos pelos grandes-russos."

Estas condições, ajunta a carta-programma, teriam a opposição da burguezia monarchica e republicana da Alemanha e dos outros paizes belligerantes. A luta teria, pois, que ser contra todas essas burguezias, numa série de batalhas de classe. Propósitos certamente gigantescos, mas que não nascem da impaciencia revolucionária: resultam, sim, das condições objectivas derivadas da guerra mundial imperialista, matadouro de milhões de homens, ameaça de morte para a civilização. A carta continúa:

"O proletariado russo teve a sorte de ser chamado a iniciar uma série de revoluções determinadas e provocadas pela propria guerra actual. Longe de nós, porém, a idéa de ser o proletariado russo um membro esolvido na familia do proletariado internacional.

"Sabemos perfeitamente que as organizações do proletariado russo não são tão fortes nem tão intellectualmente desenvolvidas como as dos outros paizes. Não foram qualidades especiaes, foram sim especiaes condições historicas, que collocaram por algum tempo o proletariado russo na vanguarda do proletariado revolucionário internacional. A Russia é um paiz agricola e economicamente um dos mais atrasados. O socialismo na Russia não poderá ficar immediatamente vencedor. Mas o caracter agricola do paiz, em face das immensas propriedades feudaes, como ficou provado pelas experiencias de 1895, pôde dar á revolução democratica burgueza um impulso enorme, fazendo della o prologo, ou mesmo a introdução da revolução social universal.

"...Na Russia o socialismo não pôde por ora triumphar inteiramente. As massas proletarias agricolas podem, porém, chegar desde já á expropriação dos immensos latifundios do feudalismo, exigencia ha muito tempo amadurecida.

"Taes são as idéas que sempre tivemos e que hoje são de novo propagadas em Petrogrado pelo nosso jornal "Pravda". Por este programma lutará o proletariado russo, sem illusões quanto á rudeza das inevitaveis batalhas entre o pobre proletariado agricola, que está do nosso lado, e os ricos proprietarios, fortalecidos pelas reformas agrarias postas em pratica pelo famoso Stolipin desde 1907. Convém ter presente que já nas duas Dumas de 1906 e 1907 votaram 167 deputados agricolas por uma moção reclamando a expropriação das propriedades rurales, que deviam ser postas á disposição de juntas locais eleitas segundo um sistema democratico.

"Semelhante reorganização não seria propriamente socialista, mas daria sem duvida um novo e grande impulso ao proletariado internacional. Reforçaria extraordinariamente a posição do proletariado socialista, alargando a sua influencia sobre os trabalhadores rurales russos. Ajudado por elle, poderia o proletariado industrial formar organizações revolucionarias, como o "Conselho dos delegados operarios", capazes de substituir as velhas instituições, o exercito, a policia, etc., do Estado burcocratico; e sob o peso terrível da actual guerra imperialista tomar uma série de providencias revolucionarias para a direcção da produção e do consumo.

"O proletariado russo não está em condições de fazer por si só a revolução social, mas pôde dar á revolução presente uma direcção, um impulso enorme, e preparar assim as condições duma victoria em tal sentido. Pode facilitar as circunstancias em que o seu aliado mais forte, o proletariado europeu e americano, empenharia a luta pela emancipação definitiva.

"Resigne-se, embora, a gente de pouca fé, pessimista, só porque no socialismo europeu aparentemente triumpharam alguns vendidos á burguezia da especie dos Scheidemann, Legien, David & Cª, na Alemanha; Guedes, Semoat, Renaudel & Cª, em França; os Fabianos e os membros do Partido Operario, na Inglaterra: quanto a nós, estamos plenamente convencidos de que a revolução saberá limpar-se desta espuma immunda, que se produziu á superficie do movimento operario internacional.

"Na Alemanha começa já a despontar a aurora duma nova vida revolucionaria entre as massas proletarias, as mesmas que tanto contribuíram, durante dezenas de annos de paz européa (1871—1914), com energia firme e constante, para o desenvolvimento do socialismo e progresso da humanidade inteira. O futuro do socialismo alemão não é representado pelos traidores Scheidemann, Legien, David & Cª, nem sequer por Haase, Kautsky & Cª, representantes duma politica incerta e sem caracter que segue ás pisadas da enferrujada rotina dos "tempos de paz."

"O futuro do socialismo alemão está na orientação que lhe deu um Karl Liebknecht e que originou o grupo "Spartacus", cujo porta-bandeira é o jornal "Arbeiterpolitik", de Bremen.

"As condições da guerra imperialista garantem-nos que a revolução não se deterá na primeira paragem.

"...Desde março de 1917 só um cego pôde ter a coragem de sustentar que era erronea a nossa these. A transformação da guerra imperialista em guerra entre classes começa a fazer-se realidade.

"Viva a nascente revolução européa!"

No início da carta, Lênin apresenta uma explicação da impossibilidade de retornar pela França ou Inglaterra porque não possuía autorização de viagem, por isso retornaria via Alemanha em “vagão incomunicável, com uns vinte companheiros, graças, à intervenção das autoridades suíças”.²⁴⁵

Logo em seguida, *O Debate* informa os pontos do que ele considera ser um “programa mínimo” de Lênin cujo primeiro aspecto era não apoiar o governo provisório na perspectiva dessa gestão dar continuidade à política do czarismo. E a garantia para evitar o retorno do despotismo czarista seria a organização e armamento do proletariado russo. O autor entendia serem apenas o “proletariado russo e europeu que se conservaram fiel à bandeira internacional revolucionária capazes de libertar a humanidade da brutal violência desta guerra européia”.²⁴⁶

Mesmo reconhecendo as grandes dificuldades daqueles tempos para a “vanguarda do internacionalismo russo” onde eram “possíveis as mais rudes e rápidas mudanças”, Lênin aponta quais seriam as primeiras medidas se os bolcheviques alcançassem o poder: paz a todos os povos beligerantes; proclamação da independência das colônias; libertação e restituição dos direitos dos povos oprimidos.²⁴⁷

No texto transcrito do periódico lisboeta, Lênin reconhece os propósitos apresentados como “gigantescos” diante de uma luta que precisaria ser contra a burguesia de todos os países beligerantes. Mas, tais propósitos não eram resultantes da impaciência revolucionária e sim das condições objetivas derivadas da guerra mundial imperialista, “matadouro de milhões de homens, ameaça de morte para a civilização”.²⁴⁸

Lênin considera no referido texto que o proletariado russo teve a “sorte de ser chamado a iniciar uma série de revoluções determinadas e provocadas pela própria guerra”, assim, por condições históricas colocando “por algum tempo o proletariado russo

²⁴⁵ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP. “Um mês depois da revolução que teve lugar na Rússia, a 27 de março (9 de abril) de 1917, Lênin com um grupo de emigrados políticos — membros de diferentes partidos — saiu da Suíça, atravessou a Alemanha e, a 31 de março (13 de abril), pela manhã, chegou a Estocolmo. No mesmo dia, à noite, Lênin partiu da capital da Suécia, e a 2 (15) de abril, chegou, finalmente, à fronteira da Rússia — à cidade de Tornéo, no norte da Finlândia. Após a abordagem do controle inglês da fronteira, no primeiro trem que seguiu de Tornéo para o sul, Lênin partiu, alta noite, a 2 de abril, para Petrogrado.” Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/25/teses.htm#r7https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/25/teses.htm#r7. Acessado em: 12/04/2020.

²⁴⁶ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

²⁴⁷ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

²⁴⁸ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

na vanguarda do proletariado revolucionário internacional”. O autor ressalta ser a Rússia um país agrícola e economicamente um dos mais atrasados, por isso o socialismo não seria imediatamente vencedor. No entanto, o caráter agrícola russo de imensas propriedades feudais poderia dar grande impulso à revolução democrática burguesa, “fazendo dela a introdução da revolução social universal”.²⁴⁹

O líder russo em retorno ao seu país natal garantia que as ideias por ele apresentadas já eram de um longo tempo entre os bolcheviques e naquele período estavam sendo propagadas em Petrogrado pelo jornal “Pravda”.

É destacado a importância do apoio dos trabalhadores rurais russos ao proletariado industrial para formar organizações revolucionárias como o “Conselho dos Delegados Operários”, capazes de substituir as velhas instituições, o exército, a polícia, etc., do Estado burocrático; e nas difíceis condições da guerra, tomar providências revolucionárias para a direção da produção e do consumo. Tal reorganização proposta não seria propriamente socialista, mas proporcionaria um ano e grande impulso ao proletariado internacional.²⁵⁰

O proletariado russo não está em condições de fazer por si só a revolução social, mas pode dar à revolução presente uma direção, um impulso enorme, e preparar assim as condições duma vitória em tal sentido. Pode facilitar as circunstâncias em que o aliado mais forte, o proletariado europeu e americano, empenharia a luta pela emancipação definitiva.²⁵¹

Lênin apresenta nessa carta aos socialistas suíços o momento desafiador no qual o proletariado russo deveria assumir a direção da Revolução com apoio dos camponeses e realizar a partir de suas próprias organizações mudanças revolucionárias no âmbito democrático burguês com o objetivo de introduzir a revolução social com vistas ao socialismo.

Em suas conclusões, o líder russo chama à atenção para evitar o pessimismo diante de posturas no movimento operário internacional, como na França, Inglaterra e Alemanha, em apoio ao governo burguês. E estimula esperanças com o futuro do socialismo, exemplificando a inovação alemã com o grupo “Spartacus” sob a liderança de Karl Liebknecht. A visão final nessas últimas linhas públicas nos últimos dias do seu

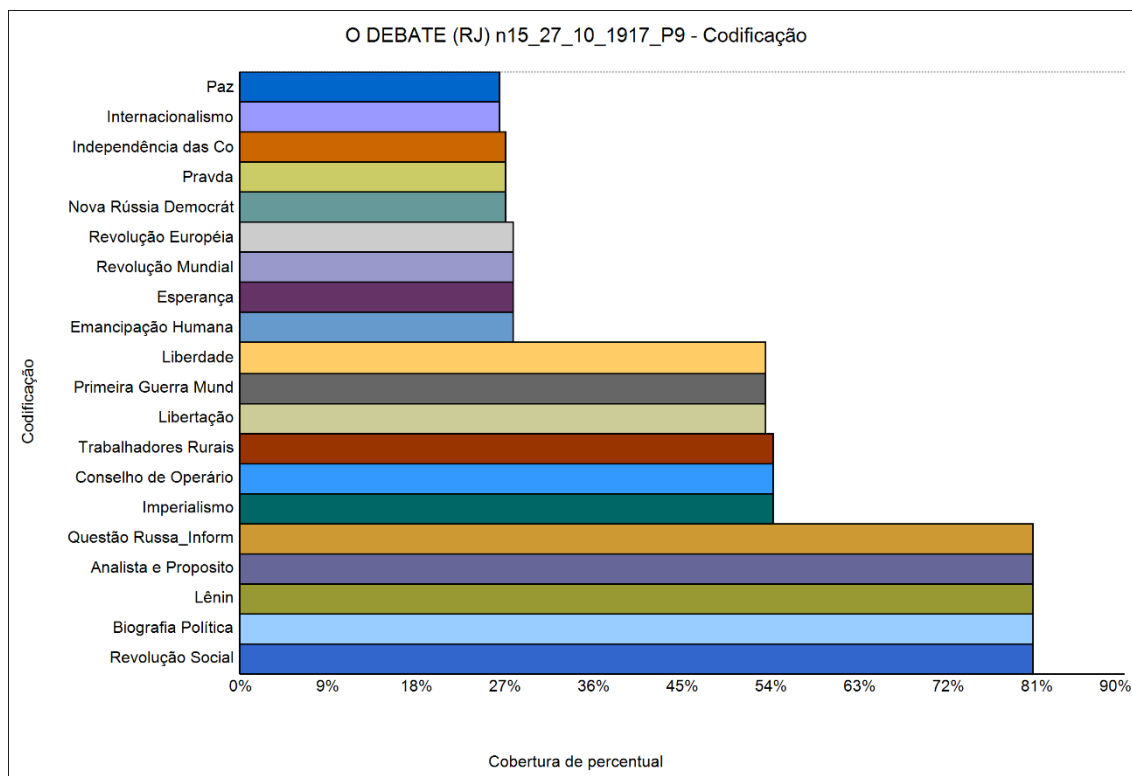
²⁴⁹ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

²⁵⁰ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

²⁵¹ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

exílio na Suíça foi de que as condições da guerra imperialista garantiria o desenvolvimento do processo revolucionário ao se transformar em guerra entre classes.

GRÁFICO XXX - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “Uma carta programa de Lenine”.²⁵²



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

Conforme é possível observar nos temas do Gráfico XXIX, o jornal *O Debate* na coluna “Os fatos do exterior” no dia 27 de outubro de 1917 no intuito de apresentar mais notícias sobre a “personalidade de Lênin” publicou um documento escrito de sua autoria em seus últimos dias na Suíça no qual explicava seu retorno ao país natal, sistematizava as propostas políticas para os desafios revolucionários na Rússia e fazia uma avaliação da conjuntura beligerante da Primeira Guerra Mundial para os rumos da Revolução Socialista no mundo.

Dessa forma, o referido periódico carioca pelo calendário juliano ainda vigente na Rússia publicou dois dias depois da Revolução de Outubro, datada por esse formato em 25 desse mês, uma despedida política dos socialistas russos por Lênin. O conteúdo da

²⁵² Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

notícia da coluna sobre “fatos do exterior” abordou o pensamento de Lênin sobre a Revolução Social que se desenrolava na Rússia, apresentando elementos de sua biografia política não apenas como liderança, mas também como analista e proponente de um “programa” cuja visão defendia a radicalização das medidas revolucionárias e de não-aliança com o governo provisório diante do seu caráter de continuidade da política czarista.

Ademais, o periódico *O Debate* trouxe um Lênin crítico da socialdemocracia europeia aliada dos seus governos beligerantes, denunciador da “brutal violência da guerra imperialista europeia” associando o conflito mundial com os interesses imperialistas ao mesmo tempo que era um defensor da tese de transformação dessa beligerância em uma guerra entre classes. Sendo assim, o formulador bolchevique era conhecido como um propagandista e agitador pela Revolução na Europa, porém, indicando o proletariado americano como aliado forte no somatório de forças para alcançar o que identifica como “emancipação definitiva” introduzida por uma “Revolução Democrática Burguesa” no caminho da “Revolução Social Universal”.

O Gráfico XXIX apresenta a abordagem da Revolução Social como objetivo maior de revoluções a serem realizadas nos continentes europeu e americano assumindo um caráter mundial. O primeiro passo estava acontecendo na nova Rússia Democrática com uma Revolução Democrática Burguesa que sendo impulsionada pela direção do proletariado russo organizado pelos Conselhos de Operários e Soldados com apoio dos trabalhadores rurais e armados poderiam se opor a burguesia e aos interesses do imperialismo. Nessa perspectiva como é possível verificar no Gráfico XXIX, as questões tais como: a paz, liberdade, independência da colônia, libertação dos povos oprimidos pelo Império Russo, dependiam da liderança bolchevique conseguir implementar seu programa divulgado pelo jornal *Pravda*.

A esperança de Lênin para realização de “propósitos gigantescos” estava nas condições favoráveis trazidas pela “guerra mundial imperialista”, assim como, na confiança no proletariado russo e europeu que se mantiveram “fiel à bandeira internacional revolucionária”, a exemplo do grupo alemão “Spartacus”.

Figura 49 – Nuvem de Palavras XV

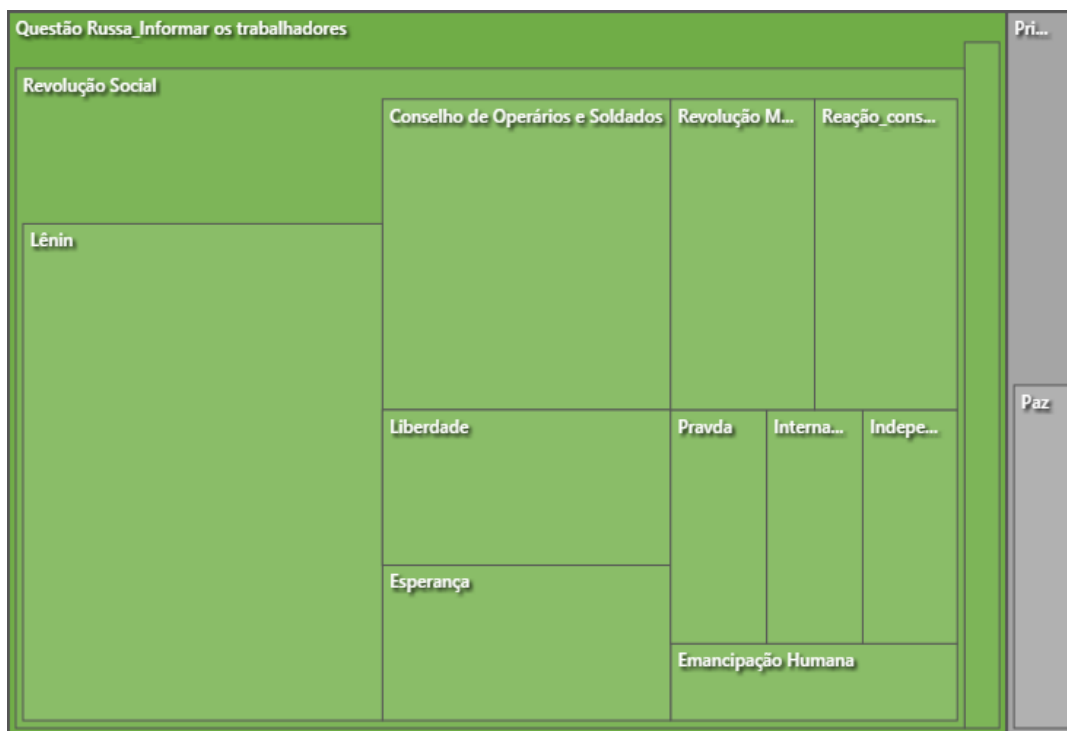


Fonte: Elaborado pela própria autora com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “Uma carta programa de Lenine”.²⁵³

Os termos chaves apresentados pela Nuvem de Palavras XIV demonstram o destaque ao “proletariado” numa notícia cujo título trata de identificar qual era o programa de Lênin. A Revolução na Europa como condição importante para as condições revolucionárias de transformações socialistas. No entorno desses aspectos estão as questões que envolvem as direções dos partidos sociais democratas na Rússia e em outros países como na Alemanha perante a Guerra e suas posições para impulsionar o proletariado a assumir a direção das revoluções e no caso russo com o apoio dos trabalhadores rurais, estimular a Revolução Social.

²⁵³ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

GRÁFICO XXXI - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia “Uma Carta Programa de Lenine”).²⁵⁴



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O Gráfico XXX apresenta a Revolução Social sob o ponto de vista da notícia de 27 de outubro de 1917 na qual a temática desenvolvida sobre a Revolução Social em torno da perspectiva de Lênin destaca aspectos como: o papel do Conselho de Operários e Soldados enquanto uma organização revolucionária apta a substituir as instituições existentes como o exército, a polícia e o próprio Estado burocrático.

Logo no início da notícia, Lênin responde o que faria o partido bolchevique se alcançasse o poder e assim sistematiza sua resposta: entre paz, independência das colônias e libertação dos povos oprimidos. E ressalta a divulgação dessas propostas pelo jornal bolchevique, o *Pravda*.

No conteúdo da notícia, liberdade está relacionada com a libertação da humanidade da violência beligerante pelo proletariado comprometido com o internacionalismo revolucionário. A esperança na Revolução Mundial desde o âmbito europeu ao americano está baseada nas condições favoráveis da guerra imperialista que

²⁵⁴ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

impediria o controle do impulso revolucionário mesmo diante da reação conservadora do imperialismo. E a direção da Revolução Russa pelo proletariado russo facilitaria as circunstâncias para os aliados internacionais se empenharem na “emancipação definitiva”.

O jornal carioca *O Cosmopolita* em 15 de novembro de 1917 publicou na primeira página, verifica-se na Imagem 22 abaixo, uma notícia intitulada “A Revolução na Rússia” cuja autor era identificado como “Virjilio Korkeis”. De acordo com o calendário gregoriano vigente no ocidente nesse período, a publicação dessa edição de *O Cosmopolita* aconteceu oito dias após a data no calendário russo da Revolução de Outubro.

Inicialmente, o mencionado autor informa que o caráter geral da Revolução Russa estava associado a luta contra os poderes. E explica a derrota de Kerensky como consequência da permanência na guerra e a manutenção das bases econômicas czaristas. Destaca que a declaração da derrota do “Estado organizado por revolucionários” aconteceu desde que os “soldados gritaram que os seus inimigos não eram outros soldados, mas sim os burgueses” e a “falência do sistema econômico-capitalista ficou firmada desde que foi lançado o grito de abolição da propriedade privada”.²⁵⁵

Na visão de *Virjilio Korkeis*, “os combates entre partidários de Kerensky e os maximalistas nada diziam sobre a solução da Revolução”. Eram lutas entre aqueles que queriam governar e os últimos queriam impedir qualquer governo que arrefecesse as coletividades. Por isso, os “maximalistas” estavam no movimento de “conservação-revolucionária”, ou seja, a “manutenção da Revolução destruindo as leis e os privilégios para criar novos ambientes aos quais os indivíduos vão se adaptando”.²⁵⁶

Korkeis compreendia que a Revolução começaria quando houvesse a destruição das leis e da propriedade privada. E quando os “indivíduos estivessem adaptados às novas circunstâncias criadas pela abolição do Estado armado e do isto é meu” alcançaria a “felicidade, direito à vida e o fim da exploração do trabalho”. Dessa forma, a Revolução chegaria ao seu “curso relativo e perfeito, sem possibilidades de reação burguesa”. Já que a Revolução ao conservar o sistema de vida das coletividades, a menor dificuldade provocaria uma reação.²⁵⁷

A notícia garante ser a “revolução na sua fase de destruição do sistema”, em seguida as coletividades se adapta à prática da sua nova organização social e os “bons efeitos do comunismo passam a garantia absoluta contra qualquer reação”. Assim, a “impossibilidade de reação” era garantida pela ausência dos meios para tanto pelos exploradores: “dinheiro, soldados e armas”.²⁵⁸

O autor da mencionada notícia conclui suas análises afirmando ser a “intromissão dos representantes das nações na Rússia uma prova de que os governos pertencem a única casta e os capitalistas a um único bando”. Mas, “o fim dos negócios” promoveria a retirada dos embaixadores. *Korkeis* explica a intervenção das nações na Revolução Russa

²⁵⁵ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

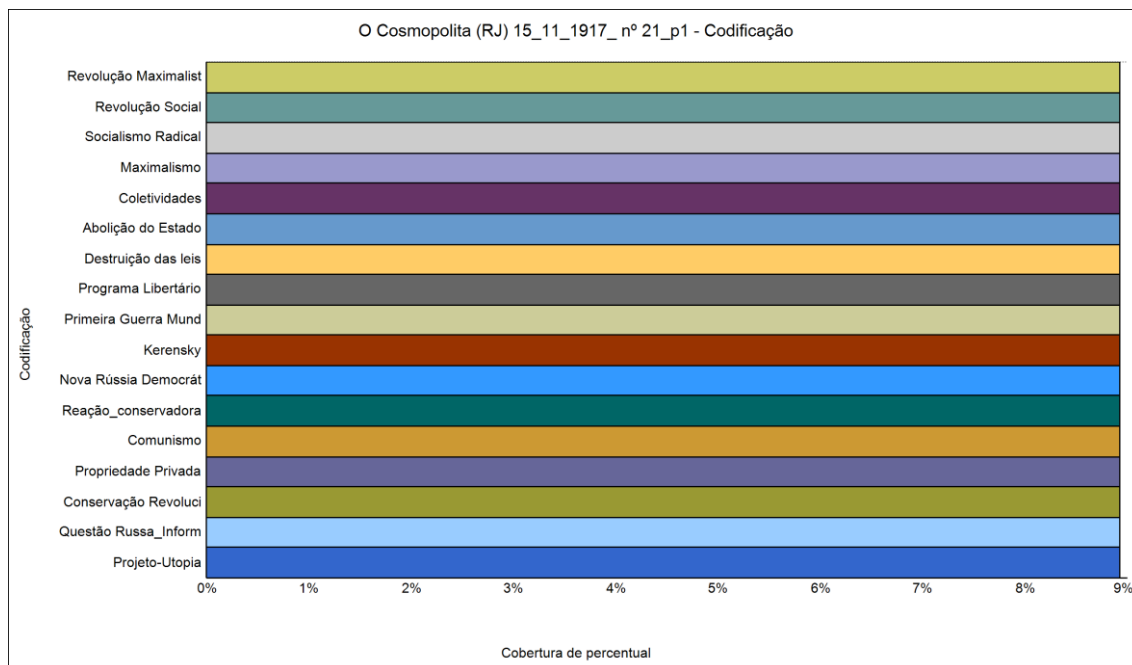
²⁵⁶ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

²⁵⁷ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

²⁵⁸ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

porque ela representava o “início da derrocada de todos os governos”. Sendo assim, ele acreditava ser necessário a “preparação para os primeiros golpes”.²⁵⁹

Gráfico XXXII - CODIFICAÇÃO DA NOTÍCIA “A Revolução na Rússia”.²⁶⁰



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

A codificação da notícia “A Revolução na Rússia” indicou temas que já estavam sendo pautados pelos jornais operário, como trazer informações esclarecedoras ao seu público leitor sobre a “Nova Rússia Democrática”. Contudo, o periódico *O Cosmopolita* no mês de novembro de 1917 apresentou um novo cenário identificado como a “derrota de Kerensky” enquanto os maximalistas, “nada diziam sobre a solução que terá a Revolução”. Nesse momento, percebe-se que os bolcheviques estão sendo tratados como “maximalistas” e o programa deles como de “conservação revolucionária”, ou seja, destruição das leis e privilégios para criação de “novos ambientes”.

A Revolução está associada com a luta contra os poderes, uma Revolução Social identificada com a abolição da propriedade privada e do “Estado armado”, para o autor Virjilio Korkeis ainda não estava acontecendo esse processo na Revolução Russa. Os maximalistas relacionados com posições mais radicais para uma fase de destruição do sistema quando as coletividades se adaptam a prática da nova organização social e os

²⁵⁹ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

²⁶⁰ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

“bons efeitos do comunismo” passam a garantia absoluta contra qualquer reação conservadora, inclusive da intervenção de outras nações.

Na edição de 15 de novembro de 1917, a notícia de *O Cosmopolita*, traz novas temáticas de expectativas e avaliações sobre as circunstâncias e os rumos da Revolução Russa com ideias próximas dos princípios anarquistas, por isso foi caracterizado no Gráfico de Percentual XIII como programa libertário dentro de um projeto utópico no sentido futurístico de uma Revolução com “curso relativo e perfeito” que proporcionaria “felicidade, direito à vida e ausência da exploração do trabalho”.

Figura 51 – Nuvem de Palavras XVI

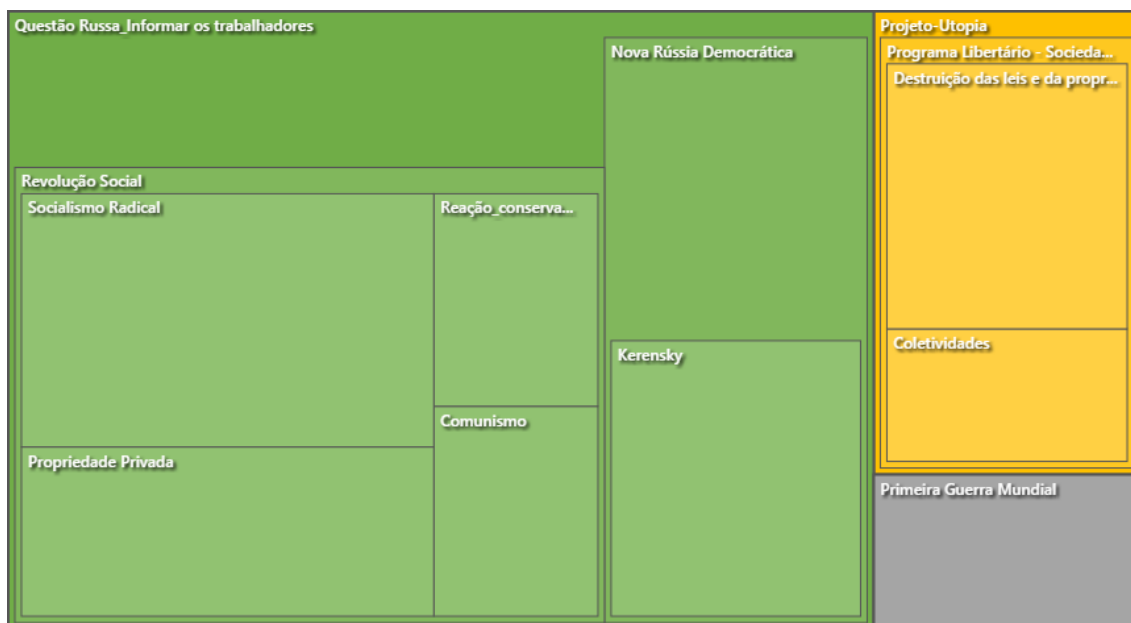


Fonte: Elaborado pelo próprio autor com as 35 palavras mais frequentes de extensão mínima com seis letras na notícia “*A Revolução na Rússia*”.²⁶¹

A Nuvem de Palavras XVI destaca o termo “Revolução” em torno das questões principais analisadas sobre a situação na Rússia como a derrota de Kerensky, a perspectiva de que os maximalistas caminhavam para a abolição do Estado com a destruição das leis e da propriedade privada através da “conservação revolucionária” para criação de “novos ambientes” para adaptação dos indivíduos.

²⁶¹ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

GRÁFICO XXXIII - HIERARQUIA DE NÓS na codificação da notícia “A Revolução na Rússia”).²⁶²



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.

O conteúdo temático apresentado pelo periódico carioca *O Cosmopolita* publicado em “*A Revolução na Rússia*” aborda em torno da Revolução Social das seguintes categorizações: “Socialismo Radical”, “Reação Conservadora”, “Comunismo” e “Propriedade Privada”. Acrescenta-se as mudanças que estavam acontecendo no mês de novembro de 1917 com a Revolução de Outubro, tal qual a derrota de Kerensky enquanto líder da Nova Rússia Democrática resultante das suas escolhas políticas de permanência na Guerra e ausência de transformações na base econômica.

As expectativas da Revolução estavam elaboradas pelas ideias que se aproximam de um programa libertário como a destruição das leis e da propriedade, uma nova organização social na qual a coletividade se adaptaria e os “bons efeitos” do comunismo, como o fim dos meios dos exploradores, seria garantia de defesa contra as reações conservadoras.

As notícias sobre a Revolução Russa recebem contornos próprios nas análises da imprensa operária brasileira, seja no proveito da ênfase em aspectos que valorizam ideais de transformação social ou críticas e denúncias da Primeira Guerra Mundial. Assim como

²⁶² Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

priorizavam o esclarecimento quanto a versões da imprensa de “grande tiragem” e a valorização do exemplo russo enquanto inspiração para as lutas sociais e esperança na concretização de um futuro revolucionário onde fosse possível paz, bem-estar, fraternidade, justiça, liberdade e igualdade. Ademais, verifica-se a cobertura jornalística do desenrolar dos acontecimentos com relativa sincronia dos fatos, considerando as limitações de acesso imediato às informações é a demonstração do funcionamento de redes orgânicas nas relações da imprensa operária à nível internacional onde se destaca o intercâmbio com os periódicos portugueses e franceses.

A última notícia analisada do jornal *O Cosmopolita* referente ao mês da “Revolução de Outubro” pelo calendário atual, ou seja, em novembro, apresentou algumas novidades quanto aos termos tais quais “maximalista” e “comunismo”, além de conceitos como “conservação revolucionária”. As informações sobre o 25 de Outubro no calendário russo provavelmente ainda estavam chegando em 15 de novembro de 1917 no Brasil. O mais importante das novidades russas foi veiculado na referida publicação em *O Cosmopolita*, isto é, a queda de Kerensky e a liderança dos “maximalistas”. O desenrolar dos rumos desses processos estavam para serem divulgados nas próximas edições.²⁶³

O marco temporal da investigação dessa pesquisa é delimitado pelo 25 de Outubro quando aconteceu a derrubada do governo provisório e a posterior instalação do governo soviético. No que se refere aos momentos mais próximos desses acontecimentos é importante ressaltar algumas reflexões recentes realizadas em artigo de um dos acadêmicos mais importantes da Revolução Russa. Alexander Rabinowitch com destacadas pesquisas por sua profundidade e diversidade de fontes, no bojo da efeméride do centenário revolucionário fez uma breve revisão das suas principais conclusões dos seus escritos priorizando a questão de “como os Bolcheviques venceram a luta pelo poder na Petrogrado de 1917” (RABINOWITCH, 2017).

O Comitê Central Bolchevique, recusou, por unanimidade, em reunião do dia 15 de setembro, duas cartas de Lênin, escritas no seu esconderijo da Finlândia, propondo o levante armado e a derrubada do governo provisório. Lênin enviou seus textos inspirado por um contexto constituído de aspectos favoráveis para suas diretivas, desde ao ambiente na Finlândia de forte posição da extrema esquerda, à conquista de maiorias nos Soviotes

²⁶³ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

de Petrogrado e Moscou, agitação social maciça entre os camponeses russos, desintegração contínua do exército na frente de Guerra e o aumento das demandas dos soldados por paz (RABINOWITCH, 2017, p.4; 2007, p.16).

Entretanto, a liderança bolchevique ignorou as orientações de Lênin mesmo com a Conferência de Estado mantendo a política de coalizão devido tanto a influência de bolcheviques moderados, a exemplo de Kamenev, quanto à posição de outros líderes bolcheviques como Trotsky, apesar de compartilharem com Lênin das “mesmas premissas teóricas sobre a necessidade e a viabilidade de uma revolução socialista na Rússia” estavam “céticos” na capacidade de mobilização naquele momento dos trabalhadores, soldados e marinheiros para a insurreição armada (RABINOWITCH, 2017, p.5).

Os impasses em setembro eram semelhantes ao auge da reação que prevaleceu no pós Jornadas de Julho quando a maioria dos líderes do partido em Petrogrado não atenderam o direcionamento de Lênin de abandonar os sovietes enquanto órgãos revolucionários. Na visão de Rabinowich (2017, p.4-6; 2007, p.16-17), a conjuntura entre o sétimo mês e o final de setembro recebeu entre os Bolcheviques mais próximos a Lênin, uma leitura “mais realista dos limites da influência e da autoridade do partido entre os cidadãos comuns e o contínuo apego destes aos sovietes como órgãos democráticos legítimos em que os grupos revolucionários colaborariam para cumprir a Revolução”. Por isso, esse mencionado grupo em parceria com os SR's de esquerda articularam a tomada do poder e a instalação do governo de coalizão socialista com a convocação imediata do Congresso Nacional dos Sovietes no aproveitamento da legitimidade popular desses últimos.

As hesitações entre os trabalhadores nos meses de setembro e outubro são compreendidas por Mandel (1984, p.320) na perspectiva dos “traumas das jornadas de julho e a terrível situação econômica”. O referido estudioso da participação dos trabalhadores em Petrogrado na Revolução Russa explica o impacto duplo do iminente colapso econômico nesses dias do calendário de 1917 apresentando um paradoxo: ao mesmo tempo que provocou grande urgência à necessidade de poder soviético, era também fonte de insegurança diante da forte ameaça de desemprego, o que inclinou os trabalhadores a serem cautelosos. Por isso, nessas circunstâncias, o papel daqueles que

estavam resolutos para tomar a “iniciativa da insurreição foi fundamental para começar e dar firmeza de ação”.

A Guarda Vermelha é indicada por Mandel (1984, p.326-330) como uma das organizações que era “solidamente a favor da insurreição” e por meio de suas fontes de pesquisa demonstra a composição das suas fileiras por trabalhadores, soldados, mulheres, jovens, SR’s, mencheviques e os bolcheviques que se destacaram com mais proeminências. De acordo com os estudos do referido pesquisador, não obstante, apesar do desejo comum de transferência do poder para os soviets, sem a iniciativa da minoria que estava decidida, principalmente dos trabalhadores bolcheviques, a “crise econômica e a estagnação política poderia ter levado à desmoralização e aberto o caminho para uma contra-revolução bem sucedida”. O papel do partido, portanto, foi considerado como fundamental em outubro, especialmente por representar uma organização democrática, "carne da carne" da classe trabalhadora.

O descontentamento econômico e o renascimento da militância trabalhista nas considerações de Kevin Murphy (2007, p.59) possuem uma relação com o aumento de greves envolvendo mais de um milhão e meio de trabalhadores entre setembro e outubro de 1917. Nesse cenário emergiu a solidariedade entre os trabalhadores, constatada pelo historiador norte-americano nas contribuições para obtenção de fundos de greve pelo comitê de fábrica dos metalúrgicos da “Moscow Metalworks” no segundo semestre de 1917 como uma tendência de radicalização do trabalhador russo em geral nesse período. Tal solidariedade foi destinada também entre setembro e outubro para as unidades da Guarda-Vermelha, inclusive com o recrutamento dos trabalhadores.

Murphy (2007, p.60-61) sublinha o apoio da “esmagadora maioria dos trabalhadores e soldados” à tomada soviética do poder, sendo um processo intensamente defendido pelos bolcheviques entre setembro e outubro de 1917 o que os levaram a ganhar este argumento com 507 dos 670 votos no Congresso dos Sovietes. De acordo com o historiador norte-americano há duas características diferenciadoras da Revolução Russa de 1917 de rebeliões de outros trabalhadores do século XX: primeiro, o nível de ódio de classe na Rússia foi mais pronunciado do que em nenhuma outra sociedade. Isto significa que a crise no final do verão russo foi muito além de um simples resultado das decisões incompetentes do governo provisório. De outro modo, a “escalada do conflito de classe” foi a culminância de anos de confronto, lucros de guerra, repressão brutal e rebelião

operária que só poderia ter terminado em uma regra forte de uma classe sobre a outra. A segunda característica distintiva de 1917 foi a existência, em momento decisivo do movimento, de um partido político com influência significativa na classe trabalhadora propondo um governo operário e intransigência contra o capitalismo. Os socialistas eram a força política dominante nas fábricas na década anterior a 1917 e através dessa influência definiu os parâmetros do debate. Mas, a distinção entre os diferentes programas socialistas pelos trabalhadores apenas começou na “atmosfera politicamente carregada do final de setembro” quando a defesa dos bolcheviques do governo soviético ofereceu uma solução que parecia mais sensata à realidade de uma “guerra de classes sem precedentes”.

O mês de outubro de 1917 é compreendido por Tamás Krausk (2017, p.176) como testemunha do levante simultâneo, após o fracasso do governo provisório em resolver a questão agrária e a retirada da guerra mundial, de uma grande variedade de forças insurgentes composto de vários estratos sociais. Dentre eles, os trabalhadores industriais de Moscou e Petrogrado formados pela coexistência de condições arcaicas e modernas com a preservação de suas origens aldeãs. E sua rebelião foi expressa nos Soviotes e Conselhos Operários integrados ao movimento operário social-democrata russo.

O campo revolucionário também era constituído pelo campesinato anticapitalista organizado no “mir ou *obschinas*”, comunidade de camponeses de propriedade comunal da terra funcionando como governo local e cooperativa que pagava impostos ao Estado, cujos interesses foram canalizados pelos decretos agrários da Revolução de Outubro. O terceiro estrato social da revolução, os milhões de soldados armados com sua forte ascendência camponesa, conectou ainda mais os trabalhadores industriais e camponeses.²⁶⁴

Nas duas últimas semanas anteriores ao 25 de Outubro, as fontes trabalhadas por Rabinowich (2017, p.5) indicaram um “impacto mais acentuado das perspectivas dos trabalhadores, soldados e marinheiros” nas táticas bolcheviques. A verificação dessa observação pode ser constatada nas decorrências da sessão secreta histórica do Comitê Central em 10 de outubro de 1917 quando foi aprovada a insurreição armada como “ordem do dia”. Mas, não houve a implementação dessa diretiva de forma imediata em

²⁶⁴ Esse foi um assunto esboçado por Lênin desde o fim de agosto de 1917, mas logo após a derrubada do Governo Provisório, no II Congresso dos Soviotes de Toda a Rússia, Lênin prioriza a publicação do Decreto sobre a Terra onde é abolido o Direito da propriedade privada da terra numa tentativa de unificar as revoluções dos operários e dos camponeses num caminho anticapitalista. Disponível em: http://www.scientific-socialism.de/LeninDireitoeMoral261017.htm#_ftn1. Acessado em: 18/04/2020.

Petrogrado porque inicialmente houve um esforço dos moderados para evitar ações violentas contra o governo.

Com uma outra postura, os líderes alinhados com Lênin e mais próximos a militância, em especial aos trabalhadores e os militares de menor escalão passaram a explorar a viabilidade do levante popular armado. E verificaram no ambiente da cidade em bairros, fábricas e quartéis a ausência de preparo técnico para iniciar ações imediatas contra o governo e o entendimento de que a maioria dos cidadãos comuns antes do Congresso dos Sovietes não atenderia a convocação do partido à insurreição armada.

Diante desse contexto de avaliações sobre o que fazer nessa conjuntura de total acirramento das condições sociais, alguns líderes militantes bolcheviques defendiam a prorrogação dos preparativos militares. Por uma outra abordagem os soviets com sua força popular deveria ser a base para a derrubada de Kerensky e a operação para essa finalidade deveria ter caráter defensivo desse órgão com a utilização de todas as oportunidades para desestabilizar por meios pacíficos o Governo Provisório. E nessa última alternativa a derrubada formal do governo precisava de vinculação e legitimidade pelo Segundo Congresso Pan-Russo dos Sovietes. O grupo que desenvolvia a segunda estratégia era formado por muitos líderes bolcheviques em Petrogrado, inclusive Trotsky, mais confiantes que Lênin no apoio da maioria dos delegados no Congresso dos Sovietes a um governo de coalizão socialista.

A obra “The Bolsheviks come to power” de Rabinowitch (2007) reconstruiu a busca “bem-sucedida” dos bolcheviques por essas táticas defensivas, dentre elas, estiveram aquelas justificadas pelas ameaças contrarrevolucionárias para criar o Comitê Revolucionário Militar (CRM), um órgão do Soviete de Petrogrado, independente dos partidos, como pretexto de proteção da Revolução. O CRM conquistou o controle da guarnição de Petrogrado e provocou a reação de Kerensky com repressão militar contra os Bolcheviques tornando viável a ação armada tão exigida por Lênin ao longo de alguns meses e realizada na noite do dia 24 para 25 de outubro nos instantes que antecederam a abertura do Segundo Congresso dos Sovietes. Então, o CRM que já vinha desarmando o governo liderou a disputa militar sem disparar um tiro contra um governo cuja situação

de isolamento encontrou defesa apenas em uma quantidade pequena de cossacos, cadetes e soldados femininos.²⁶⁵

During the morning of 25 October, military detachments directed by the MRC seized strategically important bridges, key government buildings, rail and power stations, and communications facilities not yet in their hands. They also laid siege to the Winter Palace, defended by only meager, demoralized, and constantly dwindling forces. Kerensky managed to flee to the front in search of troops before the ring was closed. The “storming of the Winter Palace,” dramatically depicted in Eisenstein’s classic *Im October*, was a Soviet myth. After nightfall, the historic building was briefly bombarded by cannon from the Fortress of Peter and Paul and occupied with little difficulty, after which remaining members of the government were arrested. Hours earlier, a proclamation drafted by Lenin announcing the Provisional Government’s overthrow was telegraphed around the country (Rabinowitch, 2007, p.9).²⁶⁶

David Mandel (1984, p.226) em sua obra “The Petrograd Workers and the Soviet Seizure of Power” afirma que sua pesquisa foi uma tentativa de “entender a revolução vista de baixo nas fábricas dos distritos de Petrogrado”. O pesquisador canadense argumentou que a participação dos trabalhadores na revolução pode ser entendida em

²⁶⁵ O Partido Bolchevique conquistou maioria no Soviete de Petrogrado em acirrada disputa na sessão de 09 de setembro de 1917 com a presença de cerca de mil delegados soldados e operários quando conseguiram 519 votos contrários aos 414 para os líderes conciliadores defensores da coalizão. O Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado em 12 de outubro de 1917 aprovou a formação do Comitê Militar Revolucionário composto pela mesa do plenário da Sessão dos Soldados do Soviete, representantes do Comitê Central dos Marinheiros, dos Sindicatos dos Ferroviários, do Sindicato dos Empregados dos Correios e dos Telégrafos, dos comitês de fábrica, dos demais sindicatos, dos representantes das organizações militares dos partidos, da seção militar do Comitê Executivo Central e das milícias dos trabalhadores. As primeiras tarefas do CMR foram: alocação de forças auxiliares e de combate necessárias para a defesa da capital; registro da composição pessoal da guarnição de Petrogrado e seus subúrbios, assim como de todos os suprimentos; elaboração de um plano funcional para a defesa da cidade; medidas de proteção contra pogroms e deserções e a manutenção da disciplina revolucionária entre a classe trabalhadora e os soldados. Entre os dias 22 e 23 de outubro, o CMR exigiu que as ordens do Estado-Maior do exército só fossem aceitas com seu aval. O governo mandou o cruzador Aurora levantar âncora e partir e o Soviete rescindiu a ordem. Logo em seguida, o comitê enviou delegados a todas as unidades militares da capital e a guarnição da Fortaleza de Pedro e Paulo ainda indecisa se alinhou com o Soviete. No dia 24 de outubro, o governo Kerensky lançou o aparelho policial em apoio a autoridade do Estado-Maior do Exército e ordenou a prisão dos líderes do CMR e dos organizadores do 2º Congresso Pan-Russo dos Sovietes marcado para o dia seguinte. Além de ordenar a supressão dos jornais da esquerda e determinar o deslocamento de tropas leais e cadetes da Academia Militar para a capital. As decisões de Kerensky não tem efeito e ainda durante o dia 24 de outubro, o Soviete distribuiu armas aos trabalhadores e definiu seu plano para a insurreição (TROTSKY, 2017, p.108-141).

²⁶⁶ Durante a manhã de 25 de outubro, destacamentos militares dirigidos pelo CMR apreendeu pontes estrategicamente importantes, edifícios governamentais importantes, estações ferroviárias e de energia e instalações de comunicação que ainda não estavam em suas mãos. Eles também sitiaram o Palácio de Inverno, defendido apenas por forças escassas, desmoralizadas e em constante declínio. Kerensky conseguiu fugir para a frente em busca de tropas antes que o ringue fosse fechado. A “tomada do Palácio de Inverno”, dramaticamente retratada no clássico filme de Eisenstein, outubro, era um mito soviético. Após o cair da noite, o edifício histórico foi brevemente bombardeado por canhões da Fortaleza de Pedro e Paulo e ocupado com pouca dificuldade, após o que os membros restantes do governo foram presos. Horas antes, uma proclamação redigida por Lenin anunciando a derrubada do Governo Provisório foi telegrafada em todo o país (RABINOWITCH, 2017, p.9, tradução nossa).

termos racionais, ou seja, seus comportamentos políticos foram uma resposta à situação real envolvendo “ponderação fundamentada das consequências de várias rotas alternativas possíveis de ação”. Apesar de não ignorar o papel dos fatores não-racionais, o autor concluiu em suas investigações que as ações dos trabalhadores não eram “impulsos internos e esperanças irrealistas” e que em última análise, eles viram o poder soviético como única alternativa realista à contrarrevolução.

Os bolcheviques conseguiram representar popularmente um governo multipartidário socialista criado pelo poder soviético através do seu Congresso e delegar decisões para uma Assembleia Constituinte representativa. E dessa forma, lograram oferecer a representação política da esperança em evitar a morte na guerra e tornar real uma vida com bem estar, liberdade e justiça (RABINOWITCH, 2017, p.6).

“Como os bolcheviques ganharam?” é uma pergunta segundo Rabinowitch (2017, p.6) com mais complexidade do que as compreensões apresentadas pelas interpretações tradicionais soviéticas e ocidentais. E para indicar alguns elementos de resposta a esse questionamento essencial, o autor afirma ser ainda muito difícil separar o sucesso Bolchevique das “intervenções faltamente decisivas de Lênin” tanto em abril de 1917 quando no seu retorno a capital chamou pela continuidade da Revolução e em meados de setembro apelou pela insurreição armada. Tais atitudes podem ser “exemplo vivido do papel às vezes decisivo do indivíduo na história”.

Outro ponto na resposta acima citada é a questão da ascensão rápida dos Bolcheviques com sucesso final apresentada como a capacidade de fazer o programa público partidário corresponder às aspirações populares. Enquanto isso, o Governo Provisório era responsabilizado pela deterioração econômica, massacre da guerra e a conivência à contrarrevolução. O demais partidos políticos como cadetes, mencheviques e SR's estavam sem crédito popular porque apoiaram Kerensky nos fracassos das políticas domésticas e externa.

Mandel (1984, p.458) orientou a observação sobre a Revolução Russa a partir da percepção desse evento histórico como um fenômeno complexo de diversas matizes, um motim de soldados, rebelião camponesa e movimento de minorias nacionais. Contudo, foi especialmente uma revolução operária na medida em que os trabalhadores deram “direção à revolução, organização e a maior parte de suas forças ativas”. Por isso, a parte essencial do legado da Revolução Russa na visão do referido historiador foi o testemunho

do “potencial de um movimento da classe trabalhadora em liderar uma revolução em direção a uma sociedade socialista democrática”. E tal constatação é verificada no “desenvolvimento do ativismo, da consciência política, iniciativa, criatividade e profunda e genuína preocupação com a democracia e liberdade” demonstrado de maneira impressionante pelos trabalhadores de Petrogrado em 1917.

A visão de Rabinowitch (2017, p.6-8) ao rever seus estudos e obras foi de reafirmar um eixo crucial para o explicar o sucesso do partido: a capacidade em acomodar opiniões teóricas divergentes com um grau significativo de iniciativa e independência tática nas agências subordinadas. E nesse funcionamento operava uma estrutura descentralizada do partido com respostas ao “humor popular predominantes”. Ademais, o respectivo autor aponta a escolha por táticas bem-sucedidas no outono de 1917: intercâmbio contínuo de ideias sobre o desenvolvimento da revolução e interação permanente entre os membros do partido em todos os níveis. A partir dessas chaves de leitura é possível compreender como a Revolução de Outubro em Petrogrado foi a expressão genuína das forças populares, ao mesmo tempo uma luta política complexa e disputada militarmente diante de um governo provisório cujo fim já era vislumbrado antes das operações militares do final de outubro.

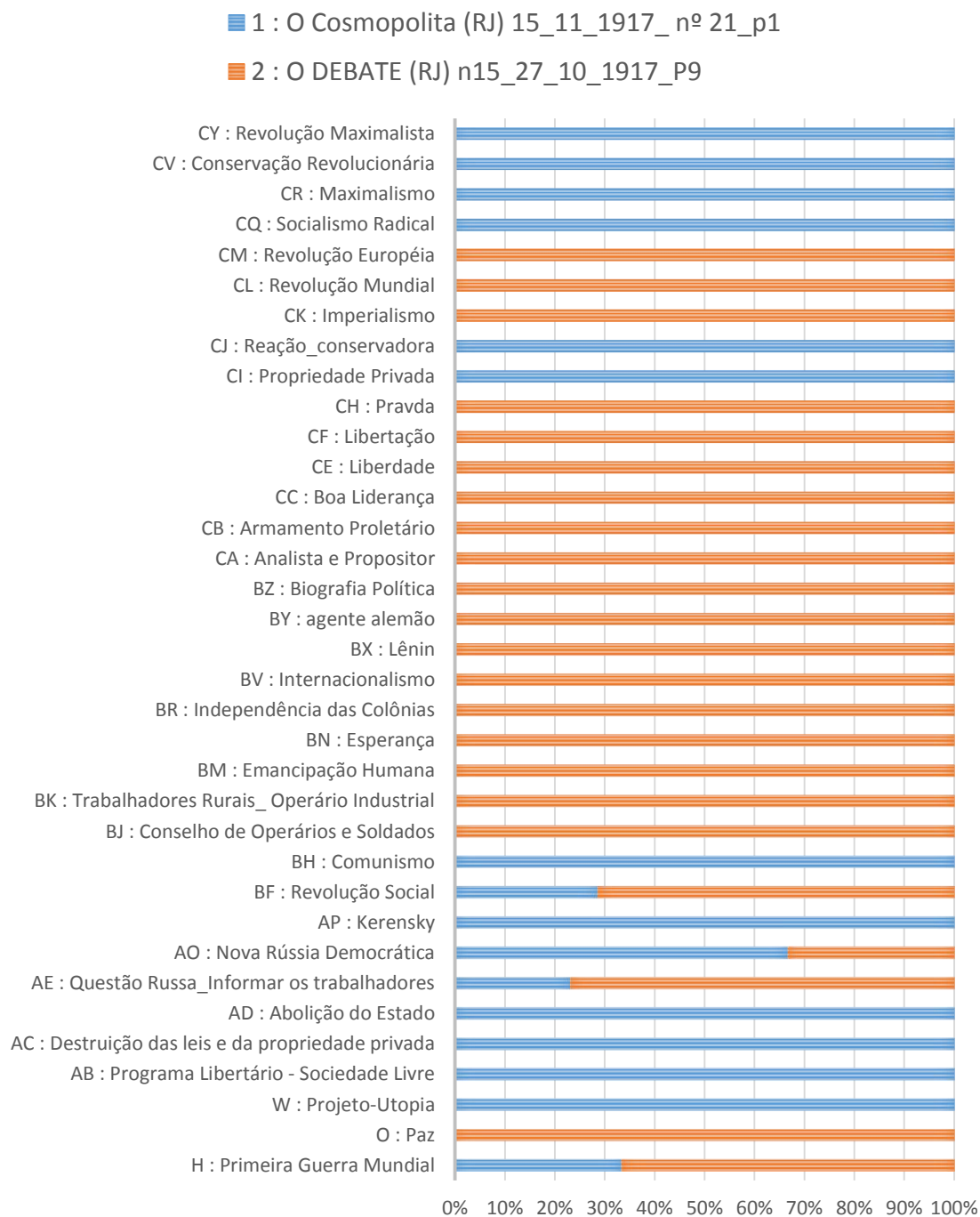
Minha explicação sobre o sucesso Bolchevique em Petrogrado mudou significativamente? A resposta é: não, não fundamentalmente. Se pudesse, mudaria o título do meu primeiro livro, “Prelude to Revolution”. Com a perspectiva de um século completo, a insurreição de Julho e até as revoluções de Fevereiro e Outubro aparecem como fases-chaves de um grande e fundamental processo político e social que pode ser apropriadamente chamado de “A Grande Revolução Russa”. O acesso aos arquivos russos e as coleções relativamente recentes de documentos publicados e monografias acadêmicas lançaram novas luzes sobre temas tão longos e negligenciados como a Revolução de 1917 nas províncias, acrescentando novos e valiosos detalhes ao conhecimento dos processos singulares no centro da Rússia. No entanto, eles não minaram minha sensação geral da importância da estrutura do partido Bolchevique e da atração popular do poder soviético democrático ao explicar “como os Bolcheviques venceram” (Rabinowitch, 2017, p.7).

É interessante observar como o periódico paulista ao intitular o chapéu da sua coluna como “*A grande epopeia russa*” estava de certa forma em sintonia com o balanço atualizado das investigações de Rabinowitch (2017) ao transmitir uma chave de leitura crucial: olhar para essa experiência do povo russo de reverberação mundial sob a lente de um processo complexo e multifacetado, cujas peculiaridades precisam ser interpretadas ao longo de todo circuito do painel de um tabuleiro posto em aberto no intenso jogo

político de 1917 sob histórico protagonismo das organizações dos trabalhadores, soldados e camponeses, onde foi delineado “A Grande Revolução Russa”.

O Gráfico XXXII abaixo demonstra uma variedade de temas entre as notícias dos Jornais *O Debate* e *O Cosmopolita* indicando um conteúdo mais amplo na abordagem das informações sobre o desenrolar da Revolução Russa em um novo momento que culminaria com a Revolução de Outubro.

GRÁFICO XXXIV - COMPARAÇÃO DA CODIFICAÇÃO TEMÁTICA - OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1917



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação da notícia utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.²⁶⁷

²⁶⁷ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP; Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

O jornal *O Debate* em 27 de outubro de 1917 divulgou uma notícia com uma “carta-programa” de Lenine onde defendia a radicalização do caminho revolucionário, a paz mundial, denunciando a violência da guerra imperialista e estimulando o impulso à Revolução Democrática Burguesa com o fortalecimento do Conselho de Operários, Soldados e Trabalhadores Rurais.

A garantia única contra o estabelecimento do despotismo czarista está na organização e armamento do proletariado russo. Só o proletariado russo e europeu que se conservou fiel à bandeira internacional revolucionária é que pode libertar a humanidade da brutal violência desta guerra européia. Não fechamos os olhos antes as grandiosas dificuldades perante as quais se acha a vanguarda do internacionalismo russo. Em tempos como os que estamos atravessando, são possíveis as mais rudes e rápidas mudanças. No nº 47 do "Social-democrata", respondemos abertamente às perguntas que nos foram feitas sobre o que faria o nosso partido, se alcançasse imediatamente o poder: Dissemos: 1º Oferecer a paz a todos os povos beligerantes; 2º Propor a propósito as seguintes condições: a) proclamação imediata da independência das colônias; b) libertação dos povos oprimidos, com restituição dos seus direitos. Daríamos o exemplo imediato, libertando os povos oprimidos pelos grandes- russos.²⁶⁸

No trecho acima do periódico carioca, *O Debate* ao divulgar uma carta de Lênin, apresenta os seguintes temas como é possível identificar no Gráfico XXXIII: Revolução Social, Internacionalismo, Libertação, Liberdade, Paz. Ao longo do texto da notícia constata-se uma esperança na ampliação pela Europa do mundo revolucionário com expectativas de que as condições da guerra imperialista permitisse que a revolução pudesse atingir o “desenvolvimento do socialismo e progresso da humanidade inteira”.

Na Alemanha começa já a despontar a aurora duma nova vida revolucionária entre as massas proletárias, as mesmas que tanto contribuíram, durante dezenas de anos de paz européia (1871-1914), com energia firme e constante, para o desenvolvimento do socialismo e progresso da humanidade inteira. O futuro do socialismo alemão não é representado pelos traidores Scheidemann, Legien, David & C^a, nem sequer por Haase, Kautsky & C^a, representantes duma política incerta e sem caráter que segue às pisadas da enferrujada rotina dos "tempos de paz... O futuro do socialismo alemão está na orientação que lhe deu um Karl Liebknecht e que originou o grupo "Spartacus", cujo porta-bandeira é o jornal "Arbeiterpolitik", de Bremen. As condições da guerra imperialista garantem-nos que a revolução não se deterá na primeira paragem... Desde março de 1917 aó um cego pode ter a coragem de sustentar que era errônea a nossa tese. A transformação da guerra imperialista em guerra entre classes começa a fazer-se realidade. Viva a nascente revolução européia!

²⁶⁸ Jornal *O Debate*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1917, p.9. CEDEM – UNESP.

Enquanto o jornal *O Cosmopolita*, já no mês seguinte em 15 de novembro de 1917 afirmava não ter dúvidas sobre o caráter geral da Revolução: “a luta contra todos os poderes que se queiram constituir.” E esclarecia estarem os maximalistas no seu “justificado movimento de conservação revolucionária: isto é, a manutenção da Revolução destruindo as leis e os privilégios, de modo a criar novos ambientes aos quais se vão adaptando os indivíduos”.²⁶⁹

Ora, se a Revolução conserva o sistema de vida das coletividades, claro está que a menor dificuldade será motivo básico para uma reação; mas a revolução era logo na sua fase de destruição do sistema, as coletividades vão se adaptando à prática da sua nova organização social e os bons efeitos do comunismo passam a garantia absoluta contra qualquer reação. O fato de está garantida a impossibilidade da reação, é simples: "A ausência dos meios de que até então dispunham os exploradores; isto é: o dinheiro, e conseqüentemente soldados e armas". A intromissão dos representantes das nações na Rússia é bem a prova de que os governos pertencem a única casta e os capitalistas a um único "bando"... Mas, a presença daqueles embaixadores, dentro de breves dias deixará de ter motivo pela cessação de "negócios". As nações intervêm na Revolução da Rússia porque essa Revolução é o início da derrocada de todos os governos. E nós, que teremos de tomar parte na conquista da terra para todos, não faremos nada demais preparando-nos para os primeiros golpes.²⁷⁰

De acordo com o Gráfico XXXIII verifica-se no trecho acima do periódico carioca *O Cosmopolita*, os seguintes temas: Revolução Social, Projeto-Utopia, Comunismo, Coletividades, Programa Libertário e Reação Conservadora. Nessa edição da imprensa operária, aprofunda-se novas temáticas e amplia-se as expectativas políticas ao apontar a “conquista da terra para todos” após a a fase de “destruição do sistema” seria possível a adaptação à “nova organização social” e o alcance dos “bons efeitos do comunismo como garantia absoluta contra qualquer reação.

A cobertura jornalística da imprensa operária brasileira à Revolução Russa nos seus eventos entre março e novembro acompanhou os acontecimentos a partir de fontes internacionais com reflexões comunicadoras e fez saber das notícias desde a queda do governo provisório até ascensão bolchevique por meio de um enquadramento temático que fazia crer na realização de uma experiência excepcional fornecedora de inspiração e esperança em projetos políticos sustentados pelas expectativas de emancipação humana

²⁶⁹ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

²⁷⁰ Jornal *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

por meio da paz e de princípios históricos para mudanças sociais, dentre eles, liberdade, igualdade e fraternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que aqui se realizou foi um esforço de demonstrar alguns aspectos temáticos centrais das notícias publicadas pela imprensa operária brasileira entre março e novembro de 1917 sobre a Revolução Russa. Assim, cabe elencar alguns aspectos desse processo de pesquisa que foram construídos no decorrer desse estudo e podem contribuir para outras investigações historiográficas interessadas no aproveitamento das abordagens aqui sugeridas, projetadas e iniciadas.

A primeira procura foi analisar ideias e conceitos para encontrar caminhos de como pensar “o jornal” no intuito de compreender com mais profundidade a sua organicidade. A ideia foi de ampliar o exercício de compreensão e explicação dos jornais, por isso a escolha pelo caminho de diálogo com os autores do campo da Comunicação. Para tanto, o pensamento de Maurice Mouillaud (2002; 1989) através da leitura dos seus capítulos no livro “*O Jornal: da forma ao sentido*” e em seguida da obra em parceria com Jean-François Tétu, “*Le journal quotidien*” apresentou-se como uma possibilidade de conceitos e metodologias capazes de entendimento da desconstrução-construção do acontecimento-informação elaborado pelos jornais. Foi uma tentativa de aproximar objeto e métodos em função do sentido da imprensa escrita no contexto do movimento operário da segunda metade dos anos 10 no século XX.

A sustentação inicial da abordagem do jornal nas suas qualidades de objeto e fonte dessa pesquisa foi inspirada e produzida pelo conceito de Mouillaud (2002) enquanto um “dispositivo sócio simbólico” com formas que correspondem a um “aparato acolhedor” disposto pelo jornal para ordenar de maneira específica os acontecimentos. O referido autor francês caracteriza de “estratégias” a “dinâmica posta em prática pelos jornais e que operacionalizam sua forma pragmática de ser”. A partir dessas ideias, a proposta era interpretar a dinâmica das notícias analisadas por meio da abordagem temática do seu conteúdo (PORTO, 2002, p.12-13).

A leitura da obra de Mouillaud (2002, p.31;40) abriu novas possibilidades de reflexão também com seus referenciais, a exemplo do que ele apresenta do trabalho de Philippe Dubois com a fotografia ao fazer um paralelo entre a tomada fotográfica e sua relação de construção/obediência a uma regra ortogonal com os sentidos elaborados pelo dispositivo do jornal desde a sua diagramação como suporte produzido socialmente que também é seguido em seus contextos históricos. Posteriormente, outro autor francês foi apresentado,

o filósofo e historiador da arte, Didi-Huberman e sua formulação de que toda e qualquer visão contém algo mais que ela própria, suscitando um novo conjunto não visto, cujo horizonte é tanto limite do visível quanto borda do invisível.

Dessa forma, outras perspectivas teóricas foram enriquecendo e preenchendo a procura por um tratamento das fontes que pudesse contribuir com estudos em torno da historiografia da imprensa. Nesse momento já era possível interpretar o jornal sob uma nova “figuração” com indicadores das possibilidades para delinear o circuito temático das notícias da Revolução Russa. E dentre elas, se destacou o conceito de enquadramento indicado por Mouillaud (2002, p.43) como recurso teórico para descrever o processo do visível elaborado por Didi-Huberman da seguinte maneira: primeiro delimitando um campo e um fora de quadro, este determina o que deve ser visto e depois focalizando a visão no interior de seus limites unifica em uma cena.

A experiência não é reprodutível. Está ligada a um local, a um ponto do espaço e a um momento do tempo. Já o acontecimento é móvel. Veiculado pela informação sob a forma de despacho de agência, deve ser solto de suas amarras. Trata-se de um fragmento extraído de uma totalidade que por si só não pode ser compreendida. Pode-se descrever este fragmento com um conceito que tomamos emprestado à fotografia e ao cinema, o enquadramento. Aparentemente, a moldura é posterior ao quadro, mas o quadro procede de um enquadramento implícito que o precedeu. A moldura opera ao mesmo tempo um corte e uma focalização: um corte porque separa um campo e aquilo que o envolve; uma focalização porque, interditando a hemorragia do sentido para além da moldura, intensifica as relações entre os objetos e os indivíduos que estão compreendidos dentro do campo e os reverbera para um centro. O produto do corte e da focalização institui o que se chamará (dando-lhe amplo sentido) de “cena” (MOUILLAUD, 2002, p.61).

A leitura dessas reflexões de Mouillaud proporcionou o entendimento da notícia como um enquadramento de cenas de uma experiência, por isso fortalece a relação entre o jornal e seus leitores. A partir dessas orientações, seguiu-se uma pesquisa sobre o conceito de “enquadramento” no campo da Comunicação e nela foi identificada a obra *“Comunicação e política: conceitos e abordagens”* (2004) organizada por Albino Rubim com capítulos de diversos autores abordando debates conceituais atualizados. Dentre eles, destacou-se o texto do pesquisador Mauro Porto, *“Enquadramentos da mídia e política”*, com uma análise da trajetória, definições e proposições para o desenvolvimento do conceito de “enquadramento”. O mencionado autor português indica a definição de Robert Entman (1994, p.294) como o melhor resumo dos aspectos centrais do conceito de “enquadramento”, principalmente pela sua aplicabilidade na análise de conteúdo da

mídia, onde enquadrar significa selecionar aspectos da “realidade percebida” dando-lhes saliência em um texto comunicativo.

Desde então, foi necessário encontrar um caminho para compreender as notícias da Revolução Russa na imprensa operária como enquadramentos de uma experiência que chegou ao Brasil por meio de relatos jornalísticos. E a escolha pelos princípios da análise de conteúdo temático possibilitou aprofundar a compreensão do painel comunicativo elaborado pelos jornais operários por meio da organização, inferência e codificação dos conteúdos das notícias da Revolução Russa em seus respectivos contextos (BARDIN, 2009).

Buscou-se identificar núcleos temáticos baseados nos sentidos expressos pela leitura das notícias, cujas similaridades compõem um conjunto de temas e subtemas condensados em 117 categorias de análise no software NVivo® como “nós” e “subnós”. Por meio da rede de contatos internacionais da imprensa operária, os jornais obtiveram informações e elaboraram seus pontos de vista, perspectivas e anseios, divulgando as suas chaves de leitura sobre a Revolução Russa. A presente pesquisa propôs se dedicar sob essas chaves para identificar e compreender as “molduras” produzidas pelos periódicos *A Semana Social* (AL), *A Plebe* (SP), *O Cosmopolita* (RJ) e *O Debate* (RJ) em tempo síncrono ao desenrolar da experiência russa entre março e novembro de 1917.

E ao examinar as notícias a procura foi por sistematizar temas referentes ao texto jornalístico de acordo com os sentidos depreendidos da leitura dos seus conteúdos. A apresentação dos Gráficos de Percentuais da Codificação, os Gráficos de Hierarquia de Nós e as Nuvens de Palavras pretendeu possibilitar a visualização dos temas presentes em cada notícia de forma que fosse possível verificar quais abordagens as notícias faziam da Revolução Russa.

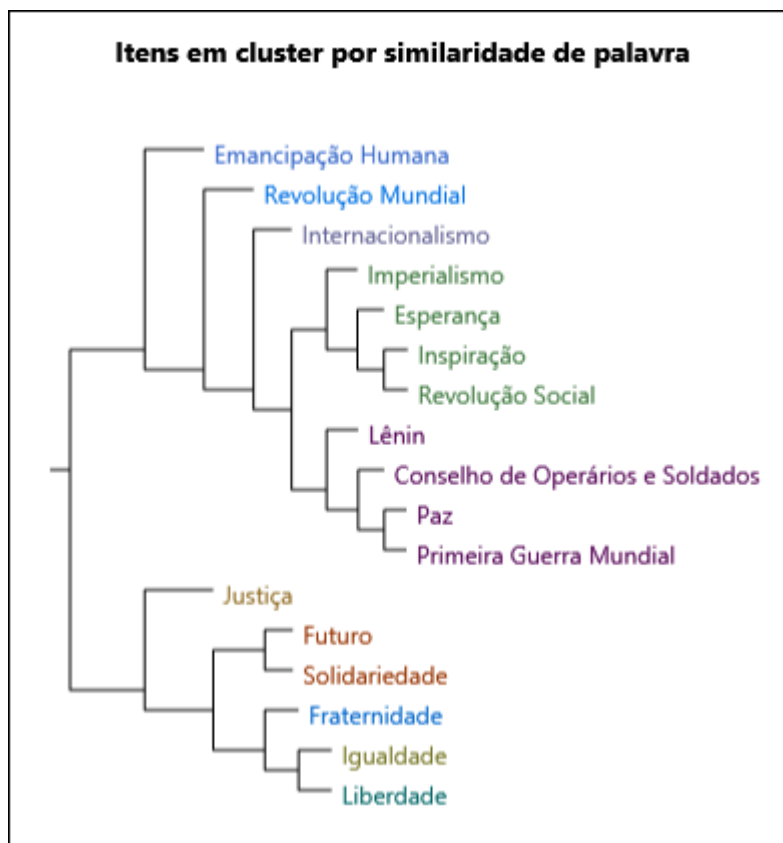
O conceito de “análise figurativa” desenvolvido no campo das artes cênicas por Nicole Brenez (historiadora e professora de cinema da Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3) como uma possibilidade de pensar o estudo das notícias. Em 1998, a pesquisadora francesa publicou sua obra “De la figure en general et du corps en particulier”, sem tradução ainda para o português, nesse importante trabalho ela propôs um método chamado “análise figural” onde a ideia central é buscar nos próprios filmes as ferramentas para sua análise. Brenez (2014) em entrevista a um site brasileiro durante sua participação em um evento mineiro de cinema, aponta algumas orientações cujas reflexões poderiam

ser problematizadas para o aproveitamento nos estudos da historiografia da imprensa. Inicialmente, a mencionada autora propõe o seguinte questionamento: como o filme está vivo? e para desenvolver respostas ela orienta uma análise ad hoc para cada filme. O passo seguinte seria responder: “Como um filme postula o que é uma coisa?”. Esse seria um caminho para identificar o que não está se dizendo explicitamente, mas estão trabalhados no filme, isto é, o que se pensa, se acredita antes de considerar um fenômeno. Assim, cada filme tem seus pressupostos. Por conseguinte, a “figuração” é identificada a partir do tratamento dos valores inventados por um filme e poderiam se dar em tempos, nações e contextos culturais muito diferentes. Destarte, é preciso partir de uma “profunda e verdadeira análise formal e estrutural do que está realmente no filme e do que o filme trata”. Brenez (1998) explica sua consideração de que os componentes de um filme não formam entidades, mas elementos de uma “economia figurativa”. Tal proposição, possui como pressuposto que o cinema representa uma “investigação ao mesmo tempo sobre o elo, a conexão (rapport) e a relação”. Quando os temas da codificação das notícias foram pensados houve uma influência também do ponto de vista da “figuração” no sentido de sistematizar o tratamento dos valores presentes no conteúdo dos textos jornalísticos sobre a Revolução Russa.

As notícias da Revolução Russa nos jornais operários produziram sentidos cujas chaves de leitura podem ser compreendidas a partir dos temas produzidos pela interpretação dos textos jornalísticos.

Para exemplificar de forma mais clara as correlações temáticas, apresentaremos o dendograma horizontal elaborado pelo NVivo® com a categorização dos “nós e subnós”.

Gráfico XXXV - Análise de Cluster em Dendrograma Horizontal



Fonte: Elaborado pela autora com os recursos proporcionados pelo Software NVivo® a partir da codificação das notícias utilizando temáticas do conteúdo do texto jornalístico.²⁷¹

No Gráfico XXXV é possível perceber dois grandes grupos temáticos, o primeiro orientado pelo tema “Emancipação Humana” que se ramifica hierarquicamente pela relação com a expectativa de uma “Revolução Mundial” e os anseios do “Internacionalismo” se subdivide em duas direções: as reações ao “Imperialismo” e os conteúdos temáticos relacionados às referências ao personagem de “Lênin”. Isso significa que a ideia de “emancipação humana” estava direcionada para o projeto de “Revolução Mundial” conectado ao “Internacionalismo” enquanto solidariedade internacional entre os trabalhadores nas suas lutas sociais. Nesse âmbito solidário estariam a “esperança” na

²⁷¹ Gráfico de Análise Cluster em Árvore de Hierarquia ou Dendrograma Horizontal entre os “nós e subnós” selecionados para demonstrar as relações temáticas que mais sobressaíram no estudo das notícias dos jornais operários (*A Semana Social, A Plebe, O Cosmopolita, O Debate*) entre março e novembro de 1917. Considere um lote de árvore hierárquica horizontal à direita do gráfico, inicia-se com cada tema codificado em uma classe por si só e gradativamente os diferentes temas se agrupam, criando “nós” que são ou dispõem de características mais assemelhadas. À medida que se agrupam, tornando-os aglomerados cada vez maiores, passam a conter elementos cada vez mais diferenciados. Finalmente, no último passo, todos os objetos estão unidos em conjunto (BEM; GIACOMINI; WAISMANN, 2015, p.30).

“inspiração” da “Revolução Social” vinda do exemplo russo como forma de enfrentamento ao “Imperialismo” no sentido da disputa entre as grandes nações capitalistas naquele momento de expansão do capital no início do século XX que resultou na Primeira Guerra Mundial.

No segundo subgrupo oriundo da ramificação do “Internacionalismo” os temas alinhavam as implicações entre “Lênin” e o “Conselho de Operários e Soldados”, esse último como um importante elemento focalizado pelas notícias desde o primeiro mês que investigamos. A “Primeira Guerra Mundial” surge no contexto dos acontecimentos russos na perspectiva da “Paz” ser conquistada pela Revolução.

As notícias da Revolução Russa entre março e novembro de 1917 apontavam a possibilidade da realização de uma “justiça” alcançável num futuro próximo através da “solidariedade” e por uma “fraternidade” construída através da “igualdade e liberdade”. A referida codificação temática buscou sistematizar a captação da essência dos atributos apresentados pelo conteúdo jornalístico no esforço de relacioná-lo de maneira coerente com significados mais centrais capazes de ressoar com clareza os enquadramentos do jornalismo operário.²⁷²

A análise temática das notícias sobre a Revolução Russa publicadas pelos periódicos operários brasileiros em 1917 contribuiu para compreender os significados que tais produções jornalísticas deram a tais acontecimentos. Para refletir sobre as mudanças políticas na Rússia, os jornais estudados elaboraram conteúdos cuja interpretação temática é possível indicar valores, expectativas, apreensões que foram naquele momento alinhavados pela procura por aproximações de uma experiência sinalizadora da implantação de um projeto social diferenciado em favor dos trabalhadores.

A escolha pela codificação temática visava também compreender de que forma a produção jornalística delineou as “ideais e esperanças” produzidas entre os operários brasileiros em 1917 no fortalecimento de uma visão de mundo mais justa e igualitária.

²⁷² Sobre a abordagem da codificação nas pesquisas qualitativas vê: ELLIOTT, V. Thinking about the Coding Process in Qualitative Data Analysis. *The Qualitative Report*, V.23, Nº 11, 2850-2861, 2018. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2018.3560>. Este artigo explora as questões que envolvem o processo de codificação à luz das recomendações dos métodos propostos por autores como John W. Creswell, Lyn Richards, Johnny Saldaña, Harvey Russell Bernard, entre outros. Victoria Elliot defende uma conceitualização da codificação como um processo de tomada de decisão, no qual as decisões sobre aspectos da codificação são todas feitas por pesquisadores de acordo com seus antecedentes metodológicos, suas questões de desenho e pesquisa e os aspectos práticos de seu estudo.

El modelo soviético no se repitió con exactitud en ningún caso, pero dejó un poso de ideas y esperanzas que iban a mantener por muchos años la ilusión de que un orden político y social más igualitario y más justo era posible. La revolución de 1917 marcó profundamente la historia del siglo, alimentando las esperanzas de los de abajo y convertida, por lo menos en sus temores, en la mayor de las amenazas para los de arriba (FONTANA, 2017, p.56).

No acompanhamento e compreensão dos acontecimentos russos nas páginas dos jornais operários em 1917 foram examinadas algumas relevantes pesquisas da historiografia da Revolução Russa. Destarte, a recente efeméride do marco do centenário do referido evento histórico, ele permanece sendo importante não apenas como uma ruptura na História da Rússia, mas também devido ao seu impacto global sobre a história do século XX.

O pesquisador Kevin Murphy (2007) considera que a abertura dos arquivos da antiga União Soviética alterou as bases mentais dos estudos sobre o levante social mais significativo do mundo no século XX, apresentando aos historiadores da Revolução Russa tanto “oportunidades emocionantes” quanto “desafios impressionantes”.

As mudanças nas percepções e interpretações da Revolução Russa foram compreendidas por Rex Wade (2016) a partir das transformações nas maneiras como a vimos e entendemos, nas perguntas realizadas e nos significados atribuídos na história russa e mundial. Para o século XXI, as alterações mais recentes estão relacionadas com o fim da União Soviética em 1991 e as aberturas de acesso às fontes.

A análise de Wade (2016) sobre as questões e tendências na historiografia de língua inglesa da Revolução Russa ressaltou uma forte vitalidade nesse campo de estudos com destacada qualidade e quantidade continuada de publicações. Desde a segunda metade dos anos 60 houve uma variação de temas e abordagens metodológicas, incluindo, por exemplo, o repensar da dinâmica do partido bolchevique (Alexander Rabinowitch) e a integração entre o nexos de guerra, política e atitudes populares na formação da revolução (Rex Wade). Nas décadas de 70 a 80, as pesquisas voltadas para a história social proporcionaram maior ênfase nos grupos sociais, suas aspirações e auto-direcionamentos, ações intencionais e suas agências. Dentre os exemplos de pesquisadores desse último período estão: Ronald Suny, William Rosemberg, Diane Koenker e Steve Smith. A década de 90 trouxe a influência da história cultural e da chamada “virada linguística”, assim, apresentaram-se maior interesse em questões de cultura, linguagem, símbolos e gênero. Particularmente importantes foram as obras inovadoras de Orlando Figes e Boris

Kolonitsky e a parceria deles no livro de 1999 intitulado “*Interpretando a Revolução Russa: a linguagem e símbolos de 1917*”. Nos anos 2000 há uma continuidade de uma tendência dos anos 90 de utilizar novas metodologias para perguntas diferentes e assim examinam tópicos políticos sob novas perspectivas do processo revolucionário, tal como fizeram Semion Lyandres em 2013 na sua obra “*A queda do czarismo*” e Alexander Rabinowitch em 2007 no terceiro volume, “*Os Bolcheviques no poder*”.

A característica mais notabilizada na historiografia do século XXI é o “argumento assertivo” sobre a virtude de escrever “além da divisão revolucionária”, incluindo a Revolução de 1917 em um maior tema ou período de tempo, mais comumente considerando a Primeira Guerra Mundial e a Guerra Civil. Nessa abordagem se sobressaem as obras de Lars Lih (“*Bread and Authority in Russia, 1914–1921*”), Christopher Read (“*From Tsar to Soviets: The Russian People and their Revolution, 1917–1921*”), Peter Gatrell (“*Russia’s First World War*”), Peter Holquist (“*Making War, Forging Revolution*”) e Orlando Figes (*A People’s Tragedy, The Russian Revolution: 1891–1924*). De acordo com Wade (2016), cabe observar que nessa última obra, Orlando Figes escreveu no imediato pós-1991 e deu uma “visão um tanto sombria” da história russa argumentando sobre as poucas chances de sucesso de implantação da democracia liberal pela Revolução de Fevereiro, pois esta já estava “condenada antes de começar”.

Ângelo Segrillo (2010) apresentou um balanço da historiografia da Revolução Russa onde se concentrou nas principais interpretações ocidentais (especialmente anglo-saxãs) e as russas. Nessa mencionada na análise, o autor destaca na historiografia ocidental sobre a Revolução Russa no período da guerra fria a presença de dois grandes grupos: os tradicionalistas ou os autores ortodoxos da Guerra Fria (*os cold warriors*) e os revisionistas pós-modernos dos anos 60.

Segundo Segrillo (2010, p.72-73), os estudos soviéticos foram impactados ideologicamente pela eclosão da Guerra Fria em 1947 e a criação de um mundo bipolar centrado nos EUA e na União Soviética como é possível verificar no anticomunismo marcante da geração dos grandes historiadores ocidentais nos anos 1950 e 1960. Ademais, a URSS era vista pela influente teoria do totalitarismo como um estado monolítico de uma sociedade atomizada e controlada por um estado policial opressor. Nessa visão negativa e repressora da URSS estão as obras do período dos *cold warriors*, destaca-se: *The Origins of the Communist Autocracy* (1955) de Leonard Schapiro; *Russia under the*

Old Regime (1974) de Richard Pipes; *The Soviet Deportation of Nationalities* (1960) e *The Great Terror* (1968) de Robert Conquest. Algumas das características mais gerais identificadas nessa literatura foram as seguintes: ênfase na história política e das elites, na análise do papel de indivíduos e líderes no processo revolucionário e a explicação da tomada do poder pelos bolcheviques como um “acidente histórico ou um golpe por um pequeno bando de políticos marxistas sem enraizamento real na sociedade do país”.

Segrillo (2010, p.77) identifica como melhor representante das inovações da geração de historiadores sociais dos anos 60, o trabalho do francês Marc Ferro com sua obra *La Révolution de 1917* (2 vols. Paris, 1967). A crítica de Ferro se destaca ao qualificar tanto a história determinista soviética quanto os estudos ocidentais da Guerra Fria como uma história política de elites e líderes numa compreensão unilateral da Revolução de Outubro como um “mero golpe de uma minoria de determinados e ferreamente disciplinados bolcheviques”, sem considerar os fatores relacionados às diferentes classes sociais (trabalhadores, camponeses, soldados, intelectuais), além das realidades peculiares regionais e provinciais.

E é ao explorar, a partir de fontes primárias russas, este leque amplo de contribuições de diferentes classes e regiões que *La Revolution de 1917* alcança um caráter holístico que sintetiza campos pesquisados separadamente por diversos dos autores mencionados acima. Deste caráter holístico, e da tentativa de unir a "história de cima" com a "história de baixo", Ferro chega à conclusão que o papel dos bolcheviques na Revolução de Outubro não foi de um mero líder (ou manipulador) das massas em uma situação desesperada. Como Rabinowitch, Ferro desconstruía o mito da unidade centralizada férrea do partido bolchevique e mostrava como ele recebia *inputs* das instituições organizadas das diversas classes (sindicatos, soviets, comitês de fábricas, etc.) e respondia a elas de maneira frequentemente mais simbiótica que meramente unilateral, de cima para baixo. A simbiose se dava nos planos em que ambos (partido bolchevique e estas instituições de representação direta) passavam por processos análogos de burocratização e partilhavam interesses comuns cada vez mais fortes no fim do governo provisório e do antigo estado. Esta relação simbiótica estaria no cerne da explicação para a vitória bolchevique na Revolução de Outubro (SEGRILLO, 2010, p.78).

Wade (2016) aponta para o futuro uma expectativa pela permanência da diversidade dos temas e metodologias de pesquisa e avalia que a política continuará sendo o principal foco, pois a questão do “por quê” a revolução percorreu o caminho que “fez” e como os bolcheviques emergiram triunfantes, permanece central. Não obstante, os estudiosos continuaram valorizando uma visão multifacetada da revolução. Sendo assim,

o que se espera no mundo acadêmico são reordenações ou novas combinações de abordagens recentes com novas pesquisas e recompensas de sua originalidade.

O estudo do conteúdo das notícias operárias entre julho e novembro de 1917, indica uma relativa inquietação sobre os rumos da Revolução Russa diante das suas próprias indefinições desse segundo semestre. Os textos jornalísticos demonstravam a concretização de uma Revolução Social e aguardavam as decisões sobre os caminhos políticos que seriam trilhados, quais métodos seriam utilizados. Foi um período de primeiros contatos com os perfis dos líderes russos e suas biografias políticas. Assim, os revolucionários russos já eram associados com uma social-democracia mais radicalizada, principalmente pela defesa da paz e implantação do Conselho de Operários e Soldados cuja novidade organizativa atraiu a atenção dos jornais operários.

No segundo semestre de 1917, apesar das dúvidas do que se sucederia na sociedade russa, havia confiança na causa dos revolucionários russos e esperança da superação dos obstáculos e vitória sob os inimigos. Nesse período, o acesso a novas informações e análises já demonstravam indícios de que a Revolução Russa possuía um caráter socialista liderada por “maximalistas”, apontando a recepção de informações mais amplas sobre o cenário russo.

A pesquisa ora apresentada, ao focar o conteúdo jornalístico na circulação das notícias sobre a Revolução Russa para entender quais os sentidos elaborados pelos contemporâneos brasileiros nos jornais operários, delineou como a Rússia de 1917 impulsionou uma cosmovisão social sustentada por temas-chaves como emancipação humana, paz, justiça, solidariedade, fraternidade e igualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, P.; TERROU, F. *História da imprensa*. Martins Fontes: São Paulo, 1990.

AGUIAR, Pedro. “O Império das Agências: territórios, cartel e circulação da informação internacional (1859-1934)”. IN: *Revista Eptic*, vol.17, n. 2, maio-agosto 2015.

ALVES, Dáfni.; FILHO, Daniel Figueiredo.; HENRIQUE, Anderson. O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. *Revista Política Hoje*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, V. 24, Nº2, p. 119-134, 2015.

AMARAL, Roberto Mansilla. *Uma memória silenciada: ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octávio Brandão: (1917-1980)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. “Do gráfico ao foto-gráfico”. In: CARDOSO, Rafael (org.). *O design brasileiro antes do design*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ARAÚJO, Bruno Rodrigo Tavares. *Rebeldia com causa: a trajetória política e intelectual de Antonio Bernardo Canellas (1916-1920)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Macéio, 2015.

_____. Antonio Bernardo Canellas: trajetória, militância, pensamento e atuação política ideológica nas páginas do periódico *A Semana Social* (Maceió - Alagoas, 1917). IN: XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis – SC, 2015b. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simpósios-anpuh/34-snh28>. Acessado em: 23 de agosto de 2018.

AZEVEDO, Dúnya. *A reinvenção de um jornal: o design gráfico nas capas do Correio Braziliense*. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

_____. A evolução técnica e as transformações gráficas nos jornais brasileiros. *Mediação*. Belo Horizonte, V.9, Nº 9, jul/dez. de 2009.

BADCOCK, Sarah. *A revolução dos camponeses de 1917*. Blog Junho, 2017. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/a-revolucao-dos-camponeses-de-1917/>. Acesso em: 10/10/2017.

_____. The Russian Revolution: Broadening Understandings of 1917. *History Compass*. Pennsylvania: Projit Mukharji - University of Pennsylvania, V. 6, Nº 1, p. 617-633, january.2008.

_____. *Politics and The People in Revolutionary Russia: a Provincial History*. New York: Cambridge University Press, 2007.

_____. Talking to the People and Shaping Revolution: The Drive for Enlightenment in Revolutionary Russia. *The Russian Review*. Ohio: Eve Levin, V. 65, Nº 4, p. 2-21, october.2006.

_____. Women, Protest and Revolution: Soldiers' Wives in Russia During 1917. *International Review of Social History (IRSH)*. Amsterdam: International Institute of Social History / Cambridge University Press, V. 49, Nº 1, p. 47-70, abril.2004.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

BANDEIRA, Luis Alberto Moniz. *O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2017.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. *História da Comunicação no Brasil*. Petropólis: Vozes, 2013.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Liboa: Edições 70, 2009.

BARRICHELLO, Eugênia Mariano da Rocha; RUBLESKI, A. (org.). *Pesquisa em comunicação: olhares e abordagens*. Santa Maria: Facos – UFSM, 2014.

BARTZ, Frederico Duarte. *O impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul. 1917-1920*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008a.

_____. *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

_____. O maximalismo como problema: circulação e apropriação da ideia de bolchevismo no movimento operário brasileiro durante os primeiros anos da Revolução Russa. Chile: Universidad de Santiago de Chile. *Izquierdas*, nº31, p.235-248, diciembre 2016.

_____. A Revolução Alemã de 1918 e o movimento operário brasileiro. Niepmarx Blog, 2017. Disponível em: <http://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2017/anais2017/MC64/mc641.pdf>. Acesso em: 10/12/2017.

_____. Solidariedades impressas (1917-1920): o jornalismo operário como forma de ligação entre o movimento operário gaúcho e os trabalhadores organizados do centro do país no período das grandes greves. In: *IX Encontro Estadual de História. Vestígios do Passado: a história e suas fontes: anais*. ANPUH-RS, Porto Alegre, 2008b.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do Marxismo no Brasil: os influxos teóricos*. Campinas: Editora da Unicamp, V.II, 1995.

_____. *O socialismo no Brasil na época da II Internacional: uma revisão de algumas interpretações correntes*. Anpocs.com. 1991.

Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/15-encontro-anual-da-anpocs/gt-15/gt27-8/7076-claudiobatalha-o-socialismo/file>. Acessado em: 29/11/2019.

BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine, 1972.

BAUER, Martin W. “Análise de conteúdo clássica: uma revisão”. IN: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BELTRÃO, Luiz. *Teoria e Prática do Jornalismo*. Adamantina: FAI/UNESCO/Edições Omnia, 2006.

BEM, Judite Sanson; GIACOMINI, Nelci Maria Richter; WAISMANN, Móises. Utilização da técnica da análise de clusters ao emprego da indústria criativa entre 2000 e 2010: estudo da Região do Consinos, RS. *Interações*. Campo Grande, V.16, nº1, p.27-41, jan/jun.2015.

BIONDI, Luigi e TOLEDO, Edilene. *Uma Revolta Urbana: a greve geral de 1917 em São Paulo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018.

BLANC, Paul Le. Lenin studies: method and organisation. *Historical Materialism*. Liden: Brill, V. 25, Nº. 4, p. 105-138, october.2017.

BOTTOMORE, Tom (org.). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1983.

BRAHM, Maitê de Siqueira. *O desenvolvimento das competências sociais no contexto do trabalho voluntário*. Dissertação (Mestrado em Administração). Escola de Negócios, UNISINOS, São Leopoldo, 2015.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *A cidade como negócio: mercado imobiliário rentista, projetos e processo de produção do Centro Velho de São Paulo do século XIX à Lei do Inquilinato (1809-1942)*. Tese (Concurso de Livre-Docência). Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, Curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, USP, 2018.

BRENEZ, Nicole. *Da figura em geral e do corpo em particular – a invenção figurativa no cinema – carta a Tag Gallagher*. Culture Injection Wordpress, 2018. Disponível em: <https://cultureinjection.wordpress.com/2018/04/24/da-figura-em-geral-e-do-corpo-em-particular-a-invencao-figurativa-no-cinema-carta-a-tag-gallagher-por-nicoles-brenez-17-07-1998/>. Acesso em: 20/05/2020.

_____. “Cada filme é um laboratório” – Entrevista. Revista Cinética, 2014. Disponível: <http://revistacinetica.com.br/home/entrevista-com-nicole-brenez/>. Acesso em 23/05/2020.

CAMARGO, Daisy de. *Alegrias engarrafadas: os alcoóis e a embriaguez na cidade de São Paulo no final do século XIX e começo do XX*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2010.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, 1983.

CANGA LAREQUI, Jesús. *El diseño periodístico en prensa diária*. Madrid: Bosh Casa Editorial, 1994.

CARR, E. H. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

CARVALHO, José Murilo de. *A Construção da Ordem: A elite política imperial*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CASTELLUCCI, Aldrin. “Guerra, revolução e movimento operário: as greves gerais de 1917-1919 no Brasil em perspectiva comparada”. IN: SPERANZA, Clarice Gontarski (org.). *História do Trabalho entre debates, caminhos e encruzilhadas*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

CASTILLO, Felicia De Lucia; BRITO, Jéssica Oliveira; SANTOS, Celso A.S. Nuvens de palavras animadas para visualizar e extrair conhecimento de informações textuais. *Webmedia '16: Anais do 22º Simpósio Brasileiro de Multimídia e a Web*, novembro de 2016, p.127-134.

CHALABY, Jean. “Jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920)”. IN: *Media e Jornalismo*, (3) 2003.

CHAMBERLIN, William Henry. *Storia della Rivoluzione Russa. Dalla liberazione del servi al febbraio di Kerenskij*. V. 1. Milano: Il Saggiatore, 1967.

CHRETIEN, Todd. “Antes de Fevereiro”. IN: Blog Junho, 10 de março de 2017. Endereço eletrônico: <http://blogjunho.com.br/antes-de-fevereiro/>. Tradução de Rafael Bonavina. Último acesso, dia 5 de agosto de 2018.

COHEN, Bernard Cecil. *The press and foreign policy*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos”. IN: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado, 2000.

COMIM, Daniela Oliveira. *Expressões do tempo no cinema: uma análise comparativa entre os filmes Solaris (1972 e 2002)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CORREIA, Sílvia Adriana Barbosa. Cem anos de historiografia da Primeira Guerra Mundial: entre história transnacional e política nacional. *Topoi*. Rio de Janeiro, V. 15, Nº. 29, jul/dez.2014.

COSTA, Adailton Pires. *A História dos Direitos Trabalhistas vista a partir de baixo: a luta por direitos (e leis) dos trabalhadores em hotéis, restaurantes, cafés e bares no Rio de Janeiro da 1ª República (DF, 1917-18)*. Dissertação (Mestrado em Direito). Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

CRESWELL, John W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, Heloísa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. IN: *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

CUNHA, Eduardo Augusto Souza. *Editar a revolta: edição e circulação de impressos anarquista em Buenos Aires*. Dissertação (Mestrado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2018.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____ e ROCHE, Daniel (orgs.). *A revolução impressa: a imprensa na França, 1775-1800*. São Paulo: Editora da USP, 1996.

D’ELBOUX, Roseli Maria Martins. *Joseph-Antoine Bouvard no Brasil. Os melhoramentos de São Paulo e a criação da Companhia City: ações interligadas*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sublevaciones*. Ciudad de México: MUAC – UNAM, 2018.

_____. *Insurrecciones*. Barcelona: Museu Nacional D’Art de Catalunya, 2017.

DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

ELLIOTT, V. Thinking about the Coding Process in Qualitative Data Analysis. *The Qualitative Report*, V. 23, Nº 11, p. 2850-2861, 2018. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol23/iss11/14>. Acesso em: 07/06/2020

ENGEL, Barbara Alpern. Not by Bread Alone: subsistence riots in Russia during World War I. *The Journal of Modern History*. Chicago: The University of Chicago Press, V. 69, Nº4, pp.696-721, december.1997.

_____ and Janet Martin. *Russia in World History*. New York: Oxford University Press, 2015.

ENTMAN, Robert. “Framing: toward clarification of a fractured paradigm”. IN: Levy, M.; Gurevitch, M. (Ed.). *Defining media studies*. New York: Oxford University Press, 1994.

FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FERNANDES, Eduardo Georjão. *Campos de batalha jornalística: os enquadramentos construídos por Zero Hora, Diário Gaúcho e Sul21 na luta pela legitimidade do ciclo de manifestações de 2013, em Porto Alegre/RS*. Dissertação (Mestrado em Sociologia).

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

_____.; TEIXEIRA, Alex Niche. Por um modelo analítico no estudo dos enquadramentos midiáticos a processos de mobilização. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília: UNB, V. 33, Nº 3, setembro/dezembro.2018.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.

FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, V. 1, 2008.

FERRO, Marc. The Russian soldier in 1917. Undisciplined, patriotic, and revolutionary. *Slavic Review*. Cambridge: Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies / Cambridge University Press, V. 30, Nº 3, pp. 483-512, september.1971.

_____. *La Gran Guerra (1914-1918)*. Buenos Aires: Hyspamerica Ediciones, 1985.

_____. *A Revolução Russa de 1917*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

FONSECA, Letícia Pedruce. *A Construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em Design). Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Correa da. “Análise de Conteúdo”. IN: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006.

FRACCARO, Glaucia. *Os Direitos das Mulheres – organização social e legislação trabalhista no entreguerras brasileiro (1917-1937)*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2016.

_____. Mulheres, sindicato e organização política nas greves de 1917 em São Paulo. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, V. 37, Nº 76, 2017.

FREITAS, Vítor Sandes.; NETO BIZZARO, Fernando. Qualitative Comparative Analysis (QCA): usos e aplicações do método. *Revista Política Hoje*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, V. 24, Nº 2, p. 103-117, 2015.

FIGES, Orlando. *Uma História Cultural da Rússia*. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2017.

FITZPATRICK, Sheila. Politics as Practice: Thoughts on a New Soviet Political History. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers. V. 5, Nº 1, p. 27-54, winter.2004.

_____. *A Revolução Russa*. São Paulo: Editora Todavia, 2017.

FLICK, Uwe. *Introdução a pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONTANA, Josep. *El siglo de la Revolución: una historia del mundo desde 1914*. Barcelona: Crítica, 2017.

_____. A Revolução Russa e Nós. *Revista História e Luta de Classes*. Ano 13, Nº 23, março. 2017. Disponível em: <http://dev.historiaelutadeclasses.com.br/upload/arquivo/2018/03/77107621e45d7089116cfd1a84ddb8e3fbd337ca>. Acesso em: 15/05/2017.

FRAME, Murray.; KOLONITSKII, Boris.; MARKS, Steven G.; STOCKDALE, Melissa K. (orgs.). *Russian Culture in War and Revolution, 1914–22*. Bloomington: Slavica Publishers, 2014.

FREIRE, Eduardo Nunes. *A influência do design jornalístico na evolução do discurso jornalístico: um estudo de caso do jornal O Estado de S. Paulo*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

_____. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. *Galáxia*. São Paulo: PUC, Nº 18, p.291-310, 2009.

GAIDO, Daniel. “Os dias de julho”. In: Blog Junho, 27 de agosto de 2017. Endereço eletrônico: <http://blogjunho.com.br/do-compromisso-com-o-capitalismo-ao-poder-dos-sovietes/>. Tradução de Nicole Luy e Mozart Pereira. Último acesso, dia 25 de julho de 2018.

GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GAMSON, William; KATHRYN Lasch. “The political culture of social welfare policy”. In: SPIRO, S.; YUCHTMAN-YAAR, E. (orgs.). *Evaluating the welfare state*. New York: Academic Press, 1983.

GAMSON, William e MODIGLIANI, André. “The changing culture of affirmative action”. IN: *Research in Political Sociology*, v. 3, p. 137-177, 1987.

GATRELL, Peter. *Russia's First World War a Social and Economic History*. London: Person/Logman, 2005.

GILBERT, George. “New” Histories of the Russian Revolution? *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers, V. 21, Nº 1, winter. 2020.

GITLIN, Todd. *The Whole World is Watching: mass media in the making & unmaking of the New Left*. London: University of California Press, 2003.

GODOY, Clayton Peron Franco de. *Ação Direta: Transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)*. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013.

GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: los marcos de la experiencia*. Madrid: CIS / Siglo XXI, 2006.

GOLDMAN, Wendy. *Mulher, Estado e Revolução*. São Paulo: Boitempo/Iskra, 2014.

GOMES, Leandro Ribeiro. *Visões da utopia: imaginário e pensamento político na imprensa operária brasileira (1922-1935)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019.

_____. *Libertários e Bolcheviques: A repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira (1917-1922)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

GOMES, Melissa Neves Gomes. *Análise de enquadramentos da cobertura jornalística: a nova vida de refugiados sírios que vieram para o Brasil nos portais G1 e BBC Brasil (2012-2017)*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2019.

GONÇALVES, O. F. Trajetória e Ação Educativa do Jornal A Plebe (1917-1927). *Quaestio - Revista de Estudos em Educação*, V. 6, Nº 2, 23 out. 2009.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2003.

_____.; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. São Paulo, Global, 1982.

HENDERSON, William O. *A Revolução Industrial: 1780-1914*. São Paulo: Verbo e Ed. da USP, 1979.

HILL, Christopher. *La Revolución Rusa*. Barcelona: Editorial Planeta, 2017.

HAYNES, Mike. Workers' Democracy in Revolutionary Petrograd. *ISR*, Nº 106, fall.2017. Disponível em: <https://isreview.org/issue/106/workers-democracy-revolutionary-petrograd>. Acesso em: 23/04/2020.

_____.; WOLFREYS, Jim. *History and Revolution: Refuting Revisionism*. London: Verso, 2007.

HASEGAWA, Tsuyoshi. The February Revolution, Petrograd, 1917: The End of the Tsarist Regime and the Birth of Dual Power. In: *Historical Materialism Book Series*, Leiden: Brill, V. 149, 2018.

HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *A era dos impérios (1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOLQUIST, Peter. *Making War, Forging Revolution: Russia's Continuum of Crisis, 1914-1921*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002.

KALPOKAITE, N.; RADIVOJEVIC, I. Demystifying Qualitative Data Analysis for Novice Qualitative Researchers. *The Qualitative Report*, V. 24, Nº 13, p. 44-57, 2019. Disponível em: <https://nsuworks.nova.edu/tqr/vol24/iss13/5>. Acesso em: 05/06/2020.

KIST, André Urban. *Discurso revolucionário na greve geral de São Paulo em 1917*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UNISINOS, 2018.

KOENKER, Diane P.; ROSENBERG, William G. *Strikes and Revolution in Russia*. Princeton e New Jersey: Princeton University Press, 1989.

KOLONITSKY, Boris. Historians and the Centennial of the Russian Revolution. *Russian Studies in History*. Abingdon: Taylor & Francis Group, V. 58, Nº 1, p.44-53, 2019.

_____. The Genealogy of the “Leader of the People”: Images of Leaders and the Political Language. *Russian History*. Leiden: Brill, V. 45, Nº 2-3, pp.149-177, august.2018.

_____.; MATSKEVITCH, Maria. Passado imprevisível num tempo imprevisível: O centenário da Revolução de 1917 na Rússia contemporânea. *RUS - Revista de Literatura e Cultura Russa*. São Paulo, V. 8, Nº 10, p. 81-99, dezembro.2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rus/article/view/140519>. Acesso em: 15/07/2020.

_____.; NEUMEYER, Joy. On Studying the 1917 Revolution: Autobiographical Confessions and Historiographical Predictions. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers, V. 16, Nº 4, fall. 2015.

_____. "Democracy" in the Political Consciousness of the February Revolution. *Slavic Review*. *Slavic Review*. Cambridge: Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies / Cambridge University Press, V. 57, Nº 1, p.95-106, spring.1998.

_____. Революция 1917 года. Москва: Эксмо, 2018

_____.; FIGES, Orlando. *Interpretar la Revolución Rusa: el lenguaje y los símbolos de 1917*. Editor Digital: Titivillus, 2013.

KRAUSZ, Tamás. *Reconstruindo Lênin, uma biografia intelectual*. São Paulo: Boitempo, 2017.

LAGO, Cláudia.; BENETTI, Márcia. *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LAMOUNIER, Aden Assunção. *José Oiticica: itinerários de um militante anarquista (1912-1919)*. Dissertação (Mestrado em História). Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

LASWELL, Harold. *A linguagem da política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

LE BLANC, Paul. “O golpe de Kornilov”. In: Blog Junho, 09 de outubro de 2017. Endereço eletrônico: <http://blogjunho.com.br/o-golpe-de-kornilov/>. Tradução de Macário. Último acesso, dia 25 de julho de 2018.

LENA JR., Helio. *Astrojildo Pereira: um intransigente libertário (1917-1922)*. *Astrojildo Pereira: um intransigente libertário (1917-1922)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Severino Sombra, Vassouras, 1999.

LENINE, V. I. *Teses de Abril*. Disponível: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/04/04_teses.htm. Acesso em: 23/05/2020.

_____. *Estado e Revolução*. Disponível: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1917/08/estadoerevolucao/>. Acesso em: 30/05/2020

_____. *Imperialismo, etapa superior do capitalismo*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/imperialismo/index.htm>. Acesso em: 02/06/2020.

LIH, Lars. T. *Bread and Authority in Russia, 1914-1921*. Berkeley: University of California Press, 1990.

_____. *Lenin Rediscovered: what is to be done? in incontext*. Chicago: Haymarket, 2008.

_____. *De fevereiro a outubro*. Blog da Boitempo, 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/06/02/de-fevereiro-a-outubro-especial-revolucao-russa/>. Acesso em: 12/06/2017.

_____. A Revolução Democrática Antiburguesa: uma leitura da Revolução Russa. *RUS - Revista de Literatura e Cultura Russa*. São Paulo, V. 8, Nº 10, p. 81-99, dezembro.2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rus/article/view/138835><http://www.revistas.usp.br/rus/article/view/138835>. Acesso em: 15/07/2020.

_____. *Letter from Afar, Corrections from Up Close: Censorship or Retrofit*. Johnriddel, 2017. Disponível em: <https://johnriddel.wordpress.com/2017/06/24/letter-from-afar-corrections-from-up-close-censorship-or-retrofit/>. Acesso em: 10/07/2020.

_____. *Lenin: A Russian Revolutionary Social Democrat*. Academia.Edu, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/42997812/Lenin_A_Russian_Revolutionary_Social_Democrat. Acesso em: 07/06/2020.

_____. The Ironic Triumph of Old Bolshevism: The Debates of April 1917 in Context. *Russian History*. Leiden: Brill, V. 38, Nº 2, p. 199–242, 2011.

_____. Lenin Disputed. *Historical Materialism*. Liden: Brill, V. 18, Nº 3, p. 108–174, january.2010.

LINDERT, Peter H.; NAFZIGER, Steven. Russian Inequality on the Eve of Revolution. *The Journal of Economic History*. Cambridge: Academic Journal of Economic History / Cambridge University Press, V. 74, Nº 3, september. 2014.

LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Petropólis, RJ: Vozes, 2008.

_____; CHARLES, Merz. A Test of the News: an examination of the news reports in the news reports in the New York Times on aspects of the Russian Revolution of special importance to Americans (March 1917 – March 1920). *The New Republic*. Vol. XXIII, PART. II, Nº 296, august.1920.

LOHR, Eric. The Russian Army in World War I. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers, V. 17, Nº 3, p. 688-697, summer.2016.

_____.; TOLZ, Vera.; SEMYONOV, Alexander e VON HAGEN, Mark (orgs.). *The Empire and Nationalism at War*. Bloomington: Slavica Publishers, 2014.

LÖWY, Michael. “A teoria do desenvolvimento desigual e combinado”. IN: *Outubro*, n. 1, 1998, p. 73-80.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nós e por meio dos periódicos”. IN: PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____.; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

LOFF, Manuel. Depois da Revolução? Revisionismo histórico e anatemização da Revolução. *Revista História e Luta de Classes*. Ano 7, Nº 12, setembro.2011. Disponível em:

<http://dev.historiaelutadeclasses.com.br/upload/arquivo/2018/03/2372544af4c64d6aea7ebab5761f8463d7ed249c>. Acesso em: 20/05/2016.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *O espírito da revolta, a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

LOSURDO, Domenico. O significado histórico da Revolução de Outubro. *Crítica Marxista*, Campinas: Unicamp. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo25Artigo4.pdf. Acesso em: 10/07/2020.

LÖWY, Michael. Da Rússia imperial à ruptura. Vésperas de Revolução: os debates entre revolucionários russos 1903-1917. IN: JINKINGS, Ivana.; DORIA, Kim (orgs.). *1917: o ano que abalou o mundo. Cem anos da Revolução Russa*. Editora SESC: São Paulo, 2017.

_____. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. *Revista Outubro*, n. 1, 1998. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-1-06.pdf>. Acessado em: 02/03/2020.

MAIA, Andréa Casa Nova.; CARDOSO, Luciene Carris.; SANTOS, Vicente Saul Moreira dos. (Org.). *Russos em Revista: a Revolução Russa nas revistas ilustradas brasileiras*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

MACIEL, Laura. Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores. *História & Perspectivas*. Uberlândia, Nº 39, p. 89-135, jul.dez.2008.

_____. Imprensa, esfera pública e memória operária – Rio de Janeiro (1880-1920). *Revista História*. São Paulo, Nº 175, p.415-418, jul.dez.2016.

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *Trabalhadores, identidade de classe e socialismo: os gráficos de Maceió (1895 – 1905)*. Dissertação (Mestrado História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

MANDEL, David. *The Petrograd Workers and the Soviet Seizure of Power From the July Days 1917 to July 1918*. Collection: Studies in Soviet History and Society. London: The MacMillan Press Ltd, 1984.

_____. *The Petrograd Workers in the Russian Revolution February 1917-June 1918*. Chicago: Haymarket Books, 2018.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890 - 1922)*. São Paulo: Editora da USP/Fapesp, 2008.

MARIUTII, Eduardo Barros. *Interpretações clássicas do imperialismo*. Instituto de Economia / UNICAMP: Campinas, N° 216, fev. 2013.

MARKS, Steven G. The Global Legacy of the Russian Revolution: A Comparative Perspective. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers, V. 17, N° 1, p. 139-150, winter.2016.

MARQUES, João Carlos. *Guerra a guerra: os movimentos anarquistas na Grande Guerra*. UEPG: Irati / Ponta Grossa. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/7617>. Acesso: 23/05/2019.

MARTINS, Ângela Maria Roberti e SOUZA, Ingrid S. Ladeira de. Representações da Guerra nas páginas libertárias: breve reflexão sobre sete gravuras. *Concinnitas*. Rio de Janeiro: UERJ, V. 02, N° 29, junho.2017.

MATHEUS, Letícia Cantarela. Conexões elétricas e territorialidades no jornalismo brasileiro. *ANIMUS - Revista Interamericana de Comunicação Midiática*. V. 11, N° 22. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231175594.pdf>. Acessado em 05/03/2020.

MATEUS, João Gabriel da Fonseca. *Escritos sobre a Imprensa Operária da Primeira República*. Pará de Minas: Virtual Books, 2013.

MATTELART, Armand. *Comunicação-Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MCCOMBS, Maxwell. *A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2009.

MCDERMID, J. & HILLYAR, A. *Midwives of Revolution: Female Bolsheviks and Women Workers in 1917*. London: UCL Press, 1999.

MELACON, Michell. Soldiers, peasant-soldiers, and peasant-workers and their organizations in petrograd: ground-level revolution during the early months of 1917. *The Soviet and Post-Soviet Review*. Leiden: Brill. V. 23, N° 1, p.161-190, january.1996.

MELO, Demian Bezerra.; MONTEIRO, Marcio Lauria. Os ciclos de revisionismo histórico nos estudos sobre a Revolução Russa. *Revista Direito e Práxis*. Rio de Janeiro: UERJ, V. 8, N° 3, p. 2256-2294, 2017.

MENDES, Samanta Colhado. *As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

MIÉVILLE, China. *Outubro: História da Revolução Russa*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MOLINA, Matías. *História dos Jornais no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MORAES, Fernanda Grigolin. *SOU AQUELA MULHER DO CANTO ESQUERDO DO QUADRO: a história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada*. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

MORAES FILHO, Evaristo de. A proto-história do marxismo no Brasil. In: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Campinas: Editora da Unicamp, V. I, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (Doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2000.

MOTTA, Luiz Gonzaga. “Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico”. IN: PORTO, Sérgio (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UnB, 2002.

MOUILLAUD, Maurice. “Da forma ao sentido”. IN: PORTO, Sérgio (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UnB, 2002.

_____. “A crítica do acontecimento ou o fato em questão”. IN: PORTO, Sérgio (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UnB, 2002.

_____. “Posturas do Leitor”. IN: PORTO, Sérgio (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UnB, 2002.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize e TEIXEIRA, Alex Niche. “Análises qualitativas nos estudos organizacionais: as vantagens no uso do software NVIVO®”. IN: *Revista Alcance*, vol.23, n.4, out/dez.2016.

MURPHY, Kevin. *Revolution and Counterrevolution Class Struggle in a Moscow Metal Factory*. Chicago: HaymarketBooks, 2007.

_____. *A história da Revolução Russa de fevereiro de 1917*. Revista Outubro, n. 28, abril de 2017. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/a-historia-da-revolucao-russa-de-fevereiro-de-1917/>. Acesso em: 05/05/2017a.

_____. *Do compromisso com o capitalismo ao poder dos soviets*. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/do-compromisso-com-o-capitalismo-ao-poder-dos-sovietes/>. Acesso em: 11/12/2017b

_____. *As origens e o significado do stalinismo*. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/11/as-origens-e-os-significados-do-stalinismo/>. Acesso em: 04/12/2017c.

_____. Podemos escrever a história da Revolução Russa? Uma resposta tardia a Eric Hobsbawm. *Outubro*, Nº 17, 1º semestre.2008. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/podemos-escrever-a-historia-da-revolucao-russa-uma-reposta-tardia-a-eric-hobsbawm/>. Acesso em: 04/04/2016.

OLABUENAGA, Jose J. Ruiz. *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1996.

OLIVEIRA, Elane Abreu de; ARAÚJO, Juliana Lotif. Design de notícias no curso de Jornalismo: uma experiência de ensino a partir do design da informação. *Revista Brasileira de Design da Informação*. São Paulo, V. 14, Nº 02, p.204-217, 2017.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. *Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1937)*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFF, Niterói, 2009.

_____. Anarquismo e Revolução: militância anarquista e a estratégia do sindicalismo revolucionário no Brasil da Primeira República. In: SANTOS, Kauan Willian dos; SILVA, Rafael Viana da. (orgs). *História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil*. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

PASTI, André. *Notícias, Informação e Território: as agências transnacionais de notícias e a circulação de informações no território brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Unicamp, Campinas, 2003.

PEIXOTO, Maitê. *O Quarto Poder Vermelho: embates teóricos e político ideológicos entre anarquistas e comunistas no contexto de formação dos partidos comunistas do Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, Porto Alegre, 2010.

_____. *Identidades figuradas na cultura do trabalho: a partilha da experiência visual e a construção da identidade operária através da produção imagética vinculada à imprensa operária e sindical no Brasil (1910-1935)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUC-RS, Porto Alegre, 2016.

PEREIRA, Astrojildo. *A Revolução Russa e a Imprensa Brasileira*. São Paulo: CEDEM/UNESP. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/244/a-revolucao-russa-e-a-imprensa/>. Acesso em: 25/10/2017.

_____. *A imprensa operária no Brasil*. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2073>. Acesso em: 25/10/2017.

PEREIRA, Joana. O ciclo de agitação social global de 1917-1920. *Ler História*, 66, 2014.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. A circulação da imprensa operária brasileira no final do século XIX e primeiras décadas do XX. In: QUEIROS, Cesar de.; ARAVANIS, Evangelia. (Org.). *Cultura operária: trabalho e resistências*. Brasília: Ex-Libris, 2010.

_____. Imprensa periódica como fonte para a pesquisa sobre os direitos do trabalhador. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org). *Trabalho, Justiça e Direitos: pesquisa histórica e preservação de fontes*. São Leopoldo: Oikos, 2010.

_____. *A mesma classe, a mesma luta, o mesmo idioma: breves notas sobre a circulação da imprensa operária publicada no Brasil e em Portugal*. Disponível em: http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1210861237_ARQUIVO_PETERSEN-ANPUHRS2008.pdf. Acesso em 06/10/2010.

POLETO, Caroline. *A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)*. Tese (Doutorado em História). UNISINOS, São Leopoldo, 2017.

PONTE, Cristina. *Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico*. Florianópolis: Editora Insular/PosJor - UFSC, 2005.

PORTO, Mauro. “Enquadramento da mídia e política”. IN: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004.

PORTO, Sérgio (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Editora UNB, 2002.

PROMYSLOV, Nikolai.; FEDYASHIN, Anton. The Image of Russia in French Public Opinion, 1811-1812. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers, V. 15, Nº 2, p. 235-262, spring. 2014.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Ática, 1987.

RABINOVITCH, Alexander. *Prelude to Revolution: The Petrograd Bolsheviks and the July 1917 Uprising*. Bloomington and Indianapolis: First Midland Book Edition, 1991.

_____. *The Bolsheviks Come to Power: The Revolution of 1917 in Petrograd*. Londres: Pluto Press, 2017.

_____. *The Bolsheviks in Power: The First Year of Soviet Rule in Petrograd*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2007.

_____. *Como os bolcheviques venceram*. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/como-os-bolcheviques-venceram/>. Acesso em: 20/12/2017.

READ, Christopher Read. *From Tsar To Soviets. The Russian People and their Revolution, 1917-1921*. London: University College, 2005.

_____. *Depois do consenso de Fevereiro*. Disponível em: <http://blogjunho.com.br/depois-do-consenso-de-fevereiro/>. Acesso: 01/12/2017.

REED, Jonh. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Global Editora, 1978.

REIS FILHO, Daniel Aarão e RIDENTI, Marcelo. (org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas

RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ / FGV, 1996.

_____. *O Século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

RENDLE, Matthew. Making Sense of 1917: Towards a Global History of the Russian Revolution. *Slavic Review*. New York: Cambridge University Press, V. 76, Nº. 3, fall.2017.

RETISH, Aaron B. *Russia's peasants in revolution and civil war: citizenship, identity and the creation of the Soviet State, 1914-1922*. New York: Cambridge University Press, 2008.

REZNIK, Alexander V. Lev Trotskii as the Mirror of the Russian Revolution. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers, V. 17, Nº1, winter.2016.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lucia Maria Alves (orgs.). *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

ROIO, Marcos Del. O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão (orgs.). *História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções*. Campinas: Editora da Unicamp, V. I, 2003.

ROMANCINI, Richard e LAGO, Cláudia. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004.

SANBORN, Joshua A. *Drafting the Russian Nation: Military Conscription, Total War, and Mass Politics, 1905–1925*. DeKalb: Northern Illinois University Press, 2003.

SARGES, Maria de Nazaré; SOUSA, Fernando de; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA Jr, Antonio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (orgs.). *Entre mares: o Brasil dos portugueses*. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010.

SAMIS, Alexandre. *Sindicalismo e Anarquismo no Brasil*. 2013. Disponível em: <https://ithanarquista.wordpress.com/2013/01/14/alexandre-samis-sindicalismo-e-anarquismo-no-brasil-1903-1934/>. Acessado em: 26/04/2020.

SÁNCHEZ MELLADO, María. Dibujando la Revolución rusa. Una historia revolucionaria a través de las viñetas de la prensa madrileña. *Revista Internacional de Historia de la Comunicación*. Sevilla: Asociación de Historiadores de la Comunicación / Universidad de Sevilla, nº 14, pp. 233-262, 2020.

SANTOS, Kauan William dos. “PAZ ENTRE NÓS, GUERRA AOS SENHORES”: o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais nos grupos e periódicos anarquistas *Guerra Sociale* e *A Plebe* na segunda década do século XX em São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016.

_____.; SILVA, Rafael Viana. *História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil: Novas Perspectivas*. Curitiba: Editoras Prismas, 2018.

_____. Construindo o Congresso Internacional da Paz e o Congresso Anarquista Sul Americano: cultura política e o trânsito de ideias e experiências anarquistas e sindicalistas entre o Brasil e a Argentina nas duas primeiras décadas do século XX. *Revista Espaço Acadêmico*, V.18, Nº.210, p.37-49, 2018.

_____. Pontes de liberdade: internacionalismo e imaginário nacional no Brasil (1890-1937). IN: SPERANZA, Clarice e SCHEER, Micaela (orgs.).

Trabalho, Democracia e Direitos: projetos políticos, movimentos organizados e debates contemporâneos. Porto Alegre: Editora Fi, V.4, 2019.

SECCO, Lincoln. O centenário da Revolução Russa. *Estudos Avançados*. N.31, V.91, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/141906>. Acessado em: 03/02/2018.

SEGRILLO, Angelo. *Os Russos*. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Historiografia da Revolução Russa: antigas e novas abordagens. *Projeto História*. São Paulo: PUC, N° 41, dezembro.2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6535>. Acesso em: 25/04/2016.

_____. O conceito de Revolução Permanente em Trotsky e Lenin. *Tempos Históricos*. M.C.Rondon: Unioeste, V. 05/06, 2003/2004. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/8017/0>. Acesso: 02/03/2020.

SERGE, Victor. *O Ano I da Revolução Russa*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

SHELOKHAEV, Valentin; SOLOVYOV, Kirill. February in the Shadow of October. *Russian Studies in History*. Abingdon: Taylor & Francis Group, V. 58, N° 1, p.29-43, 2019.

SILVA, Aline Canuto da. *Demolições no complexo da Sé de São Paulo: construindo uma História Social das transformações espaciais paulistanas*. TCC em História. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

SILVA, Danielle Jardim da. *Avanços e limites da contribuição soviética para a libertação das mulheres: Apontamentos a partir do pensamento de Alexandra Kollontai*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, UFF, Niterói, 2018.

SILVA, Érica Sarmiento. Greves, dinamites e boicotes: galegos anarquistas no Rio de Janeiro. *Maracanan*. Rio de Janeiro: UERJ, N° 6, p. 75-95, 2010.

SILVA, Kalina Vanderlei.; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Marcelo Kunrath.; COTANDA, Fernando Coutinho.; PEREIRA, Matheus Mazzilli. Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. V. 25, N. 61, p.143-164, março.2017.

SILVA, Polyana Alves da Silva. *O protagonismo feminino na greve de 1917*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, PUC, São Paulo, 2008.

SMITH, S. A. *Red Petrograd: Revolution in the factories 1917-1918*. New York: Cambridge University Press. 1983.

_____. Citizenship and the Russian Nation during World War I: A Comment. *Slavic Review*. Cambridge: Association for Slavic, East European, and Eurasian Studies / Cambridge University Press, V. 59, Nº 2, summer.2000.

_____. The Historiography of the Russian Revolution 100 Years On. *Kritika: Explorations in Russian and Eurasian History*. Bloomington: Slavica Publishers, V. 16, Nº 4, p. 733-749, fall.2015.

SCHNEIDER, Gabriela (org.). *A revolução das mulheres: emancipação feminina na Rússia soviética*. São Paulo: Boitempo, 2017.

SKIRDA, Alexandre. *Os Anarquistas Russos, os Soviéticos e a Revolução de 1917*. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2017.

SOUSA, Jorge Pedro de. *Elementos de Jornalismo Impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

SOUZA, Rafael Benedito. *A Revolução Russa nos jornais anarquistas do Rio de Janeiro (1917-1922)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

STITES, R. *The Women's Libetarian Movement in Russia: Feminism, Nihilism and Bolchevism: 1860-1930*. New Jersey: Princeton University Press, 1978.

STRONGREN, Fernando Figueiredo. *Imprimindo a anarquia: o jornalismo anarquista no Brasil nas primeiras décadas do século XX*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

_____. MACHADO, Liliane Macedo. O agendamento da greve nas páginas de A Plebe (1917). *Rev. Comum. Midiática (online)*. Bauru: São Paulo, V.11, Nº 1, p.77-92, 2016.

_____.; MACHADO, Liliane Macedo. Informar para mobilizar: o caso do jornal anarquista A Plebe. *Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 27 – 49, jul./dez. 2018.

SUNY, Ronald Grigor. Revision and Retreat in the Historiography of 1917: Social History and Its Critics. *The Russian Review*. V. 53, Nº 2, p.165-182, april.1994.

TEIXEIRA, Alex Niche.; BECKER, Fernando. “Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistema CAQDAS”. IN: *Revista Sociologias*, n.5, jun. 2001.

TCHUMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Editorial Gustavo Gili: Barcelona, 1983.

TOLEDO, Edilene. *O sindicalismo revolucionário no Brasil e na Itália*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2002.

_____. A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *As Esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. I, p. 53-87.

_____. Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. *Estudos Históricos*. CPDOC / FGV: Rio de Janeiro, V. 30, Nº 61, p. 497-518, maio-agosto.2017.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.

_____. *A Revolução Permanente*. Kairós Livraria: São Paulo, 1985.

TRUDELL, Megan. *As mulheres de 1917*. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/06/14/as-mulheres-de-1917-especial-revolucao-russa/>. Acessado em: 12/02/2018.

TSUYOSHI, Hasegawa. *The February Revolution, Petrograd, 1917*. Liden: Brill, 2018.

VARELA, Raquel. A Guerra das Guerras, a Revolução das Revoluções, 1917. *Revista Direito e Práxis*. Rio de Janeiro: UERJ, V. 8, Nº 3, p. 2227-2255, 2017.

VARGAS, João Tristan. *O Trabalho na Ordem Liberal: o movimento operário e a construção do Estado na Primeira República*. Campinas: Unicamp/CMU, 2004.

VICENTE, Maximiliano Martin. *História e comunicação na ordem internacional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *Os paradoxos da Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.

_____. *A Primeira Guerra Mundial e o Declínio da Europa*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.

Z Aidan Filho, Michael. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Recife: NEEPD/UFPE, 2011.

WADE, Rex. The Revolution at One Hundred: Issues and Trends in the English Language Historiography of the Russian Revolution of 1917. *Journal of Modern Russian History and Historiography*, Chicago: The University of Chicago Press, V. 9, Nº 1, p. 9-38, october.2016.

_____. *La Revolución Rusa*. Madrid: La esfera de los libros, 2017.

_____. The Great War, Revolution and the Struggle Over Peace: Russia, 1917. *Revolutionary Russia, – The Journal of the Study Group on the Russian Revolution*. Abingdon: Taylor & Francis Group, V. 30, Nº 2, p. 182-195, 2017.

WOLF, Mauro. *Teoria das comunicações de massa*. Martins Fontes: São Paulo, 2012.

WOOD, Alan. *As origens da Revolução Russa de 1861 a 1917*. São Paulo: Editora Ática, 1991.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas: o movimento*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1.ed. 2002.

_____. *História das ideias e movimentos anarquistas: a ideia*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

YAKOBSON, Sergius e LASWELL, Harold D. “Tendência: os “Slogans” de 1º de Maio na União soviética. 1918-1943”. IN: LASWELL, Harold. *A linguagem da política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

ZICMAN, Renée Barata. “História através da imprensa: algumas considerações metodológicas”. IN: *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo: PUC-SP, n. 4, 1985.

LISTA DE FONTES

Jornais

Jornal *A Semana Social* (Macéio), março a novembro de 1917, CEDEM-UNESP e AEL-UNICAMP.

Jornal *A Plebe* (São Paulo), março a novembro de 1917, CEDEM-UNESP e AEL-UNICAMP.

Jornal *O Cosmopolita* (Rio de Janeiro), março a novembro de 1917, CEDEM-UNESP e AEL-UNICAMP.

Jornal *O Debate* (Rio de Janeiro), março a novembro de 1917, CEDEM-UNESP e AEL-UNICAMP.

APÊNDICE

Codificação Temática - Imprensa Operária

Códigos – Nvivo®

Nome
Anarquismo
Czarismo
Censura
Fome
Movimentos Revolucionários
Opressão
Violência Czarista
Primeira Guerra Mundial
Falência da Humanidade
Violência
Fome
Carestia
Imperialismo
Militarismo
Paz
Conferência de Estocolmo
Internacional Socialista
nem anexações_nem indenizações.
Paz Burguesa

Nome
Propriedade Privada_Desigualdade
Social-democracia alemã
Socialismo Internacional
Projeto-Utopia
Evolução e Progresso
Liberdade e Civilização
Justiça
Paz e Bem-Estar
Programa Libertário - Sociedade Livre
Destruição das leis e da propriedade privada
Abolição do Estado
Questão Russa_Informar os trabalhadores
Literatura
Dostoiévski
Gorki
Crônicas Urbanas
Opulência X Trabalho
Miséria x Luxo
Prostituição
Sonhadores
Camaradas
Nova Rússia Democrática
Kerensky

Nome
Revolução de Fevereiro
Grupos Socialistas
Chernov
Chkheidze
Martov
Partidos Políticos
Poder Dual
Censura Política
Independências
Jornada de 8h de trabalho
Liberalismo
Milicias camponesas
Mulheres
Municipalidades
Revolução Francesa
Revolução Social
Assembléia Constituinte
Comunismo
Comunismo Anárquico
Conselho de Operários e Soldados
Trabalhadores Rurais_ Operário Industrial
Duma
Emancipação Humana

Nome
Esperança
Fraternidade
Futuro
Igualdade
Independência das Colônias
Inspiração
Greve São Paulo 07_1917
Fome
Internacionalismo
Justiça
Lênin
agente alemão
Biografia Política
Analista e Propositor
Armamento Proletário
Boa Liderança
propagandista da redenção
Liberdade
Libertação
Organização Militar
Pravda
Propriedade Privada
Reação_conservadora

Nome
Imperialismo
Revolução Mundial
Revolução Européia
Revolução Socialista
Social-Democracia
Plekanov
Socialismo Radical
Maximalismo
Bolcheviques_Socialismo
Ideias Marxistas
Vida Revolucionária_Novas energias
Conservação Revolucionária
Energia Proletária
Novas Forças Sociais
Revolução Maximalista
Reconstrução Social e Econômica
Crise Revolucionária
Socialização
Solidariedade
Sovietes